AUTOR BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TERRY GOODKIND



O IMPÉRIO EXPOSTO

A Espada da Verdade

O Império Exposto



Terry Goodkind

Título original:
Naked Empire

Tradução não oficial:
Eduardo A. Chagas Jr (edujr@ibest.com.br)

– De espada na mão, Richard observava a coisa abaixo dos Races rodopiantes. Sentindo a espada em seu punho, seu poder fervilhando através dos ossos, ele sentiu um relance de hesitação, de dúvida… –

CAPÍTULO 1



– Você sabia que eles estavam lá, não sabia? – Kahlan perguntou em um tom apressado enquanto inclinava-se, chegando mais perto.

Contra o céu que escurecia, ela podia distinguir as formas de três Races de Bico Negro batendo as asas, iniciando a sua caçada noturna. Foi por isso que ele havia parado. Era isso que ele estivera observando enquanto o resto deles aguardava em um silêncio inquieto.

– Sim. – Richard disse. Ele apontou por cima do ombro sem virar para olhar. – Tem mais dois, ali atrás.

Kahlan olhou brevemente para o escuro amontoado de rochas, mas não viu nenhum outro.

Segurando suavemente o pomo prateado com dois dedos, Richard ergueu sua espada algumas polegadas, verificando que ela estava livre na bainha. Um último cintilar de luz âmbar deslizou por sua capa dourada quando ele deixou a espada escorregar de volta ao seu lugar.

Na escuridão que surgia, seu familiar contorno grande e poderoso parecia não ser mais do que uma aparição formada por sombras.

De repente, mais duas das enormes aves passaram rapidamente logo acima. Uma, com as asas bem abertas, soltou um grito estridente enquanto deslizava fazendo uma curva, circulando uma vez para checar as cinco pessoas abaixo antes de bater as suas

poderosas asas para alcançar as colegas que partiam em sua jornada para oeste.

Esta noite elas encontrariam muita comida.

Kahlan esperava que enquanto Richard as observava ele estivesse pensando no meio irmão que até recentemente ele não sabia existir. Aquele irmão que agora estava a um dia de árdua viagem para oeste através de um lugar tão exposto ao sol escaldante em que poucas pessoas já tinham se aventurado. Menos ainda retornaram. Entretanto, o calor abrasador não era a pior parte.

Além daquelas terras desoladas, a luz que morria destacava um remoto conjunto de montanhas, fazendo parecer como se elas estivessem enegrecidas pela fornalha do próprio Submundo. Independente do quanto aquelas montanhas pareciam escuras, implacáveis, perigosas, o grupo perseguia a luz fugitiva.

Jennsen, ao lado mais distante de Richard, observava, surpresa. – Mas que coisas…?

– Races de Bico Negro. – falou Richard.

Jennsen pronunciou o nome estranho algumas vezes. – Já vi gaviões, falcões… – ela disse finalmente – mas nunca vi alguma ave de rapina que costume caçar durante a noite, a não ser corujas… e aquelas não eram corujas.

Enquanto Richard observava os Races, ele recolheu distraidamente pequenas pedras do amontoado de rochas ao lado dele, chacoalhando-as em um punho frouxo. – Eu também nunca tinha visto, até descer aqui. Pessoas com quem conversamos disseram que eles começaram a aparecer faz apenas um ou dois anos, dependendo de quem conta a história. Porém, todos concordam que nunca viram os Races.

– Nos últimos dois anos… – Jennsen pensou em voz alta.

Quase contra sua vontade, Kahlan encontrou-se relembrando as histórias que ouviram, os rumores, as afirmativas sussurradas.

Richard jogou as pedrinhas de volta na trilha. – Acredito que eles tenham alguma ligação com falcões.

Finalmente Jennsen agachou para confortar sua cabra marrom, Betty, que encostava contra a saia dela. – Eles não podem ser falcões. – os pequenos gêmeos brancos de Betty, geralmente saltitando, mamando, ou dormindo, agora estavam juntos e quietos embaixo da barriga redonda de sua mãe.

– São grandes demais para serem falcões… são maiores do que gaviões, maiores do que águias douradas. Falcão algum é tão grande assim.

Richard finalmente desviou o olhar das aves e agachou para ajudar a consolar os gêmeos trêmulos.

Um deles, ansioso por segurança, esticou-se em direção a ele, balançando sua pequena língua rosada antes de decidir pousar um pequeno casco negro na palma dele.

Com um dedão, Richard acariciou a fina perna com pelos brancos.

Um sorriso suavizou a sua expressão assim como a voz.

– Então você está dizendo que prefere não enxergar o que acabou de ver?

Jennsen coçou as orelhas murchas de Betty. – Acho que os cabelos eriçados atrás do meu pescoço devem acreditar naquilo que eu vi.

Richard descansou o antebraço sobre o joelho enquanto olhava em direção ao horizonte sombrio. – Os Races possuem corpos graciosos com cabeças arredondadas e longas asas pontudas de forma similar a todos os falcões que já vi. Suas caudas geralmente abrem quando levantam voo, caso contrário ficam bem fechadas durante o voo.

Jennsen assentiu, parecendo reconhecer que a descrição dele sobre atributos era relevante. Para Kahlan, uma ave era uma ave.

Essas, porém, com faixas vermelhas no peito e vermelho escuro na base de suas penas na ponta das asas, ela passara a reconhecer.

– São velozes, poderosos, e agressivos, – Richard adicionou. – eu vi um caçar com facilidade um falcão da pradaria e agarrá-lo no meio do ar com suas garras.

Jennsen pareceu ficar sem voz ao escutar aquela declaração. Richard crescera nas vastas florestas de Westland e fora um guia florestal. Conhecia bastante sobre florestas e animais. Aquele antigo conhecimento parecia algo exótico para Kahlan, que crescera em um palácio em Midlands. Ela adorava aprender a respeito da natureza com Richard, adorava compartilhar a excitação dele com as maravilhas do mundo, da vida. É claro, fazia muito tempo que ele tornara-se muito mais do que um guia florestal. Parecia que fazia uma vida desde o dia em que o encontrara naquela floresta, mas na verdade fazia apenas pouco mais do que dois anos e meio.

Agora eles estavam muito distantes do lar simples da juventude de Richard ou dos terrores da infância de Kahlan.

Se tivessem escolha, teriam escolhido estar em um daqueles lugares, ou simplesmente em qualquer outro lugar, qualquer lugar diferente de onde estavam. Mas pelo menos estavam juntos.

Depois de tudo que ela e Richard passaram, os perigos, a angústia, a dor de perderem amigos e entes queridos, Kahlan saboreava cada momento com ele, mesmo que fosse no coração do território inimigo.

Além da descoberta de que ele tinha um meio-irmão, eles também souberam que Richard tinha uma meia-irmã: Jennsen. De acordo com o que descobriram desde o momento em que a encontraram no dia anterior, ela também havia crescido na floresta. Era muito agradável ver a alegria simples e sincera dela em ter descoberto uma relação estreita com uma pessoa com a qual ela possuía muito em comum. Apenas a fascinação por seu novo irmão mais velho excedia a curiosidade de Jennsen em relação a Kahlan e

sua misteriosa vida passada no Palácio das Confessoras na distante cidade de Aydindril.

Jennsen teve uma mãe diferente da mãe de Richard, mas o mesmo tirano brutal, Darken Rahl, havia gerado eles dois. Jennsen era mais nova, passava pouco dos vinte anos, com olhos azuis da cor do céu e cachos vermelhos caindo sobre os ombros. Ela herdara algumas das feições cruelmente perfeitas de Darken Rahl, mas sua herança maternal e natureza bondosa as transformava em encantadora feminilidade. Enquanto o olhar penetrante de Richard atestava sua paternidade Rahl, sua expressão, e sua compostura, tão presente em seus olhos cinzentos, eram características exclusivas dele.

– Eu vi falcões rasgarem em pedaços pequenos animais. – falou Jennsen. – Acho que não gosto de pensar em um falcão tão grande, muito menos cinco deles juntos.

A cabra dela, Betty, parecia compartilhar do sentimento.

– Faremos turnos montando guarda durante a noite. – Kahlan disse, em resposta ao medo não pronunciado de Jennsen. Embora aquela dificilmente fosse a única razão, era o bastante.

Em meio ao estranho silêncio, ondas de calor emanavam das rochas sem vida ao redor. Esse fora um dia árduo de jornada saindo do centro do vale deserto e cruzando o terreno plano nos arredores, mas nenhum deles reclamava do ritmo brutal. Entretanto, o calor torturante deixara Kahlan com uma dor de cabeça pulsante. Ainda que ela estivesse esgotada, sabia que nos dias recentes Richard dormiu menos do que qualquer um deles. Podia notar o cansaço nos olhos dele, se não percebesse isso em seu andar.

Então Kahlan percebeu o que deixava seus nervos à flor da pele: era o silêncio. Não havia som de coiotes, uivo algum de lobos distantes, ruído algum de morcegos, barulho algum de guaxinim, som algum de um rato do campo–nem mesmo o zunido de insetos. No passado, quando todas aquelas coisas ficavam silenciosas isso

significava um perigo em potencial. Aqui, estava mortalmente silencioso porque nada vivia nesse lugar, coiotes, lobos, morcegos, ratos ou mesmo insetos. Poucas coisas vivas cruzavam essas terras estéreis.

Aqui, a noite era tão silenciosa quanto as estrelas.

Independente do calor, o silêncio opressivo fazia um calafrio subir até os ombros de Kahlan.

Ela olhou mais uma vez para os Races malmente visíveis contra a luz violeta do céu oeste. Eles também não ficariam muito tempo nesse deserto ao qual não pertenciam.

– É meio perturbador encontrar uma criatura ameaçadora como essa quando você nem sabia que uma coisa assim existia. – falou Jennsen. Ela usou a manga para enxugar suor da testa enquanto mudava de assunto. – Ouvi dizer que uma ave de rapina rodopiando sobre você no início de uma jornada é um aviso.

Cara, até então contente em permanecer em silêncio, inclinou o corpo passando um pouco ao lado de Kahlan. – Permita que eu chegue perto o bastante e vou arrancar as penas desprezíveis delas.

O longo cabelo louro, preso para trás na trança tradicional que indicava sua profissão, emoldurava a expressão furiosa de Cara. – Então veremos se elas são mesmo um presságio ruim.

O olhar de Cara ficava tão sombrio quanto os Races sempre que ela enxergava as enormes aves. Estar coberta da cabeça aos pés em uma camada protetora de tecido negro, assim como estavam todos eles a não ser Richard, somente ampliava sua presença intimidadora. Quando Richard havia herdado inesperadamente o governo, ficara surpreso ao descobrir que Cara e suas irmãs Mord-Sith eram parte do legado.

Richard devolveu o pequeno filhote branco para sua atenciosa mãe e levantou, enfiando os dedões no cinto de couro com várias camadas. Em cada pulso, largas faixas prateadas carregando anéis conectados e estranhos símbolos pareciam cintilar e refletir a

pouca luz que restava. – Uma vez tive um gavião circulando sobre mim no início de uma jornada.

– E o que aconteceu? – Jennsen perguntou, ansiosamente, como se a declaração dele pudesse confirmar de uma vez por todas a antiga superstição.

O sorriso de Richard cresceu em uma larga risada. – Acabei casando com Kahlan.

Cara cruzou os braços. – Isso apenas prova que foi um alerta para a Madre Confessora, não para você, Lorde Rahl.

O braço de Richard envolveu a cintura de Kahlan suavemente.

Ela sorriu com ele enquanto correspondia ao abraço em resposta ao gesto sem palavras. O fato daquela jornada eventualmente fazer com que eles fossem marido e esposa parecia mais surpreendente do que qualquer coisa que ela teria ousado sonhar. Mulheres como ela – Confessoras – não ousavam sonhar com o amor.

Por causa de Richard, ela ousara e conquistara isso.

Kahlan tremia só de pensar nas terríveis ocasiões em que teve medo que ele estivesse morto, ou pior. Houve tantas vezes em que ela desejara estar com ele, simplesmente sentir o caloroso toque dele, ou pelo menos ser agraciada com a misericórdia de saber que ele estava seguro.

Jennsen olhou para Richard e Kahlan para ver que nenhum deles considerava o comentário feroz de Cara como algo mais além de carinhosa brincadeira. Kahlan imaginou que para uma estranha, especialmente alguém da terra de D'Hara, como Jennsen, o sarcasmo de Cara em relação a Richard desafiaria a razão; guardas não ofendiam seus mestres, especialmente quando o mestre deles era Lorde Rahl, o senhor de D'Hara.

Proteger o Lorde Rahl com suas vidas sempre foi o dever cego das Mord-Sith. De uma forma perversa, a irreverência de Cara

sobre Richard era uma comemoração de sua liberdade, paga em dedicação para com aquele que a concedera.

Por livre escolha, a Mord-Sith decidira ser a protetora mais próxima de Richard. Elas não permitiram que Richard tivesse voz no assunto. Até mesmo prestavam pouca atenção nas ordens dele a não ser que as considerassem importantes o bastante; afinal de contas, agora elas eram livres para buscar o que era importante para elas, e o que as Mord-Sith consideravam importante acima de tudo era manter Richard em segurança.

Com o passar do tempo, Cara, a guarda-costas sempre presente deles, havia gradualmente sido considerada como parte da família. Agora que a família crescera inesperadamente.

Jennsen, de sua parte, estava surpresa em perceber que era benvinda. De acordo com o que eles sabiam até agora, Jennsen crescera em esconderijos, sempre temendo que o Lorde Rahl anterior, seu pai, finalmente a encontrasse e a matasse como fizera com qualquer outro descendente não dotado que encontrou.

Richard fez um sinal para Tom e Friedrich, lá atrás com a carroça e os cavalos, para que eles parassem durante a noite. Tom levantou um braço concordando e então começou a desatrelar seus cavalos.

Não conseguindo mais enxergar os Races no vazio escuro do céu oeste, Jennsen virou de volta para Richard.

– Imagino que a ponta das penas delas são negras.

Antes que Richard tivesse chance de responder, Cara falou com uma voz suave que era pura ameaça. – Parece como se a própria morte pingasse das pontas das penas delas, como se o Guardião do Submundo estivesse usando suas penas amaldiçoadas para escrever garantias de morte.

Cara abominava ver aquelas aves perto de Richard ou Kahlan. Kahlan compartilhava do sentimento.

O olhar de Jennsen desviou da expressão furiosa de Cara.

Ela direcionou as suspeitas para Richard.

– Elas estão incomodando você… de alguma forma?

Kahlan pressionou a mão no abdômen, combatendo a dor do pavor gerado com a pergunta.

Richard avaliou os olhos preocupados de Jennsen. – Os Races estão nos rastreando.

CAPÍTULO 2



Jennsen franziu a testa. – O quê?

Richard apontou para Kahlan e para ele mesmo.

– Os Races, eles estão nos rastreando.

– Está querendo dizer que eles seguiram vocês até esse deserto e estão observando, esperando para verem se vocês morrem de sede ou algo assim, para que eles possam limpar os seus ossos?

Richard balançou a cabeça lentamente. – Não, quero dizer que estão nos seguindo, checando onde estamos.

– Não entendo como você pode saber…

– Nós sabemos. – Cara disparou. Sua forma esguia tinha aparência tão formosa, ágil, agressiva quanto a dos próprios Races e, coberta pela roupa negra dos povos nômades que às vezes viajavam nos limites externos do vasto deserto, tão sinistra quanto.

Com a costa da mão no ombro dela, Richard afastou Cara gentilmente enquanto prosseguia. – Nós estávamos observando isso quando Friedrich nos encontrou e nos falou a respeito de você.

Jennsen olhou por cima do ombro, em direção aos dois homens lá atrás com a carroça. As faixas de luz do luar pairando acima da cortina negra das distantes montanhas forneciam luz suficiente para Kahlan ver que Tom estava trabalhando em remover as tiras dos arreios dos seus grandes cavalos de carga enquanto Friedrich retirava as selas dos outros.

O olhar de Jennsen retornou procurando os olhos de Richard. – O que vocês conseguiram descobrir, até agora?

– Nunca tivemos chance de realmente descobrir muita coisa. Oba, nosso meio-irmão morto ali atrás, meio que desviou nossa atenção quando tentou nos matar, – Richard desamarrou um cantil do cinto. – mas os Races ainda estão nos observando.

Ele entregou o cantil para Kahlan, uma vez que ela deixara o dela pendurado na sela. Fazia horas desde a última vez em que eles fizeram uma parada. Ela estava cansada de cavalgar e de caminhar quando eles tiveram que descansar os cavalos.

Kahlan levou o cantil aos lábios apenas para ser lembrada outra vez do quanto era ruim o gosto de água quente. Pelo menos eles tinham água. Sem água, a morte vinha rapidamente no calor impiedoso da aparentemente infinita extensão árida do lugar abandonado chamado Pilares da Criação.

Jennsen retirou do ombro a alça do cantil antes de prosseguir novamente de forma hesitante. – Eu sei como é fácil interpretar mal as coisas. Veja como eu fui enganada para achar que você queria me matar exatamente como Darken Rahl. Realmente acreditava nisso, e havia tantas coisas que pareciam provar isso, mas eu entendi tudo errado. Acho que simplesmente porque eu estava com medo que fosse verdade, eu acreditei nisso.

Richard e Kahlan sabiam que aquilo não fora culpa de Jennsen, ela foi apenas um meio para que outros chegassem até Richard, mas isso desperdiçara um tempo precioso.

Jennsen deu um longo gole. Ainda fazendo careta com o gosto da água, ela apontou com o cantil em direção ao deserto vazio atrás deles. – Quer dizer, não tem muitas coisas vivas por aqui… na verdade pode ser que os Races estejam famintos e simplesmente esperando para ver se você morre aqui e, pelo fato de que eles continuam observando e esperando, você começou a pensar que tem algo mais. – ela direcionou um olhar para Richard, apoiado por um leve sorriso, como se desejasse disfarçar o tom reprovador em uma sugestão. – Talvez isso seja tudo o que realmente é.

– Não estão esperando para ver se morremos aqui, – Kahlan disse, querendo acabar com a discussão para que eles pudessem comer e Richard pudesse dormir um pouco. – estavam nos observando antes que tivéssemos de vir até aqui. Estavam nos observando desde quando estávamos na floresta a noroeste. Agora, vamos comer alguma coisa e…

– Mas porquê? Não é desse jeito que aves se comportam. Porque fariam isso?

– Acho que estão nos rastreando para alguém, – Richard falou. – mais precisamente, acho que alguém as está usando para nos caçar.

Kahlan conhecera várias pessoas em Midlands, de simples pessoas que viviam nas florestas a nobres que moravam em grandes cidades, que caçavam usando falcões.

Isso, porém, era diferente. Mesmo se ela não compreendesse totalmente o que Richard queria dizer, muito menos as razões para a convicção dele, ela sabia que ele não tinha falado aquilo pensando no sentido tradicional.

Percebendo repentinamente, Jennsen parou no meio de outro gole. – Foi por isso que você começou a espalhar pedras através dos lugares atingidos pelo vento na trilha.

Richard sorriu confirmando. Ele pegou o cantil quando Kahlan o devolveu. Cara fez uma careta para ele enquanto ele tomava um longo gole.

– Você esteve jogando pedras pela trilha? Porque?

Jennsen respondeu com entusiasmo no lugar dele. – As pedras em campo aberto são limpas pelo vento. Ele estava certificando-se de que se alguém tentasse chegar perto de nós de forma sorrateira no escuro, as pedras espalhadas naqueles caminhos em terreno aberto fariam barulho embaixo dos pés dele e nos alertariam.

Cara levantou uma sobrancelha de forma questionadora para Richard.

– É mesmo?

Ele balançou os ombros quando entregava a ela seu cantil para que a mesma não tivesse que retirar o dela debaixo de sua vestimenta. – Apenas uma pequena precaução extra caso alguém esteja perto, e descuidado. Às vezes as pessoas não esperam as coisas simples e isso faz com que sejam pegas.

– Mas você não. – falou Jennsen, enfiando a correia do cantil de volta sobre o ombro. – Você pensa até nas coisas simples.

Richard riu levemente. – Se acha que eu não cometo erros, Jennsen, você está enganada. Embora seja perigoso presumir que aqueles que desejam prejudicá-lo são estúpidos, não faz mal algum espalhar algumas pedrinhas para o caso de alguém achar que pode se esgueirar nas rochas atingidas pelo vento no escuro sem que ele seja ouvido.

Qualquer traço de alegria desapareceu quando Richard olhou em direção ao horizonte a oeste onde estrelas ainda deveriam aparecer. – Mas eu temo que pedras espalhadas pelo chão não terão serventia alguma contra olhos que observam de um céu escuro. – ele virou de volta para Jennsen, suavizando, como se estivesse lembrando que estivera falando com ela. – De qualquer modo, todos cometem erros.

Cara enxugou gotas de água do lábio sorridente enquanto entregava de volta para Richard o cantil. – Lorde Rahl está sempre cometendo erros, especialmente erros simples. É por isso que precisa de mim por perto.

– É mesmo, pequena senhorita perfeição? Richard repreendeu-a enquanto pegava o cantil das mãos dela. – Talvez se você não estivesse "ajudando" a me manter fora de problemas, não teríamos Races de Bico Negro em nossa cola.

– O que mais eu podia fazer? – Cara disparou. – Eu estava tentando ajudar a proteger vocês dois. – o sorriso dela havia murchado. – Sinto muito, Lorde Rahl.

Richard suspirou. – Eu sei. – ele admitiu enquanto apertava de modo tranquilizador o ombro dela. – Vamos resolver isso.

Richard virou de volta para Jennsen. – Todos cometem erros. A forma como uma pessoa lida com os seus erros é uma marca de seu caráter.

Jennsen assentiu enquanto pensava naquilo. – Minha mãe sempre estava com medo de cometer um erro que acabasse nos matando. Ela costumava fazer coisas como você fez, caso os homens do meu pai estivessem tentando nos pegar de surpresa. Porém, nós sempre vivemos em florestas, então eram gravetos secos, ao invés de pedras, que ela espalhava ao nosso redor.

Jennsen afastou um cacho do cabelo enquanto pensava em lembranças sombrias. – Estava chovendo na noite em que eles vieram. Se aqueles homens tivessem pisado em gravetos, ela não teria sido capaz de ouvir, ela deslizou dedos trêmulos sobre o cabo da faca no cinto. – Eram grandes, e eles a surpreenderam, mas assim mesmo, ela acertou um deles antes que…

Darken Rahl queria Jennsen morta porque ela nascera sem o Dom. Qualquer governante daquela linha sanguínea matava descendentes como ela. Richard e Kahlan acreditavam que a vida de uma pessoa era dela para ser vivida, e que o nascimento não qualificava esse direito.

Os olhos assustados de Jennsen voltaram-se para Richard.

– Ela pegou um deles antes que eles a matassem.

Com um dos braços, Richard puxou Jennsen em um carinhoso abraço. Todos eles entendiam uma terrível perda como aquela. O homem que criou Richard com carinho foi morto por Darken Rahl.

Darken Rahl havia ordenado os assassinatos de todas as irmãs Confessoras de Kahlan. Porém, os homens que mataram a mãe de Jennsen, eram homens da Ordem Imperial enviados para enganá-la, para assassinar com objetivo e fazê-la acreditar que era Richard quem estava atrás dela.

Kahlan sentiu uma triste onda de impotência diante de tudo que eles enfrentaram. Ela sabia o que era estar sozinha, com medo, e dominada por homens poderosos cheios de fé cega e avidez por sangue, homens que acreditavam devotadamente que a salvação da humanidade requeria matança.

– Eu daria qualquer coisa para que ela soubesse que não foi você quem enviou aqueles homens. – a voz suave de Jennsen carregava a triste soma do que era ter sofrido tal perda, de não ter solução para a esmagadora solidão que isso deixava em seu rastro. – Gostaria que minha mãe pudesse ter conhecido a verdade, ter conhecido como vocês dois são realmente.

– Ela está com os bons espíritos e finalmente em paz. – Kahlan sussurrou com simpatia, mesmo se agora ela tivesse razões para questionar a validade de coisas assim.

Jennsen assentiu enquanto passava os dedos pela bochecha. – Que erro você cometeu, Cara? ela perguntou finalmente.

Ao invés de ficar furiosa com a pergunta, e talvez porque ela havia sido feita com inocente simpatia, Cara respondeu com tranquilidade. – Tem a ver com aquele pequeno problema que mencionamos antes.

– Quer dizer aquela coisa na qual você quer que eu toque?

Na luz da estreita lua crescente, Kahlan conseguiu ver que a expressão sombria de Cara havia retornado. – E quanto mais cedo melhor.

Richard esfregou as pontas dos dedos na testa.

– Não tenho certeza disso.

Kahlan também achava que o pensamento de Cara era simplista demais.

Cara levantou os braços para o céu. – Mas Lorde Rahl, não podemos simplesmente deixar isso…

– Vamos montar acampamento antes que esteja completamente escuro, – Richard falou em um suave comando. – o que precisamos nesse momento é comer e dormir.

Desta vez, Cara viu o sentido nas ordens dele e não fez objeções. Quando ele havia saído sozinho para fazer um reconhecimento mais cedo, ela confidenciara a Kahlan que estava preocupada com o quanto Richard parecia cansado e tinha sugerido que, uma vez que havia uma quantidade suficiente de outras pessoas, não deveriam acordá-lo para um turno de vigia naquela noite.

– Vou checar a área, – Cara disse – e garantir que não há mais daquelas aves sentada em uma rocha nos observando com aqueles olhos negros.

Jennsen espiou ao redor como se tivesse medo de que um Race de Bico Negro pudesse surgir da escuridão.

Richard anulou os planos de Cara com o balançar negativo de sua cabeça. – Eles se foram, por enquanto.

– Você disse que eles estavam rastreando você. – Jennsen coçou o pescoço de Betty quando a cabra esfregou-se nela, buscando conforto. Os gêmeos ainda estavam se escondendo embaixo da barriga roliça da mãe deles. – Ainda não tinha visto eles antes desse momento. Não estavam por perto ontem, ou hoje. Não apareceram até esse fim de tarde. Se realmente estivessem rastreando você, então eles não teriam desaparecido por tanto tempo. Teriam que ficar perto de você o tempo todo.

– Eles podem se afastar de nós durante algum tempo para caçar… ou para fazer com que duvidemos ou suspeitemos da sua verdadeira intenção… e, se continuarmos seguindo adiante, podem

nos encontrar facilmente quando voltarem. Essa é a vantagem que os Races de Bico Negro possuem: não precisam nos observar a todo momento.

Jennsen colocou os punhos nos quadris. – Então como poderia ter certeza de que estão rastreando você? – ela balançou uma das mãos em direção a escuridão além. – Você costuma ver os mesmos tipos de aves. Você vê corvos, pardais, ganso, tentilhões, beija-flores, pombos… como sabe que nenhum deles está seguindo você e que os Races de Bico Negro estão?

– Eu sei. – Richard falou quando virou e começou a caminhar de volta em direção a carroça. – Agora, vamos pegar nossas coisas e montar acampamento.

Kahlan segurou o braço de Jennsen quando ela seguiu atrás dele, prestes a renovar suas objeções. – Você deixa ele em paz esta noite, Jennsen? – Kahlan ergueu uma sobrancelha. – Por favor? Pelo menos sobre este assunto.

Kahlan tinha certeza de que os Races de Bico Negro realmente estavam seguindo eles, mas não era uma questão de ela mesma estar certa disso.

Na verdade, ela confiava na palavra de Richard em assuntos como esse. Kahlan era versada em questões de estado, protocolo, cerimônia, e realeza; estava familiarizada com várias culturas, as origens de antigas disputas entre terras, e a história de tratados; e era fluente em várias línguas, incluindo o dialeto ambíguo da diplomacia. Em tais áreas, Richard confiava na palavra dela quando ela expressava sua convicção.

Em questões sobre algo tão incomum como estranhas aves seguindo eles, ela sabia que era melhor não questionar a palavra de Richard.

Kahlan também sabia que ele ainda não tinha todas as respostas. Já tinha visto ele desse jeito, distante e retraído, enquanto lutava para entender as importantes conexões e padrões em detalhes

relevantes que apenas ele percebia. Ela sabia que ele precisava ser deixado em paz para pensar naquilo. Pressioná-lo para obter respostas antes que ele as tivesse servia apenas para distraí-lo daquilo que ele precisava fazer.

Observando as costas de Richard enquanto ele se afastava, Jennsen finalmente forçou um sorriso de aceitação. Então, como se fosse atingida por outro pensamento, seus olhos ficaram arregalados. Ela chegou perto de Kahlan e sussurrou – Isso tem a ver com magia?

– Não sabemos do que se trata.

Jennsen assentiu. – Vou ajudar. O que eu puder fazer, quero ajudar.

Por enquanto, Kahlan guardou suas preocupações quando passava um braço em volta dos ombros da jovem em um abraço agradecido e caminhava levando-a de volta até a carroça.

CAPÍTULO 3



No imenso vazio silencioso da noite Kahlan podia ouvir claramente Friedrich, em um canto, falando suavemente com os cavalos. Ele dava tapinhas nos ombros deles ou deslizava a mão pelos flancos cada vez que passava escovando e prendendo os cavalos preparando-os para a noite. Com a escuridão envolvendo o espaço vazio além, a tarefa familiar de cuidar dos animais fazia com que as estranhas cercanias tivessem aspecto menos ameaçador.

Friedrich era um homem mais velho, modesto, de estatura mediana. Independente de sua idade, tinha realizado uma longa e difícil jornada até o Mundo Antigo para encontrar Richard. Friedrich lançara-se naquela jornada, levando com ele importante informação, pouco tempo depois que sua esposa falecera. A terrível tristeza daquela perda ainda assombrava o semblante gentil dele.

Kahlan imaginava que sempre assombraria.

Na luz fraca, ela viu Jennsen sorrir quando Tom olhou em direção a ela. Um sorriso juvenil dominou momentaneamente o grande D'Haran loiro quando ele avistou-a, mas ele voltou ao trabalho rapidamente, retirando colchões de um canto embaixo do assento. Ele passou a perna por cima de suprimentos em sua carroça e entregou uma carga para Richard.

– Não há madeira para fazer uma fogueira, Lorde Rahl, – Tom colocou um pé sobre o corrimão, descansando um antebraço sobre o joelho curvado. – mas, se você quiser, tenho um pouco de carvão para cozinhar.

– O que eu realmente queria é que você parasse de me chamar de Lorde Rahl. Se estivermos perto de pessoas erradas e você cometer um deslize e me chamar assim, estaremos todos com grandes problemas.

Tom sorriu e deu alguns tapinhas na letra R no cabo prateado da faca no cinto. – Não se preocupe, Lorde Rahl. Aço contra aço.

Richard suspirou diante da constantemente repetida máxima envolvendo a ligação do povo D'Haran com seu Lorde Rahl, e dele com os mesmos. Tom e Friedrich prometeram que não usariam os títulos de Richard e Kahlan perto de outras pessoas. Porém, uma vida de hábito era difícil de mudar, e Kahlan sabia que eles sentiam-se desconfortáveis em não usar títulos quando eles estavam tão obviamente sozinhos.

– Então, – Tom falou quando entregava o último colchão. – gostaria de uma pequena fogueira para cozinhar?

– Quente como está, parece que poderíamos passar sem mais calor. – Richard colocou os colchões sobre um saco de aveia já descarregado. – Além disso, acho que seria melhor não perder tempo. Gostaria de seguir caminho na primeira luz do amanhecer e precisamos de um bom descanso.

– Não posso discutir com você quanto a isso. – Tom falou, endireitando o corpo. – Não gosto que fiquemos tão expostos em campo aberto onde poderíamos ser avistados facilmente.

Richard moveu a mão em um arco sugestivo através da escuridão acima.

Tom lançou um olhar cauteloso em direção ao céu. Ele assentiu de modo relutante antes de voltar à tarefa de catar ferramentas para remendar os baldes de madeira com brechas para dar água aos cavalos. Richard colocou uma bota sobre um raio da forte roda traseira da carroça de carga e subiu para ajudar.

Tom, um homem tímido mas alegre que aparecera somente no dia anterior, logo depois que eles encontraram Jennsen, parecia

ser um mercador que transportava mercadorias. Transportar mercadorias na carroça dele, Kahlan e Richard aprenderam, fornecia a ele uma desculpa para viajar para onde e quando precisava como um membro de um grupo secreto cuja verdadeira profissão era proteger Lorde Rahl de conspirações e ameaças.

Falando em voz baixa, Jennsen chegou mais perto de Kahlan. – Abutres podem indicar a você, de uma grande distância, onde tem algo morto… quer dizer, pelo modo como eles circulam e se juntam. Acho que consigo ver como os Races poderiam ser desse jeito… aves que alguém poderia avistar de longe para saber que tem alguma coisa logo abaixo.

Kahlan não falou nada. Sua cabeça estava doendo, ela estava faminta, e só queria dormir, não discutir coisas que não podia responder. Ela imaginava quantas vezes Richard tinha visto as suas próprias perguntas insistentes do mesmo jeito que ela via agora as de Jennsen.

Kahlan jurou silenciosamente tentar exercer pelo menos a metade da paciência que Richard sempre tinha.

– A questão é a seguinte, – Jennsen prosseguiu, sem mostrar emoção. – como alguém faria com que aves… bem, você sabe, ficassem circulando ao redor de você como abutres sobre uma carcaça para saber onde você estava? – Jennsen inclinou-se novamente e sussurrou para ter certeza de que Richard não escutaria. – Talvez elas sejam enviadas com magia para seguirem pessoas específicas.

Cara observou Jennsen com um olhar assassino.

Kahlan imaginou se a Mord-Sith bateria na irmã de Richard, ou estenderia sua tolerância porque ela era da família. Discussões sobre magia, especialmente no contexto do seu perigo para Richard ou Kahlan, deixavam Cara irritada. Mord-Sith não sentiam medo diante da morte, mas não gostavam de magia e não sentiam vergonha em deixar seu desgosto claro.

De certo modo, tal hostilidade contra a magia caracterizava a natureza e o propósito das Mord-Sith; elas eram singularmente capazes de tomar posse do poder de um dotado e usá-lo para destruí-lo. Mord-Sith foram cruelmente treinadas para serem impiedosas em sua tarefa. Foi da loucura desse dever que Richard as havia libertado.

Entretanto, para Kahlan parecia bastante óbvio que se os Races realmente os estavam rastreando isso teria que envolver algum tipo de conjuração. Eram as perguntas geradas por essa hipótese que a preocupavam.

Quando Kahlan não discutiu a teoria, Jennsen perguntou. – Porque acha que alguém estaria usando os Races para rastreá-los?

Kahlan levantou uma sobrancelha para a jovem.

– Jennsen, estamos no meio do Mundo Antigo. Ser caçado em território inimigo dificilmente é uma coisa surpreendente.

– Acho que você tem razão. – Jennsen admitiu. – É que apenas parece que teria que haver mais alguma coisa.

Independente do calor, ela esfregou os braços como se um calafrio tivesse acabado de percorrê-la. – Você não tem ideia do quanto o Imperador Jagang quer pegar vocês.

Kahlan sorriu. – Oh, acho que tenho.

Jennsen observou Richard um momento enquanto ele enchia os baldes com água dos barris carregados na carroça. Richard inclinou e entregou um para Friedrich. Com orelhas viradas atentamente adiante, todos os cavalos observavam, ansiosos por um gole. Betty, também observando enquanto seus gêmeos mamavam, baliu mostrando seu desejo por um gole. Após encher os baldes, Richard submergiu o cantil para enchê-lo também.

Jennsen balançou a cabeça e olhou novamente nos olhos de Kahlan. – O Imperador Jagang me enganou para que achasse que Richard me queria morta. – ela olhou brevemente para os homens

engajados em seu trabalho antes de continuar. – Eu estava lá com Jagang quando ele atacou Aydindril.

Kahlan sentiu como se o coração subisse até a garganta ao ouvir a confirmação em primeira mão de que aquele brutamontes invadira o lugar onde ela crescera. Não acreditava que conseguiria suportar ouvir a resposta, mas tinha que perguntar. – Ele destruiu a cidade?

Depois que Richard foi capturado e levado para longe dela, Kahlan, com Cara a seu lado, havia liderado o exército D'Haran contra a vasta horda invasora do Mundo Antigo de Jagang. Mês após mês, Kahlan e o exército lutaram contra chances impossíveis, recuando todo o caminho subindo através de Midlands.

No momento em que eles perderam a batalha por Midlands, fazia mais de um ano desde que Kahlan enxergara Richard; ele tinha sido aparentemente lançado ao esquecimento. Quando ela finalmente descobriu onde ele estava sendo mantido prisioneiro, Kahlan e Cara correram para o sul, para o Mundo Antigo, apenas para chegar justamente quando Richard iniciou uma labareda de revolução no coração da terra natal de Jagang.

Antes que ela percebesse, Kahlan evacuara Aydindril e deixara o Palácio das Confessoras vazio de todos aqueles que o chamavam de lar. A vida, não um lugar, era o que importava.

– Ele não teve chance de destruir a cidade. – falou Jennsen. – Quando chegou ao Palácio das Confessoras, o Imperador Jagang pensou que estava com você e Richard encurralados. Mas na frente dele aguardava uma lança com a cabeça do reverenciado líder espiritual do Imperador: Irmão Narev. – a voz dela baixou com suavidade. – Jagang encontrou a mensagem junto com a cabeça.

Kahlan lembrou muito bem o dia em que Richard enviara a cabeça daquele homem maligno, junto com uma mensagem para Jagang, na longa jornada para o norte. – Cumprimentos de Richard Rahl.

– Isso mesmo. – Jennsen falou. – Não pode imaginar a fúria de Jagang. – ela fez uma pausa para ter certeza de que Kahlan compreendera seu alerta. – Ele fará qualquer coisa para colocar as mãos em você e Richard.

Kahlan não precisava que Jennsen falasse o quanto Jagang os queria.

– Mais razão ainda para fugir… esconder-se em algum lugar. – Cara disse.

– E os Races? Kahlan lembrou-a.

Cara lançou um olhar sugestivo para Jennsen antes de falar para Kahlan com uma voz tranquila. – Se fizermos alguma coisa a respeito do resto, talvez esse problema também desapareça. – o objetivo de Cara era proteger Richard. Ela ficaria perfeitamente feliz em colocá-lo em um buraco em algum lugar e cobrir com tábuas se imaginasse que isso evitaria qualquer mal de chegar até ele.

Jennsen esperou, observando as duas. Kahlan não tinha certeza se havia algo que Jennsen pudesse fazer. Richard pensara muito naquilo e passou a ter sérias dúvidas. Kahlan estivera amplamente cética sem as dúvidas de Richard. Mesmo assim…

– Talvez. – foi tudo que ela disse.

– Se tem alguma coisa que eu possa fazer, eu quero tentar. Jennsen remexeu em um botão na frente do vestido. – Richard não acha que eu posso ajudar. Se isso envolve magia, ele não saberia? Richard é um mago, ele saberia a respeito de magia.

Kahlan suspirou. Havia muito mais naquilo tudo.

– Richard foi criado em Westland… longe de Midlands, mais longe ainda de D'Hara. Ele cresceu isolado do resto do Novo Mundo, nunca soube qualquer coisa sobre o Dom. Apesar de tudo que ele aprendeu até agora e algumas das coisas memoráveis que realizou, ainda sabe pouco de sua herança de nascença.

Já tinham falado isso para Jennsen, mas ela parecia não acreditar, como se ela suspeitasse que havia uma certa quantia de

exagero naquilo que eles diziam sobre a pouca familiaridade de Richard com seu próprio Dom. Afinal de contas, em um dia seu irmão mais velho a resgatara de uma vida inteira de terror. Um despertar tão profundo assim provavelmente parecia envolto em magia para alguém tão desprovido daquilo. Talvez fosse assim.

– Bem, se Richard é tão ignorante na magia quanto você diz, – Jennsen pressionou com uma voz desafiadora, finalmente tendo chegado no coração de seu objetivo. – então talvez não devêssemos nos preocupar tanto com o que ele pensa. Talvez devamos simplesmente não falar para ele, seguir adiante e fazer seja lá o que for que Cara deseja que eu faça para resolver o problema de vocês e tirar os Races das suas costas.

Ali perto, Betty lambia alegremente seus pequenos gêmeos brancos. A escuridão sufocante e o vasto peso do silêncio ao redor pareciam tão eternos quanto a própria morte.

Kahlan segurou gentilmente no colarinho de Jennsen. – Eu cresci caminhando nos corredores da Fortaleza do Mago e do Palácio das Confessoras. Sei muita coisa a respeito de magia.

Ela puxou a jovem para mais perto. – Posso afirmar a você que tais noções ingênuas, quanto aplicadas a questões perigosas como essa, podem levar as pessoas à morte facilmente. Sempre existe a possibilidade de que isso seja tão simples como você acha, mas geralmente isso possui complexidade além da sua imaginação e qualquer tentativa apressada de remediar a situação poderia iniciar uma conflagração que consumiria a todos nós. Somado a tudo isso está o grave perigo de não saber como alguém, como você, alguém não dotada tão completamente conforme profetizado naquele livro antigo que Richard tem, pode afetar a equação.

– Há momentos em que não temos escolha a não ser agir imediatamente; mesmo assim deve ser com o seu melhor julgamento, usando toda a sua experiência e tudo que você sabe. Porém, enquanto houver escolha, você não age em assuntos de

magia até que possa ter certeza das consequências. Você jamais dá ao menos uma facada no escuro.

Kahlan conhecia muito bem a terrível verdade dessa declaração. Jennsen pareceu não estar convencida.

– Mas se ele realmente não sabe muito sobre magia, os temores dele podem apenas ser…

– Caminhei através de cidades mortas, caminhei entre os corpos mutilados de homens, mulheres, e crianças que a Ordem Imperial deixou em seu rastro. Vi mulheres mais jovens que você cometerem impensados erros inocentes e acabarem acorrentadas em um poste para serem usadas por grupos de soldados durante dias, antes de serem torturadas até morrerem, somente para a diversão de homens que sentem prazer doentio em estuprar uma mulher enquanto ela está nas garras da morte.

Kahlan cerrou os dentes enquanto lembranças dançavam impiedosamente em sua mente. Aumentou a força do aperto no colarinho de Jennsen.

– Todas as minhas Irmãs Confessoras morreram de forma semelhante, e elas conheciam seu poder e como usá-lo. Os homens que as capturaram também sabiam, e usaram esse conhecimento contra elas. Minha amiga de infância mais próxima morreu em meus braços depois que homens assim terminaram com ela.

– A vida significa nada para pessoas como essas; eles veneram a morte.

– Esse é o tipo de pessoa que assassinou sua mãe. Esse é o tipo de pessoa que vai nos capturar também, se cometermos um erro. Esse é o tipo de pessoa montando armadilhas para nós… incluindo armadilhas construídas com magia.

– Já que Richard não sabe a respeito de magia, tem vezes em que ele é tão ignorante nas coisas mais simples que eu mal acredito e tenho de lembrar a mim mesma que ele cresceu sem receber ensinamento sobre o seu Dom. Nessas coisas, eu tento ser paciente e

guiá-lo o melhor que posso. Ele leva muito a sério aquilo que eu digo.

– Tem outras vezes em que eu suspeito que na verdade ele percebe complexidades da magia que nem eu nem qualquer pessoa viva já dominou ou ao menos imaginou. Nessas coisas ele deve ser o seu próprio guia.

– As vidas de muitas pessoas boas dependem de que não cometamos erros por falta de cautela, especialmente erros por falta de cautela com a magia. Como Madre Confessora eu não permitirei impulsos imprudentes que coloquem em risco todas essas vidas. Agora, você entendeu?

Kahlan teve pesadelos com as coisas que tinha visto, sobre aqueles que foram capturados, sobre aqueles que cometeram um erro simples e pagaram o preço com suas vidas. Ela não estava muitos anos além da idade de Jennsen, mas nesse momento essa distância era muito mais do que um mero punhado de anos.

Kahlan aplicou um puxão no colarinho de Jennsen. – Você entendeu?

De olhos arregalados, Jennsen engoliu em seco. – Sim, Madre Confessora. – Finalmente, seu olhar desviou para o chão. Somente assim Kahlan soltou-a.

CAPÍTULO 4



Alguém está com fome? Tom falou para as três mulheres.

Richard tirou um lampião da carroça e, após acendê-lo com uma pederneira e sílex, colocou-o sobre uma projeção rochosa. Ele lançou um olhar desconfiado para as três mulheres enquanto elas aproximavam-se, mas aparentemente achou melhor não falar nada.

Quando Kahlan sentou perto, ao lado de Richard, Tom ofereceu a ele o primeiro pedaço que cortou de uma comprida salsicha. Quando Richard recusou, Kahlan aceitou. Tom cortou outro pedaço e passou para Cara e então outro para Friedrich.

Jennsen tinha seguido até a carroça para vasculhar em sua mochila. Kahlan pensou que talvez ela apenas desejasse ficar sozinha um momento para se recompor. Kahlan sabia como suas palavras soaram ásperas, mas não podia permitir a si mesma fazer a Jennsen um desserviço de aliviar as coisas com mentiras agradáveis.

Com Jennsen confortadoramente próxima, Betty ficou deitada ao lado de Rusty, a égua de cor avermelhada de Jennsen. A égua e a cabra eram amigas. Os outros cavalos pareciam felizes com a visitante e mostravam grande interesse em seus dois filhotes, dando uma boa farejada neles quando chegavam perto o bastante.

Quando Jennsen caminhou mostrando um pequeno pedaço de cenoura, Betty levantou rapidamente. Sua cauda formando um borrão ao balançar com expectativa. Os cavalos relincharam e balançaram as cabeças, esperando não serem deixados de fora. Cada um recebeu um pequeno pedaço e uma coçadinha atrás das orelhas.

Se tivessem uma fogueira, poderiam ter preparado um cozido, arroz, ou feijões; um pouco de pão; ou talvez uma bela sopa. Independente do quanto estava faminta, Kahlan achava que não teria energia para cozinhar, então estava contente em se virar com o que estava à mão. Jennsen retirou tiras de carne seca de sua mochila, oferecendo-as para eles. Richard também as recusou, comendo ao invés disso biscoitos, nozes, e frutas secas.

– Mas você não quer um pouco de carne? – Jennsen perguntou quando sentava sobre o colchão diante dele. – Você precisa comer mais do que isso. Precisa de algo substancial.

– Não consigo comer carne. Não desde que o Dom ganhou vida em mim.

Jennsen torceu o nariz com um olhar de confusão.

– Porque o seu Dom não permitiria que você coma carne?

Richard inclinou para um lado, descansando o peso sobre um cotovelo enquanto contemplava momentaneamente as estrelas, procurando as palavras para explicar.

– Equilíbrio, na natureza, – ele disse finalmente. – é uma condição resultante da interação de todas as coisas na existência. Em um nível simples, veja como predadores e presas estão em equilíbrio. Se houvesse predadores demais, e as presas fossem todas devoradas, então os predadores dominantes também acabariam passando fome e morrendo.

– A falta de equilíbrio seria mortal tanto para a presa quanto para o predador; o mundo, para ambos, acabaria. Eles existem em equilíbrio porque agir de acordo com sua natureza resulta em equilíbrio. O equilíbrio não é uma intenção consciente deles.

– As pessoas são diferentes. Sem a nossa intenção consciente, não alcançamos necessariamente o equilíbrio que nossa sobrevivência geralmente requer.

– Devemos aprender a usar nossas mentes, para pensar, se queremos sobreviver. Fazemos plantações, caçamos para conseguir

peles para nos manter aquecidos, ou criamos ovelhas, retiramos sua lã e aprendemos como transformá-la em tecido. Temos que aprender como construir abrigo. Equilibramos o valor de uma coisa com outra e negociamos mercadorias para trocarmos o que fizemos por aquilo que precisamos que outros fizeram, plantaram, construíram ou caçaram.

– Equilibramos o que precisamos com aquilo que conhecemos das realidades do mundo. Equilibramos o que queremos com o nosso interesse pessoal racional, não procurando satisfazer um impulso momentâneo, porque sabemos que a nossa sobrevivência a longo prazo exige isso. Usamos lenha para fazer uma fogueira na lareira para evitar que congelemos em uma noite de inverno, mas, independente do quanto podemos sentir frio quando estamos fazendo a fogueira, não fazemos a fogueira grande demais, sabendo que isso arriscaria incendiar nosso abrigo depois que estivermos aquecidos e adormecidos.

– Mas as pessoas também agem com cego egoísmo, ganância, e desejo de poder. Elas destroem vidas. – Jennsen levantou o braço em direção à escuridão. – Veja o que a Ordem Imperial está fazendo… e conseguindo sucesso nisso. Eles não se importam com preparar lã, construir casas ou negociar mercadorias. Eles matam pessoas apenas pela conquista. Eles tomam o que querem.

– E nós resistimos contra eles. Aprendemos a compreender o valor da vida, então lutamos para reestabelecer a razão. Nós somos o equilíbrio.

Jennsen prendeu um pouco do cabelo atrás de uma orelha. – O que tudo isso tem a ver com não comer carne?

– Fui ensinado que magos também devem possuir equilíbrio em si mesmos, com seu Dom… seu poder… nas coisas que fazem. Eu luto contra aqueles, como a Ordem Imperial, que destruiriam a vida porque ela não tem valor para eles, mas isso requer que eu faça a mesma coisa terrível ao destruir aquele que é o meu valor mais

alto… a vida. Uma vez que o meu Dom tem relação com ser um guerreiro, a abstinência de comer carne é considerada o equilíbrio pela matança que sou forçado a realizar.

– O que acontece se você comer carne?

Kahlan sabia que Richard tinha motivo, do dia anterior mesmo, para necessitar do equilíbrio de não comer carne.

– Até mesmo a ideia de comer carne me causa náuseas. Fiz isso quando precisei, mas é algo que eu evito se for possível. A magia desprovida de equilíbrio tem graves consequências, da mesma forma como fazer uma fogueira na lareira.

Ocorreu a Kahlan o pensamento de que Richard carregava a Espada da Verdade, e talvez aquela arma também impusesse a sua própria necessidade de equilíbrio. Richard havia sido nomeado por direito o Seeker da Verdade pelo Primeiro Mago em pessoa, Zeddicus Zu'l Zorander… Zedd, o avô de Richard, o homem que ajudara a criá-lo, e de quem Richard adicionalmente herdara o Dom. O Dom de Richard foi passado não apenas da linhagem sanguínea Rahl, mas da Zorander também. Equilíbrio com certeza.

Seekers nomeados por direito carregaram aquela mesma espada durante quase três mil anos.

Talvez a compreensão de Richard sobre a necessidade de equilíbrio o tivesse ajudado a sobreviver perante as coisas que encarou.

Com os dentes, Jennsen arrancou um pedaço de carne seca enquanto pensava naquilo. – Então, já que você tem de lutar e às vezes matar pessoas, você não pode comer carne como forma de equilíbrio desse ato terrível?

Richard assentiu enquanto mastigava damascos secos.

– Deve ser terrível possuir o Dom, – falou Jennsen em voz baixa. – ter algo tão destrutivo que exige que você o equilibre de algum jeito.

Ela desviou o olhar dos olhos cinzentos de Richard. Kahlan sabia como às vezes era difícil a experiência de encarar o olhar direto e incisivo dele.

– Eu costumava me sentir desse jeito, – ele disse. – quando fui nomeado o Seeker e ganhei a espada, e mais ainda depois, quando aprendi que tinha o Dom. Eu não queria ter o Dom, não queira as coisas que o Dom poderia fazer, exatamente como não queria a espada por causa das coisas em mim que eu achava que jamais deveriam ser trazidas para fora.

– Mas agora você não se importa tanto assim, em ter a espada, ou o Dom?

– Você tem uma faca e já usou-a. – Richard inclinou em direção a ela, esticando as mãos. – Você tem mãos. Você odeia sua faca, ou as suas mãos?

– Claro que não. Mas o que isso tem a ver com possuir o Dom?

– Ter o Dom é simplesmente a forma como nasci, como nascer homem, ou mulher, ou com olhos azuis, castanhos ou verdes… ou com duas mãos. Não odeio minhas mãos porque eu poderia potencialmente estrangular alguém com elas. É a minha mente que direciona minhas mãos. Minhas mãos não agem por sua própria vontade; pensar assim é ignorar a verdadeira natureza do que é cada coisa, sua verdadeira natureza. Você precisa reconhecer a verdade das coisas se deseja encontrar o equilíbrio… ou passar a entender realmente qualquer coisa, para dizer a verdade.

Kahlan imaginou porque ela não precisava de equilíbrio da forma como Richard precisava. Porque isso era tão vital para ele, mas não para ela? A despeito do quanto ela queria ir dormir, não conseguiu ficar em silêncio. – Com frequência uso meu poder de Confessora para esse mesmo fim… matar… e não preciso mantê-lo em equilíbrio não comendo carne.

– As Irmãs da Luz afirmam que o Véu que separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos é mantido através de magia. Mais precisamente, elas afirmam que o Véu está aqui, – falou Richard, tocando no lado de sua têmpora. – naqueles de nós que possuem o Dom… magos e em uma extensão menor, feiticeiras. Elas afirmam que o equilíbrio para aqueles de nós com o Dom é essencial porque em nós, dentro de nosso Dom, reside o Véu, nos tornando, em essência, os guardiões do Véu, o equilíbrio entre mundos.

– Talvez elas estejam certas. Eu tenho os dois lados do Dom: Aditivo e Subtrativo. Talvez isso torne as coisas diferentes para mim. Talvez, possuir os dois lados torne mais importante do que o normal que eu mantenha o meu Dom em equilíbrio.

Kahlan imaginou o quanto daquilo podia ser verdade. Teve medo em pensar na extensão do quanto o equilíbrio da própria magia havia sido alterado pelas ações dela.

O mundo estava se revelando, de diversas maneiras.

Mas não houve escolha.

Cara balançou um pedaço de carne seca na frente deles. – Essa coisa toda de equilíbrio é apenas uma mensagem dos bons espíritos… naquele outro mundo… dizendo a Lorde Rahl para deixar esse tipo de luta conosco. Se fizesse isso, então não teria que preocupar-se com equilíbrio, ou com o que ele pode ou não pode comer. Se ele parasse de colocar-se em perigo mortal então seu equilíbrio estaria muito bem e ele poderia comer uma cabra inteira.

As sobrancelhas de Jennsen levantaram.

– Você sabe o que eu estava querendo dizer. – Cara resmungou.

Tom aproximou-se. – Talvez a Senhora Cara esteja certa, Lorde Rahl. Você tem pessoas para protegê-lo. Deveria deixar que eles fizessem isso e poderia concentrar melhor suas habilidades na tarefa de ser o Lorde Rahl.

Richard fechou os olhos e esfregou as têmporas com as pontas dos dedos. – Se tivesse que esperar que Cara me salvasse o tempo todo, eu temo que teria de fazer isso sem cabeça.

Cara girou os olhos diante do leve sorriso dele e voltou a comer sua salsicha.

Estudando o rosto dele sob a fraca luz enquanto ele comia um pedaço de biscoito seco, Kahlan achou que Richard não parecia bem, e que isso era mais do que simplesmente estar exausto. O brilho suave de luz da lamparina acesa sobre um lado do rosto dele, deixando o resto na escuridão, como se apenas metade dele estivesse ali, metade nesse mundo e metade no mundo das sombras, como se ele fosse o Véu entre eles.

Ela chegou mais perto e afastou para trás o cabelo que havia caído sobre a testa dele, usando a desculpa para sentir sua testa. Ele parecia quente, mas todos eles estavam quentes e suando, então não podia realmente afirmar se ele estava com febre, mas ela achava que não.

A mão dela deslizou para tocar o rosto, aumentando o carinho no sorriso dele. Ela pensou que podia perder-se no prazer de simplesmente olhar nos olhos dele. Isso fez seu coração explodir de alegria em ver o sorriso dele. Ela devolveu o sorriso, um sorriso que ela não oferecia a ninguém, a não ser para ele.

Kahlan também estava ansiosa para beijá-lo, mas parecia que sempre havia pessoas ao redor e o tipo de beijo que realmente queria dar nele não era o tipo de beijo que você dá na frente de outros.

– Parece tão difícil imaginar. – Friedrich disse para Richard. – Quer dizer, o próprio Lorde Rahl, não saber sobre o Dom enquanto crescia. – Friedrich balançou a cabeça. – Parece tão difícil de acreditar.

– Meu avô, Zedd, tem o Dom. – Richard falou quando inclinava o corpo para trás. – Ele queria ajudar a me criar longe da magia, de forma parecida como Jennsen… escondido onde Darken

Rahl não conseguisse chegar até mim. Foi por isso que ele queria que eu fosse criado em Westland, do outro lado da Fronteira de magia.

– E mesmo o seu avô… um mago… nunca mostrou que ele era dotado? – Tom perguntou.

– Não, não até Kahlan vir para Westland. Olhando para o passado, percebo que houve um monte de coisas pequenas que me indicavam que ele era mais do que parecia, mas enquanto estava crescendo eu nunca soube. Ele apenas parecia mágico para mim no sentido de que parecia saber a respeito de tudo no mundo ao nosso redor. Ele abriu aquele mundo para mim, fazendo com que eu desejasse o tempo todo saber mais, mas o Dom nunca foi a magia que ele mostrou para mim… o que mostrou para mim foi a vida.

– Então é verdade mesmo, – Friedrich disse – que Westland foi isolada para ser um lugar sem magia.

Richard sorriu ao ouvir a respeito de seu lar, Westland. – É verdade. Eu cresci na floresta de Hartland, bem perto da Fronteira, e nunca vi magia. Exceto talvez por Chase.

– Chase? – Tom perguntou.

– Um amigo meu… um guarda da Fronteira. Um sujeito aproximadamente da sua altura, Tom. Enquanto você serve protegendo o Lorde Rahl, o dever de Chase era a Fronteira, ou melhor, manter as pessoas longe dela. Ele disse que seu trabalho era manter longe a presa… pessoas… para que as coisas que saíam da Fronteira não ficassem mais fortes. Ele trabalhou para manter o equilíbrio. – Richard sorriu para si mesmo. – Ele não tinha o Dom, mas sempre achei que as coisas que aquele homem conseguia fazer tinham que ser através de magia.

Friedrich também estava sorrindo com a história de Richard.

– Morei em D'Hara toda a minha vida. Quando era jovem aqueles homens que guardavam a Fronteira eram meus heróis e eu queria unir-me a eles.

– Porque não fez isso? Richard perguntou.

– Quando a Fronteira foi erguida eu era jovem demais.

Friedrich contemplou o vazio absorto nas lembranças, então procurou mudar o assunto. – Quanto tempo mais até sairmos desse deserto, Lorde Rahl?

Richard olhou para leste, como se conseguisse enxergar dentro da escuridão da noite além do fraco círculo de luz da lamparina. – Se mantivermos nosso ritmo, poucos dias e estaremos fora da pior parte dele, eu diria. Está ficando mais rochoso agora enquanto o terreno continua subindo em direção às montanhas distantes. A viagem será mais difícil mas pelo menos conforme subirmos não deverá ficar tão quente.

– Quanto falta até essa coisa que… que a Cara acha que eu deveria tocar? Jennsen perguntou.

Richard avaliou o rosto dela durante um momento. – Não tenho certeza de que isso é uma boa ideia.

– Mas nós vamos até lá?

– Sim.

Jennsen tocou na tira de carne seca. – Afinal de contas, o que é essa coisa que Cara tocou? Parece que Cara e Kahlan não querem dizer.

– Eu pedi a elas para não falarem a você. – disse Richard.

– Mas porquê? Se vamos ver isso, então porque você não iria querer dizer o que é?

– Porque você não tem o Dom. – Richard falou. – Não quero influenciar naquilo que você enxergar.

Jennsen piscou. – Que diferença isso poderia fazer?

– Ainda não tive tempo de traduzir muita coisa, mas de acordo com o que descobri do livro que Friedrich trouxe para mim, mesmo aqueles que não possuem o Dom, no sentido comum, possuem uma pequena centelha dele. Desse modo são capazes de interagir com a magia no mundo… de forma parecida como você deve nascer com olhos para ver cores. Nascendo com olhos, você

pode ver e entender uma grande pintura, mesmo que não possua habilidade para criar tal pintura.

– O Lorde Rahl dotado gera somente um herdeiro dotado. Ele pode ter outras crianças, mas raramente qualquer uma delas também é dotada. Ainda assim, elas ainda possuem essa centelha infinitesimal, assim como todas as outras pessoas. Até mesmo elas, por assim dizer, conseguem ver cores.

– Entretanto, o livro diz que existe raros descendentes de um Lorde Rahl dotado, como você, que nascem desprovidos de qualquer traço que seja do Dom.

O livro os chama de Pilares da Criação. De forma semelhante como aqueles que nascem sem olhos não conseguem perceber as cores, aqueles nascidos como você não conseguem perceber a magia.

– Mas até isso é impreciso, porque com você é mais do que simplesmente não perceber a magia. Para alguém que nasceu cego, a cor existe, eles simplesmente não são capazes de enxergá-la. Mas para você, não é que apenas não consiga perceber a magia; para você a magia não existe… ela não é uma realidade.

– Como uma coisa assim é possível? – perguntou Jennsen.

– Não sei. – falou Richard. – Quando nossos ancestrais criaram a ligação do Lorde Rahl com o povo D'Haran, ela carregava a habilidade única de agir com um herdeiro dotado. A magia necessita de equilíbrio. Talvez eles tenham sido obrigados a fazer funcionar desse jeito, tendo essa contraparte daqueles nascidos como você, para que a magia que eles criaram funcionasse; talvez eles não tenham percebido o que aconteceria e inadvertidamente criaram o equilíbrio.

Jennsen limpou a garganta. – O que aconteceria se… você sabe, se eu tivesse filhos?

Richard observou os olhos de Jennsen durante o que pareceu um tempo longamente doloroso. – Iria gerar descendentes como você.

Jennsen curvou-se para frente, suas mãos refletindo a súplica emocional dela. – Mesmo que eu case com alguém com aquela centelha do Dom? Alguém capaz de perceber cores, como você chamou? Mesmo assim minha criança seria como eu?

– Mesmo assim e todas as vezes. – Richard disse com tranquila certeza. – Você é um elo partido na corrente do Dom. De acordo com o livro, uma vez que a linhagem de todos aqueles nascidos com a centelha do Dom, incluindo aqueles com o Dom como apresenta-se em mim, retrocedendo milhares de anos, retrocedendo infinitamente, for quebrada, ela estará quebrada para sempre. Não pode ser restaurada. Uma vez perdida em tal casamento, descendente algum dessa linhagem jamais poderá restaurar a ligação com o Dom. Quando essas crianças casarem, elas também serão como você, quebrando a cadeia da linhagem daqueles com quem elas casarem. Os filhos deles seriam da mesma forma, e assim por diante.

– É por isso que o Lorde Rahl sempre caçava descendentes não dotados e os eliminava. Você seria a gênese de algo que o mundo jamais teve: aqueles não tocados pelo Dom. Cada descendente de cada descendente acabaria com a linhagem da centelha do Dom em todos com quem casasse. O mundo, a humanidade, seriam modificados para sempre.

– É por esse motivo que o livro chama pessoas como você de Pilares da Criação.

O silêncio pareceu tênue.

– E é assim qe esse lugar é chamado também, – Tom Falou quando apontou com um dedão para trás por cima do ombro, parecendo sentir necessidade de dizer alguma coisa no meio da calmaria. – os Pilares da Criação. – Ele olhou nos rostos que cercavam a fraca luz vindo da lanterna. – Parece uma estranha coincidência que as pessoas como Jennsen e esse lugar sejam chamados da mesma coisa.

Richard observou dentro da escuridão em direção àquele lugar terrível onde Kahlan teria morrido se ele cometesse um erro com a magia envolvida. – Não acho que seja coincidência. Eles estão conectados, de algum jeito.

O livro… Os Pilares da Criação… descrevendo aqueles nascidos como Jennsen foi escrito na antiga língua do Alto D'Haran. Poucas pessoas ainda vivas entendem Alto D'Haran. Richard começara a aprendê-lo para obter importantes informações em outros livros que eles encontraram que eram da época da Grande Guerra.

Aquela guerra, encerrada três mil anos antes, havia sido reacesa novamente de alguma forma, e estava queimando incontrolável através do mundo. Kahlan temia pensar na participação central, mesmo que inadvertida, que ela e Richard tiveram em tornar isso possível.

Jennsen aproximou-se, como se procurasse algum fio de esperança. – Como acha que as duas coisas podem estar conectadas?

Richard soltou um suspiro. – Ainda não sei.

Com um dedo, Jennsen rolou uma pedrinha em um pequeno círculo, deixando um pequeno sulco na terra.

– Todas essas coisas sobre eu ser um Pilar da Criação, ser a quebra na linhagem do Dom, faz com que eu me sinta de algum modo… suja.

– Suja? – Tom perguntou, parecendo magoado por ouvir ela ao menos sugerir uma coisa dessas. – Jennsen, porque você iria sentir-se assim?

– Pessoas como eu também são chamadas de "Buracos no Mundo", acho que agora posso ver porquê.

Richard curvou-se adiante, descansando os cotovelos nos joelhos. – Sei como é sentir tristeza na forma como nasceu, por causa daquilo que você tem, ou não tem. Odiava ter nascido do jeito que

nasci… com o Dom. Mas percebi como esse tipo de sentimento não faz sentido, como era completamente errado pensar desse jeito.

– Mas é diferente comigo, – ela falou enquanto empurrava areia com um dedo, apagando os pequenos sulcos que fizera com a pedrinha. – tem outros como você… magos ou feiticeiras com o Dom. Todos os outros conseguem ao menos ver cores, como você disse. Eu sou a única assim.

Richard contemplou sua meia-irmã, uma linda meia-irmã não dotada que qualquer Lorde Rahl anterior teria assassinado imediatamente, e foi dominado por um sorriso radiante. – Jennsen, eu considero que você nasceu pura. É como um novo floco de neve, diferente de qualquer outro, e incrivelmente belo.

Olhando para ele, Jennsen foi dominada por um sorriso. – Nunca pensei nisso desse jeito.

O sorriso dela desvaneceu quando pensou nas palavras dele.

– Mas ainda assim, eu estaria destruindo…

– Estaria criando, não destruindo. – falou Richard. – A magia existe. Ela não pode ter o "direito" de existir. Pensar assim seria ignorar a verdadeira natureza… a realidade… das coisas. As pessoas, se não tomarem as vidas de outras, possuem o direito de viverem suas vidas. Você não pode dizer que só porque nasceu com cabelo vermelho você suplantou o "direito" do cabelo castanho nascer em sua cabeça.

Jennsen riu diante daquele conceito. Era bom ver o sorriso ganhar mais firmeza. Pela expressão no rosto de Tom, ele concordava.

– Então, – Jennsen finalmente perguntou. – e quanto a essa coisa que veremos?

– Se a coisa que Cara tocou foi alterada por alguém com o Dom, então já que você não consegue ver a magia, pode ver algo que nós não conseguimos ver: o que jaz sob aquela magia.

Jennsen esfregou atrás do calcanhar de sua bota. – E acha que isso dirá alguma coisa importante para você?

– Não sei. Talvez seja útil, ou talvez não, mas quero saber o que você vê… com a sua visão especial… sem qualquer sugestão nossa.

– Se está tão preocupado com isso, porque deixou? Não tem medo de que alguém possa encontrar e pegar?

– Eu me preocupo com um monte de coisas. – falou Richard.

– Mesmo se isso realmente for alguma coisa alterada pela magia e ela enxergar o que realmente é, – disse Cara. – isso não significa que ainda não seja o que parece para nós, ou que não seja tão perigoso quanto.

Richard assentiu. – Pelo menos saberemos mais isso a respeito. Qualquer coisa que aprendermos pode nos ajudar de algum jeito.

Cara fez uma careta. – Só quero que ela vire de volta.

Richard lançou um olhar destinado a evitar que ela falasse mais qualquer coisa a respeito. Cara bufou, inclinou o corpo, e pegou um dos damascos secos de Richard. Fez uma careta para ele quando enfiou o damasco na boca.

Logo que a ceia terminou, Jennsen sugeriu que guardassem toda a comida em segurança de volta na carroça para que Betty não atacasse durante a noite. Betty estava sempre faminta. Pelo menos, com seus dois filhotes, agora ela ganhava uma amostra de como era ser importunado por causa de comida.

Kahlan achou que Friedrich devia receber mais consideração, por causa de sua idade, então perguntou a ele se gostaria de assumir o primeiro turno de vigia. O primeiro turno era mais fácil do que ser acordado no meio da noite para montar guarda entre pequenos cochilos. Ele sorriu mostrando sua gratidão enquanto assentia concordando.

Depois de abrir seu colchão e o de Kahlan, Richard apagou a lamparina. A noite estava quente mas limpa como cristal de forma que, após os olhos de Kahlan ajustarem-se, o tapete de estrelas era suficiente para enxergar nas proximidades, mesmo que não muito bem. Um dos gêmeos brancos achou que os colchões recém desenrolados seriam um lugar perfeito para saltitar. Kahlan enxotou o pacote com pernas e levou-o de volta para sua mãe que abanava a cauda.

Quando deitava ao lado de Richard, Kahlan viu a forma escura de Jennsen embrulhar Betty e juntar os gêmeos no caloroso abrigo de seus braços, onde eles rapidamente aquietaram-se.

Richard aproximou-se e beijou os lábios de Kahlan suavemente. – Eu te amo, você sabe.

– Se ficarmos sozinhos, Lorde Rahl, – Kahlan sussurrou de volta. – eu gostaria de ganhar mais do que um beijo rápido.

Ele riu levemente e beijou a testa dela antes de deitar de lado, longe dela. Ela estava esperando uma promessa íntima, ou pelo menos uma declaração carinhosa.

Kahlan embrulhou-se atrás dele e descansou uma das mãos sobre o ombro dele. – Richard, – ela sussurrou. – você está bem?

Levou mais tempo do que ela teria gostado para ele responder. – Estou com uma dor de cabeça.

Ela quis perguntar que tipo de dor de cabeça, mas não queria que a pequena centelha de medo que ela combatera ganhasse o brilho do crédito ao declarar isso em voz alta.

– É diferente das dores de cabeça que já senti. – Richard disse, como se respondesse aos pensamentos dela. – Suponho que seja o calor terrível somado ao fato de não dormir durante tanto tempo.

– Imagino que sim. – Kahlan embolou o cobertor que estava usando como travesseiro para formar um volume que faria pressão contra o ponto dolorido na base de seu crânio. – O calor está fazendo

a minha cabeça latejar também, ela esfregou gentilmente atrás do ombro dele. – Então, durma bem.

Ela estava exausta e com dor por todo o corpo, e pareceu maravilhoso deitar. Sua cabeça pareceu melhor também, com o macio volume do cobertor pressionado contra a parte traseira do pescoço. Com a mão descansando sobre o ombro de Richard, sentindo a lenta respiração dele, Kahlan caiu em um sono profundo.

Capítulo 5



Tão cansada como estava, foi uma sensação maravilhosa estar ao lado de Richard e deixar-se levar, deixar suas preocupações sumirem por enquanto, e mergulhar no sono sem fazer esforço.

Mas o sono parecia ter apenas começado quando acordou para ver Cara balançando o seu ombro gentilmente.

Kahlan piscou para a silhueta familiar parada acima dela. Queria desesperadamente voltar a dormir, ser deixada em paz para dormir tão maravilhosamente outra vez.

– Meu turno? – Kahlan perguntou.

Cara assentiu. – Eu o farei se você quiser.

Kahlan espiou por cima do ombro quando sentou, vendo que Richard ainda estava dormindo. – Não, – ela sussurrou. – Vá dormir um pouco. Você também precisa descansar.

Kahlan bocejou e esticou as costas. Segurou o cotovelo de Cara e levou-a até uma certa distância, fora do alcance de ouvidos, e inclinou o corpo, aproximando-se. – Acho que você tem razão. Tem pessoas mais do que suficiente para montar guarda e ainda assim todos descansarem o bastante. Vamos deixar Richard dormir até amanhecer.

Cara sorriu concordando antes de seguir até seu colchão. Uma conspiração destinada a proteger Richard era aceita alegremente pela Mord-Sith.

Kahlan bocejou e espreguiçou novamente, ao mesmo tempo forçando a si mesma a espantar a névoa do sono restante de sua mente, para ficar alerta. Afastando o cabelo do rosto e jogando-o

para trás, sobre o ombro, ela observou o deserto ao redor, procurando qualquer coisa fora do normal.

Tudo além do acampamento deles estava silencioso como a morte.

Montanhas escureciam a extensão cintilante de estrelas em uma linha irregular por todo o caminho no horizonte.

Kahlan verificou todos cuidadosamente, certificando-se de que todos estavam ali. Cara já parecia confortável. Tom dormia perto dos cavalos. Friedrich estava dormindo do outro lado dos cavalos. Jennsen estava embrulhada ao lado de Betty, mas de acordo com seus movimentos, o modo como ela virava de um lado para outro, não parecia adormecida. Os bebês haviam mudado de posição e agora jaziam espalhados com as cabeças encostadas em sua mãe.

Kahlan sempre estava especialmente vigilante no momento da troca de guarda. Troca de guarda era um momento excelente para um ataque; ela sabia, pois muitas vezes tinha iniciado ataques durante trocas de guarda. Aqueles que deixavam a guarda geralmente estavam cansados e já pensavam em outras coisas, considerando a vigília o dever do guarda seguinte. Aqueles que acabavam de assumir a guarda geralmente não estavam mentalmente preparados para um ataque repentino. As pessoas tendiam a pensar que o inimigo não viria até que elas estivessem instaladas adequadamente e atentas.

A vitória favorecia aqueles que estavam prontos. A derrota derrubava aqueles que não estavam.

Kahlan seguiu até uma formação rochosa não muito longe de Richard. Andou rapidamente, sentando em um ponto mais elevado para obter uma visão melhor das redondezas sem vida. Mesmo no meio da noite, a rocha áspera ainda irradiava o implacável calor do dia anterior.

Kahlan afastou uma mecha de cabelo úmido do pescoço, desejando que surgisse uma brisa. Houve algumas vezes, no

inverno, quando ela quase congelou até a morte. Não importava o quanto tentasse, parecia não conseguir lembrar qual era a sensação de estar realmente com frio.

Não levou muito tempo após Kahlan ter se instalado até que ela visse Jennsen levantar e caminhar silenciosamente através do acampamento, tentando não acordar os outros.

– Tudo bem se eu sentar com você? ela perguntou quando finalmente alcançou Kahlan.

– É claro.

Jennsen sentou sobre a rocha ao lado de Kahlan, puxou os joelhos para cima, e cruzou os braços ao redor deles, abraçando-os bem perto do corpo.

Durante algum tempo ela apenas contemplou a noite.

– Kahlan, sinto muito… sobre antes. – a despeito da escuridão, Kahlan achou que podia ver que a jovem parecia arrasada. – Eu não queria parecer com uma tola que faria alguma coisa sem pensar. Jamais faria qualquer coisa para machucar qualquer um de vocês.

– Sei que não faria uma coisa assim deliberadamente. São as coisas que você pode fazer inadvertidamente que me preocupam.

Jennsen assentiu. – Acho que entendo um pouco melhor agora, sobre como tudo é tão complicado e o quanto eu realmente não sei. Não farei qualquer coisa a não ser que você ou Richard diga para fazer, eu prometo.

Kahlan sorriu e deslizou uma das mãos atrás da cabeça de Jennsen, deixando ela pousar sobre o ombro dela. – Só falei aquelas coisas por que me preocupo com você, Jennsen. – ela deu um aperto no ombro mostrando simpatia. – Acho que me preocupo com você do mesmo jeito que Betty preocupa-se com os gêmeos inocentes dela, sabendo dos perigos ao redor quando eles raramente sabem.

– Precisa entender que se você sair no gelo fino, não importa se o lago foi congelado pelo frio ou por magia. Se não souber onde

está pisando, por assim dizer, você pode cair nos frios braços sombrios da morte. Não importa o que fez o gelo… um morto é um morto. Meu conselho é que você não saia naquele gelo fino a não ser que tenha uma necessidade muito grande, porque isso pode muito bem custar a sua vida.

– Mas eu não sou tocada por magia. Como Richard falou, eu sou como alguém que nasceu sem olhos e não consegue ver cores. Sou um elo partido na cadeia da magia. Isso não significaria que eu não posso ter problemas com isso acidentalmente?

– E se alguém empurra uma rocha de um penhasco e ela esmaga você, faz diferença se essa rocha foi derrubada por um homem com uma alavanca, ou por uma feiticeira usando o Dom?

A voz de Jennsen ganhou um tom preocupado. – Entendo o que você quer dizer. Acho que nunca enxerguei isso dessa maneira.

– Só estou tentando ajudá-la porque sei como é fácil cometer um erro.

Ela observou Kahlan no escuro durante um momento.

– Você sabe a respeito de magia. Que tipo de erro poderia cometer?

– Todos os tipos.

– Como o quê?

Kahlan vasculhou suas lembranças. – Uma vez eu hesitei metade de um segundo para matar alguém.

– Mas pensei que você tinha falado que erra errado ter pressa demais.

– Às vezes a coisa mais tola que você pode fazer é hesitar. Ela era uma feiticeira. No momento em que eu agi já era tarde demais. Por causa do meu erro ela capturou Richard e levou-o embora. Durante um ano, eu não soube o que acontecera com ele. Achei que jamais o veria de novo, que eu morreria de angústia.

Jennsen ficou olhando surpresa. – Quando encontrou ele novamente?

– Não faz muito tempo. É por isso que estamos aqui no Mundo Antigo… ela o trouxe aqui. Pelo menos eu o encontrei. Cometi outros erros, e eles também resultaram em problemas sem fim. Da mesma forma que Richard. Como ele disse, todos nós cometemos erros. Se eu puder, quero poupá-la de cometer ao menos um erro desnecessário.

Jennsen desviou o olhar. – Como acreditar naquele homem com quem eu estava ontem… Sebastian. Por causa dele, minha mãe foi assassinada e eu quase fiz com que vocês fossem mortos. Eu me sinto como uma tola.

– Você não cometeu aquele erro por falta de cuidado, Jennsen. Eles a enganaram, a usaram. O mais importante, é que no final você usou a sua cabeça e estava disposta a encarar a verdade.

Jennsen assentiu.

– Que nome devemos dar aos gêmeos? – ela finalmente perguntou.

Kahlan não achava que dar nome aos gêmeos era uma boa ideia, pelo menos, ainda não, mas estava relutante em falar isso.

– Não sei. Em que nomes você estava pensando?

Jennsen soltou um pesado suspiro. – Foi um choque repentinamente ter Betty de volta comigo, e uma surpresa ainda maior ver que ela estava com filhotes. Nunca pensei nisso. Nem tive tempo de pensar em nomes.

– Você pensará.

Jennsen sorriu com aquela ideia. O sorriso dela cresceu, como se tivesse pensado em algo mais.

– Sabe de uma coisa, – ela disse. – acho que entendo o que Richard queria dizer a respeito de pensar que o avô dele era mágico, mesmo que nunca tivesse visto ele usar magia.

– O que você quer dizer?

– Bem, eu não consigo enxergar a magia, por assim dizer, e Richard não fez magia esta noite… pelo menos nenhuma da qual eu

saiba. – Ela riu suavemente, uma das risadas mais agradáveis que Kahlan já ouvira, cheia de vida e alegria. Tinha uma qualidade muito parecida com a de Richard, o equilíbrio feminino para a risada masculina de Richard, duas faces do mesmo deleite.

– E mesmo assim, – Jennsen prosseguiu. – as coisas que ele disse me fizeram ver ele desse jeito… mágico… como ele falou sobre Zedd. Quando ele estava falando aquilo, eu soube exatamente o que ele queria dizer, exatamente como ele estava sentindo-se, porque Richard abriu o mundo para mim, mas o Dom não foi a magia que ele me mostrou. O que ele mostrou foi a vida, que a minha vida é minha, e vale à pena ser vivida.

Kahlan sorriu, percebendo o quanto aquilo descrevia o seu próprio sentimento sobre o que Richard fizera por ela, como ele fizera com que ela desse valor à vida e acreditasse nela não apenas para os outros, mas, de forma mais importante ainda, para si mesma.

Por algum tempo elas ficaram sentadas juntas, observando silenciosamente o deserto. Kahlan manteve um olho em Richard quando ele tossiu durante o sono.

Com crescente preocupação, Jennsen também observava Richard. – Parece que tem alguma coisa errada com ele. – ela sussurrou enquanto inclinava o corpo chegando mais perto.

– Está tendo um pesadelo.

Kahlan observou, como fizera tantas vezes, enquanto Richard fechava os punhos durante o sono, enquanto ele lutava silenciosamente contra algum terror particular.

– É assustador ver ele desse jeito. – Jennsen falou.

– Ele parece tão diferente. Quando ele está acordado ele sempre parece tão… racional.

– Você não pode ser racional com um pesadelo. – disse Kahlan com leve tristeza.

CAPÍTULO 6



Richard acordou com um pulo.

Eles voltaram.

Ele tivera um sonho ruim. Como todos os seus sonhos, ele não lembrava. Sabia apenas que foi um sonho ruim porque ele deixava para trás a sensação sem forma de um terror sufocante, doloroso, indefinido. Ele atirou longe a mortalha do pesadelo da mesma forma como teria jogado fora um cobertor enrolado. Muito embora ainda sentisse como se as coisas sombrias nos resquícios do sonho ainda estivessem colocando suas garras nele, tentando arrastá-lo de volta para dentro do mundo delas, ele sabia que sonhos não eram materiais, e então colocou aquilo de lado. Agora que estava acordado, a sensação de pavor rapidamente começou a dissolver, como neblina sumindo sob o calor da luz do sol.

Mesmo assim, ele teve que fazer um esforço para reduzir a velocidade da respiração.

O que era importante era que eles estavam de volta. Nem sempre sabia quando eles retornavam, mas dessa vez, por alguma razão, tinha certeza disso.

Algumas vezes durante a noite também o vento tinha aumentado. Soprava sobre ele, puxando suas roupas, sacudindo seus cabelos. Lá fora no escaldante deserto, as rajadas de ar quentes não ofereciam alívio. Ao invés de ser refrescante, o vento era tão quente que parecia como se a porta para uma fornalha tivesse sido aberta e o calor estivesse cozinhando a carne dele.

Tateando por seu cantil, ele não encontrou-o ao alcance da mão. Tentou lembrar exatamente onde havia colocado, mas, com outros pensamentos gritando por atenção, não conseguia lembrar.

Teria que preocupar-se em beber algo mais tarde.

Kahlan estava deitada perto, virada para ele. Ela havia colocado seu longo cabelo em um monte embaixo do queixo. O vento sacudia fios desgarrados por sua bochecha. Richard adorava ficar sentado e olhar para o rosto dela; porém, dessa vez ele demorou apenas um instante, olhando para ela apenas tempo bastante para notar sob o suave brilho das estrelas a respiração cadenciada. Ela estava dormindo profundamente.

Quando observou o acampamento deles, conseguiu distinguir apenas um fraco rubor no céu ao leste. Ainda faltava algum tempo até o amanhecer.

Ele percebeu que dormira durante o seu turno.

Sem dúvida Cara e Kahlan decidiram que ele era menos necessário para montar guarda do que o sono de que precisava e fizeram uma conspiração para não acordá-lo. Provavelmente elas estavam certas. Ele estivera tão exausto que dormiu durante toda a noite. Entretanto, agora ele estava bem acordado.

A sua dor de cabeça também havia desaparecido.

Silenciosamente, cuidadosamente, Richard afastou-se de Kahlan para não acordá-la. Procurou instintivamente por sua espada que jazia do outro lado dele. O metal estava quente ao toque quando seus dedos fecharam-se ao redor da bainha trabalhada em prata e ouro. Sempre era reconfortante encontrar a espada pronta, e mais ainda nesse momento. Enquanto levantava silenciosamente, passou o boldrié por cima da cabeça, colocando o familiar couro flexível sobre o ombro direito.

Quando estava de pé, sua espada já estava na cintura, pronta para obedecer a vontade dele.

Independente do quanto era tranquilizador ter a arma ao seu lado, após a carnificina naquele lugar chamado Pilares da Criação o pensamento de sacá-la o deixava triste. Sentiu aversão diante da imagem mental das coisas que fizera. Porém, se não as tivesse feito, Kahlan não estaria dormindo pacificamente; ela estaria morta, ou pior.

Outra coisa boa também havia surgido daquilo. Jennsen foi salva da beira do abismo. Ele a viu enrolada ao lado de sua cabra adorada, seu braço formando um curral nos dois filhotes adormecidos de Betty. Sorriu ao vê-la, por causa da maravilha que era ter uma irmã, sorriu por causa do quanto ela era esperta e por causa de todas as maravilhas da vida que estavam adiante para ela. Ela desejar estar perto dele o deixava feliz, mas estar perto dele também o deixava preocupado com a segurança dela. Na verdade, não havia lugar seguro, a não ser que as forças da Ordem que foram liberadas pudessem ser derrotadas, ou pelo menos repelidas.

Uma forte rajada de vento atravessou o acampamento, erguendo nuvens de poeira ainda mais densas. Richard piscou, tentando manter a areia fora dos olhos.

O som do vento em seus ouvidos era um problema porque mascarava outros sons. Ainda que escutasse atentamente, conseguia ouvir apenas o vento.

Cerrando parcialmente os olhos em meio aos pequenos grãos soprados, viu que Tom estava sentado sobre a carroça dele, olhando para um lado e para outro, montando guarda. Friedrich estava dormindo do outro lado dos cavalos, Cara não muito longe no lado deserto de Kahlan, colocando-se entre eles e qualquer coisa que pudesse estar além. Na fraca luz das estrelas Tom não tinha avistado Richard. Quando Tom vasculhou a noite na direção oposta, Richard afastou-se do acampamento, deixando Tom para tomar conta dos outros.

Richard estava confortável no manto da escuridão. Anos de prática o ensinaram a andar sem ser avistado através das sombras, a mover-se silenciosamente na escuridão. Ele fez isso agora, afastando-se do acampamento enquanto concentrava-se naquilo que o despertara, naquilo que outros montando guarda não sentiriam.

Diferente de Tom, os Races não perderam os movimentos de Richard. Giravam alto logo acima enquanto o observavam, seguindo-o quando ele seguiu seu caminho pelo solo rachado. Eram quase invisíveis contra o céu escuro, mas Richard podia enxergá-los quando bloqueavam as estrelas, como sombras que sinalizavam contra a cintilante cortina negra da noite… sombras que achava que ele podia sentir assim como podia ver.

O sumiço da dor de cabeça era um grande alívio, mas o fato de que ela tivesse desaparecido da maneira que desapareceu também era um motivo para preocupação. O tormento geralmente sumia quando ele era distraído por algo importante. Algo perigoso. Ao mesmo tempo, mesmo que a dor tivesse partido, parecia como se ela estivesse apenas escondida nas sombras de sua mente, aguardando que ele relaxasse para que pudesse atacar.

Quando as dores de cabeça abatiam-se sobre ele, a dor nauseante era tão intensa que fazia com que sofresse em cada fibra do seu ser. Muito embora a dor esmagadora às vezes tornasse difícil ficar em pé, colocar um pé na frente do outro, ele soubera que permanecer lá atrás, onde eles estavam, teria significado a morte certa. Embora as dores de cabeça em si fossem ruins, Richard não estava tão preocupado com a dor quanto ficava a respeito da natureza das dores de cabeça… a causa delas.

Elas não eram as mesmas que as dores de cabeça que tivera antes e que tanto temia… as dores causadas pelo Dom… mas elas também não eram como aquelas que ele considerava dores de cabeça normais.

Ocasionalmente durante sua vida ele sentira horríveis dores de cabeça, das mesmas que sua mãe costumava ter de forma mais regular. Ela as chamava de "minhas terríveis dores de cabeça". Richard entendia muito bem o que ela queria dizer.

Essas, embora fossem horríveis, não eram como aquelas. Ficou preocupado que elas pudessem estar sendo causadas pelo Dom. Já tivera dores de cabeça geradas pelo Dom. Disseram a ele que conforme ficasse mais velho, conforme sua habilidade aumentasse, conforme ganhasse mais compreensão, às vezes ele mais tarde em sua vida enfrentaria dores de cabeça causadas pelo Dom. Supostamente a solução era simples. Só tinha que buscar ajuda de outro mago e obter a assistência com o necessário nível seguinte de consciência e compreensão da natureza do Dom dentro dele mesmo. Essa consciência e compreensão mental permitiria a ele controlar e dessa forma eliminar a dor… abafar as chamas. Pelo menos, isso foi o que disseram.

É claro, na ausência de outro mago para ajudar, as Irmãs da Luz alegremente colocariam uma coleira em volta do pescoço dele para ajudar a controlar o poder do Dom.

Ouviu dizer que essas dores de cabeça, se não fossem tratadas adequadamente, eram letais. Pelo menos essa parte ele sabia que era verdade. Não podia sofrer esse problema agora, por cima de todos os outros problemas dele.

Nesse momento não havia o que pudesse fazer a respeito; não tinha alguém perto que pudesse ajudá-lo com esse tipo de dor de cabeça… mago algum, e mesmo que ele jamais fosse permitir, alguma Irmã da Luz para colocar uma coleira nele outra vez.

Mais uma vez Richard lembrou a si mesmo que esse não era o mesmo tipo de dor de cabeça como da última vez, quando ela havia sido causada pelo Dom. Lembrou a si mesmo de não inventar um problema que não tinha.

Já tinha bastante problemas reais.

Ouviu um som como se uma das aves enormes tivesse passado voando baixo rapidamente logo acima. O Race girou o corpo no voo, lançando uma lufada de vento, para espiá-lo olhando para trás.

Outro seguiu em seu rastro, e então um terceiro, um quarto, e um quinto. Eles deslizaram para longe silenciosamente, através do terreno aberto, seguindo um atrás do outro em uma fila. Suas asas tremiam enquanto eles trabalhavam para estabilizarem-se no ar agitado.

A uma certa distância, eles subiram em uma curva de volta em direção a ele.

Antes de retornarem, os Races aproximaram-se formando um círculo. Quando eles batiam suas enormes asas, Richard geralmente podia ouvir suas penas assoviando através do ar, embora agora, com o som do vento, ele não conseguisse. Os olhos negros deles observaram ele observando-os. Ele queira que eles soubessem que estava consciente da sua presença, que ele não dormira durante o retorno noturno deles.

Se não estivesse tão preocupado com o significado dos Races, podia achar que eram lindos, suas formas negras esguias formavam majestosamente uma silhueta contra o tom avermelhado que vinha do céu.

Porém, enquanto os observava, Richard não conseguia imaginar o que estavam fazendo. Tinha visto esse comportamento deles antes e também não entendera.

De repente, ele percebeu que naquelas outras vezes quando eles retornaram para circularem dessa forma curiosa, ele também percebera a presença deles. Nem sempre ele estava ciente da presença deles ou de quando eles retornavam. Entretanto, se ele tivesse uma dor de cabeça, ela sumia quando eles voltavam.

O vento quente agitou o cabelo de Richard enquanto ele contemplava o deserto obscurecido pelo brilho poeirento antes do

amanhecer. Não gostava desse lugar morto. O amanhecer aqui não ofereceria promessa alguma de um mundo que ganharia vida.

Gostaria que Kahlan e ele estivessem de volta na floresta. Não conseguiu conter um sorriso ao lembrar do lugar nas montanhas onde, no ano anterior, eles passaram o verão. O lugar era tão maravilhoso que conseguiu amolecer até mesmo Cara.

Na luz suave, mas crescente, os Races de Bico Negro circularam, como sempre fizeram quando realizavam essa curiosa manobra, não sobre ele, mas a uma curta distância, dessa vez sobre o deserto aberto onde o vento agitado desenrolava diáfanas cortinas de grãos arenosos. Das outras vezes foi sobre colinas arborizadas, ou terreno aberto gramado. Dessa vez, enquanto ele observava os Races, tinha que cerrar parcialmente os olhos para evitar que areia entrasse neles.

Curvando abruptamente suas grandes asas, os Races fecharam mais o círculo enquanto desciam mais perto do chão do deserto. Ele sabia que eles fariam isso durante um curto espaço de tempo antes de quebrarem sua formação para voltarem ao voo normal. Às vezes eles voavam em pares e efetuavam espetaculares manobras aéreas, cada um combinando cada movimento do outro, como faziam os corvos às vezes, mas em outros casos eles nunca voavam de forma parecida como o grupo compacto do esporádico voo circular.

E então, enquanto as formas negras deles rodopiavam em um estreito vórtex, Richard percebeu que as trilhas de areia que voavam abaixo deles não estavam simplesmente serpenteando e rodopiando sem direção no vento, mas estavam deslizando sobre algo que não estava ali.

Os cabelos em seus braços ficaram eriçados.

Richard piscou, cerrando os olhos no vento, tentando enxergar melhor no meio da tempestade de areia uivante.

Mais poeira e areia levantaram no sopro de uma forte rajada de vento. Conforme os turbilhonamentos disparavam através do solo plano e passava sob os Races, eles ficavam girando e girando sobre alguma coisa abaixo, tornando a forma mais distinta.

Parecia ser a forma de uma pessoa.

A areia girava ao redor do vazio, gerando uma silhueta, definindo-o, revelando o que estava ali, mas não estava. Sempre que o vento aumentava e carregava com ele bastante areia, o contorno da forma, destacado pela areia rodopiante, parecia o contorno de um homem coberto por um manto com capuz.

A mão direita de Richard encontrou o cabo de sua espada.

Não havia qualquer coisa na forma a não ser a areia que fluía sobre os contornos daquilo que não estava ali, da mesma forma que água lamacenta fluindo ao redor de uma garrava de vidro transparente revelava seu contorno. A forma parecia estar imóvel, observando-o.

Naturalmente não havia olhos no espaço vazio da areia que soprava, mas Richard podia sentir que eles estavam sobre ele.

– O que foi? – Jennsen perguntou em um sussurro preocupado quando correu até o lado dele. – Qual é o problema? Está vendo alguma coisa?

Com a mão esquerda, Richard empurrou-a para trás, para fora do caminho. Tão urgente era o fluxo de sua necessidade que foi preciso um esforço concentrado para ser gentil ao fazer isso. Estava segurando o cabo da espada com tanta força que podia sentir as letras em alto-relevo da palavra VERDADE trançada em fios de ouro através da prata.

Richard estava invocando do interior da espada seu propósito de existir, o cerne da criação dela.

Em resposta, a força do poder da espada emergiu.

Porém, além do véu da fúria, nas sombras de sua mente, mesmo quando a raiva da espada trovejava através dele, Richard

percebeu levemente uma inesperada oposição na parte do fluxo da magia para efetuar o chamado.

Era como seguir até uma porta e inclinar o corpo adiante forçando o seu peso contra o rugido de uma ventania, e tropeçar adiante ao encontrar inesperadamente menos resistência do que esperava.

Antes que Richard pudesse questionar a sensação, a onda de raiva espalhou-se através dele, saturando-o com a fúria gelada da tempestade que era o poder da espada.

Conforme os Races rodopiavam, o círculo deles começava a chegar mais perto. Isso eles também tinham feito antes, mas dessa vez a forma que movia-se com eles era traída pelo rodopio da poeira e areia. Parecia que o homem encapuzado intangível estava sendo empurrado para mais perto pelos Races de Bico Negro.

O som distinto do aço anunciou a chegada da Espada da Verdade no quente ar do amanhecer.

Jennsen gemeu com o movimento repentino dele e saltou para trás.

Os Races responderam com gritos penetrantes, zombeteiros, que espalharam-se no vento.

O som inconfundível da espada de Richard sendo sacada trouxe Kahlan e Cara correndo. Cara teria pulado na frente dele de forma protetora mas sabia muito bem que não devia ficar na frente dele quando estava com a espada desembainhada. Com o Agiel firme no punho, ela parou ao lado derrapando, agachada e de prontidão, uma gata poderosa pronta para saltar.

– O que foi? – Kahlan perguntou quando correu atrás dele, olhando o padrão no vento.

– São os Races. – surgiu a voz preocupada de Jennsen. – Eles voltaram.

Kahlan olhou para ela incrédula. – Os races não parecem a pior coisa aqui.

De espada na mão, Richard observava a coisa abaixo dos Races rodopiantes. Sentindo a espada em seu punho, seu poder fervilhando através dos ossos, ele sentiu um relance de hesitação, de dúvida.

Sem tempo a perder, ele virou para trás, olhando Tom, que estava começando a afastar-se para amarrar firme as cordas de seus grandes cavalos de carga. Richard fez um movimento simulando atirar uma flecha.

Captando a mensagem de Richard, Tom parou rapidamente e correu de volta até a carroça. Friedrich agarrou depressa as cordas dos outros cavalos, trabalhando para mantê-los calmos, evitar que ficassem assustados. Curvando-se na carroça, Tom jogou bagagens para o lado enquanto procurava o arco e aljava de Richard.

Jennsen olhou de um rosto para outro.

– O que você quer dizer com não são a pior coisa aqui?

Cara apontou com o Agiel. – Aquilo… aquela figura. Aquele homem.

Fazendo uma careta de confusão, Jennsen olhou para Cara e para a areia que soprava.

– O que você vê? Richard perguntou.

Jennsen lançou as mãos ao ar em um gesto de frustração. – Races de Bico Negro. Cinco deles. Isso, e a areia cegante soprada pelo vento. Tem alguém lá? Você vê alguma pessoa chegando?

Ela não enxergava.

Tom tirou o arco e aljava da carroça e correu até o resto deles. Dois dos Races, como se notassem Tom correndo com o arco, levantaram uma asa e aumentaram o círculo. Eles deslizaram ao redor dele uma vez antes de desaparecerem dentro da escuridão. Os outros, porém, continuaram a circular, como se carregassem a forma flutuante na areia soprada abaixo deles.

Mais perto os Races chegavam, e a forma junto com elas. Richard não conseguia imaginar o que era, mas a sensação de

ameaça que aquilo causava rivalizava qualquer pesadelo.

O poder da espada emergindo através dele não tinha esse tipo de medo ou dúvida. Então porque ele sentia? Uma tempestade de magia interior, além de qualquer tempestade no deserto, espiralava subindo através dele, lutando para ser liberada. Com grande esforço, Richard conteve a necessidade, concentrou-a na tarefa de atender ao seu desejo caso ele escolhesse liberá-la. Ele era o mestre da espada e havia exercido conscientemente todas as vezes essa maestria. Pela reação da espada diante daquilo que as correntes de areia revelavam, não poderia existir dúvida na convicção de Richard sobre a natureza daquilo que estava diante dele. Então o que era isso que sentia vindo da espada?

Lá atrás, perto da carroça, um cavalo relinchou. Um rápido olhar sobre o ombro revelou Friedrich tentando acalmá-los. Todos os três cavalos empinaram puxando as cordas que ele segurava firme. Eles desceram batendo os cascos e bufando. Com o canto do olho, Richard viu duas faixas negras surgirem rapidamente da escuridão, planando logo acima do chão. Betty soltou um terrível balido.

E então, tão rapidamente quanto apareceram, elas partiram, desaparecendo de volta na escuridão.

– Não! – Jennsen gritou quando corria até os animais.

Diante deles, a forma imóvel observava. Tom esticou o braço, tentando parar Jennsen quando ela passava. Ela escapou dele. Por um momento, Richard ficou preocupado que Tom pudesse ir atrás dela, mas logo ele estava correndo até Richard.

Do meio da escuridão rodopiante, os dois Races apareceram repentinamente, tão perto que Richard conseguiu ver a penugem agitando-se através das penas de voo bem abertas ao vento. Deslizando para fora da tempestade de areia rodopiante para juntarem-se novamente ao círculo, cada uma carregava uma pequena e flácida forma branca em suas poderosas garras.

Tom chegou segurando o arco em uma das mãos e a aljava na outra. Fazendo sua escolha, Richard enfiou a espada na bainha e pegou o arco.

Com um movimento veloz ele curvou o arco e prendeu a corda. Tirou uma flecha da aljava de couro que Tom segurava em seu grande punho.

Quando Richard virou em direção ao alvo, ele já estava com a flecha pronta e estava puxando a corda.

De forma distante, pareceu bom sentir os músculos contraídos com o peso, contraídos com a corda do arco, carregando sua força para ser liberada.

Pareceu bom confiar em sua força, sua habilidade, suas infinitas horas de treino, e não ter que depender da magia.

A forma imóvel do homem que não estava ali parecia observar. Turbilhões de areia deslizavam sobre a forma, marcando o contorno. Richard olhou para a cabeça da forma além da ponta de aço da flecha. Como todas as lâminas, para Richard ela parecia confortadoramente familiar. Com uma lâmina em suas mãos, ele estava em seu elemento e não importava se era poeira de rocha que sua flecha arrancava, ou sangue. A flecha com ponta de aço estava centralizada no ponto vazio na curva de areia que formava a cabeça.

O grito estridente dos Races espalhava-se logo acima do rugido do vento.

Com a corda na bochecha, Richard saboreou a tensão em seus músculos, o peso do arco, as penas tocando sua carne, a distância entre a lâmina e o objetivo cheio de areia rodopiante, a força do vento contra o braço dele, o arco, e a flecha.

Cada um desses fatores e uma centena mais entravam em um cálculo interior que após uma vida de prática não requeria computação consciente e ainda assim decidia onde a ponta da flecha acertaria uma vez que ele chamasse o alvo.

A forma diante dele ficou observando.

Subitamente Richard ergueu o arco e chamou o alvo.

O mundo tornou-se não apenas imóvel mas silencioso para ele enquanto a distância parecia contrair-se. Seu corpo estava tão tensionado quanto o arco, a flecha tornando-se uma projeção de sua intenção concentrada, o alvo diante da flecha seu propósito de existir. Sua intenção consciente invocou a soma do cálculo necessário para conectar flecha e alvo.

A areia rodopiante pareceu diminuir a velocidade enquanto os Races, com as asas bem abertas, cortavam o ar espesso.

Não havia dúvida na mente de Richard daquilo que a flecha encontraria no final de uma jornada que estava apenas começando.

Ele sentiu a corda atingir o seu pulso. Viu as penas escaparem do arco acima de seu punho. O corpo da flecha flexionou levemente quando ela disparou e levantou voo.

Richard já estava pegando a segunda flecha da aljava no punho de Tom quando a primeira encontrou o alvo. Penas negras explodiram na madrugada carmesim. A ave desabou através do ar e com um baque surdo atingiu o chão não muito longe da forma que flutuava pouco acima do chão. A forma branca ensanguentada estava livre das garras, mas era tarde demais.

Os quatro Races restantes gritaram com fúria. Quando as aves batiam suas asas com força, procurando ganhar altura, uma mergulhou em direção a Richard soltando um grito estridente. Richard chamou o alvo.

A segunda flecha partiu.

A flecha atravessou a garganta aberta do Race e saiu por trás da cabeça, silenciando o grito furioso. O peso morto tombou ao chão.

A forma abaixo dos três Races restantes começou a dissolver na areia rodopiante.

As três aves remanescentes, como se abandonassem a sua tarefa, deram a volta, disparando em direção a Richard com intenção furiosa. Ele avaliou-as calmamente de trás das penas de sua flecha. A

terceira flecha estava voando. O Race no centro levantou sua asa direita, tentando mudar a direção, mas recebeu a flecha no coração. Rolando com asa sobre asa, espiralou descendo pela torrente de areia, chocando-se com o solo logo adiante de Richard.

As duas aves restantes, emitindo gritos desafiadores, mergulharam em direção a ele.

Richard puxou a corda até a bochecha, colocando a quarta flecha no alvo. A distância estava reduzindo rapidamente. A flecha estava voando em um instante. Ela atravessou o corpo do Race de Bico Negro que ainda segurava em suas garras o cadáver ensanguentado do pequeno filhote.

Com as asas para trás, o último Race furioso mergulhou até Richard. Assim que Richard pegou uma flecha da aljava que um impaciente Tom segurava, o grande D'Haran levantou sua faca. Antes que Richard pudesse preparar a flecha, a faca rasgou o predador. Richard deu um passo para o lado quando a ave enorme passou velozmente em um mergulho sem vida e atingiu o chão logo atrás dele. Conforme ela rolava, sangue espalhou-se pelas rochas e penas com pontas negras voaram para todo lado.

O amanhecer, que alguns momentos estivera cheio dos gritos de gelar o sangue dos Races de Bico Negro, subitamente estava silencioso a não ser pelo gemido do vento. Penas negras ergueram-se ao vento, flutuando pela extensão aberta sob um céu laranja amarelado.

Nesse momento, o sol irrompeu no horizonte, lançando longas sombras sobre o deserto.

Jennsen apertou contra os seios um dos flácidos gêmeos brancos. Betty, balindo tristemente, com sangue escorrendo de um corte em sua lateral, levantou sobre as patas traseiras tentando alcançar seu filhote imóvel nos braços de Jennsen. Jennsen curvou-se até o outro gêmeo que estava jogado no chão e depositou sua carga sem vida ao lado dele.

Betty lambeu as carcaças ensanguentadas apressadamente.

Jennsen abraçou o pescoço de Betty durante um momento antes de tentar levar a cabra para longe. Betty enterrou os cascos no chão, não querendo abandonar seus filhotes machucados. Jennsen não conseguiu fazer mais do que oferecer suas palavras consoladoras de amiga intercaladas com lágrimas.

Quando levantou, incapaz de afastar Betty de suas crias mortas, Richard acolheu Jennsen em seus braços.

– Porque os Races de repente fariam isso?

– Não sei. – falou Richard. – Então você não viu nada além dos Races?

Jennsen encostou em Richard, segurando o rosto em suas mãos, entregando-se às lágrimas por um momento. – Só vi as aves. – ela disse enquanto usava a parte de trás da manga para enxugar as bochechas.

– E aquela forma definida pela areia esvoaçando? – Kahlan perguntou quando colocava a mão confortadora no ombro de Jennsen.

– Forma? – ela olhou de Kahlan para Richard. – Que forma?

– Parecia com a forma de um homem. – Kahlan desenhou as curvas de um contorno no ar diante dela com as duas mãos. – Como o contorno de um homem usando uma capa com capuz.

– Não vi coisa alguma a não ser Races de Bico Negro e as nuvens de areia.

– E não viu a areia girando ao redor de alguma coisa? – Richard perguntou. – Não viu qualquer forma definida pela areia?

Jennsen balançou a cabeça de forma insistente antes de retornar ao lado de Betty.

– Se a forma envolvia magia, – Kahlan falou em tom confidencial para Richard. – ela não teria visto aquilo, mas porque não veria a areia?

– Para ela, a magia não estava lá.

– Mas a areia estava.

– A cor está ali em uma pintura mas uma pessoa cega não consegue enxergá-la, nem consegue ver as formas que as pinceladas, carregadas de cor, ajudam a definir. – ele balançou a cabeça admirado enquanto observava Jennsen. – Realmente não sabemos até que grau uma pessoa é afetada por outras coisas quando não conseguem perceber a magia que interage com essas outras coisas. Pelo que sabemos, poderia ser que a mente dela simplesmente falhe em reconhecer o padrão causado pela magia e apenas a leia como areia esvoaçando. Poderia ser até mesmo que, por causa da existência de um padrão na magia, só nós consigamos enxergar aquelas partículas de areia diretamente envolvidas com a definição do padrão, enquanto ela vê todas elas e assim o padrão subordinado fique perdido aos olhos dela.

– Poderia até ser alguma coisa parecida como era a Fronteira; dois mundos existindo no mesmo lugar ao mesmo tempo. Jennsen e nós poderíamos estar olhando para a mesma coisa, e enxergá-la através de olhares diferentes… através de mundos diferentes. – Kahlan assentiu quando Richard agachou sobre um joelho ao lado de Jennsen para inspecionar o ferimento em meio ao pelo castanho da cabra.

– Seria melhor costurarmos isso. – ele falou para Jennsen.

– Não é um risco para a vida, mas precisa de atenção.

Jennsen conteve as lágrimas quando Richard levantou. – Então foi magia… a coisa que você viu?

Richard ficou olhando para o local onde a forma havia surgido no meio da areia rodopiante. – Algo maligno.

Uma certa distância atrás deles, Rusty balançou a cabeça e relinchou mostrando simpatia com a inconsolável Betty. Quando Tom pousou a mão no ombro de Jennsen, ela segurou-a para ganhar força e levou-a até a bochecha.

Jennsen finalmente levantou, protegendo os olhos da poeira que soprava enquanto olhava para o horizonte. – Pelo menos estamos livres daqueles Races horríveis.

– Não por muito tempo. – disse Richard.

A dor de cabeça dele voltou a atacar com tanta força que quase o derrubou. Aprendera bastante sobre como controlar a dor, sobre como colocá-la de lado. Fez isso agora.

Havia preocupações maiores.

CAPÍTULO 7



Por volta do meio da tarde, enquanto eles caminhavam pelo deserto escaldante, Kahlan notou Richard observando cuidadosamente a sua sombra que alongava-se diante dele.

– O que foi? ela perguntou. – Qual é o problema?

Ele apontou para a sombra na frente dele. – Races. Dez ou doze. Acabaram de passar voando atrás de nós. Estão escondidos no sol.

– Escondidos no sol?

– Estão voando alto e no ponto onde a sombra deles cai sobre nós. Se olhássemos para o céu não conseguiríamos enxergá-los porque teríamos que olhar direto para o sol.

Kahlan virou e, com a mão protegendo os olhos, tentou ver por si mesma, mas era doloroso demais tentar olhar para cima em qualquer lugar perto do sol impiedoso. Quando olhou de volta, Richard, que não tinha virado para olhar junto com ela, outra vez balançou a mão apontando para as sombras.

– Se olhar atentamente para o chão ao redor da sua sombra, pode distinguir a distorção na luz. São eles.

Kahlan podia ter achado que Richard estava apenas divertindo-se com ela se esse não fosse um assunto tão sério como os Races. Ela vasculhou o chão em volta das sombras até que finalmente viu o que ele estava falando. A uma certa distância, as sombras dos Races eram pouco mais do que irregularidades ondulantes na luz.

Kahlan olhou para a carroça lá atrás. Tom estava conduzindo, com Friedrich sentado no assento ao lado dele. Richard e Kahlan estavam fornecendo aos cavalos um descanso de serem cavalgados, então eles estavam presos à carroça.

Jennsen sentava em cima de cobertores na parte de trás da carroça, confortando Betty enquanto ela balia sua tristeza.

Kahlan achava que a cabra não ficara em silêncio por mais do que um minuto ou dois o dia todo. O ferimento não era tão ruim; o sofrimento de Betty era causado por outra dor. Pelo menos a pobre cabra tinha Jennsen para consolo.

De acordo com o que Kahlan aprendera, Jennsen teve Betty durante metade da sua vida. Mudando de um lado para outro como ela e sua mãe faziam, fugindo de Darken Rahl, escondendo-se, ficando longe de pessoas para não revelarem-se e correrem o risco de que a notícia chegasse aos ouvidos de Darken Rahl, Jennsen nunca teve chance de fazer amigos de infância. A mãe dela obteve a cabra para fazer-lhe companhia. Em seu constante esforço para manter Jennsen longe das mãos de um monstro, isso foi o melhor que ela conseguiu oferecer.

Kahlan enxugou o suor ardente dos olhos.

Ela avistou as quatro penas negras que Richard pegara e prendeu no seu braço direito.

Ele recolheu as penas quando recuperou as flechas que ainda estavam boas. Richard deu a última pena para Tom por matar o quinto Race com a faca dele. Tom carregava esta pena como Richard, no braço. Tom considerava aquilo como uma espécie de troféu, entregue por Lorde Rahl.

Kahlan sabia que Richard usava suas quatro penas por uma razão diferente: era um aviso para que todos vissem.

Kahlan jogou o cabelo para trás por cima do ombro.

– Você acha que aquilo era um homem embaixo dos Races? Um homem nos observando?

Richard balançou os ombros. – Sabe mais de magia do que eu. Diga-me você.

– Nunca vi algo assim. – ela fez uma careta para ele. – Se era um homem… ou alguma coisa parecida, porque acha que ele finalmente decidiu revelar-se?

– Não acho que ele decidiu revelar-se. – os olhos cinzentos intensos de Richard desviaram em direção a ela. – Acho que foi um acidente.

– Como poderia ser um acidente?

– Se for alguém usando os Races para nos rastrear, e de alguma forma ele puder nos ver…

– Nos ver como?

– Não sei. Nos ver através dos olhos dos Races.

– Você não pode fazer isso com magia.

Richard fixou-a com um olhar penetrante. – Certo. Então o que era?

Kahlan olhou novamente para as sombras esticando-se diante deles na rocha de cor castanha, de volta para as pequenas formas borradas movendo-se ao redor da sombra da sua cabeça, como moscas em volta de um cadáver. – Não sei. O que você estava dizendo?… sobre alguém usar os Races para nos rastrear, para nos ver?

– Eu acho, – Richard falou – que alguém está nos observando, através dos Races ou com sua ajuda… ou alguma coisa assim… e na verdade eles não conseguem ver tudo. Não conseguem ver claramente.

– Então?

– Então, uma vez que ele não consegue ver claramente, acho que talvez ele não tenha percebido que houve uma tempestade de areia. Ele não antecipou o que a areia esvoaçante poderia revelar. Acho que ele não pretendia entregar-se. – Richard olhou para ela

novamente. – Acho que ele cometeu um erro. Acho que mostrou-se acidentalmente.

Kahlan soltou um controlado suspiro exasperado.

Não tinha argumento para uma ideia tão descabida.

Não era surpresa que ele não tivesse contado para ela a completa extensão da sua teoria. Ela estivera achando, quando ele disse que os Races estavam rastreando eles, que provavelmente uma teia fora lançada e então algum evento havia disparado ela… algo parecido com o toque inocente de Cara… e então aquele feitiço ficou conectado a eles, fazendo com que os Races sigam aquele marcador de magia. Então, como Jennsen havia sugerido, alguém estava simplesmente observando onde os Races estavam para ter uma boa ideia de onde Richard e Kahlan estavam. Kahlan pensara nisso nos mesmos termos da forma como Darken Rahl uma vez colocara uma nuvem rastreadora em Richard para saber onde eles estavam. Richard não estava pensando nos termos daquilo que aconteceu anteriormente; estava olhando para isso através do prisma de um Seeker.

Ainda havia várias coisas sobre a noção de Richard que não faziam sentido para ela, mas ela sabia que era melhor não desconsiderar o que ele pensava simplesmente porque nunca tinha ouvido falar de uma coisa assim.

– Talvez não seja "ele". – ela falou finalmente.

– Talvez seja "ela". Talvez uma Irmã do Escuro.

Richard lançou outro olhar para ela, mas esse foi mais preocupante do que qualquer outra coisa. – Seja lá quem for… seja lá o que for… não acho que isso pode ser alguma coisa boa.

Kahlan não podia discutir quanto a isso, mas ainda assim, ainda não conseguia conceber tal noção. – Bem, vamos considerar que seja como você acha que é… que avistamos ele nos espionando, por acidente. Então porque os Races nos atacaram?

Poeira subiu da bota de Richard quando ele casualmente chutou uma pequena pedra. – Não sei. Talvez ele simplesmente tenha ficado com raiva por ter se entregado.

– Estava com raiva, então fez com que os Races matassem os filhotes de Betty? E atacassem você?

Richard balançou os ombros. – Só estou fazendo uma suposição porque você perguntou; não estou dizendo que penso que seja isso. – As longas penas, vermelho sangue na base, transformando-se em um cinza escuro e então em negro na ponta, sacudiram nas rajadas de vento.

Enquanto pensava naquilo, seu tom ficou mais especulativo. – Poderia até ser que, seja lá quem for que estivesse usando os Races para nos observar não tivesse nada a ver com o ataque. Talvez os Races tenham decidido atacar por conta própria.

– Eles simplesmente tomaram as rédeas de seja lá quem fosse que os estava conduzindo?

– Talvez. Talvez ele possa enviá-los até nós para que possa dar uma espiada aonde estamos, para onde estamos seguindo, mas não consiga controlar eles mais do que isso.

Com frustração, Kahlan soltou um suspiro.

– Richard, – ela falou, incapaz de conter suas dúvidas – conheço muita coisa sobre todo tipo de magia e nunca ouvi falar que algo como isso seja possível.

Richard aproximou-se, novamente observando-a com aqueles olhos cinzentos arrebatadores. – Você sabe sobre todo tipo de coisas mágicas de Midlands. Talvez aqui eles tenham coisas que você nunca encontrou. Afinal de contas, você já tinha ouvido falar de um Andarilho dos Sonhos antes de encontrarmos Jagang? Ou ao menos pensou que uma coisa assim fosse possível?

Kahlan mordeu levemente o lábio inferior enquanto estudava a expressão sombria dele durante um longo tempo.

Richard não havia crescido perto de magia… tudo isso era novo para ele. Porém, de certas formas, isso era uma força, porque ele não tinha noções preconcebidas sobre o que era possível e o que não era. Às vezes, as coisas que eles encontraram não tinham precedentes.

Para Richard, praticamente toda a magia não tinha precedente.

– Então, o que você acha que deveríamos fazer? finalmente ela perguntou em voz baixa.

– O que planejamos. – ele olhou por cima do ombro para ver Cara patrulhando a uma boa distância ao lado esquerdo deles. – Isso tem que estar conectado com o resto.

– Cara só queria nos proteger.

– Eu sei. E quem sabe, talvez fosse pior se ela não tivesse tocado. Poderia até ser que fazendo o que fez, na verdade ela ganhou tempo para nós.

Kahlan engoliu em seco, diante da sensação de horror crescendo nela. – Acha que ainda temos tempo bastante?

– Pensaremos em alguma coisa. Ainda nem sabemos com certeza o que isso poderia significar.

– Quando a areia finalmente acaba em um relógio, geralmente significa que o ganso está assado.

– Encontraremos uma resposta.

– Promete?

Richard esticou o braço e acariciou gentilmente atrás do pescoço dela. – Prometo.

Kahlan adorava o sorriso dele, o modo como isso brilhava nos olhos dele. Em algum lugar no fundo de sua mente ela sabia que ele sempre cumpria suas promessas. Entretanto, os olhos dele mostravam algo mais, e isso impediu que ela perguntasse se ele acreditava que a resposta que prometera viria em tempo, ou ao menos se ela seria uma resposta que poderia ajudá-los.

– Você está com dor de cabeça, não está? – ela disse.

– Sim. – o sorriso dele sumiu. – É diferente de antes, mas tenho certeza que é causada pela mesma coisa.

O Dom. Era isso que ele queria dizer.

– O que você quer dizer com… diferente? E se é diferente, então o que faz você pensar que a causa é a mesma?

Ele pensou naquilo durante um momento. – Lembra quando eu estava explicando para Jennsen sobre como o Dom precisa ser equilibrado, como eu consigo o equilíbrio do combate que faço não comendo carne? – quando ela assentiu ele continuou. – Ficou pior desde então.

– Dores de cabeça, mesmo desse tipo, variam.

– Não… – disse ele, franzindo a testa enquanto tentava encontrar as palavras. – Não, foi quase como se falar a respeito… pensar a respeito… da necessidade de não comer carne para equilibrar o Dom de alguma forma acabasse fazendo com que isso viesse mais à tona, e tornasse as dores de cabeça piores.

Kahlan não gostou nem um pouco desse pensamento. – Está querendo dizer como se talvez o Dom dentro de você, que é a causa das dores de cabeça, esteja tentando reforçar em você a importância de equilíbrio naquilo que você faz com o Dom.

Richard deslizou os dedos pelo cabelo.

– Não sei. Tem mais coisa. Parece que simplesmente não consigo entender tudo isso. Às vezes quando eu tento, quando eu desço além da linha da razão, a respeito de como eu preciso equilibrar o combate que realizo, a dor começa a ficar tão ruim que não consigo manter o foco.

– E mais uma coisa, – ele adicionou. – pode haver um problema na minha conexão com a magia da espada.

– O quê? Como pode ser?

– Não sei.

Kahlan tentou manter o medo longe de sua voz.

– Tem certeza?

Ele balançou a cabeça, frustrado. – Não, eu não tenho certeza. Apenas pareceu diferente quando senti a necessidade e saquei a espada esta manhã. Foi como se a magia da espada estivesse relutante em atender à necessidade.

Kahlan avaliou aquilo por um momento. – Talvez isso signifique que as dores de cabeça são alguma coisa diferente, dessa vez. Talvez não sejam realmente causadas pelo Dom.

– Mesmo que alguma seja diferente, ainda acho que é causada pelo Dom. – ele falou. – Uma coisa que elas possuem em comum com a última vez é que estão ficando piores gradualmente.

– O que você quer fazer?

Ele levantou os braços para os lados e deixou eles descerem. – Por enquanto, não temos muita escolha… temos de fazer o que planejamos.

– Poderíamos procurar Zedd. Se for o Dom, como você pensa, então Zedd saberia o que fazer. Ele poderia ajudá-lo.

– Kahlan, você honestamente acredita que, em nome da Criação, temos qualquer chance de percorrer todo o caminho até Aydindril em tempo? Mesmo se não fosse o resto de tudo isso, se as dores de cabeça são causadas pelo Dom, eu estaria morto em semanas antes de conseguir viajar até Aydindril. E isso sem ao menos levar em conta o quanto deve ser difícil passar pelo exército de Jagang através de toda Midlands e especialmente pelas tropas nos arredores de Aydindril.

– Talvez ele não esteja lá agora.

Richard chutou outra pedra no caminho.

– Acha que Jagang vai deixar a Fortaleza do Mago e todo seu conteúdo… deixar tudo para nós usarmos contra ele?

Zedd era o Primeiro Mago. Para alguém com a habilidade dele, defender a Fortaleza do Mago não seria tão difícil. Ele também tinha Adie lá com ele para ajudar. A velha feiticeira, sozinha,

provavelmente poderia defender um lugar como a Fortaleza. Zedd sabia o que a Fortaleza significaria para Jagang, se ele conseguisse tomá-la. Zedd protegeria a Fortaleza não importa o que acontecesse.

– Não tem jeito de Jagang conseguir cruzar as barreiras naquele lugar, – Kahlan disse. Essa era uma preocupação que podiam deixar de lado. – Jagang sabe disso e não deve desperdiçar tempo mantendo um exército lá por nada.

– Você pode ter razão, mas isso ainda não faz bem algum para nós… é longe demais.

Longe demais. Kahlan segurou o braço de Richard e fez ele parar. – A *Sliph*. Se conseguirmos encontrar um dos poços dela, poderíamos viajar na *Sliph*. Se não conseguirmos, sabemos que tem um poço aqui no Mundo Antigo… em Tanimura. Mesmo esse é muito mais perto do que uma jornada sobre a terra até Aydindril.

Richard olhou para o norte. – Isso pode funcionar. Não teríamos que passar pelo exército de Jagang. Poderíamos sair direto dentro da Fortaleza. – ele colocou o braço em volta dos ombros dela. – Mas primeiro, temos que cuidar desse outro assunto.

Kahlan sorriu. – Está certo. Cuidaremos de mim primeiro, então vamos tomar conta de você.

Ela sentiu uma grande sensação de alívio que houvesse uma solução ao alcance. O resto deles não podia viajar na *Sliph*… não tinham a magia necessária… mas Richard, Kahlan e Cara certamente podiam. Eles poderiam sair direto na Fortaleza.

A Fortaleza era imensa, e tinha milhares de anos. Kahlan passara grande parte de sua vida lá, mas tinha visto apenas uma fração do lugar. Até mesmo Zedd não tinha visto tudo, por causa de alguns dos escudos que foram colocados lá era atrás por aqueles com os dois lados do Dom, e Zedd possuía apenas o lado Aditivo. Itens de magia raros e perigosos foram armazenados lá durante eras, junto com registros e incontáveis livros. A essa altura era possível que

Zedd e Adie tivessem encontrado alguma coisa na Fortaleza que ajudaria a repelir a Ordem Imperial de volta para o Mundo Antigo.

Ir até a Fortaleza não seria apenas um jeito de resolver o problema de Richard com o Dom, mas poderia fornecer a eles algo que precisavam para mudar a maré da guerra a seu favor.

De repente, ver Zedd, Aydindril, e a Fortaleza parecia estar a uma curta distância.

Com um senso de otimismo renovado, Kahlan apertou a mão de Richard. Ela sabia que ele queria continuar explorando adiante. – Eu voltarei para checar como está Jennsen.

Quando Richard seguiu em frente e Kahlan reduziu o passo, deixando que a carroça chegasse até ela, outra dúzia de Races de Bico Negro deslizaram nas correntes de ar bem alto acima do terreno ardente. Permaneceram perto do sol, e fora do alcance das flechas de Richard, mas ficaram entro do campo de visão.

Tom entregou um cantil para Kahlan quando a carroça sacolejante aproximou-se ao lado dela. Ela estava com tanta sede que bebeu a água quente sem importar-se como o gosto dela era ruim. Quando deixava a carroça passar, ela colocou uma bota no degrau de ferro e impulsionou o corpo subindo pelo lado.

Jennsen pareceu feliz com a companhia quando Kahlan entrou. Kahlan devolveu um sorriso antes de sentar ao lado da irmã de Richard e da tristonha Betty.

– Como ela está? – Kahlan perguntou, acariciando suavemente as orelhas felpudas de Betty.

Jennsen balançou a cabeça. – Nunca vi ela assim. Está partindo meu coração. Isso me faz lembrar do quanto foi difícil para mim quando perdi a minha mãe. Está partindo meu coração.

Quando sentou sobre os calcanhares, Kahlan apertou a mão de Jennsen solidariamente. – Sei que é difícil, mas é mais fácil para um animal irracional superar algo assim do que uma pessoa fazer o mesmo. Não compare isso com você e sua mãe. Triste como seja, é

diferente. Betty pode ter mais filhotes e ela esquecerá tudo sobre isso. Você ou eu jamais conseguiríamos.

Antes que as palavras terminassem, Kahlan sentiu uma repentina pontada de dor pela criança não nascida que havia perdido. Como poderia algum dia superar ter perdido a criança dela e de Richard? Mesmo que tivesse outras, jamais seria capaz de esquecer o que foi perdido nas mãos dos brutos.

Girou distraidamente a pequena pedra escura no colar que usava, imaginando se algum dia teria uma criança, imaginando se algum dia existiria um mundo seguro para uma criança deles.

– Você está bem?

Kahlan percebeu que Jennsen estava observando o rosto dela.

Kahlan forçou um sorriso. – Só estou triste por causa de Betty.

Jennsen passou a mão sobre a cabeça de Betty. – Eu também.

– Mas sei que ela ficará bem.

Kahlan observou a infinita extensão de chão deslizar lentamente de cada lado da carroça. Ondas de calor deixavam o horizonte líquido, com piscinas de chão desgarradas flutuando subindo até o céu. Mesmo assim, eles não viam nada crescendo. Entretanto, a terra estava subindo lentamente, conforme eles chegavam mais perto de distantes montanhas. Ela sabia que era apenas uma questão de tempo até alcançarem a vida novamente, mas nesse momento parecia que nunca alcançariam.

– Não entendo uma coisa. – Jennsen falou. – Você disse que eu não deveria fazer algo precipitado, quando tratava-se de magia, a não ser que eu tivesse certeza do que aconteceria. Falou que era perigoso. Disse para não agir em assuntos de magia até poder ter certeza das consequências.

Kahlan sabia aonde Jennsen queria chegar. – Isso mesmo.

– Bem, aquilo ali atrás pareceu muito com um daqueles golpes no escuro sobre os quais você me alertou.

– Eu também disse que às vezes você não tem escolha a não ser agir imediatamente. Foi isso que Richard fez. Conheço ele. Ele usou o seu melhor julgamento.

Jennsen pareceu estar satisfeita. – Não estou sugerindo que ele estava errado. Só estou dizendo que não entendo. Para mim aquilo pareceu bastante inconsequente. Como saberei o que você quer dizer quando me diz para não fazer algo inconsequente se envolver magia?

Kahlan sorriu. – Benvinda à vida com Richard. Metade do tempo eu não sei o que ele tem na cabeça. Várias vezes achei que ele estava agindo de forma inconsequente e acabou que era a coisa certa, a única coisa, que ele poderia ter feito. Isso é parte da razão pela qual ele é chamado de Seeker. Tenho certeza de que ele levou em conta coisas que sentiu que nem mesmo eu podia sentir.

– Mas como ele sabe essas coisas? Como ele pode saber o que fazer?

– Frequentemente ele fica tão confuso quanto você, ou até mesmo quanto eu. Mas ele também é diferente e tem certeza quando não deveria ter.

– Diferente?

Kahlan olhou para a jovem, para o cabelo vermelho dela brilhando na luz do sol da tarde. – Ele nasceu com os dois lados do Dom. Todos aqueles nascidos com o Dom nos últimos três mil anos nasceram apenas com Magia Aditiva. Alguns, como Darken Rahl e as Irmãs do Escuro, conseguiram ser capazes de usar Magia Subtrativa, mas somente através da ajuda do Guardião… não sozinhos. Somente Richard nasceu com Magia Subtrativa.

– Foi isso que você mencionou noite passada, mas eu não sei coisa alguma sobre magia, então eu não sei o que isso significa.

– Nós mesmos não temos exatamente certeza de tudo que isso significa. A Magia Aditiva usa o que está ali, e adiciona algo, ou altera de alguma forma. A magia da Espada da Verdade, por

exemplo, usa a raiva, e adiciona algo a ela, absorve poder dela, adiciona até que ela seja alguma outra coisa. Com Aditiva, por exemplo, o dotado pode curar.

– A Magia Subtrativa é a desconstrução das coisas. Pode pegar as coisas e transformá-las em nada. De acordo com Zedd, a Magia Subtrativa é a contraparte da Aditiva, como a noite é a contraparte do dia. Mesmo assim, tudo isso ainda é parte da mesma coisa.

– Comandar a Subtrativa, como Darken Rahl fez, é uma coisa, mas nascer com ela é outra coisa.

– Há muito tempo, diferente de agora, nascer com o Dom… os dois lados do Dom… era comum. A Grande Guerra então resultou em uma barreira que isolava o Novo Mundo do Antigo. Isso manteve a paz todo esse tempo, mas as coisas mudaram desde então. Após aquela época, aqueles nascidos com o Dom não apenas gradualmente tornaram-se incrivelmente raros, mas também aqueles que nasciam com o Dom não nasciam com a parte Subtrativa dele.

– Richard nasceu de duas linhagens de magos, Darken Rahl e seu avô Zedd. Ele também é o primeiro em milhares de anos a nascer com os dois lados do Dom.

– Todas as nossas habilidades contribuem para a forma como somos capazes de reagir às situações. Não sabemos como ter os dois lados contribui para a habilidade de Richard em analisar uma situação e fazer o que necessário. Suspeito que ele pode ser guiado por seu Dom, talvez mais do que ele acredita.

Jennsen soltou um suspiro, preocupada. – Afinal de contas, depois de todo esse tempo, como essa barreira foi derrubada?

– Richard a destruiu.

Jennsen levantou os olhos, surpresa. – Então é verdade. Sebastian disse que Lorde Rahl… Richard… havia derrubado a barreira. Sebastian falou que foi assim que Richard poderia invadir e conquistar o Mundo Antigo.

Kahlan sorriu diante de tão grandiosa mentira. – Não acredita nessa parte, não é?

– Não, agora não.

– Agora que a barreira caiu, a Ordem Imperial está entrando no Novo Mundo, destruindo ou escravizando tudo diante deles.

– Onde as pessoas podem viver que seja seguro? Onde nós podemos?

– Até que eles sejam detidos ou repelidos, não existe lugar seguro para viver.

Jennsen pensou durante um momento. – Se a queda da barreira permite que a Ordem Imperial entre para o Novo Mundo, porque Richard a teria destruído?

Com uma das mãos, Kahlan segurou no lado da carroça quando ela balançou em um trecho de solo irregular.

Ela olhou adiante, observando Richard caminhando através da luz brilhante do deserto.

– Por minha causa. – Kahlan falou com voz suave. – Um daqueles erros sobre os quais falei para você. – ela soltou um suspiro cansado. – Um daqueles golpes no escuro.

Capítulo 8



Richard agachou, descansando os antebraços nas coxas enquanto estudava a curiosa trilha de rochas. Sua cabeça estava latejando de dor; ele estava fazendo o melhor que podia para ignorá-la. A dor de cabeça viera e sumira aparentemente sem razão. Às vezes ele tinha começado a pensar que afinal de contas devia ser apenas o calor, e não por causa do Dom.

Enquanto estudava os sinais no chão, ele esqueceu a dor de cabeça.

Algo na rocha parecia familiar. Não apenas familiar, mas inquietantemente familiar.

Cascos cobertos por longos tufos de pelo marrom surgiram parando ansiosamente na frente dele.

Com o topo da cabeça, Betty tocou gentilmente no ombro dele, esperando por um lanchinho, ou pelo menos uma coçadinha.

Richard observou a expressão com longas orelhas caídas da cabra. Enquanto Betty olhava para ele observando-a, sua cauda balançava formando um borrão. Richard sorriu e coçou atrás das orelhas dela. Betty baliu mostrando prazer com a coçadinha, mas para ele parecia que ela teria preferido um lanchinho.

Depois de não comer durante dois dias enquanto jazia triste na carroça, a cabra parecia voltar à vida e começar a recuperar-se da perda de seus dois filhotes. Junto com seu apetite, a curiosidade de Betty havia retornado. Ela gostava especialmente de patrulhar com Richard, quando ele permitia que ela o acompanhasse. Ver a cabra trotando atrás dele como um filhotinho fazia Jennsen rir. Talvez o

que realmente a fizesse rir era que Betty estava voltando a ser ela mesma.

Nos dias recentes o terreno também tinha mudado. Eles começaram a ver o retorno da vida. No início, era simplesmente a descoloração ferruginosa de líquen crescendo na rocha fragmentada. Um pouco mais tarde, avistaram um pequeno arbusto espinhoso crescendo em um local baixo.

Agora plantas de superfície irregular cresciam em intervalos largamente espaçados, pontilhando o terreno. Betty gostava dos arbustos, devorando-os como se eles fossem a mais fina salada verde. De vez em quando os cavalos provavam do arbusto, então afastavam-se, jamais considerando-os de seu agrado.

Líquen que havia começado a crescer na rocha aparecia como crostas com bolhas e listras coloridas.

Em alguns lugares era escuro, grosso, e semelhante ao couro, enquanto em outros pontos não era mais do que algo quase parecendo com um cobertor de fina tinta verde.

O verde desbotado enchia fissuras e rachaduras e cobria a parte de baixo de rochas onde o sol não o destruía. Rochas que projetavam-se parcialmente para fora do solo pedregoso podiam ser erguidas para revelar finos tentáculos de fungo subterrâneo marrom escuro.

Pequenos insetos com longas antenas saltavam de uma rocha para outra ou escondiam-se em buracos no amontoado de pedras próximas ao solo que fazia parecer como se um dia ele tivesse fervido e borbulhado, e de repente tivesse virado pedra, deixando as bolhas para sempre no local. Um besouro verde ocasional, com largas pinças de mandíbula, deslizou pela areia. Pequenas formigas vermelhas empilhavam montes de terra em volta de seus buracos. Havia teias de aranhas parecidas com algodão nos espaços de arbustos isolados, pequenos, que cresciam esporadicamente pelo

terreno sempre ascendente. Esguios lagartos verdes ficavam em rochas desfrutando o sol, observando as pessoas passarem.

Se eles chegassem perto demais, as pequenas criaturas, velozes como um raio, corriam procurando abrigo.

Os sinais de vida que Richard avistara até a gora ainda estavam longe de serem qualquer coisa substancial o bastante para suportar pessoas, mas pelo menos era um alívio mais uma vez sentir como se ele estivesse reunindo-se ao mundo dos vivos. Ele também sabia que, subindo além da primeira parede de montanhas finalmente encontrariam vida em abundância. Sabia também que novamente começariam a encontrar pessoas.

Da mesma forma, aves estavam começando a tornar-se uma visão comum. A maioria eram pequenas… tentilhões cor de morango, toutinegras cinzentas, carriças e pardais de garganta negra. Ao longe Richard viu aves solitárias deslizando pelo céu azul, enquanto pardais reuniam-se em pequenos bandos. Aqui e ali, aves pousavam em arbustos finos, saltitando ao procurar sementes e insetos.

As aves desapareciam instantaneamente sempre que os Races estavam à vista.

Contemplando a extensão de rocha e terreno aberto diante dele, Richard levantou, surpreso, quando lhe ocorreu a razão pela qual aquilo parecia perturbadoramente familiar.

Ao mesmo tempo em que percebeu isso, a sua dor de cabeça evaporou.

À direita dele, Richard viu Kahlan, com Cara ao lado dela, seguindo em direção ao local onde Richard estava olhando fixamente para baixo, para a surpreendente extensão de rochas. A carroça, com Tom, Friedrich, e Jennsen, sacolejava a uma certa distância para o sul. A poeira levantada pela carroça e pelos cavalos pairava no ar morto e podia ser vista por milhas de distância. Richard imaginou que, com os Races fazendo a eles uma visita

periódica, a história da poeira não tinha muita importância. Mesmo assim, ele ficaria feliz quando chegassem a um terreno onde eles pudessem ao menos ter chance de tentar permanecer um pouco menos visíveis.

– Achou alguma coisa interessante? – Kahlan perguntou quando esfregava a manga na testa.

Richard atirou algumas pedrinhas descendo a extensão rochosa que estava estudando. – Diga o que você acha disso.

– Acho que você parece estar sentindo-se melhor. – Kahlan falou.

Com os olhos nos dele, ela mostrou seu sorriso especial, o sorriso que não oferecia a ninguém a não ser ele. Ele não conseguiu evitar um sorriso.

Cara, ignorando os sorrisos trocados entre Richard e Kahlan, inclinou o corpo para dar uma espiada. – Acho que Lorde Rahl esteve olhando para rochas demais. Isso é mais rocha, exatamente como todo o resto.

– É mesmo? – Richard perguntou. Apontou para a área que estivera estudando e então apontou para outro lugar perto de onde Kahlan e Cara estavam. – Essa é a mesma que aquela?

Cara olhou para as duas áreas rapidamente antes de cruzar os braços. – A rocha ali para onde você estava olhando tem apenas uma cor marrom mais clara, só isso.

Kahlan balançou os ombros. – Acho que ela tem razão, Richard.

Essa aqui parece o mesmo tipo de rocha, talvez apenas de uma cor um pouco mais escura, ela pensou durante um momento enquanto observava o chão, então adicionou à sua avaliação. – Acho que parece mais com a rocha em que estivemos caminhando durante dias até começarmos a encontrar um pouco de grama e arbustos.

Richard colocou as mãos nos quadris enquanto olhava de volta para o notável trecho de rocha que encontrou.

– Diga-me então, o que caracterizava a rocha no lugar onde estávamos antes… faz alguns dias, perto dos Pilares da Criação?

Kahlan olhou para uma Cara inexpressiva e então fez uma careta para Richard. – Caracterizava? Nada. Era um lugar morto. Nada crescia lá.

Richard sinalizou balançando a mão, indicando a terra pela qual eles estavam viajando agora. – E essa?

– Agora as coisas estão crescendo. – disse Cara, tornando-se gradativamente desinteressada no estudo dele da flora e fauna.

Richard levantou uma das mãos. – E ali?

– Nada está crescendo ali, ainda, – Cara falou soltando um suspiro exasperado. – tem um monte de lugares onde nada está crescendo ainda. Continua um deserto. Apenas tenha paciência, Lorde Rahl, e logo nós estaremos de volta entre campos e florestas.

Kahlan não estava prestando atenção naquilo que Cara estava dizendo; ela estava fazendo uma careta enquanto inclinava o corpo.

– O lugar onde as coisas começam a crescer parece começar repentinamente. – Kahlan disse, quase para si mesma.

– Isso não é curioso?

– Eu certamente acho. – falou Richard.

– Acho que Lorde Rahl precisa beber mais água. – Cara disparou.

Richard sorriu. – Aqui. Fique bem aqui, – ele disse para ela. – fique perto de mim e olhe novamente.

Cara, com sua curiosidade elevada, fez como ele pediu.

Ela olhou para o chão lá embaixo, e então ficou admirada com os lugares onde as coisas cresciam.

– A Madre Confessora tem razão. – a voz de Cara tinha assumido um tom decididamente metódico. – Acha que isso é importante? Ou de alguma forma perigoso?

– Sim… pelo menos, para a primeira pergunta. – Richard falou.

Ele agachou ao lado de Kahlan. – Agora, olhem para isso.

Quando Kahlan e Cara ajoelharam ao lado dele, inclinando para frente, olhando bem de perto para a rocha, Richard teve que afastar uma curiosa Betty para fora do caminho. Então ele apontou um caminho de líquen com listras amarelas.

– Olhem aqui, – ele disse. – estão vendo esse medalhão de líquen? Está desigual. Esse lado é arredondado, mas esse lado, perto de onde nada cresce, é plano.

Kahlan olhou para ele. – O líquen cresce em rochas com todo tipo de formatos.

– Sim, mas olhe como a rocha ali onde tem líquen e arbusto crescendo está toda pontilhada com pequenas coisas crescendo. Aqui, além do lado marcado do líquen, não há quase nada. A rocha quase parece lavada.

– Se olhar bem atentamente tem algumas coisinhas, coisas que começaram a crescer apenas nos últimos dois anos, mas elas ainda precisam realmente começar a ganhar firmeza.

– Sim, – Kahlan falou com voz cautelosa lentamente.– isso é estranho, mas não tenho certeza de onde você quer chegar.

– Olhe para onde as coisas estão crescendo, e onde não estão.

– Bem, sim, nesse lado não tem nada crescendo, e bem ali tem.

– Não olhe apenas aqui para baixo. – Richard levantou o queixo dela.

– Veja a fronteira entre as duas coisas… veja todo o padrão.

Kahlan observou a uma certa distância. De repente, a cor desapareceu do rosto dela.

– Queridos espíritos… – ela sussurrou.

Richard sorriu com o fato de que ela finalmente tivesse visto o que ele estava falando.

– O que vocês dois estão resmungando? – Cara reclamou.

Richard colocou a mão atrás do pescoço de Cara e direcionou a cabeça dela para que olhasse o que ele e Kahlan estavam vendo.

– Isso é esquisito. – ela disse, cerrando um pouco os olhos por causa da distância. – O lugar onde as coisas estão crescendo parece terminar em uma linha comparativamente limpa… como se alguém tivesse feito uma cerca seguindo para leste.

– Certo. – Richard falou quando levantou, esfregando as mão para limpá-las.

– Agora, vamos lá. – ele começou a caminhar para norte. Kahlan e Cara levantaram rapidamente e seguiram atrás enquanto ele marchava através da rocha sem vida.

Betty baliu e trotou atrás deles.

– Para onde vamos? – Cara perguntou quando alcançou ele.

– Apenas vamos lá. – Richard disse.

Por meia hora elas seguiram o passo firme dele enquanto seguia em linha reta para norte, por terreno rochoso e caminhos com cascalhos onde nada crescia. O dia estava escaldante, mas Richard quase não notava o calor, tão focado estava na extensão sem vida que estavam cruzando. Ele ainda não tinha checado o que jazia do outro lado, mas estava convencido do que encontrariam assim que chegassem lá.

As outras duas estavam suando profusamente enquanto seguiam atrás dele. Betty balia ocasionalmente quando levantava uma orelha.

Quando finalmente chegaram ao lugar que ele estava procurando, o lugar onde líquen e arbustos irregulares mais uma vez começaram a aparecer, ele as fez parar. Betty enfiou a cabeça entre Kahlan e Cara para dar uma olhada.

– Agora, olhem para isso. – Richard disse. – Estão vendo o que eu quero dizer?

Kahlan estava ofegante da caminhada acelerada sob o calor. Tirou o cantil do ombro e bebeu água. Entregou o cantil para

Richard. Ele observou Cara estudar o trecho de terreno enquanto bebia.

– As coisas voltam a crescer novamente aqui. – falou Cara. Ela coçou atrás da orelha de Betty distraidamente quando a cabra esfregou impacientemente a cabeça na coxa dela. – Elas começam a aparecer no mesmo tipo de linha como do outro lado, lá atrás, onde nós estávamos.

– Certo. – Richard disse, passando o cantil para Cara. – Agora, sigam-me.

Cara jogou os braços para cima. – Acabamos de vir daquele caminho!

– Vamos lá. – Richard chamou por cima do ombro.

Ele seguiu para o sul novamente, de volta em direção ao centro do caminho rochoso sem vida, com o pequeno grupo a reboque.

Betty baliu declarando seu desgosto com o passo da excursão quente e poeirenta. Se Kahlan ou Cara compartilhavam da opinião de Betty, elas não declararam.

Quando Richard julgou que eles estavam de volta a algum lugar no meio, ficou parado com os pés afastados, seus punhos nos quadris, e olhou para leste outra vez. De onde estavam, não conseguiam distinguir os lados da extensão sem vida, os lugares onde o crescimento iniciava.

Olhando para leste, porém, o padrão era evidente. Uma faixa claramente definida… com milhas de largura… seguia na distância.

Nada crescia dentro dos limites da faixa reta de deserto sem vida, quer fosse no solo rochoso ou arenoso. Para ambos os lados o solo com arbustos largamente espaçados e líquen crescendo na rocha era mais escuro. O lugar onde nada crescia era marrom mais claro. Ao longe a discrepância na cor era ainda mais evidente.

A faixa sem vida corria reta por milha após milha em direção às montanhas distantes, tornando-se gradualmente apenas uma

suave linha seguindo a elevação do solo até que, finalmente, na distância nebulosa, ela não podia mais ser vista.

– Está pensando no que estou pensando? – Kahlan perguntou em voz baixa, preocupada.

– O quê? – Cara perguntou. – No que você está pensando?

Richard estudou a preocupação confusa no rosto da Mord-Sith. – O que manteve os exércitos de Darken Rahl em D'Hara? O que impediu que ele, durante tantos anos, invadisse Midlands e a tomasse, mesmo que ele desejasse isso?

– Ele não podia atravessar a Fronteira. – Cara falou como se ele pudesse estar sofrendo de um ataque causado pelo calor.

– E do que era feita a Fronteira?

Finalmente, o rosto de Cara, emoldurado pela roupa negra do deserto, também ficou pálido. – A Fronteira era o Submundo?

Richard assentiu. – Era como um rasgo no Véu, onde o Submundo existia nesse mundo. Zedd nos falou a respeito disso. Ele ergueu a Fronteira com um feitiço encontrado na Fortaleza… um feitiço daquela época antiga da Grande Guerra. Uma vez levantada, a Fronteira era um lugar nesse mundo onde o mundo dos mortos também existia. Naquele lugar, onde os dois mundos tocavam-se, nada podia crescer.

– Mas tem certeza de que as coisas ainda não cresceriam lá? – Cara perguntou. – Afinal de contas, ainda era o nosso mundo… o mundo dos vivos.

– Seria impossível qualquer coisa crescer ali. O mundo dos vivos estava lá, naquele local… o chão estava lá… mas a vida não podia existir ali naquele solo porque ele dividia o mesmo espaço com o mundo dos mortos. Qualquer coisa ali seria tocada pela morte.

Cara olhou para a faixa reta sem vida que corria longe na distância escaldante. – Então você acha o quê?… que isso é uma Fronteira?

– Era.

Cara desviou do rosto dele, para Kahlan, e novamente para a distância. – Dividindo o quê?

Acima, um grupo de Races de Bico Negro entrou no campo de visão, deslizando nas altas correntes, fazendo círculos enquanto observavam.

– Não sei. – Richard admitiu.

Ele olhou para oeste outra vez, descendo a ladeira gradual afastando-se das montanhas, de volta para o lugar onde eles estiveram.

– Mas vejam, – Richard disse, apontado para o lugar através do deserto ardente de onde eles tinham vindo. – segue de volta em direção aos Pilares da Criação.

Assim como as coisas que cresciam ficavam escassas e eventualmente paravam de seguir de volta por aquele caminho, a faixa sem vida também. Ela tornava-se indistinguível do deserto ao redor porque não havia vida para marcar onde a linha estivera.

– Não há como dizer qual a distância que ela alcança. Pelo que sei, – falou Richard. – é possível que ela corra todo o caminho voltando até o próprio vale.

– Essa parte não faz sentido para mim. – Kahlan disse.

– Consigo entender o que você quer dizer a respeito de que talvez seja como as Fronteiras erguidas no Novo Mundo, as Fronteiras entre Westland, Midlands, e D'Hara. Isso eu entendo. Mas, que os Espíritos me levem, eu não entendo porque seguiria até os Pilares da Criação. Essa parte é mais do que estranha para mim.

Richard virou e observou de volta para leste, para onde eles estavam seguindo, para a cadeia de montanhas cinzentas erguendo-se de forma íngreme do chão do deserto, estudando a pequena fenda que estava um pouco ao norte de onde a linha de Fronteira corria em direção àquelas montanhas.

Ele olhou para o sul, para a carroça seguindo para aquelas montanhas.

– É melhor alcançarmos os outros, – finalmente Richard disse – preciso voltar a traduzir o livro.

CAPÍTULO 9



As espirais espectrais ao redor de Richard cintilavam ao constante toque do sol baixo. Na luz âmbar, enquanto ele observava as bordas abandonadas das enormes montanhas além, longas piscinas de sombra estavam escurecendo mais ainda sob as cores de manchas negro azuladas.

Os pináculos de rocha avermelhada projetavam-se como guardiões através dos pontos mais baixos dos desolados sopés, como se estivessem escutando o som ecoante dos passos dele pelas serpenteantes trilhas cheias de cascalhos.

Richard sentiu vontade de ficar sozinho para pensar, então partira para fazer um reconhecimento da área. Era difícil pensar quando pessoas estavam constantemente fazendo perguntas.

Estava frustrado que o livro ainda não tivesse revelado a ele qualquer coisa que ajudaria de alguma forma a explicar a presença da estranha linha de Fronteira, muito menos a conexão do título do livro, o lugar chamado Pilares da Criação, e as pessoas não dotadas como Jennsen. O livro, pelo menos no início que ele havia traduzido até agora, parecia em maior parte ser um registro histórico tratando de assuntos não antecipados envolvendo ocorrências de "Pilares da Criação", conforme eram chamados aqueles como Jennsen, e as tentativas sem sucesso de "curar" aqueles "desafortunados".

Richard estava começando a ter uma clara sensação de que o livro estava montando uma clara fundação de detalhes prévios em preparação para algo calamitoso. O cuidado quase extremo de recontar cada curso de ação possível que tinha sido investigado

transmitiu a ele uma sensação de que, seja lá quem fosse, o escritor do livro estava sendo atormentado por razões da consequências.

Sem ousar reduzir o passo deles, Richard estivera traduzindo enquanto seguia na carroça. O dialeto era levemente diferente do Alto D'Haran que ele estava usando para ler, então realizar a tradução era um processo lento, especialmente sentado no fundo da carroça saltitante. Ele não tinha como saber se o livro eventualmente ofereceria quaisquer respostas, mas ele sentia uma forte preocupação com o rumo que o relatório descoberto estava tomando. Teria pulado adiante, mas aprendeu no passado que fazer isso geralmente desperdiçava mais tempo do que economizava, uma vez que isso interferia na compreensão precisa de todo o quadro, o que às vezes conduzia a conclusões perigosamente errôneas. Simplesmente teria que continuar nesse ritmo.

Após trabalhar o dia todo, focado especialmente no livro, ele acabara com uma terrível dor de cabeça. Ficara dias sem elas, mas agora quando elas vinham parecia que ficavam cada vez piores. Não falou a Kahlan o quanto estava preocupado que não conseguisse chegar até o poço da *Sliph* em Tanimura. Além de trabalhar na tradução, ele estava forçando o cérebro tentando achar uma solução.

Ainda que não tivesse ideia de qual era a chave para as dores de cabeça geradas pelo Dom, tinha a perturbadora sensação e que isso estava dentro de si mesmo. Temia que fosse uma questão de equilíbrio que estava falhando em enxergar. Havia até mesmo refugiado-se quando saiu sozinho, uma vez, para sentar e meditar como as Irmãs uma vez o ensinaram para tentar concentrar-se no Dom em seu interior. Isso não surtiu efeito.

Logo estaria escuro e eles precisariam parar para dormirem. Já que o terreno tinha mudado, ver se a área ao redor estava limpa não era mais uma tarefa simples. Agora havia lugares onde um exército podia aguardar escondido. Com os Races no rastro deles, não havia como dizer quem podia saber onde encontrá-los. Além de

simplesmente querer uma pausa para pensar a respeito do que tinha lido e do que poderia encontrar dentro de si para responder o problema de suas dores de cabeça, Richard queria checar as redondezas pessoalmente.

Richard parou um momento para observar uma família de codornas, os jovens crescidos, corriam no trecho de chão aberto. Eles trotavam através do cascalho exposto em uma fila enquanto o pai, empoleirado sobre uma rocha, ficava vigiando. Logo que mergulharam dentro dos arbustos, estavam invisíveis novamente.

Pequenos pinheiros pontilhavam as colinas irregulares, barrancos, e projeções rochosas nas bordas das montanhas. Mais alto, nos declives próximos, grandes coníferas cresciam em larga abundância. Em locais baixos abrigados, grupos de arbustos jaziam em grossos amontoados. Grama fina cobria uma parte do terreno aberto.

Richard enxugou suor dos olhos. Esperava que com o sol descendo o ar pudesse esfriar um pouco. Quando seguia oculto pela base de um canal seco no encontro de duas colinas, ele segurou a alça do cantil, prestes a tomar um longo gole, quando movimento no lado de uma colina distante chamou sua atenção.

Ele deslizou para trás do abrigo de uma longa formação rochosa para ficar fora de vista. Espiando cuidadosamente, ele viu um homem descendo entre pedras soltas no lado de uma colina. O som de pedras esmagadas sob os pés dele e caindo pela ladeira gerava um eco distante através dos desfiladeiros rochosos.

Richard já esperava que, quando eles deixassem o deserto, pudessem começar a encontrar pessoas a qualquer momento, então fizera com que todos mudassem as roupas negras das pessoas nômades do deserto e voltassem a vestir suas roupas comuns de viagem. Embora ele estivesse usando calças negras e uma camisa simples, sua espada dificilmente passava despercebida. Kahlan, da mesma forma, colocara roupas simples que ficavam mais de acordo

com pessoas comuns do Mundo Antigo, mas em Kahlan elas não pareciam fazer muita diferença; era difícil esconder sua figura e seu cabelo, mas acima de tudo, sua presença. Assim que aqueles olhos verdes dela fixavam-se em uma pessoa, geralmente ela sentia que devia cair sobre um joelho e baixar a cabeça.

As roupas dela faziam pouca diferença.

Sem dúvida o Imperador Jagang tinha espalhado a descrição deles amplamente e oferecera uma recompensa grande o bastante que até mesmo os inimigos dele achariam difícil resistir. Porém, para muitos no Mundo Antigo, o preço da vida contínua sob o governo brutal da Ordem Imperial era alto demais. Independente da recompensa, havia muitos que desejavam viver livres e estavam dispostos a agir para alcançarem esse objetivo.

Também havia o problema da ligação que o Lorde Rahl tinha com o povo D'Haran; através daquele elo antigo forjado pelos ancestrais de Richard, os D'Harans podiam sentir onde estava o Lorde Rahl. A Ordem Imperial também poderia descobrir onde Richard estava através dessa ligação. Tudo que eles precisavam fazer era extrair a informação com a tortura de um D'Haran. Se alguém falhasse em falar sob tortura, eles não teriam vergonha em tentar com outros até conseguirem o que queriam.

Enquanto Richard observava, o homem solitário, assim que chegou ao fundo da colina, seguiu através do leito de cascalhos que lineavam o fundo dos barrancos rochosos. À direita de Richard a carroça e os cavalos estavam levantando um longo rastro de poeira. Era para lá que o homem parecia dirigir-se.

A essa distância era difícil dizer com certeza, mas Richard duvidava que o homem fosse um soldado. Ele também não seria um batedor, não em sua própria terra natal, e eles não estavam próximos dos locais da revolta contra o governo da Ordem Imperial.

Richard não achava que houvesse qualquer razão para que soldados viessem por esse caminho, por áreas desabitadas assim.

Afinal de contas, foi por isso que ele escolheu essa rota, seguindo para leste até a sombra das montanhas antes de virar para uma rota mais ao norte de volta para o lugar onde eles estiveram.

Também existia a possibilidade de que a ligação tivesse inadvertidamente revelado o paradeiro de Richard e um exército estivesse procurando por ele. Se o homem fosse um soldado, certamente em breve haveria muitos mais, como formigas, descendo das colinas.

Richard subiu o lado de trás de uma curta proeminência rochosa e deitou sobre o estômago, observando por cima do topo. Quando o homem chegou mais perto, Richard conseguiu ver que ele parecia jovem, cerca de trinta anos, um pouco magro, e não estava vestido como um soldado. Pelo modo como ele cambaleava, não estava acostumado com o terreno, ou talvez apenas não estivesse acostumado a viajar.

Era cansativo andar sobre um chão de rochas quebradas soltas, afiadas, especialmente se fosse sobre uma inclinação, uma vez que que ela jamais fornecia qualquer lugar sólido para um passo firme.

O homem parou, esticando o pescoço para dar uma espiada na carroça. Ofegando por causa do esforço de descer a ladeira, ele penteou seus cabelos louros para trás repetidamente com os dedos, então curvou-se e descansou uma das mãos sobre um joelho enquanto recuperava o fôlego.

Quando o homem endireitou o corpo e voltou a caminhar, esmagando o cascalho no fundo do córrego seco, Richard escorregou de volta descendo da pedra. Ele usou a camada interveniente do terreno e trechos com pinheiros para ocultar-se. Fazia uma pausa de vez em quando, conforme aproximava-se, para escutar os passos pesados e a respiração ofegante, checando sua estimativa de onde estaria o homem.

De trás de um muro de rocha independente com aproximadamente sessenta pés de altura, Richard espiou cautelosamente para dar uma olhada. Tinha conseguido encurtar a maior parte da distância sem que o homem percebesse a sua presença.

Richard moveu-se silenciosamente de árvores para rochas e para trás de barrancos, até estar logo a frente do homem e em sua linha de viagem.

Imóvel como pedra atrás de uma espiral retorcida de rocha avermelhada que projetava-se do chão partido, Richard escutou os sons de passos aproximando-se, escutou o homem ofegando enquanto subia dedos de rocha que jaziam em seu caminho.

Quando o homem estava a menos de seis pés de distância, Richard saiu bem na frente dele.

O homem engoliu em seco, apertando sua fina capa embaixo do queixo quando recuou um passo.

Richard observou o homem sem exibir emoção, mas por dentro o poder da espada fervilhava com a ameaça da fúria contida. Por um instante, Richard sentiu o poder falhar. A magia da espada suprimiu a percepção de perigo de seu mestre, então esse tipo de hesitação poderia ser porque o homem menor não parecia uma ameaça imediata.

As roupas do homem, calças marrons, camisa de linho, e um fino e desgastado casaco, tinham visto dias melhores. Parecia que ele enfrentara tempos difíceis em sua jornada… mas Richard também vestira roupas simples para não levantar suspeitas.

A mochila do homem parecia guardar pouca coisa.

Dois cantis, suas alças cruzadas sobre o peito, engrossando o casaco fino, estavam murchos. Ele não carregava arma que Richard avistasse, nem ao menos uma faca.

O homem aguardou com expectativa, como se temesse ser o primeiro a falar.

– Parece que você está seguindo em direção aos meus amigos. – Richard falou, apontando com a cabeça para a fina pluma dourada de poeira pairando como um farol na luz do sol sobre o terreno escuro, dando ao homem uma chance de explicar-se.

O homem, com olhos arregalados, ombros encolhidos, empurrou o cabelo para trás várias vezes. Richard permanecia diante dele como um pilar de pedra, bloqueando seu caminho. Os olhos azuis do homem desviaram para os dois lados, aparentemente checando para ver se tinha uma rota de fuga caso decidisse correr.

– Não quero fazer mal a você, – Richard disse. – só quero saber o que você pretende.

– O que pretendo?

– Porque está seguindo até a carroça?

O homem olhou em direção à carroça, que não estava visível além dos montes de rocha, e então para a espada de Richard, e finalmente nos olhos dele.

– Estou… procurando ajuda. – finalmente ele falou.

– Ajuda?

O homem assentiu. – Sim. Estou procurando por aquele cujo ofício é lutar.

Richard inclinou a cabeça. – Está procurando por algum tipo de soldado?

Ele engoliu em seco diante da expressão surpresa no rosto de Richard. – Sim, isso mesmo.

Richard balançou os ombros. – A Ordem Imperial tem muitos soldados. Tenho certeza de que se continuar procurando vai cruzar com um.

O homem balançou a cabeça. – Não. Eu procuro o homem de longe… de longe ao norte. O homem que veio trazer liberdade para muitas das pessoas oprimidas do Mundo Antigo. O homem que deu a todos nós a esperança de que a Ordem Imperial… que o Criador

perdoe os costumes mal orientados deles… será extirpada de nossas vidas para que possamos ficar em paz novamente.

– Sinto muito, – Richard disse. – não conheço ninguém assim.

O homem não pareceu desapontado com as palavras de Richard. Pareceu mais como se ele simplesmente não acreditasse nelas. Suas feições finas tinham aparência agradável, embora ele não parecesse convencido.

– Você acha que poderia… – o homem levantou um braço hesitante, apontando – pelo menos… deixar que eu tome um gole?

Richard relaxou um pouco. – Claro.

Tirou a alça do ombro e atirou o cantil para o homem. Ele o pegou como se fosse uma taça preciosa que temia deixar cair. Ele remexeu na tampa, finalmente conseguindo soltá-la, e começou a beber a água.

Ele parou abruptamente, baixando o cantil.

– Sinto muito. Eu não pretendia começar a beber toda a sua água de uma vez.

– Tudo bem. Richard fez sinal para que ele bebesse. – Tenho mais lá na carroça. Parece que você precisa disso.

Quando Richard enfiou um dedão atrás do largo cinto de couro, o homem baixou a cabeça agradecendo antes de colocar o cantil na boca para um longo gole.

– Onde ouviu falar sobre esse homem que luta pela liberdade? – Richard perguntou.

O homem baixou o cantil outra vez, seus olhos jamais desviando de Richard enquanto fazia uma pausa para recuperar o fôlego. – De muitas línguas. A liberdade que ele tem espalhado aqui no Mundo Antigo trouxe esperança para todos nós.

Richard sorriu por dentro por causa de como a chama da esperança de liberdade ardia até mesmo em um lugar sombrio como o coração do Mundo Antigo. Havia pessoas por toda parte que ansiavam pelas mesmas coisas na vida, por uma chance de viverem

suas vidas livres e através do seu próprio trabalho melhorarem a si mesmas.

Acima, um Race de Bico Negro, com as asas bem abertas, surgiu no campo de visão enquanto deslizava através do trecho de céu aberto sobre as elevações de rochas para cada um dos lados.

Richard não tinha seu arco, mas de qualquer modo o Race permaneceu fora de alcance.

O homem encolheu ao ver o Race do jeito que um coelho faria quando via um falcão.

– Sinto muito não poder ajudá-lo. – Richard falou quando o Race havia desaparecido. Ele checou lá atrás, na direção da carroça, além da colina próxima.

– Estou viajando com minha esposa e família, procurando trabalho, por um lugar para cuidarmos de nossos negócios.

O negócio de Richard era a revolução, se é que ele teria uma chance de que seu plano funcionasse, e havia muitas pessoas esperando por ele nessa preocupação. Porém, primeiro ele tinha problemas mais urgentes.

– Mas, Lorde Rahl, o meu povo precisa…

Richard deu meia volta. – Porque você me chamaria assim?

– Eu… eu sinto muito. – o homem engoliu em seco. – Não queria deixá-lo com raiva.

– O que faz você pensar que sou esse Lorde Rahl?

O homem balançou a mão para cima e para baixo na frente de Richard enquanto gaguejava, tentando encontrar palavras.

– Você, você, você apenas… é. Não consigo imaginar… o que mais quer que eu diga. Sinto muito se ofendi você sendo tão atrevido, Lorde Rahl.

Cara surgiu de trás de uma espiral rochosa. – O que temos aqui?

O homem suspirou de surpresa quando avistou-a enquanto recuava mais um passo, apertando o cantil contra o peito como se ele

fosse um escudo de aço.

Tom, com sua faca prateada na mão, saiu de um barranco atrás do homem, bloqueando o caminho caso o homem decidisse voltar correndo pelo caminho que viera.

O homem girou o corpo para ver Tom logo atrás. Quando ele finalmente virou de volta e viu Kahlan parada ao lado de Richard, ele soltou outro suspiro. Todos estavam vestindo roupas de viagem sujas, mas de algum modo Richard não imaginava que naquele momento eles pareciam com simples viajantes à procura de trabalho.

– Por favor,– o homem disse. – não quero fazer mal.

– Tenha calma. – Richard falou quando lançou um rápido olhar para Cara… suas palavras não eram direcionadas apenas ao homem mas para a Mord-Sith também. – Você está sozinho? Richard perguntou a ele.

– Sim, Lorde Rahl. Estou em uma missão para meu povo, exatamente como falei para você. É claro que sua natureza agressiva deve ser perdoada… eu não esperaria nada menos. Quero que você saiba que não guardo ressentimentos.

– Porque ele acha que você é o Lorde Rahl? Cara disse a Richard em um tom que soou mais como acusação do que pergunta.

– Ouvi as descrições. – o homem declarou.

Ainda apertando o cantil contra o peito, ele apontou com a outra mão. – E aquela espada. Ouvi falar sobre a espada de Lorde Rahl. – o olhar dele desviou cautelosamente para Kahlan. – E a Madre Confessora, é claro. – ele completou, baixando a cabeça.

– É claro. – Richard suspirou.

Ele estava esperando que tivesse que esconder a espada perto de estranhos, mas agora ele sabia o quanto isso seria importante sempre que eles entrassem em qualquer área povoada. A espada seria relativamente fácil de esconder. Kahlan, nem tanto. Pensou que talvez pudessem cobri-la com trapos e dizer que ela era uma leprosa.

O homem esticou o braço com cuidado, e entregou a Richard seu cantil. – Obrigado, Lorde Rahl.

Richard tomou um longo gole da água de gosto terrível antes de oferecê-la para Kahlan. Ela levantou o dela para que ele visse quando recusou com um simples balanço da cabeça. Richard tomou outro gole antes de recolocar a tampa e colocar a alça de volta sobre o ombro.

– Qual é o seu nome? – ele perguntou.

– Owen.

– Bem, Owen, porque não volta conosco até o acampamento para passar a noite. Ao menos podemos encher os seus cantis antes que siga seu caminho de manhã.

Cara estava quase bufando quando cerrou os dentes para Richard. – Porque você não deixa que eu apenas providencie para que…

– Acho que Owen tem problemas que nós todos podemos entender. Ele está preocupado com seus amigos e família. De manhã, ele pode seguir seu caminho, e nós podemos seguir o nosso.

Richard não queria o homem ali fora em algum lugar, no escuro, onde eles não poderiam manter os olhos nele facilmente como poderiam se ele estivesse no acampamento. De manhã seria muito fácil garantir que ele não os seguiria. Cara finalmente entendeu a intenção de Richard e relaxou. Ele sabia que ela iria querer qualquer estranho ao alcance de sua vista enquanto Richard e Kahlan estivessem dormindo.

Com Kahlan a seu lado, Richard começou a retornar para a carroça. O homem os seguiu, sua cabeça virando de um lado para outro, de Tom para Cara, e de volta para Tom.

Já que eles estavam retornando até a carroça, Richard terminou com a água que restava no seu cantil enquanto, logo atrás, Owen o agradecia pelo convite e prometia não causar problemas.

Richard pretendia certificar-se de que Owen mantivesse a sua promessa.

CAPÍTULO 10



Dentro da carroça, Richard mergulhou os dois cantis de Owen no barril que ainda tinha água.

Owen, sentado com as costas contra uma roda, olhava para Richard de vez em quando, observando com expectativa, enquanto Cara olhava seriamente para ele. Visivelmente Cara não gostava do sujeito, mas tão protetoras como eram as Mord-Sith, isso não significava necessariamente que aquilo estava garantido.

Por alguma razão, entretanto, Richard também não se importava com o homem. Não era que não gostasse dele, simplesmente não poderia tratar o sujeito calorosamente. Ele era educado e certamente não parecia ameaçador, mas tinha algo na atitude do homem que fazia Richard sentir-se… inquieto.

Tom e Friedrich partiram lenha seca que coletaram, alimentando a pequena fogueira. O maravilhoso aroma de pinheiro cobria o cheiro dos cavalos nas proximidades.

De tempos em tempos Owen lançava um olhar temeroso para Cara, Kahlan, Tom, e Friedrich. Porém, de longe ele parecia mais desconfortável com Jennsen. Tentava desviar os olhos dela, tentava não olhar para ela diretamente nos olhos, mas seu olhar continuava sendo atraído para o cabelo vermelho dela brilhando na luz do fogo. Quando Betty aproximou-se para investigar o estranho, Owen parou de respirar. Richard falou para Owen que a cabra só queria atenção. Owen deu tapinhas cautelosamente na cabeça de Betty como se a cabra fosse um Gar que pudesse arrancar seu braço se ele não fosse cuidadoso.

Jennsen, com um sorriso e ignorando o modo como ele olhava fixamente seu cabelo, ofereceu a Owen um pouco de sua carne seca.

Owen apenas ficou observando com olhos arregalados ela curvar-se sobre ele.

– Não sou uma bruxa. – ela falou para Owen. – As pessoas acham que meu cabelo vermelho é um sinal de que sou uma bruxa. Não sou. Posso garantir a você, eu não tenho magia.

O tom na voz dela surpreendeu Richard, lembrando a ele que havia ferro sob a graça feminina.

Ainda com olhos arregalados, Owen falou. – É claro que não. Eu, eu… apenas nunca vi… um cabelo tão bonito, só isso.

– Ora, obrigada. – falou Jennsen, o seu sorriso retornando. Outra vez ela ofereceu a ele um pedaço de carne seca.

– Sinto muito, – Owen disse pedindo desculpas educadamente. – mas prefiro não comer carne, se estiver tudo bem para você.

Rapidamente ele enfiou a mão no bolso, tirando uma bolsa de tecido com biscoitos secos. Ele forçou um sorriso para Jennsen enquanto oferecia os biscoitos.

– Não gostaria de comer um dos meus?

Tom ficou assustado, olhando com seriedade para Owen.

– Não, obrigada. – Jennsen falou quando afastava sua mão e sentava em uma rocha plana baixa. Ela conduziu Betty por uma orelha e fez ela deitar aos seus pés. – Seria melhor você comer os biscoitos se não quer a carne. – ela disse para Owen. – Temo que não tenhamos muita coisa que não seja carne.

– Porque você não come carne? – Richard perguntou.

Owen olhou por cima do ombro para Richard na carroça acima dele. – Não gosto do pensamento de machucar animais só para satisfazer meu desejo por comida.

Jennsen sorriu educadamente. – Esse é um sentimento muito bondoso.

Owen mostrou um sorriso antes que seu olhar fosse atraído novamente para o cabelo dela. – É só o modo como eu me sinto. – disse ele, finalmente desviando os olhos dela.

– Darken Rahl sentia-se do mesmo jeito. – falou Cara, virando o olhar sério para Jennsen. – Vi ele chicotear uma mulher até a morte porque pegou ela comendo uma salsicha nos corredores do Palácio do Povo. Para ele isso foi considerado um desrespeito aos seus sentimentos.

Jennsen ficou olhando surpresa.

– Outra vez, – Cara prosseguiu enquanto mastigava um pedaço de salsicha. – eu estava com ele quando fez a curva em uma esquina do lado de fora, perto dos jardins. Ele avistou um homem da cavalaria sobre o cavalo comendo uma torta de carne. Darken Rahl disparou um raio conjurado, arrancando a cabeça do cavalo do homem em um instante… tum, ela caiu na sebe. O homem conseguiu pousar em pé enquanto o resto do seu cavalo tombava. Darken Rahl aproximou-se, sacou a espada do homem, e com um rompante de fúria abriu a barriga do cavalo. Então ele agarrou o soldado por trás do pescoço e enfiou o rosto dele dentro das entranhas do cavalo, gritando para que ele comesse. O homem fez o melhor que podia, mas acabou sufocado nas vísceras quentes do cavalo.

Owen cobriu a boca enquanto fechava os olhos.

Cara balançou a salsicha como se apontasse para Darken Rahl parado diante dela. – Ele virou para mim, a chama apagada nele, e perguntou como as pessoas podiam ser tão cruéis comendo carne.

Jennsen, de boca aberta, perguntou. – O que você falou?

Cara encolheu os ombros. – O que eu podia falar? Disse a ele que não sabia.

– Mas então, porque as pessoas comeriam carne se ele era desse jeito? – Jennsen perguntou.

– A maior parte do tempo, ele não era. Comerciantes vendiam carne no Palácio e ele geralmente não se importava com isso.

Às vezes ele balançava a cabeça com desgosto, ou chamava eles de cruéis, mas normalmente ele nem ao menos notava isso.

Friedrich estava assentindo. – Esse era o problema com o homem… você nunca sabia o que ele faria. Podia sorrir para uma pessoa, ou fazer ela ser torturada até a morte. Você nunca sabia.

Cara olhou fixamente dentro das chamas baixas da fogueira na frente dela. – Não havia como prever de que modo ele reagiria a qualquer coisa. – a voz dela assumiu uma qualidade lenta, fantasmagórica. – Muitas pessoas simplesmente decidiam que era apenas uma questão de tempo até que ele as matasse também, e então elas viviam suas vidas como os condenados viveriam, esperando o machado descer, sem ver prazer algum na vida ou no pensamento de seus futuros.

Tom assentiu concordando com a avaliação de Cara sobre a vida em D'Hara enquanto jogava um pedaço de madeira seca no fogo.

– Era isso que você fazia, Cara? – Jennsen perguntou.

Cara levantou os olhos e fez uma careta. – Eu sou Mord-Sith. Mord-Sith sempre estão prontas para abraçar a morte. Não queremos morrer velhas e sem dentes.

Owen, beliscando seu biscoito seco como que por simples obrigação de comer uma vez que o resto deles estavam comendo, claramente estava abalado com a história. – Não consigo imaginar a vida com tamanha selvageria como todos vocês devem viver. Esse Darken Rahl tinha algum parentesco com você, Lorde Rahl? – de repente Owen pareceu achar que poderia ter cometido um erro, e teve pressa em amenizar sua pergunta. – Ele tem o mesmo nome…

então eu pensei, bem, só pensei… mas não quis dizer que achava que você era com ele…

Descendo da carroça, Richard entregou a Owen seus cantis cheios. – Ele era meu pai.

– Não pretendia afirmar nada com a pergunta. Jamais espalharia difamações sobre o pai de um homem intencionalmente, especialmente um homem que…

– Eu matei ele. – falou Richard.

Richard não sentiu vontade de entrar em detalhes. Afastou o simples pensamento de entrar em toda uma história terrível.

Owen olhou ao redor como se fosse um cervo cercado por lobos.

– Ele era um monstro, – disse Cara, parecendo sentir a necessidade de levantar-se em defesa de Richard. – agora o povo de D'Hara tem una chance de esperar por um futuro vivendo suas vidas como desejam.

Richard sentou ao lado de Kahlan. – Pelo menos farão isso se puderem ficar livres da Ordem Imperial.

De cabeça baixa, Owen mordiscava seu biscoito enquanto observava os outros.

Quando ninguém mais falou, Kahlan o fez. – Porque não conta para nós as suas razões para vir aqui, Owen.

Richard reconheceu o tom dela como o da Madre Confessora fazendo uma pergunta educadamente destinada a acalmar um peticionário assustado.

Ele baixou a cabeça respeitosamente. – Sim, Madre Confessora.

– Você conhece ela também? – Richard perguntou.

Owen assentiu. – Sim, Lorde Rahl.

– Como?

O olhar do homem desviou de Richard para Kahlan e de volta para ele.

– Notícias sobre você e a Madre Confessora tem se espalhado por toda parte. Notícias sobre o modo como você libertou o povo de Altur'Rang da opressão da Ordem Imperial são conhecidas bem longe e amplamente. Aqueles que procuram liberdade sabem que você é aquele que a fornece.

Richard franziu a testa. – O que você quer dizer com, eu sou aquele que a fornece?

– Bem, antes, a Ordem Imperial governava. Eles são brutais… perdoe-me, eles são mal orientados e não conhecem um caminho melhor. É por isso que o governo deles é tão brutal. Talvez não seja culpa deles. Isso não sou eu quem pode dizer. – Owen olhou para longe quando tentava encontrar palavras enquanto aparentemente enxergava suas próprias visões daquilo que a Ordem Imperial tinha feito para convencê-lo da brutalidade deles. – Então você veio e deu liberdade ao povo… exatamente como fez em Altur'Rang.

Richard passou uma das mãos pelo rosto. Precisava traduzir o livro, precisava descobrir o que estava por trás da coisa que Cara havia tocado e dos Races de Bico Negro seguindo eles, precisava voltar até Victor e aqueles que estavam engajados na revolta contra a Ordem, ele estava devendo uma visita a Nicci, e precisava lidar com suas dores de cabeça. Pelo menos, talvez Nicci pudesse ajudar com isso.

– Owen, eu não dou liberdade para as pessoas.

– Sim, Lorde Rahl.

Owen evidentemente considerou as palavras de Richard como algo contra o qual não ousava discutir, mas seus olhos claramente diziam que ele não acreditava nisso.

– Owen, o que você quer dizer quando fala pensar que eu dou liberdade para as pessoas?

Owen arrancou uma pequena mordida de seu biscoito enquanto olhava para os outros ao redor. Ele balançou os ombros em um movimento autoconsciente. Finalmente, ele limpou a garganta.

– Bem, você… você faz o que a Ordem Imperial faz… você mata pessoas. – ele balançou o biscoito de forma esquisita, como se ele fosse uma espada, golpeando o ar. – Você mata aqueles que escravizam as pessoas, e então você dá para as pessoas que foram escravizadas sua liberdade para que a paz possa retornar.

Richard deu um forte suspiro. Ele não tinha certeza se Owen queria dizer isso do jeito que saiu, ou se era apenas que ele estivesse tendo dificuldade de explicar-se na frente de pessoas que o deixavam nervoso.

– Não é exatamente desse jeito. – Richard disse.

– Mas foi por isso que você veio até aqui. Todos sabem disso. Você veio aqui ao Mundo Antigo para dar liberdade para as pessoas.

Com os cotovelos sobre os joelhos, Richard inclinou para frente esfregando as palmas enquanto pensava sobre o quanto ele queria explicar. Ele sentiu uma onda de calmaria quando Kahlan pousou uma gentil, confortadora, mão atrás do ombro dele. Ele não queria entrar no horror de como tinha sido levado prisioneiro e então afastado de Kahlan, achando que nunca mais a veria.

Richard colocou de lado todo o peso emocional daquela longa provação de lado e usou outra abordagem.

– Owen, eu sou lá do Mundo Novo…

– Sim, eu sei, – Owen falou enquanto assentia. – e veio até aqui para libertar as pessoas da…

– Não. Essa não é a verdade. Nós vivíamos no Mundo Novo. Uma vez estivemos em paz, aparentemente de forma parecida como o seu povo estava. O Imperador Jagang…

– O Andarilho dos Sonhos.

– Sim, o Imperador Jagang, o Andarilho dos sonhos, enviou seus exércitos para conquistar o Mundo Novo, escravizar nosso povo…

– Meu povo também.

Richard assentiu. – Eu entendo. Sei que horror isso é. Os soldados dele estão atacando o Novo Mundo, assassinando, escravizando nosso povo.

Owen virou seu olhar marejado para contemplar a escuridão enquanto assentia. – Meu povo também.

– Tentamos combatê-los, – Kahlan disse a ele. – mas a quantidade deles é demais. O exército deles é vasto demais para que nós os expulsemos de nossa terra.

Owen mordiscou seu biscoito outra vez, sem encarar o olhar dela. – Meu povo está aterrorizado com os homens da Ordem… que o Criador perdoe os seus costumes mal orientados.

– Que eles gritem em agonia por toda a eternidade na sombra mais escura do Guardião do Submundo. – Cara falou, corrigindo-o impiedosamente.

Owen ficou olhando de boca aberta diante de tal praga declarada em voz alta.

– Não conseguiríamos combatê-los desse jeito… simplesmente expulsando-os de volta para o Mundo Antigo. – Richard falou, atraindo o olhar de Owen de volta para ele enquanto prosseguia com a história. – Então eu estou aqui, na terra natal de Jagang, ajudando as pessoas que desejam ficar livres para remover os grilhões da Ordem. Enquanto ele está longe conquistando nossa terra, ele deixou sua própria terra natal aberta para aqueles que desejam a liberdade. Com Jagang e seus exércitos longe, isso nos dá uma chance de golpear na barriga macia de Jagang, de causar a ele um dano significativo.

– Estou fazendo isso porque é a única forma com que podemos combater a Ordem Imperial… nosso único meio para obter sucesso. Se eu enfraquecer a sua fundação, a sua fonte de homens e suporte, então ele terá que recuar com seu exército de nossa terra e retornar ao sul para defender a dele.

– A tirania não pode durar para sempre. Por sua própria natureza ela apodrece tudo que governa, inclusive a si mesma. Mas isso pode levar o tempo de gerações. Estou tentando acelerar esse processo para que eu e aqueles que amo possamos ficar livres durante nossas vidas… livres para vivermos nossas próprias vidas. Se pessoas suficientes se erguerem contra o governo da Ordem Imperial, isso pode até enfraquecer o poder de Jagang e derrubar ele e a Ordem.

– É assim que estou combatendo ele, como estou tentando derrotá-lo, como estou tentando tirar ele da minha terra.

Owen assentiu. – Isso é o que precisamos também. Somos vítimas do destino. Precisamos que você venha e tire os homens dele da nossa terra, e então afaste sua espada, seus costumes, de nosso povo para que possamos viver em tranquilidade novamente. Precisamos que você nos dê a liberdade.

A lenha estalou, enviando um redemoinho brilhante de centelhas em direção ao céu. Richard, de cabeça baixa, batia as pontas dos dedos. Não achava que o homem tivesse escutado ao menos uma palavra do que dissera. Eles precisavam descansar. Ele precisava traduzir o livro. Eles precisavam chegar onde estavam indo. Pelo menos ele não estava com dor de cabeça.

– Owen, sinto muito, – finalmente ele disse em voz baixa. – não posso ajudá-lo de uma forma tão direta. Mas gostaria que você entendesse que a minha causa é para seu benefício também, e que aquilo que estou fazendo eventualmente também fará Jagang recuar as tropas da sua terra natal do mesmo jeito, ou pelo menos enfraquecer a presença deles para que vocês mesmos possam expulsá-los.

– Não, – disse Owen. – os homens dele não deixarão a minha terra até que você venha e… – Owen fez uma careta. – e destrua eles.

A simples palavra, a implicação, pareceu enojar o homem.

– Amanhã, – Richard falou, sem importar-se mais em tentar parecer educado. – temos que seguir nosso caminho. Você também terá que seguir o seu. Desejo a você sucesso em livrar o seu povo da Ordem Imperial.

– Não podemos fazer uma coisa assim, – Owen protestou. Ele sentou bem ereto. – Não somos selvagens. Você e aqueles como você… os não esclarecidos… é tarefa sua fazerem isso e nos dar a liberdade, eu sou o único que pode levar vocês. Vocês devem chegar e fazer o que pessoas como vocês fazem. Devem fornecer ao nosso Império a liberdade.

Richard esfregou as pontas dos dedos na testa franzida. Cara começou a levantar. Um olhar de Richard fez com que ela sentasse novamente.

– Dei água para você, – Richard disse quando levantou. – não posso dar a você liberdade.

– Mas você deve…

– Turno duplo esta noite. – Richard falou quando virou para Cara, cortando Owen.

Cara assentiu uma vez enquanto sua boca curvava com um sorriso satisfeito de determinação de ferro.

– De manhã, – Richard completou. – Owen seguirá seu caminho.

– Sim, – ela disse, seu olhar azul feroz desviou para Owen. – ele certamente fará isso.

CAPÍTULO 11



– O que foi? – Kahlan perguntou enquanto cavalgava ao lado da carroça.

Richard parecia furioso com alguma coisa.

Então ela viu que ele tinha o livro em uma das mãos; a outra estava fechada bem firme. Ele abriu a boca, prestes a falar, mas quando Jennsen, no assento ao lado de Tom, virou para ver o que estava acontecendo, ao invés disso Richard falou para ela. – Kahlan e eu vamos checar a estrada subindo adiante. Mantenha os olhos em Betty para que ela não pule fora da carroça, está bem, Jenn?

Jennsen sorriu para ele e assentiu.

– Se Betty causar qualquer problema a você, – Tom disse. – apenas me avise e eu a levarei até uma senhora que conheço e que tem algumas salsichas de cabra.

Jennsen sorriu com a piada particular deles e aplicou em Tom uma leve cotovelada nas costelas. Quando Richard desceu pelo lado da carroça e caiu ao chão, ela estalou os dedos para a cabra que agitava a cauda.

– Betty! Fique aí mesmo. Richard não precisa de você atrás dele o tempo todo.

Betty, com os cascos dianteiros sobre o corrimão, baliu quando olhou para Jennsen, como se pedisse a ela para reconsiderar.

– Deite. – Jennsen falou em tom de advertência. – Deite.

Betty baliu e com relutância saltou de volta para dentro da carroça, mas ela não ficaria quieta por menos do que uma coçadela atrás das orelhas como um consolo antes de deitar.

Kahlan inclinou por cima do assento dela na sela e desamarrou as rédeas do cavalo de Richard da traseira da carroça. Ele pisou no estribo e graciosamente montou em um movimento habilidoso. Ela podia ver que ele estava agitado com alguma coisa, mas só olhar para ele fazia o coração dela cantar.

Ele lançou o peso para frente levemente, fazendo o cavalo avançar. Kahlan pressionou as pernas nos flancos do cavalo dela para andar a meio galope procurando acompanhar Richard. Ele cavalgava adiante, fazendo diversas curvas no terreno plano entre as colinas, até que alcançou Cara e Friedrich, em patrulha na dianteira.

– Nós vamos checar adiante por algum tempo, – ele disse a eles. – porque vocês não recuam e checam lá atrás?

Kahlan sabia que Richard estava enviando eles para trás porque se levasse Kahlan para trás com a desculpa de observar qualquer coisa que pudesse vir sobre eles por trás, Cara ficaria recuando para verificar eles. Se estivessem na frente, Cara não ficaria preocupada que eles ficassem para trás e acabassem perdidos.

Cara puxou as rédeas e deu meia volta. Suor colava a camisa de nas costas dela quando ela inclinou sobre a cernelha do cavalo, estimulando o avanço dela enquanto o cavalo de Richard disparava para longe. Independente dos tufos de grama alta pontilhando a base das colinas e ocasionais trechos esparsos de floresta, o calor ainda estava com eles. Agora, esfriava um pouco durante a noite, mas os dias eram quentes, com a humidade aumentando conforme as nuvem reuniam-se contra a parede de montanhas à direita deles.

De perto, a barreira de montanhas irregulares ao leste era uma visão intimidante. Paredes maciças de rocha erguiam-se acima projetando platôs carregados até a borda com rochas soltas caídas de platôs e muros ainda mais altos, como se toda a extensão estivesse desmoronando gradualmente. Com quedas de milhares de pés até a borda de projeções rochosas, escalar um tipo de pedregulho instável desse tipo seria impossível.

Se houvesse passagens através das rampas áridas, sem dúvida eram poucas e provariam ser difíceis.

Mas passar por aquelas montanhas cinzentas de rochas escaldantes que agora eles podiam ver, dificilmente era o maior problema.

Aquelas montanhas mais próximas espalhando-se a norte e sul no calor ardente no limite do deserto escondia parcialmente o que jazia do outro lado… uma cadeia muito mais assustadora de picos cobertos por neve elevando-se até bloquearem completamente qualquer passagem para leste. Aquelas montanhas imponentes estavam além da escala de qualquer uma que Kahlan já tinha visto. Nem mesmo a mais robusta das montanhas Rang'Shada em Midlands era páreo para essas. Essas montanhas eram como uma raça de gigantes.

Paredes rochosas erguiam-se direto milhares de pés. Rampas íngremes subiam livres de qualquer trilha ou fenda e eram tão árduas que poucas árvores conseguiam encontrar apoio. Elevados picos cobertos de neve que ascendiam majestosamente acima de nuvens castigadas por fortes ventos estavam tão próximos que lembravam a ela mais o longo fio dentado de uma faca do que cumes separados.

No dia anterior, quando Kahlan tinha visto Richard estudando aquelas imponentes montanhas, ela perguntara se ele achava que havia algum jeito de atravessá-las. Ele disse que não, que o único jeito que ele conseguia ver para chegar ao outro lado era possivelmente a fenda que avistara anteriormente, quando ele achou o lugar onde a estranha fronteira uma vez estivera, e aquela fenda ainda estava a uma certa distância ao norte.

Por enquanto, eles contornavam o lado seco das montanhas mais próximas conforme aquele conjunto seguia para o norte através das terras baixas cruzadas mais facilmente.

Pela base de uma suave colina coberta por tufos de gramado marrom, Richard finalmente reduziu o passo do cavalo. Ele virou na sela, checando que os outros ainda vinham, mesmo que a uma boa distância atrás.

Ele aproximou o cavalo ao lado dela. – Eu pulei adiante no livro.

Kahlan não gostou do som daquilo. – Quando perguntei porque você não pulava adiante, você disse que isso não era uma coisa sábia.

– Eu sei, mas eu realmente não estava chegando a lugar algum e precisamos de respostas. – Quando os cavalos deles entraram em uma confortável caminhada, Richard esfregou os ombros. – Depois de todo aquele calor não consigo acreditar no quanto está ficando frio.

– Frio? O que você…

– Sabe aquelas pessoas raras como Jennsen? – o couro da sela dele rangeu quando ele inclinou em direção a ela. – Aquelas nascidas intocadas pelo Dom… sem ao menos aquela pequena centelha do Dom? Os Pilares da Criação? Bem, na época em que esse livro foi escrito, elas não eram tão raras.

– Quer dizer que era mais comum elas nascerem?

– Não, aquelas que nasceram começaram a crescer, casar, e ter crianças… crianças não dotadas.

Kahlan olhou para ele surpresa. – Os elos quebrados na corrente do Dom que você estava falando?

Richard assentiu. – Elas eram crianças do Lorde Rahl. Naquela época, não era como tem sido nos tempos recentes com Darken Rahl, ou o pai dele. Pelo que posso dizer, todas as crianças do Lorde Rahl e sua esposa eram parte da família dele, e tratadas como tal, mesmo que tivessem nascido com esse problema. Parece que os magos tentaram ajudá-los… tanto os descendentes diretos, quanto as crianças deles, e suas crianças. Eles tentaram curá-los.

– Curá-los? Curá-los de quê?

Richard levantou os braços em um gesto inflamado de frustração. – De nascerem não dotados… de nascerem sem ao menos aquela pequena centelha do Dom como todos os outros possuem. Os magos daquele tempo tentaram restaurar os elos quebrados na cadeia.

– Como eles achavam que seriam capazes de curar alguém de não possuir ao menos a centelha do Dom?

Richard apertou os lábios enquanto pensava em um jeito de explicar. – Bem, sabe aqueles magos que enviaram você através da Fronteira para encontrar Zedd?

– Sim. – Kahlan falou com uma lentidão de suspeita.

– Eles não nasceram com o Dom… quer dizer, não nasceram. O que eles eram… segundos ou terceiros magos? Alguma coisa assim? Uma vez você me falou sobre eles.

Ele estalou os dedos quando lembrou. – Magos da Terceira Ordem. Certo?

– Sim. Somente um, Giller, era da Segunda Ordem. Nenhum foi capaz de passar nos testes para ser um mago da Primeira Ordem, como Zedd, porque eles não tinham o Dom. Ser magos era a vocação deles, mas eles não eram dotados no sentido convencional… mas eles ainda tinham aquela centelha do Dom que todos possuem.

– É disso que estou falando. – Richard disse.

– Eles não nasceram com o Dom para serem magos… apenas com a centelha dele como qualquer outra pessoa. Ainda assim, de algum modo Zedd os treinou para serem capazes de usar magia… de serem magos… mesmo que não tivessem nascido daquele jeito, nascido com o Dom para serem magos.

– Richard, isso levou uma vida de trabalho.

– Eu sei, mas o ponto é que Zedd foi capaz de ajudá-los a serem magos… pelo menos magos o suficiente para conseguirem passar nos testes dele e conjurar magia.

– Sim, eu suponho. Quando eu era jovem eles me ensinaram sobre os trabalhos de magia e a Fortaleza do Mago, sobre aquelas pessoas e criaturas com magia em Midlands. Eles podem não ter nascido com o Dom, mas trabalharam toda uma vida para tornarem-se magos. Eles eram magos. – ela insistiu.

A boca de Richard curvou com o tipo de sorriso que dizia que ela acabara de atingir a essência do argumento para ele. – Mas eles não nasceram com aquele aspecto, aquele atributo, do Dom. – ele curvou-se em direção a ela. – Zedd, além de treiná-los, deve ter usado magia para ajudá-los a tornarem-se magos, certo?

Kahlan franziu a testa com aquele pensamento. – Não sei. Eles nunca falaram sobre o treinamento deles para tornarem-se magos. Isso nunca foi pertinente no relacionamento deles comigo ou com meu treinamento.

– Mas Zedd tem Magia Aditiva. – Richard pressionou. – Aditiva pode mudar coisas, adicioná-las, torná-las mais do que são.

– Está certo. – Kahlan concordou cautelosamente. – Qual é o ponto?

– O ponto é que Zedd pegou pessoas que não nasceram com o Dom para serem magos e os treinou mas… o mais importante… ele também deve ter usado seu poder para ajudá-los durante aquele caminho alterando a forma como eles nasceram. Ele teve que adicionar algo ao Dom deles para torná-los mais do que eles nasceram para ser.

Richard olhou para ela quando seu cavalo contornava um pequeno pinheiro. – Ele alterou pessoas com magia.

Kahlan soltou um profundo suspiro quando desviava os olhos de Richard e mirava adiante o suave conjunto de colinas gramadas de cada lado deles, enquanto tentava captar totalmente o conceito do que ele estava dizendo.

– Nunca considerei isso, mas tudo bem. – finalmente ela falou. – Então, e daí?

– Pensávamos que somente os magos da antiguidade podiam fazer tal coisa, mas, aparentemente, isso não é uma arte perdida nem seria inteiramente improvável como eu tinha imaginado que os magos daquela época acreditassem que podiam transformar o que era, naquilo que eles achavam que devia ser. O que estou dizendo é que, da mesma forma que Zedd fez para dar às pessoas aquilo com o qual elas não nasceram, os magos antigos também tentaram dar às pessoas nascidas como Pilares da Criação uma centelha do Dom.

Kahlan sentiu um calafrio ao compreender. A implicação era assustadora. Não apenas os magos da antiguidade, mas Zedd também, usaram magia para alterar a própria natureza de pessoas, a própria natureza daquilo que elas eram, como tinham nascido.

Ela imaginava que ele somente os tinha ajudado a alcançar o que era a maior ambição deles na vida… sua vocação… aperfeiçoando aquilo com o qual eles já tinham nascido. Que ele os ajudara a alcançar todo o seu potencial. Mas aquilo era para homens que tinham o potencial inato. Ainda que os magos do passado provavelmente tivessem feito coisas similares para ajudar pessoas, às vezes eles também tinham usado seu poder por razões menos benevolentes.

– Então, – ela disse. – os magos daquela época, que tinham experiência em alterar as habilidades de pessoas, pensavam que essas pessoas chamadas de Pilares da Criação podiam ser curadas. Curadas de não terem nascido dotadas. – ela falou com um tom de incredulidade.

– Não exatamente. Eles não estavam tentando transformá-los em magos, mas pensaram que ao menos eles podiam ser curados de não terem aquela centelha infinitesimal do Dom que simplesmente os permitia interagir com magia.

Kahlan deu um forte suspiro. – E então o que aconteceu?

– Esse livro foi escrito depois que a Grande Guerra terminara… depois que a barreira tinha sido criada e o Mundo

Antigo havia sido isolado. Foi escrito depois que o Mundo Novo estava em paz, ou, pelo menos, depois que a barreira manteve o Mundo Antigo bloqueado.

– Mas lembra do que descobrimos? Que nós achamos que durante a guerra o Mago Ricker e sua equipe tinham feito alguma coisa para impedir que a habilidade da Magia Subtrativa fosse passada para os descendentes de magos? Bem, após a guerra, aqueles que nasciam com o Dom começaram a ficar gradativamente raros, e aqueles que nasciam assim estavam nascendo sem o lado Subtrativo.

– Então, depois da guerra, – ela disse. – aqueles que nasciam com o Dom para ambos os lados, Aditivo e Subtrativo, estavam rapidamente deixando de existir. Nós já sabíamos disso.

– Certo. Richard inclinou perto dela e levantou o livro. – Mas então, quando havia poucos magos nascendo, de repente os magos adicionalmente perceberam que tinham todos esses completamente não dotados… elos quebrados na cadeia da magia… em suas mãos. Subitamente, além do problema da queda gradual da taxa de nascimento daqueles que tinham o Dom para serem magos, eles encaravam aquilo que chamavam de Pilares da Criação.

Kahlan balançou na sela enquanto pensava nisso, tentando imaginar a situação na Fortaleza naquela época. – Posso ver que eles devem ter ficado bastante preocupados.

A voz dele baixou. – Eles estavam desesperados.

Kahlan puxou as rédeas, movendo-se atrás de Richard quando o cavalo dele deu a volta em uma antiga árvores caída que havia sido descolorada pelo sol escaldante.

– Então, eu suponho, – Kahlan perguntou quando movia o cavalo de volta para o lado dele. – que os magos começaram a fazer a mesma coisa que Zedd fez? Treinaram aqueles que tinham a vocação… aqueles que desejavam ser magos mas não tinham nascido com o Dom?

– Sim, naquela época, – Richard disse. – eles treinaram aqueles que tinham apenas Aditiva para serem capazes de usar Subtrativa também, como os magos completos daquele tempo. Entretanto, conforme o tempo passava, até mesmo isso estava sendo perdido, e eles só foram capazes de fazer o que Zedd fazia… treinar homens para serem magos mas eles só conseguiam usar Magia Aditiva.

– Mas o livro não é realmente sobre isso. – Richard falou enquanto fazia um gesto. – Isso era apenas um assunto paralelo para registrar o que eles tentaram. Eles iniciaram com confiança. Pensaram que esses Pilares da Criação poderiam ser curados de serem completamente não dotados, de forma semelhante como magos com apenas a Magia Aditiva podiam ser treinados para usar os dois lados da magia, e aqueles sem o Dom para a magia podiam ser transformados em magos capazes de usar ao menos o lado Aditivo.

A maneira como ele usava as mãos ao falar fazia ela lembrar do modo como Zedd fazia quando ficava empolgado. – Eles tentaram modificar a própria natureza de como aquelas pessoas tinham nascido. Tentaram pegar pessoas sem qualquer centelha do Dom, e alterá-las em uma tentativa desesperada de dar a elas a habilidade de interagir com a magia. Não estavam apenas adicionando ou aperfeiçoando, estavam tentando criar algo do nada.

Kahlan não estava gostando daquela ideia. Eles sabiam que naqueles tempos antigos os magos tinham grande poder, e eles alteraram pessoas com o Dom, manipularam o Dom delas, para adequá-lo a um propósito específico.

Criaram armas usando pessoas.

Na Grande Guerra, os ancestrais de Jagang eram um tipo de arma assim: Andarilhos dos Sonhos. Andarilhos dos Sonhos eram criados para conseguirem tomar as mentes de pessoas no Mundo Novo e controlá-las. No desespero, a ligação do Lorde Rahl foi

criada para combater aquela arma, para proteger as pessoas dos Andarilhos dos Sonhos.

Variado número de armas humanas foram conjuradas a partir dos dotados. Tais mudanças geralmente eram profundas, e eram irreversíveis. Às vezes, as criações eram monstros de crueldade sem limite. Dessa herança, Jagang havia nascido.

Durante aquela Grande Guerra, um dos magos que foi julgado por traição recusou-se a revelar que dano ele havia causado. Quando até mesmo a tortura falhou em obter a confissão do homem, os magos conduziram o julgamento voltado aos talentos de um mago chamado Merritt e ordenaram a criação de uma Confessora. Magda Searus, a primeira Confessora, extraiu a confissão do homem. O tribunal ficou tão contente com os resultados da conjuração do Mago Merritt que pediram que uma ordem de Confessoras fosse criada.

Kahlan não sentia de forma diferente como qualquer outra pessoa sentia, não era menos humana, nem menos mulher, não amava menos a vida, mas seu poder de Confessora era resultado daquela conjuração. Ela também era uma descendente de mulheres alteradas para serem armas… nesse caso, armas destinadas a encontrar a verdade.

– Qual é o problema? – Richard perguntou.

Ela levantou os olhos e viu a expressão de preocupação no rosto dele. Kahlan forçou um sorriso e balançou a cabeça indicando que não era nada.

– Então, o que foi que você descobriu pulando adiante no livro?

Richard soltou um forte suspiro enquanto pousava as mãos sobre o pomel da sela. – Essencialmente, eles estavam tentando usar cores para ajudar pessoas que nasceram sem olhos… a enxergar.

De acordo com o entendimento de Kahlan sobre magia e história, isso era fundamentalmente diferente até mesmo dos

experimentos mais malevolentes de transformar pessoas em armas. Mesmo na mais vil dessas instâncias, eles estavam tentando remover algum atributo da humanidade delas e ao mesmo tempo adicionar ou aperfeiçoar uma habilidade elemental. Em nada disso eles estavam tentando criar o que não existia ali.

– Em outras palavras, – Kahlan resumiu. – eles falharam.

Richard assentiu. – Então, aqui estavam eles, a Grande Guerra havia terminado fazia muito tempo e o Mundo Antigo… aqueles que tinham desejado acabar com a magia, de forma semelhante como a Ordem Imperial… estava seguramente isolado além da barreira que fora criada. Agora eles descobriram que a taxa de nascimento daqueles que carregavam o Dom para serem magos está caindo, e que a magia engendrada pela Casa de Rahl, a ligação com o povo dele projetada para impedir que os Andarilhos dos Sonhos dominassem eles, tem uma consequência inesperada… ela também faz nascer os completamente não dotados, que são uma irreversível quebra na linhagem da magia.

– Então eles estão com dois problemas. – disse Kahlan.

– Menos magos estão nascendo para lidar com problemas de magia, e estão com pessoas nascendo sem qualquer conexão com a magia.

– Isso mesmo. E o segundo problema estava crescendo mais rápido que o primeiro. No começo, eles achavam que encontrariam uma solução, uma cura. Não encontraram. Pior, como eu expliquei antes, aqueles que nasceram totalmente não dotados, como Jennsen, sempre geram crianças do mesmo jeito que eles. Em poucas gerações, o número de pessoas sem o elo com o Dom estava crescendo mais rápido do que qualquer pessoa esperava.

Kahlan soltou um suspiro. – Certamente desesperador.

– Isso estava tornando-se caos.

Ela prendeu para trás um tufo de cabelo solto. – O que eles decidiram?

Richard observou-a com uma daquelas expressões que diziam a ela que ele estava bastante perturbado com o que encontrara.

– Eles escolheram a magia ao invés das pessoas. Eles decidiram que esse atributo… a magia, ou aquele que a possuía… era mais importante do que a vida humana. – a voz dele aumentou. – Aqui eles pegaram exatamente a coisa pela qual lutaram durante toda a guerra, o direito daqueles que nasceram do jeito que nasceram… nesse caso as pessoas que nasceram com magia… à sua própria vida, a existir, e mudaram tudo do avesso de forma que esse atributo era mais importante do que a vida que o continha!

Ele suspirou e baixou a voz. – Havia pessoas demais para executar, então fizeram a segunda melhor coisa… baniram eles.

As sobrancelhas de Kahlan levantaram. – Baniram eles? Para onde?

Richard inclinou em direção a ela com fogo nos olhos.

– O Mundo Antigo.

– O quê!?

Richard balançou os ombros, como se falasse em nome dos magos daquela época, zombando do raciocínio deles.

– O que mais eles podiam fazer? Mal podiam executá-los; eram amigos e parentes. Muitas daquelas pessoas normais com a centelha do Dom… mas que não eram dotadas como magos ou feiticeiras e assim não consideravam a si mesmos como dotados… tiveram filhos, filhas, irmãos, irmãs, tios, tias, primos, vizinhos que casaram com esses completamente não dotados, esses Pilares da Criação. Eles eram parte de uma sociedade… uma sociedade que estava menos e menos populada pelos verdadeiramente dotados.

– Em uma sociedade onde eles estavam crescentemente em menor número e não recebiam confiança, os dotados governantes não podiam condenar todas essas pessoas contaminadas à morte.

– Você quer dizer que eles ao menos consideraram fazer isso?

Os olhos de Richard disseram a ela que eles tinham considerado isso e o que ele achava da ideia. – Mas no final, eles não conseguiram. Ao mesmo tempo, depois de tentar tudo, agora eles percebiam que não conseguiriam ao menos restaurar o elo com a magia uma vez que ele estava quebrado por aquelas pessoas, e aquelas pessoas estavam casando e tendo crianças, e as crianças estavam casando e tendo crianças… que em todos os casos passavam adiante essa contaminação. E, aqueles tão contaminados estavam aumentando em números mais rápido do que qualquer um tinha imaginado.

– Conforme a preocupação dos dotados, seu mundo estava ameaçado, de forma muito semelhante como estivera ameaçado pela guerra. Afinal de contas, era isso que aqueles no Mundo Antigo estiveram tentando fazer… destruir a magia… e aqui estava, justamente a coisa que eles temiam, acontecendo.

– Eles não podiam reparar o dano, não podiam impedir que isso se espalhasse, e não podiam condenar à morte todos aqueles entre eles. Ao mesmo tempo, com a contaminação multiplicando-se, sabiam que o tempo deles estava acabando. Então, concentraram-se naquilo que para eles era a única saída… banimento.

– E eles podiam atravessar a barreira? ela perguntou.

– Aqueles que tinham o Dom, para todos os propósitos práticos, estavam impedidos de cruzar a barreira, mas para aqueles que eram Pilares da Criação, a magia não existia; não eram afetados por ela, então, para eles, a barreira não era um obstáculo.

– Como aqueles que estavam no comando tinham certeza que pegaram todos os Pilares da Criação? Se algum escapasse, o banimento falharia em resolver o problema deles.

– Aqueles com o Dom… magos e feiticeiras… de alguma forma podem reconhecer os completamente não dotados por aquilo que eles são: buracos no mundo, como Jennsen falou que aqueles como ela eram chamados. Os dotados podem vê-los, mas não sentir

eles com seu Dom. Aparentemente, não era um problema saber quem eram os Pilares da Criação.

– Você consegue ver qualquer diferença? – Kahlan perguntou.

– Consegue sentir Jennsen como algo diferente? Como um buraco no mundo?

– Não. Mas eu não fui ensinado a usar a minha habilidade. E quanto a você?

Kahlan balançou a cabeça. – Não sou uma feiticeira, então acho que não tenho a habilidade para detectar pessoas do tipo dela. – ela ajeitou o corpo na sela. – Então, o que aconteceu com aquelas pessoas naquela época?

– O povo do Mundo Novo reuniu todos os descendentes não dotados da Casa de Rahl e cada um dos descendentes deles, e enviaram todo o grupo cruzando a grande barreira, para o Mundo Antigo, onde as pessoas tinham afirmado que desejavam que a humanidade fosse livre da magia.

Richard sorriu com a ironia, mesmo de um evento tão horrível quanto esse. – Os magos do Mundo Novo, em essência, deram ao seu inimigo no Mundo Antigo exatamente o que eles declaravam querer, aquilo por que estiveram lutando: humanidade sem magia.

O sorriso dele desapareceu. – Consegue imaginar decidir que nós tínhamos que banir Jennsen e enviá-la para algum lugar assustador desconhecido, simplesmente por causa do fato de que ela não consegue enxergar a magia?

Kahlan balançou a cabeça enquanto tentava visualizar um momento assim. – Que horror, ser erradicado e mandado embora, especialmente para o inimigo do seu próprio povo.

Richard cavalgou em silêncio durante algum tempo. Finalmente, ele continuou com a história. – Foi um evento terrível para aqueles que foram banidos, mas também foi traumático quase

além do suportável para aqueles que ficaram. Consegue ao menos imaginar como deve ter sido? Todos aqueles amigos e parentes repentinamente arrancados da sua vida, da sua família? O transtorno para o comércio e a subsistência? as palavras de Richard surgiram com amarga finalidade. – Tudo porque eles decidiram que algum atributo era mais importante do que a vida humana.

Só de ouvir a história, Kahlan sentiu como se estivesse passando por uma agonia. Ela observou Richard cavalgando ao lado dela, olhando para o vazio, perdido em seus próprios pensamentos.

– E então? finalmente ela perguntou. – Eles tiveram notícias daqueles que foram banidos?

Ele balançou a cabeça. – Não, nada. Agora eles estavam além da grande barreira. Eles se foram.

Kahlan acariciou o pescoço do cavalo, só para sentir o conforto de algo vivo. – O que eles fizeram a respeito daqueles que nasceram depois disso?

Ele ainda contemplava o vazio. – Mataram eles.

Kahlan engoliu em seco com repulsa. – Não consigo pensar como eles puderam fazer isso.

– Podiam dizer, assim que a criança nascia, se ela não era dotada. Diziam que era mais fácil assim, antes que ela ganhasse um nome.

Kahlan perdeu a voz durante um momento.

– Mesmo assim, – ela disse com uma voz fraca. – não consigo imaginar isso.

– Não é diferente do que as Confessoras faziam a respeito do nascimento de Confessores.

As palavras dele a machucaram. Ela odiava as lembranças daqueles tempos. Odiava a lembrança de uma criança masculina nascer de uma Confessora. Odiava a lembrança deles sendo condenados à morte por ordem da mãe.

Diziam que não havia escolha. Confessores no passado não tiveram autocontrole com o seu poder. Tornaram-se monstros, iniciaram guerras, causaram sofrimento inimaginável.

Foi argumentado que não havia escolha a não ser condenar à morte uma criança masculina de uma Confessora, antes que recebessem nome.

Kahlan não conseguia olhar nos olhos de Richard. A mulher bruxa, Shota, tinha previsto que ela e Richard conceberiam uma criança masculina. Nem Kahlan nem Richard jamais consideraria ao menos um instante ferir qualquer criança deles, uma criança resultante do seu amor um pelo outro, do seu amor pela vida. Ela não conseguia imaginar condenar uma criança deles à morte por ter nascido uma criança masculina dela, sendo ela uma Confessora, ou uma criança masculina ou feminina não dotada de Richard por ser um Rahl.

Como alguém poderia dizer que uma vida assim não tinha direito a existir por causa de como ela era, do que ela era, ou do que ela poderia tornar-se.

– Em algum lugar nas linhas depois que esse livro foi escrito, – Richard falou em voz baixa, – as coisas mudaram. Quando esse livro foi escrito, o Lorde Rahl de D'Hara sempre casou, e eles sabiam quando ele produzia um descendente. Quando a criança era completamente não dotada, eles acabavam com a vida dela da forma mais misericordiosa que podiam.

– Em algum ponto, magos governantes da Casa de Rahl tornaram-se como Darken Rahl. Tomavam qualquer mulher que desejavam, sempre que desejavam. Os detalhes, como se uma criança não dotada nascida desses relacionamentos era na verdade um Pilar da Criação, deixaram de ter importância para eles. Eles simplesmente matavam qualquer descendente, exceto o herdeiro dotado.

– Mas eles eram magos… poderiam dizer quais eram daquele jeito e pelo menos não matar o resto.

– Se eles quisessem, suponho que poderiam ter feito isso, mas, como Darken Rahl, o único interesse deles era o herdeiro dotado. Eles simplesmente matavam o resto.

– Então, esse descendente escondeu-se temendo por sua vida e um conseguiu escapar das garras de Darken Rahl até que você o matou primeiro. E então você tem uma irmã, Jennsen.

O sorriso de Richard retornou. – E assim eu tenho.

Kahlan seguiu o olhar dele e viu manchas distantes, Races de Bico Negro, observando, enquanto subiam nas correntes de ar ascendentes dos altos penhascos das montanhas ao leste.

Ela inspirou profundamente o ar húmido e quente.

– Richard, aqueles descendentes não dotados que foram banidos para o Mundo Antigo, acha que eles sobreviveram?

– Se os magos no Mundo Antigo não mataram eles.

– Mas todo mundo aqui no Mundo Antigo é do mesmo jeito que no Mundo Novo. Lutei contra os soldados daqui… com Zedd e as Irmãs da Luz. Usamos magia de todo tipo para tentar deter o avanço da Ordem. Posso dizer em primeira mão que todos do Mundo Antigo são afetados pela magia, então isso significa que todos eles nasceram com aquela centelha do Dom. Não há elos quebrados na corrente da magia no Mundo Antigo.

– De acordo com tudo que tenho visto aqui, eu teria que concordar.

Kahlan enxugou suor da testa. Ele estava entrando nos olhos dela. – Então o que aconteceu com aquelas pessoas banidas?

Richard olhou em direção às montanhas sob os Races. – Não consigo imaginar. Mas deve ter sido apavorante para eles.

– Então você acha que talvez aquele tenha sido o fim deles? Que talvez eles tenham perecido, ou foram condenados à morte?

Ele contemplou-a com o canto dos olhos. – Não sei. Mas o que eu queria saber é porque aquele lugar lá atrás tem o mesmo nome pelo qual eles eram chamados nesse livro: os Pilares da Criação. Os olhos dele ganharam um brilho ameaçador. – E pior ainda, eu gostaria de saber porque, como Jennsen nos falou, uma cópia desse livro está entre as posses mais valiosas de Jagang.

Aquele pensamento perturbador também estivera girando na mente de Kahlan.

Ela olhou para ele franzindo a testa.

– Talvez você não devesse ter pulado adiante em sua leitura do livro, Lorde Rahl.

O leve sorriso de Richard não era tudo que ela esperava. – Ficarei aliviado se esse for o maior erro que cometi, ultimamente.

– O que você quer dizer?

Ele empurrou o cabelo para trás. – Tem alguma coisa diferente com o seu poder de Confessora?

– Diferente? – quase que involuntariamente, a pergunta dele fez com que ela recuasse, focasse dentro de si, para checar a força que sempre sentira dentro de si mesma. – Não. Parece o mesmo de sempre.

O poder contido no núcleo do seu ser não precisava ser invocado quando havia necessidade dele.

Como sempre, ele estava de prontidão ali; só era necessário que ela removesse a sua contenção para que ele fosse liberado.

– Tem alguma coisa errada com a espada, – ele disse, pegando ela de surpresa. – errada com seu poder.

Kahlan não podia imaginar o que pensar de tal ideia. – Como pode afirmar? O que está diferente?

Richard esfregou os dedões nas rédeas viradas sobre os seus dedos. – É difícil definir exatamente o que está diferente. Só estou acostumado com a sensação de que ele esteja à minha disposição

quando eu chamo. Ele responde quando eu preciso, mas por alguma razão parece que ele está hesitando em fazer isso.

Kahlan sentiu que agora, mais do que nunca, eles precisavam voltar até Aydindril e falar com Zedd. Zedd era o guardião da espada. Ainda que eles não pudessem levar a espada através da *Sliph*, Zedd poderia dar a eles informações sobre qualquer nuance do poder dela. Ele saberia o que fazer. Seria capaz de ajudar Richard com as dores de cabeça também.

E Kahlan sabia que Richard precisava de ajuda. Ela podia ver que ele não era o mesmo. Seus olhos cinzentos mostravam um brilho de dor, mas havia mais alguma coisa gravada na expressão dele, na forma como ele se movia, no jeito como se portava.

Toda a explicação do livro e o que ele descobriu parecia ter sugado sua força.

Ela estava começando a achar que, afinal de contas, não era ela quem estava ficando sem tempo, mas sim Richard. Esse pensamento, independente do caloroso sol da tarde, fez um terror gélido percorrer através dela.

Richard checou os outro por cima do ombro.

– Vamos voltar para a carroça. Preciso pegar alguma coisa mais quente para vestir. Hoje está congelando.

CAPÍTULO 12



Zedd espiou a rua deserta. Podia ter jurado que viu alguém. Usar o seu Dom para buscar qualquer sinal de vida informou a ele que não havia ninguém nas redondezas. Assim mesmo, ele permaneceu imóvel enquanto olhava.

A brisa morna pressionava o manto simples contra o seu corpo magro e agitava suavemente o cabelo branco desgrenhado dele. Um vestido esfarrapado azul desbotado pelo sol, que alguém prendera no guarda corpo de uma sacada do segundo andar para secar, agitava-se como uma bandeira ao vento. O vestido, junto com uma cidade cheia de acessórios pessoais, havia sido deixado para trás fazia muito tempo.

As construções, suas paredes pintadas em várias cores desde um vermelho ferrugem até amarelo com persianas em tons claros contrastantes, projetavam-se levemente em vários níveis de cada um dos lados da estreita rua pavimentada com paralelepípedos, formando um cânion de paredes coloridas. A maioria dos segundos andares passavam alguns pés dos andares térreos, e, com suas calhas mais afastadas ainda, as construções fechavam boa parte do céu exceto por uma leve faixa de luz do sol da tarde que seguia o curso sinuoso da rua subindo por sobre a suave colina. As portas estavam todas bem fechadas, a maioria das janelas abaixadas. Um portão verde pálido para uma viela estava aberto, chiando enquanto balançava para frente e para trás na brisa.

Zedd decidiu que devia ter sido uma ilusão causada pela luz aquilo que ele viu, talvez uma vidraça que movera-se ao vento

lançando um brilho de luz sobre uma parede.

Quando finalmente tinha certeza de que enganara-se em ter visto alguém, Zedd voltou a descer a rua, ainda permanecendo mais perto de um lado, caminhando o mais silenciosamente possível. O exército da Ordem Imperial não tinha retornado até a cidade desde que Zedd liberou a teia de luz que matou um número enorme das forças deles, mas isso não significava que não pudesse existir perigo nas proximidades.

Sem dúvida o Imperador Jagang ainda queria a cidade, e especialmente a Fortaleza, mas ele não era tolo e sabia que mais algumas teias de luz que fossem acionadas entre o seu exército, não importando o quanto ele era vasto, naquele instante reduziria suas forças em números tão assustadores que isso poderia alterar o curso da guerra. Jagang lutara contra Midland e as forças D'Haran durante um ano e em todas aquelas batalhas não havia perdido tantos homens quanto perdera naquele momento cegante.

Ele não arriscaria outro evento como esse casualmente. Após um golpe assim Jagang desejaria conquistar a Fortaleza mais do que desejava antes. Desejaria pegar Zedd mais do que nunca. Se Zedd tivesse mais das teias de luz como aquela que a sua busca frenética através da Fortaleza fornecera, ele já teria liberado todas elas sobre a Ordem. Ele suspirou. Se ao menos ele tivesse mais.

Mesmo assim, Jagang não sabia que ele não tinha mais desse tipo de feitiços construídos. Enquanto Jagang temesse a existência de mais, isso servia ao propósito de Zedd em manter a Ordem Imperial fora de Aydindril e longe da Fortaleza do Mago.

Um certo dano tinha sido causado ao Palácio das Confessoras quando Jagang ordenou o ataque, mas Zedd julgou que tentar aquele truque valera esse dano lamentável; isso quase entregara a ele e Adie a pele do Imperador. Danos sempre poderiam ser reparados. Ele jurou que isso seria reparado.

Zedd cerrou o punho ao pensar no quanto esteve perto de acabar com Jagang naquele dia. Pelo menos ele aplicou um poderoso golpe no exército dele.

E Zedd podia ter pego Jagang se não fosse aquela estranha jovem. Ele balançou a cabeça diante da lembrança de realmente ter visto alguém que não podia ser tocado pela magia. Ele soubera, em teoria, da existência deles, mas nunca teve certeza que isso fosse verdade. Vagas referências em antigos livros serviam para interessante especulação abstrata, mas ver isso com seus próprios olhos era outra coisa.

Foi uma visão inquietante. Adie foi afetada pelo encontro mais ainda do que ele; ela era cega, e ainda assim com o auxílio do Dom conseguia enxergar melhor do que ele. Naquele dia, ela não foi capaz de ver a jovem que estava lá, mas, de certo modo, não estava. Para os olhos de Zedd, se não para seu Dom, ela era uma bela visão, com um pouco das feições de Darken Rahl, mas diferente e ao mesmo tempo cativante. Que ela era meia-irmã de Richard estava claro; ela compartilhava algumas das caraterísticas dele, especialmente os olhos. Se ao menos Zedd tivesse conseguido detê-la, mantido ela fora do caminho, convencido ela de que estava cometendo um erro terrível estando com a Ordem, ou até mesmo se tivesse conseguido matá-la, Jagang não teria escapado da justiça. Ainda assim, Zedd não tinha ilusões a respeito de acabar com a ameaça da Ordem Imperial simplesmente matando Jagang. Jagang era apenas o bruto que liderava outros brutos no reforço da fé cega na Ordem, uma fé cega que abraçava a morte como salvação daquilo que ela pregava como sendo a corrupta miséria da vida, uma fé cega na qual a própria vida não tinha valor a não ser como sacrifício sangrento sobre o altar do altruísmo, uma fé cega que culpava a falha de suas próprias ideias da humanidade ser maligna e por falhar em oferecer sacrifício suficiente em uma busca infinita por algum ilusório bem maior que ficava cada vez mais distante, uma fé

cega em uma Ordem que agarrava-se ao poder alimentando-se das carcaças das vidas produtivas que ela arruinava.

Uma fé que por suas próprias crenças rejeitava a razão e abraçava o irracional não poderia durar muito tempo sem intimidação e força… sem brutos como Jagang para reforçar essa fé.

Embora o Imperador Jagang fosse brutalmente efetivo, era um erro achar que se Jagang morresse naquele dia isso acabaria com a ameaça da Ordem. Eram as ideias da Ordem que eram tão perigosas; os sacerdotes da Ordem encontrariam outros brutos.

A única maneira real de colocar um fim no reino de terror da Ordem era expor o mal puro de seus ensinamentos sob a luz da verdade, e aqueles que sofriam sob as doutrinas dela expurgarem o jugo da Ordem. Até lá, eles teriam que repelir a Ordem Imperial da melhor forma que pudessem, esperando pelo menos eventualmente contê-los.

Zedd enfiou a cabeça em uma esquina, observando, escutando, farejando o ar na procura de qualquer traço de alguém que pudesse estar esgueirando-se nas proximidades. A cidade estava deserta, mas em algumas ocasiões soldados da Ordem Imperial tinham aparecido perambulado saindo das montanhas.

Após a destruição causada pela teia de luz, o pânico espalhara-se pelo acampamento da Ordem.

Muitos soldados espalharam-se pelas colinas. Assim que o exército havia reagrupado, um grande número de homens tinha decido desertar ao invés de retornar para suas unidades. Dezenas de milhares desses desertores foram cercados e executados, seus corpos deixados para apodrecer como um aviso do que acontecia com aqueles que abandonavam a causa da glória maior da Ordem Imperial, ou como a Ordem gostava de colocar, a causa do bem maior. Então a maioria do restante dos homens que correram para as colinas mudaram de opinião e voltaram para o campo.

Porém, ainda havia alguns que não quiseram retornar e não foram capturados. Por algum tempo, depois que o exército de Jagang seguiu adiante, eles perambularam dentro da cidade, Às vezes sozinhos, às vezes em pequenos grupos, metade passando fome, para buscar comida e saquear. Zedd tinha perdido a conta de quantos homens assim ele matou.

Ele estava razoavelmente certo de que todos aqueles retardatários estavam mortos agora. A Ordem era formada por homens em sua maioria de cidades e vilarejos. Esse tipo de homens não estavam acostumados a viver na floresta. O trabalho deles era sobrepujar o inimigo, matar, estuprar, aterrorizar, e pilhar. Todo um grupo de pessoas de logística fornecia a eles suporte, entregando e recolhendo uma cadeia constante de suprimentos que entravam para alimentar e tratar dos soldados. Eram homens violentos, mas eram homens que precisavam de cuidados, que dependiam do grupo para a sua sobrevivência. Não duravam muito por sua própria conta nas montanhas com florestas sem trilhas que cercavam Aydindril.

Mas Zedd não tinha visto qualquer um deles fazia um bom tempo. Estava razoavelmente certo de que os desgarrados morreram de fome, foram mortos, ou tinham seguido de volta para o sul, para o Mundo Antigo.

Entretanto, sempre existia a possibilidade de que Jagang tivesse enviado assassinos para Aydindril; alguns desses assassinos podiam ser Irmãs da Luz, ou pior, Irmãs do Escuro. Por essa razão, Zedd raramente deixava a segurança da fortaleza, e quando fazia isso, era cauteloso. Ele também odiava andar pela cidade, vendo-a tão desprovida de vida. Esse foi seu lar durante a maior parte de sua vida. Lembrava dos dias quando a Fortaleza era um centro de atividade… não como fora uma vez, ele sabia, mas viva com pessoas de todos os tipos. Percebeu que estava sorrindo com a lembrança.

O sorriso dele evaporou. Agora a cidade era uma visão tristonha, abandonada sem pessoas enchendo as ruas, pessoas

conversando de uma sacada com um vizinho do outro lado da rua em outra janela, pessoas reunindo-se para negociar mercadorias nos mercados. Não fazia muito tempo homens teriam parado para conversar nas portas enquanto vendedores empurravam carrinhos com suas mercadorias pelas ruas estreitas e crianças brincando corriam através das multidões. Zedd suspirou diante da triste visão de ruas sem vida.

Pelo menos aquelas vidas estavam seguras, mesmo que distante de casa. Embora ele tivesse muitas diferenças fundamentais com as Irmãs da Luz, ele sabia que a Prelada delas, Verna, e o resto das Irmãs livres cuidariam daquelas pessoas.

O único problema era que agora que Jagang não tinha nada em Aydindril de qualquer valor real para conquistar a não ser a Fortaleza, e muita coisa a perder, ele desviara seu exército para leste em direção ao restante das forças de Midland. Com certeza, o exército D'Haran aguardava do outro lado daquelas montanhas ao leste e Zedd sabia como eles eram formidáveis, mas não podia enganar a si mesmo achando que eles tinham chance contra uma força tão imensa como a Ordem Imperial.

Jagang deixara a cidade para ir atrás daquelas forças D'Haran. A Ordem Imperial não poderia vencer a guerra ocupando uma cidade vazia; eles precisavam esmagar qualquer resistência de uma vez por todas para que não houvesse pessoas que pudessem, levando vidas prósperas, felizes, pacíficas, apontar as mentiras nos ensinamentos da Ordem.

Agora que Jagang tinha vindo todo esse caminho através de Midlands, ele havia dividido o Mundo Novo. Forças foram deixadas por toda a rota para ocupar cidades e vilarejos. Agora a força principal da Ordem direcionaria sua sede de sangue para leste, sobre uma solitária D'Hara. Dividindo o Mundo Novo assim, Jagang seria capaz de esmagar a oposição de forma mais eficiente.

Zedd sabia que não foi por falta de tentativa que o Mundo Novo havia cedido terreno. Ele e Kahlan, em meio a uma grande quantidade de outros, trabalharam até a exaustão, mês após mês, tentando encontrar um jeito de parar as forças de Jagang.

Zedd apertou o manto na altura da garganta, diante da lembrança dolorosa de uma luta tão feroz, de como nada funcionara contra os números de Jagang, com as mortes, dos amigos que ele perdera. Era apenas uma questão de tempo até que tudo fosse perdido para as hordas do Mundo Antigo.

Richard e Kahlan não sobreviveriam a tal conquista da Ordem Imperial. Os dedos finos de Zedd cobriram os lábios trêmulos dele com o pensamento sombrio deles sendo perdidos também. Eles eram a única família que lhe restara. Eram tudo para ele.

Zedd sentiu uma onda esmagadora de desesperança, e teve que sentar no toco da seção de uma tora colocada do lado de fora de uma loja de sapatos que havia sido fechada com tábuas. Uma vez que a Ordem Imperial finalmente aniquilasse toda a oposição, Jagang retornaria para tomar a cidade e montar cerco na Fortaleza. Cedo ou tarde, ele teria tudo.

O futuro, como Zedd o imaginava, parecia ser um mundo envolto na mortalha cinza da vida sob a Ordem Imperial. Se mundo caísse sob aquela mortalha, provavelmente levaria um longo tempo antes que a humanidade emergisse para viver livre novamente. Uma vez que a liberdade fosse rendida pela tirania, ela poderia ser abafada durante séculos antes que suas chamas ganhassem vida outra vez e iluminassem o mundo.

Zedd não estava sentado por muito tempo quando forçou o corpo a levantar. Ele era o Primeiro Mago. Estivera em situações sem esperança antes e tinha visto o inimigo ser repelido. Ainda existia a possibilidade de que ele e Adie conseguissem encontrar algo na

Fortaleza que os ajudasse, ou de que eles ainda pudessem descobrir informações nas bibliotecas que daria a eles uma valiosa vantagem.

Enquanto houvesse vida, eles podiam lutar em direção ao seu objetivo. Eles ainda tinham a habilidade para triunfar.

Ele bufou para si mesmo. Ele triunfaria.

Zedd estava feliz que Adie não estivesse com ele para vê-lo em tal estado de pena em que ele teria… mesmo que momentaneamente… considerado a derrota. Adie nunca deixaria ele ouvir o final da história, e merecidamente.

Ele bufou novamente. Dificilmente ele era inexperiente, dificilmente não tinha os recursos para lidar com desafios que surgiam. E se houvesse assassinos nas redondezas, dotados ou não, eles seriam pegos por uma das muitas surpresas que ele deixara por ali. Surpresas muito perversas.

De queixo erguido, Zedd sorriu para si mesmo enquanto dobrava descendo por um beco estreito, seguindo seu caminho passando por um conjunto de quintais com viveiros vazios que uma vez contiveram galinhas, gansos, patos, e pombos. Seu olhar passou por pequenos jardins, suas ervas e flores crescendo sem cuidados, suas canaletas de água vazias, sua lenha e outros materiais empilhados em cantos, aguardando que pessoas voltassem e trabalhassem com eles fazendo algo útil.

Pelo caminho ele parou em vários jardins de vegetais, colhendo as plantações voluntárias que cresceram. Havia bastante alface, espinafre, algumas pequenas abóboras, tomates verdes, e ainda algumas ervilhas.

Ele colocou sua recompensa em uma sacola de lona e pendurou-a sobre um ombro enquanto caminhava pelas hortas, checando o progresso de fileiras irregulares de cebolas, beterrabas, feijões, e nabos. Alguns ainda precisam crescer, ele concluiu.

Ainda que os vegetais não fossem viçosos como uma plantação bem cuidada, o crescimento irregular em jardins por toda

a cidade significava que ele e Adie teriam vegetais frescos durante algum tempo. Talvez ela pudesse até guardar algumas coisas para o próximo inverno. Eles podiam armazenar plantações de raízes nos lugares mais frios da Fortaleza, e preservar vegetais mais perecíveis. Eles teriam mais comida do que poderiam comer.

No caminho subindo o beco, Zedd avistou um arbusto na direção da esquina, espalhando-se verde e exuberante sobre uma curta cerca traseira entre duas casas. O arbusto estava carregado com amoras maduras. Ele parou ocasionalmente para checar subindo e descendo as ruas além enquanto fazia uma pilha de bom tamanho das escuras amoras rechonchudas em um pedaço de pano, então amarrou-o e colocou sobre os itens mais pesados em sua sacola.

Ainda havia muitas amoras maduras, e ele odiava deixar elas estragarem, ou para as aves, então começou a encher os bolsos. Ele não ficou preocupado que isso fosse estragar seu jantar; era uma longa caminhada de volta subindo a montanha até a Fortaleza do Mago, então um lanchinho seria muito bom. Adie estava preparando um cozido com presunto curado. Não havia perigo de que ele estragasse seu apetite por causa de meras amoras. Ela ficaria feliz com os vegetais que ele trazia e sem dúvida iria querer adicioná-los ao cozido imediatamente.

Adie era uma cozinheira maravilhosa, embora ele não ousasse admitir para ela ou isso subiria em sua cabeça. Antes da ponte de pedra, Zedd fez uma pausa, olhando de volta a larga estrada que subia o lado da montanha. Somente o vento nas árvores e suas folhas cintilantes criavam qualquer som de movimento. Porém, durante um momento, ele ficou olhando para a estrada vazia.

Finalmente, ele virou novamente para a ponte que em menos de trezentos passos exibia um abismo com lados quase verticais mergulhando por milhares de pés.

Nuvens ao longe lá embaixo agarravam-se contra as paredes de rocha. A despeito das incontáveis vezes em que ele caminhara sobre a ponte de pedra, ela ainda fazia ele sentir um pouco de náusea. Entretanto, sem asas, havia apenas essa maneira de entrar na Fortaleza… exceto pela pequena passagem secreta que ele usava quando garoto.

Por causa da função estratégica, Zedd havia colocado armadilhas suficientes ao longo da ponte e do resto da estrada subindo até a Fortaleza, para que ninguém vivesse mais do que alguns passos assim que chegasse perto. Nem mesmo uma Irmã do Escuro poderia invadir aqui. Poucas Irmãs tentaram o impossível, e pagaram com suas vidas.

Elas teriam suspeitado desse tipo de teias armadas pelo Primeiro Mago em pessoa, e sentido alguns dos escudos de alerta, mas sem dúvida Jagang não dera a elas escolha no assunto e as enviara para tentarem entrar, sacrificando suas vidas pelo bem maior da Ordem.

Verna uma vez estivera cativa pelo Andarilho dos Sonhos e contou a Zedd tudo sobre a experiência na esperança de que eles pudessem descobrir uma contra medida, além do juramento de lealdade no coração ao Lorde Rahl e dessa forma a invocação da proteção da ligação. Zedd tentou, mas não havia contra magia que ele pudesse fornecer. Na Grande Guerra, magos muito mais talentosos do que ele, e com os dois lados do Dom, tentaram criar defesas contra Andarilhos dos Sonhos. Uma vez que o Andarilho dos Sonhos tomava a mente de uma pessoa, não havia defesa; você tinha que obedecer a vontade dele, independente do custo, mesmo se o custo fosse a sua vida.

Zedd suspeitava de que para alguns, a morte era uma cobiçada libertação da agonia da possessão pelo Andarilho dos Sonhos. O suicídio era uma saída bloqueada por Jagang; ele precisava dos talentos das Irmãs e de outros dotados.

Não podia deixar que todos eles cometessem suicídio para obterem liberdade da miséria da vida como objeto dele. Mas se ele os enviasse para sua morte certa, tal como tentar entrar na Fortaleza, então finalmente eles podiam ficar livres da agonia em que suas vidas haviam transformado-se.

Adiante, a Fortaleza agigantava-se no lado da montanha. As paredes elevadas de rocha negra, intimidadoras para a maioria das pessoas, ofereciam a Zedd a calorosa sensação de lar. Seus olhos observaram as muralhas, e ele lembrou de caminhar ali com sua esposa há tantos anos… fazia uma vida, assim parecia. Das torres ele havia olhado diversas vezes para a bela vista de Aydindril lá embaixo. Uma vez ele marchou pelas pontes e passagens para entregar ordens de defesa de Midlands contra uma invasão de D'Hara, liderada pelo pai de Darken Rahl.

Isso também parecia fazer uma vida. Agora Richard, seu neto, era o Lorde Rahl, e teve sucesso em unir a maior parte de Midlands sob o governo do Império D'Haran. Zedd balançou a cabeça surpreso com isso, com o pensamento de como Richard mudara tudo. Pela mão de Richard, Zedd agora era um súdito do Império D'Haran. Que surpresa mesmo.

Antes que ele chegasse até o lado mais distante da ponte, Zedd olhou para baixo, dentro do abismo. Um movimento atraiu sua atenção. Colocando os dedos magros sobre a rocha áspera, ele inclinou para fora um pouco para dar uma espiada. Abaixo, mas acima das nuvens, ele viu duas aves enormes, negras como a meia-noite sem lua, deslizando através da abertura na montanha. Zedd nunca tinha visto aves como aquelas. Não conseguia imaginar o que pensar da visão.

Quando virou de volta para a Fortaleza, pensou ter visto mais três do mesmo tipo de grande ave negra voando juntas, bem alto acima da Fortaleza. Decidiu que deviam ser corvos. Corvos eram grandes. Ele devia estar simplesmente julgando mal a

distância… provavelmente por causa da falta de comida. Concluindo que deviam ser corvos, ele tentou ajustar sua estimativa da distância deles, mas eles já haviam desaparecido. Olhou para baixo, mas também não viu os outros dois.

Quando ele passou sob o portal de ferro, sentindo o caloroso abraço do feitiço da Fortaleza, Zedd sentiu uma onda de solidão. Sentia tanta falta de Erilyn, sua esposa falecida há muito tempo, assim como de sua filha morta, a mãe de Richard, e, queridos espíritos, sentia falta de Richard. Então ele sorriu, pensando no fato de Richard estar com sua própria esposa agora. Às vezes era difícil para ele pensar em Richard como um homem crescido. Ele teve uma época maravilhosa ajudando a criar Richard.

Que época de sua vida aquela havia sido, em Westland, longe de Midlands, longe da magia e da responsabilidade, somente com aquele garoto sempre curioso e todo um mundo de maravilhas para explorar e mostrar a ele.

Que época mesmo. Dentro da Fortaleza, lamparinas nas paredes ganharam chamas obedientemente enquanto o Primeiro Mago Zeddicus Zu'l Zorander seguia seu caminho através das passagens e grandes salas, mais fundo dentro da imensa fortaleza na montanha. Quando passava pelas teias que montou, ele checou a textura da magia delas para descobrir que elas estavam intocadas. Ele suspirou aliviado. Não esperava que alguém fosse tolo o bastante para tentar entrar na Fortaleza, mas o mundo tinha tolos de sobra. Realmente não gostava de deixar teias perigosas assim espalhadas por todo o lugar, em adição aos sempre perigosos escudos que já guardavam a Fortaleza, mas ele não ousava relaxar com sua guarda.

Quando passava ao lado de uma mesa em um grande salão de reuniões, Zedd, como tinha feito desde que era um garoto, passou o dedo pelo suave entalhe na borda do tampo de mármore marrom chocolate variegado.

Ele parou, olhando surpreso para a mesa, e percebeu que ela continha algo do qual ele subitamente sentia o desejo: uma bola de fina corda negra deixada ali anos atrás para amarrar fitas e outras decorações nos suportes das lamparinas no salão de reuniões para marcar o festival da colheita.

Decidido, na gaveta central, ele encontrou a bola de fina corda. Agarrou-a e colocou dentro de um bolso há muito vazio de sua carga de amoras.

Do suporte na parede ao lado da mesa, ele tirou uma vara com seis pequenos sinos. A vara, uma das centenas, se não milhares, espalhadas através da Fortaleza, um dia foi usada para chamar criados. Ele suspirou. Fazia décadas desde que os criados e suas famílias viveram na Fortaleza do Mago. Ele lembrou das crianças deles correndo e brincando nos corredores. Lembrou da alegria das risadas ecoando através da Fortaleza, trazendo vida ao lugar.

Zedd disse a si mesmo que um dia crianças correriam e ririam novamente nos corredores. As crianças de Richard e Kahlan. O sorriso largo de Zedd esticou as bochechas.

Havia janelas e aberturas na rocha que deixavam a luz mergulhar dentro de muitos corredores e salas, mas havia outros lugares menos iluminados. Zedd encontrou um desses lugares mais escuros que era sombrio o bastante para satisfazê-lo. Ele esticou um pedaço da corda negra, presa em um dos sinos, através do portal, enrolando-a na rocha áspera de cada lado. Movendo-se mais fundo através do labirinto de corredores e passagens, ele parou e prendeu mais cordas com um sino em lugares onde seria difícil enxergar. Teve de coletar muitas outras varas para um suprimento de sinos.

Embora houvesse escudos de magia por todo lado, não dava para saber quais poderes algumas das Irmãs do Escuro possuíam. Elas estariam procurando por magia, não sinos. Não faria mal tomar a precaução extra.

Zedd fez anotações mentais de onde colocara a fina corda negra… teria que avisar Adie. Porém, ele duvidava que com a sua visão dotada ela fosse precisar do alerta. Tinha certeza de que com os olhos cegos ela podia enxergar melhor do que qualquer um.

Seguindo o maravilhoso aroma do cozido de presunto, Zedd seguiu até a sala confortável com prateleiras para livros que eles usavam a maior parte do tempo. Adie tinha pendurado temperos para secar em vigas baixas entalhadas com antigos desenhos. Um sofá de couro estava diante de uma larga lareira e cadeiras confortáveis ao lado de uma mesa incrustada com prata, posicionada na frente de uma janela com diamantes desenhados nas bordas e uma visão panorâmica de Aydindril de tirar o fôlego.

O sol estava descendo, deixando a cidade abaixo banhada em uma luz confortadora. Quase parecia como sempre foi, exceto que não havia fumaça subindo das fogueiras cozinhando.

Zedd colocou o saco carregado com sua colheita sobre pilhas de livros em cima de uma mesa redonda de mogno atrás do sofá. Ele chegou mais perto do fogo, o tempo todo inspirando profundamente para inalar o intoxicante aroma do cozido.

– Adie, – ele chamou. – o cheiro disso é delicioso! Já deu uma olhada lá fora hoje? Eu vi umas aves estranhas.

Ele sorriu enquanto inalava mais uma vez.

– Adie… acho que agora já deve estar pronto. – ele gritou em direção ao portal para a despensa. – Acho que devemos ao menos provar. Não faz mal dar uma checada, você sabe.

Zedd olhou para trás por cima do ombro. – Adie? Está me escutando?

Ele foi até o portal e olhou dentro da despensa, mas ela estava vazia.

– Adie? – ele gritou descendo as escadas no fundo da despensa. – Você está aí embaixo?

A boca de Zedd torceu com o descontentamento quando ela não respondeu.

– Adie? – ele chamou outra vez. – Maldição, mulher, onde está você?

Ele virou de volta, espiando o cozido borbulhando no caldeirão pendurado no suporte sobre o fogo. Zedd tirou uma longa colher de madeira de um armário na despensa.

Com a colher na mão, ele parou e inclinou para trás em direção aos degraus. – Não tenha pressa, Adie. Estarei aqui em cima… lendo.

Zedd sorriu e foi depressa até o cozido.

CAPÍTULO 13



Richard levantou rapidamente quando viu Cara marchando subindo a ravina em direção ao acampamento, empurrando na frente dela um homem que Richard reconheceu vagamente. Na luz fraca, ele não conseguia distinguir o rosto do homem. Richard observou o terreno plano nas redondezas, colinas rochosas, e ladeiras íngremes cobertas de árvores além, mas não avistou ninguém mais.

Friedrich partira para o sul e Tom para oeste, checando os terrenos próximos, como Cara fizera, para ter certeza de que não havia alguém por perto e que este era um lugar seguro para passarem a noite; eles estavam exaustos por fazerem uma rota sinuosa através do terreno incrivelmente acidentado. Cara estivera checando o norte… a direção para a qual eles seguiam e a direção que Richard considerava potencialmente a mais perigosa. Jennsen afastou-se dos animais, esperando para ver quem a Mord-Sith tinha com ela.

Assim que estava de pé, Richard desejou não ter levantado tão rápido… fazer isso o deixara tonto.

Parecia que ele não conseguia afastar a estranha sensação desconectada que sentia, como se ele estivesse observando outra pessoa reagir, falar, mover-se. Quando concentrava-se, forçando a focar a sua atenção, às vezes a sensação desaparecia ao menos parcialmente e ele começava novamente a pensar se isso não era apenas sua imaginação.

A mão de Kahlan deslizou subindo o braço dele, segurando-o como se ela achasse que ele podia cair.

– Você está bem? – ela sussurrou.

Ele assentiu quando observava Cara e o homem enquanto mantinha também um olho no terreno nas redondezas. No final da cavalgada deles mais cedo naquela tarde para discutirem sobre o livro, Kahlan tinha ficado ainda mais preocupada com ele. Ambos estavam preocupados com aquilo que ele leu, mas Kahlan estava muito mais preocupada com ele, pelo menos, nesse momento.

Richard suspeitou que poderia cair com uma leve febre. Isso explicaria porque ele estava sentindo tanto frio quando todos os outros estavam quentes. De tempos em tempos, Kahlan sentia a testa dele ou colocava a costa da mão contra sua bochecha. O toque dela aquecia o coração dele; ela ignorava os sorrisos dele enquanto checava ele. Ela achou que ele podia estar um pouco febril. Assim que ela pedira a Jennsen para sentir a testa dele, para ver se ela achava que ele podia estar mais quente do que deveria, Jennsen também pensou que se ele tinha febre, ela era leve. Cara, até o momento, estivera satisfeita com o informe de Kahlan de que ele não estava sentindo-se febril, e não achava necessário verificar por si mesma.

Uma febre era justamente a última coisa de que Richard precisava. Havia importante… importante, alguma coisa. Ele parecia não conseguir lembrar nesse momento. Concentrou-se em tentar lembrar o nome do jovem, ou pelo menos aonde tinha visto ele.

Os últimos raios do sol poente lançaram um brilho rosado sobre as montanhas a leste. As colinas mais próximas estavam assumindo uma cor cinza clara na sombra que aproximava-se.

Conforme a escuridão chegava, o baixo fogo estava começando a tingir tudo que estava próximo com um caloroso laranja amarelado.

Richard manteve o fogo para cozinhar baixo, não querendo que ele sinalizasse a localização deles mais do que o necessário.

– Lorde Rahl, – o homem falou em um tom reverente quando entrou no acampamento. Ele baixou a cabeça adiante em uma reverência hesitante, aparentemente não tendo certeza se era apropriado fazer reverência ou não. – é uma honra vê-lo novamente.

Ele era talvez dois anos mais jovem do que Richard, com cabelo negro encaracolado que tocava os largos ombros de seu manto de camurça. Ele carregava uma longa faca no cinto mas não tinha espada. Suas orelhas projetavam-se para os lados da sua cabeça como se ele estivesse esforçando-se para escutar cada pequeno som. Richard imaginou que ele provavelmente suportou muitas zombarias por causa das orelhas quando era garoto, mas agora que era um homem suas orelhas faziam ele parecer bastante atento e sério.

Musculoso como era o homem, Richard duvidou que ele ainda tivesse que escutar zombarias.

– Sinto… sinto muito, mas parece que não consigo lembrar…

– Oh, não, você não lembraria de mim, Lorde Rahl. Eu era apenas…

– Sabar. – Richard falou quando aquilo lhe ocorreu. – Sabar. Você carregava as fornalhas na fundição de Priska, lá em Altur'Rang.

Sabar ficou radiante. – Isso mesmo. Não consigo acreditar que você lembra de mim.

Sabar foi um dos homens na fundição que conseguiu trabalhar por causa dos suprimentos que Richard transportava para Priska quando ninguém mais conseguiu. Sabar havia entendido o quanto Priska trabalhava duro apenas para manter a sua fundição viva sob as exigências opressivas, infinitas e contraditórias da Ordem. Sabar estivera lá no dia em que a estátua que Richard esculpiu foi revelada; viu ela antes que fosse destruída.

Estivera lá no início da revolução em Altur'Rang, lutando bem perto ao lado de Victor, Priska, e todos os outros que aproveitaram o momento quando ele estava diante deles. Sabar lutou para ajudar a conquistar a liberdade para si mesmo, seus amigos, e para sua cidade.

Aquele foi um dia em que tudo mudou.

Embora esse homem, como muitos outros, tivesse sido um súdito da Ordem Imperial… um dos inimigos… ele quis viver sua própria vida sob leis justas, ao invés de ficar sob a ditadura de déspotas que acabavam com qualquer esperança de melhoria para alguém com o fardo esmagador da ilusão cruel de um bem maior.

Então Richard notou que todos estavam parados em uma tensa espera, como se estivessem achando que isso podia significar problema.

Richard sorriu para Cara. – Está tudo bem. Eu conheço ele.

– Assim ele disse. – Cara falou. Ela colocou uma das mãos sobre o ombro de Sabar e empurrou-o para baixo. – Sente-se.

– Sim, – Richard disse, contente em ver que Cara estava sendo claramente amável. – sente e conte para nós porque está aqui.

– Nicci me enviou.

Richard levantou outra vez apressadamente, Kahlan levantou ao lado dele. – Nicci? Estamos à caminho para encontrar com ela.

Sabar assentiu, erguendo-se meio agachado, parecendo não ter certeza se deveria levantar, uma vez que Richard e Kahlan levantaram, ou permanecer sentado.

Cara não havia sentado; ficara em pé atrás de Sabar como um carrasco. Cara estivera lá quando a revolução em Altur'Rang começou e podia lembrar de Sabar, mas isso não faria diferença.

Cara não confiava em ninguém quando a segurança de Richard e Kahlan estava envolvida.

Richard fez um sinal para que Sabar continuasse sentado. – Onde ela está? – Richard perguntou quando ele e Kahlan sentaram

novamente, compartilhando o assento em um colchão. – Ela virá logo?

– Nicci falou para dizer a você que ela esperou o máximo que podia, mas aconteceram alguns desenvolvimentos urgentes e ela não conseguiu esperar mais.

Richard soltou um suspiro desapontado. – Algumas coisas aconteceram para nós também. Kahlan foi capturada e levada até os Pilares da Criação para servir de isca para atrair Richard até uma armadilha. Ao invés de contar tudo isso, ele manteve a história curta e foi direto ao ponto. – Estávamos tentando chegar até Nicci, mas tivemos necessidade de ir para outro lugar. Foi inevitável.

Sabar assentiu. – Eu estava preocupado quando ela voltou até nós e disse que você não apareceu no seu local de encontro, mas ela falou que tinha certeza que você estava ocupado cuidando de algo importante e que essa era a razão pela qual você não tinha vindo.

– Victor Cascella, o ferreiro, estava muito preocupado também, quando Nicci nos falou isso. Ele estava pensando que você voltaria com Nicci. Ele disse que outros lugares que ele conhece, lugares onde ele e Priska possuem negócios com suprimentos e coisas assim, estão à beira da revolta. Essas pessoas ouviram falar de Altur'Rang, como a Ordem foi derrubada ali, e como as pessoas estão começando a prosperar. Ele falou que conhece homens livres nesses lugares que lutam para sobreviver sob a opressão da Ordem como uma vez nós fizemos, e eles desejam ser livres. Querem a ajuda de Victor.

– Alguns dos Irmãos na Sociedade da Ordem que escaparam de Altur'Rang foram para esses outros lugares para garantir que revoltas como essa não se espalhem lá. A crueldade deles quando punem qualquer um que eles suspeitam de insurreição está custando as vidas de muitas pessoas, tanto os inocentes quanto aqueles valiosos para a causa de vencer a Ordem Imperial.

– Para garantir o controle deles sobre as engrenagens do governo e para preparar a defesa da Ordem contra o avanço da revolta, Irmãos da Ordem foram para todas as cidades importantes, certamente, alguns desses sacerdotes também foram reportar a Jagang a queda de Altur'Rang, a perda de tantos oficiais na luta ali, e as mortes do Irmão Narev e de muitos do fechado círculo de discípulos dele.

– Jagang já sabe da morte do Irmão Narev. – Jennsen falou, oferecendo a ele um copo com água.

Sabar sorriu mostrando satisfação com a notícia dela. Agradeceu a ela pela água, então inclinou para frente em direção a Richard e Kahlan enquanto prosseguia com sua história.

– Priska acredita que a Ordem vai querer apagar o sucesso da revolta em Altur'Rang… que eles não podem deixar isso continuar. Ele disse que ao invés de nos preocuparmos em espalhar a revolta, devemos nos preparar, montar defesas, e fazer com que cada homem esteja preparado porque a Ordem retornará com a intenção de matar cada pessoa em Altur'Rang.

Sabar hesitou, claramente preocupado com o alerta de Priska. – Victor, porém, disse que devemos bater com o martelo no ferro enquanto ele está quente e criar um futuro justo e seguro para nós mesmos, ao invés de esperar que a Ordem reúna suas forças para negar a nós esse futuro. Ele diz que se a revolta está espalhando-se por toda parte, a Ordem não vai acabar com ela tão facilmente.

Richard passou a mão no rosto. – Victor tem razão. Se as pessoas em Altur'Rang tentarem sentar sozinhas como um local singular de liberdade no coração do hostil território inimigo, a Ordem invadirá e cortará esse coração. A Ordem não pode sobreviver com seus ideais pervertidos e eles sabem disso; é por isso que devem usar a força para sustentar as crenças deles.

Sem o apoio da força, a Ordem vai desmoronar.

– Jagang passou vinte anos criando um sistema de estradas para ligar um Mundo Antigo variado e fraturado na Ordem Imperial. Essa foi apenas uma parte dos meios pelo qual ele teve sucesso. Muitos resistiram aos discursos dos sacerdotes dele. Entretanto, com estradas para responder rapidamente a qualquer divergência, Jagang era capaz de reagir velozmente, para varrer e matar aqueles que eram abertamente contra a sua nova Ordem.

– Mais importante ainda, depois de eliminar aqueles que resistiam aos ensinamentos da Ordem, ele encheu as mentes de crianças, que não sabiam o que era melhor, com uma fé cega naqueles ensinamentos, transformando-os em fanáticos ansiosos para morrer por aquilo que foram ensinados como sendo uma causa nobre… sacrifício por algum bem maior consumidor de tudo.

– Esses jovens, com suas mentes distorcidas com os ensinamentos da Ordem, agora partiram para o norte conquistando o Mundo Novo, assassinando qualquer um que não aceite os princípios altruístas deles.

– Mas enquanto Jagang e esse vasto exército estão ao norte, aquela força deixa a Ordem fraca aqui. Essa fraqueza é a nossa oportunidade e devemos investir nisso. Agora, enquanto Jagang e seus homens estão ausentes, aquelas mesmas estradas que ele construiu aqui serão nosso meio de rapidamente espalhar a luta por liberdade amplamente.

– A tocha da liberdade foi acesa pelo desejo daqueles como vocês, aqueles em Altur'Rang que agarraram a liberdade para si mesmos. A chama dessa tocha deve ser erguida bem alto, dando aos outros a chance de enxergar sua luz. Se for escondida e isolada, essa chama será apagada pela Ordem. Pode não haver outra chance durante nosso tempo de vida, ou no tempo de vida de nossas crianças, para assumir o controle de nossas próprias vidas. Essa tocha deve ser carregada para outros lugares.

Sabar sorriu, cheio de silencioso orgulho em ter sido uma parte de tudo aquilo. – Sei que Victor gostaria que outros, como Priska, fossem lembrados dessas coisas, do que o Lorde Rahl diria sobre o que devemos fazer. Victor quer falar com você antes de ir para esses lugares para "bombear os foles", conforme ele declarou. Victor falou que aguarda notícias suas a respeito do seu próximo movimento, ou sobre qual a melhor forma de "colocar o ferro branco fervente neles"… novamente usando as palavras dele.

– Então, Nicci enviou você para me encontrar.

– Sim. Fiquei feliz em vir até você quando ela pediu. Victor também ficará feliz, não apenas que você esteja bem mas em ouvir o que o Lorde Rahl diria para ele.

Ainda que Victor estivesse esperando notícias, Richard sabia também que sem essas notícias, Victor agiria. A revolução não girava em torno de Richard… isso não poderia ter sucesso… mas ao redor do desejo das pessoas em terem suas vidas de volta. Mesmo assim, Richard precisava ajudar a coordenar a revolta que espalhava-se para ter certeza de que ela fosse tão efetiva quanto possível, não apenas em trazer a liberdade para aqueles que a buscavam, mas em destruir a fundação da Ordem no Mundo Antigo. Somente se eles tivessem sucesso em derrubar o governo da Ordem no Mundo Antigo a atenção de Jagang… e muitos dos seus homens… seriam afastados da conquista do Mundo Novo.

Jagang pretendia conquistar o Mundo Novo primeiro dividindo-o. Richard tinha que fazer a mesma coisa se queria ter êxito. Somente dividir as forças da Ordem poderia derrotá-la.

Richard sabia que após a evacuação de todos de Aydindril, agora a Ordem Imperial voltaria suas espadas sobre D'Hara. A despeito da competência das tropas D'Haran, elas seriam sobrepujadas pelos números que Jagang lançaria sobre elas. Se a Ordem não fosse desviada de sua causa, ou pelo menos dividida em forças menores, D'Hara cairia sob a sombra da Ordem. O Império

D'Haran, forjado para unir o Mundo Novo contra a tirania, acabaria antes que realmente tivesse começado.

Richard precisava retornar até Victor e Nicci para que todos eles pudessem continuar o que tinham começado… criar a estratégia mais efetiva para derrotar a Ordem Imperial.

Mas o tempo deles para resolver outro problema estava esgotando-se, um problema que eles ainda não entendiam.

– Fico feliz que tenha nos encontrado, Sabar. Pode falar para Victor e Nicci que precisamos cuidar de uma coisa primeiro, mas logo que pudermos, seremos capazes de ajudá-los com seus planos.

Sabar pareceu aliviado. – Todos ficarão alegres em ouvir isso.

Sabar hesitou, então inclinou a cabeça, apontando para o norte. – Lorde Rahl, quando eu vim encontrar você, seguindo as orientações que Nicci deu, passei pela área onde ela estava para encontrar com você, e então continuei vindo para o sul. – a preocupação dominou a expressão dele. – Não faz muitos dias, eu cheguei a um lugar, com milhas de extensão, que estava morto.

Richard levantou os olhos. Ele percebeu que a dor de cabeça parecia ter sumido repentinamente. – O que você quer dizer com, morto?

Sabar balançou a mão em direção à luz fraca do anoitecer.

– A área onde eu estava viajando era muito parecida com esse lugar; havia algumas árvores, montes de grama, grupos de arbustos. – a voz dele baixou. – Mas então eu cheguei a um lugar onde tudo que cresceu acabava. Tudo no mesmo lugar. Não havia nada além a não ser rocha. Nicci falou que eu chegaria a um lugar assim. Eu admito, estava com medo.

Richard olhou para a direita… para leste… para as montanhas que jaziam além. – Quanto tempo durou esse lugar morto?

– Eu caminhei, deixando a vida para trás, e pensei que podia estar caminhando dentro do próprio Submundo. – Sabar desviou o

olhar dos olhos de Richard. – Ou dentro das mandíbulas de alguma arma nova que a Ordem tinha criado para destruir a todos nós. Comecei a ficar muito assustado e estava quase para dar meia volta. Mas então eu pensei em como a Ordem me deixou com medo durante toda minha vida, e não gostei daquela sensação. Pior, pensei em como eu ficaria diante de Nicci e falaria para ela que dei meia volta ao invés de ir até Lorde Rahl como ela pediu, e esse pensamento me deixou envergonhado, então eu segui em frente. Após várias milhas eu encontrei coisas crescendo novamente. – ele soltou um suspiro. – Fiquei muito aliviado, e então me senti um pouco tolo por ter sentido medo.

Duas. Agora isso indicava duas das estranhas fronteiras.

– Estive em lugares assim, Sabar, e posso dizer a você que eu também senti medo.

Sabar abriu um sorriso. – Então eu não fui tão tolo por sentir medo.

– De modo algum. Poderia dizer se essa área morta era extensa? Poderia dizer se era mais do que apenas um caminho de rocha aberta naquele lugar? Conseguiu ver se ela corria em uma linha, corria em qualquer direção em particular?

– Era como você diz, como uma linha. Sabar balançou a mão em direção a leste. – Ela descia das montanhas distantes, ao norte daquela depressão. – ele levantou a mão plana como um cutelo, e moveu-a para baixo na outra direção. – Ela corria para sudoeste, para dentro daquele deserto.

Em direção aos Pilares da Criação.

Kahlan inclinou aproximando-se e falou baixinho. – Isso seria quase paralela com a fronteira que nós cruzamos não muito longe lá atrás ao sul. Porque haveria duas fronteiras tão próximas? Isso não faz sentido.

– Não sei, – Richard sussurrou para ela. – talvez aquilo que a fronteira estivesse protegendo fosse tão perigoso que, seja lá quem a

colocou, temesse que uma só pudesse não ser o bastante.

Kahlan esfregou os braços mas não comentou. Pela expressão no rosto dela, Richard sabia como ela sentia-se em relação a tal ideia… especialmente considerando que aquelas fronteiras agora não existiam.

– De qualquer modo, – Sabar falou balançando os ombros. – fiquei feliz por não ter voltado, ou eu teria que encarar Nicci depois que ela me pediu para ajudar Lorde Rahl… meu amigo Richard.

Richard sorriu. – Eu também fico feliz, Sabar. Não acho que aquele lugar pelo qual você passou seja um perigo, pelo menos não um perigo do jeito que foi um dia.

Jennsen não conseguiu mais conter a curiosidade. – Quem é essa Nicci?

– Nicci é uma feiticeira, – Richard disse. – ela costumava ser uma Irmã do Escuro.

As sobrancelhas de Jennsen levantaram. – Costumava ser?

Richard assentiu. – Ela trabalhava para a causa de Jagang, mas finalmente ela passou a ver como estava errada e juntou-se ao nosso lado. – essa era uma história que ele realmente não sentia vontade de contar. – Agora ela luta por nós. A ajuda dela tem sido valiosa.

Jennsen aproximou-se, mais surpresa ainda. – Mas você pode confiar em alguém assim, alguém que tinha trabalhado em prol de Jagang? Pior, uma Irmã do Escuro? Richard, eu estive com algumas daquelas mulheres, sei como elas são brutais. Elas podem ser obrigadas a fazer o que Jagang ordena, mas elas são devotadas ao Guardião do Submundo. Você realmente acha que pode confiar com sua vida que ela não vai traí-lo?

Richard olhou para Jennsen nos olhos. – Confio em você com uma faca enquanto durmo.

Jennsen endireitou o corpo. Ela sorriu, mais por embaraço do que por qualquer outra coisa, Richard pensou. – Acho que entendo o

seu ponto de vista.

– O que mais Nicci falou? – Kahlan perguntou, ansiosa para voltar ao assunto em questão.

– Apenas que devia vir no lugar dela e encontrar vocês. – Sabar disse.

Richard sabia que Nicci estava sendo cautelosa. Não quis falar demais para o jovem para o caso dele ser capturado.

– Como ela sabia aonde eu estava?

– Ela disse que era capaz de saber aonde você estava através de magia. Nicci é tão poderosa com magia quanto é bonita.

Sabar falou isso com um tom de admiração. Ele não sabia a metade da história. Nicci era uma das feiticeiras mais poderosas que já viveram. Sabar não sabia que quando Nicci estava trabalhando em prol dos fins que a Ordem buscava, ela era conhecida como Senhora da Morte.

Richard deduziu que Nicci de alguma forma tinha usado a ligação com o Lorde Rahl para encontrá-lo. Essa ligação era uma lealdade jurada no coração, não apenas verbal, e seu poder impedia que o Andarilho dos Sonhos entrasse na mente desses jurados. D'Harans de sangue puro, como Cara, podiam dizer onde estava o Lorde Rahl através da ligação. Kahlan havia confidenciado a ele que achava inquietante o modo como Cara sempre sabia aonde Richard estava. Nicci não era D'Haran, mas era uma feiticeira e estava ligada a Richard, então ela podia ter sido capaz de manipular essa ligação para saber aonde ele estava.

– Sabar, Nicci deve ter enviado você até nós por uma razão, – falou Richard. – além de dizer que não podia esperar por nós em nosso local de encontro.

– Sim, é claro. – Sabar disse enquanto assentia rapidamente, como se estivesse envergonhado por ter que ser lembrado daquilo. – Quando perguntei a ela o que devia falar para você, ela falou que tinha colocado tudo em uma carta. Sabar abriu a capa de couro da

bolsa no cinto. – Disse que quando percebeu o quanto você estava longe realmente, ela ficou consternada e não conseguiria tempo para fazer a jornada até você. Disse que era importante que eu me certificasse de encontrá-lo e entregar a você a carta. Ela falou que a carta explicaria porque não podia esperar.

Com o indicador e o dedão, Sabar retirou a carta, parecendo como estivesse manuseando uma víbora mortal ao invés de um pequeno rolo selado com cera vermelha.

– Nicci falou que isso é perigoso, – ele explicou, olhando dentro dos olhos de Richard. – disse que se alguém que não seja você abrir, eu não deveria ficar perto demais ou morreria junto.

Sabar depositou cuidadosamente a carta enrolada na palma de Richard. Ela aqueceu consideravelmente na mão dele. A cera vermelha brilhou, como se estivesse iluminada por um raio de sol embora estivesse ficando escuro. O brilho propagou-se da cera para envelopar toda a carta enrolada. Finas rachaduras percorreram a cera vermelha, como gelo de outono sobre um lago partindo sob o peso de um pé colocado sobre ele. De repente a cera estilhaçou e caiu.

Sabar engoliu em seco. – Odeio pensar no que teria acontecido se alguém ao invés de você tentasse abrir isso.

Jennsen aproximou-se, inclinando novamente. – Isso foi magia?

– Deve ter sido. – Richard disse para ela enquanto começava a desenrolar a carta.

– Mas eu vi ela quebrar. – ela falou em tom baixo.

– Viu mais alguma coisa?

– Não, ela apenas despedaçou de repente.

Com o indicador e o dedão, Richard ergueu um pedaço da cera despedaçada da sua palma. – Provavelmente ela colocou uma teia de magia ao redor da carta e conectou esse feitiço com o meu toque. Se outra pessoa tivesse tentado quebrar a teia para abrir a

carta isso teria disparado o feitiço. Acho que o meu toque destravou o selo. Você viu o resultado da magia… o selo quebrado… não a magia em si.

– Oh, espere! – Sabar golpeou a testa com a palma da mão. – O que eu estou pensando? Eu também deveria entregar isso a você.

Retirando as alças dos ombros e abaixando os braços, ele retirou a mochila e colocou-a no colo. Rapidamente afrouxou as tiras de couro e enfiou a mão dentro, então retirou cuidadosamente algo enrolado em um material negro acolchoado. Tinha cerca de um pé de altura mas não era muito espesso. Pelo jeito como Sabar o manuseava, parecia ser algo um pouco pesado.

Sabar colocou o objeto enrolado no chão, em pé, na frente da fogueira. – Nicci disse que eu devia entregar isso a você, que a carta explicaria.

Jennsen aproximou-se um pouco, fascinada com o mistério do objeto enrolado. – O que é isso?

Sabar balançou os ombros. – Nicci não falou. – ele fez uma careta que sugeria que estava um tanto quanto desconfortável com o modo que estava no escuro a respeito da maior parte da missão na qual tinha sido enviado. – Quando Nicci olha para você e diz para fazer algo, a ideia de fazer perguntas some da sua cabeça.

Richard sorriu quando começava a desenrolar a carta. Ele sabia muito bem o que Sabar queria dizer.

– Nicci falou alguma coisa sobre quem poderia desembrulhar essa coisa?

– Não, Lorde Rahl. Disse apenas para entregar a você, que a carta explicaria.

– Se tivesse uma teia ao redor, como a carta, ela teria alertado você. – Richard levantou os olhos. – Cara, – ele falou, apontando para o pacote diante da fogueira. – porque não desembrulha isso enquanto Kahlan e eu lemos a carta.

Enquanto Cara sentava de pernas cruzadas no chão e começava a trabalhar nos nós das tiras de couro em volta do embrulho negro, Richard segurou a carta um pouco para o lado para que assim Kahlan pudesse ler silenciosamente junto com ele.

Queridos Richard e Kahlan,

Sinto muito que eu não possa falar agora mesmo tudo que eu gostaria que vocês saibam, mas há assuntos urgentes dos quais eu devo cuidar e não ouso me atrasar.

Jagang iniciou algo que eu considerava impossível. Através de sua habilidade como um Andarilho dos Sonhos, ele forçou Irmãs do Escuro que controla a tentarem criar armas usando pessoas, como era feito durante a Grande Guerra. Apenas isso já é suficientemente perigoso, mas uma vez que Jagang não tem o Dom, seu entendimento desse tipo de coisa é muito rudimentar. Ele é um touro grosseiro tentando usar os chifres para amarrar um laço. Ele está usando as vidas de magos como base para seus experimentos. Ainda não sei exatamente qual a intenção exata que eles procuram obter, mas temo descobrir os resultados. Falarei mais disso em um momento.

Primeiro, o objeto que eu enviei. Quando eu peguei a sua trilha e comecei a rastreá-lo até o local onde deveríamos nos encontrar, eu descobri isso. Acredito que você já deparou-se com isso porque ele foi tocado por um envolvido principal no assunto ou envolvido com você.

O objeto é um Farol de Alerta. Ele foi ativado… não por esse toque, mas por eventos. Não posso exagerar quando falo do perigo que isso representa.

Objetos assim só poderiam ser feitos pelos magos dos tempos antigos; a criação de tal objeto requer ambas as magias Aditiva

e Subtrativa, e exige que ambos os Dons sejam inatos. Além disso, eles são tão raros que na verdade eu nunca vi um deles. Entretanto, li sobre eles nas câmaras no Palácio dos Profetas. Esses Faróis de Alerta são mantidos viáveis através de uma ligação com o mago morto que os criou.

Richard endireitou o corpo e soltou um suspiro de preocupação.

– Como uma ligação assim pode ser possível? Kahlan perguntou.

Ele dificilmente teve que ler as entrelinhas para ser capaz de dizer que Nicci o estava alertando nos termos mais graves possíveis.

– De alguma forma isso tem que estar relacionado com o Submundo. – Richard sussurrou em resposta.

Pequenos pontos de luz do fogo dançavam nos olhos verdes dela enquanto olhava para ele.

Kahlan olhou para Cara novamente enquanto ela trabalhava nos nós, retirando uma das tiras de couro ao redor de um objeto que estava ligado a um mago morto no Submundo. Kahlan ergueu a borda da carta enquanto lia apressadamente junto com ele.

De acordo com o que sei a respeito desse tipo de Faróis de Alerta, eles monitoram escudos protetores poderosos e vitais criados para manter preso algo profundamente perigoso. Eles estão em pares. O primeiro Farol é sempre âmbar. Ele é destinado a servir como alerta para aquele que causou o rompimento do selo. O toque da pessoa principal ou daquela envolvida com a principal o ativa para ele poder ser reconhecido pelo que é, e servir conforme foi planejado… como um aviso para as pessoas envolvidas. Somente após alertar aquele que deve alertar ele pode ser destruído. Enviei isso para ter absoluta certeza de que você tenha visto.

A precisa natureza do segundo Farol é desconhecida para mim, mas esse Farol é destinado para aquele capaz de recolocar o selo.

Não sei a natureza do selo ou o que ele estava protegendo. Porém, sem dúvida, o selo foi quebrado.

A origem da quebra, embora não a causa específica da ativação desse Farol, é bastante clara.

– Oh, agora espere um minuto, – Cara falou, levantando, recuando como se tivesse liberado uma praga mortal do tecido negro. – dessa vez não foi culpa minha. – ela apontou para aquilo. – Dessa vez, você disse para fazer isso.

A estátua translúcida que Cara havia tocado anteriormente agora estava no centro do tecido negro desembrulhado.

Era a mesma estátua: uma estátua de Kahlan.

O braço esquerdo da estátua estava encostado em sua lateral, o direito estava levantado, apontando. A estátua, em uma forma de ampulheta, parecia como se fosse de âmbar transparente, permitindo a eles enxergar por dentro.

Areia escorria da metade superior da ampulheta, através da cintura estreita, para dentro do fundo do vestido da Madre Confessora.

A areia ainda estava caindo, exatamente como estivera na última vez em que Richard tinha visto a coisa. Naquele momento, a metade de cima estava com maior quantidade do que a metade de baixo. Agora, a de cima tinha menos areia do que a de baixo.

O rosto de Kahlan estava pálido.

Quando viu aquilo pela primeira vez, Richard não precisaria que Nicci falasse o quanto era perigosa uma coisa assim. Ele não quisera que algum deles a tocasse. Quando encontraram com ela pela primeira vez, em um recesso na rocha ao lado da trilha, parecendo quase como parte da própria rocha, a coisa estava opaca,

com uma superfície escura, e ainda assim era claramente reconhecível como Kahlan. Ela estava deitada de lado.

Cara não ficou feliz encontrando uma coisa assim e não queria deixar uma representação de Kahlan jogada por aí para qualquer pessoa encontrar e pegar sabe-se lá para quê. Então Cara pegou-a, mesmo que Richard gritasse com ela para deixar aquela coisa ali.

Quando tocou-a, ela começou a ficar translúcida.

Em pânico, Cara colocou-a de volta.

Foi quando o braço direito levantou e apontou para leste.

Foi então que eles puderam começar a ver através da coisa, a ver a areia dentro escorrendo.

O perigo implícito da areia terminar deixara todos eles inquietos. Cara queria pegá-la outra vez e virá-la, para impedir que a areia caísse. Richard, não sabendo qualquer coisa a respeito de um objeto assim e duvidando que uma solução tão simples teria qualquer efeito benéfico, não permitira que Cara a tocasse novamente. Ele empilhou pedras e arbustos ao redor dela para que ninguém mais soubesse que ela estava ali. Obviamente, isso não tinha funcionado.

Agora ele sabia que o toque de Cara não tinha relação com o que estava acontecendo, a não ser por iniciar o alerta, então ele pensou em confirmar sua crença original. – Cara, coloque-a para baixo.

– Para baixo?

– De lado… como você queria fazer da última vez… para ver se isso vai parar a areia.

Cara ficou olhando para ele durante um momento e então usou a ponta da bota para virar a figura de lado.

A areia continuou a correr como se ela ainda estivesse em pé.

– Como a areia pode fazer isso? – Jennsen perguntou, soando bastante abalada. – Como a areia ainda pode cair… como ela cai para

o lado?

– Consegue ver isso? – Kahlan perguntou. – Consegue ver a areia caindo?

Jennsen assentiu. – Com certeza consigo, e tenho que falar para você, isso está me causando calafrios.

Richard só conseguia olhar para ela observando a estátua de Kahlan deitada de lado. Se não fosse outra coisa, a areia correndo para o lado através da estátua tinha que ser magia. Jennsen era um Pilar da Criação, um buraco no mundo, uma descendente completamente não dotada de Darken Rahl. Ela não devia ser capaz de enxergar a magia.

Ainda assim, ela estava vendo.

– Tenho que concordar com a jovem, – falou Sabar. – Isso é ainda mais assustador do que aquelas grandes aves negras que vi circulando durante a última semana.

Kahlan endireitou o corpo. – Você viu…

Quando ele ouviu o grito urgente de alerta de Tom, Richard levantou rapidamente, sacando sua espada em um movimento veloz. O som inconfundível do aço encheu o ar noturno.

A magia não saiu junto com a espada.

Capítulo 14



Kahlan mergulhou para o lado, para fora do caminho, quando Richard libertou sua espada. O som distinto do aço sendo desembainhado em fúria fundiu-se com o grito de alerta de Tom, ainda ecoando através das colinas ao redor para enviar um calafrio de pavor na carne dela. Enquanto olhava dentro da escuridão vazia da noite ao redor, seu instinto foi o de buscar sua própria espada, mas havia guardado ela na carroça ao invés de carregá-la, para não levantar suspeitas a respeito de quem eles poderiam ser… mulheres no Mundo Antigo não carregavam armas.

Com a luz do fogo, Kahlan conseguiu ver claramente o rosto de Richard. Tinha visto ele sacar a Espada da Verdade incontáveis vezes e em uma variedade de situações, desde aquela primeira vez quando Zedd, após dar a ele a espada, ordenou que ele a sacasse e Richard tirou-a de sua bainha, em vezes que ele empunhou-a no calor da batalha, até vezes em que ele sacou-a repentinamente para defender-se.

Quando Richard puxava a espada, ele também estava invocando sua magia assistente. Essa era a função da arma; a magia não havia sido criada simplesmente para defender o verdadeiro dono da espada, mas de maneira mais importante, para ser uma projeção de sua vontade. Realmente a Espada da Verdade não era ao menos um talismã, mas ao invés disso, uma ferramenta do Seeker da Verdade.

A verdadeira arma era o Seeker nomeado por direito que empunhava a espada. A magia da espada respondia a ele.

Todas as vezes em que Richard tinha sacado a espada, Kahlan tinha visto aquela magia dançando perigosamente nos olhos cinzentos ele.

Essa foi a primeira vez em que ele sacou a espada e ela não viu a magia em seus olhos; o olhar feroz era puramente o de Richard.

Ainda que ver ele sacar a espada sem ver a sua magia concomitante evidente nos olhos dele a chocasse, isso pareceu surpreender mais ainda Richard. Por um instante ele hesitou, como se estivesse cambaleando mentalmente.

Antes que eles tivessem tempo de ao menos imaginar o que havia acionado o grito de alerta de Tom, formas sombrias deslizando através da cobertura das árvores próximas surgiram subitamente da escuridão indo para o meio deles. O som repentino e a fúria de gritos assustadores encheram o ar da noite quando homens invadiram o acampamento, finalmente iluminados pela luz do fogo.

Eles não pareciam soldados… não estavam usando uniformes… e não estavam atacando como soldados fariam, com armas em punho. Kahlan não viu qualquer um dos homens brandindo espadas, machados ou até mesmo facas. Com armas ou não, havia um monte de homens e eles soltavam ferozes gritos de batalha como se não pretendessem nada menos do que sangrento assassinato. Porém, ela sabia que o choque súbito do barulho ensurdecedor era uma tática destinada a deixar o alvo pretendido indefeso por causa do medo, tornando mais fácil de matar. Ela sabia porque ela mesma usava esse tipo de tática.

De lâmina na mão, Richard estava completamente em seu elemento; focado, resoluto, impiedosamente comprometido… mesmo sem o auxílio da magia da espada.

Enquanto os agressores atacavam, a espada, conduzida pela própria fúria de Richard, cintilava através do ar, um brilho de luz carmesim das chamas da fogueira refletiram na extensão da lâmina,

emprestando a ela uma leve mancha avermelhada. Naquele momento do encontro no ataque, houve um segundo quando Kahlan temeu que sem a magia da espada, tudo pudesse sair terrivelmente errado.

Em um instante, o acampamento que estivera tão tranquilamente tenso tornou-se um pandemônio. Embora os atacantes não estivessem vestidos como soldados, todos eram grandes e enquanto eles invadiam não havia dúvida sobre a intenção hostil deles.

Um homem que avançava correndo levantou os braços para agarrar Richard antes que a espada dele estivesse pronta para uso.

A ponta da espada assobiou quando girou, conduzida por mortal comprometimento. A lâmina cortou um dos braços erguidos do homem antes de explodir o seu crânio. O ar acima da fogueira encheu-se de um jato de sangue, osso, e cérebro. Outro homem saltou.

A espada de Richard rasgou através do peito dele. No espaço de duas piscadas, dois homens estavam mortos.

A magia finalmente pareceu brilhar nos olhos de Richard, como se finalmente tivesse alcançado a vontade dele.

Kahlan não conseguia ver o sentido naquilo que os homens estavam fazendo. Eles atacavam sem armas em punho, mas não pareciam menos ferozes por causa disso. A velocidade, número, tamanho, e a aparência deles, eram o bastante para deixar quase qualquer pessoa tremendo de medo.

Da escuridão, mais homens correram para cima deles. Cara entrou no caminho do ataque, golpeando com seu Agiel. Homens gritavam com dor apavorante quando a arma dela fazia contato, causando hesitação entre os atacantes. Sabar, com a faca na mão, caiu ao chão com um dos homens que tinha agarrado ele por trás. Jennsen esquivou-se de outro homem que tentou segurar o cabelo

dela. Quando ela escapulia, cortou o rosto dele com a faca. Os gritos dele juntaram-se a um estridente coro de outros.

Kahlan percebeu que não eram apenas homens gritando, mas os cavalos também estavam gritando de pavor.

O Agiel de Cara contra um pescoço grosso causou um grito terrível. Homens rosnavam com esforço e gritavam ordens que eram cortadas abruptamente quando a espada de Richard os cortava. Toda a gritaria parecia direcionada para a tarefa de sobrepujar eles quatro.

Então Kahlan entendeu o que estava acontecendo. Essa não era uma tentativa de matar, mas capturar. Para esses homens, matar seria uma grande misericórdia comparado ao que eles pretendiam.

Dois dos homens mergulharam por cima da fogueira, os braços bem abertos como se desejassem agarrar Richard e Kahlan.

Cara esticou-se e segurou uma camisa, girando repentinamente um dos dois. Ela enfiou o Agiel no estômago dele, fazendo ele cair de joelhos.

O outro homem inesperadamente encontrou a espada de Richard projetando-se com formidáveis músculos conduzindo-a. O grito de dor mortal foi breve antes que a espada rasgasse a sua garganta. Cara, de pé acima do homem de joelhos, pressionou seu Agiel no peito dele e aplicou uma torcida que fez ele cair instantaneamente.

Richard já estava saltando por cima da fogueira para penetrar no meio do ataque. Quando suas botas pousaram com um som abafado, a espada dele cortou o homem sobre Sabar quase em dois, espalhando suas vísceras pelo chão.

O homem que Jennsen havia cortado levantou apenas par ser recebido pela faca dela movida pelo medo desesperado. Ela saltou para trás quando ele caiu para frente, segurando a base da garganta onde ela cortara sua traqueia. Cara segurou o homem que Jennsen não viu seguindo para sua costa. A Mord-Sith, seu rosto uma

imagem de selvagem determinação, encostou o Agiel na garganta dele, acompanhando-o até o chão enquanto ele afogava-se com o próprio sangue.

Então, no meio dos homens onde Richard entrou, Kahlan viu as facas surgindo. Os homens abandonaram sua mal sucedida tentativa de derrubar e sobrepujar ele, e decidiram ao invés disso esfaqueá-lo. No mínimo, a ameaça das facas serviu apenas para aumentar ainda mais a fúria de Richard. Pela aparência dos olhos dele, a magia da espada pareceu estar completamente engajada na batalha.

Por um instante, Kahlan ficou abalada com a visão de Richard tão impiedosamente comprometido com a autodefesa que o ato de matar tornou-se uma graciosa manifestação de arte… uma dança com a morte. Comparados com os movimentos fluidos de Richard, os homens agiam como touros. Sem movimento desperdiçado, Richard deslizou entre eles como se eles fossem estátuas, sua espada distribuindo violência sem restrições. Cada golpe encontrava uma área vital do inimigo. Cada giro cortava carne e osso. Cada movimento encontrava um ataque e esmagava-o. Não havia oportunidade perdida, nenhum corte que errava, nenhum golpe em vão, nenhum ataque que apenas feria levemente. Cada vez que ele passava girando pelo golpe de uma lâmina, encarava um ataque, ou virava para um novo atacante, ele cortava sem piedade.

Kahlan estava furiosa por não ter sua espada.

Não havia como dizer quantos homens ainda havia.

Ela sabia muito bem como era estar indefesa e dominada por uma gangue de homens. Ela começou a margear em direção a carroça.

Jennsen e Sabar foram derrubados por um homem robusto que saltou da escuridão. Quando eles atingiram o chão, o homem pousou em cima deles, tirando o ar de seus pulmões. As grandes

mãos dele prenderam os pulsos deles no chão, mantendo as facas deles longe.

A lâmina de Richard passou com a velocidade de um raio, cortando a costa do homem, partindo a sua coluna.

Richard ficou sobre um joelho quando virou, balançando a espada para empalar outro atacante que aproximava-se em uma corrida alucinada, tentando alcançar Richard antes que ele pudesse se recuperar. A expressão no rosto do homem era uma imagem de apavorante surpresa quando, ao invés disso, ele correu sobre a espada de Richard, enfiando-a em seu próprio peito até o cabo. O pesado homem sobre Jennsen e Sabar convulsionou, incapaz de respirar, quando eles o empurraram. Richard, ainda sobre um joelho, removeu a espada enquanto o homem mortalmente ferido caiu passando por ele.

Quando outro homem entrou correndo no acampamento, olhando ao redor, tentando recompor-se, Cara bateu com seu Agiel no pescoço dele. Quando ele desmoronava, ela usou o cotovelo para esmagar o rosto do homem que seguia atrás do primeiro, tentando segurá-la por trás enquanto ela estava ocupada. Gritando, as mãos dele cobriram osso esmagado e sangue jorrando. Ela girou e chutou-o entre as pernas. Quando ele caiu para frente, com as mãos sobre a virilha, ela quebrou a mandíbula dele com o joelho, virou, e derrubou um terceiro homem golpeando com seu Agiel no peito dele.

Outro atacante atirou-se em cima de Sabar, derrubando-o para trás. Sabar golpeou com sua faca, fazendo sólido contato. Outro homem viu a abertura e pegou a carta de Nicci que estava no chão.

Kahlan mergulhou atrás da carta no punho dele, mas errou quando ele puxou a mão antes de correr para longe.

Jennsen bloqueou a fuga dele. Ele empurrou-a com o braço quando avançou correndo. Jennsen cambaleou, mas girou o corpo para enterrar a sua faca ente as espáduas dele.

Jennsen conseguiu manter a faca segura, torcendo-a com força, enquanto o homem arqueava a costa com um gemido de dor e então um berro de fúria que enfraqueceu até virar um borbulhar antes que ficasse completamente ser ar. A faca de Jennsen encontrara o coração dele. Ele tremeu, cambaleou, e caiu dentro da fogueira. As chamas aumentaram ganhando vida quando as roupas dele pegaram fogo.

Kahlan tentou arrancar a carta do punho dele enquanto ele agitava-se em terrível dor, mas, com a intensidade do calor, ela não conseguia chegar perto o bastante.

Porém, já era tarde demais; a carta que ela e Richard tiveram chance de ler apenas parcialmente queimou rapidamente antes de transformar-se em cinza negra que desintegrou e voou em direção ao céu no rugido das chamas.

Kahlan cobriu a boca e o nariz, tossindo com o fedor de cabelo e carne queimados enquanto era forçada a recuar por causa do calor. Embora estivesse parecendo horas de luta, o assalto tinha apenas começado e homens já estavam deitados mortos por toda parte enquanto mais dos grandes homens juntavam-se ao ataque.

Enquanto ela afastava-se das chamas e de sua fútil tentativa de recuperar a carta perdida, Kahlan virou novamente em direção a carroça, em direção a sua espada.

Ela levantou os olhos e viu um homem que parecia tão grande quanto uma montanha avançando direto para ela, bloqueando seu caminho.

Ele sorriu ao ver que estava correndo até uma mulher sem uma arma.

Além do homem, Kahlan viu Richard. Seus olhos encontraram-se.

Ele havia levado sua espada até o núcleo do ataque, tentando interromper aquilo antes que pudesse chegar até o restante deles,

tentando acabar com aquilo antes que danos pudessem atingir o resto deles.

Ele não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Ele não estava perto o bastante par chegar até ela em tempo. Isso não impediu ele de tentar. Mesmo quando ele tentou, Kahlan desconsiderou a tentativa. Ele estava longe demais. O esforço era fútil.

Olhando dentro dos olhos do homem que ela amava mais do que a própria vida, ela viu a fúria pura dele; ela sabia que Richard estava vendo um rosto que não mostrava emoção: um rosto de Confessora, como a mãe dela tinha ensinado.

E então o inimigo correndo ficou entre eles, bloqueando a visão deles um do outro.

A visão de Kahlan concentrou-se no homem aproximando-se dela. Seus braços erguidos como um urso perdido em um ataque louco. Seus dentes estavam cerrados de determinação.

Um sorriso distorceu o rosto dele em seu esforço selvagem para alcançá-la antes que ela pudesse esquivar para o lado, antes que tivesse chance de escapar.

Ela sabia que ele estava perto demais par que tivesse aquela chance e então não desperdiçou qualquer esforço em uma tentativa inútil.

Esse conseguiu passar pela matança. Ele evitara Jennsen e Sabar. Tinha planejado seu ataque para evitar a lâmina de Richard enquanto passava pelo Agiel de Cara quando ela virou para outro homem. Ele não tinha atacado loucamente como o restante; esperou justamente o bastante para controlar o tempo de seu avanço perfeitamente.

Esse sabia que estava prestes a ter o que buscava.

Ele estava a menos de uma batida de coração de distância, lançando-se em direção a ela com toda velocidade.

Kahlan conseguiu ouvir o grito de Richard mesmo quando seu olhar encontrou o brilho dos olhos escuros do homem.

O homem emitiu um grito de fúria quando saltou. Seus pés deixaram o chão enquanto ele navegava através do ar em direção a ela. O sorriso maligno dele traiu a sua confiança.

Kahlan podia ver a presa dele enterrada sobre o lábio inferior rachado, viu o dente escuro na frente da fileira superior entre seus outros dentes amarelos, viu a pequena marca branca de uma cicatriz, como se uma vez ele estivesse comendo com uma faca e tivesse acidentalmente cortado o canto de sua boca. A barba dele parecia com arame. Seu olho esquerdo não abria tanto quanto o direito. Sua orelha direita tinha uma grande fenda em forma de V na parte superior. Isso fez ela lembrar da forma como alguns fazendeiros marcavam seus porcos.

Ela conseguiu ver o seu próprio reflexo nos olhos escuros dele quando o braço direito dela levantou.

Kahlan imaginou se ele tinha uma esposa, uma mulher que preocupava-se com ele, sentia falta dele, esperava por ele. Imaginou se ele podia ter crianças, e, se tivesse, o que um homem como esse podia ensinar para elas. Ela teve uma visão momentânea de como seria horrível ter essa besta sobre ela, sua barba de arame arranhando a bochecha lisa dela, os lábios rachados dele nos dela, seus dentes amarelos deslizando no pescoço dela enquanto ele se perdia naquilo que desejava.

O tempo distorceu.

Ela esticou o braço. O homem aproximou-se dela acelerado. Ela sentiu o trançado grosseiro da camisa marrom escura dele quando a palma de sua mão encontrou com o centro do peito dele.

Aquela pequena fração de tempo que ela teria antes que ele estivessem em cima dela ainda não tinha começado. Richard ainda não conseguira dar ao menos um passo.

O peso da carga de um homem contra a mão dela parecia como se fosse apenas o sopro de um bebê. Para Kahlan, pareceu como se ele estivesse congelado no espaço diante dela.

O tempo era dela.

Ele era dela.

O tumulto do combate, os gritos, os gemidos, o fedor de suor e sangue; o brilho do aço, o impacto de corpos; as pragas e grunhidos; o medo, o terror, o pulsar frenético de corações… a fúria… não estavam mais ali para ela. Ela estava em um mundo silencioso todo dela.

Embora tivesse nascido com isso e sempre tivesse sentido isso ali no âmago de seu ser, o incrível poder interior, de muitas formas, parecia incompreensível, inconcebível, inimaginável, remoto. Ela sabia que pareceria desse jeito até que ela deixasse as suas rédeas escapulirem, e então mais uma vez ela estaria unida com uma força de tal magnitude de tirar o fôlego que só poderia ser compreendida totalmente se fosse experimentada. Embora tivesse liberado isso mais vezes do que podia lembrar, não importava o quanto estivesse preparada, a extraordinária violência disso ainda a surpreendia sempre.

Ela observou o homem diante dela com uma calculada frieza, pronta para aquela violência.

Quando ele corria até ela, o tempo pertencia a este homem.

Agora o tempo pertencia a ela.

Ela podia sentir os fios do tecido da camisa dele, sentir o peito cabeludo por baixo dela.

O choque do súbito ataque, a violência dele, agora desaparecera. Agora havia somente esse homem e ela, conectados para sempre através do que estava para acontecer. Esse homem tinha escolhido seu próprio destino conscientemente quando escolheu atacá-los. A certeza dela naquilo que era preciso conduziu-a além da necessidade da avaliação de emoção, e ela não sentia

alguma… nenhuma alegria, nem mesmo alívio; nada de ódio, nem mesmo aversão; nenhuma compaixão, nem ao menos tristeza.

Kahlan colocou de lado essas emoções abrindo caminho para o fluxo de poder, para dar liberdade a ele.

Agora ele não tinha chance.

Ele era dela.

O rosto do homem estava contorcido com a intoxicante, exultante alegria em sua certeza de que ele era o glorioso vitorioso que possuiria ela, que agora ele era aquele que decidia o que seria da vida dela, que ela era apenas dele para pilhar.

Kahlan liberou o seu poder.

Por deliberada intenção dela, o estado subordinado de seu direito por nascimento instantaneamente alterou-se em uma força avassaladora capaz de alterar a própria natureza da consciência.

Nos olhos escuros do homem havia surgido a fagulha da suspeita de que algo que ele não podia compreender havia começado irrevogavelmente. E então veio a repentina percepção de que sua vida, como ele a conhecia, terminara. Tudo que ele queria, em que pensava, por que trabalhava, ansiava, por que rezava, possuía, amava, odiava… agora estava acabado.

Nos olhos dela ele não enxergou piedade, e isso, mas do que tudo, causou nele forte terror.

Um trovão sem o som agitou o ar.

Naquele instante, a violência daquilo foi tão pura, bela, primorosa, quanto foi horripilante.

Aquele momento no tempo que Kahlan tinha antes que ele estivesse sobre ela ainda não havia começado.

Ela podia ver nos olhos do homem que mesmo assim agora era tarde demais para ele. A própria percepção estava sendo ultrapassada pela velocidade da magia brutal rasgando através da mente dele, destruindo para sempre que este homem havia sido.

A força da concussão sacudiu o ar.

As estrelas tremeram.

Fagulhas da fogueira espalharam-se pelo chão enquanto o choque espalhava-se em forma de anel, levantando poeira antes de passar. Árvores balançaram quando foram atingidas pelo golpe, derrubando agulhas e folhas quando a onda passava.

Ele era dela.

O peso dele voando para frente fez Kahlan recuar um passo quando ela saía do caminho. O homem passou voando por ela e caiu no chão, de cara.

Sem um instante de hesitação, ele levantou ficando de joelhos. Suas mão levantaram em uma súplica. Lágrimas inundavam seus olhos. Sua boca, que apenas um momento antes estava tão retorcida com a pervertida expectativa, agora estava retorcida com a agonia da pura angústia.

– Por favor, Senhora, – ele gemeu. – ordene!

Kahlan observou-o, pela primeira vez na vida nova dele, com uma emoção: desprezo.

CAPÍTULO 15



Somente o som do suave balido apavorado de Betty espalhou-se através do silencioso acampamento. Corpos jaziam espalhados aleatoriamente pelo chão. O ataque parecia ter acabado.

Richard, com a espada na mão, correu no meio da carnificina para chegar até Kahlan. Jennsen estava parada perto da luz da fogueira, enquanto Cara checava os corpos procurando qualquer sinal de vida.

Kahlan deixou o homem que acabara de tocar com seu poder ajoelhado na areia, passando por ele em direção a Jennsen. Richard encontrou-a no meio do caminho até lá, seu braço livre abraçando-a com alívio.

– Você está bem?

Kahlan assentiu, observando rapidamente o acampamento deles, checando qualquer outro atacante, mas viu apenas os homens que estavam mortos.

– E quanto a você? – ela perguntou.

Richard pareceu não escutar a pergunta. Seu braço escorregou da cintura dela. – Queridos espíritos. – ele disse, quando correu até um dos corpos que jazia de lado. Era Sabar.

Jennsen não estava longe, tremendo de terror, sua faca erguida protetoramente em um punho, seus olhos arregalados. Kahlan segurou Jennsen nos braços, sussurrando que estava tudo acabado, que havia terminado, que ela estava bem.

Jennsen agarrou-se a Kahlan. – Sabar… ele estava… me protegendo.

– Eu sei, eu sei. – Kahlan confortou-a.

Ela podia ver que não havia pressa nos movimentos de Richard quando ele deitou Sabar de costas.

O braço do jovem caiu sem vida para o lado.

O coração de Kahlan ficou apertado.

Tom correu entrando no acampamento, tentando recuperar o fôlego. Ele estava cheio de sangue e suor. Jennsen gemeu e caiu nos braços dele. Ele abraçou-a de forma protetora, segurando a cabeça dela contra o ombro enquanto tentava recompor-se.

Betty baliu assustada de baixo da carroça, emergindo hesitante somente depois que Jennsen chamou várias vezes encorajando-a. A cabra lamuriosa finalmente correu até Jennsen e encostou-se tremendo contra a saia dela. Tom manteve firme observação na escuridão ao redor.

Cara andou calmamente entre os corpos, procurando qualquer sinal de vida neles. Na maioria, não podia haver dúvida. Aqui e ali ela cutucava alguém com a ponta da bota, ou com a ponta do Agiel. A julgar pela falta de urgência dela, não houve dúvida de que todos estavam mortos.

Kahlan colocou a mão na costa de Richard quando ele agachou ao lado do corpo de Sabar.

– Quantas pessoas devem morrer, – ele perguntou em voz baixa, triste. – pelo crime de querer ser livre, pelo pecado de querer viver a sua própria vida?

Ela viu que ele ainda empunhava a Espada da Verdade em um punho bem apertado. A magia da espada, que tinha surgido com tanta relutância, ainda dançava perigosamente nos olhos dele.

– Quantas! – ele repetiu.

– Não sei, Richard. – Kahlan sussurrou.

Richard direcionou um olhar furioso para o homem do outro lado do acampamento, ainda de joelhos, suas mãos unidas em um gesto de súplica implorando para receber ordens, temendo falar.

Uma vez tocada por uma Confessora, a pessoa não era mais quem tinha sido um dia. Aquela parte de sua mente estava perdida para sempre. Quem ela era, o que era, não existia mais.

Em seu lugar a magia do poder de uma Confessora colocava devoção irrestrita aos desejos da confessora que a tocara. Nada mais importava. Seu único objetivo na vida, agora, era obedecer os comandos dela, satisfazer a vontade dela, responder a cada pergunta dela.

Para alguém que era tocado assim, não havia crime que não confessaria, se ela perguntasse isso. Foi apenas por isso que as Confessoras foram criadas.

Seu propósito, de certo modo, era o mesmo que o do Seeker… a verdade. Na guerra, assim como em todos os outros aspectos da vida, não havia um item mais importante para a sobrevivência do que a verdade.

Esse homem, ajoelhado não muito longe, chorava em abjeta miséria porque Kahlan não pedira nada a ele.

Não poderia existir agonia mais terrível, um vazio mais apavorante, do que o vazio de não saber o desejo dela.

A existência sem o desejo dela não tinha sentido. Era conhecido que, na ausência do comando dela, homens tocados por uma Confessora morreram.

Agora qualquer coisa que ela pedisse dele, quer seja para dizer a ela o nome dele, confessar o nome do seu verdadeiro amor, ou para assassinar sua mãe amada, causaria nele uma alegria sem fronteiras porque finalmente seria uma tarefa a executar para ela.

– Vamos descobrir o que significa tudo isso. – Richard falou em um rosnado lento.

Exausta, Kahlan fitou o homem de joelhos. Estava tão cansada que mal poderia ficar em pé.

Suor escorria entre os seios dela. Precisava descansar, mas esse problema era mais imediato e precisava ser tratado primeiro.

No caminho deles até o homem que esperava de joelhos, os olhos dele desviaram com expectativa para Kahlan, Richard parou. Ali, na areia diante das botas dele, estavam os restos da estátua que Sabar trouxe para eles. Estava quebrada em centenas de pedaços, nenhum deles reconhecível a não ser que aqueles pedaços ainda possuíam uma cor âmbar translúcida.

A carta de Nicci dizia que eles não precisavam da estátua, agora que ela dera seu aviso… um aviso de que Kahlan havia, de algum modo, quebrado um escudo protetor que mantinha distante algo profundamente perigoso.

Kahlan não sabia o que o selo protegia, mas temia saber muito bem o que fizera para quebrá-lo.

Temia mais ainda que, por causa dela, a magia da espada de Richard tivesse começado a falhar.

Enquanto Kahlan ficava parada olhando os fragmentos âmbar na terra, o desespero inundou-a.

O braço de Richard envolveu a cintura dela. – Não deixe a sua imaginação dominá-la. Ainda não sabemos do que se trata. Nem mesmo podemos ter certeza de que é verdade… poderia até ser algum tipo de engano.

Kahlan gostaria de poder acreditar naquilo.

Richard finalmente colocou sua espada de volta em sua bainha. – Quer descansar primeiro, sentar um pouquinho?

A preocupação dele com ela assumia precedência acima de tudo. Desde o primeiro dia em que o conhecera, sempre foi assim. Até então, era o bem estar dele que a preocupava.

Usar o seu poder exauria a força de uma Confessora.

Isso deixara Kahlan sentindo-se não apenas fraca, mas, dessa vez, com náuseas. Ela foi nomeada ao posto de Madre Confessora, em parte, porque o seu poder era tão forte que era capaz de recuperar-se em horas; para outras era necessário um dia ou às vezes dois. Ao pensar no fato de todas aquelas outras Confessoras,

algumas delas por quem tinha profundo carinho, estarem mortas fazia muito tempo, Kahlan sentiu o peso da falta de esperança empurrando-a ainda mais para baixo.

Para recuperar completamente a sua força, ela precisaria de uma noite de descanso. Porém, no momento, havia considerações mais importantes, e Richard não era a menor delas.

– Não, – ela disse. – estou bem. Posso descansar mais tarde. Vamos perguntar a ele o que você quiser.

O olhar de Richard moveu-se através do acampamento cheio de membros, entranhas, corpos. O chão estava ensopado de sangue. O fedor de tudo isso, junto com o corpo ainda em chamas ao lado da fogueira, estava deixando Kahlan pior a cada segundo. Ela desviou do homem ajoelhado, em direção a Richard, para dentro da proteção dos braços dele. Estava exausta.

– E então vamos cair fora desse lugar. – ela falou. – Precisamos nos afastar daqui. Pode haver mais homens a caminho. – Kahlan preocupava-se que se ele tivesse que sacar a espada outra vez, poderia não ter a ajuda da magia dela. – Precisamos achar um acampamento mais seguro.

Richard concordou balançando a cabeça. Ele olhou por cima da cabeça dela enquanto segurava-a contra o peito. Independente de tudo, ou talvez por causa de tudo, parecia maravilhoso simplesmente ser abraçada. Ela conseguiu ouvir Friedrich voltando rapidamente para o acampamento, ofegando enquanto corria. Ele parou cambaleando enquanto soltava um gemido de surpresa misturado com repulsa por causa do que viu.

– Tom, Friedrich, – Richard perguntou. – vocês tem ideia se tem mais homens vindo?

– Acho que não, – falou Tom. – acho que eles estavam juntos. Encontrei eles subindo um morro. Eu estava tentando retornar até aqui para avisá-los, mas quatro deles surgiram em uma elevação e

saltaram sobre mim enquanto o resto correu para nosso acampamento.

– Eu não vi ninguém, Lorde Rahl. – disse Friedrich, recuperando o fôlego. – Eu vim correndo quando ouvi os gritos.

Richard recebeu as palavras de Friedrich com a mão confortadora no ombro do homem. – Ajude Tom a preparar os cavalos. Não quero passar a noite aqui.

Quando os dois homens entraram rapidamente em ação, Richard virou para Jennsen.

– Por favor, coloque alguns colchões na parte de trás da carroça, está bem? Eu gostaria que Kahlan pudesse deitar e descansar quando partirmos.

Jennsen deu alguns tapinhas no ombro de Betty, incentivando a cabra a segui-la. – Claro, Richard. Ela seguiu apressada até a carroça, Betty foi trotando ao lado dela.

Enquanto todos agiam o mais rápido possível para juntar suas coisas, Richard foi sozinho até um trecho aberto de chão ali perto para cavar um túmulo raso. Não havia tempo para uma pira funerária. Um túmulo simples era o melhor que eles podiam fazer, mas o espírito de Sabar partira, e não culparia eles pela necessidade de um tratamento apressado com seu corpo.

Kahlan reavaliou o seu pensamento. Depois da carta de Nicci e de aprender o significado do Farol de Alerta, agora tinha ainda mais razões para duvidar que muitas daquelas coisas, incluindo espíritos, ainda fossem verdadeiras. O mundo dos mortos estava ligado ao mundo dos vivos por conexões de magia. O próprio Véu era magia e considerado algo que estava dentro de pessoas como Richard. Eles aprenderam que sem a magia essas conexões podiam falhar, e que, uma vez que aqueles outros mundos não poderiam existir independentes do mundo dos vivos, existiam apenas em um sentido relacional com o mundo dos vivos, caso as conexões falhassem completamente, aqueles outros mundos poderiam deixar

de existir… de forma semelhante como, sem o sol, o conceito de dia não existiria.

Agora estava claro para Kahlan que a magia no mundo estava esvaindo, e estivera esvaindo durante vários anos.

Ela sabia o motivo.

Espíritos, os bons e os maus, e a existência de tudo mais que dependia da magia, em breve poderiam estar perdidos. Isso significava que a morte tornaria-se o final, em todos os sentidos da palavra. Poderia até ser que não houvesse mais a possibilidade de estar com alguém querido após a morte, ou estar com os bons espíritos. Os bons espíritos, até mesmo o próprio Submundo, poderiam transformar-se em nada.

Quando Richard terminou, Tom ajudou-o a colocar Sabar gentilmente no solo. Depois que Tom pronunciou algumas palavras pedindo aos bons espíritos para cuidarem de um deles, ele e Richard cobriram o corpo.

– Lorde Rahl, – Tom falou em voz baixa assim que eles acabaram. – enquanto alguns dos homens começavam o ataque sobre vocês, aqui, outros cortaram as gargantas dos cavalos antes de juntarem-se aos companheiros vindo atrás de vocês quatro.

– Todos os cavalos?

– Exceto os meus. Meus cavalos de carga são bem grandes.

Talvez os homens estivessem preocupados com a chance de serem pisoteados. Deixaram alguns homens para cuidar de mim, então os que estavam aqui pensaram que eu estava fora do caminho. Provavelmente imaginaram que poderiam cuidar dos cavalos de carga mais tarde, depois que pegassem o restante de vocês. Tom balançou os ombros largos. – Talvez eles até planejassem capturar vocês, amarrá-los, e levá-los na carroça.

Richard aceitou as palavras de Tom com um simples aceno da cabeça. Passou os dedos pela testa.

Kahlan pensou que ele parecia pior do que ela sentira. Podia ver que a dor de cabeça tinha voltado e estava esmagando ele sob o peso de sua dor.

Tom olhou ao redor do acampamento deles, seus olhos observando os homens caídos. – O que devemos fazer com os outros corpos?

– Os Races podem ficar com o resto deles. – Richard falou sem hesitação.

Tom não pareceu ter qualquer objeção quanto a isso. – É melhor eu ajudar Friedrich a terminar de atrelar os cavalos na carroça. Eles ficarão bastante agitados com o cheiro de sangue em suas narinas e com a visão dos outros mortos.

Quando Tom foi cuidar dos cavalos dele, Richard gritou para Cara. – Conte os corpos, – ele disse para ela. – precisamos saber o total.

– Richard, – Kahlan falou em tom baixo depois que Tom estava fora do alcance dos ouvidos e Cara havia começado a caminhar sobre alguns dos corpos e entre outros, executando a tarefa de contagem. – o que aconteceu quando você sacou a espada?

Ele não perguntou o que ela queria dizer ou tentou poupá-la da preocupação.

– Tem alguma coisa errada com a magia dela. Quando eu saquei a espada, ela falhou em atender ao meu chamado. Os homens estavam chegando e eu não podia demorar naquilo que precisava fazer. Assim que eu encontrei com os atacantes, a magia finalmente reagiu.

– Provavelmente isso foi causado pelas dores de cabeça geradas pelo Dom… elas devem estar interferindo com a minha habilidade de união com a magia da espada.

– Na última vez que você teve as dores de cabeça elas não interferiram com o poder da espada.

– Eu disse, não deixe a sua imaginação dominá-la. Isso só aconteceu desde que eu comecei a sentir as dores de cabeça novamente. Essa deve ser a razão.

Kahlan não sabia se ousava acreditar nele, ou se ele mesmo realmente acreditava nisso. Porém, ele tinha razão. O problema com a magia da espada tinha acontecido recentemente… depois que ele começou a sentir as dores de cabeça.

– Elas estão ficando piores, não estão?

Ele assentiu. – Vamos lá, vamos conseguir as respostas que pudermos.

Kahlan soltou um suspiro cansado, conformada com essa parte da coisa. Eles tinham que aproveitar essa chance para descobrir qualquer informação estivesse disponível agora.

Kahlan virou para o homem que ainda estava de joelhos.

CAPÍTULO 16



Os olhos lacrimejantes do homem voltaram-se suplicantes em direção a Kahlan quando ela ficou parada diante dele. Ele estivera esperando, sozinho em sem conhecer os desejos dela, por um longo tempo e como resultado estava em um estado de completa miséria.

– Você deve vir conosco, – Kahlan falou para ele com um tom frio. – deve caminhar na frente da carroça por enquanto, onde podemos manter os olhos em você. Obedecerá as ordens de qualquer um dos outros que estão comigo como obedeceria minhas ordens. Responderá todas as perguntas com a pura verdade.

O homem caiu com a barriga ao chão, cheio de lágrimas, beijando os pés dela, agradecendo-a profusamente por finalmente dar ordens a ele. Arrastando-se no chão, com aquela fenda em forma de V na orelha, ele a fez lembrar de um porco.

Com os punhos nos flancos, Kahlan gritou – Pare com isso!

Ela não queria que esse porco assassino a tocasse.

Ele recuou instantaneamente, chocado com a fúria na voz dela, apavorado que ela estivesse desgostosa com ele. Ele encolheu-se imóvel aos pés dela, seus olhos arregalados, temendo fazer alguma outra coisa para desagradá-la.

– Você não está usando uniforme, – Richard disse para o homem. – você e os outros não são soldados?

– Somos soldados, só não somos soldados comuns. – o homem falou com ávida excitação em ser capaz de responder a pergunta e assim satisfazer a vontade de Kahlan. – Somos homens especiais servindo com a Ordem Imperial.

– Especiais? Como são especiais?

Com uma pontada de incerteza nos olhos, o homem olhou nervosamente para Kahlan. Ela não mostrou sinal algum para ele. Já tinha falado que ele deveria seguir todas as ordens deles. O homem, finalmente certo da intenção dela, prosseguiu apressadamente.

– Somos uma unidade especial de homens… com o exército… nossa tarefa é capturar inimigos da Ordem… temos que passar por testes para termos certeza de que somos homens capazes… homens leais… e que podemos realizar as missões nas quais somos enviados…

– Devagar, – Richard disse. – você está falando rápido demais.

O homem olhou rapidamente para Kahlan, seus olhos cheios de lágrimas porque podia ter desagradado a ela também.

– Continue. – disse ela.

– Não usamos uniformes ou deixamos que o nosso objetivo seja conhecido. – o homem falou com óbvio alívio de que se ele continuasse, isso a satisfaria. – Geralmente trabalhamos em cidades, procurando insurrecionistas. Nos misturamos ao povo, fazemos eles pensarem que somos gente deles. Quando eles conspiram contra a Ordem, nós prosseguimos até descobrirmos os nomes de todos aqueles envolvidos, então capturamos eles e entregamos para interrogatório.

Richard ficou olhando para o homem durante um bom tempo, seu rosto não mostrava reação. Richard estivera nas mãos da Ordem e foi "interrogado". Kahlan podia imaginar o que ele devia estar pensando.

– E vocês entregam apenas aqueles que sabem que estão conspirando contra a Ordem? – Richard perguntou. – Ou simplesmente entregam aqueles que suspeitam e qualquer um que eles conhecem?

– Se nós suspeitamos que eles podem estar conspirando… como se eles ficam isolados e em seu próprio grupo, e não abrem suas vidas para outros cidadãos… então entregamos eles para serem interrogados para que seja possível determinar o que eles podem estar escondendo. – O homem lambeu os lábios, lamentando relatar toda a extensão de seus métodos. – Nós conversamos com aqueles com quem eles trabalham, ou vizinhos, e conseguimos os nomes de qualquer um associado com eles, qualquer um dos amigos deles… às vezes até os membros mais próximos das famílias deles. Geralmente levamos pelo menos alguns deles também, e entregamos para interrogatório. Quando eles são interrogados, todos confessam os seus crimes contra a Ordem então isso prova que as nossas suspeitas sobre eles estavam certas.

Kahlan achou que Richard podia sacar a espada e decapitar o homem imediatamente. Richard sabia muito bem o que eles faziam com aqueles que eram levados, como eram desesperadas suas promessas.

Confissões obtidas sob tortura geralmente fornecia nomes de qualquer um que pudesse ser suspeito por qualquer razão, transformando o trabalho de torturar uma profissão bastante ocupada. O povo do Mundo Antigo vivia em medo constante de serem levados para um dos muitos lugares onde as pessoas eram interrogadas.

Aqueles que eram entregues raramente eram culpados de conspirar contra a Ordem; a maioria das pessoas estava ocupada demais apenas tentando sobreviver, tentando alimentar suas famílias, para encontrarem tempo de conspirar para derrubar o governo da Ordem Imperial. Entretanto, muitas pessoas realmente falavam sobre uma vida melhor, sobre o que gostariam de fazer, para crescer, para criar, para possuir, sobre as suas esperanças de que as suas crianças teriam uma vida melhor do que as delas. Uma vez que o dever da humanidade era sacrificar-se para a melhoria dos

colegas, não para a sua própria melhoria, para a Ordem Imperial, isso não era apenas insurreição, mas blasfêmia. No Mundo Antigo, a miséria era uma virtude amplamente disseminada, um dever com uma vocação superior.

Havia outros que não sonhavam com uma vida melhor, mas sonhavam em ajudar a Ordem entregando os nomes daqueles que falavam mal da Ordem, escondiam comida, até mesmo um pouco de dinheiro, ou falavam de uma vida melhor. Entregar esses "cidadãos desleais" ainda impedia outros dedos de apontar o informante. Informar tornou-se um indicador de santidade.

Ao invés de sacar a sua espada, Richard mudou de assunto. – Quantos de vocês havia, esta noite?

– Incluindo a mim, vinte e oito. – o homem falou sem demora.

– Vocês estavam todos juntos em um grupo quando atacaram?

O homem assentiu, ansioso em admitir todo o plano deles e assim receber a aprovação de Kahlan. – Queríamos nos certificar de que você e, e… seus olhos voltaram-se para Kahlan quando ele percebeu a incompatibilidade de seus dois objetivos… confessar e agradar a Madre Confessora.

Ele explodiu em lágrimas, unindo as mãos em uma prece. – Me perdoe, Senhora! Por favor, me perdoe!

Se a voz dele era a quintessência da emoção, a dela era o oposto. – Responda a pergunta.

Ele conteve o choro abruptamente para conseguir falar conforme foi ordenado. As lágrimas, porém, continuaram a deslizar por suas bochechas sujas. – Nós ficamos juntos para um ataque concentrado, para termos certeza de capturar Lorde Rahl e, e… você, Madre Confessora. Quando tentamos capturar um grupo de bom tamanho nós nos separamos, com a metade recuada para cuidar de qualquer um que possa tentar escapar, mas eu disse para os homens

que eu queria vocês dois, e disseram que vocês estariam juntos, então essa era a nossa chance. Eu não queria correr o risco de que vocês tivessem qualquer esperança de nos repelir, então ordenei que todos os homens atacassem, fazendo alguns cortarem as gargantas dos cavalos selados primeiro, para impedir qualquer possibilidade de escapatória.

O rosto dele iluminou-se. – Jamais suspeitei de que pudéssemos falhar.

– Quem enviou vocês? Kahlan perguntou.

O homem rastejou adiante, de joelhos, sua mão levantando para tocar a perna dela. Kahlan permaneceu imóvel, mas através de seu olhar gelado deixou ele saber que tocá-la a desagradaria muito.

A mão afastou-se.

– Nicholas. – ele disse.

A testa de Kahlan franziu. Ela estava esperando que ele falasse que Jagang o enviara.

Ela estava ciente da possibilidade de que o Andarilho dos Sonhos pudesse estar observando através dos olhos desse homem.

No passado Jagang enviara assassinos depois que entrara nos pensamentos deles. Com Jagang na mente de uma pessoa, ele dominava e os direcionava, e até mesmo Cara não conseguia controlá-los. E para dizer a verdade, nem Kahlan conseguia.

– Está mentindo para mim. Jagang o enviou.

O homem começou a choramingar. – Não, Senhora! Jamais tratei de qualquer negócio com sua Excelência. O exército é vasto. Recebo ordens daqueles que estão na minha seção. Não acho que aqueles dos quais eles recebem ordens, ou seus comandantes, ou até mesmo os comandantes deles, sejam dignos da atenção de sua Excelência. Sua Excelência está longe ao norte, levando a palavra de salvação da Ordem até pessoas sem lei e selvagens; ele nem ao menos saberia de nossa existência. Nós somos apenas um esquadrão mais baixo de homens com músculos para capturar pessoas que a

Ordem quer, seja para interrogatório ou para silenciá-los. Nós somos todos dessa parte do Império e assim fomos convocados porque estávamos aqui. Eu não sou digno da atenção de sua Excelência.

– Mas Jagang visitou você… nos seus sonhos. Ele visitou a sua mente.

– Senhora? – o homem pareceu aterrorizado em ter que perguntar a ela ao invés de responder a pergunta dela. – Eu não entendo.

Kahlan olhou fixamente. – Jagang entrou em sua mente. Ele falou com você.

Ele pareceu sinceramente confuso enquanto balançava a cabeça. – Não, Senhora. Eu nunca encontrei com sua Excelência. Nunca sonhei com ele… não sei coisa alguma a respeito dele, a não ser que Altur'Rang tem a honra de ser o lugar onde ele nasceu.

– Gostaria que eu matasse ele para você, Senhora? Por favor, se esse for o seu desejo, permite que eu o mate para você? – O homem não sabia o quanto essa ideia era estapafúrdia; porém, em seu desejo de satisfazer a ela, se ela ordenasse ele ficaria feliz em fazer a tentativa.

Kahlan virou as costas para o homem enquanto Richard observava ele. Ela inclinou um pouco em direção a Richard enquanto falava baixinho, para que o homem não escutasse. – Não sei se as pessoa visitada pelo Andarilho dos Sonhos deve estar sempre consciente disso, mas acho que ela estaria. Aqueles que já vi anteriormente estavam conscientes da presença de Jagang em sua mente.

– Será que o Andarilho dos Sonhos não poderia entrar na mente de uma pessoa sem que ela esteja consciente disso só para que pudesse nos observar?

– Suponho que isso seja possível, – ele disse. – mas pense em todos os milhões de pessoas no Mundo Antigo… ele não pode saber

na mente de quem entrar para que possa observar. Andarilho dos Sonhos ou não, ele é apenas um homem.

– Você é dotado? – Richard perguntou ao homem.

– Não.

– Bem, – Richard sussurrou. – Nicci disse para mim que Jagang raramente se importa com os não dotados. Ela disse que era difícil para ele tomar a mente dos não dotados, então ele simplesmente usa os dotados que controla e faz com que eles controlem os não dotados para ele. Ele tem todas as Irmãs que capturou para se preocupar. Tem que manter o controle sobre elas e direcionar as ações delas… incluindo o que começamos a ler na carta de Nicci… sobre como ele está guiando as Irmãs para transformar pessoas em armas. Além disso ele encabeça o exército e planeja a estratégia. Tem um monte de coisas para gerenciar, então geralmente ele concentra-se nas mentes dos dotados.

– Mas nem sempre. Se tiver que fazer isso, se precisar fazer isso, se quiser fazer isso, ele pode entrar nas mentes dos não dotados. Se fôssemos espertos, – Kahlan sussurrou. – mataríamos esse homem agora.

Enquanto eles falavam, o olhar de Richard nunca deixou o homem. Ela sabia que ele não hesitaria em concordar a não ser que achasse que o homem ainda podia ser útil.

– Eu só tenho que ordenar, – Kahlan lembrou a ele. – e ele cairá morto.

Richard contemplou os olhos dela durante um momento, então virou de volta para o homem e franziu a testa. – Você disse que alguém com o nome de Nicholas o enviou. Quem é esse Nicholas?

– Nicholas é um mago terrível à serviço da Ordem.

– Você viu ele. Ele deu a você essas ordens?

– Não. Somos pequenos demais para alguém como ele incomodar-se conosco. Ele enviou ordens que foram passadas

adiante.

– Como vocês sabiam onde nós estávamos? – Richard perguntou.

– As ordens incluíam a área geral. Eles disseram que deveríamos procurar por vocês vindo do norte na margem mais ao leste do deserto e se encontrássemos vocês deveríamos capturá-los.

– Como Nicholas sabia onde nós estávamos?

O homem piscou, como se estivesse procurando em sua mente para ver se tinha a resposta. – Não sei. Não falaram para nós como ele sabia. Disseram apenas que deveríamos procurar nesta área e se encontrássemos vocês deveríamos levar os dois, vivos. O comandante que transmitiu as ordens disse para não falharmos ou o Deslizador ficaria muito desapontado conosco.

– Quem ficaria desapontado?… o Deslizador?

– Nicholas, o Deslizador. É assim que ele é chamado. Algumas pessoas o chamam apenas de "o Deslizador".

Franzindo a testa, Kahlan virou de volta para o homem. – O quê?

O homem começou a tremer diante da expressão dela. – O Deslizador, Senhora.

– O que isso significa? O Deslizador?

O homem começou a choramingar, suas mãos juntaram-se outra vez enquanto ele implorava o perdão dela. – Eu não sei, Senhora. Eu não sei. Você perguntou quem me enviou, esse é o nome dele. Nicholas. As pessoas o chamam de Deslizador.

– Onde ele está? – perguntou Richard.

– Não sei. – o homem respondeu rapidamente enquanto gemia. – Recebi minhas ordens do meu comandante. Ele disse que um Irmão da Ordem trouxe as ordens para o comandante dele.

Richard suspirou profundamente enquanto esfregava atrás do pescoço. – O que mais você sabe a respeito desse Nicholas, além de que ele é um mago e é chamado de "o Deslizador"?

– Só sei ter medo dele, assim como meus comandantes.

– Porque? O que acontece se você desagradá-lo? – Kahlan perguntou.

– Ele empala aqueles que o desagradam.

Com o fedor de sangue e carne queimada, além das coisas que estava ouvindo, isso foi tudo que Kahlan conseguiu fazer evitando cair doente. Ela não sabia por quanto tempo mais o seu estômago podia aguentar se eles ficassem nesse lugar, se esse homem falasse mais alguma coisa.

Kahlan segurou gentilmente o antebraço de Richard.

– Por favor, Richard, – ela sussurrou. – isso realmente não está nos levando a qualquer coisa muito útil. Por favor, vamos sair daqui? Se pensarmos em alguma coisa, podemos interrogá-lo novamente mais tarde.

– Vá para a frente da carroça, – Richard falou sem hesitação. – não quero que ela tenha de olhar para você.

O homem balançou a cabeça e afastou-se desajeitadamente.

– Não acho que Jagang esteja na mente dele, – Kahlan disse. – mas e se eu estiver errada?

– Por enquanto, acho que deveríamos mantê-lo vivo. Na frente da carroça, Tom estará com uma clara visão dele. Se estivermos errados, bem, Tom é bem rápido com a sua faca. – Richard soltou um leve suspiro.

– Eu já aprendi algo importante.

– O quê?

A mão dele atrás da costa dela fez ela começar a andar. – Vamos andando e falarei a você sobre isso.

Kahlan pode ver a carroça na escuridão distante. Os olhos de Tom seguiram o homem quando ele correu até a frente dos grandes cavalos de carga e ficou esperando. Jennsen e Cara estavam nos fundos da carroça. Friedrich ficou no assento ao lado de Tom.

– Quantos? Richard gritou para Cara enquanto eles aproximavam-se da carroça.

– Contando com os quatro nas colinas de quem Tom cuidou, e este aqui, vinte e oito.

– Então são todos. – Richard disse com alívio.

Kahlan sentiu a mão dele em sua costa escorregar afastando-se. Ele parou repentinamente. Kahlan parou ao lado dele, sem saber porque ele tinha parado. Richard ajoelhou sobre um joelho. Kahlan agachou ao lado dele, passando um braço em volta dele para ter apoio. Ele fechou os olhos bem apertado por causa da dor. Com os braços cruzados sobre o abdômen, ele curvou-se.

Cara saltou por cima do lado da carroça e correu até o lado deles.

Independente do quanto Kahlan estava exausta, o pânico deixou-a em completo alerta instantaneamente. – Precisamos chegar até a *Sliph*, – ela falou para Cara assim como para Richard. – precisamos chegar até Zedd e conseguir algumas respostas… e alguma ajuda. Zedd pode ajudar.

Richard respirou com esforço, incapaz de falar enquanto lutava contra uma onda de agonia. Kahlan sentiu-se impotente sem saber o que fazer para ajudá-lo.

– Lorde Rahl, – falou Cara, ajoelhando diante dele. – você foi ensinado a controlar a dor. Deve fazer isso agora. Ela agarrou o cabelo dele e levantou sua cabeça para conseguir olhar nos olhos dele.

– Pense. – ela ordenou. – Lembre. Coloque a dor em seu lugar. Faça isso!

Richard segurou o antebraço dela como se desejasse agradecê-la por suas palavras. – Não posso, – ele finalmente conseguiu dizer a Kahlan em meio ao seu óbvio sofrimento. – não podemos entrar na *Sliph*.

– Nós devemos, – ela insistiu. – a *Sliph* é o caminho mais rápido.

– E se eu entrar na *Sliph*, respirar aquela criatura de mercúrio… e minha magia falhar?

Kahlan estava frenética. – Mas nós precisamos entrar na *Sliph* para chegar lá rapidamente. – ela teve medo de dizer "em tempo".

– E se alguma coisa estiver errada, eu vou morrer. – ele ofegou, tentando recuperar o fôlego combatendo a dor.

– Sem magia, respirar a *Sliph* significa morte. A espada está falhando comigo. – ele engoliu em seco, tossiu, lutou para respirar. – Se o meu Dom está causando as dores de cabeça, e se for isso que está fazendo a magia em mim falhar, e eu entrar na *Sliph*, estarei morto logo depois que respirar pela primeira vez. Não tem jeito de testar isso.

Uma onda gelada de terror disparou através das veias dela.

Chegar até Zedd era a única esperança de Richard. Esse era o plano dela. Sem ajuda, as dores de cabeça do Dom o matariam.

Porém, ela temia o fato de saber porque a magia da espada dele estava falhando, e não eram as dores de cabeça. Ela temia que, de fato, fosse a mesma coisa que tinha feito o selo ser quebrado. O Farol de Alerta testemunhou que ela era a causa disso. Se isso era verdade, então ela era a causa disso e muito mais.

Se ela estava certa, ela percebeu, se isso era verdade, então Richard tinha razão sobre a *Sliph*… entrar na *Sliph* realmente significaria morte. Se ela estava certa, então ele nem seria capaz de invocar a *Sliph*, muito menos viajar nela.

– Richard Rahl, se você vai jogar lama nas minhas melhores ideias então é melhor que você tenha uma ideia sua para oferecer.

Agora ele estava bufando, nas garras de uma dor violenta. E então Kahlan viu sangue quando ele tossiu.

– Richard!

Tom, parecendo alarmado, correu até o lado deles. Quando viu o sangue escorrendo pelo queixo de Richard, ele ficou pálido.

– Ajudem ele a chegar até a carroça. – Kahlan falou, tentando manter a voz firme.

Cara colocou o ombro embaixo do braço dele. Tom passou um braço em volta de Richard e ajudou Kahlan e Cara a levantá-lo.

– Nicci. – Richard disse.

– O quê? – perguntou Kahlan.

– Você queria saber se eu tinha uma ideia. Nicci. – ele sufocou com a dor e lutou para recuperar o fôlego. Mais sangue saiu quando ele tossiu. Estava pingando do queixo dele.

Nicci era uma feiticeira, não um mago. Richard precisava de um mago. Mesmo que eles tivessem de viajar por terra, eles poderiam correr até lá. – Mas Zedd seria mais capacitado…

– Zedd está longe demais, – ele falou. – precisamos chegar até Nicci. Ela pode usar os dois lados do Dom.

Kahlan não tinha pensado nisso. Talvez ela realmente pudesse ajudar.

Na metade do caminho até a carroça, Richard desmaiou. Tudo que eles podiam fazer era carregar o peso morto dele. Com Tom segurando embaixo dos ombros dele e Cara e Kahlan cada uma segurando uma perna, eles correram o resto do caminho até a carroça.

Tom, sem a necessidade da ajuda de Cara e Kahlan, ergueu Richard para dentro da traseira da carroça.

Jennsen desenrolou rapidamente outro colchão. Deitaram Richard o mais cuidadosamente que podiam. Kahlan sentiu como se estivesse observando a si mesma reagir, mover-se, falar. Recusava-se a entregar-se ao pânico.

Kahlan e Jennsen tentaram abaixar para ver como ele estava, mas Cara empurrou-as para fora do caminho.

Ela curvou-se sobre Richard, colocando o ouvido perto da boca dele, escutando. Seus dedos tentaram sentir uma pulsação no lado da garganta dele. Sua outra mão segurou atrás do pescoço dele, sem dúvida preparando-se para segurá-lo e dar a ele o sopro da vida se fosse necessário. Mord-Sith eram versadas nesse tipo de coisas; sabiam como manter uma pessoa viva para aumentar a sua tortura. Cara sabia como usar esse conhecimento para ajudar a salvar vidas também.

– Ele está respirando. – Cara disse quando levantou o corpo.

Ela pousou a mão confortadora no braço de Kahlan. – Agora ele está respirando com mais facilidade.

Kahlan assentiu, agradecendo, não desejando testar a sua voz. Ela chegou mais perto de Richard, do outro lado, enquanto Cara limpava o sangue do queixo e da boca dele. Kahlan sentiu-se impotente. Não sabia o que fazer.

– Cavalgaremos a noite toda. – Tom falou por cima do ombro enquanto subia no assento do condutor.

Kahlan fez um esforço para pensar. Eles precisavam chegar até Nicci.

– Não. – ela disse. – É um longo caminho até Altur'Rang. Não estamos perto de qualquer estrada; seguir nosso caminho através do campo no escuro seria tolice. Se formos descuidados e forçarmos demais acabaremos matando os cavalos… ou eles poderiam quebrar uma perna, o que seria tão ruim quanto. Se perdermos os cavalos, não podemos carregar Richard por todo o caminho e esperar chegar em tempo. A coisa mais sábia a fazer é ir o mais rápido que pudermos, mas também precisamos descansar durante o caminho para estarmos prontos caso sejamos atacados novamente. Temos que usar nossas cabeças ou jamais conseguiremos.

Jennsen segurou a mão de Richard nas duas mãos. – Ele tem aquela dor de cabeça, e lutou contra todos aqueles homens… talvez se ele apenas dormir um pouco, então ficará melhor.

Kahlan estava esperançosa com esse pensamento, mesmo que não achasse que a coisa fosse tão simples. Ela levantou na carroça, olhando para o homem que aguardava as ordens dela.

– Tem mais algum de vocês? Mais algum enviado para nos atacar ou nos capturar? Esse Nicholas enviou mais alguém?

– Não que eu saiba, Senhora.

Kahlan falou com Tom suavemente. – Se ele ao menos parecer que vai causar qualquer problema, não hesite. Mate ele.

Com um aceno da cabeça, Tom concordou prontamente. Kahlan abaixou outra vez e sentiu a testa de Richard. A pele dele estava fria e molhada.

– Seria melhor prosseguirmos até encontrar um lugar que seja mais fácil de defender. Acho que Jennsen está certa quando diz que ele precisa descansar; não acho que ficar chacoalhando nos fundos dessa carroça vai ajudá-lo. Todos precisaremos descansar e então seguir adiante na primeira luz do dia.

– Precisamos achar um cavalo, – Cara disse. – a carroça é lenta demais. Se conseguirmos achar um cavalo, cavalgarei como o vento, encontrarei Nicci, e voltarei com ela. Desse jeito não teremos que esperar o caminho todo até chegarmos lá usando a carroça.

– Boa ideia. – Kahlan olhou para Tom. – Vamos lá… encontrar um lugar para passarmos a noite.

Tom assentiu enquanto soltava o freio. Ao seu comando, os cavalos jogaram seu peso para frente e a carroça moveu-se adiante.

Betty, choramingando suavemente, estava deitada ao lado de um Richard inconsciente e colocou a cabeça sobre o ombro dele.

Jennsen acariciou a cabeça de Betty.

Kahlan viu lágrimas descendo pelas bochechas de Jennsen.

– Sinto muito sobre Rusty.

A cabeça de Betty levantou. Ela soltou um balido sofrido.

Jennsen assentiu. – Richard ficará bem. – ela disse, sua voz embargada pelas lágrimas quando segurou a mão de Kahlan. – Sei

que ficará.

CAPÍTULO 17



Zedd pensou ter ouvido alguma coisa.

A colher cheia de cozido que ele estava prestes a colocar em sua boca ansiosa fez uma pausa. Ele permaneceu imóvel, escutando.

Para ele a Fortaleza frequentemente soava como se tivesse vida, como se ela estivesse respirando. De vez em quando ela até soava como se estivesse emitindo um leve suspiro. Desde que era garoto, Zedd escutara, em algumas ocasiões, estalos altos que nunca conseguia identificar. Ele suspeitava que esses sons eram em sua maior parte os massivos blocos de rocha movendo-se um pouquinho, estalando enquanto ganhavam terreno contra um bloco vizinho. Havia blocos de rocha nas fundações da Fortaleza que eram do tamanho de pequenos palácios.

Uma vez, quando Zedd não tinha mais do que dez ou doze anos, um estalo alto ecoou através de toda a Fortaleza como se o lugar tivesse sido atingido por um martelo gigante. Ele saiu correndo da biblioteca, onde ele estivera estudando, para ver outras pessoas saindo de salas subindo e descendo o corredor, olhando ao redor, sussurrando suas preocupações uns para os outros. Mais tarde o pai de Zedd tinha falado para ele que descobriram que aquilo não era nada mais do que um dos enormes blocos da fundação estalando subitamente, e embora isso não representasse problema estrutural, o estalo abrupto de um enorme pedaço de granito fora ouvido através da Fortaleza.

Ainda que tais ocorrências fossem raras, essa não foi a última vez em que ele escutara esse tipo de som inofensivo, mas assustador,

na Fortaleza.

E então havia os animais. Morcegos voavam livremente em partes da Fortaleza. Havia torres que erguiam-se em alturas estonteantes, algumas vazias por dentro a não ser por escadarias de pedra subindo em espiral pelo lado de dentro do muro externo, seguindo seu caminho até um pequeno compartimento no topo, ou um deque de observação. Nos poeirentos feixes de luz solar penetrando nos interiores sombrios daquelas torres podiam ser vistos diversos insetos voando de um lado para outro. Os morcegos adoravam as torres.

Ratos também viviam em algumas partes da fortaleza. Eles corriam e guinchavam, às vezes causando susto.

Camundongos eram comuns em certos lugares, fazendo ruídos arranhando e roendo coisas. E havia os gatos, descendentes de antigos caçadores de ratos e bichos de estimação, mas agora selvagens, que alimentavam-se dos ratos e camundongos. Os gatos também caçavam as aves que voavam entrando e saindo de aberturas descobertas para alimentarem-se de insetos, ou para construir ninhos em altos recessos.

Às vezes havia sons horríveis quando um morcego, um rato, uma ave, ou até mesmo um gato seguia para algum lugar onde não eram permitidos. Os escudos eram destinados a manter pessoas longe de áreas perigosas ou restritas, mas também eram colocados para evitar acesso não autorizado a muitos dos itens armazenados e preservados na Fortaleza. Os escudos bloqueavam coisas vivas; não faziam distinção entre vida humana e não humana.

Afinal de contas, caso contrário, um cão de estimação que perambulasse inocentemente dentro de uma área restrita poderia teoricamente pegar um perigoso talismã e orgulhosamente levá-lo até uma criança que poderia ser colocada em perigo com isso.

Aqueles que colocaram os escudos estavam cientes de que também era possível que pessoas inescrupulosas treinassem animais

para entrar em áreas restritas, agarrar aquilo que fossem capazes de carregar, e levar até elas.

Sem saberem que animal poderia potencialmente ser treinado para esse tipo de tarefa, os escudos foram feitos para afastar qualquer vida. Se um morcego voasse contra o escudo errado, ele era incinerado.

Havia escudos na Fortaleza pelos quais nem mesmo Zedd podia cruzar porque eles exigiam os dois lados do Dom e ele tinha apenas o lado Aditivo.

Alguns dos escudos assumiam a forma de uma barreira de magia que evitava a passagem fisicamente de alguma forma, que fosse restringindo o movimento ou induzindo uma sensação tão desagradável que uma pessoa não seguiria adiante. Esses escudos foram criados para impedir que pessoas não dotadas ou crianças entrassem em certas áreas, não para impedir a entrada dos dotados, então não era necessário que esses escudos matassem.

Mas esse tipo de escudos funcionavam apenas com aqueles que não eram dotados.

Em outros lugares, a entrada era estritamente proibida para qualquer um a não ser aqueles não apenas com a habilidade adequada, mas também autoridade adequada. Sem a habilidade adequada e a autoridade fornecida por feitiços codificados com as defesas em particular naquela área, como por exemplo placas de metal que deviam ser tocadas por um mago autorizado, os escudos matavam qualquer um que tocasse neles. Os escudos matavam animais da mesma forma como infalivelmente, efetivamente, matariam qualquer intruso.

Escudos perigosos como esses davam avisos de calor, luz, ou formigamento como um alerta para evitar que as pessoas chegassem muito perto deles inadvertidamente… afinal de contas, com o tamanho do lugar, era muito fácil perder-se. Esse tipo de alertas também funcionavam com animais, mas ocasionalmente um gato

perseguia um rato apavorado fazendo ele entrar em um escudo letal, e às vezes o gato, acelerado atrás do rato, também entrava nele.

Enquanto Zedd aguardava, escutando, o silêncio prolongou-se, intacto. Se ele realmente ouvira algo, podia ter sido a Fortaleza movendo-se, ou um animal guinchando quando aproximou-se de um escudo, ou até mesmo uma rajada de vento entrando por uma das milhares de aberturas. Seja lá o que fosse, agora estava silêncio. A colher de madeira cheia de cozido finalmente completou sua jornada.

– Humm… Zedd declarou para ninguém em particular.

– Bom!

Para seu grande desapontamento quando provou pela primeira vez, ele descobrira que o cozido não estava pronto.

Ao invés de acelerar o processo com um pouco de magia, e possivelmente atrair a ira de Adie por mexer no preparo do cozido dela, Zedd sentara no sofá e conformara-se em ler um pouco.

Não havia fim na leitura. Livros ofereciam o potencial de valiosa informação que poderia ajudá-los de formas que eles não podiam predizer. De vez em quando, enquanto lia, ele checava o progresso do cozido, com bastante paciência, ele pensou.

Agora, quando provou, ele finalmente pareceu estar pronto. Os pedaços de presunto estavam tão macios que despedaçariam quando sua língua os pressionasse contra o céu da boca. Todo o maravilhoso caldeirão borbulhante assumira o inebriante aroma de cebolas e óleo, cenouras e nabos, uma pitada de alho e um estonteante conjunto de temperos complementares, tudo isso cheio de pedaços de presunto, alguns ainda com uma gordura crocante na borda.

Para sua grande tristeza, Zedd notara que Adie não fizera biscoitos. Cozido combinava muito bem com biscoitos. Deveria haver biscoitos.

Ele decidiu que uma tigela de cozido o manteria até que ela retornasse e fizesse alguns biscoitos. Deveria haver biscoitos. Isso era a coisa certa.

Não sabia para onde Adie tinha seguido. Uma vez que ele estivera em Aydindril durante a maior parte do dia, ele concluiu que ela provavelmente foi até uma das bibliotecas procurar nos livros alguma coisa que pudesse ajudar. Ela era de grande ajuda na busca de livros potencialmente relevantes das bibliotecas.

Sendo de Nicobarese, Adie procurava livros nessa língua. Havia livros por toda parte na Fortaleza,

Então não dava para afirmar onde ela estava.

Também havia depósitos cheios com prateleiras e prateleiras de ossos. Outras salas continham fileiras de altos armários, cada um com centenas de gavetas. Zedd tinha visto ali ossos de criaturas que jamais viu na vida. Adie era uma especialista em ossos.

Ela vivera uma boa parte da sua vida reclusa na sombra da Fronteira. As pessoas que moravam na área tinham medo dela; elas a chamavam de "mulher do osso" porque ela coletava ossos. Eles estavam por toda parte na casa dela. Alguns daqueles ossos a protegiam das betas que saíam da Fronteira.

Zedd suspirou. Livros ou ossos, não havia como dizer onde ela estava. Além disso, existia grande número de outras coisas na Fortaleza do Mago que seriam de grande interesse para uma feiticeira. Ela podia até mesmo ter desejado sair para dar uma caminhada, ou subido em uma muralha para contemplar as estrelas e pensar.

Era muito mais fácil esperar que ela voltasse para o cozido do que ele procurar por ela.

Talvez ela tivesse colocado um dos sinos pendurado no pescoço.

Zedd assoviou uma melodia alegre enquanto colocava cozido dentro de uma tigela de madeira. Não adiantava esperar de

estômago vazio, ele sempre dizia; isso apenas deixava uma pessoa resmungona. Realmente era melhor fazer um lanche e estar de bom humor do que esperar e ficar mal humorado. Ele seria apenas uma má companhia se estivesse de mal humor.

Na oitava colherada de cozido dentro da tigela, ele ouviu um som.

Sua mão congelou sobre o caldeirão borbulhante.

Zedd pensou ter ouvido o toque de um sino.

Zedd não costumava deixar a sua imaginação voar ou ficar sobressaltado sem razão, mas um calafrio percorreu sua carne como se tivesse sido tocado pelos dedos gelados de um espírito esticando-se de outro mundo. Ele ficou imóvel, curvado parcialmente em direção ao caldeirão na fogueira, parcialmente virado em direção ao corredor, escutando.

Podia ser um gato. Talvez não tivesse amarrado a fina corda alto o bastante, um gato passou por baixo dela, sua cauda levantou e tocou o sino. Talvez um gato estivesse sendo brincalhão e, quando sentou sobre as patas traseiras, com a cauda balançando para frente e para trás, ela bateu em um sino. Podia ser um gato.

Ou talvez um passarinho tivesse pousado na corda para usá-la como poleiro durante a noite. Uma pessoa não conseguiria passar pelos escudos para esbarrar em uma corda com sino. Zedd colocara escudos extra. Tinha que ser um animal… um gato, ou um passarinho.

Se era assim, se ninguém conseguiria passar pelos escudos normais e os extras que ele colocara, então porque ele amarrou sinos?

Independente das possíveis explicações, seus cabelos estavam querendo ficar eriçados. Ele não gostou da maneira como o sino tinha tocado; tinha alguma coisa na característica do som que dissera a ele que não foi um animal. O som foi firme demais, abrupto demais, parou rápido demais.

Agora ele percebera completamente que um sino de fato havia tocado. Não estava imaginando isso. Tentou reconstituir o som em sua mente para que pudesse ser capaz de definir a forma que tocara na corda.

Zedd pousou a tigela silenciosamente ao lado da lareira de granito. Levantou-se, escutando com um dos ouvidos voltado em direção a passagem de onde ouvira o sino. Sua mente percorreu rapidamente um mapa de todos os sinos que ele colocara.

Precisava ter certeza.

Deslizou através do portal e entrou na passagem, a costa de seu ombro esfregando na parede rebocada enquanto ele movia-se descendo o primeiro cruzamento à sua direita, observando não apenas adiante mas atrás também. Nada moveu-se no corredor em frente. Fez uma pausa, inclinando-se para frente para dar uma rápida olhada descendo o corredor à direita. Quando descobriu que ele estava livre, ele fez a curva.

Zedd moveu-se rapidamente passando portas fechadas, passando uma tapeçaria de vinhedos que ele sempre pensara que tinha sido feita de forma pobre, passando por um portal vazio que dava para uma sala com uma janela que fornecia a visão de um poço profundo entre torres em uma alta muralha, e passando por mais três cruzamentos até chegar à primeira escadaria. Ele deslizou no canto à direita, subindo os degraus que faziam curva à esquerda enquanto subiam e cruzavam sobre o corredor no qual ele estivera. Desse jeito ele podia retornar em direção a uma rede de corredores onde colocara uma teia de sinos sem usar aqueles mesmos corredores.

Zedd seguiu um mapa mental de um complexo conjunto de passagens, corredores, salas, e becos sem saída que, após uma vida, ele passara a conhecer intimamente. Sendo o Primeiro Mago, ele tinha acesso a todo lugar na Fortaleza a não ser aqueles que exigiam

Magia Subtrativa. Havia poucos lugares onde ele podia ficar confuso, mas esse não era um deles.

Ele sabia que a não ser que alguém estivesse seguindo seus passos, ele teria que voltar ou passar em um lugar onde ele colocara armadilhas de magia elaborada assim como simples cordas. Então, se ele não enxergasse a corda, tocaria outro sino.

Então ele teria certeza.

Talvez fosse Adie. Talvez ela simplesmente não tivesse visto a corda esticada em um portal. Talvez ela tivesse ficado irritada porque ele colocou os sinos e talvez tivesse tocado um deles apenas para assustá-lo.

Não, Adie não era assim. Podia balançar o dedo para ele e soltar um sermão sobre o porquê ela não concordava com ele que amarrar sinos era uma coisa eficaz a fazer, mas ela não brincaria com uma coisa que reconheceria como algo destinado a alertar sobre perigo. Não, Adie podia ter tocado o sino acidentalmente, mas ela não o tocaria deliberadamente.

Outro sino tocou. Zedd virou em direção ao som e então congelou.

O som do sino veio da direção errada… de onde ele colocara um sino do outro lado de um conservatório. Estava longe demais do primeiro para que alguém tivesse chegado nele tão cedo. Teria que subir a escadaria de uma torre, atravessar uma ponte até uma muralha, passar por um caminho estreito no escuro, passar vários cruzamentos até a curva correta que desceria uma rampa em espiral e descer por um conjunto de passagens para quebrar a corda.

A não ser que houvesse mais de uma pessoa.

O sino tocara com um rápido movimento e então retiniu enquanto rolava pela rocha. Devia ser uma pessoa que tropeçou na corda e jogou o sino deslizando pelo chão de pedra.

Zedd mudou seu plano. Virou e desceu correndo uma estreita passagem à esquerda, subindo a primeira escadaria, subindo

a trilha três degraus de cada vez. Ele pegou o desvio à direita no patamar, correu até a segunda escadaria circular de rocha cortada e subiu o mais rápido que suas pernas o carregariam. Seu pé escorregou nas beiras estreitas dos degraus espiralados e ele bateu a canela. Fez uma pausa para encolher-se apenas um segundo. Ele usou o tempo para consultar seu mapa mental da Fortaleza, e então estava em movimento novamente.

No topo, ele mergulhou em um pequeno corredor com painéis, deslizando até para no chão de mármore polido. Abriu com o ombro uma pequena porta de carvalho com o topo arredondado. Um céu estrelado o recebeu. Ele inspirou profundos jatos do frio ar noturno enquanto corria através da muralha estreita. Ele parou duas vezes no caminho para espiar lá embaixo através das aberturas nas ameias caneladas.

Ele não viu ninguém. Isso era um bom sinal… ele sabia onde deviam estar se não estavam movendo-se por uma rota externa.

Ele correu através do espaço entre torres, o manto esvoaçando atrás de si, cruzando a inteira seção da Fortaleza onde os dois sinos tocaram longe lá embaixo, passando por cima da área para chegar atrás de quem havia esbarrado nas cordas.

Embora tivessem tocado sinos em lados opostos do conservatório, eles tinham que vir através da mesma ala… isso ele sabia muito bem. Ele queria chegar atrás deles, encurralar eles antes que pudessem chegar até uma seção desprotegida onde eles encontrariam uma grandiosa variedade de passagens. Se eles queriam chegar até lá e esconderem-se naquela área, ele podia ter tempo de interceptá-los.

Sua mente trabalhava tão acelerada quanto seus pés enquanto ele tentava pensar, tentava lembrar de todos os escudos, tentava entender como alguém poderia ter passado pelas defesas para chegar até aquela ala específica onde os sinos que tocaram estavam posicionados. Havia escudos que deviam ter feito isso

impossível. Ele tinha que considerar milhares de corredores e passagens na Fortaleza, tentando imaginar todas as potenciais rotas. Era como um complexo quebra cabeças multinível, e a despeito do quanto ele tinha sido detalhista, era possível que tivesse deixado passar alguma coisa. Tinha que ter esquecido de alguma coisa.

Havia salas ou até mesmo seções que eram protegidas e não podiam ser penetradas, mas até mesmo essas podiam ser contornadas. Mesmo que um corredor tivesse escudos nas duas pontas, para evitar que alguém chegasse até as salas naquele corredor, geralmente você ainda podia dar a volta pelo outro extremo do corredor e seguir seu caminho até qualquer coisa que esteja além. Isso era deliberado; ainda que as salas pudessem conter itens perigosos de magia que precisavam ser mantidos isolados, havia necessidade de caminhos para chegar até elas, e chegar além até outras salas que poderiam, de tempos em tempos, ter seu acesso restrito. A maior parte da Fortaleza era assim… um labirinto tridimensional com rotas possíveis quase infinitas.

Para os incautos, ela também podia ser um campo mortífero de armadilhas. Havia lugares cobertos com barreiras de alerta e outros dispositivos que manteriam qualquer pessoa inocente afastada. Além dessas camadas protetoras, os escudos não davam aviso algum antes de matar. Invasores não saberiam que havia escudos embutidos além, e que eles estavam entrando em uma armadilha. Esse tipo de escudos eram criados desse jeito para matar invasores que penetrassem tão fundo; a ausência de aviso era intencional.

Zedd imaginou que era possível que alguém burlasse todos os escudos e seguisse caminho até as profundezas do lugar para tocar aqueles sinos em particular, mas pelo bem de sua vida, ele não podia traçar todos os passos necessários. Mas seja lá quem fossem, não importava o quanto tinham sorte, logo eles ficariam presos no

labirinto e então, se não fossem mortos por um escudo, ele poderia lidar com eles.

Zedd observou além de torres, muralhas, pontes, e escadarias abertas para salas projetando-se de paredes elevadas, para fora na cidade de Aydindril lá embaixo, agora toda escura e com aparência morta. Como alguém tinha passado pela ponte de pedra subindo até a Fortaleza?

Uma Irmã do Escuro, talvez. Talvez uma delas tenha descoberto como usar Magia Subtrativa para derrubar o escudo dele. Mas mesmo se alguma tivesse, os escudos na Fortaleza eram diferentes. A maioria deles tinham sido colocados por magos em tempos antigos, magos com os dois lados do Dom. Uma Irmã do Escuro não seria capaz de romper escudos assim… eles tinham sido criados para resistir a magos inimigos daquela época. Eram muito mais poderosos do que qualquer simples Irmã do Escuro.

E onde estava Adie? Ela já devia ter voltado.

Agora ele desejava ter ido procurá-la e tê-la encontrado. Ela precisava saber que tinha alguém na Fortaleza.

A não ser que ela já soubesse. A não ser que eles estivessem com ela.

Zedd virou e correu descendo a muralha. No bastião que projetava-se, ele agarrou o corrimão ao lado para deter o seu movimento acelerado adiante e girar o corpo fazendo a curva. Desceu acelerado os degraus escuros como se estivesse descendo uma colina correndo.

Com o seu Dom, ele podia sentir que não havia alguém nas proximidades. Uma vez que não havia alguém perto, isso significava que ele conseguiu ficar atrás deles.

Estava com eles encurralados.

Na base dos degraus ele abriu a porta e voou para dentro do corredor além.

Ele chocou-se contra um homem parado ali, esperando.

O impulso de Zedd derrubou o grande homem. Eles caíram embolados, deslizando juntos pelo corredor de mármore polido verde e amarelo, ambos lutando pelo controle.

Zedd não podia ter ficado mais surpreso. O sentido de seu Dom dizia a ele que o homem não estava ali. Obviamente o sentido de seu Dom estava errado. A desorientação de encontrar um homem quando ele havia sentido que o corredor estava vazio foi mais impactante do que a queda.

Mesmo quando estava rolando, Zedd estava lançando teias para prender o homem em uma rede de magia. O homem, em contra partida, tentava prender Zedd em braços grossos.

Em desespero, a despeito da proximidade, Zedd absorveu calor do ar ao redor para gerar um forte raio e lançá-lo diretamente no homem. O brilho cegante queimou uma linha ardente através no bloco de rocha atrás dele.

Somente tarde demais Zedd percebeu que a descarga de poder mortal tinha passado através do homem sem efeito. O corredor encheu-se de fragmentos de rocha voando, ricocheteando nas paredes e teto, escorregando pelo chão.

O homem pousou em cima de Zedd, tirando o ar de seus pulmões. Gritando desesperadamente por ajuda, o homem segurou Zedd no chão escorregadio. Zedd simulou uma tentativa de defesa fraca e ineficaz, para transmitir ao homem uma falsa sensação de confiança, até que ele fosse capaz de aplicar repentinamente um joelho no ponto onde localizava-se o esterno de seu atacante. O homem gritou de surpresa assim como de dor quando virou para o lado saindo de cima de Zedd, lutando para recuperar o fôlego.

Ter sugado tanto calor do ar havia deixado ele tão frio quanto uma noite de inverno. Nuvens da respiração deles encheram o ar frio enquanto os dois homens ofegavam com o esforço da luta. O homem gritou por ajuda outra vez, esperando trazer colegas em seu auxílio.

Zedd imaginaria que qualquer um teria medo de atacar um mago apenas com os músculos. Esse homem, porém, não precisava temer a magia. Mesmo que não tivesse percebido isso antes, certamente a evidência agora era bastante clara. Mesmo assim, a despeito do homem ter pelo menos o dobro do tamanho de seu oponente, menos de um terço da sua idade, e ter imunidade contra a conjuração sendo lançada sobre ele, Zedd achou que ele lutava de maneira um pouco… contida.

Independente do quanto era tímido o homem, ele era determinado. Ele preparou-se para atacar novamente. Se quebrasse o pescoço de Zedd, não importaria se fizesse isso de forma tímida.

Quando o homem ficou de pé e avançou, Zedd afastou os braços, cotovelos dobrados, dedos afastados, e lançou outro raio, mas dessa vez ele sabia muito bem que não devia desperdiçar o seu esforço tentando ferir um homem que não podia ser tocado pela magia. Ao invés disso, Zedd tentou rasgar o solo com os raios de poder conjurados. Ele atingiu a rocha com violência sem restrições, rasgando e despedaçando seções inteiras, lançando estilhaços voando através do ar.

Um bloco de pedra do tamanho de um punho arremessado a tremenda velocidade bateu no ombro do homem.

Acima do barulho do poder trovejante, Zedd ouviu ossos estalarem. O impacto fez o homem girar e empurrou-o para trás contra a parede. Já que Zedd agora sabia que esse intruso não podia ser ferido diretamente pela magia, ao invés disso ele encheu o corredor com uma ensurdecedora tempestade de magia destinada não a atacar o homem diretamente, mas rasgar o lugar em pedaços em uma nuvem de mortais fragmentos voadores.

O homem, quando recuperou-se de bater contra a parede, atirou-se outra vez em Zedd. Ele foi recebido por uma chuva de estilhaços mortais assoviando através do ar em direção a ele. Sangue

espirrou na parede além quando o homem foi despedaçado. Em um piscar de olhos, ele estava morto e caiu pesadamente no chão.

Do outro lado da fumaça e poeira enchendo o corredor, mais dois homens voaram repentinamente sobre Zedd. O sentido de seu Dom disse a ele que, como o primeiro homem, esses homens também não estavam ali.

Zedd lançou ainda mais raios para rasgar o chão e jogar pedras voadores nos homens, mas eles já estavam cruzando os raios de poder, mergulhando sobre ele. Ele caiu de costas, os homens em cima dele.

Eles seguraram os seus braços.

Zedd lutou freneticamente para soltar um raio para derrubar o teto. Ele começou a girar o ar acima dos homens para destruir o corredor, e eles junto.

A mão carnuda com um trapo branco sujo desceu sobre o rosto de Zedd. Ele respirou fundo, apenas para inalar um cheiro poderoso que fez sua garganta querer fechar, mas tarde demais.

Com o pano e a grande mão cobrindo todo o seu rosto, Zedd não conseguia ver. O mundo girou de forma nauseante.

A suave e silenciosa escuridão pressionou ao redor dele enquanto ele lutava para resistir, até que perdeu a consciência.

CAPÍTULO 18



Zedd acordou, sua cabeça girando, seu estômago agitado com ondas de náusea. Ele achou que nunca em toda sua vida sentira-se tão mal. Não sabia que era possível sentir uma vontade tão intensa de vomitar, sem realmente vomitar. Não conseguia erguer a cabeça. Se pudesse simplesmente morrer agora mesmo, seria uma libertação bem recebida da estonteante agonia.

Começou a colocar as mãos contra a luz que machucava seus olhos, mas descobriu que seus pulsos estavam amarrados atrás das costas.

– Acho que ele está acordando. – um homem falou com uma voz subserviente.

A despeito de sua náusea, Zedd tentou instintivamente usar o seu Dom para sentir quantas pessoas estavam ao redor. Por alguma razão, seu Dom que normalmente fluía tão facilmente quanto o pensamento, tão facilmente quanto usar os olhos para enxergar, seus ouvidos para escutar, parecia lento, como se estivesse mergulhado em melaço. Ele concluiu que provavelmente era o resultado de qualquer substância vil na qual eles mergulharam o trapo para fazer ele desmaiar quando colocado sobre o seu rosto. Ainda assim, ele conseguiu sentir que havia apenas uma pessoa perto dele.

Mãos poderosas agarraram o seu manto e fizeram ele levantar. Zedd permitiu a si mesmo vomitar.

Contra toda a expectativa, isso não aconteceu. A noite escura ondulou diante de sua visão borrada. Conseguiu distinguir árvores

contra o céu, estrelas, e a forma negra gigante da Fortaleza.

De repente, uma língua de fogo surgiu no meio do ar.

Zedd piscou diante da luminosidade inesperada. A pequena chama, serpenteando com um movimento preguiçoso, flutuou sobre a palma virada para cima de uma mulher com cabelo crespo grisalho. Zedd viu outras pessoas nas sombras; o sentido do seu Dom estava errada. Como o homem que o atacara, esses também deviam ser pessoas que não eram afetadas pela magia.

A mulher parada diante dele olhou para ele atentamente. Sua expressão distorceu com satisfeito desdém.

– Ora, ora, ora, – ela disse com arrogante prazer. – o grande mago em pessoa acorda.

Zedd não falou. Isso pareceu divertido para ela. A expressão ameaçadora e o nariz empinado dela, iluminados lateralmente pela chama que ela mantinha sobre a palma, flutuaram mais perto.

– Agora você é nosso. – ela sibilou.

Zedd, tendo esperado pacientemente para reunir sua determinação, repentinamente iniciou o movimento mental requerido com o Dom fundo em sua alma para simultaneamente invocar o raio, concentrar o ar partindo essa mulher ao meio, e juntar cada rocha e pedregulho dos arredores para esmagá-la sob uma avalanche. Ele esperava que a noite ficasse iluminada com tal poder que ele havia liberado.

Nada aconteceu.

Não esperando desperdiçar o tempo para analisar qual poderia ser a dificuldade, ele foi forçado a abandonar tentativas de satisfazer suas preferências emocionais, e usar o Fogo do Mago para consumi-la.

Nada aconteceu.

Não apenas nada aconteceu, mas pareceu que a tentativa foi apenas como uma pedra caindo infinitamente em um vasto poço

escuro. A expectativa desvaneceu diante daquilo que ele encontrou dentro de si: uma espécie de terrível vazio.

Zedd sentiu como se não conseguisse acender uma língua de fogo para enfrentar a dela mesmo que sua vida dependesse disso. De alguma forma ele estava incapacitado de aplicar sua habilidade em algo muito útil além de usá-la para ter um pouco de leve consciência. Provavelmente um resultado remanescente da substância de cheiro horrível que eles pressionaram contra o seu rosto para fazê-lo perder a consciência.

Uma vez que Zedd não conseguiu reunir qualquer poder, ele fez a única coisa que conseguiu: cuspiu no rosto dela.

Com a velocidade de um raio, ela aplicou um tapa nele, derrubando ele dos braços dos homens que o seguravam.

Incapaz de usar as mãos para deter a queda, ele bateu no chão com força inesperada. Ficou deitado na terra durante algum tempo, seus ouvidos zunindo como resultado do impacto que levou, esperando que alguém curvasse e o matasse.

Ao invés disso, eles o colocaram de pé novamente. Um dos homens agarrou o cabelo dele e levantou sua cabeça, forçando-o a olhar no rosto da mulher. A raiva que viu ali pareceu estar um bom tempo no rosto dela.

Ela cuspiu no rosto dele.

Zedd sorriu. – Então, aqui temos uma criança mimada brincando do jogo do olho por olho.

Zedd grunhiu com o choque repentino de um golpe de dor que revirou o interior do seu abdômen. Se os homens não estivessem segurando ele embaixo dos braços ele teria curvado e caído ao chão. Ele não tinha certeza de como ela fizera isso… provavelmente com um punho de ar projetado com toda a força do seu Dom. Ela deixara o ar agrupado esparsamente, ao invés de concentrá-lo em uma ponta afiada, ou isso teria rasgado ele em dois. Desse modo, ele sabia que

seu estômago ficaria negro e azul. Foi uma espera longa e desesperada até que ele finalmente conseguisse respirar.

Os homens que o seu Dom dizia não estarem ali fizeram o corpo dele ficar ereto.

– Estou desapontado em descobrir que estou nas mãos de uma feiticeira que não consegue ser mais inventiva do que isso. – Zedd zombou.

Isso fez surgir um sorriso no rosto dela. – Não fique preocupado, Mago Zorander, Sua Excelência deseja muito a sua pele magra. Ele brincará de um jogo de olho por olho que, eu acredito, você achará bastante inventivo. Aprendi que quando trata-se de crueldade inventiva, Sua Excelência é incomparável. Tenho certeza de que ele não vai desapontá-lo.

– Então o que estamos esperando? Mal posso esperar para dar uma palavrinha com Sua Excelência.

Enquanto os homens mantinham a cabeça dele para trás, ela deslizou uma unha descendo pelo lado do rosto dele e por sua garganta, não forte o bastante para derramar sangue, mas o bastante para dar uma sugestão da sua própria crueldade contida. Ela aproximou-se outra vez. Com uma sobrancelha erguida de um jeito que espalhou um calafrio na coluna de Zedd.

– Imagino que você tem grandes ideias a respeito dessa visita, a respeito do que você acha que vai fazer ou dizer.

Ela esticou o braço e enfiou um dedo em algo no pescoço dele. Quando ela deu um puxão firme, ele percebeu que estava usando algum tipo de coleira. Pela forma como ela enterrou na carne dele atrás do pescoço, devia ser de metal.

– Adivinhe o que é isso, – ela falou. – apenas adivinhe.

Zedd suspirou. – Você realmente é uma mulher entediante. Mas imagino que já ouviu isso muitas vezes.

Ela ignorou a zombaria dele, ansiosa para ser a mensageira de notícias ruins. O sorriso dela aumentou. – É um Rada'Han.

A sensação de alarme de Zedd aumentou, mas ele evitou que algum traço disso fosse mostrado em seu rosto.

– É mesmo? – ele fez uma pausa para um grande bocejo entediado.

– Bem, eu não podia esperar que uma mulher com seu intelecto limitado conseguisse pensar em algo inteligente.

Ela bateu com o joelho na virilha dele. Zedd dobrou o corpo com a dor, incapaz de alcançar sua virilha. Ele não esperava algo tão grosseiro.

Os homens fizeram ele levantar, não deixando ele ter uma pausa para recuperar-se. Ser erguido causou uma onda de agonia. Seus dentes estavam cerrados, seus olhos lacrimejavam, e seus joelhos queriam dobrar, mas os homens o mantiveram em pé.

O sorriso dela estava ficando irritante. – Está vendo, Mago Zorander? Ser inteligente não é necessário.

Zedd entendeu o ponto de vista dela mas não declarou isso.

Ele já estava preparando-se para destrancar a maldita coleira do pescoço. Tinha sido "capturado" antes… pela Prelada em pessoa… e teve um Rada'Han colocado em seu pescoço, como algum garoto nascido com o Dom que precisava de treinamento. As Irmãs da Luz colocavam uma coleira assim naqueles garotos para que o Dom não os machucasse antes que eles conseguissem aprender a controlá-lo. Richard foi capturado e colocado em um Rada'Han pouco depois que seu Dom ganhou vida nele.

A coleira também era usada para controlar os jovens magos que a usavam, para causar dor, quando as Irmãs achavam necessário. Zedd entendeu as razões pelas quais a Prelada queria a ajuda de Richard, uma vez que elas sabiam que ele nascera com os dois lados do Dom, e elas também preocupavam-se com as forças sombrias que o perseguiam, mas jamais poderia perdoá-la por colocar Richard em uma coleira. Um mago precisava ser treinado

por um mago, não por algum grupo mal orientado como as Irmãs da Luz.

Entretanto, a Prelada não tinha ilusão de realmente treinar Richard para ser um mago. Ela botou a coleira nele para identificar as traidoras entre seu grupo: as Irmãs do Escuro.

Porém, diferente de Richard, Zedd sabia como tirar do pescoço esse tipo de dispositivo repugnante. De fato, tinha feito isso, quando a Prelada pensou em botar a coleira nele e assim forçar a sua cooperação.

Zedd usou um feixe de poder na fechadura, não em público, pois essa mulher poderia notar, mas só o bastante para descobrir o ponto no feitiço onde ele poderia ser capaz de concentrar sua habilidade para quebrar a fechadura conjurada.

Quando fosse a hora certa, quando estivesse com os pés embaixo dele solidamente, quando sua cabeça parasse de girar por tempo suficiente, ele quebraria a fechadura da coleira. Nesse mesmo instante, antes que ela soubesse o que tinha acontecido, ele lançaria o Fogo do Mago e incineraria essa mulher.

Ela enfiou um dedo na coleira mais uma vez e deu outro puxão.

– O negócio é o seguinte, meu querido mago, eu estaria esperando que um homem com seu renomado talento pudesse saber como retirar um dispositivo como esse.

– Verdade? Eu sou renomado? – Zedd mostrou um sorriso para ela. – Isso é muito gratificante.

O desprezo dela fez surgir um sorriso de puro desdém. Com o dedo na coleira ela o puxou para mais perto de sua expressão afetada. Ignorou as palavras dele e prosseguiu.

– Já que Sua Excelência ficaria extremamente desapontada caso você tirasse a coleira, eu tomei medidas para garantir que uma coisa assim não pudesse acontecer. Usei Magia Subtrativa para soldá-la.

Agora, isso era um problema.

Ela assentiu para os homens. Zedd olhou para eles de cada lado e notou pela primeira vez que seus olhos estavam molhados. Ele ficou chocado porque eles estavam chorando.

Chorando ou não, eles seguiam as ordens dela, carregando e jogando ele na traseira de uma carroça como se ele fosse lenha sem fazerem cerimônia.

Zedd pousou ao lado de alguém.

– Fico feliz em ver que está vivo, velho. – uma voz rouca falou baixo. Era Adie. O lado do seu rosto estava inchado e sangrando. Parecia como se tivessem batido nela quase até a morte. Os pulsos dela também estavam amarrados para trás das costas. Ele também viu lágrimas nas bochechas dela.

Partiu seu coração ver ela ferida. – Adie, o que eles fizeram com você?

Ela sorriu. – Não tanto quanto pretendiam, eu temo.

Na luz fraca de uma lamparina, Zedd podia ver que ela também usava uma das horríveis coleiras.

– O seu cozido estava excelente. – ele disse.

Adie grunhiu. – Por favor, velho, não mencione comida para mim agora.

Zedd virou a cabeça cautelosamente e viu mais homens esperando na escuridão de um lado. Eles estavam atrás dele, então ele não os tinha notado antes.

Seu Dom não dissera a ele que eles estavam lá.

– Acho que estamos com sérios problemas. – ele sussurrou para ninguém em particular.

– É mesmo? – Adie falou. – O que ser a sua primeira pista?

Zedd sabia que ela só estava tentando fazer ele sorrir, mas ele não conseguia mostrar nem mesmo um pequeno sorriso.

– Eu sentir muito, Zedd.

Ele assentiu, o melhor que podia deitado de lado com os punhos amarrados atrás das costas. – Pensei que era tão esperto, montando todo tipo de armadilha na qual conseguia pensar. Infelizmente, essas armadilhas não funcionaram com aqueles que não são afetados pela magia.

– Você não podia saber de uma coisa assim. – Adie falou com um tom confortador.

O humor dele mergulhou em amargo arrependimento. – Eu devia ter levado isso em conta depois que encontramos aquela no Palácio das Confessoras, na primavera. Eu devia ter percebido o perigo. – Ele olhou fixamente dentro da escuridão. – Eu não servi à nossa causa melhor do que um tolo.

– Mas de onde vieram todos eles? – ela pareceu prestes a entregar-se ao pânico. – Nunca encontrei uma pessoa assim em toda minha vida, e agora tem uma gangue deles parada bem ali.

Zedd odiava ver Adie tão consternada. Adie só sabia que havia um grupo deles pelos sons que eles faziam. Pelo menos ele podia ver os homens com seus olhos, mesmo que não visse com o Dom.

Os homens ficavam ao redor, com as cabeças baixas, esperando ordens.

Eles não pareciam felizes com o que estava acontecendo.

Todos pareciam jovens, na casa dos vinte anos. Alguns estavam chorando. Parecia estranho ver homens tão grandes chorando. Zedd quase arrependia-se de ter morto um deles.

Quase.

– Vocês três, – a mulher rosnou para mais dos homens que esperavam nas sombras quando pegou outra lamparina de um deles e lançou a chama que segurava para ela. – entrem ali e comecem a busca.

Os olhos completamente brancos de Adie voltaram-se para Zedd, sua expressão séria. – Irmã do Escuro. – ela sussurrou.

E agora elas tinham a Fortaleza.

Capítulo 19



E como pode ter certeza de que foi uma Irmã do Escuro que você viu? Verna perguntou, distraidamente, enquanto mergulhava sua pena outra vez.

Ela riscou suas iniciais na parte inferior de uma requisição para uma Irmã viajar até uma cidade ao sul para tratar a respeito de planos para a defesa da área delas com uma feiticeira local. Mesmo em campo, o trabalho com papéis do escritório da Prelada parecia ter perseguido e encontrado ela. O palácio delas foi destruído, o profeta em pessoa estava à solta e a verdadeira Prelada estava sozinha caçando ele, algumas das Irmãs da Luz tinham jurado suas almas ao Guardião do Submundo e fazendo isso trouxeram o Guardião um passo mais próximo de possuí-las todas na escuridão eterna, um bom número de Irmãs… tanto Irmãs da Luz quanto Irmãs do Escuro… estavam nas mãos cruéis do inimigo e cumprindo as ordens dele, a barreira separando o Mundo Antigo e o Novo foi derrubada, o mundo todo tinha virado de cabeça para baixo, o único homem… Richard Rahl… cuja profecia indicava que tinha uma chance de derrotar a ameaça da Ordem Imperial estava longe, quem sabe onde, fazendo sabe-se lá o quê, e assim mesmo, a papelada conseguia sobreviver a tudo isso e persistia em oprimi-la.

Algumas das assistentes de Verna tratavam da papelada e das requisições, mas, independente do quanto ela odiava lidar com esses assuntos tediosos, Verna sentia um senso de dever em manter um olho em tudo. Além disso, a despeito do quanto o trabalho com

os papéis a incomodassem, isso também ocupava sua mente, evitando que ela mergulhasse no que poderia ter sido.

– Afinal de contas, – Verna adicionara. – facilmente poderia ter sido uma Irmã da Luz. Jagang usa as duas por suas habilidades com a magia. Você não pode realmente ter certeza que foi uma Irmã do Escuro. Ele esteve enviando Irmãs para acompanhar seus batedores durante todo o inverno e primavera.

A Mord-Sith colocou as articulações dos dedos sobre a pequena mesa e inclinou-se para frente. – Estou dizendo, Prelada, foi uma Irmã do Escuro.

Verna não viu sentido em discutir, já que isso tinha pouca importância, então não discutiu. – Se você diz, Rikka.

Verna virou o papel pegando o próximo na pilha, uma solicitação para que uma Irmã fosse falar com crianças sobre a vocação das Irmãs da Luz, com uma palestra sobre porque o Criador seria contra os métodos da Ordem Imperial e estaria do lado delas. Verna sorriu para si mesma, imaginando como Zedd ficaria irritado com a simples ideia de uma Irmã, no Mundo Novo, falando sobre os seus pontos de vista em um assunto como esse.

Rikka afastou as mãos da mesa. – Achei que você falaria algo assim.

– Bem, então aí está. – Verna resmungou enquanto lia a mensagem seguinte das Irmãs da Luz ao sul relatando sobre as passagens através das montanhas e os métodos que foram usados para bloqueá-las.

– Espere bem aqui. – Rikka falou antes de sair voando da tenda.

– Eu não vou a lugar algum. – Verna disse com um suspiro enquanto observava o relatório escrito, mas mulher loira feroz já tinha partido.

Verna ouviu uma comoção do lado de fora da tenda. Rikka estava aplicando um furioso sermão em alguém. A Mord-Sith era

incorrigível. Provavelmente era por isso que, a despeito de tudo, Verna gostava dela.

Entretanto, desde a morte de Warren, o coração de Verna não se ligava em muita coisa. Ela fazia o que tinha de fazer, fazia sua obrigação, mas não conseguia se esforçar para sentir qualquer coisa a não desespero. O homem que ela amava, o homem com quem ela casou, o homem mais maravilhoso do mundo… se foi.

Nada importava muito depois daquilo.

Verna tentava fazer sua parte, fazer o que era necessário, porque tantas pessoas dependiam dela, mas, se a verdade fosse dita, a razão pela qual ela trabalhava exaustivamente quase até a morte era para tentar manter a mente ocupada, pensar em alguma outra coisa, qualquer coisa, exceto Warren. Isso não funcionava realmente, mas ela continuava.

Sabia que pessoas contavam com ela, mas simplesmente não conseguia importar-se de verdade.

Warren se foi. A vida estava vazia do que mais importava para ela. Aquilo foi o fim, o fim da preocupação dela com muitas coisas.

Verna puxou distraidamente o seu Livro de Jornada do cinto. Não sabia o que a induziu a fazer isso, a não ser que talvez já fizesse bastante tempo desde que procurou por uma mensagem da verdadeira Prelada.

Ann tinha sua própria crise para cuidar desde o momento quando Kahlan colocara a culpa de muita coisa que acontecera de errado, incluindo ser a causa da própria guerra, bem aos pés da Prelada. Verna achou que Kahlan estava errada a respeito de grande parte disso, mas entendeu muito bem porque ela pensou que Ann tinha sido responsável por bagunçar suas vidas; Verna sentiu-se do mesmo modo durante algum tempo.

Segurando o Livro de Jornada de um lado com uma das mãos, folheando as páginas com um dedão, Verna viu uma

mensagem passar.

Rikka entrou na tenda. Ela colocou um pesado saco na mesa de Verna, bem em cima dos relatórios.

– Aqui! – disse Rikka, a fúria fortalecendo a sua voz.

Foi então, quando verna levantou os olhos, que ela viu pela primeira vez o modo estranho como Rikka estava vestida. A boca de Verna ficou aberta. Rikka não estava usando o couro vermelho que as Mord-Sith usavam tipicamente, a não ser ocasionalmente quando elas estavam relaxando e então ao invés disso às vezes vestiam couro marrom. Verna nunca tinha visto a mulher usando outra coisa que não fosse aquelas roupas de couro.

Agora Rikka estava em um vestido.

Verna não conseguia lembrar de quando ficara tão surpresa.

Não apenas um vestido, mas um vestido cor de rosa que nenhuma mulher decente da idade de Rikka, provavelmente no final da casa dos vinte ou no início dos trinta, seria pega usando. A gola descia aberta revelando um amplo decote. Os dois montes de carne expostos estavam apertados e quase saltando. Verna estava admirada que os mamilos de Rikka conseguiam permanecer cobertos, do jeito como os seios dela moviam-se com a respiração acelerada.

– Você também? – Rikka disparou.

Verna finalmente olhou dentro dos olhos azuis ardentes de Rikka. – Eu também o quê?

– Você também não cansa de olhar para os meus peitos?

Verna sentiu o rosto ficar vermelho. Ela deu uma desculpa para o seu rosto vermelho balançando um dedo para a mulher.

– O que você está fazendo vestida desse jeito em um acampamento de exército! No meio de todos esses soldados! Você está parecendo uma prostituta!

Independente de como as roupas de couro delas subiam até seus pescoços, o couro apertado deixava pouca coisa para a

imaginação. Porém, ver a carne da mulher, era completamente diferente, e bastante chocante.

Somente então Verna percebeu, porque finalmente olhara para o rosto da mulher, que a trança de Rikka estava desfeita. Seu longo cabelo loiro estava tão livre quanto a crina de um cavalo. Verna nunca tinha visto uma das Mord-Sith em público sem o cabelo preso em uma trança que, em grande parte, identificava sua profissão de Mord-Sith.

Até mesmo ver o decote exposto da mulher não foi tão chocante quanto ver o cabelo dela solto. Era que, mais do que tudo, Verna percebeu, isso transmitia um visual lascivo para a mulher. Algo em sua trança estar desfeita parecia um sacrilégio, ainda que Verna não pudesse perdoar uma profissão dedicada à tortura.

Então Verna lembrou que pedira a uma das Mord-Sith, Cara, para fazer o pior com um jovem… um rapaz, na verdade… que assassinara Warren.

Verna ficou sentada durante toda a noite ouvindo aquele jovem gritar até o fim de sua vida. O sofrimento dele foi monstruoso, e ainda assim não chegou perto de ser o bastante para satisfazê-la.

Às vezes, Verna imaginava se na vida seguinte o Guardião do Submundo teria algo intensamente desagradável reservado para ela durante toda a eternidade como recompensa pelo que Verna tinha feito. Na verdade ela não se importava; tinha valido à pena qualquer que fosse o preço.

Além disso, ela concluiu, se ela fosse punida por condenar aquele homem a uma justa retribuição, então o próprio conceito de justiça teria que ser inválido, fazendo com que viver uma vida para o bem ou para o mal não ter significado. De fato, pela justiça que ela aplicara naquele vil animal amoral que caminhava no mundo dos vivos na forma de um homem que assassinou Warren, ela deveria ser recompensada na vida seguinte ficando eternamente no calor da

luz do Criador, junto com o bom espírito de Warren, ou caso contrário não existia justiça.

O General Meiffert entrou na tenda, com os punhos encostados no corpo, parando ao lado de Rikka. Ele empurrou o cabelo loiro para trás quando viu Verna sentada atrás de sua pequena mesa, e esfriou visivelmente.

Ele fizera os carpinteiros montarem a pequena mesa para ela com restos de móveis deixados em uma fazenda abandonada. Não era nada parecida com as mesas no Palácio dos Profetas, é claro, mas tinha sido dada com mais preocupação e significado por trás dela do que a mais grandiosa mesa enfeitada em dourado que ela já tinha visto. O General Meiffert estava orgulhoso em ver como Verna a estava considerando útil.

Com um rápido olhar, ele observou o vestido e o cabelo de Rikka. – Do que se trata isso?

– Bem, – Verna disse. – eu não tenho certeza. Alguma coisa sobre uma das Irmãs de Jagang fazendo reconhecimento em uma passagem.

Rikka cruzou os braços nus sobre os seios quase nus. – Não apenas uma Irmã, mas uma Irmã do Escuro.

– Jagang esteve enviando Irmãs para fazerem reconhecimento de passagens durante todo o inverno, – o jovem General falou. – a Prelada colocou armadilhas e escudos. – O nível de preocupação dele aumentou. – Está dizendo para nós que uma delas conseguiu passar?

– Não, estou dizendo que fui caçá-las.

Verna franziu a testa. – Do que você está falando? Nós perdemos meia dúzia de Mord-Sith tentando isso. Depois que você encontrou as cabeças de duas das suas irmãs Mord-Sith enfiadas e piques, a Madre Confessora em pessoa ordenou a vocês que parassem de entregar suas vidas em missões inúteis assim.

Finalmente Rikka sorriu. Foi o tipo de sorriso satisfeito, especialmente vindo de uma Mord-Sith, que tendia a causar pesadelos nas pessoas.

– Isso parece inútil?

Rikka pegou o saco e tirou uma cabeça humana. Segurando-a pelo cabelo, ela balançou-a na frente do rosto de Verna. Ela virou, balançou-a na frente do General Meiffert também, e então colocou-a sobre a mesa. Sangue escorreu sobre os relatórios.

– Como eu disse, uma Irmã do Escuro.

Verna reconheceu o rosto, mesmo contorcido pela morte como estava. Rikka tinha razão, era uma Irmã do Escuro. A pergunta era, como ela sabia que era uma Irmã do Escuro, e não uma da Luz?

Do lado de fora Verna conseguiu ouvir cavalos passando por sua tenda. Alguns dos soldados gritaram saudações para os homens que retornavam de patrulhas. Ao longe podia-se ouvir conversas e homens distribuindo ordens. Martelos sobre aço retiniram como sinos enquanto homens trabalhavam metal quente em formas úteis para reparos de equipamento. Ali perto, cavalos agitavam-se em um curral. Quando homens seguiam seus caminhos passando pela tenda de Verna, seus utensílios faziam barulho. Fogueiras estalavam quando madeira era adicionada para cozinhar ou rugiam quando foles eram bombeados para deixar o metal branco fervente para os ferreiros.

– Você a tocou com o seu Agiel? – Verna perguntou com uma voz suave. – O seu Agiel não funciona efetivamente naqueles que o Andarilho dos Sonhos controla.

O sorriso de Rikka ficou maior. Ela abriu os braços.

– Agiel? Você está vendo um Agiel?

Verna sabia que nenhuma Mord-Sith jamais deixaria seu Agiel fora do seu controle. Com uma olhada para o decote da mulher, ela apenas podia imaginar onde ela o escondera.

– Muito bem, – falou o General Meiffert, seu tom não estava mais indulgente. – Quero saber o que está acontecendo, e quero saber agora mesmo.

– Eu estava perto da Passagem Dobbin, fazendo uma checagem, e o que eu encontro além de uma patrulha da Ordem Imperial.

O General assentiu quando soltou um suspiro de frustração. – Eles aparecem naquele caminho de tempos em tempos. Mas como você conseguiu encontrar uma patrulha inimiga assim? Porque alguma de nossas Irmãs ainda não tinha acabado com eles?

Rikka balançou os ombros. – Bem, essa patrulha ainda estava do outro lado da passagem. Lá naquela fazenda deserta. – Ela bateu com o dedo na mesa de Verna. – Onde vocês conseguiram a madeira para isto.

Verna torceu a boca com desgosto. Rikka não devia estar além da passagem. Porém, as Mord-Sith não reconheciam ordens a não ser as do Lorde Rahl em pessoa. Seguiram as ordens de Kahlan somente porque, durante a ausência dele, Kahlan estava agindo em benefício de Richard. Verna suspeitou que era simples assim, entretanto; ela suspeitava que elas seguiram as ordens da Madre Confessora somente porque ela era esposa do Lorde Rahl, e se não o fizessem isso causaria a ira do Lorde Rahl sobre elas. Enquanto essas ordens não eram vistas como problemáticas pelas Mord-Sith, elas as executavam. Quando decidiam o contrário, faziam aquilo que desejavam.

– A Irmã estava sozinha, – Rikka prosseguiu. – sentindo uma dor de cabeça que parecia muito poderosa.

– Jagang, – Verna disse. – Jagang estava transmitindo suas ordens, punindo-a por alguma coisa, ou aplicando um sermão na mente dela. Ele faz isso de tempos em tempos. Isso não é agradável.

Rikka mexeu no cabelo na cabeça da mulher sobre a mesa de Verna, fazendo uma bagunça com os relatórios. – Pobre coitada. – ela

zombou. – Enquanto ela estava no meio dos pinheiros olhando para o vazio e pressionava os dedos nas têmporas, seus homens estavam na casa da fazenda, divertindo-se com uma dupla de moças. As duas estavam gemendo, chorando e lutando, mas os homens não paravam por nada.

Verna baixou os olhos quando soltou um suspiro pesado. Algumas pessoas recusavam-se a acreditar na necessidade de fugirem antes da chegada da Ordem Imperial.

Às vezes, quando as pessoas recusavam-se a reconhecer a existência do mal, elas encontravam-se tendo que encarar exatamente aquilo que jamais estiveram dispostas em admitir que existia.

O sorriso satisfeito de Rikka voltou. – Eu entrei e cuidei dos bravos soldados da Ordem Imperial. Estavam tão distraídos, que não prestaram atenção quando me esgueirei por trás deles. As mulheres estavam tão aterrorizadas que gritaram mesmo que eu as estivesse salvando. A Irmã do Escuro não estava prestando a mínima atenção aos gritos antes, e não prestou nesse momento também.

– Uma das jovens era loira e mais ou menos da minha altura, então uma ideia me ocorreu. Coloquei o vestido dela e soltei a minha trança, para que fosse confundida com ela. Dei para essa garota vestir uma das roupas dos homens e falei para as duas correrem para as colinas, na direção oposta em que estava a Irmã, e não olharem para trás. Não tive que falar duas vezes. Então eu sentei em um banquinho do lado de fora do celeiro.

– Com toda certeza, após algum tempo a Irmã retornou.

Ela me viu sentada ali, com a cabeça abaixada, fingindo estar chorando. Ela achou que a outra mulher ainda estava lá dentro, com os homens. Ela disse, “Já está na hora daqueles tolos bastardos lá dentro terminarem com você e sua amiga. Sua Excelência quer um relatório, e ele quer isso agora… ele está pronto para entrar em movimento”.

Verna levantou da cadeira. – Você ouviu ela falar isso?

– Sim.

– E então? – perguntou o General Meiffert.

– Então a Irmã foi até a porta lateral para entrar no celeiro. Quando ela passou apressada por mim, eu levantei atrás dela e cortei sua garganta com a faca de um dos homens.

O General Meiffert inclinou em direção a Rikka. – Cortou a garganta dela? Não usou o seu Agiel?

Rikka deu uma olhada para ele que sugeriu que ela achava que ele não tinha prestado atenção. – Como a Prelada disse, um Agiel não funciona muito bem naqueles que o Andarilho dos Sonhos controla. Então eu usei uma faca. Com Andarilho dos Sonhos ou não, cortar a garganta dela funcionou muito bem.

Rikka levantou a cabeça diante de Verna outra vez. Um dos relatórios estava preso na parte de baixo enquanto ela balançava pelo cabelo. – Passei a faca através da garganta dela e ao redor do pescoço. Ela estava debatendo-se um pouco, então segurei-a bem firme enquanto ela morria. De repente, houve um instante em que o mundo todo ficou negro… e eu quero dizer negro, negro como o coração do Guardião. Foi como se o Submundo de repente tivesse engolido todos nós.

Verna desviou o olhar da cabeça da Irmã que ela conhecera durante tanto tempo e sempre acreditara ser devota ao Criador, à luz da vida. Ao invés disso, ela era devota à morte.

– O Guardião apareceu para buscar um dos seus. – Verna explicou em voz suave.

– Bem, – falou Rikka, de forma bastante sarcástica, Verna considerou. – eu não imaginei que uma coisa assim acontecia quando uma Irmã da Luz morria. Eu disse para você que era uma Irmã do Escuro.

Verna assentiu. – Disse mesmo.

O General Meiffert deu um tapinha apressado atrás do ombro da Mord-Sith. – Obrigado, Rikka. Seria melhor espalhar a notícia. Se Jagang está começando a mover-se, não levará muitos dias antes que ele esteja aqui. Precisamos ter certeza que as passagens estejam prontas para quando as forças dele finalmente chegarem aqui.

– As passagens aguentarão, – Verna disse. Ela soltou um suspiro silencioso. – pelo menos durante algum tempo.

A Ordem tinha que cruzar as montanhas se desejava conquistar D'Hara. Havia poucos caminhos para atravessar aquelas montanhas formidáveis.

Verna e as Irmãs tinham protegido e selado aquelas passagens da melhor maneira possível.

Usaram magia para derrubar paredes de rochas em alguns lugares, tornando as estradas estreitas intrafegáveis. Em outros locais, usaram seu poder para cortar estradas escavadas nos lados de montanhas, não deixando passagem, a não ser escalar por cima dos destroços. Para evitar isso, e em outros lugares, os homens trabalharam durante todo o inverno construindo muros de pedra nas passagens. Sobre esses muros havia fortificações a partir das quais eles podiam enviar uma chuva de morte nas estreitas passagens abaixo. Adicionalmente, em cada um desses lugares, as Irmãs instalaram redes de magia tão mortais que passar por elas seria uma agonia sangrenta que só ficaria pior, e isso antes que encontrassem os muros alinhados com defensores.

Jagang tinha Irmãs do Escuro para tentar desfazer as barreiras tanto de magia quanto de rocha, mas Verna era mais poderosa, pelo menos na Magia Aditiva, do que qualquer uma delas. Além disso, ela juntara seu poder com outras Irmãs para investir naquelas barreiras de magia que, ela sabia, provariam ser formidáveis.

Ainda assim, Jagang viria. Nada que Verna, suas Irmãs, e o exército D'Haran pudesse fazer seria capaz de vencer os números que Jagang lançaria sobre eles. Se ele tivesse que ordenar a seus homens a marcharem através de passagens cheias com uma centena de pés com seus colegas mortos, ele não hesitaria em fazê-lo. Nem importaria para ele se os cadáveres formassem mil pés de profundidade.

– Voltarei um pouco mais tarde, Verna, – o General disse. – precisaremos reunir os oficiais e algumas das Irmãs e nos certificarmos de que tudo está pronto.

– Sim, é claro. – falou Verna.

O General Meiffert e Rikka começaram a sair.

– Rikka, – Verna chamou. Ela indicou a mesa. – leve a Irmã morta com você, está bem?

Rikka suspirou, o que quase fez saltar os seios dela do vestido. Ela exibiu uma careta de sofrimento antes de agarrar a cabeça e desaparecer fora da tenda atrás do General.

Verna sentou e colocou a cabeça entre as mãos. Iria começar tudo de novo. Havia sido um longo e pacífico inverno, mesmo que amargo. Jagang montara seu acampamento de inverno do outro lado das montanhas, longe o bastante para que, com a neve e o frio, fosse difícil lançar ataques efetivos contra suas tropas. Exatamente como aconteceu no verão anterior, o verão em que Warren morreu, agora que o clima estava favorável, a Ordem começaria a mover-se. Estava começando tudo de novo. A matança, o terror, a luta, a correria, a fome, a exaustão.

Mas que opção havia, além de ser assassinada. De muitas formas, a vida tinha começado a parecer pior do que a morte.

Então de repente Verna lembrou a respeito do Livro de Jornada. Retirou ele do bolso no cinto e puxou a lamparina para mais perto, precisando do conforto tanto quanto da luz. Ela imaginou onde estavam Richard e Kahlan, se estavam em segurança,

e pensou também em Zedd e Adie sozinhos guardando a Fortaleza do Mago. Diferente de todos os outros, pelo menos Zedd e Adie estavam seguros e em paz onde estavam… pelo menos, por enquanto. Mais cedo ou mais tarde, D'Hara cairia e então Jagang retornaria para Aydindril.

Verna jogou o pequeno livro negro sobre a mesa, alisou o vestido embaixo das pernas, e arrastou a cadeira mais perto. Deslizou os dedos sobre a familiar capa de couro em um objeto de magia que tinha mais de três mil anos. Os Livros de Jornada foram investidos com magia por aqueles magos misteriosos que há tanto tempo construíram o Palácio dos Profetas. Um Livro de Jornada era duplicado, e como tal, eram muito valiosos; o que estava escrito em um aparecia ao mesmo tempo em seu gêmeo. Desse jeito, as Irmãs podiam comunicar-se em vastas distâncias e saber de informações importantes quando ela ocorria, ao invés de semanas ou até mesmo meses mais tarde.

Ann, a verdadeira Prelada, tinha o gêmeo de Verna.

A própria Verna tinha sido enviada por Ann em uma jornada de quase vinte anos para encontrar Richard. Ann sabia o tempo todo onde Richard estava. Foi por essa razão que Verna podia entender a raiva de Kahlan com a maneira que Ann pareceu distorcer a vida dela e de Richard. Mas Verna passou a compreender que a Prelada tinha enviado ela naquilo que na verdade era uma missão de vital importância, uma que mudara o mundo, mas também trouxe esperança para o futuro.

Verna abriu o Livro de Jornada, segurando-o um pouco de lado para ver as palavras na luz.

> *Verna*, – Ann escreveu. – *acredito ter descoberto onde o Profeta está escondido*.

Verna recuou, surpresa. Depois que o Palácio foi destruído, Nathan, o Profeta, fugiu do controle delas e desde então estivera circulando livre, um profundo perigo.

Durante os últimos dois anos, o resto das Irmãs da Luz acreditaram que a Prelada e o Profeta estavam mortos. Ann, quando deixou o Palácio dos Profetas com Nathan em uma importante missão, tinha simulado a morte deles e nomeado Verna Prelada para sucedê-la. Poucas pessoas além de Verna, Zedd, Richard, e Kahlan conheciam a verdade.

Durante aquela missão, porém, Nathan conseguiu retirar sua coleira e fugir do controle de Ann. Não havia como dizer que catástrofe aquele homem podia causar.

Verna inclinou-se sobre o Livro de Jornada outra vez.

> *Agora deverei estar com Nathan dentro de alguns dias. Mal posso acreditar que após todo esse tempo, eu estou quase colocando as mãos naquele homem. Avisarei a você em breve.*
> *Como você está, Verna? O que está sentindo? Como estão as Irmãs e como vão as coisas com o exército? Escreva quando puder. Checarei meu Livro de Jornada todas as noites. Sinto muita saudade de você.*

Verna recuou novamente. Isso era tudo que havia.

Mas era o suficiente. O simples pensamento de Ann finalmente capturar Nathan fez a cabeça de Verna rodopiar de alívio.

Porém, mesmo aquelas notícias maravilhosas, falharam em levantar seu humor. Jagang estava prestes a lançar o seu ataque sobre D'Hara e Ann finalmente estava prestes a ter Nathan sob controle, mas Richard estava em algum lugar ao sul, além do controle delas.

Ann tinha trabalhado durante quinhentos anos para moldar os eventos de forma que Richard pudesse liderá-los na batalha pelo

futuro da humanidade, e agora, no limiar do que poderia muito bem provar ser essa batalha final, ele não estava ali com eles.

Verna sacou a pena da lombada do Livro de Jornada e curvou-se para escrever um relatório para Ann.

> *Minha querida Ann, temo que as coisas aqui estejam prestes a tornarem-se bastante desagradáveis*.
> *O cerco das passagens de acesso à D'Hara está quase para começar*.

CAPÍTULO 20



Os compridos corredores do Palácio do Povo, assento de poder em D'Hara, estavam cheios com o sussurro de passos sobre a rocha. Ann empurrou-se um pouco para trás no banco de mármore branco onde ela sentava-se apertada entre três mulheres de um lado e um casal mais velho do outro, todos fofocando sobre o que as pessoas estavam vestindo enquanto caminhavam nos grandes corredores, ou o que outras pessoas faziam enquanto estavam aqui, ou o que elas mais queriam ver. Ann imaginou que esse tipo de fofoca era inofensiva e provavelmente servia para afastar as mentes das pessoas das preocupações da guerra. Ainda assim, era difícil acreditar que em uma hora tão avançada ao invés disso as pessoas achariam preferível estarem na rua fofocando do que em uma cama quente dormindo.

Ann manteve a cabeça abaixada e fingiu estar remexendo em sua mala de viagem enquanto ao mesmo tempo mantinha um olho nos soldados que passavam não muito longe enquanto patrulhavam. Ela não sabia se a sua cautela era necessária, mas preferia não descobrir tarde demais que era.

– Vem de longe? a mulher mais próxima ao lado dela perguntou.

Ann levantou os olhos, percebendo que a mulher tinha falado com ela. – Bem, sim, acho que tem sido uma bela viagem.

Ann colocou o nariz de volta na sua bolsa e voltou a revirar apressadamente, esperando ser deixada em paz.

A mulher, de meia idade com os cachos de cabelo castanho começando a exibir um pouco de grisalho, sorriu. – Eu mesma não estou tão longe assim de casa, mas eu realmente gosto de passar uma noite no Palácio, de vez em quando, só para animar meu espírito.

Ann espiou ao redor o chão de mármore polido, as colunas reluzentes de pedra vermelha embaixo de arcos, decorados com videiras entalhadas, que suportavam as sacadas superiores. Levantou os olhos para claraboias que permitiam que a luz inundasse o lugar durante o dia, e observou as grandes estátuas que estavam em pedestais em volta de uma fonte com cavalos de pedra, em tamanho natural, galopando eternamente através de um jato de água cintilante.

– Sim, entendo o que você quer dizer. – Ann murmurou.

O lugar não animou seu espírito. De fato, o lugar a deixava tão nervosa quanto um gato em uma casa de cachorro com a porta fechada. Ela podia sentir que seu poder estava assustadoramente reduzido nesse lugar.

O Palácio do Povo era mais do que qualquer Palácio comum. Era uma cidade toda unida e sob incontáveis telhados sobre um enorme platô. Dezenas de milhares de pessoas viviam na magnífica estrutura, e milhares mais a visitavam diariamente.

Havia diferentes níveis no Palácio, alguns onde pessoas tinham lojas e vendiam mercadorias, outros onde trabalhavam oficiais, alguns eram alojamentos. Muitas seções estavam fora dos limites para aqueles que visitavam.

Espalhados ao redor da base do platô estavam mercados informais onde pessoas reuniam-se para comprar, vender, e trocar mercadorias. Durante a subida através do interior do platô para chegar ao Palácio propriamente dito, Ann passara por muitas lojas permanentes.

O Palácio era um centro de comércio, atraindo pessoas de toda D'Hara.

Porém, mais do que isso, ele era o lar ancestral da Casa de Rahl. E como tal, ele era grandioso por razões arcanas além da percepção ou até mesmo compreensão da maioria das pessoas que o chamavam de lar ou que o visitavam. O Palácio do Povo era um feitiço… não um lugar enfeitiçado, como havia sido o Palácio dos Profetas onde Ann passara a maior parte de sua vida. O próprio lugar era o feitiço.

O lugar todo tinha sido construído com um projeto cuidadoso e preciso: de um feitiço desenhado na face do solo. Os muros fortificados externos continham a forma do feitiço e a maioria das congregações de salas formavam conjuntos significativos, enquanto as paredes e corredores eram as linhas desenhadas… a essência do próprio feitiço, o poder.

Como um feitiço sendo desenhado na terra com a ponta de uma vara, os corredores teriam que ser construídos na sequência requerida pela magia específica que o feitiço era destinado a invocar. Teria sido absurdamente caro construir desse jeito, ignorando as exigências típicas da construção e métodos aceitos na arte de construir, mas somente fazendo isso o feitiço funcionaria, e ele funcionava.

O feitiço era específico. Esse era um lugar de segurança para qualquer Rahl. Ele destinava-se a dar mais poder a um Rahl no lugar, e sugar o poder que qualquer outro que entrasse. Ann nunca estivera em um lugar onde sentisse um enfraquecimento de seu Han, a essência da vida e do Dom interior. Ela duvidava que nesse lugar o seu Han teria vitalidade suficiente para acender uma vela.

Ann ficou de boca aberta por causa da surpresa quando outro elemento do feitiço subitamente lhe ocorreu. Ela olhou para os corredores… parte das linhas do feitiço… cheios de pessoas.

Feitiços desenhados com sangue sempre eram mais eficientes e poderosos. Mas quando o sangue era derramado no solo, decomposto, e dissipado, o poder do feitiço também enfraquecia. Mas esse feitiço, as linhas desenhadas do próprio feitiço… os corredores… estavam cheios com o vivo sangue vital de todas as pessoas que moviam-se através deles. Ann ficou estupefata com um conceito tão brilhante.

– Então, você está alugando um quarto.

Ann tinha esquecido da mulher ao lado dela, ainda olhando para ela, ainda mostrando o sorriso nos lábios pintados. Ann fez um esforço para fechar a boca.

– Bem… – finalmente Ann admitiu. – na verdade ainda não providenciei um lugar onde vou dormir.

O sorriso da mulher persistiu, mas parecia como se estivesse exigindo mais e mais esforço o tempo todo.

– Não pode se enrolar em cima de um banco, você sabe. Os guardas não permitiriam. Precisa alugar um quarto, ou será colocada para fora durante a noite.

Então Ann entendeu aonde a mulher queria chegar. Para essas pessoas, a maioria usando suas melhores roupas para a sua visita ao Palácio, Ann devia parecer uma mendiga no meio deles. Após toda a fofoca a respeito do que as pessoas estavam vestindo, essa mulher devia estar desconcertada ao encontrar-se ao lado de Ann.

– Tenho dinheiro para um quarto, – Ann garantiu a ela. – apenas ainda não descobri onde eles estão, só isso. Depois de uma longa jornada, eu queria ir direto para lá e me limpar, mas só preciso descansar um pouquinho os meus pés cansados primeiro. Pode me informar onde encontrar quartos para alugar?

O sorriso pareceu um pouco mais natural. – Vou para o meu quarto e poderia levá-la. Não fica longe.

– Isso seria muita gentileza sua. – Ann falou quando levantou, agora que viu os guardas descendo o corredor.

A mulher levantou, desejando boa noite para suas duas colegas de banco.

Se Ann estava cansada, era somente de ser pega de pé na Devoção da tarde ao Lorde Rahl. Um sino em uma praça aberta tinha tocado, e todos foram reunir-se ali e abaixaram-se fazendo reverência. Então Ann notou que ninguém perdia a Devoção. Guardas moveram-se entre a multidão observando as pessoas reunindo-se. Ela sentiu-se como um rato sendo observado por falcões então juntou-se com as outras pessoas seguindo em direção a praça.

Tinha passado quase duas horas de joelhos, sobre um chão duro ladrilhado com argila, curvada com a testa tocando o solo como todos os outros, repetindo a Devoção junto com todas as outras vozes melancólicas.

– *Mestre Rahl seja nosso guia. Mestre Rahl nos ensine. Mestre Rahl nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas*.

Duas vezes por dia, esperava-se que aqueles que estavam no Palácio participassem da Devoção. Ann não sabia como as pessoas suportavam essa tortura.

Então lembrou da ligação entre o Lorde Rahl e seu povo que impedia o Andarilho dos Sonhos de entrar em suas mentes, e ela soube como eles conseguiam suportar isso. Ela mesma foi brevemente uma prisioneira do Imperador Jagang. Ele assassinou uma Irmã bem na frente dos olhos dela, só para sustentar seu argumento.

Em face da brutalidade e da tortura, ela imaginou que sabia como as pessoas suportavam uma simples Devoção.

Entretanto, para ela esse tipo de devoção pronunciada ao Lorde Rahl, a Richard, dificilmente era necessária. Ela foi devota a ele durante quase quinhentos anos antes mesmo que ele tivesse nascido.

A Profecia disse que Richard era a única chance deles para evitar a catástrofe. Ann espiou cuidadosamente ao redor dos corredores. Agora ela só precisava do Profeta.

– Por aqui. – A mulher disse, puxando a manga de Ann.

A mulher fez sinal para que Ann a seguisse descendo um corredor à direita. Ann jogou o xale para frente, cobrindo a mochila que carregava, e segurou bem a bolsa de viagem enquanto caminhava pelo largo corredor. Ficou imaginando quantas pessoas sentadas em bancos e baixos muros de mármore em volta de fontes estavam fofocando a respeito dela.

O chão tinha um desenho vertiginoso de linhas em pedra de cor marrom escura, ferrugem, e alaranjada seguindo em zigue e zague pelo corredor destinado a parecer tridimensional.

Ann já tinha visto esse tipo de padrão tradicional, no Mundo Antigo, mas nenhum nessa escala tão grandiosa. Era um trabalho de arte, e esse era apenas o chão. Tudo no Palácio era fora do comum.

Lojas estavam recuadas sob um mezanino de cada lado. Algumas delas pareciam vender itens que viajantes poderiam querer. Havia uma variedade de pequenas comidas e bancas de bebidas, tudo desde tortas quentes de carne, doces, cerveja, até leite morno. Alguns lugares vendiam roupas de noite. Outros vendiam fitas para cabelo. Mesmo a esta hora avançada, algumas das lojas ainda estavam abertas e realizando negócios bem vigorosos. Em um lugar como esse, haveria pessoas que trabalhavam durante a noite e que teriam necessidade de lojas desse tipo. Os lugares que ofereciam fazer o cabelo de uma mulher, maquiar seu rosto, ou prometiam fazer maravilhas com as unhas dela, estavam todos fechados até o

amanhecer. Ann duvidou que elas conseguissem fazer maravilhas com ela.

A mulher limpou a garganta quando elas caminharam descendo o largo corredor, olhando para as lojas de cada lado. – E de onde você viajou?

– Oh, de longe ao sul. Muito longe. – Ann tomou nota da atenção concentrada da mulher quando ela inclinou aproximando-se um pouco. – Minha irmã mora aqui. – disse Ann, dando para a mulher mais alguma coisa para processar. – Estou aqui para visitar minha irmã. Ela aconselha Lorde Rahl em assuntos importantes.

As sobrancelhas da mulher levantaram. – Verdade! Uma conselheira do próprio Lorde Rahl. Que honra para sua família.

– Sim, – Ann disse lentamente. – todos estamos orgulhosos dela.

– No que ela o aconselha?

– No que o aconselha? Oh, bem, em assuntos de guerra.

A mulher ficou de boca aberta. – Uma mulher? Aconselhando Lorde Rahl em guerra?

– Oh, sim, – Ann insistiu. Ela aproximou-se e sussurrou. – ela é uma feiticeira. Enxerga o futuro, você sabe. Ora, ela me escreveu uma carta e disse que me viu seguindo até o Palácio para fazer uma visita. Isso não é maravilhoso?

A mulher franziu a testa. – Bem, isso parece bastante notável, já que aqui está você.

– Sim, e ela disse que eu encontraria uma mulher muito prestativa.

O sorriso da mulher retornou, novamente ele pareceu forçado. – Parece que ela é bem talentosa.

– Oh, você não faz ideia, – Ann insistiu. – ela é tão específica em suas previsões sobre o futuro.

– Verdade? Então tinha mais alguma coisa para falar a respeito da sua visita? Alguma coisa específica?

– Oh, sim, certamente. Ora, você sabe que ela disse que eu encontraria um homem quando eu chegasse aqui?

O olhar da mulher desviou pelos corredores.

– Tem muitos homens aqui. Isso dificilmente parece muito específico. Certamente, ela deve ter falado mais do que isso… quero dizer, se ela é tão talentosa, e uma conselheira do Lorde Rahl.

Ann colocou um dedo no lábio, encenando um esforço para lembrar. – Ora, sim, ela falou, agora que você mencionou isso. Vamos ver se eu consigo lembrar… – Ann pousou uma das mãos no braço da mulher de um jeito familiar. – Ela fala sobre o meu futuro o tempo todo. Minha irmã está sempre falando tantas coisas sobre o meu futuro em suas cartas que às vezes eu sinto como se tivesse problemas em acompanhar a minha própria vida! Às vezes tenho dificuldade em lembrar de tudo.

– Oh, tente… – a mulher disse, ansiosa pela fofoca. – Isso é tão fascinante.

Ann levou novamente o dedo ao lábio inferior enquanto olhava para o teto, fingindo estar concentrada em um profundo pensamento, e pela primeira vez notou que o teto estava pintado como o céu, com nuvens e tudo. O efeito era muito bem aplicado.

– Bem, – finalmente Ann disse quando tinha certeza em ter toda atenção da mulher. – minha irmã disse que o homem que eu encontraria era velho. Ela voltou com a mão no braço da mulher. – mas muito distinto. Não velho e decrépito, mas alto… muito alto… com os cabelos totalmente brancos que descem até os ombros largos. Ela disse que ele estaria com a barba bem feita, e que ele seria bonito, com olhos azuis escuros penetrantes.

– Olhos azuis escuros… ora, ora, – a mulher sorriu. – mas ele realmente soa bonito.

– E ela disse que quando ele olha para uma mulher com aqueles olhos parecidos com os de um falcão, os joelhos dela querem dobrar.

– Isso é preciso. – falou a mulher, seu rosto ficando vermelho. – É uma pena que ela não soubesse o nome desse belo sujeito.

– Oh, mas ela sabia. Que tipo de conselheira ela seria para Lorde Rahl se não fosse talentosa o bastante para saber de coisas assim.

– Ela disse o nome dele também? Ela pode mesmo fazer esse tipo de previsões do futuro?

– Oh, nossa, sim. – Ann garantiu.

Ela caminhou durante algum tempo, observando pessoas seguindo seus caminhos subindo e descendo o corredor, parando em algumas das lojas que ainda estavam abertas, ou sentadas em bancos, batendo papo.

– E? – e mulher perguntou. – Qual é o nome que sua irmã previu? O nome desse cavalheiro alto e distinto.

Ann franziu a testa olhando para o teto outra vez. – Era N alguma coisa. Nigel ou Norris, ou algo assim. Não, espere… não era isso. – Ann estalou os dedos.

– O nome que ela disse foi Nathan.

– Nathan. – a mulher repetiu, parecendo quase como se estivesse prestes a arrancar o nome da língua de Ann se ela não tivesse falado. – Nathan.

– Sim, é isso. Nathan. Você conhece alguém aqui no Palácio com esse nome? Nathan? Um sujeito alto, mais velho, com longo cabelo branco, ombros largos, olhos azuis?

A mulher ficou olhando pensativa para o teto.

Dessa vez foi Ann quem aproximava-se, esperando as palavras, observando atentamente qualquer reação.

Uma mão segurou no ombro de Ann e fez ela parar abruptamente. Ann e a mulher viraram.

Atrás delas estava uma mulher bastante alta, com uma trança loira bem longa, com olhos bem azuis, exibindo uma expressão bastante feroz e uma roupa de couro bem vermelho.

A mulher ao lado de Ann ficou pálida como pudim de baunilha. Sua boca ficou aberta. Ann forçou a própria boca a continuar fechada.

– Estivemos esperando por você. – falou a mulher em couro vermelho.

Atrás dela, subindo de volta o corredor uma curta distância, espalhados para bloquearem o corredor, estavam uma dúzia de homens enormes usando perfeita roupa de couro, carregando espadas, facas, e lanças perfeitamente polidas.

– Ora, acho que você deve estar me confundindo com…

– Eu não cometo erros.

Ann não era tão alta quanto a mulher loira em couro vermelho. Ela mal passava da lua crescente e estrela amarelas no estômago dela.

– Não, eu suponho que não. Do que se trata? – Ann perguntou, perdendo o tímido tom inocente.

– O Mago Rahl queria que levássemos você.

– Mago Rahl?

– Sim. O Mago Nathan Rahl.

Ann ouviu a mulher ao lado dela engolir em seco. Achou que a mulher fosse desmaiar, e então segurou o braço dela.

– Você está bem, minha querida?

Ela olhou, com olhos arregalados, para a mulher furiosa em couro vermelho observando-a. – Sim. Eu tenho que ir. Estou atrasada. Eu preciso ir. Posso ir?

– Sim, é melhor você ir. Disse a mulher loira alta.

A mulher fez uma rápida reverência e murmurou um "boa noite" antes de seguir apressada descendo o corredor, olhando por cima do ombro apenas uma vez.

Ann virou de volta encarando a expressão sombria. – Bem, estou feliz que você me encontrou. Vamos partir para ver Nathan. Perdoe-me… o Mago Rahl.

– Você não terá uma audiência com o Mago Rahl.

– Você quer dizer, não esta noite, eu não terei uma… audiência com ele esta noite.

Ann estava sendo tão educada quanto podia ser, mas queria bater naquela mulher irritante, ou torcer o pescoço dela, e quanto mais cedo melhor.

– Meu nome é Nyda. – A mulher disse.

– Prazer em conhecer…

– Você sabe o que eu sou? – não esperou que Ann respondesse. – Eu sou Mord-Sith. Dou a você este aviso como cortesia. Esse é o único aviso, ou cortesia, que você receberá, então escute com atenção. Você veio até aqui com intenção hostil contra o Mago Rahl. Agora você é minha prisioneira. O uso de sua magia contra uma Mord-Sith resultará na captura dessa magia por mim ou uma de minhas irmãs Mord-Sith e no uso dela como uma arma contra você. Uma arma muito, muito desagradável.

– Bem, – falou Ann. – eu temo que nesse lugar a minha magia não tenha muita utilidade. Dificilmente vale a tentativa, para dizer a verdade. Então, você entende, eu sou bastante inofensiva.

– Não me importo com o quanto você acha sua magia útil. Se tentar ao menos acender uma vela com ela, o seu poder será meu.

– Entendo. – Disse Ann.

– Não acredita em mim? – Nyda inclinou-se. – Encorajo você a tentar me atacar. Não capturo a magia de uma feiticeira faz um bom tempo. Pode ser… divertido.

– Obrigada, mas estou um pouco esgotada… das minhas viagens e tudo mais… para atacar alguém nesse momento. Talvez mais tarde?

Nyda sorriu. Naquele sorriso Ann conseguiu ver porque as Mord-Sith eram tão temidas. – Certo. Mais tarde, então.

– Então, o que você pretende fazer comigo nesse meio tempo, Nyda? Colocar-me em um dos belos quartos do Palácio?

Nyda ignorou a pergunta e fez um sinal com um movimento de sua cabeça. Dois dos homens a uma curta distância subindo o corredor avançaram correndo. Agigantaram-se acima de Ann como dois carvalhos. Cada um agarrou-a por baixo de um braço.

– Vamos lá. – Nyda falou enquanto marchava descendo o corredor na frente deles.

Os homens começaram a andar atrás dela, levando Ann junto com eles. Parecia que os pés dela tocavam o chão somente a cada terceiro ou quarto passo. Pessoas no corredor abriam caminho para a Mord-Sith. Transeuntes espremiam-se contra as paredes dos lados, a uma boa distância. Algumas pessoas desapareciam dentro das lojas abertas, de onde espiavam pelas janelas.

Todos olhavam para a mulher baixinha no vestido escuro sendo arrastada pelos dois guardas do Palácio em roupas de couro polidas e armaduras brilhantes. Atrás ela podia ouvir o som de metal enquanto o resto dos homens seguiam.

Eles fizeram a curva em um pequeno corredor para o lado passando entre colunas que seguravam uma sacada projetada.

Um dos homens correu adiante para destrancar a porta.

Antes que ela percebesse, todos passaram através da pequena porta como vinho através de um funil.

O corredor além estava escuro e apertado… nada como os corredores cheios de mármore que a maioria das pessoas viam. Não muito longe descendo o corredor, eles viraram descendo uma escadaria. Os degraus de carvalho rangeram sob os pés. Alguns dos homens carregavam lanternas para que Nyda pudesse iluminar seu caminho. O som de todos os passos ecoavam da escuridão abaixo.

Na base dos degraus, Nyda os conduziu através de um labirinto de passagens de pedras sujas. Os corredores pouco usados tinham cheiro de mofo, e em alguns lugares eram úmidos. Quando alcançaram outra escadaria, continuaram descendo um poço quadrado com patamares em cada curva, descendo para os recessos

escuros do Palácio do Povo. Ann ficou imaginando quantas pessoas no passado foram levadas por rotas como essa, para nunca serem vistas novamente. O pai de Richard, Darken Rahl, e o pai dele, Panis, eram bastante afeiçoados com a tortura. A vida não significava nada para homens como aqueles.

Richard mudara tudo aquilo.

Mas Richard não estava no Palácio agora. Nathan estava.

Ann conhecera Nathan durante um longo tempo… durante quase mil anos. Na maioria daquele tempo, como Prelada, ele o manteve trancado nos aposentos dele.

Profetas não podiam ter permissão para andarem livres. Porém, agora esse estava livre. E, pior, tinha conseguido estabelecer a sua autoridade no Palácio… o lar ancestral da Casa de Rahl. Ele era um ancestral de Richard. Ele era um Rahl. Ele era um mago.

De repente o plano de Ann começou a parecer bastante idiota. Simplesmente pegar o Profeta de guarda baixa, ela pensou. Pegar ele de guarda baixa e colocar outra vez uma coleira em volta de seu pescoço. Certamente, haveria uma abertura e ele seria dela novamente.

Isso pareceu fazer sentido naquele momento.

No final da longa descida, Nyda dobrou para a direita, seguindo uma passagem estreita com uma parede de pedra erguendo-se à direita e um corrimão de ferro à esquerda. Ann espiou por cima do corrimão, mas a luz da lanterna mostrava apenas escuridão abaixo. Ele teve medo de imaginar qual seria a distância da queda… não que tivesse qualquer ideia de uma batalha com seus captores, mas estava começando a preocupar-se que eles pudessem simplesmente carregá-la sobre a borda e acabar com ela.

Entretanto Nathan os enviara e, irascível como ele podia ser às vezes, não ordenaria uma coisa assim. Então Ann considerou os séculos que o mantivera trancado, considerou as medidas extremas que às vezes eram necessárias para manter aquele homem

incorrigível sob controle. Ann espiou por cima do corrimão de ferro outra vez, lá embaixo dentro da escuridão.

– Nathan estará esperando por nós? – ela perguntou, tentando parecer alegre. – Eu realmente gostaria de falar com ele. Temos negócios que devemos discutir.

Nyda lançou um olhar sombrio por cima do ombro. – Nathan não tem nada para falar com você.

Em uma passagem desconfortavelmente estreita entrando na rocha à direita, Nyda os levou para dentro da escuridão. O modo como a mulher andava acelerada transmitia um aspecto assustador a uma jornada que já era pavorosa.

Finalmente Ann viu luz subindo adiante. A passagem estreita saiu em uma pequena área onde vários corredores convergiam. Em frente e à direita todos eles desceram degraus íngremes que faziam curva conforme desciam. Quando era arrastada descendo os degraus, Ann agarrou o corrimão de ferro, temendo perder o equilíbrio, embora a grande mão segurando em seu vestido no ombro direito provavelmente evitasse qualquer chance de cair, para não dizer de sair correndo.

Na passagem ao final dos degraus, Nyda, Ann, e os guardas pararam sob o teto com vigas baixas. A luz ondulante de tochas em suportes no chão criavam uma aparência surreal na área. O lugar fedia a óleo queimando, fumaça, suor velho, e urina. Ann duvidou que qualquer ar fresco algum dia penetrou tão profundo assim no Palácio do Povo.

Ela ouviu um tossido seco ecoando de um corredor pouco iluminado à direita. Olhou dentro do corredor escuro e viu portas para ambos os lados. Em algumas das portas dedos seguravam barras de ferro em pequenas aberturas.

Além dos tossidos, nenhum som vinha das celas que guardavam homens sem esperança.

Um homem grande usando uniforme aguardava diante de uma porta feita de ferro à esquerda. Ele parecia como se pudesse ter sido talhado da mesma rocha que as paredes. Sob diferentes circunstâncias, Ann poderia ter pensado que ele era uma pessoa de aparência bastante agradável.

– Nyda. – o homem falou como forma de saudação. Quando seu olhos desviaram após um educado aceno com a cabeça, ele perguntou com a sua voz grossa. – O que temos aqui?

– Uma prisioneira para você, Capitão Lerner. – Nyda agarrou o ombro vazio de Ann e empurrou-a para frente como se estivesse mostrando um faisão após uma caçada bem sucedida. – Uma prisioneira perigosa.

O olhar avaliador do Capitão deslizou brevemente sobre Ann antes que ele voltasse sua atenção para Nyda.

– Então, uma das câmaras de segurança.

Nyda assentiu mostrando sua aprovação. – O Mago Rahl não quer que ela saia. Disse que ela representa perigo sem fim.

Pelo menos meia dúzia de respostas curtas surgiram em sua mente, mas Ann controlou sua língua.

– Então é melhor você vir conosco, – falou o Capitão Lerner. – e certificar-se de que ela está sendo trancada atrás dos escudos.

Nyda inclinou a cabeça. Dois dos seus homens correram adiante e arrancaram tochas de suportes. Finalmente o Capitão encontrou a chave certa entre uma dúzia ou mais que ele carregava em uma argola. O trinco abriu com um som estridente que encheu os baixos corredores ao redor. Para Ann isso soou como um sino sendo tocado para os condenados.

Com um grunhido de esforço, o Capitão puxou a pesada porta, fazendo-a abrir lentamente. No longo corredor além, Ann viu apenas um par de velas fornecendo pouco luz para as pequenas aberturas nas portas de cada um dos lados. Homens começaram a vaiar e uivar, como animais, gritando pragas horríveis para quem

pudesse estar entrando no mundo deles. Com os braços esticados, balançando no ar, esperando tocar em uma pessoa que estivesse passando.

Os dois homens com tochas entraram no corredor logo atrás de Nyda, a luz do fogo iluminando-a em sua roupa de couro vermelho para que todos aqueles rostos espremidos contra as aberturas nas portas pudessem vê-la.

O Agiel dela, pendurado em uma corrente no pulso, saltou para sua mão. Ela olhou para as aberturas nas portas de cada um dos lados. Braços sujos recuaram. As vozes silenciaram. Ann conseguiu ouvir homens correndo para os recessos mais distantes das suas celas.

Nyda, uma vez certa de que não haveria mal comportamento, começou a andar novamente. Mãos grandes empurraram Ann para frente. Atrás, o Capitão Lerner seguia com suas chaves. Ann puxou a ponta do seu xale sobre a boca e o nariz, tentando bloquear o fedor nauseante.

O Capitão pegou uma pequena lanterna de um recesso, acendeu-a usando uma vela de um lado, e então caminhou adiante para destrancar outra porta. Na baixa passagem além, as portas estavam espaçadas bem próximas. Uma mão coberta com lesões infectadas pendia de uma das pequenas aberturas de um lado.

O corredor além da porta seguinte era mais baixo, e não era mais largo do que os ombros de Ann. Ela tentou reduzir a velocidade do seu coração acelerado enquanto seguia pela passagem grosseira, serpenteante. Nyda e os homens tiveram que inclinar os corpos, os braços espremidos, enquanto seguiam caminho.

– Aqui. – disse o Capitão Lerner quando parou.

Ele ergueu a lanterna e espiou dentro da pequena abertura na porta. Na segunda tentativa, ele encontrou a chave certa e destrancou a porta. Entregou a pequena lanterna dele para Nyda e então usou as duas mãos para puxar a maçaneta. Ele grunhiu e

puxou com todo o seu peso até que a porta abriu parcialmente. Ele espremeu-se na abertura da porta e desapareceu lá dentro.

Nyda ergueu a lanterna adiante quando seguia o Capitão. Seu braço, coberto por couro vermelho, recuou para agarrar no vestido de Ann e arrastá-la junto.

O Capitão estava abrindo uma segunda porta do outro lado da pequena sala. Ann conseguiu sentir que essa era a sala contendo o escudo. A segunda porta abriu arrastando. Além estava uma sala escavada na própria rocha. O único caminho de saída era através da porta, da porta externa que continha o escudo, e então da segunda porta.

A Casa de Rahl sabia como construir uma masmorra segura.

A mão de Nyda segurou o cotovelo de Ann, fazendo ela entrar na sala além. Mesmo Ann, baixinha como era, teve que agachar quando deu um passo por cima da pequena barreira para cruzar o portal. A única mobília lá dentro era um banco esculpido na rocha da parede mais distante, fornecendo tanto assento quanto uma cama. Uma pequena jarra cheia de água estava em uma das pontas do banco. Na outra ponta estava um simples cobertor marrom dobrado. Havia um penico no canto. Pelo menos ele estava vazio, mesmo que não estivesse limpo.

Nyda colocou a lanterna sobre o banco. – Nathan disse para deixar isso para você.

Obviamente esse era um luxo que os outros hóspedes não recebiam.

Nyda passou um dos pés por cima da pequena barreira, mas parou quando Ann chamou o seu nome.

– Você entregaria um recado a Nathan? Por favor? Diga que eu gostaria de vê-lo. Diga que é importante.

Nyda sorriu. – Ele falou que você diria essas palavras. Nathan é um profeta, acho que ele saberia o que você teria para dizer.

– E você entregará essa mensagem para ele?

Os frios olhos azuis de Nyda pareciam avaliar a alma de Ann. – Nathan disse para falar a você que ele tem todo um Palácio para cuidar, e não pode vir correndo para falar com você toda vez que chamá-lo.

Aquelas eram quase as palavras exatas que ela enviara aos aposentos de Nathan incontáveis vezes quando uma Irmã aparecia com pedidos de Nathan para falar com a Prelada. Diga para que eu tenho todo um Palácio para cuidar e não posso ir correndo lá embaixo toda vez que ele grita me chamando. Se ele fez uma Profecia, então escreva ela e eu olharei quando tiver tempo.

Até aquele momento, Ann realmente nunca tinha percebido como suas palavras foram cruéis.

Nyda fechou a porta atrás de si. Ann estava sozinha em uma prisão da qual ela sabia que não poderia escapar.

Pelo menos estava perto do fim de sua vida, e não poderia ser mantida prisioneira por quase toda sua vida, como havia mantido Nathan prisioneiro durante a dele.

Ann correu até a pequena janela. – Nyda!

A Mord-Sith virou para trás na segunda porta, além do escudo que Ann não poderia atravessar. – Sim?

– Diga a Nathan… diga a Nathan que eu sinto muito.

Nyda soltou uma breve risada. – Oh, eu acho que Nathan sabe que você sente muito.

Ann enfiou o braço através da porta, em direção a mulher. – Nyda, por favor. Diga a ele… diga a Nathan que eu o amo.

Nyda ficou olhando para ela durante algum tempo antes de fechar a porta.

CAPÍTULO 21



Kahlan ergueu a cabeça. Ela pousou uma das mãos gentilmente sobre o peito de Richard quando virou seu ouvido em direção ao som que ouvira na escuridão. Sob a mão dela, o peito de Richard subiu e desceu com a sua respiração difícil, mas, até mesmo com isso, ela sentiu alívio… ele ainda estava vivo. Enquanto ele estivesse vivo ela podia lutar para encontrar uma solução. Ela não desistiria dele. Eles chegariam até Nicci. De alguma forma, chegariam até ela.

Um rápido olhar para a posição da lua em quarto crescente disse a ela que havia dormido menos de uma hora. Nuvens, prateadas na luz do luar, tinham começado silenciosamente a deslizar do norte. No céu distante ela também viu iluminadas pela luz da lua as asas dos Races de Bico Negro que os estavam seguindo sempre.

Ela odiava aqueles pássaros. Os Races os estiveram seguindo desde que Cara tocou na estátua de Kahlan que Nicci falou ser um Farol de Alerta. Aquelas asas escuras nunca estavam longe, como a sombra da morte, sempre seguindo, sempre aguardando.

Kahlan lembrava muito bem da areia escorrendo naquela estátua ampulheta. O seu tempo estava acabando. Na verdade não tinha indicação alguma do que aconteceria quando o tempo que aquela areia tinha representado finalmente esgotasse… mas ela podia imaginar muito bem.

O local onde eles haviam montado acampamento, diante de uma elevação rochosa pontiaguda com um grupo de pinheiros e

arbustos espinhosos de um lado, não era um acampamento tão protegido ou sustentável quanto qualquer um deles gostaria, mas Cara tinha confidenciado que estava com medo de que se eles não parassem, Richard não passaria dessa noite.

Esse alerta sussurrado tinha feito o coração de Kahlan bater acelerado, fez brotar suor em sua testa, e colocou-a no limiar do pânico.

Ela sabia que a dura viagem de carroça, lenta como fosse enquanto eles seguiam caminho através de terreno aberto no escuro, parecia ter causado dificuldade para respirar em Richard. Menos de duas horas após terem partido, após o alerta de Cara, eles foram forçados a parar. Depois que pararam, todos ficaram aliviados que a respiração de Richard tivesse ficado mais estável, e soava um pouco menos esforçada.

Precisavam chegar até as estradas para que a viagem fosse mais fácil para Richard, e para que pudessem avançar mais rápido. Talvez depois que ele descansasse durante a noite, eles conseguissem fazer um progresso mais veloz.

Ela precisava lutar constantemente para dizer a si mesma que o levariam até lá, que tinham uma chance, e que o propósito da jornada não era meramente uma esperança vazia destinada a negar a verdade.

Na última vez em que Kahlan sentiu-se impotente desse jeito, sentiu essa sensação de que a vida de Richard estava escapulindo, ela pelo menos tinha uma sólida chance para salvá-lo disponível. Naquele tempo, ela não tinha ideia de que aquela chance seria o catalisador que daria partida a uma cascata de eventos que iniciaria a desintegração da própria magia.

Ela foi a pessoa que tomara a decisão de aproveitar aquela chance, e ela era a responsável por tudo que estava acontecendo agora. Se ela soubesse o que sabia agora, teria tomado a mesma

decisão… para salvar a vida de Richard… mas isso não a tornava menos responsável pelas consequências.

Ela era a Madre Confessora, e como tal, era responsável por proteger as vidas daqueles que tinham magia, das criaturas da magia. E, ao invés disso, ela podia muito bem ser a causa do fim deles.

Kahlan levantou rapidamente, espada em punho, quando ouviu o assovio de Cara imitando o som de uma ave para alertá-los do seu retorno. Era o som de uma ave que Richard ensinou a ela.

Kahlan abriu totalmente a portinhola da lanterna para obter mais luz. Ela viu Tom, com a mão descansando sobre a faca de cabo prateado no cinto, levantar de uma rocha ali perto onde estivera sentado enquanto observava o acampamento e o homem que Kahlan havia tocado com o seu poder. O homem ainda estava deitado no chão aos pés de Tom onde Kahlan ordenara que ele ficasse.

– O que foi? – Jennsen sussurrou quando apareceu ao lado de Kahlan, esfregando rapidamente o sono dos olhos.

– Ainda não tenho certeza. Cara fez um sinal, então deve ter alguém com ela.

Cara saiu caminhando da escuridão, e, conforme Kahlan havia suspeitado, ela estava empurrando um homem na frente dela. Kahlan franziu a testa, tentando lembrar onde o tinha visto. Então ela piscou, percebendo que era o jovem com quem tinham encontrado fazia mais ou menos uma semana… Owen.

– Tentei chegar até vocês mais cedo! – Owen gritou quando viu Kahlan. – Eu juro, eu tentei.

Segurando-o pelo ombro de seu casaco, Cara marchou aproximando o homem, então fez ele parar bruscamente diante de Kahlan.

– Do que você está falando? – perguntou Kahlan.

Quando Owen avistou Jennsen parada atrás do ombro de Kahlan, ele fez uma pausa com a boca aberta por um instante antes

de responder.

– Queria chegar até vocês mais cedo, eu juro. – ele disse para Kahlan, parecendo estar prestes a explodir em lágrimas. – Fui até seu acampamento. – ele agarrou o casaco fechando-o no peito enquanto começava a tremer. – Eu, eu vi… eu vi todos os… restos. Querido Criador, como vocês puderam ser tão brutais?

Kahlan achou que Owen estava parecendo como se pudesse vomitar. Ele cobriu a boca e fechou os olhos enquanto tremia.

– Se está falando de todos aqueles homens, – disse Kahlan. – eles tentaram nos capturar, nos matar. Não arrancamos eles de suas cadeiras de balanço ao lado de suas lareiras e os trouxemos aqui para esse deserto onde os matamos. Eles nos atacaram, nós nos defendemos.

– Mas, querido Criador, como vocês puderam… – Owen estava parado na frente dela, incapaz de controlar a sua tremedeira.

Ele fechou os olhos. – Nada é real. Nada é real. Nada é real. – ele repetiu de novo e de novo, como se isso fosse um encantamento destinado a protegê-lo do mal.

Cara arrastou Owen para trás um pouco e sentou-o sobre uma rocha. Com os olhos fechados de forma meditativa, ele resmungou "nada é real" para si mesmo continuamente enquanto Cara assumia uma posição ao lado esquerdo de Kahlan.

– Diga para nós o que está fazendo aqui. – Cara ordenou com um rosnado baixo. Embora ela não tivesse falado, o "caso contrário…" estava bastante claro.

– E seja rápido. – Kahlan disse. – Já temos problemas o bastante e não queremos que você seja mais um.

Owen abriu os olhos. – Fui até o acampamento de vocês para falar sobre isso, mas… todos aqueles corpos…

– Sabemos o que aconteceu lá atrás. Agora, diga porque está aqui. – Kahlan estava no final de sua paciência. – Não vou perguntar outra vez.

– Lorde Rahl… – Owen gemeu, as lágrimas surgindo finalmente.

– Lorde Rahl o quê. – Kahlan exigiu com os dentes cerrados.

– Lorde Rahl foi envenenado. – ele disparou enquanto chorava.

Calafrios percorreram as pernas de Kahlan. – Como você pode saber que uma coisa assim é verdade?

Owen levantou, apertando o casaco contra o peito. – Eu sei, – ele gemeu. – porque eu sou aquele que o envenenou.

Poderia ser? Poderia ser que não fosse realmente o poder do Dom fora de controle que estava matando Richard, mas um veneno? Poderia ser que eles tivessem entendido tudo errado?

Poderia ser que tudo isso fosse causado por esse homem envenenando Richard?

Kahlan sentiu o cabo da espada escorregando dos dedos quando começou a caminhar em direção ao homem.

Ele ficou parado observando ela aproximando-se, como uma corsa observando um leão da montanha prestes a saltar.

Kahlan sabia que havia algo estranho nesse homem. Richard também tinha pensado que havia algo inquietante a respeito dele, alguma coisa que não estava certa.

De alguma forma, esse estranho trêmulo envenenara Richard.

Richard mal conseguia ficar vivo. Ele estava sofrendo e sentindo dor. Esse homem foi a causa de tudo isso.

Kahlan saberia porque, e saberia a verdade.

Kahlan reduziu a distância rapidamente. Não arriscaria deixar ele escapar. Não arriscaria ouvir as mentiras dele.

Ela teria sua confissão.

Sua mão começou a levantar em direção a ele. Seu poder estava recuperado… podia sentir ele ali, no âmago do seu ser, de prontidão.

Esse homem tentou matar Richard. Ela pretendia descobrir se havia um jeito de salvá-lo. Esse homem poderia falar isso para ela.

Estava comprometida a tomá-lo.

Não era necessário para Kahlan invocar o que era seu direito de nascença, tinha apenas que remover a contenção. Os sentimentos com relação ao que esse homem fizera desapareceram; eles não tinham mais importância neste assunto. Agora somente a verdade lhe serviria. Ela era um ser de puro compromisso.

Ele não tinha chance. Ele era dela.

Viu ele parado, congelado, observando ela chegar, viu os olhos azuis dele arregalarem, viu as lágrimas deslizando por suas bochechas. Kahlan sentiu a fria mola de poder fazendo força para libertar-se, exigindo ficar livre. Quando sua mão levantou em direção a esse homem que tinha ferido Richard, ela não queria tanto algo como aquilo que teria.

Ele era dela.

Abruptamente Cara saltou ficando entre eles.

A visão de Kahlan no homem foi bloqueada pela Mord-Sith. Kahlan tentou empurrar Cara para o lado, mas ela estava pronta e manteve sua posição com firmeza. Cara segurou Kahlan pelos ombros e forçou-a a recuar três passos.

– Não. Madre Confessora, não.

Kahlan ainda estava concentrada em Owen, mesmo que não conseguisse enxergá-lo. – Saia do meu caminho.

– Não. Pare.

– Saia! – Kahlan tentou empurrar Cara, mas a mulher estava com os pés afastados e não podia ser movida. – Cara!

– Não. Me escute.

– Cara, saia do…

Ela balançou Kahlan tão forte que Kahlan achou que o seu pescoço partiria. – Me escute!

Kahlan bufou de raiva. – O que foi?

– Espere até ouvir o que ele diz. Ele veio até aqui por uma razão. Quando ele terminar, pode usar o seu poder se quiser, ou pode deixar que eu o faça gritar até que a lua cubra seus ouvidos, mas primeiro precisamos ouvir o que ele tem a dizer.

– Vou descobrir rapidinho o que ele tem a dizer, e saberei a verdade. Quando tocá-lo ele confessará cada detalhe.

– E se Lorde Rahl morrer como resultado? A vida de Lorde Rahl está na balança. Devemos pensar nisso em primeiro lugar.

– Estou pensando. Porque você acha que vou fazer isso?

Cara puxou Kahlan mais perto para que ela ouvisse o sussurro.

– E se usar o seu poder nesse homem matá-lo por alguma razão que ainda não conhecemos. Lembra quando não sabíamos tudo no passado? Lembra quando Marlin Pickard anunciou que tinha vindo para assassinar Richard? Foi fácil demais naquele momento, e é fácil demais dessa vez.

– E se o seu toque nesse homem for o desejo de alguém… um truque, com esse homem enviado como algum tipo de isca? E se eles querem que você faça isso por alguma razão? E se você fizer o que eles querem que você faça… e então? Não será um simples erro que podemos trabalhar para consertar. Se Lorde Rahl morrer não podemos trazê-lo de volta.

Os olhos azuis de Cara estavam úmidos. Seus dedos poderosos enterravam nos ombros de Kahlan. – Que mal pode fazer ouvir ele primeiro, antes que você o toque? Então você poderá tocá-lo, se ainda achar que é necessário… mas escute ele primeiro. Madre Confessora, como uma irmã de Agiel, estou pedindo a você, por favor, pelo bem da vida de Lorde Rahl, espere.

Mais do que tudo, foi a relutância de Cara em usar a força que fez Kahlan pensar. Se havia alguém que estaria mais do que disposta a usar a força física para proteger Richard, era Cara.

Na fraca luz da lanterna, Kahlan estudou a emoção na expressão de Cara. A despeito de tudo que Cara disse, Kahlan não sabia se podia arriscar, hesitar.

– E se isso for uma facada no escuro? – Jennsen perguntou lá atrás.

Kahlan olhou para trás por cima do ombro, para a irmã de Richard, a preocupação no rosto dela.

Kahlan tinha cometido um erro anteriormente ao não agir rápido o bastante, e isso resultou em Richard sendo capturado e afastado dela. Naquela vez foi a liberdade dele; dessa vez era sua vida que estava em jogo.

Ela sabia que enquanto a hesitação tinha sido um erro naquela situação, isso não significava que a ação imediata era sempre a coisa certa.

Ela olhou novamente nos olhos de Cara. – Está certo. Vamos ouvir o que ele tem a dizer. – com um dedão, ela enxugou uma lágrima da bochecha de Cara, uma lágrima de terror por Richard, uma lágrima de terror com o pensamento de perdê-lo. – Obrigada. – Kahlan sussurrou.

Cara assentiu e soltou-a. Ela virou e cruzou os braços, fixando seu olhar furioso em Owen.

– É melhor que você não faça eu me arrepender por ter segurado ela.

Owen olhou ao redor, para todos os rostos observando ele…

Friedrich, Tom, Jennsen, Cara, Kahlan, e até o homem que Kahlan tinha tocado, deitado no chão não muito longe.

– Em primeiro lugar, como você poderia ter envenenado Richard? – Kahlan perguntou.

Owen lambeu os lábios, temeroso em falar para ela, muito embora aparentemente fosse por isso que ele tinha retornado. Seu olhar finalmente desviou para o chão.

– Quando eu vi a poeira levantada pela carroça, e sabia que eu estava perto, joguei fora toda água que me restava, assim pareceria que eu não tinha água. Então, quando Lorde Rahl me encontrou, pedi um gole para ele. Quando ele me deu o cantil para que eu pudesse beber um pouco, eu coloquei veneno nele, pouco antes de entregá-lo de volta. Fiquei aliviado que você tivesse aparecido também. Era minha intenção envenenar Lorde Rahl e você, Madre Confessora, mas você tinha sua própria água e não tomou um gole quando ele ofereceu a você. Mas acho que isso não importa. Isso vai funcionar do mesmo jeito.

Kahlan não conseguia entender essa confissão.

– Então você pretendia matar nós dois, mas só conseguiu envenenar Richard.

– Matar…? – Owen levantou os olhos chocado com a simples ideia. Ele balançou a cabeça enfaticamente. – Não, não, nada disso. Madre Confessora, eu tentei chegar até vocês mais cedo, mas aqueles homens foram até o seu acampamento antes que eu chegasse lá. Eu precisava levar o antídoto para Lorde Rahl.

– Entendo. Você queria salvá-lo… depois que envenenou ele… mas quando chegou ao nosso acampamento, nós tínhamos partido.

Os olhos dele encheram-se de lágrimas outra vez. – Foi tão horrível. Todos os corpos… o sangue. Nunca vi um assassinato tão brutal. – Ele cobriu a boca.

– Teria sido assassinato… o nosso assassinato, – falou Kahlan. – se não tivéssemos nos defendido.

Owen pareceu não escutá-la. – E vocês foram embora… vocês partiram. Não sabia para onde vocês foram. Foi difícil seguir o rastro da sua carroça no escuro, mas tive que fazer isso. Precisava correr, alcançar vocês. Estava com medo que os Races me pegassem, mas eu sabia que precisava alcançá-los esta noite. Não podia esperar. Estava com medo, mas eu tinha que vir.

A história toda não fazia sentido para Kahlan.

– Então você é como uma daquelas pessoas que inicia um incêndio, grita dando o alarme, e então ajuda a apagá-lo… tudo para que você possa virar um herói.

Assustado, Owen balançou a cabeça. – Não, não, nada disso. Nada disso mesmo… eu juro. Odiei fazer isso. Odiei. Odiei mesmo.

– Então porque envenenou ele?

Owen torceu o casaco nos punhos enquanto lágrimas desciam por suas bochechas. – Madre Confessora, temos que dar a ele o antídoto, agora, ou ele morrerá. Já é muito tarde. – ele juntou as mãos em oração e olhou para o céu. – Querido Criador, permita que não seja tarde demais, por favor. – ele esticou o braço até Kahlan, como se fosse implorar a ela também, garantir a ela a sua sinceridade, mas diante da expressão no rosto dela, recuou. – Não há mais tempo, Madre Confessora. Tentei chegar até vocês mais cedo… eu juro.

Se não deixar ele tomar o remédio agora, será o fim dele. Tudo isso terá sido por nada… tudo, tudo isso, tudo por nada!

Kahlan não sabia se ousava confiar em tal oferta. Não fazia sentido envenenar um homem e então salvá-lo.

– Qual é o antídoto? – ela perguntou.

– Aqui. Owen tirou rapidamente um pequeno frasco de um bolso dentro do seu casaco. – Aqui está. Por favor, Madre Confessora. – ele levantou o frasco com os lados quadrados em direção a ela. – Ele deve tomar isso agora. Por favor, depressa, ou ele morrerá.

– Ou isso acabará com ele. – Kahlan disse.

– Se eu desejasse acabar com ele, poderia ter feito isso quando derramei o veneno dentro do cantil. Poderia ter usado mais, ou simplesmente poderia não ter vindo com o antídoto. Não sou um assassino, eu juro… é por isso que eu tinha que vir.

Owen não estava fazendo muito sentido. Kahlan não estava confiante em tal oferta. Era a vida de Richard que estaria perdida se ela escolhesse errado.

– Eu digo para darmos o antídoto de Owen para Richard. – Jennsen sussurrou.

– Uma facada no escuro? – Kahlan perguntou.

– Você disse que há momentos em que não há escolha a não ser agir imediatamente, mas assim mesmo deve ser com o seu melhor julgamento, usando toda a sua experiência e tudo que você sabe. Antes, na carroça, escutei Cara falar para você que ela não sabia se Richard sobreviveria a esta noite. Owen diz que ele tem um antídoto. Acho que esse é um daqueles momentos em que devemos agir.

– Se isso significa alguma coisa, – Tom falou de uma forma suave. – eu teria que concordar. Realmente não vejo escolha. Mas se você tiver uma alternativa que pode salvar Lorde Rahl, acho que agora seria a hora de adicioná-la na panela.

Kahlan não tinha alternativa, a não ser chegar até Nicci, e isso não estava parecendo mais do que uma esperança vazia.

– Madre Confessora, – Friedrich falou com tom apressado. – eu também concordo. Acho que deveria saber que se você deixar ele tomar o remédio, todos concordamos que era a melhor escolha a ser feita.

Se o antídoto matasse Richard, eles não a culpariam. Era isso que ele estava dizendo.

Jennsen caminhou em direção a Owen, puxando Betty junto com ela. – Se estiver mentindo a respeito desse antídoto, terá que responder a mim, Cara, e então para a Madre Confessora… se restar alguma coisa de você até lá. Você entende isso, não entende?

Owen encolheu-se, sua cabeça virada para outro lado, quando ele assentiu vigorosamente, aparentemente temendo olhar

para ela, ou para Betty. Kahlan achou que ele parecia sentir mais medo de Jennsen do que de qualquer um deles.

Cara inclinou em direção a Kahlan e sussurrou. – Ele deve ter um antídoto. Qual seria o propósito de colocar-se em perigo diante de tudo que faremos com ele se estiver mentindo? Porque ao menos voltar aqui, se ele quisesse apenas envenenar Lorde Rahl? Ele já tinha envenenado ele e fugido. Madre Confessora, eu digo para darmos o antídoto para Lorde Rahl, e vamos fazer isso rápido.

– Então porque envenená-lo em primeiro lugar? – Kahlan sussurrou de volta. – Se pretende dar o antídoto ao homem, então porque envenená-lo?

Cara soltou um suspiro de frustração. – Não sei. Mas nesse momento, se Lorde Rahl morrer…

As palavras de Cara silenciaram diante do impensável.

Kahlan olhou para Richard deitado inconsciente.

Ela ficou fraca ao pensar nele jamais acordando.

Como ela poderia viver em um mundo sem Richard?

– Quanto devemos dar a ele? – ela perguntou a Owen.

Owen correu adiante, passando por Jennsen. – Tudo.

Faça ele beber tudo, ele pressionou a pequena garrafa de lados quadrados nas mãos de Kahlan. – Rápido. Por favor, rápido.

– Você feriu ele. – Kahlan disse com tom de ameaça sem restrições. – O seu veneno feriu ele. Ele esteve tossindo sangue, e desmaiou por causa da dor. Se acha que vou esquecer isso e ficar satisfeita com você por voltar agora e salvar a vida dele, está enganado.

Owen lambeu os lábios nervosamente. – Mas tentei chegar até vocês. Estava trazendo o antídoto para que isso não acontecesse. Nunca pretendi causar essa dor a ele. Tentei alcançar vocês… mas vocês assassinaram todos aqueles homens.

– Então a culpa é nossa?

Owen sorriu levemente quando assentiu, um pequeno sorriso de satisfação que ela finalmente tivesse enxergado a luz e finalmente entendido que não era culpa dele, e sim deles.

Enquanto Jennsen observava Owen, mantendo ele fora do caminho, Tom observava o homem que Kahlan havia tocado, e Friedrich observava Betty, Kahlan e Cara ajoelharam e levantaram Richard para que pudessem tentar fazer ele beber o antídoto. Cara apoiou a costa dele contra sua coxa enquanto Kahlan segurava a cabeça dele no braço.

Ela arrancou a rolha com os dentes e cuspiu-a. Para não derramar e desperdiçar parte do antídoto, com muito cuidado ela colocou a garrafa na boca dele e levantou-a. Observou os lábios dele ficarem molhados. Inclinou mais a cabeça dele para trás, para que sua boca abrisse um pouquinho, e levantou um pouco mais a garrafa.

Cuidadosamente, ela deixou um pouco do líquido claro escorrer dentro da boca dele.

Kahlan não sabia se aquilo que estava na garrafa realmente era um antídoto. Não tinha cor e para ela aquilo parecia água. Quando Richard apertou os lábios um pouco, engolindo o que ela derramou em sua boca, Kahlan cheirou a garrafa. O líquido tinha o leve aroma de canela.

Ela derramou mais um pouco na boca de Richard. Ele tossiu, mas então engoliu. Cara usou um dedo para coletar uma gota que descia pelo queixo dele e devolvê-la para sua boca.

Kahlan, com o coração batendo forte de preocupação, derramou o resto do líquido dentro da boca dele. Segurando a garrafa vazia entre o dedão e o indicador, ela usou a palma da mão para empurrar a mandíbula de Richard para cima, forçando a cabeça dele para trás, forçando-o a engolir.

Ela suspirou de alívio quando ele engoliu várias vezes, tomando todo o remédio. Pelo menos ela conseguiu fazer ele engolir.

Cuidadosamente, Kahlan e Cara deitaram Richard novamente. Quando Cara levantou, Owen aproximou-se rapidamente.

– Vocês deram tudo para ele? Ele bebeu tudo?

O Agiel de Cara girou em sua mão. Quando Owen, em sua ansiedade para chegar perto de Richard, avançou, Cara bateu com seu Agiel no ombro de Owen.

Owen recuou um passo. – Sinto muito. – ele esfregou o ombro onde Cara havia golpeado com seu Agiel. – Só queria ver como ele está. Não pretendo fazer mal. Quero que ele fique bem, eu juro.

Kahlan ficou olhando surpresa. Cara olhou para seu Agiel, e então para Owen.

O Agiel dela não funcionou nele. Ele não foi afetado pela magia.

Até mesmo Jennsen estava olhando para Owen. Ele era como ela… um Pilar da Criação, nascido completamente não dotado e não era afetado pela magia. Enquanto Jennsen entendia o que isso significava, parecia que Owen não. Ele não tinha ideia de que Cara tinha feito algo mais do que golpeá-lo para fazê-lo recuar.

O Agiel dela deveria ter feito ele cair de joelhos.

– Richard bebeu todo o antídoto. Agora ele deve fazer o seu trabalho. Enquanto isso, acho que seria melhor dormirmos um pouco. – Kahlan fez um sinal com um movimento da cabeça. – Você cuida dos turnos de vigia, está bem Cara? Eu ficarei com Richard.

Cara assentiu. Ela deu uma olhada para Tom, que ele entendeu.

– Owen, – falou Tom. – porque você não vem comigo e passa a noite bem aqui, com esse colega.

Owen ficou pálido com a expressão no rosto do grande D'Haran, e entendeu que ele não estava oferecendo uma escolha. –

Sim, está certo. – ele virou de volta para Kahlan. – Vou rezar para que ele tenha tomado o antídoto em tempo. Rezarei por ele.

– Reze por si mesmo. – ela disse.

Quando todos foram embora, Kahlan deitou ao lado de Richard. Agora que estava sozinha com ele, lágrimas de preocupação finalmente começaram a brotar. Richard estava tremendo de frio, mesmo que esta fosse uma noite quente. Ela arrumou o cobertor em volta dele e então colocou a mão sobre o ombro dele enquanto encostava-se bem perto, sem saber se quando o novo dia chegasse ele ainda estaria com ela.

CAPÍTULO 22



Richard abriu os olhos, só para cerrá-los parcialmente por causa da luz, mesmo que ainda estivesse longe de estar ensolarado. Pelas faixas violeta tingindo o céu cinzento, parecia ainda ser madrugada. Uma pesada neblina pairava logo acima. Ou podia ser o pôr-do-sol… ele realmente não tinha certeza. Sentia-se estranhamente desorientado.

O leve latejar em sua cabeça descia através do pescoço. Seu peito ardia cada vez que ele respirava. Sua garganta estava áspera. Engolir machucava.

Porém, a dor pesada, a dor que tinha pressionado com tanta força que tirava seu fôlego e tinha feito o mundo escurecer, parecia ter reduzido. As garras do frio que congelavam os ossos também afastaram-se.

Richard sentiu como se tivesse perdido contato com o mundo durante algum tempo… quanto tempo, ele não sabia.

Parecia como se fosse uma eternidade, como se o mundo dos vivos fosse uma distante recordação do passado dele.

Ele também sentiu como se tivesse ficado perto de jamais andar outra vez. Sentir que esteve perto de perder sua vida fez surgir suor em sua testa, perceber que podia jamais ter acordado.

Os arredores eram diferentes daqueles que ele lembrava. Perto dali, um muro de rochas cor de palha com bordas rachadas afiadas erguia-se quase em linha reta.

De um lado ele viu um grupo de pinheiros retorcidos. Pálida madeira nua projetava-se onde seções de casca escura estavam

abertas. As montanhas imponentes estavam mais perto do que ele lembrava, e havia mais árvores nas ladeiras das colinas próximas.

Jennsen estava deitada enrolada em um cobertor ao lado de Betty, sua costa contra a roda traseira da carroça. Tom estava dormindo não muito longe ao lado de seus cavalos de carga. Friedrich sentava em uma rocha montando guarda.

Richard não conseguia entender os dois homens que deitavam aos pés de Friedrich. Richard achou que um deles devia ser o homem que Kahlan tocara com o seu poder.

O outro, porém, ele não tinha certeza, ainda que Richard achasse que tinha algo familiar nele.

Kahlan estava adormecida encostada nele. Sua espada estava do outro lado dele, perto de sua mão. Do outro lado de Kahlan estava a espada dela, embainhada, mas pronta.

Todos os Seekers que usaram a Espada da Verdade antes de Richard, os bons e os maus, deixaram dentro da magia da espada a essência de sua habilidade. Sendo o mestre da espada como o verdadeiro Seeker para quem os criadores da espada destinavam seu poder, Richard aprendera a invocar essa habilidade e torná-la sua, fazendo uso de toda habilidade e conhecimento daqueles que vieram antes. Ele tornara-se um mestre da lâmina, em mais de uma forma, e parte disso tinha vindo da própria lâmina.

Kahlan foi ensinada a usar uma espada por seu pai, o Rei Wyborn Amnell, uma vez Rei de Galea antes que a mãe de Kahlan tivesse tomado ele como seu companheiro.

Richard completou o treinamento de Kahlan, ensinando-a como usar uma espada de formas como ela jamais foi ensinada, formas que usavam a sua altura e velocidade como vantagem, ao invés de lutar como o inimigo e depender da força.

A despeito de sua cabeça latejante, e a dor quando ele respirava, a calorosa sensação de Kahlan ao seu lado fez surgir nele um sorriso. Ela parecia tão bonita, mesmo com seu cabelo

desgrenhado. Ela fazia o coração dele doer de desejo. Ele sempre adorou o cabelo longo e lindo dela. Adorava observá-la dormir quase tanto quanto adorava contemplar seus olhos verdes arrebatadores. Ele adorava bagunçar o cabelo dela.

Ele lembrou, de quando a conhecera, de quando observou-a dormir no chão da casa de Adie, observou a lenta batida do coração dela através da veia em seu pescoço. Ele lembrou de, enquanto observava, ter ficado admirado com a vida nela. Ela estava tão viva, tão apaixonadoramente cheia de vida. Não conseguia evitar um sorriso quando olhava para ela.

Gentilmente, ele curvou-se e beijou a cabeça dela.

Ela estremeceu, encostando-se mais perto dele.

Subitamente, ela ergueu-se, sentando apoiada sobre o quadril enquanto olhava para ele com os olhos arregalados.

– Richard!

Ela atirou-se ao lado dele, sua cabeça sobre o ombro dele, seu braço sobre o peito dele. Agarrou-se a ele como se fosse a própria vida. Um simples gemido que o aterrorizou com o sofrimento desamparado escapou da garganta dela.

– Eu estou bem. – ele falou suavemente enquanto acariciava o cabelo dela.

Ela levantou o corpo mais uma vez, mais devagar, olhando para ele como se não o tivesse visto durante uma eternidade. O sorriso especial dela, aquele que ela entregava somente a ele, abriu-se incandescente no rosto dela.

– Richard… – ela parecia ser capaz apenas de olhar para ele e sorrir.

Richard, ainda deitado de costas tentando clarear a cabeça, levantou um braço somente o bastante para apontar. – Quem é aquele?

Kahlan olhou para trás por cima do ombro. Ela virou e segurou a mão de Richard.

– Lembra daquele sujeito faz mais ou menos uma semana? Owen? É ele.

– Achei que tinha reconhecido ele.

– Lorde Rahl! – Cara desceu ao chão ao lado dele, do lado oposto a Kahlan. – Lorde Rahl…

Ela também parecia ter dificuldade em encontrar palavras.

Ao invés disso, ela segurou a mão livre dele. Apenas isso já dizia muito para ele.

Richard recuou a mão, beijou os dois primeiros dedos e encostou eles na bochecha dela.

– Obrigado por tomar conta de todos.

Jennsen aproximou-se, o cobertor ainda preso nas pernas dela. – Richard! O antídoto funcionou! Funcionou, queridos espíritos, funcionou!

Richard ergueu-se sobre um cotovelo. – Antídoto? – ele fez uma careta para as três mulheres ao redor dele. – Antídoto para quê?

– Você foi envenenado. – Kahlan falou para ele. Ela apontou para trás, por cima do ombro, com o dedão. – Owen. Quando ele veio até nós na primeira vez, você deu um gole para ele. Como agradecimento, ele colocou veneno no seu cantil. Ele pretendia me envenenar com isso também, mas só você bebeu.

O olhar furioso de Richard concentrou-se no homem aos pés de Friedrich, observando eles. Ele assentiu confirmando que era verdade, como se ele devesse ser louvado por isso.

– Um daqueles pequenos erros. – falou Jennsen.

Richard olhou para ela confuso. – O quê?

– Você disse que até você cometia erros, e mesmo um erro pequeno poderia causar grandes problemas. Não lembra? Cara disse que você está sempre cometendo erros, especialmente dos simples, e que é por isso que precisa dela por perto. – Jennsen lançou um sorriso desafiador para ele. – Acho que ela estava certa.

Richard não corrigiu a história, mas disse, quando levantou. – Isso serve para mostrar como você pode ser pego de surpresa por algo tão simples como aquele sujeito ali.

Kahlan estava observando Owen. – Tenho uma suspeita de que ele não é tão simples.

Cara esticou o braço para Richard segurar e manter-se equilibrado.

– Cara, – ele falou quando teve que sentar em um caixote da carroça ali perto. – traga ele aqui, está certo?

– Alegremente. – ela disse quando começou a cruzar o acampamento deles. – Não esqueça de falar para ele sobre Owen. – Cara disse para Kahlan.

– Falar para mim o quê?

Kahlan inclinou aproximando-se enquanto observava Cara levantar Owen. – Owen é completamente não dotado… como Jennsen.

Richard alisou o cabelo para trás, tentando entender. – Está dizendo que ele também é meu meio-irmão?

Kahlan balançou os ombros. – Isso não sabemos; sabemos apenas que ele é completamente não dotado. – um toque de surpresa franziu a testa dela. – A propósito, lá naquele acampamento onde aqueles homens nos atacaram, você estava prestes a falar para mim algo importante que descobriu quando estávamos interrogando o homem que eu toquei, mas não teve chance.

– Sim. – Richard cerrou os olhos, tentando lembrar o que o homem falou para eles – Era sobre aquele que ele disse que deu as ordens enviando ele para nos capturar: Nicholas… Nicholas alguma coisa.

– O Deslizador, – Kahlan lembrou a ele. – Nicholas o Deslizador.

– Certo. Nicholas disse a ele onde nos encontrar… na borda mais ao leste do deserto, seguindo para o norte. Como ele poderia

saber?

Kahlan ficou ponderando a questão. – Comecei a pensar nisso, como ele poderia saber? Não vimos ninguém, pelo menos ninguém de que estivéssemos cientes, quem poderia ter informado onde estávamos. Mesmo se alguém nos tivesse visto, no momento em que informasse a nossa posição e Nicholas enviasse os homens, nós estaríamos longe. A não ser que Nicholas esteja perto.

– Os Races, – falou Richard – tem que ser ele quem está nos observando através dos Races. Não vimos ninguém mais. Esse é o único jeito para que alguém pudesse saber onde estávamos. Esse Nicholas, o Deslizador, deve ter nos avistado, deve ter visto onde estávamos, através daquelas aves que estiveram nos acompanhando. Foi assim que ele conseguiu dar a nossa localização junto com as ordens.

Richard levantou quando o homem aproximou-se. – Lorde Rahl. – Owen disse, os braços abertos em um gesto de alívio enquanto avançava, Cara segurando no casaco dele, no ombro, para mantê-lo sob as rédeas. – Estou tão aliviado que você esteja melhor. Nunca desejei que o veneno machucasse você como fez… e isso não teria acontecido, se você tivesse tomado o antídoto mais cedo. Tentei chegar até você mais cedo… eu queria… eu juro que queria, mas todos aqueles homens que vocês mataram… não foi culpa minha. – ele adicionou um pequeno sorriso na expressão de súplica que direcionou a Kahlan. – A Madre Confessora sabe, ela entende.

Kahlan cruzou os braços quando olhou para Richard fazendo uma careta. – A culpa é nossa, você percebe, que Owen não tenha chegado mais cedo com o antídoto para o veneno. Owen foi até o nosso último acampamento, planejando entregar o antídoto para curá-lo, apenas para descobrir que nós assassinamos todos aqueles homens e então partimos. Então, não é culpa dele… as intenções dele eram boas e ele tentou; nós atrapalhamos o esforço dele. Uma coisa muito sem consideração de nossa parte.

Richard ficou olhando, sem ter certeza se Kahlan estava fornecendo a ele um resumo sarcástico daquilo que Owen tinha falado para ela, ou um retrato preciso da desculpa de Owen, ou se a sua cabeça ainda não estava clara.

O humor de Richard tornou-se tão sombrio quanto o clima nublado.

– Você me envenenou, – ele falou para Owen, querendo ter certeza se entendeu a história do homem direito. – e então levou um antídoto até onde estávamos acampados, mas quando chegou até aquele acampamento, encontrou os homens que nos atacaram e descobriu que tínhamos partido.

– Sim. – a alegria dele que Richard tivesse entendido tudo certo desvaneceu abruptamente. – Esse tipo de selvageria dos não esclarecidos deve ser esperada, é claro. – os olhos azuis de Owen ficaram cheios de lágrimas. – Mas assim mesmo, isso foi tão… ele abraçou a si mesmo e fechou os olhos enquanto balançava o corpo de um lado para outro, de um pé para o outro. – Nada é real, nada é real, nada é real.

Richard agarrou a camisa do homem na altura do pescoço e puxou-o para mais perto. – O que você quer dizer com, nada é real?

Owen empalideceu diante do olhar feroz de Richard. – Nada é real. Não podemos saber se o que vemos, se qualquer coisa, é real ou não. Como poderíamos?

– Se você vê algo, então como pode pensar que isso não é real?

– Porque os nossos sentidos o tempo todo distorcem a verdade da realidade e nos enganam. Nossos sentidos apenas nos iludem com a ilusão de certeza. Não conseguimos ver durante a noite… a nossa visão nos diz que a noite é vazia… mas uma coruja pode agarrar um rato que, com os nossos olhos, nós não conseguiríamos sentir que estava ali. A nossa realidade diz que o rato não existe… ainda que nós saibamos que ele deve existir, a

despeito do que a nossa visão nos diz… que outra realidade existe fora de nossa experiência. Nossa visão, ao invés de revelar a verdade, esconde a verdade de nós… pior, ela nos dá uma falsa ideia de realidade.

– Nossos sentidos nos enganam. Cães conseguem cheirar um mundo de coisas que não conseguimos, porque nossos sentidos são tão limitados. Como um cão consegue rastrear algo que não conseguimos cheirar, se nossos sentidos nos dizem o que é real e o que não é. Nosso entendimento de realidade, ao invés de ser ampliado, é limitado por nossos sentidos falhos.

– Nossa pretensão faz com que erroneamente pensemos que sabemos o que não é possível saber… não está percebendo? Não somos equipados com sentidos adequados para conhecermos a verdadeira natureza da realidade, o que é real e o que não é. Conhecemos apenas uma pequena amostra do mundo ao nosso redor.

Existe um mundo todo escondido de nós, um mundo todo de mistérios que não enxergamos… mas ele está ali mesmo assim, quer nós vejamos ou não, quer tenhamos a sabedoria de admitir nossas inadequações na tarefa de conhecer a realidade, ou não. O que achamos que sabemos na verdade não é possível saber. Nada é real.

Richard inclinou-se. – Você viu aqueles corpos porque eles eram reais.

– O que vemos é somente uma aparente realidade, meras aparências, uma ilusão auto imposta, tudo baseado em nossa percepção falha. Nada é real.

– Você não gostou do que viu, então escolheu, ao invés disso, dizer que não é real?

– Não posso dizer o que é real. Nem você pode. Dizer o contrário é arrogância não esclarecida. Um homem verdadeiramente esclarecido admite sua deplorável ineficácia quando confronta a existência dele.

Richard puxou Owen mais perto. – Esse tipo de besteira só pode conduzi-lo a uma vida de miséria e medo, uma vida desperdiçada e jamais realmente vivida. É melhor você começar a usar a sua mente para o verdadeiro propósito dela de conhecer o mundo ao seu redor, ao invés de abandoná-lo em troca da fé em noções irracionais. Comigo, você vai concentrar-se nos fatos do mundo em que vivemos, não em devaneios caprichosos conforme a invenção de outros.

Jennsen puxou a manga de Richard, fazendo ele recuar para ouvi-la quando ela sussurrava. – Richard, e se Owen estiver certo… não necessariamente a respeito dos corpos, mas na ideia geral?

– Está dizendo que você acha que as conclusões dele estão todas erradas, e assim mesmo, de alguma forma, a ideia por trás delas devem estar certas.

– Bem, não… mas e se o que ele diz realmente for verdade? Afinal de contas, olhe para você e eu. Lembra da conversa que tivemos algum tempo atrás, aquela onde você estava explicando como eu nasci sem os olhos para enxergar… – ela olhou rapidamente para Owen e aparentemente resumiu o que pretendia dizer. – certas coisas. Lembra que você falou que, para mim, certas coisas não existem? Que a realidade é diferente para mim? Que a minha realidade é diferente da sua?

– Você entendeu o que eu disse da forma errada, Jennsen. Quando a maioria das pessoas entra em um caminho com hera venenosa, elas ficam com bolhas e coceira. Algumas pessoas raras não ficam. Isso não significa que a hera venenosa não exista, ou, indo direto ao ponto, que a sua existência depende de nós pensarmos ou não que ela esteja ali.

Jennsen puxou ele ainda mais perto. – Você tem tanta certeza? Richard, você não sabe como é ser diferente de todos os outros, não enxergar e não sentir o que eles enxergam e sentem. Você diz que existe magia, mas eu não consigo enxergá-la, ou senti-

la. Ela não toca em mim. Devo acreditar pela fé, quando os meus sentidos dizem que ela não existe? Talvez por causa disso eu consiga entender um pouco melhor o que Owen quer dizer. Talvez ele não esteja totalmente errado. Isso faz uma pessoa imaginar o que é real e o que não é, e se, como ele diz, isso é apenas o seu próprio ponto de vista.

– A informação que nossos sentidos nos dão deve ser recebida em contexto. Se eu fecho meus olhos o sol não para de brilhar. Quando vou dormir eu conscientemente ignoro tudo; isso não significa que o mundo deixa de existir. Você tem que usar a informação dos seus sentidos em contexto com o que você aprendeu ser verdadeiro sobre a natureza das coisas. As coisas não mudam por causa da maneira como pensamos a respeito delas. O que é, é.

– Mas, como ele diz, se não experimentamos algo com nossos próprios sentidos, então como podemos saber que isso é real?

Richard cruzou os braços. – Não posso engravidar. Então você diria que para mim as mulheres não existem.

Jennsen recuou, parecendo um pouco acanhada. – Acho que não.

– Agora, – falou Richard, virando de volta para Owen. – você me envenenou… você admite isso. – ele bateu com o punho no próprio peito. – Dói bem aqui; isso é real. Você causou isso. Quero saber porque, e quero saber porque você trouxe o antídoto. Não estou interessado no que você pensa do acampamento onde os homens que nos atacaram estão mortos. Concentre-se no assunto em questão. Você trouxe o antídoto para o veneno que você me deu. Isso não pode ser o fim. Qual é o resto?

– Bem, – Owen gaguejou. – não queria que você morresse, foi por isso que o salvei.

– Pare de falar dos seus sentimentos a respeito do que você fez e ao invés disso diga o que você fez e porquê. Porque me

envenenar, e porque me salvar depois? Quero a resposta para isso, e quero a verdade.

Owen olhou ao redor para os rostos sombrios observando ele. Deu um suspiro como se estivesse procurando recuperar sua compostura. – Precisava da sua ajuda. Tinha de convencê-lo a me ajudar. Eu pedi a sua ajuda, antes, e você negou, mesmo que meu povo tenha grande necessidade. Eu implorei. Falei para você como era importante para eles receberem a sua ajuda, mas você ainda disse não.

– Tenho meus próprios problemas com os quais tenho que lidar, – Richard disse. – sinto muito que a Ordem tenha invadido a sua terra natal… sei como isso é terrível… mas eu falei para você, estou tentando derrubá-los e fazer isso só ajudará você e seu povo no seu esforço para livrarem-se deles vocês mesmos. Vocês não são os únicos que tiveram seus lares invadidos por esses brutamontes. Nós também temos homens da Ordem assassinando nossos entes queridos.

– Você deve nos ajudar primeiro, – Owen insistiu. – você e aqueles como você, os não esclarecidos, devem libertar o meu povo. Não podemos fazer isso nós mesmos… não somos selvagens. Ouvi o que todos vocês tinham para dizer a respeito de comer carne. Essa conversa me deixou enjoado. Nosso povo não é assim… não podemos ser, porque nós somos esclarecidos. Eu vi como vocês assassinaram todos aqueles homens lá atrás. Preciso que vocês façam isso com a Ordem.

– Pensei que aquilo não fosse real?

Owen ignorou a pergunta. – Você deve dar a liberdade ao meu povo.

– Eu já falei, eu não posso!

– Agora, você deve. – ele olhou para Cara, Jennsen, Tom, e Friedrich. Seu olhar pousou em Kahlan. – Você precisa garantir que Lorde Rahl faça isso… ou ele vai morrer. Eu envenenei ele.

Kahlan agarrou a camisa de Owen. – Você trouxe para ele o antídoto do veneno.

Owen assentiu. – Naquela primeira noite, quando falei tudo sobre a minha grande necessidade, eu tinha acabado de dar a ele o veneno. – seu olhar retornou para Richard. – Você tinha acabado de bebê-lo, dentro de algumas horas. Se tivesse concordado em dar ao meu povo a liberdade de que eles precisam, eu teria dado o antídoto para você naquele momento, e você estaria livre do veneno. Isso teria curado você.

– Mas você recusou vir comigo, ajudar aqueles que não conseguem ajudar a si mesmos, como é seu dever com aqueles em necessidade. Você mandou-me embora. Então eu não ofereci a você o antídoto. Nesse tempo desde então, o veneno esteve trabalhando através do seu corpo. Se não tivesse sido egoísta, teria sido curado naquela ocasião.

– Ao invés disso, agora o veneno está estabelecido em você, fazendo seu trabalho. Uma vez que já faz tanto tempo desde que você bebeu o veneno, o antídoto que eu tinha comigo já não era mais capaz de curá-lo, apenas deixar você melhor durante algum tempo.

– E o que vai me curar? – Richard perguntou.

– Você terá que tomar mais do antídoto para livrar-se do resto do veneno.

– E suponho que você não tenha mais.

Owen balançou a cabeça. – Você deve dar ao meu povo a liberdade. Só então, poderá obter mais do antídoto.

Richard queria balançar com força o homem para conseguir respostas. Ao invés disso, ele respirou fundo, tentando ficar calmo para que pudesse entender a verdade daquilo que Owen tinha feito e então pensar na solução.

– Porque, só então? – ele perguntou.

– Porque, – disse Owen, – o antídoto está no lugar tomado pela Ordem Imperial. Você deve livrar-nos dos invasores se quiser

pegar o antídoto. Se quer viver, deve nos dar a nossa liberdade. Se não, você morrerá.

CAPÍTULO 23



Kahlan esticou-se para agarrar Owen pela garganta.

Queria estrangular ele, sufocá-lo, fazer ele sentir a desesperada, apavorante, necessidade de respirar que Richard tinha enfrentado, fazer ele sofrer, mostrar a ele como era. Cara também tentou pegar Owen, aparentemente tendo o mesmo pensamento de Kahlan.

Richard esticou o braço, mantendo as duas afastadas.

Segurando a camisa de Owen em seu outro punho, Richard sacudiu o homem. – E quanto tempo eu tenho até ficar doente novamente? Quanto tempo eu tenho para viver antes que o seu veneno me mate?

O olhar confuso de Owen desviou de um rosto furioso para outro. – Mas se você fizer como eu pedi, como é seu dever, você ficará bem. Eu prometo. Você viu que eu trouxe para você o antídoto. Não quero machucá-lo. Essa não é minha intenção… eu juro.

Kahlan só conseguia pensar em Richard com a dor esmagadora, incapaz de respirar. Tinha sido aterrorizante. Ela não conseguia pensar em outra coisa além dele passando por isso outra vez, só que dessa vez para jamais acordar.

– Quanto tempo? – Richard repetiu.

– Mas se você apenas…

– Quanto tempo!

Owen lambeu os lábios. – Nem um mês. Perto disso, mas não um mês, eu acredito.

Kahlan tentou afastar Richard. – Deixe eu pegar ele. Eu vou descobrir…

– Não. – Cara puxou Kahlan de volta. – Madre Confessora, – ela sussurrou. – deixe Lorde Rahl fazer o que deve. Você não sabe o que o seu toque faria em alguém como ele.

– Pode fazer nada, – Kahlan insistiu. – mas ainda pode funcionar, e então nós podemos descobrir tudo.

Cara a conteve com um braço em volta da cintura dela que Kahlan não podia afastar. – E se apenas o lado Subtrativo funcionar e isso matar ele?

Kahlan parou de lutar quando franziu a testa para Cara. – E desde quando você assumiu o estudo da magia?

– Desde que isso pode ferir Lorde Rahl. – Cara puxou Kahlan para trás, mais longe de Richard. – Eu também tenho cérebro, você sabe. Posso pensar bem nas coisas. Você está usando a sua cabeça? Onde fica essa cidade? Onde está o antídoto dentro da cidade? O que fará se usar o seu poder matar esse homem e você for aquela que condena Lorde Rahl à morte, quando poderia ter obtido a informação de que precisávamos se não tivesse tocado ele?

– Se quiser, quebrarei os braços dele. Farei ele sangrar. Farei ele gritar em agonia. Mas não vou matá-lo; manterei ele vivo para que possa nos dar a informação de que precisamos para livrar Lorde Rahl dessa sentença de morte.

– Pergunte a si mesma, você realmente quer fazer isso porque acredita que isso fornecerá a você as respostas de que precisamos, ou porque deseja vingança, machucar ele? A vida de Lorde Rahl pode depender da sua honestidade com si mesma.

Kahlan bufou por causa do esforço da luta, mas ainda mais por causa da raiva. Ela queria vingança, revidar, exatamente como Cara falou… fazer o que pudesse para salvar Richard e punir aquele que o atacou.

– Já estou farta desse jogo, – Kahlan disse. – quero ouvir a história… a história toda.

– Eu também. – falou Richard. Ele ergueu o homem pela camisa e jogou ele sobre o caixote. – Muito bem, Owen, chega de desculpas sobre o porquê você fez isso ou aquilo. Comece do início e conte para nós o que aconteceu, e o que você e seu povo fizeram a respeito disso.

Owen ficou sentado tremendo como uma folha. Jennsen fez Richard recuar.

– Você está assustando ele. – ela sussurrou para Richard. – Dê um pouco de espaço ou ele nunca conseguirá colocar isso para fora.

Richard respirou profundamente quando aceitou as palavras de Jennsen com a mão sobre o ombro dela. Ele afastou-se alguns passos, parando com as mãos cruzadas atrás da costa enquanto olhava em direção ao nascer do sol, em direção às montanhas que Kahlan tinha visto ele estudar com frequência. Isso aconteceu do outro lado da cadeia de montanhas menores, mais próximas, dentro das sombras daqueles picos massivos projetando-se através das nuvens cinzentas como ferro, onde eles encontraram o Farol de Alerta e encontraram pela primeira vez os Races de Bico Negro.

As nuvens que cobriam o céu por todo o caminho até a parede daqueles picos distantes pairavam pesadas e escuras. Pela primeira vez desde que Kahlan conseguia lembrar, parecia como se uma tempestade pudesse estar acima deles. O cheiro de chuva acelerava o ar.

– De onde você é? – Richard perguntou com a voz calma.

Owen limpou a garganta enquanto endireitava sua camisa e o casaco, como se estivesse arrumando sua dignidade. Ele permaneceu sentado sobre o caixote.

– Eu morava em um lugar de esclarecimento, em uma civilização de cultura avançada… um grande império.

– Onde fica esse nobre império? – perguntou Richard, ainda contemplando o horizonte.

Owen esticou o pescoço, olhando para leste. Ele apontou para a parede mais distante de grandes picos onde Richard estava olhando.

– Lá. Você vê aquele ponto nas montanhas mais altas? Eu morava depois dali, no império além daquelas montanhas.

Kahlan lembrou de ter perguntado a Richard se ele achava que eles podiam atravessar por cima daquelas montanhas. Richard duvidou a respeito disso.

Ele olhou para trás por cima do ombro. – Qual é o nome desse império?

– Bandakar. – Owen falou em um murmúrio reverente. Ele alisou o cabelo louro para o lado, como se desejasse fazer de si mesmo um respeitável representante de sua terra natal. – Eu era um cidadão de Bandakar, do Império Bandakaraniano.

Richard tinha virado e estava olhando para Owen de um jeito muito peculiar. – Bandakar. Você sabe o que esse nome, Bandakar, significa?

Owen assentiu. – Sim. Bandakar é uma palavra antiga de um tempo há muito tempo esquecido. Significa "o escolhido"… como em, o império escolhido.

Richard parecia ter perdido um pouco da sua cor.

Quando seus olhos encontraram com os de Kahlan, ela conseguiu ver que ele sabia muito bem o que a palavra significava, e que Owen entendera errado.

De repente Richard pareceu lembrar-se. Ele esfregou a testa, pensativo. – Você… qualquer um do seu povo… conhece a língua de onde essa palavra veio, Bandakar?

Owen desconsiderou a importância da pergunta com um gesto. – Não conhecemos a língua; está esquecida faz muito tempo. Somente o significado dessa palavra foi transmitido, porque é muito

importante para nosso povo manter a herança do seu significado: Império Escolhido. Nós somos o povo escolhido.

A conduta de Richard tinha mudado. Sua raiva parecia ter desaparecido. Ele caminhou para mais perto de Owen e falou suavemente.

– O Império Bandakaraniano… porque ele não é conhecido? Porque ninguém sabe do seu povo?

Owen desviou o olhar, em direção a leste, vendo sua distante terra natal através de olhos lacrimejantes. – Dizem que os antigos, aqueles que nos deram esse nome, queriam nos proteger… porque somos um povo especial. Eles nos levaram para um lugar onde ninguém poderia ir, por causa das montanhas ao redor. Tais montanhas que somente o Criador poderia gerar para isolar a terra além, para que nós fiquemos protegidos.

– Exceto aquele lugar, – Richard apontou para leste. – aquele ponto na cadeia de montanhas, aquela passagem.

– Sim, – Owen admitiu, ainda olhando em direção à sua terra natal. – foi assim que entramos na terra além, na nossa terra, mas outros também poderiam entrar; era o único lugar onde estávamos vulneráveis. Você percebe, nós somos um povo esclarecido que ergueu-se acima da violência, mas o mundo ainda está cheio de raças selvagens. Então, aquelas pessoas antigas, que desejavam que nossa cultura avançada sobrevivesse, prosperasse sem a brutalidade do resto do mundo… eles selaram a passagem.

– E o seu povo esteve isolado por todo esse tempo… durante milhares de anos.

– Sim. Temos uma terra perfeita, um lugar de uma cultura avançada que não é tocado pela violência do povo aqui fora.

– Como a passagem, a fenda nas montanhas, como ela foi selada?

Owen olhou para Richard, um pouco assustado com a pergunta. Ele pensou durante um momento. – Bem… a passagem foi

selada. Era um lugar onde ninguém podia entrar.

– Porque morreriam se entrassem naquela Fronteira.

Com uma gélida onda de compreensão, Kahlan repentinamente entendeu do que era composto o bloqueio para esse império.

– Bem, sim, – Owen gaguejou. – mas teve que ser desse jeito para impedir os forasteiros de invadirem nosso império. Nós rejeitamos a violência incondicionalmente. É um comportamento de não esclarecidos. A violência somente convida mais violência, espiralando em um ciclo de violência sem fim. – ele inquietou-se com a preocupação de que uma armadilha como essa os envolvesse na sedução de seu feitiço maligno. – Somos uma raça avançada, acima da violência de nossos ancestrais. Nós crescemos além disso. Mas sem a fronteira que sela aquela passagem e até que o resto do mundo rejeite a violência como nós fazemos, o nosso povo poderia ser a presa de selvagens não esclarecidos.

– E agora, aquele selo está quebrado.

Owen ficou olhando para o chão, engolindo em seco antes de falar. – Sim.

– Quanto tempo faz que a fronteira falhou?

– Não temos certeza. É um lugar perigoso. Ninguém mora perto dele, então não podemos ter certeza, mas acreditamos que faz mais ou menos dois anos.

Kahlan sentiu o estonteante fardo da confirmação de seus medos.

Quando Owen levantou os olhos, ele era uma imagem da miséria.

– Agora o nosso império está exposto a selvagens não esclarecidos.

– Algum tempo depois que a fronteira caiu, a Ordem Imperial cruzou a passagem.

– Sim.

– A terra além daquelas montanhas com os picos cobertos de neve, o Império de Bandakar, é de onde os Races de Bico Negro são, não é mesmo? – falou Richard.

Owen levantou os olhos, surpreso que Richard soubesse disso. – Sim. Aquelas criaturas horríveis, embora sejam inocentes de malícia, caçam o povo da minha terra natal. Devemos ficar dentro de casa durante a noite, quando elas caçam. Mesmo assim, algumas pessoas, especialmente crianças, às vezes são surpreendidas e capturadas por aquelas criaturas ferozes…

– Porque vocês não matam elas? – Cara perguntou, indignada. – Repelem elas? Atirando nelas com flechas? Queridos espíritos, porque não esmagam as cabeças delas com uma pedra se tiverem que fazer isso?

Owen pareceu chocado com a simples sugestão. – Eu disse, nós estamos acima da violência. Seria muito mais errado cometer violência contra essas criaturas inocentes. É nosso dever preservá-las, já que fomos nós que entramos em seus domínios. Nós somos aqueles que carregam a culpa porque as induzimos a terem esse comportamento que é natural delas. Nós preservamos a virtude somente aceitando cada aspecto do mundo sem o preconceito de nossos defeituosos pontos de vista humanos.

Richard fez um sinal sutil para Cara ficar quieta. – Todos no império eram pacíficos? – ele perguntou, desviando a atenção de Owen para longe de Cara.

– Sim.

– Ocasionalmente não havia aqueles que… não sei, comportavam-se mal? Crianças, por exemplo. De onde eu venho, às vezes crianças podem tornar-se bagunceiras. As crianças de onde você vem às vezes devem tornar-se bagunceiras também.

Owen balançou um pouco um dos ombros. – Bem, sim, acho que sim. Houve algumas vezes em que crianças comportavam-se mal e tornavam-se indisciplinadas.

– E o que vocês fazem com crianças assim?

Owen limpou a garganta, claramente desconfortável.

– Bem, elas são… colocadas para fora de casa durante algum tempo.

– Colocadas para fora de casa durante algum tempo. – Richard repetiu. Ele levantou os braços em um gesto questionador. – As crianças que eu conheço geralmente ficariam felizes em serem colocadas para fora. Elas simplesmente vão brincar.

Owen balançou a cabeça enfaticamente diante da séria natureza do assunto. – Nós somos diferentes. Desde o momento em que nascemos, estamos juntos com os outros. Somos todos muito próximos. Dependemos uns dos outros. Cuidamos uns dos outros. Passamos todas as nossas horas em que estamos acordados junto com os outros. Cozinhamos, lavamos e trabalhamos juntos. Dormimos em uma casa para dormir, juntos. A nossa é uma vida esclarecida de contato humano, proximidade humana. Não há um valor mais alto do que estarmos juntos.

– Então, – Richard perguntou, fingindo uma expressão de confusão. – quando um de vocês… uma criança… é colocada para fora, isso é um motivo para infelicidade?

Owen engoliu em seco enquanto uma lágrima descia por sua bochecha.

– Não poderia existir algo pior. Ser colocado para fora, ser isolado dos outros, é o pior horror que podemos passar. Ser forçado a sair na fria crueldade do mundo é um pesadelo.

Simplesmente falar sobre uma punição assim, pensar nisso, estava fazendo Owen começar a tremer.

– E é quando, às vezes, os Races pegam essas crianças. – Richard falou em um tom cheio de compaixão. – Quando elas estão sozinhas e vulneráveis.

Com a costa da mão Owen enxugou a lágrima da bochecha. – Quando uma criança deve ser colocada para fora para ser punida,

nós tomamos todas as precauções possíveis. Jamais colocamos elas para fora à noite porque é quando os Races geralmente caçam. Crianças são colocadas para fora como punição apenas durante o dia. Mas quando estamos longe dos outros, ficamos vulneráveis a todos os terrores e crueldades do mundo. Ficar sozinho é um pesadelo. Faríamos qualquer coisa para evitar esse tipo de punição.

Qualquer criança que comporta-se mal e é colocada para fora durante algum tempo normalmente não irá comportar-se mal tão cedo. Não há alegria maior do que finalmente ser bem recebido de volta para junto de seus amigos e família.

– Então, para o seu povo, ser banido é a maior punição.

Owen olhou para longe. – É claro.

– De onde eu venho, todos nos damos muito bem também. Aproveitamos a companhia uns dos outros e sentimos grande alegria quando muitas pessoas se reúnem. Valorizamos nosso tempo juntos. Quando ficamos longe durante um certo período, perguntamos sobre todas as pessoas que conhecemos e não vemos durante algum tempo.

Owen sorriu ansioso. – Então você entende.

Richard assentiu, devolvendo o sorriso. – Mas ocasionalmente tem alguém que não se comporta, mesmo quando é adulto. Tentamos tudo que podemos, mas, às vezes, alguém faz alguma coisa errada… alguma coisa que ele sabe que é errado. Pode mentir ou roubar. Até mesmo pior, algumas vezes alguém deliberadamente machuca outra pessoa… bate em alguém quando rouba, estupra uma mulher, ou até mesmo assassina alguém.

Owen não olhava para Richard. Ficava observando o chão.

Quando falou, Richard caminhou lentamente diante do homem. – Quando alguém faz alguma coisa como essa de onde você vem, Owen, o que o seu povo faz? Como um povo esclarecido trata de crimes tão horríveis que alguns do seu povo cometem contra outros?

– Atacamos a causa raiz de tal comportamento desde o início. – Owen foi rápido em responder. – Compartilhamos tudo que temos para garantir que todos tenham o que precisam, para que não tenham que roubar. As pessoas roubam porque sentem a dor com o fato de outras agirem de forma superior. Mostramos a essas pessoas que não somos melhores do que elas e então elas não precisam guardar esses temores dos outros. Ensinamos elas a serem esclarecidas e rejeitarem todos esses tipos de comportamento.

Richard balançou os ombros de forma despreocupada. Kahlan teria pensado que ele estaria pronto para arrancar as respostas de Owen, mas, ao invés disso, ele estava comportando-se de uma forma calma, compreensiva. Já tinha visto ele agir desse jeito. Ele era o Seeker da Verdade, nomeado por direito pelo Primeiro Mago em pessoa.

Richard estava fazendo o que Seekers faziam: encontrar a verdade.

Às vezes ele usava sua espada, às vezes palavras.

Embora fosse dessa maneira que Richard geralmente desarmava pessoas quando as interrogava, nesse caso ocorreu a Kahlan que esse comportamento era precisamente algo com que Owen estaria mais acostumado, mais confortável. Esse comportamento gentil estava extraindo mais respostas do homem e obtendo um monte de informação que Kahlan jamais imaginou tentar conseguir.

Ela já aprendera que ela foi a causa do que tinha acontecido a essas pessoas.

– Nós dois sabemos, Owen, que não importa o quanto tentemos, esses esforços para mudar os costumes das pessoas nem sempre funcionam. Algumas pessoas não mudam. Tem algumas vezes em que as pessoas fazem coisas más. Mesmo entre pessoas civilizadas, existe algumas que não irão comportar-se de maneira civilizada independente de todos os nossos melhores esforços. E o

que é pior do que isso, se permitirmos que continuem, essa minoria coloca em risco toda a comunidade.

– Afinal de contas, se tem um estuprador entre vocês, vocês não podem permitir que ele continue atacando mulheres. Se um homem cometeu assassinato, vocês não poderiam permitir que um homem assim ameaçasse o império com seus costumes, poderiam? Uma cultura avançada, especialmente, não pode ser culpada por querer acabar com esses tipos de perigos a um povo esclarecido.

– Mas vocês tem evitado todas as formas de violência, então dificilmente conseguem punir um homem assim fisicamente… não poderiam condenar um assassino à morte… não se vocês realmente rejeitam a violência incondicionalmente. O que vocês fazem com homens assim? Como um povo esclarecido lida com problemas graves, como assassinato?

Owen estava suando. Parecia que não lhe ocorrera negar a existência de assassinos… Richard já tinha conduzido ele além disso, já tinha estabelecido a existência de homens assim. Antes que Owen pudesse pensar em negar, Richard já estava além, no passo seguinte.

– Bem, – Owen disse, engolindo em seco. – como você diz, nós somos um povo esclarecido. Se alguém faz algo para ferir outro, ele recebe… uma denúncia.

– Uma denúncia. Você quer dizer, que vocês condenam as ações dele, mas não o homem. Vocês dão a ele uma segunda chance.

– Sim, isso mesmo. – Owen enxugou suor da testa enquanto olhava para Richard. – Trabalhamos duro para recuperar pessoas que cometem tais erros e recebem uma denúncia. Reconhecemos que as ações deles são um grito pedindo ajuda, então aconselhamos eles nos caminhos do esclarecimento para ajudá-los a ver que estão ferindo o povo todo quando ferem um, e que uma vez que eles fazem parte do nosso adorado povo, eles estão apenas ferindo a si mesmos quando ferem outro. Mostramos a essas pessoas compaixão e compreensão.

Kahlan segurou o braço de Cara, e com um olhar sério convenceu-a a permanecer em silêncio.

Richard caminhou lentamente diante de Owen, assentindo como se achasse que aquilo soava razoável. – Entendo. Vocês fazem um grande esforço para fazer eles enxergarem que jamais podem fazer uma coisa como essa novamente.

Owen assentiu, aliviado que Richard tivesse entendido.

– Mas tem algumas vezes em que um daqueles que receberam uma denúncia, e foi aconselhado de acordo com o melhor da habilidade de vocês, comete o mesmo crime outra vez… ou até pior.

– Então está claro que ele está recusando-se a ser reformado e que ele é uma ameaça à ordem pública, segurança, e confiança. Se for deixado com suas próprias ideias, uma pessoa assim, sozinha, vai trazer a coisa que vocês rejeitam incondicionalmente… violência… para instalar-se entre o seu povo e conquistar outros para os mesmos caminhos dele.

Uma leve neblina começara a descer. Owen estava sentado sobre o caixote, tremendo, assustado, sozinho. Fazia pouco tempo ele estivera relutante em responder até mesmo a mais básica pergunta de uma forma significativa; agora Richard tinha feito ele falar abertamente.

Friedrich acariciou a mandíbula de um dos cavalos enquanto observava silenciosamente. Jennsen sentava em uma pedra, Betty deitada aos seus pés. Tom estava em pé atrás de Jennsen, uma das mãos descansando gentilmente no ombro dela, mas mantendo um olho no homem que Kahlan havia tocado com seu poder.

Aquele homem estava sentado de um lado, escutando desinteressadamente enquanto aguardava receber ordens. Cara estava em pé ao lado de Kahlan, sempre vigilante a qualquer problema, mas obviamente atraída pelo desenrolar da história da

terra natal de Owen, mesmo que tivesse dificuldade em segurar sua língua.

De sua parte, Kahlan, embora pudesse simpatizar com a dificuldade de Cara em conter sua língua, estava fascinada pela história de um império misterioso que Richard casualmente, sem esforço, extraía desse homem que o envenenara. Ela não conseguia imaginar onde Richard queria chegar com essas perguntas. O que as formas de punição desse império tinham a ver com Richard ser envenenado?

Entretanto, para ela estava claro que Richard sabia para onde estava seguindo, e que o caminho que ele percorria era amplo e iluminado pelo sol.

Richard parou na frente de Owen. – O que vocês fazem nesses casos?… quando não conseguem reformar alguém que tornou-se um perigo para todos. O que um povo esclarecido faz com esse tipo de pessoa?

Owen falou com uma voz que carregava claramente a nebulosa tranquilidade da manhã. – Nós os banimos.

– Banem eles. Quer dizer, que enviam eles para a Fronteira?

Owen assentiu.

– Mas você disse que entrar na Fronteira é morte. Não poderiam simplesmente enviá-los para dentro da Fronteira ou estariam executando eles. Devem ter um lugar para onde enviá-los. Um lugar especial.

Um lugar para onde podem bani-los, sem matá-los, mas um lugar de onde vocês sabem que eles jamais poderão voltar para prejudicar seu povo.

Owen assentiu outra vez. – Sim. Existe um lugar assim.

A passagem que é bloqueada pela fronteira é íngreme e traiçoeira. Mas há um caminho que leva descendo para dentro da fronteira. Aqueles antigos que nos protegeram colocando aquela fronteira colocaram o caminho também. Dizem que o caminho

permite a passagem para fora. Por causa da forma como a montanha desce, é um caminho difícil, mas ele pode ser trilhado.

– E só por causa do quanto ele é difícil, não é possível subir retornando? Para entrar no Império Bandakaraniano?

Owen mordeu o lábio inferior. – Ele desce através de um lugar terrível, uma passagem estreita através da fronteira, uma terra sem vida, onde dizem que a própria morte encontra-se de cada lado. A pessoa banida não recebe água ou comida. Ele deve encontrar por sua própria conta, do outro lado, ou perecer. Nós colocamos vigias na entrada do caminho, onde eles aguardam para terem certeza de que a pessoa banida atravessou e não está parada na fronteira só para retornar. Os vigias aguardam e observam durante várias semanas para garantir que a pessoa banida foi além em busca de água e comida, em busca de sua nova vida longe do seu povo.

– Uma vez além, a floresta é um lugar terrível, um lugar assustador, com raízes que descem sobre a borda como uma terra de serpentes. O caminho o leva descendo por baixo dessa cascata de raízes e água corrente.

Então, mais baixo ainda, você encontra-se em uma terra estranha onde as árvores ficam bem longe no alto, procurando pela luz distante, mas você vê apenas as suas raízes contorcidas e esticando-se para baixo mergulhando na escuridão em direção ao solo. Dizem que assim que você vê essa floresta de raízes erguendo-se ao seu redor, você atravessou a fronteira e a passagem através das montanhas.

– Dizem que não há jeito de entrar em nossa terra a partir daquele outro lado… de usar a passagem para retornar ao nosso império.

– Uma vez banido, não existe redenção.

Richard aproximou-se ao lado de Owen e colocou uma das mãos no ombro dele.

– O que você fez para ser banido, Owen?

Owen curvou-se para frente, colocando o rosto nas mãos quando finalmente ele começou a chorar.

CAPÍTULO 24



Richard deixou a mão no ombro de Owen enquanto falava em um tom compassivo. – Conte-me o que aconteceu, Owen. Conte-me do seu próprio jeito.

Kahlan estava surpresa em ouvir, afinal de contas Owen tinha falado que tornara-se um dos banidos. Ela viu Jennsen ficar de boca aberta. Cara levantou uma sobrancelha.

Kahlan podia ver que a mão de Richard no ombro de Owen era uma linha de vida emocional para o homem. Finalmente ele endireitou-se, enxugando as lágrimas. Limpou o nariz na manga.

Olhou para Richard. – Devo contar a você toda a história? Toda ela?

– Sim. Eu gostaria de ouvir tudo, desde o começo.

Kahlan ficou admirada como Richard fazia ela lembrar, nesse momento, do avô dele, Zedd, e a forma como Zedd sempre queria ouvir a história toda.

– Bem, eu era feliz entre meu povo, com todos eles ao meu redor. Eles me seguravam contra o peito quando eu era jovem. Eu estava sempre seguro nos braços receptivos deles. Uma vez que eu sabia de outras crianças que tornaram-se rebeldes e foram colocadas para fora como punição, eu nunca fiz nada para ser colocado para fora. Eu ansiava aprender a ser como o meu povo. Eles me ensinaram os caminhos do esclarecimento. Durante algum tempo eu servi ao meu povo como O Sábio.

– Mais tarde, o meu povo estava feliz com o quanto eu era esclarecido, o quanto eu recebia todos eles, e então eles me

nomearam o orador de nossa cidade. Viajei até cidades próximas para falar as palavras daquilo em que todo o povo da minha cidade acreditava. Fui até nossas grandes cidades pela mesma razão. Porém, eu sempre ficava mais alegre, quando estava em casa com o meu povo mais próximo.

– Me apaixonei por uma mulher de minha cidade. O nome dela é Marilee. – Owen ficou olhando fixamente dentro de suas memórias. Richard não apressou ele, e aguardou pacientemente até que ele começasse novamente no seu próprio ritmo.

– Era primavera, faz um pouco mais de dois anos, quando nos apaixonamos alegremente. Marilee e eu passamos tempo conversando, de mãos dadas, e, quando podíamos, sentados juntos enquanto estávamos entre todos os outros. Entre todos os outros, porém, eu só tinha olhos para Marilee. Ela só tinha olhos para mim.

– Quando estávamos com outros, parecia como se estivéssemos sozinhos no mundo, Marilee e eu, e o mundo pertencia somente a nós, somente nós tínhamos olhos para enxergar toda a beleza escondida dele. É errado sentir-se assim, ficar tão sozinhos em nossos corações é ser egoísta e pensar que nossos olhos podem ver tão claramente é orgulho pecaminoso, mas nós não conseguíamos evitar. As árvores ficavam cheias de flores só para nós. A água nas correntes borbulhava sua música só para nós. A lua erguia-se somente para nós. Owen balançou a cabeça lentamente. – Você não poderia entender como era… qual era a sensação.

– Eu entendo muito bem como era. – Richard garantiu a ele com uma voz suave.

Owen olhou para Richard; então seu olhar moveu-se para Kahlan. Ela assentiu indicando que era isso mesmo. A testa dele franziu com admiração. Então ele desviou o olhar, talvez, Kahlan pensou, sentindo culpa.

– Bem, – Owen disse, voltando para sua história. – eu era o orador de nossa cidade… aquele que fala o que todos decidem que

deve ser considerado como sendo verdade. Às vezes eu também ajudava outras pessoas a resolver questões sobre o que é certo de acordo com as doutrinas de uma cultura avançada. – Owen balançou uma das mão de forma autoconsciente. – Como eu disse, uma vez eu servi a meu povo como O Sábio, então as pessoas confiavam em mim.

Richard apenas assentiu, sem interromper, embora Kahlan soubesse que ele não entendia muito bem o significado de muitos dos detalhes daquilo que Owen estava dizendo mais do que ela entendia. Porém, a essência da história estava tornando-se bastante clara.

– Perguntei a Marilee se ela seria minha esposa, se ela casaria comigo e com nenhum outro. Ela disse que aquele era o dia mais feliz da sua vida, ser pedida em casamento por mim, pois eu disse que não queria outra a não ela. Foi o dia mais feliz da minha vida quando ela falou que me aceitaria como seu marido.

– Todos estavam muito felizes. Todos adoravam nós dois, e nos mantiveram abrigados em seus braços durante um longo tempo para mostrar sua alegria. Quando sentávamos junto com todos os outros, todos nós conversávamos sobre os planos para o casamento e o quanto todos nós ficaríamos felizes que Marilee e eu nos tornássemos marido e mulher e entregássemos crianças para nosso povo.

Owen olhou para o vazio perdido em pensamentos. Parecia que ele podia ter esquecido que tinha parado de falar.

– Então, foi um grande casamento? – Richard finalmente declarou.

Owen ainda olhava para o vazio. – Os homens da Ordem vieram. Foi quando percebemos pela primeira vez que o selo, que havia protegido nosso povo desde o início dos tempos, tinha falhado. Não havia mais uma barreira nos protegendo. Nosso império agora está exposto a selvagens.

Kahlan sabia que aquilo que ela fizera tinha causado a falha da fronteira, resultando que esse povo ficasse sem defesa. Ela não teve escolha, mas isso não tornava mais fácil ouvir.

– Eles vieram até a nossa cidade, onde eu era orador. A nossa cidade, como outras, tem muros ao redor; aqueles que deram a nós o nosso nome, Bandakar, proclamaram que as cidades deveriam ser construídas assim. Foi sábio da parte deles falarem isso para nós. Os muros nos protegiam das bestas das florestas, nos deixavam seguros, sem ter que machucar qualquer criatura.

– Os homens da Ordem montaram acampamento do lado de fora de nossos muros. Realmente não havia lugar para eles ficarem dentro da cidade… não temos acomodações para abrigar tantas pessoas porque nunca tivemos grande número de visitantes de outras cidades. Pior, eu estava com medo que homens assim, com a aparência deles, dormissem sob o mesmo teto junto conosco. Era errado ter esse tipo de medo; a falha é minha, não deles, eu sei, mas eu senti o medo.

– Uma vez que eu era o orador da minha cidade, eu fui até o acampamento deles com comida e oferendas. Eu estava cheio com a minha falha pecaminosa em ter medo deles. Eles eram grandes, alguns com cabelos longos, escuros, sebosos, desgrenhados, alguns com cabeças raspadas, muitos com barbas sujas de fios grosseiros… nenhum deles com cabelo dourado como nosso povo. Foi chocante ver eles usando peles de animais, placas de couro, correntes e metal, e faixas com espinhos afiados. Pendurados em seus cintos, todos eles carregavam implementos de aparência vil dos tipos que eu jamais tinha imaginado em minha vida, mas que depois eu aprendi que eram armas.

– Falei para esses estranhos homens que eles eram benvindos para compartilhar daquilo que nós tínhamos, que nós os honraríamos. Falei para eles que estavam convidados a sentarem conosco, a compartilhar suas palavras conosco.

Todos aguardavam em silêncio, sem querer dizer uma palavra enquanto lágrimas desciam pelo rosto de Owen e pingavam de sua mandíbula.

– Os homens da Ordem não sentaram conosco. Não compartilharam suas palavras conosco. Embora eu tenha falado com eles, eles agiram como se eu não fosse digno de seu reconhecimento, além de olharem para mim de forma sombria como se tivessem intenção de me devorar.

– Tentei aplacar os seus medos, já que é o medo de outros que causa a hostilidade. Garanti aos homens que nós éramos pacíficos e não pretendíamos causar mal algum. Falei para eles que faríamos o melhor que pudéssemos para acomodá-los entre nós.

– O homem que era o orador deles, um comandante, assim ele chamava a si mesmo, falou comigo então. Disse que seu nome era Luchan. Seus ombros tinham o dobro da largura dos meus, embora ele não fosse mais alto do que eu.

Esse homem, Luchan, falou que não acreditava em mim.

Fiquei horrorizado em ouvir isso. Ele disse que achava que o meu povo desejava causar mal a ele. Acusou-nos de desejar matar os homens dele. Fiquei surpreso que ele estivesse pensando uma coisa assim de nós, especialmente depois que tinha falado para ele de nossas boas-vindas aos homens dele. Fiquei abalado em saber que eu tinha feito algo para fazer com que ele sentisse que nós estávamos ameaçando ele e seus homens.

Garanti a ele o nosso desejo em sermos pacíficos com eles.

– Então Luchan sorriu para mim, não um sorriso de felicidade, não um sorriso como eu já tinha visto.

Ele falou que iria queimar nossa cidade e matar todas as pessoas nela para evitar que nós atacássemos os homens dele enquanto dormiam. Implorei para que ele acreditasse em nossos costumes pacíficos, para sentar conosco e compartilhar de suas preocupações e nós faríamos o que fosse necessário para acabar com

essas dúvidas e mostrar a ele o nosso amor por ele ser nosso companheiro.

– Então Luchan falou que não queimaria nossa cidade e não mataria todos nós sob uma condição, como ele chamou isso. Disse que se eu entregasse a minha mulher para ele como um sinal da minha sinceridade e boa vontade então ele acreditaria em nossas palavras. Ele disse que se, por outro lado, eu não enviasse ela para ele, o que aconteceria seria culpa minha, estaria sobre minha cabeça, por não cooperar com eles, por não mostrar minha sinceridade e boa vontade em relação a eles.

– Eu voltei para ouvir as palavras do meu povo.

Todos concordaram e disseram que eu devia fazer isso… que eu devia mandar Marilee para os homens da Ordem para que eles não queimassem nossa cidade e matassem todos. Pedi a eles para não decidirem tão rapidamente, e ofereci a ideia de que poderíamos fechar os portões no muro para impedir que os homens entrassem e nos machucassem. Meu povo disse que homens como aqueles encontrariam um jeito de quebrar o muro, e então eles matariam todos por fecharmos nossos portões e envergonhá-los com nossa intolerância em relação a eles. O povo todo falou bem alto que eu devia mostrar ao homem, Luchan, boa vontade e nossa intenção pacífica, que eu devia aliviar os medo dele.

– Nunca me senti tão sozinho entre meu povo. Eu não podia agir contra a palavra de todos, pois é ensinado que somente as vozes das pessoas unidas em uma só voz pode ser sábia o bastante para conhecer o verdadeiro caminho. Somente uma pessoa não pode saber o que é certo. Apenas o consenso pode tornar uma coisa certa.

– Meus joelhos tremeram quando fiquei diante de Marilee. Ouvi a mim mesmo perguntando se ela queria que eu fizesse como os homens queriam… como nosso povo queria. Disse que fugiria com ela se ela desejasse isso. Ela chorou quando falou que não

escutaria uma conversa pecaminosa como essa de mim, pois isso significaria a morte de todos os outros.

– Ela disse que devia ir até os homens da Ordem para satisfazê-los ou haveria violência. Ela disse que falaria para eles sobre os nossos costumes pacíficos e assim faria eles serem gentis conosco.

– Fiquei orgulhoso de Marilee por sustentar os mais altos valores de nosso povo. Eu quis morrer por ficar orgulhoso de uma coisa que tiraria ela de mim.

– Beijei Marilee uma última vez, mas não consegui conter as lágrimas. Segurei-a em meus braços e choramos juntos.

– Então, eu a levei para o homem que era o comandante deles, Luchan. Ele tinha uma grossa barba negra, uma cabeça raspada, e um anel atravessando uma orelha e uma narina. Ele disse que eu tinha feito uma sábia escolha. Seus braços escurecidos pelo sol eram quase tão grossos quanto a cintura de Marilee. Sua grande mão suja pegou Marilee pelo braço e arrastou-a para longe com ele quando ele virou e falou para mim que eu corresse de volta para minha cidade, para o meu povo. Os homens dele riram de mim quando enquanto me observavam subir a estrada.

– Os homens da Ordem deixaram minha cidade e o meu povo em paz. Nós tivemos paz que eu havia comprado com Marilee.

– Eu não tive paz no meu coração.

– Durante algum tempo, os homens da Ordem foram embora de nossa cidade. Então, eles retornaram em uma tarde, e pediram que eu fosse lá fora. Perguntei a Luchan sobre Marilee, se ela estava bem, se ela estava feliz. Luchan virou a cabeça e cuspiu, então disse que não sabia, que nunca perguntou a ela. Eu estava preocupado, e perguntei se ela falou com ele sobre nossos costumes pacíficos, garanti a ele nossa intenção inocente em relação a ele. Ele falou que quando estava com mulheres não tinha interesse nelas pela sua conversa.

– Ele piscou para mim. Embora nunca tivesse visto alguém piscar daquele jeito, entendi o que ele queria dizer.

– Eu estava com muito medo por Marilee, mas lembrei a mim mesmo que nada é real, que eu não poderia realmente saber qualquer coisa a partir daquilo que estava ouvindo. Eu só estava ouvindo o que esse homem falou sobre as coisas, como ele as enxergava, e sabia que eu só estava sentindo parte do mundo. Eu não podia conhecer a realidade somente com meus olhos e ouvidos.

– Então Luchan falou que eu devia abrir os portões da cidade caso contrário eles achariam que estávamos agindo de forma hostil com eles. Luchan disse que se não fizéssemos como ele pedia, isso iniciaria um ciclo de violência.

– Eu voltei e transmiti as palavras dele para todo o povo reunido ao meu redor. O meu povo todo falou em uma voz, e disse que devíamos abrir os portões e convidá-los a entrar para provar que não mostrávamos hostilidade, algum preconceito, em relação aos homens.

– Os homens da Ordem entraram através daqueles portões que deixamos abertos para eles e agarraram quase todas as mulheres, desde aqueles ainda na idade de garotas até avós. Eu fiquei junto com os outros homens, implorando a eles que deixassem nossas mulheres em paz, para nos deixarem em paz. Falei para eles que havíamos concordado com os pedidos deles para provar que não desejávamos nenhum mal a eles, mas isso não adiantou. Eles não escutavam.

– Falei para Luchan, então, que eu tinha enviado Marilee para ele como sua condição de paz. Disse a ele que deviam honrar seu acordo. Luchan e os homens dele riram.

– Não posso dizer se o que vi então era real. A realidade está no reino do destino, e nós, nesse lugar que pensávamos que conhecíamos como o mundo, não podemos conhecer toda a verdade dele. Naquele dia, o destino abateu-se sobre o meu povo; não

tivemos voz nesse acontecimento. Sabemos que não devemos lutar contra o destino, pois isso já havia sido determinado pela verdadeira realidade que não conseguimos ver.

– Assisti enquanto nossas mulheres eram arrastadas embora. Assisti, incapaz de fazer alguma coisa, enquanto elas gritavam nossos nomes, enquanto esticavam-se em nossa direção, enquanto as mãos daqueles homens grandes seguravam nossas mulheres e as levavam para longe de nós. Nunca tinha ouvido gritos como ouvi naquele dia.

Parecia como se a névoa em breve fosse tocar o topo das árvores. No pesado silêncio, Kahlan ouviu uma ave cantando nos pinheiros. Owen estava sozinho, perdido em seu solitário mundo de lembranças terríveis. Richard ficou parado, os braços cruzados, observando o homem, mas não falava.

– Fui até as outras cidades. – Owen disse finalmente. – Em dois lugares, a Ordem estivera antes de mim. Os homens da Ordem fizeram com aquelas cidades praticamente a mesma coisa que fizeram na minha cidade; eles pegaram as mulheres. Em alguns lugares eles também pegaram alguns homens.

– Em outros lugares que fui, a Ordem ainda não tinha chegado. Como orador da minha cidade, falei para eles o que tinha acontecido com minha cidade e pedi aos outros para fazerem alguma coisa. Eles ficaram furiosos comigo e disseram que era errado resistir, que resistir era entregar-se à violência, não tornar-se melhor do que os selvagens. Eles pediram que eu renunciasse a meus costumes declarados e defendesse a sabedoria das vozes unidas de nosso povo que trouxera esclarecimento e milhares de anos de paz. Eles disseram que eu estava enxergando os eventos através de meus olhos limitados, e não o melhor julgamento do grupo.

– Então eu fui até uma das nossas importantes cidades e falei para eles outra vez que o selo na passagem estava quebrado e que a

Ordem Imperial estava sobre nós, e que algo devia ser feito. Pedi que eles me escutassem e para considerar o que poderíamos fazer para proteger nosso povo.

– Porque eu fui tão inconsideravelmente afirmativo, a assembleia de Oradores me levou até o Sábio para que eu pudesse receber o conselho dele. É uma grande honra receber as palavras do Sábio. O Sábio disse que eu devia perdoar aqueles que tinham feito essas coisas contra o meu povo, se desejássemos acabar com a violência.

– O Sábio falou que a raiva e hostilidade mostrada pelos homens da Ordem era uma marca da sua dor interior, um pedido de ajuda, e eles deviam receber compaixão e compreensão. Eu devia ter sido humilde diante de tão clara sabedoria que só podia vir do Sábio, mas ao invés disso falei do meu desejo para que Marilee e todas as outras pessoas fossem resgatadas daqueles homens, e que os oradores me ajudassem nisso.

– O Sábio disse que Marilee encontraria sua própria felicidade sem mim e que eu era culpado de egoísmo por querer mantê-la para mim. Ele falou que o destino tinha vindo para as outras pessoas e que não cabia a mim fazer exigências ao destino.

– Eu declarei para os oradores e para o Sábio que os homens da Ordem não mantiveram o acordo feito por Luchan de que Marilee fosse enviada para eles. O Sábio disse que Marilee tinha agido corretamente indo em paz para os homens para que o ciclo de violência terminasse. Ele falou que era egoísta e pecaminoso que eu colocasse os meus desejos acima da paz pela qual ela trabalhou de forma abnegada e que minha atitude para com eles provavelmente foi o que havia provocado a fúria dos homens.

– Perguntei o que eu devia fazer, quando agi honestamente mas eles não. O Sábio falou que eu estava errado em condenar homens que eu não conhecia, homens que eu não tinha perdoado primeiramente, ou tentado aceitar, ou até mesmo compreender. Ele

disse que eu devia encorajá-los nos caminhos da paz me atirando diante deles e implorando que me perdoassem por agir de uma forma que inflamou a dor interior deles ao lembrá-los de erros passados cometidos contra eles.

– Então eu falei ao Sábio, na frente de todos os outros oradores, que eu não queria perdoar ou aceitar esses homens, mas que eu queria afastá-los de nossas vidas.

– Eu recebi uma denúncia.

Richard entregou a Owen um copo com água mas não falou nada. Owen bebeu da água sem olhar para ela.

– A assembleia de oradores ordenou que eu voltasse para minha cidade e buscasse o conselho daqueles entre os quais eu vivia, ordenando que eu pedisse ao meu povo para me aconselharem a voltar aos nossos costumes. Voltei com intenção de me redimir, apenas para descobrir que a coisa tornara-se pior do que antes.

– Agora, a Ordem tinha retornado para pegar o que eles quisessem da cidade… comida e mercadorias. Teríamos entregue a eles tudo que eles desejassem, mas eles nunca pediram, simplesmente tomaram. Mais de nossos homens também foram levados… alguns dos garotos e alguns daqueles que eram jovens e fortes. Outros homens, que de algum jeito ofenderam a dignidade dos homens da Ordem, tinham sido assassinados.

– Pessoas que eu conhecia ficavam paradas observando com olhos vazios o sangue onde nossos amigos haviam morrido. Em outros lugares, pessoas reuniam-se para amontoar recordações sobre o sangue. Esses lugares tornaram-se santuários sagrados e pessoas ajoelhavam ali para rezar. As crianças não paravam de chorar. Ninguém aconselhava-se comigo.

– Todos em minha cidade tremiam atrás das portas, mas eles abaixaram os olhos e abriram aquelas portas quando os homens da Ordem bateram, caso contrário ofenderíamos eles.

– Não consegui ficar mais tempo em nossa cidade. Corri até o campo, mesmo que estivesse apavorado porque ficaria sozinho. Lá, nas colinas, encontrei outros homens, egoístas como eu, escondidos, temendo por suas vidas. Juntos, decidimos tentar fazer alguma coisa, tentar colocar um fim na miséria. Nós decidimos restaurar a paz.

– No início, enviamos representantes para falar com os homens da Ordem, para que eles soubessem que não desejávamos mal, e que só procurávamos fazer paz com eles, e perguntar o que poderíamos fazer para satisfazê-los. Os homens da Ordem penduraram esses homens pelos tornozelos em piques na borda de nossa cidade e arrancaram a pele deles vivos.

– Eu conheci aqueles homens durante toda minha vida, aqueles homens que me aconselharam, advertiram, quebraram os jejuns comigo, me abrigaram em seus braços com alegria quando eu falei para eles que Marilee e eu queríamos nos casar. Os homens da Ordem deixaram aqueles pobres homens pendurados pelos tornozelos enquanto eles gritavam em agonia no sol quente do verão, onde os Races de Bico Negro vieram e encontraram eles.

– Lembrei a mim mesmo que aquilo que eu vi naquele dia não era real, e que não devia acreditar em tais visões, que possivelmente meus olhos estavam me enganado como punição por ter pensamentos impróprios, e que a minha mente não podia saber se essa visão era real ou uma ilusão.

– Nem todos os homens que foram falar com os homens da ordem foram mortos. Alguns de nossos homens foram enviados de volta para nós com mensagem da Ordem. Disseram que se não saíssemos das colinas e voltássemos para o governo deles em nossa cidade, para mostrar que não pretendíamos atacá-los, então eles começariam a arrancar a pele de uma dúzia de pessoas por dia, e pendurá-los em piques para os Races, até que nós voltássemos para demonstrar nossa intenção pacífica, ou até que a última pessoa restante da cidade tivesse a pele arrancada viva.

– Muitos de nossos homens choraram, incapazes de suportar o pensamento de que eles seriam a causa de um ciclo de violência, então eles retornaram até a cidade para mostrar que não desejavam causar mal.

– Nem todos de nós voltaram. Alguns de nós permaneceram nas colinas. Já que a maioria voltou, e a Ordem não sabia nossa quantidade, eles pensaram que todos haviam obedecido seu comando.

– Aqueles poucos de nós que sobraram nas colinas esconderam-se, vivendo de nozes, frutas, e amoras que conseguimos encontrar ou da comida que roubávamos. Lentamente reunimos suprimentos para nos manter. Eu falei para os outros homens que deveríamos descobrir o que a Ordem estava fazendo com nosso povo que eles tinham levado. Uma vez que os homens da Ordem não sabiam de nós, às vezes nós podíamos nos misturar com as pessoas trabalhando nos campos ou cuidando de animais e entrar sorrateiramente em nossa cidade sem que a Ordem soubesse quem éramos… sem saberem que nós éramos homens das colinas. Durante os meses seguintes, nós seguimos e observamos os homens da Ordem.

– As crianças foram mandadas embora, mas os homens da Ordem tinham levado todas as mulheres para um lugar que eles construíram… um acampamento, assim eles chamavam… que eles fortificaram contra ataques.

Owen colocou o rosto nas mãos outra vez enquanto falava em meio a soluços. – Eles estavam usando nossas mulheres como estoque de procriação. Eles queriam que elas tivessem crianças… tantas quanto elas pudessem gerar… crianças dos soldados deles. Algumas mulheres já estavam grávidas. A maioria daquelas que não estavam ficaram grávidas. Durante o ano e meio seguinte, muitas crianças nasceram. Elas recebiam cuidados durante algum tempo, e

então todas eram enviadas para longe enquanto suas mães eram engravidadas outra vez.

– Não sei para onde essas crianças foram levadas… para algum lugar além de nosso império. Os homens que tinham sido levados das cidades também foram levados para longe além de nosso império.

– Os homens da Ordem não vigiavam muito bem seus cativos, uma vez que nosso povo repudiava a violência, então um par de homens escaparam e correram para as colinas, onde nos encontraram. Eles nos contaram que a Ordem os tinham levado para verem as mulheres, e disseram a eles que se eles não fizessem como eram ordenados, se não seguissem as ordens que recebiam, então todas aquelas mulheres diante deles morreriam… que elas seriam esfoladas vivas. Esses homens que escaparam não sabiam para onde eles deveriam ser levados, ou o que deveriam fazer, apenas que se não seguissem as instruções dadas a eles, então seriam a causa da violência contra nossas mulheres.

– Após um ano e meio escondidos, de encontrar com outros, aprendemos que a Ordem havia espalhado-se para outros lugares em nosso império, tomado outros vilarejos e cidades. O Sábio e os oradores esconderam-se. Descobrimos que alguns vilarejos e cidades convidaram a Ordem para entrar, para ficar entre eles, em uma tentativa de acalmá-los e evitar que eles fizessem o mal.

– Não importa o quanto nosso povo tentasse, suas concessões falharam em aplacar a beligerância dos homens da Ordem. Não conseguíamos entender porque isso era verdade.

– Porém, em algumas das maiores cidades, foi diferente. O povo lá tinha escutado os oradores da Ordem e passaram a acreditar que a causa da Ordem Imperial era a mesma que a nossa… colocar um fim no abuso e na injustiça. A ordem convenceu essas pessoas que eles abominavam a violência, que eles tinham sido esclarecidos assim como foi nosso povo, mas eles tiveram que usar a violência

para derrotar aqueles que oprimiriam todos nós. Disseram que eram campeões da causa de esclarecimento do nosso povo. O povo ali regozijou-se por estarem finalmente nas mãos de salvadores que espalhariam nossas palavras de esclarecimento para os selvagens que ainda não viviam em paz.

Richard, com uma tempestade formando-se, não conseguiu mais conter a sua língua. – E mesmo depois de toda brutalidade, essas pessoas acreditaram nas palavras da Ordem Imperial?

Owen afastou as mãos. – O povo naqueles lugares foi influenciado pelas palavras da Ordem… de que eles estavam lutando pelos mesmos ideais pelos quais nós vivíamos. Eles disseram a nosso povo naquelas cidades que só agiram como agiram porque minha cidade e alguns dos outros lugares como ela passaram para o lado dos selvagens do norte… juntaram-se ao Império D'Haran.

– Eu já tinha ouvido esse nome… o Império D'Haran. Durante o ano e meio em que vivi nas colinas com os outros homens, às vezes eu viajava para fora de nossa terra, para lugares ao redor, para ver o que eu poderia descobrir que pudesse nos ajudar a expulsar a Ordem Imperial de Bandakar. Enquanto eu estava fora da minha terra, fui até algumas cidades no Mundo Antigo, como aprendi que ele era chamado. Em um lugar, Altur'Rang, ouvi sussurros sobre um grande homem do norte, do Império D'Haran, que trouxe a liberdade.

– Outros de meus homens também foram para outros lugares. Quando retornamos, todos contamos uns para os outros o que vimos, o que ouvimos. Todos aqueles que voltaram disseram a mesma coisa, falaram sobre ouvirem a respeito de alguém chamado Lorde Rahl, e sua esposa, a Madre Confessora, que lutaram contra a Ordem Imperial.

– Então, descobrimos onde o Sábio estava sendo mantido em segurança, assim como estavam a maioria de nossos maiores

oradores. Era em nossa maior cidade, um lugar onde a Ordem ainda não tinha chegado. A Ordem estava ocupada com outros lugares então eles não estavam com pressa. O meu povo não iria a lugar algum… eles não tinham para onde ir.

– Os homens que estavam comigo queriam que eu fosse o orador deles, para falar com esses grandes oradores, convencê-los de que deveríamos fazer alguma coisa para deter a Ordem Imperial e mandá-los embora de Bandakar.

– Viajei até a grande cidade, um lugar onde jamais estive, e fiquei inspirado por ver que um lugar de tanta cultura como o nosso havia sido construído. Uma cultura prestes a ser destruída, se eu não conseguisse convencer esses grandes oradores e o Sábio a pensarem em algo para deter a Ordem.

– Falei diante deles com grande urgência. Contei tudo que a Ordem tinha feito. Falei para eles dos homens que eu tinha escondidos, aguardando orientação sobre o que eles deviam fazer.

– Os grandes oradores disseram que eu não podia conhecer a verdadeira natureza da Ordem a partir daquilo que eu e alguns homens viram… que a Ordem Imperial era uma vasta nação e nós vimos apenas um pequeno aspecto do seu povo. Eles disseram que homens não podiam cometer atos tão cruéis como eu descrevi porque isso faria com que eles se encolhessem de horror antes que conseguissem completá-los. Para provar isso, eles sugeriram que eu tentasse arrancar a pele de um deles. Eu admiti que não conseguiria, mas falei para eles que tinha visto os homens da Ordem fazerem isso.

– Os oradores desdenharam da minha insistência de que isso era real. Disseram que eu devia sempre ter em mente que a realidade não é de nosso conhecimento. Falaram que os homens da Ordem Imperial provavelmente estavam com medo de que nós pudéssemos ser um povo violento, e simplesmente queriam testar a nossa determinação nos enganando para que acreditássemos que as coisas

que eu descrevi eram reais de forma que eles pudessem ver como nós reagimos… se a paz realmente era nosso costume, ou se atacaríamos eles.

– Então os grandes oradores disseram que eu não podia saber se realmente vi todas as coisas que eu disse, e que mesmo se eu pudesse, não poderia julgar se elas eram para o bem, ou para o mal… que eu não era a pessoa adequada para julgar as razões de homens que eu não conhecia, que fazer isso seria acreditar que eu estava acima deles, e colocar-me acima deles seria um ato de preconceituosa hostilidade.

– Eu só conseguia pensar em todas as coisas que vi, nos homens comigo que concordavam que nós deveríamos convencer os grandes oradores a agirem para preservar nosso império. Só conseguia ver na minha mente o rosto de Luchan. E então, pensei em Marilee nas mãos desse homem. Pensei no sacrifício que ela fez, e como a vida dela foi lançada no meio desse horror por nada.

– Eu levantei diante dos grandes oradores e gritei que eles eram malignos.

Cara soltou uma risada. – Parece que você consegue dizer o que é real, quando concentra sua mente nisso.

Richard lançou um olhar gelado para ela.

Owen levantou os olhos e piscou. Seus pensamentos estiveram tão distantes enquanto ele contava sua história que realmente não tinha escutado ela. Ele olhou para Richard.

– Foi quando eles me baniram. – ele disse.

– Mas o selo da Fronteira tinha falhado, – Richard disse. – você já tinha ido e vindo através da passagem. Como eles poderiam forçar um banimento sem a Fronteira?

Owen balançou a mão. – Eles não precisam do muro da morte. O banimento de certa forma é uma sentença de morte… a morte da pessoa como cidadão de Bandakar. Meu nome seria conhecido através do império, pelo menos o que restou dele, e todas

as pessoas me evitariam. Eu seria mandado embora em cada porta. Eu era um dos banidos. Ninguém iria querer ter qualquer contato comigo. Agora eu era um desabrigado. Não importa se eles não poderiam me colocar além da barreira; eles me colocaram além do meu povo. Isso era pior.

– Voltei até meus homens nas colinas para juntar minhas coisas e confessar que tinha sido banido. Eu sairia além de nossa terra natal, conforme fui ordenado pelo desejo de nosso povo através de nossos grandes oradores.

– Mas os meus homens, aqueles nas colinas, eles não me veriam partir. Disseram que o banimento era errado. Aqueles homens viram as coisas que eu vi. Tinham esposas, mães, filhas, irmãs que foram levadas embora. Todos eles viram seus amigos assassinados, viram os homens esfolados vivos e deixados para sofrerem em agonia enquanto morriam, viram os Races vindo para circularem sobre eles enquanto estavam pendurados naqueles piques. Eles disseram que uma vez que todos os nossos olhos viram essas coisas, então essas coisas deviam ser verdade, deviam ser reais.

– Todos falaram que fomos para as colinas porque amamos nossa terra e queremos restaurar a paz que um dia tivemos. Disseram que os grandes oradores eram aqueles cujos olhos não enxergavam e que eles estavam condenando nosso povo ao assassinato nas mãos de homens selvagens e aqueles de nosso povo que viviam uma vida cruel sob o governo da Ordem Imperial, a serem usados como estoque de reprodução ou escravos.

– Fiquei chocado que esses homens não me rejeitassem por ter sido banido… que eles quisessem que eu ficasse com eles.

– Foi então que decidimos que nós seríamos aqueles a fazer alguma coisa, a fazer o plano que sempre quisemos que os oradores decidissem. Quando perguntei qual seria o nosso plano, todos disseram a mesma coisa.

– Todos falaram que devíamos fazer Lorde Rahl vir e nos dar a liberdade. Todos falaram como uma voz.

– Então nós decidimos o que deveríamos fazer. Alguns homens disseram que alguém como o Lorde Rahl viria expulsar a Ordem quando pedíssemos. Outros acharam que você podia não estar disposto, já que não é esclarecido e não segue os nossos costumes, não é do nosso povo. Quando consideramos essa possibilidade, decidimos que devemos ter um jeito de garantir que você viria, caso você recusasse.

– Já que fui banido, eu disse que cabia a mim fazer essa coisa. A não ser vivendo nas colinas com meus homens, eu não poderia ter vida entre nosso povo a não ser que nos livrássemos da Ordem Imperial e nossos costumes fossem restaurados a nós. Falei para os homens que eu não sabia onde poderia encontrar Lorde Rahl, mas que não desistiria até conseguir.

– Entretanto, primeiro, um dos homens, um homem mais velho que tinha passado sua vida trabalhando com ervas e remédios, fez para mim o veneno que coloquei no seu cantil. Ele fez o antídoto também. Ele falou para mim como o veneno funcionava, e como ele poderia ser anulado, uma vez que nenhum de nós desejaria considerar que isso terminaria em assassinato, mesmo de um homem não esclarecido.

Pelo olhar que Richard lançou para ela, Kahlan soube que ele queria que ela segurasse a sua língua, e sabia que ela estava enfrentando dificuldade em fazê-lo. Ela redobrou o seu esforço.

– Eu estava preocupado em como encontraria você, – Owen falou para Richard. – mas sabia que precisava. Porém, antes que fosse procurá-lo, tive que esconder o resto do antídoto, como era nosso plano.

– Enquanto eu estava em uma cidade onde a Ordem conquistara o povo para seu lado, ouvi algumas pessoas no mercado dizerem que era uma grande honra que o homem que tinha vindo

até a cidade deles era o mais importante entre todos aqueles da Ordem Imperial em Bandakar. Ocorreu-me o pensamento de que esse homem podia saber alguma coisa sobre o homem que a Ordem mais odiava… Lorde Rahl.

– Fiquei na cidade durante vários dias, observando o lugar onde diziam que esse homem estaria. Observei os soldados irem e virem. Vi que às vezes eles traziam pessoas com eles, e então depois as pessoas saíam de volta.

– Um dia vi pessoas saírem e elas não pareciam machucadas, então segui meu caminho até perto delas para ouvir o que elas podiam dizer. Ouvi elas conversarem que tinham visto o grande homem em pessoa. Não consegui ouvir muito do que elas disseram sobre a sua visita lá dentro, mas nenhuma delas falou que elas estavam feridas.

– E então eu vi os soldados saindo, e suspeitei que eles podiam estar saindo para buscar mais pessoas para levá-las para dentro para ver esse grande homem, então entrei na frente deles dentro de uma praça de reunião central. Então esperei, perto das ilhas abertas entre os bancos públicos. Os soldados entraram rapidamente e reuniram um pequeno grupo de pessoas e eu fui levado junto com as outras.

– Eu estava apavorado com o que aconteceria comigo, mas achei que essa podia ser minha única chance de entrar no prédio com esse homem importante, minha única chance de ver a aparência dele, de ver o lugar onde ele estava para que pudesse saber onde aproximar-me sorrateiramente e escutar, como tinha aprendido a fazer quando vivia nas colinas com meus homens. Tinha decidido fazer isso para ver se conseguia aprender qualquer informação sobre Lorde Rahl. Mesmo assim, eu estava tremendo de preocupação quando eles nos levaram para dentro do prédio e descendo corredores e subindo escadas até o andar superior.

– Tive medo que estivesse sendo levado para o matadouro e quis correr, mas então pensei nos meus homens lá nas colinas, dependendo de mim para encontrar Lorde Rahl, fazer ele vir até Bandakar e nos dar a liberdade.

– Fomos levados através de uma porta pesada para dentro de uma sala mal iluminada que me encheu de terror porque fedia a sangue. As janelas em duas paredes da sala despojada estavam fechadas com trancas. Eu vi que do outro lado da sala havia uma mesa com uma larga tigela e, perto dali uma coluna de grossas estacas de madeira afiadas com altura quase até o meu peito. Elas estavam com manchas escuras de sangue e vísceras.

– Duas mulheres e um homem conosco desmaiaram. Com raiva, os soldados chutaram as cabeças deles. Quando as pessoas não levantaram, os soldados os arrastaram para longe pelos braços. Eu vi rastros de sangue espalharem-se pelo chão atrás deles. Não queria ter minha cabeça partida pela bota de um desses homens horríveis, então fiz um esforço para não desmaiar.

– Um homem entrou na sala, de repente, como um vento gelado. Nunca tive medo de qualquer homem, mesmo de Luchan, como tive medo desse homem. Ele estava vestido sob camada após camada de tiras de pano que deslizavam atrás dele quando ele se movia. Seu cabelo negro estava penteado para trás e alisado com óleos que faziam ele brilhar. Seu nariz parecia projetar-se ainda mais do que faria, se ele não tivesse alisado para trás o seu cabelo. Seus pequenos olhos negros estavam dentro de círculos vermelhos. Quando aqueles olhinhos fixaram-se em mim, tive de lembrar a mim mesmo que havia jurado não desmaiar.

– Ele olhou para cada pessoa enquanto passava lentamente por nós, como se estivesse escolhendo um nabo para o jantar. Foi então, quando seus dedos nodosos saíram da estranha roupa dele para apontar de uma forma ondulante para uma pessoa e depois

outra até que tinha apontado cinco pessoas, que eu vi que as unhas dele estavam todas pintadas de preto como seu cabelo.

– A mão dele balançou, dispensando o resto de nós. Os soldados moveram-se entre as cinco pessoas que esse homem tinha apontado e o resto de nós. Eles começaram a nos empurrar em direção à porta, mas justamente nesse momento, antes que pudéssemos ser colocados para fora, um comandante com um nariz que tinha sido esmagado para o lado, como se tivesse sido quebrado repetidas vezes, entrou e disse que o mensageiro havia chegado. O homem com o cabelo negro passou as unhas negras pelo cabelo negro e disse ao comandante para falar ao mensageiro para esperar, que ao amanhecer ele teria a informação mais recente.

– Então eu fui levado para fora e descendo as escadas junto com o resto das pessoas. Fomos levados para fora e disseram para irmos embora, que nossos serviços não seriam necessários. Os soldados riram quando falaram isso. Eu parti com os outros, para não deixar os homens com raiva. O povo todo sussurrava sobre terem visto o grande homem em pessoa. Eu só conseguia pensar em qual seria a informação mais recente.

– Mais tarde, depois de escurecer, eu voltei sorrateiramente, e na parte de trás do prédio eu descobri, atrás de um portão através de uma alta cerca de madeira, um beco estreito. No escuro, entrei no beco e me escondi dentro do portal de uma entrada para o corredor dos fundos do prédio. Havia passagens além, e, na luz de velas, eu reconheci uma passagem como o lugar em que estive anteriormente.

– Estava tarde e não havia ninguém nos corredores. Segui mais fundo dentro das passagens. Salas e recessos alinhavam-se de cada lado do corredor, mas com a hora avançada ninguém saiu. Subi as escadas me esgueirando e fui até a grande porta grossa para a sala aonde eu tinha sido levado.

– Foi ali, naquele corredor escuro diante da grande porta, que eu escutei os gritos mais aterrorizantes que já tinha escutado.

Pessoas estavam implorando e gemendo por suas vidas, chorando por misericórdia. Uma mulher pedia constantemente para ser morta e acabar com o seu sofrimento.

– Achei que vomitaria, ou desmaiaria, mas um pensamento me manteve firme e escondido, me impediu de correr o mais rápido que minhas pernas pudessem. Foi o pensamento de que esse era o destino de todo o meu povo se eu não os ajudasse trazendo Lorde Rahl.

– Fiquei ali a noite toda, em um recesso escuro em um corredor em frente da grande porta, escutando aquelas pobres pessoas em agonia inimaginável. Não sei o que o homem estava fazendo com elas, mas pensei que morreria de tristeza por causa do lento sofrimento delas. Durante toda a noite, os gemidos de agonia não paravam.

– Fiquei tremendo em meu esconderijo, lagrimando, e dizendo a mim mesmo que isso não era real, que eu não devia ter medo do que não era real. Imaginei a dor das pessoas, mas disse a mim mesmo que estava colocando a minha imaginação acima dos meus sentidos… justamente a coisa que fui ensinado ser errada. Concentrei meus pensamentos em Marilee, nos momentos em que estivemos juntos, e ignorei os sons que não eram reais. Eu não podia saber o que era real, o que eram realmente aqueles sons.

– De manhã cedo o comandante que eu tinha visto antes retornou. Espiei cuidadosamente do meu escuro esconderijo. O homem com o cabelo negro veio até a porta. Eu soube que era ele porque no momento em que o braço dele saiu da sala para entregar ao homem um papel enrolado, vi suas unhas negras.

– O homem com o cabelo negro disse ao comandante com o nariz esmagado, torto, ele o chamou de "Najari", que tinha encontrado eles. Foi isso que ele falou… "eles". Então ele disse, "Eles chegaram até a borda leste do deserto e agora estão seguindo para o norte". Ele falou para o homem dar ao mensageiro as ordens

imediatamente. Najari falou, “Então não vai demorar, Nicholas, e você terá eles e nós teremos o poder para definir o nosso preço”.

CAPÍTULO 25



Richard virou. – Nicholas? Você ouviu ele falar esse nome?

Owen piscou, surpreso. – Sim. Tenho certeza disso. Ele disse Nicholas.

Kahlan sentiu um pesado desânimo tomar conta dela, como a fria neblina úmida.

Richard gesticulou apressadamente. – Continue.

– Bem, eu não tinha certeza de que eles estavam falando sobre vocês… sobre Lorde Rahl e a Madre Confessora… quando o comandante disse "eles", mas pela excitação nas vozes deles eu tive a impressão de que era isso. As vozes deles me fizeram lembrar da primeira vez que a Ordem veio, do modo como Luchan sorriu para mim de um jeito que eu nunca tinha visto, como se ele pudesse me devorar.

– Achei que essa informação era a minha melhor chance de encontrá-lo. Então eu agi imediatamente.

Carregado por uma suave brisa, chuvisco substituiu a neblina da manhã. Kahlan percebeu que estava tremendo de frio.

Richard apontou para o homem sentado no chão não muito longe, o homem com a fenda na orelha direita, o homem que Kahlan tinha tocado. Um pouco da tempestade dentro de Richard ferveu até a superfície.

– Ali está o homem através do qual as ordens de Nicholas foram enviadas. Ele trouxe aqueles homens que você viu em nosso último acampamento. Se não tivéssemos nos defendido, se tivéssemos colocado o nosso sincero desgosto com a violência acima

da natureza da realidade, nós estaríamos tão perdidos quanto Marilee.

Owen ficou olhando para o homem. – Qual é o nome dele?

– Não sei e isso não importa para mim. Ele lutou pela Ordem Imperial… lutou para defender uma visão de que toda vida, incluindo a dele, não tem importância, pode ser trocada, é dispensável na insana perseguição de um ideal que considera as vidas individuais sem valor… uma doutrina que exige o sacrifício para os outros até que você seja um nada.

– Ele luta pelo sonho de todos serem ninguém e nada.

– As crenças da Ordem sustentam que você não tem o direito de amar Marilee, que todos são a mesma coisa e então o seu dever deveria ser casar com alguém que melhor pudesse usar a sua ajuda. Desse jeito, através do sacrifício altruísta, você serviria melhor aos seus colegas homens. Independente do quanto você luta para não enxergar o que está diante dos seus olhos, Owen, acho que em algum lugar por baixo de todos esses ensinamentos regurgitados, você sabe que esse é o maior horror trazido pela Ordem… não sua brutalidade, mas suas ideias. São as crenças deles que sancionam a brutalidade, e as suas que a convidam.

– Ele não valorizava sua própria vida, quem ele era; porque eu deveria me importar com qual era o nome dele? Dou para ele o que era a sua maior ambição: o nada.

Quando Richard viu Kahlan tremendo no chuvisco frio, ele desviou o olhar furioso de Owen e pegou a capa dela da mochila na carroça.

Com a maior gentileza e cuidado, ele colocou-a sobre os ombros dela. Pela expressão no rosto dele, parecia que ele teve tudo que podia aguentar escutando Owen.

Kahlan segurou a mão dele, segurando-a contra sua bochecha durante um momento. Havia alguma pequena coisa boa na história que ouviram de Owen.

– Isso significa que o Dom não está matando você, Richard. – ela falou em um tom reservado. – Era o veneno.

Ela estava aliviada que o tempo deles para conseguir ajuda não tivesse esgotado, como ela tanto temera naquela breve, eterna viagem de carroça quando ele estava inconsciente.

– Senti as dores de cabeça antes de encontrar com Owen. Ainda sinto as dores de cabeça. A magia da espada também falhou antes que eu fosse envenenado.

– Mas pelo menos agora isso nos dá mais tempo para encontrar as soluções para esses problemas.

Ele deslizou os dedos pelo cabelo. – Eu temo que nós tenhamos problemas piores agora, e não o tempo que você pensa.

– Problemas piores?

Richard assentiu. – Sabe o império de onde Owen veio? Bandakar? Adivinhe o que "Bandakar" significa.

Kahlan olhou para Owen sentado encolhido no caixote e sozinho. Ela balançou a cabeça quando seu olhar retornou para os olhos cinzentos de Richard, perturbada mais com a fúria contida na voz dele do que com qualquer outra coisa.

– Não sei, o quê?

– Em Alto D'Haran é um nome. Significa "o banido". Lembra do livro, Os Pilares da Criação, quando eu estava falando a você o que ele dizia sobre como eles decidiram enviar todas as pessoas completamente não dotadas para longe do Mundo Antigo… para bani-los? Lembra que eu falei que ninguém jamais soube o que aconteceu com eles? Nós acabamos de descobrir. Agora o mundo está exposto diante do povo do Império Bandakaraniano.

Kahlan franziu a testa. – Como você sabe com certeza que ele é um descendente daquele povo?

– Olhe para ele. Ele é loiro e parece mais com D'Harans de sangue puro do que parece com pessoas aqui do Mundo Antigo. O mais importante, porém, é que ele não é afetado pela magia.

– Mas poderia ser apenas ele.

Richard inclinou, aproximando-se. – Em um lugar fechado como aquele de onde ele vem, um lugar isolado do resto do mundo durante milhares de anos, até mesmo um Pilar da Criação teria espalhado esse traço não dotado por toda a população nesse momento. Mas não havia apenas um; todos eles eram não dotados. Por isso, eles foram banidos para o Mundo Antigo, e no Mundo Antigo, onde eles tentaram estabelecer uma nova vida, eles foram todos reunidos novamente e banidos para aquele lugar além daquelas montanhas… um lugar que conforme lhes foi dito era para os Bandakar, os banidos.

– Como as pessoas no Mundo Antigo descobriram sobre eles? Como mantiveram todos eles juntos, sem que ao menos um sobrevivesse para espalhar seu traço não dotado para a população em geral, e como eles conseguiram então colocar todos eles naquele lugar… bani-los?

– Boas perguntas, todas, mas nesse momento não são as perguntas importantes.

– Owen, – Richard chamou quando virou de volta para os outros. – quero que você fique bem aí, por favor, enquanto o resto de nós decide qual será a nossa única voz a respeito do que devemos fazer.

Owen animou-se com um método de fazer as coisas com o qual ele identificava-se e sentia-se confortável. Ele parecia não detectar, como Kahlan fizera, o sutil tom de sarcasmo na voz de Richard.

– Você, – Richard disse para o homem que Kahlan havia tocado. – vá sentar ao lado dele e certifique-se de que ele espere ali com você.

Enquanto o homem corria para fazer como lhe foi dito, Richard balançou a cabeça fazendo um sinal para o resto deles, chamando-os para longe junto com ele. – Precisamos conversar.

Friedrich, Tom, Jennsen, Cara, e Kahlan seguiram Richard para longe de Owen e do homem.

Richard encostou-se contra o corrimão da carroça e cruzou os braços enquanto todos reuniam-se ao redor dele. Ele aproveitou o tempo para estudar cada rosto olhando para ele.

– Nós temos grandes problemas, – Richard começou. – e não apenas o veneno que Owen me deu. Owen não é dotado. Ele é como você, Jennsen. A magia não toca nele. – o olhar dele permaneceu fixo no de Jennsen. – O resto do povo dele é do mesmo jeito que ele, que você.

Jennsen ficou boquiaberta de surpresa. Parecia confusa, como se fosse incapaz de juntar tudo isso em sua mente. Friedrich e Tom pareciam quase tão surpresos quanto. A testa de Cara franziu de forma sombria.

– Richard, – Jennsen finalmente falou. – isso simplesmente não pode ser. Tem muitos deles. Não tem jeito deles serem todos meios–irmãos e meias-irmãs nossos.

– Eles não são meios–irmãos e meias-irmãs, – Richard disse. – são uma linhagem de pessoas que descendem da Casa de Rahl… pessoas como você. Não tenho tempo agora para explicar tudo a você, mas lembra quando eu disse que você carregaria crianças que seriam como você, e elas passariam esse traço completamente não dotado adiante para todas as futuras gerações? Bem, há um longo tempo atrás, havia pessoas assim espalhando-se em D'Hara. Então o povo daquela época juntou todas essas pessoas não dotadas e enviou-as para o Mundo Antigo. O povo daqui então isolou eles além daquelas montanhas, lá. O nome do império deles, Bandakar, significa "os banidos".

Os grandes olhos azuis de Jennsen ficaram cheios de lágrimas. Ela era uma daquele povo, pessoas tão odiadas que foram banidas do resto do povo em sua própria terra e enviadas ao exílio.

Kahlan colocou um braço em volta dos ombros dela.

– Lembra como você disse que sentia-se sozinha no mundo? – Kahlan sorriu calorosamente. – Você não tem mais que sentir-se sozinha. Existe pessoas como você.

Kahlan não achou que suas palavras pareceram ajudar muito, mas Jennsen recebeu muito bem o conforto do abraço.

Repentinamente Jennsen olhou de volta para Richard. – Isso não pode ser verdade. Eles tinham uma Fronteira que os mantinha presos naquele lugar. Se eles fossem como eu não seriam afetados por uma fronteira de magia. Poderiam ter saído de lá a qualquer momento que desejassem. Durante todo esse tempo, pelo menos alguns deles teriam saído para o resto do mundo… a magia da Fronteira não poderia ter impedido eles.

– Não acho que isso seja verdade. – falou Richard.

– Lembra quando você viu a areia fluindo para o lado naquele Farol de Alerta que Sabar trouxe para nós? Aquilo era magia, e você viu.

– Está certo, – Kahlan disse. – se ela é um Pilar da Criação, então como uma coisa assim é possível?

– Isso mesmo, – Jennsen concordou. – como poderia ser, se eu sou verdadeiramente não dotada? – as sobrancelhas dela levantaram. – Richard… talvez não seja verdade afinal de contas. Talvez eu tenha um pouquinho da centelha do Dom… talvez eu não seja realmente, verdadeiramente não dotada.

Richard sorriu. – Jennsen, você é tão pura quanto um floco de neve. Você viu aquela magia por uma razão. Nicci escreveu em sua carta que o Farol de Alerta estava conectado ao mago que o criou… conectado a ele no Submundo. O Submundo é o mundo dos mortos. Isso significa que a estátua funcionou parcialmente através da Magia Subtrativa… magia que tem a ver com o Submundo. Você pode ser imune a magia, mas não é imune a morte. Dotada ou não, você ainda está conectada com a vida, e assim com a morte. Foi por isso que

você viu parte da magia da estátua… a parte relacionada ao avanço da morte.

– A Fronteira era um lugar nesse mundo onde a própria morte existia. Entrar na Fronteira era entrar no mundo dos mortos. Ninguém retorna dos mortos. Se qualquer pessoa completamente não dotada em Bandakar tivesse entrado na Fronteira, ela teria morrido. Foi assim que eles foram isolados.

– Mas eles podiam banir pessoas através da Fronteira, – Jennsen insistiu. – isso teria que significar que a Fronteira realmente não afetava eles.

Richard estava balançando a cabeça mesmo quando ela estava protestando. – Não. Eles eram tocados pela morte, do mesmo jeito que qualquer um. Mas havia um caminho deixado através da Fronteira… parecido com aquele que uma vez dividia as três terras do Mundo Novo. Passei através daquela Fronteira sem ser tocado por ela. Havia uma passagem através dela, um lugar especial escondido para cruzar a Fronteira. Esse era do mesmo jeito.

Jennsen torceu o nariz. – Então isso não faz sentido. Se isso fosse verdade, e ele não estivesse escondido deles… já que todos eles sabiam dessa passagem através da Fronteira… então porque todos eles não poderiam simplesmente partir se desejassem? Como isso poderia isolar o resto deles lá dentro, se eles podiam mandar pessoas banidas através dela?

Richard suspirou, passando uma das mãos no rosto.

Pareceu a Kahlan como se ele desejasse que ela não tivesse feito aquela pergunta.

– Sabe aquela área pela qual passamos faz algum tempo? – Richard perguntou a ela. – Aquele lugar onde nada crescia?

Jennsen assentiu. – Eu lembro.

– Bem, Sabar disse que ele passou por outra, um pouco ao norte daqui.

– Isso mesmo, – disse Kahlan. – e ela corria em direção ao centro do deserto, em direção aos Pilares da Criação… exatamente como aquela que vimos. Elas tinham que ser levemente paralelas.

Richard estava assentindo aquilo que ela estava começando a suspeitar. – E elas estavam de cada lado da fenda para dentro de Bandakar. Elas não ficavam muito afastadas. Estamos naquele lugar agora mesmo, entre aquelas duas Fronteiras.

Friedrich aproximou-se. – Mas Lorde Rahl, isso significaria que se alguém fosse banido do Império Bandakaraniano, quando emergissem daquela Fronteira eles encontrariam-se presos entre os muros dessas duas Fronteiras aqui fora, e não havia muito espaço entre elas. Uma pessoa não teria para onde ir a não ser…

Friedrich cobriu a sua boca quando virou para oeste, olhando para dentro da escuridão.

– Os Pilares da Criação. – Richard completou com tranquila finalidade.

– Mas, mas, – Jennsen gaguejou. – você está dizendo que alguém fez isso desse jeito? Fez essas duas Fronteiras deliberadamente para forçar qualquer um que fosse enviado para fora do Império Bandakaraniano direto para aquele lugar… os Pilares da Criação? Porquê?

Richard olhou dentro dos olhos dela durante um longo momento. – Para matá-los.

Jennsen engoliu em seco. – Está dizendo, que alguém que baniu essas pessoas queria que qualquer um que eles enviassem para fora, qualquer um que eles exilassem, morresse?

– Sim. – Richard disse.

Kahlan apertou mais a capa em volta de si mesma. Estivera quente por tanto tempo que ela mal podia acreditar que o tempo tinha ficado frio tão repentinamente.

Richard afastou um tufo de cabelo molhado da testa enquanto prosseguia. – De acordo com o que Adie me falou uma

vez, Fronteiras tem que possuir uma passagem para criar equilíbrio nos dois lados, para equalizar a vida nos dois lados. Suspeito que aqueles aqui no Mundo Antigo que baniram essas pessoas queriam dar a elas uma maneira de livrarem-se de criminosos e assim contaram para o povo sobre a existência da passagem. Mas eles não queriam esse tipo de pessoas ficassem soltas no resto do mundo. Criminosos ou não, eles eram não dotados. Não podiam ter permissão para andarem livremente.

Kahlan viu imediatamente o problema com a teoria dele. – Mas todas as três Fronteiras teriam que ter uma passagem. – ela falou. – mesmo que as outras duas passagens, nas duas Fronteiras restantes, fossem secretas, isso ainda deixava a possibilidade de que qualquer um exilado e enviado através da fenda pudesse encontrar uma delas e assim não tentar escapar através dos Pilares da Criação onde ele morreria. Isso deixava a chance de que eles ainda pudessem conseguir escapar para dentro do Mundo Antigo.

– Se realmente houvesse três Fronteiras, esse poderia ser o caso, – Richard disse. – mas não acho que havia três. Acho que realmente só havia uma.

– Agora você não está fazendo sentido algum. – Cara reclamou. – Você falou que havia aquela indo para norte e sul bloqueando a passagem, e então havia essas duas paralelas aqui fora, indo para leste e oeste, para funcionar como um funil para qualquer um que saísse do Império através daquela primeira Fronteira, em direção aos Pilares da Criação onde ele morreria.

Kahlan teve que concordar. Parecia que poderia haver uma chance de alguém escapar através de uma das outras duas.

– Não acho que havia três Fronteiras, – Richard repetiu. – acho que só havia uma. Que essa Fronteira não era reta… ela estava curvada no meio.

Ele levantou dois dedos, lado a lado. – O fundo da curva seguia através da passagem. – ele apontou para a teia entre os dois

dedos. – As duas pernas estendiam-se aqui, paralelas, seguindo para onde elas terminavam nos Pilares.

Jennsen só conseguiu perguntar – Porquê?

– Para mim parece, por causa do quanto era elaborado todo o projeto, que aqueles que selaram aquelas pessoas ali dentro queriam dar a elas uma maneira de livrarem-se de pessoas perigosas, possivelmente sabendo a partir do que tinham aprendido das crenças deles que eles não permitiriam a execução de alguém. Quando essas pessoas foram banidas aqui para o Mundo Antigo, eles já podiam ter pelo menos a base das mesmas crenças que defendem agora. Essas crenças os deixam completamente vulneráveis diante daqueles que são malignos. Proteger seu modo de vida, sem executar criminosos, significava que eles tinham que lançar esse tipo de pessoas para fora de sua comunidade ou serem destruídos por elas.

– O banimento para longe de D'Hara e do Mundo Novo, através da barreira para dentro do Mundo Antigo, deve ter aterrorizado eles. Eles ficaram juntos como um meio de sobrevivência, uma ligação comum.

– Aqueles aqui no Mundo Antigo que os colocaram atrás daquela Fronteira devem ter usado o medo de perseguição daquelas pessoas para convencê-las que a Fronteira era destinada a protegê-los, para evitar que outros os machucassem. Eles devem ter convencido aquelas pessoas de que, uma vez que eles eram especiais, precisavam desse tipo de proteção. Isso, junto com a sua bem estabelecida necessidade de permanecerem juntos, deve ter reforçado neles um terrível medo de serem colocados para fora de seu local protegido. O banimento tinha um terror especial para aquelas pessoas.

– Elas devem ter sentido a angústia de serem rejeitados pelo resto das pessoas do mundo porque eram não dotadas, mas, juntas como estavam, elas sentiram-se seguras atrás da Fronteira.

– Agora que o selo desapareceu, nós temos grandes problemas.

Jennsen cruzou os braços. – Agora que tem mais de um de nós… mais de um floco de neve… você está sentindo preocupação com uma tempestade de neve?

Richard fixou os olhos nela com uma expressão de repreensão. – Porque você acha que a Ordem entrou e levou alguns do povo deles?

– Aparentemente, – Jennsen disse. – para gerar mais crianças como eles. Para remover a preciosa magia da raça dos homens.

Richard ignorou o calor nas palavras dela. – Não, eu queria dizer porque eles levariam homens?

– Pela mesma razão, – falou Jennsen. – para acasalar com mulheres comuns e dar a eles crianças não dotadas.

Richard inspirou pacientemente e deixou sair lentamente. – O que Owen disse? Os homens foram levados para verem as mulheres e disseram a eles que se eles não seguissem as ordens aquelas mulheres seriam esfoladas vivas.

Jennsen hesitou. – Que ordens?

Richard inclinou mais perto dela. – Que ordens, certamente.

Pensem nisso. – ele disse, olhando ao redor para o resto deles. – Que ordens? Para que eles iriam querer homens não dotados? O que eles iriam querer que homens não dotados fizessem?

Kahlan arfou. – A Fortaleza!

– Exatamente. – o olhar inquietante de Richard encontrou cada um deles. – Como eu disse, nós temos grandes problemas.

– Zedd está protegendo a Fortaleza. Com sua habilidade e a magia daquele lugar ele pode sem dúvida repelir com um só mão todo o exército de Jagang. Mas como aquele velho magro vai resistir a pelo menos um jovem não dotado que não é tocado pela magia e for até lá e agarrá-lo pela garganta?

A mão de Jennsen afastou da sua boca. – Você tem razão, Richard. Jagang também tem aquele livro… Os Pilares da Criação. Ele sabe como aqueles como eu não são tocados pela magia. Ele tentou me usar desse mesmo jeito. Foi por isso que ele trabalhou tão duro para me convencer de que você estava tentando me matar… para que eu pensasse que minha única chance era matá-lo primeiro. Ele sabia que eu era não dotada e não podia ser detida pela magia.

– E, Jagang é do Mundo Antigo. – Richard adicionou. – Em todas as probabilidades ele teria conhecido algo sobre o império além daquela Fronteira.

Pelo que sabemos, no Mundo Antigo Bandakar pode ser lendária, enquanto aqueles no Mundo Novo, além da grande barreira durante três mil anos, jamais saberiam o que aconteceu com aquelas pessoas.

– Agora, a Ordem esteve pegando homens dali e ameaçando eles com o assassinato brutal de suas mulheres indefesas… mulheres que são pessoas amadas… se aqueles homens não seguirem as ordens. Acho que essas ordens são para invadir a Fortaleza do Mago e capturá-la para a Ordem Imperial.

As pernas de Kahlan tremeram. Se a Fortaleza caísse, eles perderiam a única vantagem real, embora limitada, que eles tinham. Com a Fortaleza nas mãos da Ordem, todas aquelas coisas de magia antigas e mortais estariam disponíveis para Jagang. Não havia como dizer o que ele poderia liberar. Havia coisas na Fortaleza que podiam matar todos eles, incluindo Jagang. Ele já tinha provado com a praga que liberou que estava disposto a matar qualquer número para abrir seu caminho, que ele estava disposto a usar qualquer arma, mesmo que essas armas dizimassem o seu próprio povo também.

Mesmo se Jagang não fizesse nada com a Fortaleza, somente ele ter o controle dela negava ao Império D'Haran a possibilidade de encontrar algo ali que pudesse ajudá-los. Isso era, além de proteger a

Fortaleza, o que Zedd estava fazendo enquanto estava lá… tentando encontrar algo que os ajudasse a vencer a guerra, ou pelo menos encontrar uma maneira de colocar a Ordem Imperial de volta atrás de algum tipo de barreira e confiná-los ao Mundo Antigo.

Sem a Fortaleza, não haveria esperança para a causa deles. A resistência não seria mais do que adiar o inevitável. Sem a Fortaleza do lado deles, toda resistência contra Jagang eventualmente seria esmagada. As tropas dele espalhariam-se em cada parte do Mundo Novo. Não haveria como detê-los.

Com dedos trêmulos Kahlan apertou mais sua capa. Sabia o que aguardava o povo dela, como era quando a Ordem Imperial invadia e dominava os lugares. Ela estivera com o exército durante quase um ano, lutando contra eles. Eles eram como uma matilha de cães selvagens. Não havia paz com animais desse tipo atrás de você. Eles só ficariam satisfeitos quando conseguissem rasgar você em pedaços.

Kahlan estivera em cidades, como Ebinissia, que foram invadidas pelos soldados da Ordem Imperial. Em uma farra louca de selvageria que prosseguiu durante dias, eles haviam torturado, estuprado, e assassinado todas as pessoas presas na cidade, finalmente transformando-a em um deserto de corpos humanos. Ninguém, não importava sua idade, tinha sido poupado.

Isso era o que o povo do Mundo Novo tinha que esperar.

Com tropas inimigas espalhadas por todo o Mundo Novo, qualquer comércio que ainda não fosse destruído seria levado a uma estagnação. Quase todos os negócios faliriam. A subsistência de incontáveis pessoas seria perdida. A comida rapidamente tornaria-se escassa, e então simplesmente não estaria disponível a qualquer preço. As pessoas não teriam quaisquer meios de sustentarem a si próprias e suas famílias. Pessoas perderiam tudo por que tinham lutado durante uma vida.

Cidades, mesmo antes das tropas chegarem, estariam em um pânico destrutivo. Quando as tropas inimigas chegassem, a maioria das pessoas seriam colocadas para fora de suas casas, removidas de suas cidades e de sua terra.

Jagang roubaria todos os suprimentos de comida para suas tropas e daria terras conquistadas para sua elite favorita. Os verdadeiros donos daquelas terras pereceriam, ou seriam escravos trabalhando em suas próprias fazendas. Aqueles que escapassem antes da horda invasora agarrariam-se desesperadamente à vida, vivendo como animais em áreas de selva.

A maioria da população estaria partindo, correndo para salvarem suas vidas. Centenas de milhares estariam lá fora expostos aos elementos sem abrigo. Haveria pouca comida, e nenhuma capacidade de preparar-se para o inverno. Quando o clima ficasse violento, eles pereceriam em multidões.

Enquanto as civilizações desmoronavam e a fome tornava-se a regra, a doença espalharia-se através da terra, pegando aqueles que fugiam. Famílias seriam desfeitas enquanto aqueles dos quais dependiam sofriam agonizantes mortes lentas e dolorosas. Crianças e os fracos ficariam sozinhos, para serem caçados como fonte de comida para os famintos.

Kahlan sabia como era esse tipo de doença amplamente espalhada. Sabia como era observar pessoas morrendo aos milhares. Tinha visto isso acontecer em Aydindril quando a praga esteve lá. Viu muitos acometidos sem aviso. Tinha visto os velhos, os jovens… pessoas boas… contraírem algo que não conseguiam combater, observou eles sofrendo em miséria durante dias antes de morrerem.

Richard tinha sido contaminado com aquela praga.

Porém, diferente dos outros, ele pegara aquilo conscientemente. Pegar a praga deliberadamente havia sido o preço de voltar para ela. Tinha trocado sua vida apenas para estar com ela novamente antes de morrer.

Aquele foi um tempo além do horror.

Kahlan conheceu, em primeira mão, o desespero selvagem. Foi nesse momento que tinha aceito a única chance disponível a ela de salvar a vida dele. Foi quando ela havia liberado as Notas. Aquela ação salvou a vida de Richard. Naquele momento ela não sabia que isso também seria o catalizador que colocaria eventos não previstos em movimento.

Por causa do seu ato desesperado, a fronteira para esse império perdeu o seu poder e caiu. Por causa dela, toda magia poderia falhar eventualmente.

Agora, por causa daquela Fronteira ter falhado, a Fortaleza do Mago, o último bastião deles para trabalhar em uma solução contra a Ordem, estava em terrível perigo.

Kahlan sentiu como se tudo isso fosse sua culpa.

O mundo estava à beira da destruição.

A civilização estava no limiar da obliteração em nome da ideia louca da Ordem de um bem maior. A Ordem exigia sacrifício para esse bem maior; o que eles estavam determinados a sacrificar era a razão, e, dessa forma, a própria civilização. A loucura tinha lançado a sua sombra através do mundo e engoliria todos eles.

Agora eles estavam na margem da sombra de uma era sombria. Todos eles estavam no início do final dos tempos.

Entretanto Kahlan não podia dizer isso. Não podia contar a eles como estava sentindo-se. Não ousava revelar o seu desespero.

– Richard, simplesmente não podemos permitir que a Ordem tome a Fortaleza. – Kahlan mal conseguiu acreditar em como a sua voz soou calma e determinada. Ela ficou imaginando se alguém mais acreditaria que ela achava que eles ainda tinham alguma chance. – Temos que impedir.

– Concordo. – disse Richard.

Ele também soou determinado. Ela pensou se ele viu nos olhos dela a verdadeira profundidade do seu desespero.

– Primeiro, – ele falou. – a parte fácil: Nicci e Victor. Temos que avisar a eles que não podemos ir agora. Victor precisa saber o que falaríamos para ele. Ele precisará saber que concordamos com os planos dele… que ele deve prosseguir e que não pode esperar por nós. Nós conversamos com ele; ele sabe o que fazer. Agora, ele deve fazer isso, e Priska deve saber que ele tem que ajudar.

– Nicci precisa saber para onde estamos indo. Ela precisa saber que acreditamos que descobrimos a causa do Farol de Alerta. Ela tem que saber onde estamos.

Ele não falou que ela teria que vir ajudá-lo se ele não conseguisse chegar até ela porque o seu Dom o estava matando.

– Ela também precisa saber, – Richard disse. – que nós só tivemos chance de ler parte do alerta dela sobre o que Jagang estava fazendo com as Irmãs do Escuro na criação de armas usando pessoas.

Os olhos de todos ficaram arregalados. Eles não tinham lido a carta.

– Bem, – Kahlan falou. – com todos os outros problemas que temos, pelo menos esse é um com o qual não teremos que lidar agora.

– Pelo menos isso nós temos a nosso favor. – Richard concordou.

Ele apontou para o homem observando, o homem aguardando que Kahlan desse uma ordem a ele. – Enviaremos ele até Victor e Nicci e então eles saberão tudo.

– E depois? – Cara perguntou.

– Quero que Kahlan ordene a ele que quando tiver terminado em executar essa parte das ordens, então ele vá para o norte e encontre o exército da Ordem Imperial. Quero que ele finja ser um deles para chegar perto o bastante para assassinar o Imperador Jagang.

Kahlan sabia o quanto era implausível um esquema assim.

Pelo modo como todos ficaram olhando surpresos, eles também tinham uma boa ideia disso.

– Jagang tem camadas de homens para protegê-lo de assassinato, – falou Jennsen. – ele está sempre cercado por guardas especiais. Soldados comuns não podem ao menos chegar perto dele.

– Você realmente acha que ele tem alguma chance de realizar uma coisa assim? – Kahlan perguntou.

– Não. – Richard admitiu. – Provavelmente a Ordem vai matá-lo antes que ele consiga chegar até Jagang. Mas ele será conduzido pela necessidade de cumprir suas ordens. Sua mente estará concentrada nisso. Espero que ele seja morto nesse esforço, mas também suspeito que ele ao menos fará uma boa tentativa. Quero que Jagang pelo menos perca um pouco de sono sabendo que qualquer um de seus homens pode ser um assassino. Quero que ele fique preocupado em jamais saber quem pode estar tentando matá-lo. Quero que ele nunca seja capaz de dormir tranquilamente. Quero que ele seja assombrado por pesadelos do que pode vir a seguir, de quem entre os homens dele pode estar esperando por uma abertura.

Kahlan assentiu concordando. Richard avaliou os rostos sérios que esperavam pelo resto do que ele tinha a dizer.

– Agora, a parte mais importante daquilo que deve ser feito. É vital que cheguemos até a Fortaleza e alertemos Zedd. Não podemos demorar. Jagang está na frente de nós em tudo isso que… esteve planejando e agindo e nós nunca percebemos o que ele pretendia. Não sabemos quando aqueles homens não dotados podem ser enviados ao norte. Não temos um momento a perder.

– Lorde Rahl, – Cara lembrou a ele. – você tem que chegar até o antídoto antes que o tempo acabe. Não pode sair correndo até a Fortaleza para… Oh, não. Agora espere um minuto… você não está me enviando até a Fortaleza outra vez. Não vou deixar você em um momento como esse, em um momento quando você está quase indefeso. Não vou ouvir isso e eu não irei.

Richard pousou uma das mãos no ombro dela. – Cara, não estou enviando você, mas obrigado por sua oferta.

Cara cruzou os braços e lançou para ele um olhar feroz.

– Não podemos levar a carroça para dentro de Bandakar… não há estrada…

– Lorde Rahl, – Tom interrompeu. – sem magia você precisará de todo o aço que tiver. – ele soou apenas levemente menos enfático do que Cara.

Richard sorriu. – Eu sei, Tom, e concordo. É Friedrich quem eu acho que deve ir. – Richard virou para Friedrich. – Você pode levar a carroça. Um homem mais velho, sozinho, levantará menos suspeita do que qualquer outro de nós. Não verão você como uma ameaça. Você poderá fazer um tempo melhor com a carroça e sem ter que preocupar-se que a Ordem possa capturá-lo e colocá-lo no exército. – Você fará isso, Friedrich?

Friedrich coçou a barba rala. Um sorriso surgiu em seu rosto castigado. – Acho que finalmente estou sendo convocado para ser um Guarda de Fronteira, de certo modo.

Richard sorriu junto com ele. – Friedrich, a Fronteira caiu. Como Lorde Rahl, nomeio você ao posto de Guarda da Fronteira e peço que você imediatamente comece a alertar os outros do perigo que vem de fora daquela Fronteira.

O sorriso de Friedrich desapareceu quando ele colocou um punho sobre o coração em saudação e juramento solene.

CAPÍTULO 26



Em algum lugar de volta a uma sala distante, onde seu corpo aguardava, Nicholas ouviu um ruído insistente. Ele estava concentrado na tarefa atual, então ele ignorou o som. A luz estava desaparecendo, e embora a luz ajudasse a enxergar, a escuridão não seria obstáculo para olhos como os que ele usava.

Novamente, ele ouviu o ruído. Indignado que o som continuasse chamando ele, continuasse perturbando, ficasse exigindo a sua atenção, ele retornou ao seu corpo.

Alguém estava batendo na porta.

Nicholas levantou do chão, onde seu corpo estava sentado com as pernas cruzadas, levando seu corpo com ele. Sempre era, no início, desorientador ter que estar em seu corpo outra vez, ser tão limitado, tão confinado. Parecia estranho ter que movê-lo, usar os seus próprios músculos, respirar, ver, ouvir com seus próprios sentidos.

A batida soou novamente. Irado com a interrupção, Nicholas não foi até a porta mas para as janelas, e fechou as trancas. Enfiou uma das mãos para fora, acendendo a tocha, e finalmente seguiu até a porta. Camadas de faixas de tecido cobrindo seu manto esvoaçavam atrás dele, como um pesado manto de penas negras.

– O que foi! – ele abriu a porta e espiou do lado de fora.

Najari estava logo ali fora, no corredor, o peso do corpo sobre um dos pés, seus dedões enfiados atrás do cinto. Seus ombros musculosos quase tocavam as paredes de cada lado. Então Nicholas viu a multidão espremida atrás do homem. O nariz torto de Najari,

esmagado para a esquerda em alguma das numerosas contendas em que seu temperamento o colocava, lançava uma sombra de forma esquisita em sua bochecha. Qualquer um desafortunado o bastante para envolver-se em uma briga com Najari geralmente sofria coisa muito pior do que um mero nariz quebrado.

Najari apontou um dedão por cima do ombro. – Você pediu alguns convidados, Nicholas.

Nicholas deslizou as unhas através do cabelo, sentindo o suave prazer sedoso de óleos contra sua palma. Ele balançou os ombros, afastando o pique dele.

Nicholas estivera tão absorto no que fazia que havia esquecido ter pedido que Najari trouxesse para ele alguns corpos.

– Muito bom, Najari. Traga eles para dentro, então. Vamos dar uma olhada neles.

Nicholas observou enquanto o comandante conduziu o grupo de pessoas sob a luz bruxuleante da tocha. Soldados na traseira direcionaram os errantes através da porta para dentro da grande sala. Cabeças viraram de um lado para outro, olhando para os estranhos arredores, para as paredes de madeira, as tochas em suportes, o chão com tábuas, a ausência de móveis além de uma sólida mesa. Narizes contorceram com o forte cheiro de sangue.

Nicholas observou cuidadosamente quando as pessoas avistaram as estacas afiadas posicionadas em uma linha perto da parede à direita, estacas tão grossas quanto os pulsos de Najari.

Nicholas estudou as pessoas, procurando os sinais de medo enquanto elas espalhavam-se junto da parede ao lado da porta. Olhos moviam-se rapidamente, preocupados, e ao mesmo tempo ansiosos em observar tudo para que pudessem contar aos seus amigos o que tinham visto ali dentro. Nicholas sabia que ele era um objeto de grande curiosidade.

Um ser raro.

Um Deslizador.

Ninguém sabia o que esse nome significava. Hoje, alguns aprenderiam.

Nicholas deslizou passando pelo grupo ondulante. Eles eram um povo curioso, essas estranhas criaturas não dotadas, curiosos como Tordos, mas nem de perto tão corajosos. Porque eles não possuíam qualquer centelha do Dom, Nicholas tinha que lidar com eles de formas especiais para que eles fossem de alguma utilidade para ele. Era entediante, mas tinha suas recompensas.

Some pescoços esticavam em sua passagem, tentando ver melhor esse homem raro.

Ele passou as unhas pelo cabelo outra vez só para sentir os óleos deslizarem contra sua mão. Quando ele inclinou aproximando-se de algumas das pessoas por quem passava, observando indivíduos no grupo, uma das mulheres diante dele fechou os olhos, virando o rosto.

Nicholas levantou uma das mãos em direção a ela, esticando um dedo. Olhou para Najari para certificar-se de que ele viu qual ele escolhera.

O olhar de Najari desviou da mulher para Nicholas; ele tinha notado a seleção.

Um homem atrás contra a parede estava imóvel, seus olhos arregalados. Nicholas apontou um dedo para ele.

Outro homem torceu os lábios de um jeito estranho.

Nicholas olhou para baixo e viu que o homem, em um estado de grande pavor, tinha urinado nas calças. O dedo de Nicholas apontou novamente. Três selecionados. Nicholas caminhou.

Um leve gemido escapou da garganta de uma mulher na frente, bem diante dele. Ele sorriu para ela. Ela levantou os olhos, tremendo, incapaz de desviar seus olhos arregalados dele, de seus olhos negros com círculos vermelhos, incapaz de conter o som que escapava da garganta dela. Ela nunca tinha visto alguém que era tão humano… e ainda assim não era. Nicholas tocou no ombro dela com

um dedo de unha longa. Ele recompensaria a repulsa não declarada dela com serviço para um bem maior. O dele.

Jagang havia buscado criar algo… incomum, para si mesmo. Uma bugiganga de carne e sangue.

Uma bugiganga mágica feita por um mago. Um bichinho de estimação… com dentes.

Sua Excelência tinha conseguido o que desejava, e mais. Oh, muito mais.

Nicholas adoraria ver como o Imperador gostaria de ter uma marionete sem cordas, uma criação especialmente talhada com mente própria, e talentos para satisfazer os desejos dele.

Um homem no fundo, contra a parede, pareceu estar um pouco desinteressado, como se estivesse impaciente para que a exibição terminasse e ele pudesse voltar para seus próprios assuntos. Embora não se pudesse dizer que alguém desse povo considerava a si mesmo como um indivíduo importante com consequente peso sobre qualquer aspecto significativo da vida no império deles, alguns ocasionalmente exibiam tendências, mesmo que inconsistentes, em direção ao interesse próprio. Nicholas apontou o dedo pela quinta vez. Em breve o homem teria razões para estar altamente interessado nos procedimentos, e ele descobriria que não era melhor do que qualquer outro. Ele não iria a lugar algum… pelo menos não em corpo.

Todos ficaram observando em silêncio quando Nicholas riu sozinho de sua própria piada.

A alegria dele terminou. Nicholas inclinou a cabeça em direção à porta em um simples sinal. Os soldados entraram em ação.

– Está certo, – Najari rosnou. – movam-se. Movam-se! Vamos lá. Fora, fora, fora!

Os pés da multidão arrastaram-se apressadamente através da porta conforme ordenado. Algumas pessoas lançaram olhares preocupados para trás por cima dos ombros para os cinco que Najari

havia retirado do grupo. Aqueles cinco foram empurrados de volta quando tentaram ficar com os outros.

Um dedo esticado no peito fez com que eles recuassem de forma tão efetiva quanto faria uma clava ou uma espada.

– Não causem problemas, – Najari avisou. – ou causarão problemas para os outros.

Os cinco permaneceram juntos uns dos outros, balançando de um lado para outro nervosamente como um punhado de codornas diante de um cão caçador.

Quando os soldados tinham levado o resto para fora, Najari fechou a porta e ficou parado diante dela, as mãos cruzadas atrás das costas.

Nicholas retornou até a janela, abrindo as trancas na parede oeste. O sol havia descido, deixando uma mancha vermelha através do céu.

Logo eles estariam voando, na caçada.

Nicholas estaria com eles.

Levantando um braço para trás sem precisar virar para olhar, ele apagou a tocha. A luz ondulante era uma distração durante esse curto momento no tempo, o transiente crepúsculo era tão frágil, tão breve.

Ele precisaria da luz, mas, no momento, queria apenas ver o céu, ver o glorioso, céu infinito.

– Nós poderemos sair em breve? – uma das pessoas perguntou em um tímido gemido.

Nicholas virou e olhou para eles. Os olhos de Najari revelaram quem tinha falado. Nicholas seguiu o olhar de seu comandante. Foi um dos homens…aquele que estava impaciente para partir, é claro.

– Sair? – Nicholas perguntou quando aproximou-se do homem. – Você quer sair?

O homem ficou com a costa curvada, inclinando para longe de Nicholas.

– Bem, senhor, só estava imaginando quando nós partiríamos.

Nicholas chegou ainda mais perto, olhando profundamente dentro dos olhos do homem. – Imagine em silêncio. – ele sibilou.

Retornando para a janela, Nicholas descansou as mãos no peitoril, seu peso sobre os braços, quando ele respirava profundamente a noite que aproximava-se enquanto contemplava o céu carmesim.

Logo, ele estaria ali, estaria livre.

Logo, ele voaria como ninguém mais podia apenas ele.

Impulsivamente, ele os procurou.

Olhos ardendo com o esforço, ele concentrou seus sentidos onde ninguém além dele podia ir.

– Ali! – ele gritou, esticando o braço, apontando uma longa unha negra para aquilo que ninguém além dele podia ver. – Ali! Um levantou voo.

Nicholas girou, faixas de tecido levantando, esvoaçando. Ofegando através de uma explosão de excitamento, ele observou os olhos que olhavam para ele.

Eles não podiam saber. Não podiam entender alguém como ele, entender o que ele sentia, o que ele precisava. Ele ansiava para estar na caçada, para estar com eles, desde que ele tinha imaginado esse tipo de uso para sua habilidade.

Ele havia sentido prazer na experiência, dedicando-se a ela enquanto aprendia suas novas habilidades. Ele estivera lá fora com aquelas gloriosas criaturas sempre que podia dispor de tempo, desde que veio para cá e as descobriu.

Como parecia irônico agora ele ter resistido.

Que estranho que uma dia ele tivesse temido que aquelas mulheres horríveis, aquelas Irmãs do Escuro, tivessem conspirado

para fazer com ele… o que elas tinham feito com ele.

O dever dele, assim elas chamaram.

A magia vil delas tinha cortado através dele como uma lâmina ardente. Ele achou que seus olhos poderiam explodir da cabeça com a dor que havia espalhado-se dentro dele. Amarrado em estacas no chão, no centro do círculo maligno delas, ele teve medo daquilo que elas fariam com ele.

Ele teve medo disso.

Nicholas sorriu.

Até mesmo odiou isso.

Ele teve medo por causa da dor, a dor daquilo que elas estavam fazendo com ele, e a dor ainda maior de não saber o que mais elas pretendiam fazem com ele. O dever dele, assim elas chamaram, para um bem maior. Sua habilidade carregava responsabilidades, elas insistiram.

Ele observou através de olhos vidrados quando Najari amarrava as mãos das cinco pessoas atrás das costas de cada uma delas.

– Obrigado, Najari. – ele disse quando o homem terminou.

Najari aproximou-se. – Nesse momento os homens devem estar com eles, Nicholas. Falei para enviarem homens o bastante para garantir que eles não escapariam. – Najari sorriu diante do prospecto. – Não precisa preocupar-se. Eles devem estar a caminho de volta para nós.

Nicholas estreitou os olhos. – Nós veremos. Nós veremos.

Ele queria ver por si mesmo. Com a sua própria visão… mesmo se a sua própria visão fosse através de outros olhos.

Najari bocejou no caminho até a porta. – Então vejo você amanhã, Nicholas.

Nicholas abriu bem a sua boca, imitando o bocejo, mesmo que ele não tivesse bocejado. Era boa a sensação de esticar bem as

suas mandíbulas. Às vezes ele sentia-se preso dentro de si mesmo e queria sair.

Nicholas fechou a porta atrás de Najari e trancou-a. Era um ato perfuntório, feito mais para aumentar a aura de perigo do que por necessidade.

Mesmo com suas mãos amarradas atrás das costas, provavelmente essas pessoas poderiam, juntas, dominá-lo… derrubá-lo e chutar sua cabeça, no mínimo. Mas para isso elas teriam que pensar, decidir o que deviam fazer e porquê, estarem comprometidas em agir. Era mais fácil não pensar. Mais fácil não agir. Mais fácil fazer como era ordenado.

Era mais fácil morrer do que viver.

Viver exige esforço. Luta. Dor.

Nicholas odiava isso.

– Odeio viver, vivo para odiar, falou para os rostos silenciosos, fantasmagoricamente pálidos que observavam ele.

Do lado de fora da janela as faixas de nuvens tinham ficado cinza escuras quando o toque do sol passava além delas e a noite chegava rastejando para envolvê-las. Logo, ele estaria entre eles.

Ele virou de volta da janela, olhando para os rostos que o observavam. Logo, todos eles estariam lá fora, entre eles.

CAPÍTULO 27



Nicholas agarrou um dos homens sem nome. Energizado por músculos alterados pela arte negra das Irmãs, ele levantou o homem no ar. O homem gritou de surpresa por ser erguido tão facilmente. Ele lutou de forma hesitante contra músculos aos quais não seria capaz de resistir até mesmo se ele ousasse colocar esforço nisso. Essas pessoas eram imunes a magia, ou Nicholas teria usado seu poder para facilmente levantá-las. Sem a necessária centelha do Dom, elas tinham que ser manuseadas.

Isso fazia pouca diferença para Nicholas. Como eles chegavam nas estacas não era importante. O que acontecia com eles uma vez que estivessem lá era tudo que importava.

Enquanto o homem em seus braços gritava de terror, Nicholas o carregava através da sala. As outras pessoas encolheram-se em um canto mais distante. Elas sempre corriam para o canto mais distante, como galinhas prestes a serem o jantar.

Nicholas, seus braços em volta do peito do homem, levantou ele bem alto no ar, avaliando a distância e o ângulo quando correu em frente.

Os olhos do homem ficaram bem abertos, sua boca fez o mesmo. Ele arfou com o choque, então grunhiu quando Nicholas, segurando o homem bem firme nos braços, desceu ele na estaca.

A respiração do homem saiu em curtos suspiros enquanto a estaca afiada penetrava em suas entranhas. Ele ficou imóvel nos braços poderosos de Nicholas, com medo de mover-se, temendo

acreditar no que estava acontecendo com ele, temendo saber que era verdade… tentando negar a si mesmo que isso poderia ser verdade.

Nicholas endireitou o corpo ficando em toda a sua altura diante do homem. A costa do homem estava tão reta e rígida quanto uma tábua enquanto ele ficava sentado empalado na estaca afiada. Suas sobrancelhas empurravam a testa coberta de suor para cima formando rugas enquanto ele estremecia em lenta agonia, suas pernas tentavam tocar o chão que estava longe demais.

Dentro daquela confusão de sensações, Nicholas tentou alcançar com sua mente, ao mesmo tempo em que suas mãos ficavam em forma de garras na frente do homem com o esforço enquanto ele deslizava seu próprio ser, seu próprio espírito, para dentro do âmago dessa criatura viva, deslizava para dentro da mente aberta desse homem, dentro das fissuras cavernosas entre seus pensamentos abruptos e desconectados, ali para sentir a agonia e o medo dele. Ali para assumir o controle. Uma vez que tinha deslizado sua própria mente ali dentro com esse homem, penetrado através da consciência dele, Nicholas drenava a essência dele para fora e para dentro de si.

Com uma surpreendente fusão de poder destrutivo e criativo orquestrada por aquelas mulheres naquele dia, Nicholas havia nascido como um novo ser, parte ele, e ainda assim muito mais. Havia tornado-se o que nenhum homem jamais tinha sido… o que outros desejaram fazer dele, o que outros desejaram que ele fosse.

O que foi liberado dentro dele por aquelas Irmãs todas conectadas em sua habilidade para controlar poderes que elas jamais poderiam ter tocado sozinhas e jamais deveriam ter invocado juntas, elas infundiram nele. Elas engendraram nele poderes que poucos poderiam ao menos ter imaginado: o poder de deslizar para dentro dos pensamentos de outra pessoa viva, e retirar o espírito dela.

Ele levou seus punhos cerrados em direção ao seu próprio abdômen com o esforço de arrastar com ele o espírito desse homem

no limite entre a vida e a morte, arrastou adiante a essência da alma desse homem. Nicholas sentiu o suave calor desse outro espírito deslizar para dentro do dele, a quente torrente de sensações em sentir a si mesmo preenchido com outro espírito.

Nicholas deixou o corpo ali, empalado na primeira estaca, quando correu para as janelas, sua cabeça girando com a primeira onda intoxicante de excitação na jornada que somente agora acabara de iniciar, com o que estava por vir, com que poder ele controlaria.

Ele abriu bem a boca outra vez em um bocejo que não era um bocejo, mas um chamado que carregava mais do que apenas a sua voz silenciosa.

Os olhos dele inundaram com imagens ondulantes. Ele arfou com o primeiro cheiro das florestas além, para onde sua intenção havia sido lançada.

Ele correu de volta e agarrou uma mulher. Ela implorou enquanto chorava, implorou para ser poupada enquanto ele a carregava até a estaca dela.

– Mas isso não é nada, – ele falou para ela. – nada comparado ao que eu suportei. Oh, você não pode imaginar o que eu suportei.

Ele ficara empalado nu em uma estaca no chão, no centro de um círculo daquelas mulheres presunçosas. Ele foi nada para elas. Não tinha sido um homem, um mago.

Ele foi nada a não ser matéria prima, a carne e sangue permeados pelo Dom, que elas precisavam para o que desejavam, que elas usaram ainda em outra de suas tentativas, tudo para serem deturpadas em sua experiência na criação.

Ele tinha a habilidade, então o dever requeria que ele a sacrificasse.

Nicholas tinha sido o primeiro a sobreviver aos testes delas, não porque elas tomavam cuidado… não porque elas se importavam… mas porque elas haviam aprendido o que não tinha funcionado, e assim evitavam seus erros passados.

– Grite, minha querida. Grite o quanto quiser. Isso não ajudará você mais do que ajudou a mim.

– Porquê! – ela gritou. – Porquê!

– Oh, mas eu devo, se quero fazer o seu espírito voar nas asas dos meus amigos distantes. Você irá em uma gloriosa jornada, você e eu.

– Por favor! – ela gemeu. – Querido Criador, não!

– Oh, sim, querido Criador, – ele zombou. – Venha salvá-la… como você veio me salvar.

O choro dela não adiantou. O dele também não adiantara.

Ela não tinha ideia do quão imensuravelmente pior do que a dela seria sua agonia tinha sido. Diferente dela, ele foi condenado a viver.

– Odeio viver, vivo para odiar. – ele murmurou em um sussurro confortador. – Você terá a glória e o prêmio que é a morte.

Ele enterrou-a na estaca. Não enterrou-a o bastante na estaca, e empurrou-a descendo outros seis polegadas, até julgar que era fundo o bastante dentro dela, fundo o bastante para produzir a dor e o terror necessários, mas não fundo o bastante para cortar qualquer coisa lá dentro que a mataria imediatamente. Ela debateu-se, tentando desesperadamente, as mãos inutilmente atrás da costa, de alguma forma libertar-se.

Ele estava apenas parcialmente consciente dos gritos dela, das palavras sem valor dela. Ela achava que de alguma maneira elas poderiam fazer a diferença.

A dor era o objetivo dele. As reclamações deles sobre a dor apenas confirmavam que ele estava atingindo seu objetivo. Nicholas levantou diante da mulher, as mãos em forma de garras, enquanto ele deslizava seu próprio espírito através dos pensamentos dispersos dela e para dentro do núcleo do seu ser. Com força mental muito superior à sua força física, ele puxou-a de volta. Arfou quando sentiu o espírito dela deslizar para dentro do dele.

Nesse momento, ele retirava aqueles espíritos para fora de corpos torturados, moribundos, enquanto aqueles espíritos existiam no mundo intermediário entre a forma material que eles sabiam estar perdida para eles, mas ainda viva, e o mundo dos mortos que já os chamava do além. A vida não podia mais mantê-los, mas a morte ainda não podia tomá-los. Nesse momento de transição espiritual, eles eram dele, e ele poderia usar aqueles espíritos para coisas que só ele podia imaginar.

E ele ainda não tinha realmente ao menos começado a imaginar.

Esse tipo de habilidade que ele possuía não era algo que poderia ser ensinado por outra pessoa… não havia outra além dele. Ele ainda estava aprendendo a extensão de seus poderes, as coisas que podia fazer com o espírito de outro. Tinha apenas arranhado a superfície.

O Imperador Jagang havia procurado criar algo semelhante a ele mesmo, um Andarilho dos Sonhos, um irmão, de certo modo. Alguém que poderia entrar na mente de outro. Ele conseguiu muito mais do que podia algum dia ter imaginado. Nicholas não deslizava para dentro dos pensamentos de outro simplesmente, como Jagang fazia; ele podia deslizar para dentro da própria alma deles, e puxar o espírito deles de volta para dentro dele mesmo.

As Irmãs não haviam contado com essa aberração da experiência delas com a habilidade dele.

Correndo até a janela, a boca dele abriu tanto quanto abriria em um bocejo que não era bocejo.

A sala ondulou atrás dele. Agora ela estava apenas parcialmente ali. Agora ele estava começando a ver outros lugares.

Lugares gloriosos. Enxergá-los com nova visão, com espíritos não mais ligados a seus corpos vulgares.

Ele correu até a terceira pessoa, não mais consciente se eles eram homens ou mulheres. A alma deles era tudo que importava… o

espírito deles.

Ele enterrou-os em estacas com rápido esforço, deslizou para dentro deles e arrastou seus espíritos parta dentro do dele, estremecendo com o poder entrando nele.

Correu novamente até a janela, abrindo bem a boca outra vez, balançando de novo a cabeça de um lado para outro com o êxtase, o macio, suave, êxtase daquilo… a perda de orientação física, a exaltação de estar acima de sua existência corpórea, as antigas conexões de sua mera forma material… sendo elevado não apenas por seus próprios esforços, mas pelos espíritos dos outros que ele havia libertado de seus corpos.

Que coisa gloriosa isso era.

Era quase como a alegria que ele imaginava que a morte seria. Ele agarrou a quarta pessoa que chorava e com delirante ansiedade correu com ela através da sala, até as estacas, até a quarta estaca, e enterrou-a gritando nela.

Quando afastou-se delas, atirou-se dentro dos pensamentos delas loucamente acelerados, confusos, rodopiantes, e pegou o que estava ali para ser tomado.

Ele tomou o espírito delas para dentro de si mesmo.

Quando ele controlava o espírito de uma pessoa, ele controlava a própria existência dela. Ele tornava-se vida e morte para ela. Era o salvador, o destruidor dela.

De muitas formas ele estava como aqueles espíritos que tomava, preso em uma forma física, odiando viver, suportar a dor e a agonia que era a vida, e mesmo assim temendo morrer mesmo enquanto ansiava pela promessa do doce abraço da morte.

Com quatro espíritos circulando através dele, Nicholas voltou-se para a quinta pessoa, encolhida em um canto.

– Por favor! – o homem gemeu, tentando evitar aquilo que não estava comprometido em evitar. – Por favor, não! – ocorreu a Nicholas o pensamento de que as estacas na verdade eram um

obstáculo; usá-las requeria que ele carregasse pessoas como ovelhas cheias de lã para terem suas almas tosquiadas. Sim, ele ainda estava aprendendo o que podia fazer e como controlar o que fazia, mas ter que usar estacas era limitador. Quando pensou nisso, na verdade era um insulto que um mago de sua habilidade tivesse que usar um dispositivo tão rudimentar.

O que ele realmente queria fazer era deslizar para dentro do espírito de outra pessoa e tomá-lo sem aviso… sem a necessidade de levar as pessoas até as estacas.

Quando ele fosse completamente capaz de fazer isso… simplesmente caminhar até outra pessoa, dizer "Bom dia", e deslizar como o golpe de uma adaga para dentro do coração do espírito dela, para arrastá-lo para dentro do dele… então ele seria invencível. Quando ele fosse capaz de fazer isso, então ninguém poderia desafiá-lo. Ninguém seria capaz de negar a ele qualquer coisa.

Enquanto o homem encolhia-se diante dele, Nicholas, antes que percebesse totalmente o que estava fazendo, conduzido por uma furiosa necessidade, pelo ódio, esticou sua mão enquanto esticava sua própria mente para dentro desse homem, para dentro dos espaços entre o pensamento.

O homem ficou rígido, exatamente como aqueles nas estacas ficavam, quando Nicholas os empalava com sua habilidade.

Ele recuou o punho fechado em direção ao abdômen enquanto arrastava o espírito desse homem. Ele arfou com o calor, com a sensação suave daquilo deslizando para dentro dele.

Eles olharam um para o outro, cada um deles chocado, cada um considerando o que isso significava para eles.

O homem caiu para trás contra a parede, escorregando, em silenciosa, terrível, agonia vazia.

Nicholas percebeu que acabara de fazer o que nunca tinha feito. Acabara de tomar uma alma apenas com sua força de vontade.

Havia acabado de libertar-se para tomar o que ele queria, quando queria, onde queria.

CAPÍTULO 28



Nicholas, a sua visão como um borrão, cambaleou até a janela.

Agora todas as cinco eram dele.

Dessa vez, quando sua boca ficou bem aberta, um grito finalmente saiu, um grito dos cinco espíritos unidos ao dele enquanto ele os reunia em uma força guiada apenas por sua vontade. A sua agonia física era uma preocupação distante para eles. Cinco espíritos olharam através das janelas junto com ele, cinco espíritos aguardando para voar mergulhando dentro da noite, para onde ele escolhesse enviá-los.

Aquelas Irmãs não sabiam o que haviam liberado naquela noite. Elas não podiam ter reconhecido o poder que infundiram nele, a habilidade que gravaram dentro dele.

Elas conseguiram o que ninguém tinha conseguido durante milhares de anos… transformar um mago em algo mais, transformar ele em uma arma de intenção específica. Elas o imbuíram com poder além de qualquer pessoa viva. Deram a ele o domínio sobre o espírito de outros.

A maioria tinha escapado, mas ele matou cinco delas.

As cinco foram o suficiente. Depois que deslizou para dentro das almas delas e arrastou seus espíritos para dentro do dele naquela noite, ele tinha apoderado-se do Han delas, da força vital delas, do seu poder.

Isso foi apenas adequado, já que o Han delas não era natural, mas o Han masculino que elas roubaram de jovens magos… um

direito de nascença que elas sugaram daqueles a quem ele pertencia para conseguirem habilidades com as quais não tinham nascido, com as quais não poderiam ter nascido. Mais pessoas sem nome com habilidade a ser sacrificada para aqueles que precisavam, ou simplesmente a desejavam.

Nicholas tinha tomado tudo aquilo dos corpos trêmulos delas, arrancado para fora delas como tinha aberto suas entranhas com as mãos. Elas arrependeram-se muito por terem satisfeito o desejo de Jagang, que tivessem transformado ele em algo que a Criação jamais pretendia.

Elas não apenas tinham transformado ele em um Deslizador, entregaram seu Han para ele, e tornaram ele muito mais poderoso por causa disso.

Após cada uma daquelas cinco mulheres morrerem, o mundo tinha ficado mais escuro durante um instante quando o Guardião veio e as levou para seu reino.

Naquele dia as Irmãs o destruíram, e elas o criaram.

Ele tinha uma vida para explorar e descobrir o que podia fazer com suas novas habilidades.

E, com certeza, Jagang daria a ele um pagamento por aquela noite. Jagang pagaria, mas ele pagaria alegremente, pois Nicholas daria a ele algo que ninguém além de Nicholas o Deslizador poderia.

Nicholas seria recompensado com coisas suficientes para compensá-lo pelo que tinha sido feito com ele… ele ainda não tinha decidido qual seria essa recompensa, mas seria digna dele.

Ele usaria sua habilidade para controlar vidas… vidas importantes. Ele não precisava mais carregar pessoas até as estacas. Agora ele sabia como tomar o que ele queria.

Agora ele sabia como deslizar para dentro das mentes deles no momento de sua escolha e tomar as almas deles.

Trocaria essas vidas por aquilo que teria em poder, riqueza, esplendor. Teria que ser algo apropriado…

Ele seria um Imperador.

Porém, teria que ser mais do que esse pequenino império de ovelhas. Ele divertiria-se no comando. Teria cada desejo seu satisfeito, assim que a ele fosse entregue o domínio sobre… sobre algo importante. Ele apenas ainda não tinha decidido o quê. Era uma decisão importante, o que ele teria como recompensa. Não precisava ter pressa. Isso viria para ele.

Ele virou da janela, os cinco espíritos girando dentro do espírito dele, voando através dele.

Era hora de usar o que ele havia reunido.

Hora de tratar de negócios, se ele queria ter o que desejava.

Dessa vez, ele chegaria mais perto. Estava frustrado de não estar mais perto, de não enxergar melhor. Agora estava escuro. Ele chegaria mais perto, dessa vez, sob a proteção da escuridão.

Nicholas pegou a larga tigela da mesa e colocou-a no chão diante dos cinco que ainda possuíam os espíritos dentro dele. Eles contorceram em uma agonia de outro mundo, até o homem que não estava em uma estaca, uma agonia tanto de corpo quanto da alma.

Nicholas sentou com as pernas cruzadas no chão diante da tigela. Mãos sobre os joelhos, ele jogou a cabeça para trás, olhos fechados, enquanto reunia o poder interior, o poder criado por aquelas mulheres terríveis, aquelas maravilhosas mulheres terríveis.

Elas o haviam considerado um mago patético de pouco valor a não ser como carne, sangue e Dom com os quais brincar… um sacrifício em nome de uma necessidade maior.

Quando tivesse tempo, iria atrás do resto delas.

Com uma tarefa mais imediata no momento, Nicholas afastou aquelas Irmãs de sua mente.

Esta noite, ele não iria apenas olhar através de outros olhos. Esta noite, ele seguiria mais uma vez com os espíritos que libertou.

Esta noite, seu espírito não iria apenas observar através de outros olhos. Esta noite, seu espírito viajaria com eles.

Nicholas abriu a boca o máximo que podia, sua cabeça balançando de um lado para outro. Os espíritos unidos no interior liberaram uma parte de si mesmos dentro da tigela, girando em um suave redemoinho prateado iluminado com o leve brilho de sua conexão com a vida atrás dele, âncoras para a jornada deles, um ponto no mundo mantendo o nó na linha das viagens deles.

O espírito dele também deixou escapulir uma pequena porção do restante dentro de seu corpo, deslizar para dentro da tigela com os outros.

Fragmentos dos cinco espíritos agitavam-se junto com o fragmento do espírito dele, a luz da vida deles brilhando suavemente nesse lugar seguro enquanto ele preparava-se para a jornada. Então ele lançou o seu próprio espírito para longe, deixando para trás a casca de um corpo sentado no chão atrás dele enquanto ele partia para dentro do céu escuro, carregado nas asas de seu poder investido.

Nenhum mago antes já tinha sido capaz de fazer como ele, deixar seu corpo e fazer seu espírito voar para onde sua mente o enviasse. Ele disparou através da noite, veloz como o pensamento, para encontrar o que ele caçava.

Sentiu o movimento do ar fluindo sobre penas.

Rápido assim ele havia partido para longe dentro da noite e estava com eles, puxando os cinco espíritos com ele.

Ele invocou as formas escuras em um círculo com ele, e, quando eles reuniram-se ao redor, lançou os cinco espíritos dentro deles. Sua boca ainda estava aberta em um bocejo que não era um bocejo que lá atrás em uma sala em algum lugar distante deixou sair um grito para combinar os cinco.

Enquanto eles circulavam, ele sentiu a rajada de ar sob as asas deles, sentiu as penas deles trabalhando o vento para direcioná-los tão facilmente quanto o seu próprio pensamento direcionava não apenas seu espírito mas os outros cinco também.

Ele enviou esses cinco acelerados através da noite, até o lugar para onde tinha enviado os homens. Eles voaram sobre colinas, fazendo curva para vasculhar o terreno aberto, procurar pela terra árida. O manto da escuridão parecia muito bom, envolvendo ele em uma noite obscura, penas negras obscuras.

Ele captou o cheiro de carne podre, penetrante, farto, tentador, enquanto os cinco espiralavam descendo em direção ao solo. Através dos olhos deles que enxergavam na escuridão Nicholas viu então a cena abaixo, um lugar cheio de mortos. Outros da espécie deles haviam reunido-se para alimentarem-se em um frenesi de rasgar e devorar.

Não. Isso estava errado. Não viu eles.

Tinha que encontrá-los.

Ele desviou os companheiros do banquete sangrento, subindo para procurar. Nicholas sentiu uma pontada de urgência. Isso era o futuro dele que tinha escapulido… seus tesouros escapulindo através de seus dedos. Tinha que encontrá-los. Tinha.

Ele moveu seus companheiros adiante.

Desse lado, daquele, ali. Procurar, procurar, procurar. Encontrar eles, encontrar eles. Procurar. Precisava encontrá-los. Procurar.

Isso não devia acontecer. Havia homens suficientes. Ninguém conseguiria escapar de tantos homens experientes. Não quando eles chegavam sorrateiramente e atacavam de surpresa. Eles foram selecionados por seus talentos. Conheciam seu trabalho.

Seus corpos jaziam espalhados por toda parte. Bicos e garras rasgavam eles. Gritos de excitação.

Fome.

Não. Precisava encontrá-los.

Para cima, para cima, para cima. Encontrá-los. Tinha que encontrá-los.

Tinha sofrido a agonia de um novo nascimento naquela floresta escura, naquela floresta terrível, com aquelas mulheres terríveis. Ele teria sua recompensa. Isso não seria negado a ele. Não agora. Não depois de tudo aquilo.

Encontrá-los. Procurar, procurar, procurar. Encontrá-los.

Em asas poderosas, ele elevou-se dentro da noite.

Com olhos que enxergavam no escuro, ele procurou. Com criaturas que podiam capturar o cheiro da presa a uma grande distância, ele tentou sentir o cheiro deles.

Através da noite eles seguiram, caçando. Caçando.

Ali, ali ele viu a carroça deles. Reconheceu a carroça deles. Seus grandes cavalos. Já tinha visto ela… já tinha visto eles com ela. Seu bando circulou aproximando-se em asas quase silenciosas, mergulhando mais perto para ver o que Nicholas buscava.

Não ali. Eles não estavam ali. Um truque. Tinha que ser um truque. Uma distração. Não ali. Tinham enviado a carroça para longe para enganá-lo, para mandá-lo para longe do rastro deles.

Com asas energizadas pela raiva, ele subiu, subiu, subiu para procurar no terreno. Caçar, caçar. Encontrá-los. Ele voou com os cinco em um padrão ainda mais amplo para vasculhar o solo sob a noite.

Eles continuaram voando, procurando, procurando. Sua fome era a fome deles. Caçar eles. Caçar.

As asas começaram a cansar enquanto ele as conduzia adiante. Tinha que encontrá-los. Não permitiria o descanso. Não permitiria a falha. Ele caçou em círculos que ampliavam, procurando, caçando, caçando.

Ali, entre as árvores, ele viu movimento.

Acabara de escurecer. Eles não veriam seus perseguidores… não no escuro… mas ele podia vê-los. Forçou os cinco a descer, circulando, circulando, forçou eles a chegarem mais perto. Dessa vez ele não falharia em ver eles, em chegar perto o bastante. Circulando,

segurar ele ali, circulando, observando, circulando, observando, vendo eles ali.

Era ela! A Madre Confessora! Ele viu outros.

Aquela com cabelo vermelho e sua pequena amiga quadrúpede. Outros também. Ele deve estar ali também. Tem que estar ali também. Ele estaria ali também, enquanto o pequeno grupo seguia para oeste.

Oeste. Eles seguiram para oeste. Eles viajaram para oeste de onde ele os tinha visto na última vez.

Nicholas riu. Eles estavam vindo para oeste. Os captores enviados para pegá-los jaziam todos mortos, mas aqui vinham eles de qualquer jeito. Eles estavam seguindo para oeste.

Em direção ao local onde ele aguardava.

Ele os teria.

Teria Lorde Rahl e a Madre Confessora.

Jagang os teria.

Então, ocorreu a ele… sua recompensa. O que ele teria em troca dos prêmios que entregaria.

D'Hara.

Ele teria o comando de D'Hara em troca dessas duas pessoas. Jagang recompensaria ele com o comando de D'Hara, se ele queira aqueles dois. Ele não ousaria negar a Nicholas, o Deslizador, o que ele queria. Não quando ele tivesse o que Jagang mais queria, mais do que qualquer outro prêmio. Jagang pagaria qualquer preço por esses dois.

Dor. Um grito. Choque, terror, confusão explodiram através dele. Ele sentiu o vento, o vento que o carregava com tanta facilidade, agora batendo nele como punhos arrancando suas penas enquanto ele desabava em grande dor.

Um dos cinco caindo em velocidade cegante atingiu o chão.

Nicholas gritou. Um dos cinco espíritos tinha sido perdido junto com seu hospedeiro. Lá atrás em algum lugar distante, em

alguma sala distante com paredes de madeira, trancas, e estacas sangrentas, lá atrás, atrás, atrás em outro lugar que ele quase tinha esquecido que existia, lá atrás, atrás, bem longe, um espírito foi arrancado de seu controle.

Um dos cinco lá atrás tinha morrido ao mesmo instante em que o Race bateu contra o solo.

Grito de dor ardente. Outro caiu fora de controle. Outro espírito escapou de suas garras para dentro dos braços da morte.

Nicholas lutou para enxergar no meio da confusão, forçando os três restantes a sustentar a visão dele no lugar para que ele pudesse ver. Caçar, caçar, caçar. Onde ele estava? Onde ele estava? Onde? Ele viu os outros. Onde estava Lorde Rahl?

Um terceiro grito.

Onde ele estava? Nicholas lutou para manter a sua visão independente da agonia, do desnorteante contrapeso.

A dor rasgou através do quarto.

Antes que ele conseguisse recompor os sentidos, mantê-los juntos, forçá-los com o poder da sua vontade a obedecerem o seu desejo, mais dois espíritos foram lançados para longe dentro do vácuo do Submundo.

Onde ele estava?

Garras preparadas, Nicholas procurou.

Ali! Ali!

Com violento esforço, ele forçou o Race em um mergulho. Ali estava ele! Ali estava ele! Lá em cima.

Mais alto do que o resto deles. De alguma forma lá em cima. Lá em cima sobre uma projeção rochosa acima dos outros. Ele não estava lá embaixo com eles. Estava lá em cima.

Mergulhar atrás dele. Mergulhar para acertá-lo.

Ali estava ele, o arco esticado.

Dor dilacerante tomou conta do último Race. O chão aproximou-se dele rapidamente. Nicholas gritou. Tentou

freneticamente conter o rodopio. Sentiu o Race bater contra a rocha em uma velocidade assustadora. Mas apenas por um instante.

Arfando, Nicholas deu um suspiro desesperado.

Sua cabeça girava com a tortura ardente do retorno abrupto, um retorno descontrolado que não foi obra dele.

Ele piscou, sua boca aberta em uma tentativa de soltar um grito, mas nenhum som veio. Seu olhos ficaram arregalados com o esforço, mas nenhum grito veio. Ele estava de volta.

Quer ele quisesse ou não estar, ele estava de volta.

Olhou ao redor na sala. Ele estava de volta, essa era a razão pela qual nenhum grito saiu. Nenhum grito de um Race juntou-se ao dele. Eles estavam mortos. Todos os cinco.

Nicholas virou para o quarto empalado nas estacas atrás dele. Todos os quatro estavam moles. O quinto homem jazia encolhido no canto mais distante. Todos os cinco moles e imóveis. Todos os cinco mortos. Seus espíritos se foram.

A sala estava tão silenciosa quanto uma cripta. A tigela diante dele brilhava apenas com o fragmento do seu próprio espírito. Ele o trouxe de volta.

Ele ficou sentado durante um longo tempo, esperando que sua cabeça parasse de girar. Foi um choque estar em uma criatura quando ela foi morta… ter o espírito de uma pessoa nele enquanto ela morria. Enquanto os cinco morreram. Foi uma surpresa.

Lorde Rahl era um homem surpreendente. Nicholas não tinha pensado, lá atrás naquela primeira vez, que ele seria capaz de acertar todos os cinco. Pensou que foi sorte. Uma segunda vez não era sorte. Lorde Rahl era um homem surpreendente.

Nicholas poderia lançar o seu espírito novamente se desejasse, procurar novos olhos, mas sua cabeça estava doendo e ele não sentia vontade; além disso, não importava.

Lorde Rahl estava vindo para oeste. Ele estava vindo para o grande Império de Bandakar.

Nicholas dominava Bandakar.

As pessoas aqui o reverenciavam.

Nicholas sorriu. Lorde Rahl estava vindo. Ele ficaria surpreso com o tipo de homem que encontraria quando chegasse. Lorde Rahl provavelmente achava que conhecia todo tipo de homens.

Ele não conhecia Nicholas, o Deslizador.

Nicholas, o Deslizador, que seria Imperador de D'Hara quando entregasse a Jagang os prêmios que ele mais procurava: o cadáver de Lorde Rahl, e a Madre Confessora viva.

Jagang teria os dois.

E em troca, Nicholas teria seu império.

CAPÍTULO 29



Ann escutou o eco distante de passos descendo o longo, vazio, escuro corredor do lado de fora da porta mais distante para a câmara esquecida dela sob o Palácio do Povo, o centro do poder em D'Hara. Ela não tinha mais certeza se era dia ou noite. Perdeu a noção do tempo enquanto ficava sentada na escuridão silenciosa. Ela guardava a lamparina para os momentos quando eles traziam comida, ou os momentos em que ela escrevia para Verna no Livro de Jornada. Ou para as vezes em que sentia-se tão sozinha que precisava da companhia de uma pequena chama, no mínimo.

Nesse lugar, dentro desse feitiço de um palácio para aqueles que nasceram Rahl, seu poder era tão reduzido que tudo que ela conseguia fazer era acender aquela lamparina.

Ela temia usar a pequena lamparina com muita frequência e ficar sem óleo; não sabia se eles dariam mais. Não queria ficar sem e somente então descobrir que eles não dariam mais. Não queria ficar sem pelo menos a possibilidade daquela pequena chama, aquele pequeno presente de luz.

No escuro ela não podia fazer nada a não ser avaliar sua vida e tudo que tinha trabalhado tão duro para realizar. Durante séculos ela havia conduzido as Irmãs da Luz em seu esforço para garantir que a luz do Criador triunfasse no mundo, e garantir que o Guardião do Submundo fosse mantido no lugar ao qual pertencia, em seu próprio reino, o mundo dos mortos. Durante séculos ela esperou temerosa o tempo em que a profecia dita estivesse sobre eles.

Durante quinhentos anos ela esperou o nascimento daquele que tinha a chance de ter sucesso em conduzi-los na batalha para ver o presente do Criador, a magia, sobreviver contra aqueles que apagariam aquela luz do mundo. Durante quinhentos anos ela trabalhou para garantir que ele tivesse uma chance de fazer o que devia se ele quisesse ter uma chance de deter as forças que extinguiriam a magia.

A profecia dizia que somente Richard tinha chance de preservar a causa deles, impedir o inimigo de obter sucesso em lançar uma mortalha cinza sobre a humanidade, o único com uma chance de evitar que o Dom morresse. A profecia não falava que ele iria prevalecer; a profecia dizia apenas que Richard era o único a ter uma chance de levá-los até a vitória.

Sem Richard, toda esperança estava perdida… isso era certo. Por essa razão, Ann foi devotada a ele antes que ele tivesse nascido, antes que ele se erguesse para tornar-se o líder deles.

Kahlan enxergou todos os esforços de Ann como uma intromissão, como brincar com as vidas dos outros. Kahlan acreditava que os esforços de Ann eram de fato a causa justamente da coisa que ela mais temia. Ann odiava às vezes pensar que talvez Kahlan estivesse certa.

Talvez estivesse destinado a acontecer que Richard tivesse nascido e por seu próprio livre arbítrio escolhesse fazer aquelas coisas que os conduziriam até a vitória em sua batalha para manter o Dom entre os homens. Zedd certamente acreditava que era somente pela mente de Richard, por seu livre arbítrio, mas sua intenção consciente, que ele poderia liderá-los.

Talvez isso fosse verdade, e Ann, ao tentar direcionar aquelas coisas que não poderiam ser e não deveriam ser direcionadas, havia trazido todos eles até a beira da ruína.

Os passos estavam chegando mais perto. Talvez fosse hora de comer e eles estavam trazendo o jantar. Ela não estava com fome.

Quando traziam a comida dela, eles a colocavam na ponta de uma longa vara e então enfiavam aquela vara através da pequena abertura na porta externa, passando por todo o caminho através da sala externa com os escudos, pela abertura na segunda porta, a interna, e finalmente até Ann. Nathan não arriscaria qualquer chance de escapatória fazendo seus guardas terem que abrir a porta da cela dela apenas para dar a comida.

Eles entregavam uma variedade de pães, carne, e vegetais junto com cantis. Embora a comida fosse boa, ela não encontrava satisfação nela. Mesmo a comida mais fina jamais poderia ser satisfatória se fosse comida em uma masmorra.

Às vezes, como Prelada, ela sentia como se fosse uma prisioneira do seu posto. Ela raramente tinha ido até o salão de jantar onde as Irmãs da Luz comiam… especialmente nos últimos anos. Ter a Prelada entre elas no jantar fazia com que todas ficassem nervosas. Além disso, se isso fosse feito com frequência demais acabaria com a ansiedade delas, sua descompostura perto da autoridade.

Ann acreditava que uma certa distância, uma certa preocupação respeitosa, era necessária para manter a disciplina. Em um lugar que foi enfeitiçado para que o tempo decorresse mais devagar para aqueles que viviam ali, era importante manter a disciplina. Ann parecia estar na casa dos setenta, mas com a velocidade do seu processo de envelhecimento reduzida dramaticamente enquanto vivia sob o feitiço que cobria o Palácio dos Profetas, ela já vivera perto de mil anos.

É claro, um monte de coisas boas sua disciplina tinha feito para ela. Sob a direção dela como Prelada as Irmãs do Escuro haviam infestado seu grupo. Havia centenas de Irmãs, e não dava para dizer quantas delas tinham feito juramentos sombrios ao Guardião. A tentação das promessas dele era obviamente efetiva. Tais promessas eram uma ilusão, mas tente dizer isso para alguém

tão engajado. A imortalidade era sedutora para mulheres que observavam todos que conheciam do lado de fora do Palácio ficarem velhos e morrerem enquanto elas permaneciam jovens.

Irmãs que tinham crianças viam aquelas crianças serem enviadas para fora do Palácio para serem criadas onde poderiam ter uma vida normal, viam aquelas crianças envelhecerem e morrerem, viam seus netos envelhecerem e morrerem. Para uma mulher que viu coisas assim, viu o constante envelhecimento e morte daqueles que ela conhecia enquanto ela mesma o tempo todo parecia permanecer jovem, atraente, e desejável, a tentação da oferta da imortalidade crescia incrivelmente quando suas próprias pétalas começavam a murchar.

Ficar velho era um estágio final, o fim de uma vida. Ficar velho no Palácio dos Profetas era uma provação bastante longa. Ann estivera idosa durante séculos.

Ser jovem por um tempo muito longo era uma experiência maravilhosa, mas ser idosa por um tempo muito longo não era… pelo menos não era para alguns. Para Ann, era a vida em si que era maravilhosa, não tanto sua idade, e tudo que ela aprendera. Mas nem todos sentiam-se assim.

Agora que o Palácio tinha sido destruído, elas envelheceriam na mesma velocidade que todos os outros. O que tinha sido até pouco tempo atrás um futuro de talvez outra centena de anos de vida para Ann de repente era talvez não mais do que o piscar de uma década… certamente não muito mais.

Mas ela duvidava que fosse viver tanto tempo em um buraco úmido como esse, longe da luz e da vida.

De alguma forma, não parecia como se ela e Nathan tivessem perto de mil anos de idade. Ela não sabia qual era a sensação de envelhecer na taxa normal do lado de fora do feitiço, mas ela acreditava que sentia-se pouco diferente de como aqueles do lado de fora do Palácio sentiam-se enquanto eles envelheciam. Ela acreditava

que o feitiço que reduzia a velocidade do envelhecimento também alterava a percepção do tempo… pelo menos, até certo nível.

Os passos estavam chegando mais perto. Ann não estava ansiosa para outra refeição nesse lugar. Ela estava começando a desejar que eles a deixassem morrer de fome e acabar com isso. Deixar ela morrer.

Que bem sua vida tinha representado? Quando realmente pensava nisso, que bem ela realmente havia realizado? O Criador sabia que ela tentou guiar Richard naquilo que precisava ser feito, mas no final pareceu que foi escolha de Richard agir como ele agiu, na maioria dos casos contra o que ela achava que precisava ser feito, o que acabou sendo a coisa certa.

Se ela não tivesse tentado guiar os eventos, levar ele até o Palácio dos Profetas no Mundo Antigo, talvez nada tivesse mudado e aquilo teria sido do jeito que era para ele salvar todos eles… não tendo que agir e deixando Jagang e a Ordem Imperial eventualmente murchar e morrer no Mundo Antigo, incapaz de espalhar suas crenças virulentas além. Talvez ela tenha levado tudo para a ruína apenas com seus esforços.

Ela ouviu a porta no fim da passagem para sua cela abrir arrastando. Ela decidiu que não comeria. Não comeria outra vez até que Nathan viesse falar com ela, como ela havia solicitado.

Às vezes, com a comida, eles mandavam vinho.

Nathan mandava isso para irritá-la, tinha certeza disso.

De seu confinamento no Palácio dos Profetas, algumas vezes Nathan tinha pedido vinho. Ann sempre viu o relatório quando um pedido como esse era feito; ela negava cada pedido assim.

Magos já eram bastante perigosos, profetas… que eram magos com o talento da profecia… eram potencialmente vastamente muito mais perigosos, e profetas bêbados eram os mais perigosos de todos. Profecia fornecida indiscriminadamente era um convite para a calamidade. Até mesmo profecias simples que escapavam do

confinamento dos muros de pedra do Palácio dos Profetas tinham iniciado guerras.

Às vezes Nathan havia solicitado a companhia de mulheres. Ann odiava mais ainda esses pedidos, porque às vezes ela os atendeu. Sentia muito que tivesse feito isso.

Nathan tinha visto pouco da vida, confinado como ficava em seus aposentos, sendo seu único crime real a natureza de seu nascimento, suas habilidades. O Palácio poderia arcar facilmente com o preço para que uma mulher o visitasse às vezes.

Ele fez uma zombaria daquilo, com bastante frequência… fornecendo profecia que fez a mulher partir correndo antes que elas pudessem falar com ela, antes que elas pudessem silenciá-la.

Aqueles que não tinham treinamento apropriado não deveriam saber de profecias. A profecia facilmente era interpretada de forma incorreta por aqueles sem o entendimento de suas complexidades. Divulgar profecia para os não iniciados era como colocar fogo na grama seca.

A profecia não era destinada aos não esclarecidos.

Com o pensamento de que o profeta estava solto, o estômago de Ann torceu em um nó. Mesmo assim, às vezes ela mesma tinha levado Nathan para fora, para seguir em importantes jornadas com ela… a maioria das jornadas tinham a ver com direcionar algum aspecto da vida de Richard, ou, mais precisamente, tentar garantir que Richard nasceria e teria uma vida. Além de ser um problema sobre duas pernas, Nathan também era um profeta extraordinário que realmente tinha um sincero interesse em ver o lado deles triunfar. Afinal de contas, ele viu na profecia a alternativa, e quando Nathan via profecia, ele a via em toda a sua terrível verdade.

Nathan usava sempre um Rada'Han… uma coleira… que permitia a ela, ou qualquer outra Irmã, controlá-lo, então levá-lo naquelas jornadas não era realmente colocar o mundo em risco com o homem. Ele tinha que fazer o que ela mandava, ir para onde ela

dizia. Sempre que o levara para fora em uma missão com ela, ele não estava verdadeiramente livre, uma vez que ele usava um Rada'Han e ela podia assim controlá-lo.

Agora ele estava sem um Rada'Han. Ele estava verdadeiramente livre.

Ann não queria qualquer refeição. Ela decidiu devolvê-la quando eles empurrassem a vara até ela. Deixar Nathan irritado que ela pudesse recusar a comida completamente e morrer enquanto estava sob o volúvel controle dele. Ann cruzou os braços.

Que ele fique com isso em sua consciência. Isso faria o homem descer para falar com ela.

Ann ouviu os passos pararem do lado de fora da porta mais distante. Vozes abafadas chegaram até ela. Se tivesse pronto acesso ao seu Han, ela teria sido capaz de concentrar sua audição naquelas vozes e facilmente escutar suas palavras. Ela suspirou. Até mesmo essa habilidade era inútil para ela aqui, nesse lugar, sob o poder invocado pela forma de feitiço do projeto do Palácio. Dificilmente faria sentido criar planos tão elaborados para cortar a magia de outros e permitir que eles escutassem segredos sussurrados do lado de dentro das paredes.

A porta externa rangeu em protesto quando foi aberta. Isso era novidade. Ninguém tinha aberto a porta externa desde o dia em que eles a trancaram no lugar.

Ann correu até a porta para sua pequena sala, até o fraco quadrado de luz que era a abertura na porta de ferro. Ela segurou nas barras e levantou o rosto bem perto, tentando ver quem estava lá fora, o que eles estavam fazendo.

A luz cegou-a. Ela cambaleou alguns passos para trás, esfregando os olhos. Ela estava tão acostumada ao escuro que a desagradável luz da lanterna parecia ter queimado sua visão com luz ardente.

Ann afastou-se da porta quando ouviu o barulho de uma chave na fechadura. O trinco recuou com um som reverberante. A porta abriu.

Ar frio, mais fresco do que o ar viciado que ela estava acostumada a respirar, entrou. Luz amarela espalhou-se pela sala quando a lanterna foi enfiada na sala na ponta de um braço coberto por couro vermelho.

Mord-Sith.

CAPÍTULO 30



Ann encolheu-se diante do olhar feroz quando a Mord-Sith passou o pé por cima da soleira e agachou através do portal entrando na sala. Desacostumada com a luz da lanterna, no início Ann podia discernir apenas a roupa de couro vermelho e a trança loira. Ela não gostava de imaginar porque uma das componentes do grupo de elite de torturadoras de Lorde Rahl estaria vindo até a masmorra para visitá-la. Ela conhecia Richard. Não conseguia imaginar que ele permitiria que uma prática como essa continuasse. Mas Richard não estava aqui. Nathan parecia estar no comando.

Forçando a vista, Ann finalmente percebeu que era a mulher que tinha visto antes: Nyda.

Nyda, observou Ann com um olhar frio, não falou nada quando deu um passo para o lado. Outra pessoa estava entrando logo atrás dela. Uma perna longa usando calça marrom passou por cima da soleira, seguida por um torso curvado através da abertura. Ficando completamente em pé, Ann viu com repentina surpresa quem era.

– Ann! – Nathan manteve os braços bem abertos, como se esperasse um abraço. – Como você está? Nyda me deu a sua mensagem. Estão tratando você bem, eu acredito?

Ann manteve sua posição e fez uma careta para o rosto sorridente. – Ainda estou viva, não graças a você, Nathan.

É claro que ela lembra o quanto Nathan era alto, o quanto os ombros dele eram largos. Agora, parado diante dela, o topo da cabeça com longos cabelos grisalhos quase tocava as marcas de

cinzel na rocha do teto, ele parecia maior do que ela lembrava. Seus ombros, preenchendo bastante da pequena sala, pareciam ainda mais largos. Ele usava botas altas sobre suas calças e uma camisa branca folheada sob um colete aberto. Uma elegante capa verde de veludo estava presa ao seu ombro direito. Do lado esquerdo do quadril uma espada em uma bainha elegante brilhou na luz da lanterna.

O rosto dele, seu belo rosto, tão expressivo, diferente de qualquer outro, fazia o coração de Ann sentir-se flutuando.

Nathan sorriu da forma como ninguém a não ser um Rahl poderia sorrir, um sorriso como alegria, desejo e poder misturados. Ele parecia como se estivesse precisando agarrar uma donzela em seus braços poderosos e beijá-la sem permissão.

Ele balançou a mão de forma casual indicando as acomodações dela. – Mas você está segura aqui, minha querida. Ninguém pode machucá-la enquanto está sob nossos cuidados. Ninguém pode incomodá-la. Você tem boa comida… até mesmo vinho de vez em quando. O que mais você poderia querer?

Com os punhos colados ao corpo, Ann avançou em um passo que fez o Agiel da Mord-Sith surgir em seu punho, embora ela permanecesse onde estava. Nathan ficou imóvel, manteve o sorriso, enquanto observava ela aproximar-se.

– O que mais eu poderia querer! – Ann gritou. – O que mais eu poderia querer? Quero ser libertada! Isso é o que mais eu poderia querer!

O leve sorriso de Nathan atingiu-a profundamente. – Certamente. – ele disse, uma simples palavra de tranquila acusação.

Parada no silêncio da masmorra, ela só conseguia olhar para ele, incapaz de pensar em um argumento que ele não rebateria de volta para ela.

Ann virou um olhar sério para a Mord-Sith. – Que mensagem você deu a ele?

– Nyda disse que você queria me ver. – Nathan respondeu no lugar dela. Ele abriu os braços. – Aqui estou, como solicitado. Para que você queria me ver, minha querida?

– Não seja condescendente comigo, Nathan. Você sabe muito bem porque eu queria falar com você. Sabe porque estou aqui, em D'Hara… porque eu vim até o Palácio do Povo.

Nathan cruzou as mãos atrás das costas. O sorriso dele finalmente havia perdido a sua utilidade.

– Nyda, – ele falou, virando para a mulher. – poderia nos deixar a sós agora? Essa é uma boa garota.

Nyda avaliou Ann com um rápido olhar. Nada mais foi necessário; Ann não era ameaça para Nathan. Ele era um mago… sem dúvida ele falou para ela que era o maior mago de todos os tempos… e estava dentro do lar ancestral da Casa de Rahl. Ele não precisava temer essa velha feiticeira… pelo menos, não mais.

Nyda deu a Nathan um tipo de olhar se precisar de mim, estou logo ali fora antes de mover seus membros perfeitos através do portal com fluida graça, do jeito que um gato passava sem esforço através de uma cerca.

Nathan ficou parado no centro da cela, as mãos ainda cruzadas atrás das costas, esperando Ann falar alguma coisa.

Ann foi até a sua mochila, colocada sobre a ponta do banco de madeira que tinha sido a sua cama, sua mesa, sua cadeira. Ela abriu a mochila e procurou dentro, tateando. Seus dedos encontraram o frio metal do objeto que ela buscava. Ann retirou-o e ficou sobre ele, a sombra dela o escondendo.

Finalmente, ela virou. – Nathan, eu tenho uma coisa para você.

Ela ergueu um Rada'Han que havia pretendido colocar em volta do pescoço dele. Naquele momento, ela não sabia como tinha pensado que conseguiria realizar um feito como esse. Porém, ela teria conseguido, se tivesse concentrado sua mente nisso; ela era

Annalina Aldurren, Prelada das Irmãs da Luz. Ou, pelo menos, uma vez havia sido. Tinha entregue aquele trabalho para Verna antes de fingir a morte dela e de Nathan.

– Quer colocar uma coleira em volta do meu pescoço? – Nathan perguntou com uma voz calma. – É isso que você espera?

Ann balançou a cabeça. – Não, Nathan. Quero dar isso a você. Pensei muito enquanto estive aqui embaixo. Pensei sobre como eu provavelmente jamais deixaria meu local de confinamento.

– Que coincidência, – Nathan disse. – eu costumava passar bastante tempo pensando essa mesma coisa.

– Sim, – Ann falou, assentindo. – eu imagino que pensou.

Ela entregou para ele o Rada'Han. – Aqui. Pegue isso. Nunca mais quero ver um desses.

Embora eu tenha feito o que achava ser o melhor, odiei cada minuto disso, Nathan. Odiei fazer isso com você, especialmente. Comecei a pensar que minha vida tem sido uma bagunça. Sinto muito ter colocado você atrás desses escudos e mantido você como um prisioneiro. Se pudesse viver minha vida de novo, não faria do mesmo jeito.

– Não espero indulgência; não mostrei alguma com você.

– Não, – disse Nathan. – não mostrou.

Os olhos azuis dele pareciam olhar direto dentro dela. Ele tinha um jeito de fazer isso. Richard herdara esse mesmo olhar Rahl penetrante.

– Então, você sente muito ter feito de mim um prisioneiro toda minha vida. Sabe por quê isso foi errado, Ann? Ao menos está ciente da ironia?

Quase contra o seu melhor julgamento, ela ouviu a si mesma perguntar. – Que ironia?

– Bem, – ele disse quando balançava os ombros. – pelo que nós estamos lutando?

– Nathan, você sabe muito bem pelo que estamos lutando.

– Sim, eu sei. Mas você sabe? Então diga-me, o que nós estamos lutando para proteger, para preservar, para garantir que continue viva?

– O presente da magia do Criador, é claro. Lutamos para garantir que ela continue a existir no mundo. Lutamos para que aqueles que nascem com ela vivam, para que eles aprendam a usar sua habilidade em toda sua extensão. Lutamos para que cada um tenha e comemore sua especial habilidade.

– Acho que isso é meio irônico, não acha? Exatamente a coisa pela qual você considera que vale à pena lutar é o que você temia. A Ordem Imperial proclama que não é para o melhor interesse da humanidade que um indivíduo dotado possua magia, de modo que essa especial habilidade deve ser arrancada dele. Eles afirmam que, uma vez que nem todos possuem essa habilidade de forma idêntica e em igual medida, é perigoso que alguns a tenham… que o homem deve colocar de lado a crença de que a vida de um homem é sua para viver. Que aqueles que nasceram com magia dessa forma devem ser expurgados do mundo para tornar o mundo um lugar melhor para aqueles que não possuem essa habilidade.

– E assim mesmo, você trabalhou sob essa mesma premissa, agiu com as mesmas crenças perversas. Você me trancou por causa da minha habilidade. Viu o que sou capaz de fazer, que outros não conseguem, como uma herança de nascença maligna que não poderia existir entre a humanidade.

– E assim mesmo, você trabalha para preservar justamente a coisa que teme em mim… minha habilidade especial… em outros.

– Você trabalha para permitir que todos nascidos com magia tenha o inalienável direito à sua própria vida, a serem o melhor que puderem ser com sua própria habilidade… e assim mesmo você me trancou para negar exatamente esse mesmo direito.

– Só porque que eu quero que os lobos do Criador corram livres para caçar, como eles deviam fazer, não significa que eu quero

ser o jantar deles.

Nathan inclinou em direção a ela. – Eu não sou um lobo. Sou um ser humano. Você tentou, convicta, e sentenciou-me a uma vida na sua prisão por eu ser como nasci, por causa daquilo que você temia que eu poderia fazer, simplesmente porque eu tinha a habilidade. Então você amenizou o seu próprio conflito interior fazendo daquela prisão uma coisa plush em uma tentativa de convencer a si mesma de que você era uma boa pessoa… o tempo todo declarando acreditar que devemos lutar para permitir que as pessoas futuras sejam quem elas são.

– Você qualificou a sua prisão como algo certo porque ela era algo muito bom, para mascarar a si mesma a natureza daquilo que você estava defendendo. Olhe ao redor, Ann. – ele moveu o braço apontando para a rocha. – Isso era o que estava defendendo para aqueles que você decidiu que não tinham o direito à sua própria vida. Você decidiu a mesma coisa que a Ordem, baseada em uma habilidade da qual você não gostava. Decidiu que alguns, por causa de seu grande potencial, deviam ser sacrificados pelo bem daqueles que eram menos do que eles. Não importa como você decorava a sua masmorra, é desse jeito que ela parece do lado de dentro.

Ann organizou os pensamentos, assim como sua voz, antes de falar. – Pensei que havia entendido algo assim enquanto estava sentada sozinha aqui embaixo, mas agora percebo que na verdade não. Todos aqueles anos eu me senti mal por trancá-lo, mas realmente nunca examinei a minha racionalidade por fazer isso.

– Você está certo, Nathan. Eu acreditava que você guardava potencial para causar grandes danos. Devia ter ajudado você a entender o que era certo para que você pudesse agir racionalmente, ao invés de esperar o pior de você e trancá-lo. Sinto muito, Nathan.

Ele colocou as mãos nos quadris. – Você realmente sente isso, Ann?

Ela assentiu, incapaz de olhar para ele, enquanto seus olhos enchiam-se de lágrimas. Ela sempre esperou honestidade de todos os outros, mas não tinha sido honesta com ela mesma. – Sim, Nathan, realmente sinto.

Concluída a confissão, ela foi até seu banco e sentou. – Obrigada por vir, Nathan. Não incomodarei você pedindo para vir aqui novamente. Aceitarei minha justa punição sem reclamar. Se não se importa, acho que gostaria de ficar sozinha agora para rezar e avaliar o peso em meu coração.

– Pode fazer isso depois. Agora levante o seu traseiro, fique de pé, e pegue as suas coisas. Temos assuntos para tratar e temos que ir.

Ann levantou os olhos com a testa franzida. – O quê?

– Temos coisas importantes para fazer. Vamos lá, mulher. Estamos desperdiçando tempo. Precisamos ir. Estamos do mesmo lado nessa batalha, Ann. Precisamos agir dessa maneira e trabalhar juntos para preservar as nossas causas. – ele inclinou em direção a ela. – A não ser que você tenha decidido aposentar-se para ficar sentada o resto da sua vida. Se não, então vamos andando. Temos problemas.

Ann saltou do banco de pedra. – Problemas? Que tipo de problemas?

– Problemas com profecia.

– Profecia? Existe problema com uma profecia? Que problema? Que profecia?

Com os punhos nos quadris, Nathan observou-a com seriedade. – Não posso falar a você sobre esse tipo de coisa. A profecia não é destinada aos não esclarecidos.

Ann mordeu os lábios, prestes a repreendê-lo por um lado e por outro, quando captou o sorriso surgindo nos cantos da boca dele. Isso fez com que ela também mostrasse um sorriso.

– O que aconteceu? – ela falou em um tom de voz que amigos usavam quando decidiam que erros passados foram reconhecidos e agora as coisas estavam de volta ao caminho certo.

– Ann, você não vai acreditar quando eu contar, – Nathan queixou-se. – É aquele garoto, outra vez.

– Richard?

– Que outro garoto você conhece que é capaz de se meter no tipo de problema que somente Richard consegue?

– Bem, eu não penso mais em Richard como um garoto.

Nathan suspirou. – Suponho que não, mas é difícil quando você tem a minha idade pensar em alguém tão jovem como um homem.

– Ele é um homem. – Ann garantiu a ele.

– Sim, acho que ele é. – Nathan sorriu. – E ele é um Rahl.

– Em que tipo de problema Richard se meteu dessa vez?

O bom humor de Nathan evaporou. – Ele caminhou para fora da margem da profecia.

Ann fez uma careta. – Do que você está falando? O que ele fez?

– Estou dizendo, Ann, aquele garoto caminhou direto para fora da margem da profecia… caminhou para dentro de um lugar na profecia onde a própria profecia não existe.

Ann percebeu que Nathan estava sinceramente preocupado, mas ele não estava fazendo sentido. Em parte, era por isso que algumas pessoas tinham medo dele. Frequentemente ele dava às pessoas a impressão de que estava falando bobagens quando ele estava falando sobre coisas que ninguém além dele conseguia entender. Às vezes ninguém a não ser um profeta podia verdadeiramente entender completamente o que ele havia captado. Com seus olhos, os olhos de um profeta, ele conseguia ver coisas que ninguém mais conseguia.

Porém, ela passou uma vida trabalhando com profecia, e assim ela podia entender, talvez melhor do que a maioria, pelo menos uma parte da mente dele, uma parte do que ele conseguia captar.

– Como pode saber de uma profecia assim, Nathan, se ela não existe? Eu não entendo. Explique isso para mim.

– Tem bibliotecas aqui, no Palácio do Povo, que contém alguns livros valiosos de profecia que eu nunca tive chance de ver antes. Embora eu tivesse razões para suspeitar que essas profecias pudessem existir, nunca tive certeza se elas realmente existiam, ou o que elas podiam dizer. Estive estudando elas desde que cheguei aqui e encontrei ligações com outras profecias conhecidas que nós tínhamos nas câmaras do Palácio dos Profetas. Essas profecias, aqui, preenchiam algumas lacunas importantes naquelas sobre as quais nós já sabíamos.

– O mais importante, eu encontrei uma ramificação completamente nova da profecia que jamais tinha visto que explica porque e como eu estive cego para algumas das coisas que estavam acontecendo. Estudando as bifurcações e inversões dessa ramificação, descobri que Richard pegou uma série de ligações que seguem um caminho em particular da profecia que conduz até o esquecimento, até algo que, até onde posso dizer, nem ao menos existe.

Com uma das mãos no quadril, a outra traçando linhas invisíveis no ar, Nathan caminhou de um lado para outro na pequena sala enquanto falava. – Essa nova ligação indica coisas que eu nunca tinha visto, ramificações que eu sempre soube que deveriam estar ali, mas estavam faltando. Essas ramificações são profecias extremamente perigosas que foram mantidas aqui, em segredo. Posso ver porquê. Até mesmo eu, se as tivesse visto anos atrás, poderia tê-las interpretado de forma equivocada. Essas novas ramificações referem-se a vazios de algum tipo. Uma vez que são

vazios, sua natureza não pode ser conhecida; uma contradição desse tipo não pode existir.

– Richard foi para dentro dessa área de vazio, onde a profecia não consegue enxergá-lo, não pode ajudá-lo, e pior, não pode nos ajudar. Mais do que não enxergá-lo com a profecia, é como se onde ele está e o que ele está fazendo não existisse.

– Richard está lidando com algo que é capaz de acabar com tudo que conhecemos.

Ann sabia que Nathan não iria exagerar sobre alguma coisa dessa natureza. Ainda que ela estivesse no escuro sobre o que ele estava falando precisamente, a essência daquilo fez ela suar frio.

– O que podemos fazer a respeito disso?

Nathan jogou os braços para cima. – Temos que ir até lá e buscá-lo. Temos que trazê-lo de volta para dentro do mundo que existe.

– Você está querendo dizer, do mundo que a profecia diz que existe.

A expressão séria de Nathan estava de volta. – Foi isso que eu disse, não foi? De alguma maneira temos que trazê-lo de volta ao caminho da profecia onde ele aparece.

Ann limpou a garganta. – Ou?

Nathan agarrou a lanterna, e então a mochila dela. – Ou, ele cessará de fazer parte das linhas viáveis da profecia, para nunca mais estar envolvido com os assuntos desse mundo outra vez.

– Está querendo dizer, que se não trouxermos ele de volta de onde ele está, ele vai morrer?

Nathan lançou um olhar curioso para ela. – Será que eu estava falando com as paredes? É claro que ele vai morrer! Se aquele garoto não está na profecia, se ele quebrar todas as ligações com a profecia onde ele executa um papel, então ele levará para o vazio todas aquelas linhas da profecia onde ele existe. Se ele fizer isso, então elas tornam-se falsa profecia e aquelas ramificações com

participação dele jamais acontecerão. Nenhuma das outras ligações contendo qualquer referência a ele… porque na origem dessas ligações ele morre primeiro.

– E o que acontece com aquelas ligações que não contém ele?

Nathan pegou a mão dela quando puxou-a em direção à porta. – Nessas ligações, uma sombra cai sobre todos. Todos que estão vivos, pelo menos. Será uma era muito longa e muito sombria.

– Espere. – Ann disse, fazendo ele parar.

Ela retornou ao banco de pedra e colocou o Rada'Han no centro. – Não tenho poder para destruir isso. Acho que talvez ele deva ser trancado.

Nathan assentiu mostrando sua aprovação. – Trancaremos as portas e instruiremos os guardas que ele deve permanecer aqui dentro, atrás dos escudos, para sempre.

Ann levantou um dedo de alerta diante dele. – Não fique com a ideia de que só porque não está usando uma coleira eu vou tolerar mal comportamento.

O sorriso de Nathan retornou. Ele não saiu imediatamente e concordou. Antes de cruzar a porta, ele virou de volta para ela.

– A propósito, você esteve conversando com Verna através do seu Livro de Jornada?

– Sim, um pouco. Ela está com o exército e bastante ocupada, nesse momento. Eles estão defendendo as passagens para dentro de D'Hara. Jagang iniciou o cerco.

– Bem, de acordo com o que consegui saber dos comandantes militares aqui, no Palácio, as passagens são formidáveis e aguentarão, pelo menos, durante algum tempo. – ele aproximou-se dela. – Porém, você deve mandar uma mensagem para ela. Diga para ela que quando uma carroça vazia entrar nas linhas deles, eles deixem ela passar.

Ann fez uma careta. – O que isso significa?

– A profecia não é direcionada aos não esclarecidos. Apenas diga isso para ela.

– Está certo, – Ann disse com dificuldade quando Nathan puxou-a através do portal. – mas é melhor eu não contar para ela que você é aquele que falou isso, ou provavelmente ela vai ignorar o conselho. Ela acha que você é maluco, você sabe.

– Ela só não teve chance de me conhecer muito bem, só isso. – ele olhou para trás. – Comigo sendo isolado injustamente, e tudo mais.

Ann quis dizer que talvez Verna conheça Nathan bem demais, mas decidiu que era melhor não falar disso nesse momento.

Quando Nathan começou a virar em direção da porta externa, Ann segurou na manga dele.

– Nathan, o que mais sobre essa profecia que encontrou você não está me dizendo? Essa profecia onde Richard desaparece no esquecimento.

Ela conhecia Nathan bem o bastante para saber pela sua agitação que ele não havia falado tudo, que ele achava que estava sendo nobre poupando-a da preocupação. Com uma expressão sóbria, ele olhou dentro dos olhos dela durante algum tempo antes que finalmente falasse.

– Existe um Deslizador naquela bifurcação da profecia.

Ann franziu a testa quando girou os olhos, pensativa. – Um Deslizador. Um Deslizador, – ela murmurou para si mesma, tentando recordar-se do nome. Ele soava familiar. – um Deslizador… – ela estalou os dedos.

– Um Deslizador. – seus olhos ficaram arregalados. – Querido Criador.

– Não acho que o Criador teve alguma coisa a ver com isso.

Ann balançou a mão impacientemente em protesto. – Não pode ser. Tem que haver alguma coisa errada com essa nova profecia que você encontrou. Ela tem que ser defeituosa. Deslizadores foram

criados na Grande Guerra. Não poderia haver um Deslizador nessa ligação da profecia… você não entende? A profecia deve estar fora de fase e expirada há muito tempo. – Ann mastigou o lábio inferior enquanto sua mente trabalhava acelerada.

– Ela não está fora de fase. Você não acha que esse também foi o meu primeiro pensamento? Acha que eu sou um amador nisso? Trabalhei através da cronologia uma centena de vezes. Verifiquei cada cartão e cálculo que aprendi… até mesmo alguns que inventei para essa tarefa. Todos resultaram na mesma raiz. Cada ligação surgiu em ordem. A profecia está em fase, cronologia, e todos os seus aspectos estão alinhados.

– Então essa é uma falsa ligação. – Ann insistiu. – Deslizadores eram criaturas conjuradas. Eram estéreis. Não podiam reproduzir.

– Estou dizendo, – Nathan rosnou. – tem um Deslizador nessa ligação com Richard e essa é uma ligação profética viável.

– Eles não poderiam ter sobrevivido para estarem aqui. – Ann tinha certeza do que estava falando. Nathan sabia mais de profecia do que ela, não havia dúvida disso, mas essa era uma área onde ela sabia exatamente do que estava falando… essa era sua área de experiência. – Deslizadores não eram capazes de gerar crianças.

Ele estava lançando para ela um daqueles olhares que ela não gostava. – Estou dizendo, um Deslizador caminha no mundo outra vez.

Ann perguntou. – Nathan, roubadores de almas não conseguem reproduzir.

– A profecia diz que ele não nasceu, mas renasceu como um Deslizador.

A carne de Ann começou a ficar arrepiada. Ela ficou olhando para ele durante algum tempo antes de encontrar sua voz. – Durante três mil anos não houve magos nascidos com os dois lados da magia a não ser Richard. Não tem jeito de alguém…

Ann fez uma pausa. Ele a estava observando, observando ela finalmente perceber o que tinha de ser. – Querido Criador. – ela sussurrou.

– Eu falei para você, o Criador não teve nada a ver com isso. As Irmãs do Escuro são as mães dele.

Abalada até o seu núcleo, Ann não conseguiu pensar em nada para dizer.

Não havia notícias piores que ela podia ter ouvido.

Não havia defesa contra um Deslizador.

Toda alma estava exposta ao ataque de um Deslizador.

Do lado de fora da segunda porta, Nyda esperava no corredor, seu rosto tão sombrio como sempre, mas não tão sombrio quanto o de Ann. O corredor estava escuro a não ser pela fraca vindo das chamas imóveis de algumas velas. Nenhuma rajada de vento jamais chegou tão fundo dentro do Palácio. A única cor entre as rochas escuras destacando-se naquela pequena luz era o vermelho sangue do couro vermelho de Nyda.

Sendo puxada pela mão, sentindo uma mistura de emoções, Ann inclinou em direção à mulher e mostrou um olhar feroz. – Você falou para ele o que eu disse para falar, não falou?

– É claro. – Nyda respondeu quando recuou um passo atrás deles dois.

Virando metade do corpo para trás, Ann balançou um dedo para a Mord-Sith. – Farei você arrepender-se por ter falado para ele.

Nyda sorriu. – Oh, eu acho que não.

Ann girou os olhos e virou de volta para Nathan.

– A propósito, o que você está fazendo carregando uma espada? Você, entre todas as pessoas… um mago. Porque está carregando uma espada?

Nathan pareceu magoado. – Ora, Nyda acha que eu pareço arrojado com uma espada.

Ann fixou os olhos na passagem escura adiante.

– Aposto que ela acha.

CAPÍTULO 31



Em pé na borda de uma estreita projeção rochosa, Richard olhou para baixo, para as dispersas tiras cinzentas de nuvens abaixo. Em campo aberto, o frio ar úmido que descia sobre ele carregava os aromas de árvores de bálsamo, musgo, folhas molhadas, e solo saturado. Ele inalou profundamente os fragrantes lembretes do lar. A rocha, em maior parte granito, rachada e castigada pelo clima sendo transformada em blocos empilhados, parecia muito com as rochas das florestas de Hartland. As montanhas, porém, eram muito mais largas. A ladeira erguendo-se atrás dele era estonteante.

A oeste diante dele, bem longe lá embaixo, jazia uma vasta extensão de chão fraturado e colinas escarpadas sempre ascendentes acarpetadas em florestas. À esquerda e à direita dele, porque ele sabia o que estava procurando, ele conseguia distinguir a faixa de solo, desprovida de árvores, onde a fronteira estivera. Mais distante a oeste erguiam-se as montanhas menores, a maior parte estéreis, que limitavam o deserto. Aquele deserto, e o lugar chamado de Pilares da Criação, não estavam mais visíveis. Richard estava feliz por ter deixado aquilo para trás.

O céu estava livre dos Races de Bico Negro… pelo menos, por enquanto. As enormes aves provavelmente sabiam que Richard, Kahlan, Cara, Jennsen, Tom, e Owen estavam seguindo para oeste.

Richard tinha derrubado os últimos cinco Races quando eles haviam começado a reunirem-se em seu comportamento circular, surpreendendo eles ao estar bem alto no lado da montanha acima dos outros no grupo dele, mais próximo de onde os Races voavam.

Após matar os Races, Richard havia deixado o resto de sua pequena companhia dentro de florestas mais densas. Ele não achava que os Races que eles estavam vendo lá em cima tinham avistado eles desde então.

Agora que eles estavam viajando através de florestas com grandes árvores Richard pensou que, se ele fosse cuidadoso, eles podiam despistar seus observadores.

Se esse homem, Nicholas, os tinha visto através dos olhos daqueles cinco Races, então sabia que eles estiveram seguindo para oeste. Mas, agora que eles estavam escondidos, ele não poderia assumir que eles continuariam dirigindo-se para oeste.

Se Richard conseguisse desaparecer de onde as aves procurariam por ele, e não surgisse onde elas estariam esperando, então Nicholas podia ter outros pensamentos. Ele podia perceber que eles podiam ter mudado de direção e seguido para norte, ou sul. Nicholas poderia então começar a perceber que eles usaram aquele período de confusão para fugirem para algum outro lugar, para escaparem dele.

Era possível que Richard conseguisse mantê-los escondidos sob a proteção das árvores e fazendo isso impedisse que Nicholas os descobrisse. Richard não queria que o homem soubesse para onde eles haviam seguido, ou tivesse qualquer ideia de onde eles estivessem a qualquer momento. Dificilmente era uma certeza que ele conseguisse enganar Nicholas dessa forma, mas Richard pretendia tentar.

Protegendo os olhos com a mão, Richard analisou a elevação de densa floresta na frente deles para fixar a disposição da terra em sua mente antes que ele seguisse de volta para baixo da espessa vegetação onde os outros aguardavam. As faixas de nuvens abaixo eram apenas os pálidos reflexos do cobertor de obscuridade acima deles. O lado da montanha ascendia de forma íngreme dentro daquela cobertura úmida.

Enquanto Richard avaliava a rocha, a ladeira, e as árvores, ele finalmente encontrou o que buscava. Estudou a elevação da montanha uma última vez antes de verificar o céu novamente para ter certeza de que ele estava limpo. Não vendo Races… ou, para ser mais específico, quaisquer outras aves… ele foi até onde os outros esperavam. Sabia que só porque não viu ave alguma isso não significava que elas não estavam lá observando ele.

Poderia haver algumas dúzias de Races empoleirados em árvores onde ele jamais os avistaria. Mas, por enquanto, ele ainda estava onde elas esperariam que estivesse, então ele não estava muito preocupado.

Estava prestes a fazer o que elas não estariam esperando.

Richard escalou de volta o escorregadio banco de limo, folhas, e raízes molhadas. Na queda, ele só teria uma chance de agarrar a pequena projeção onde ele estivera antes de despencar no ar em uma queda de vários milhares de pés.

O pensamento naquela queda fez ele segurar com mais firmeza nas raízes para ajudar na escalada, e fez ele testar cuidadosamente cada pedaço de rocha onde ele colocava sua bota antes de lançar todo o seu peso sobre ele.

No topo do banco ele agachou sob galhos pendurados de finos bordos que cresciam no subosque de madeiras de lei projetando-se ao lado de enormes pinheiros em um esforço de captar a luz. Folhas de freixo e vidoeiro elevando-se acima do bordo coletavam as gotículas, até que suas folhas tivessem o máximo que podiam conter e liberavam deixando tudo cair em gotas que esparramavam-se nas folhas mais baixas acima da cabeça de Richard. Quando uma leve brisa pegou aquelas folhas mais elevadas, elas liberaram sua carga em uma chuva de súbitas mas breves torrentes.

Abaixando-se sob pequenos galhos de abeto, Richard seguiu sua trilha de volta através de amontoados de mirtilo dentro de

terreno mais aberto da tranquila floresta sob a espessa cobertura de antigas árvores perenes. Agulhas de pinheiro tinham sido amontoadas pelo vento em esteiras que acolchoavam os passos dele. Teias espiraladas tecidas por aranhas para capturar os pequenos insetos que voavam de um lado para outro por toda parte ao invés disso aninhavam a neblina e agora estavam pontilhadas por gotas de água cintilantes, como colares de joias em um mostruário.

De volta na protetora cobertura de rochas e a espessa formação de abetos jovens, Kahlan levantou quando viu Richard chegando. Quando ela levantou, então todos os outros viram ele, e levantaram também.

Richard agachou sob os finos galhos verdes.

– Viu algum Race, Lorde Rahl? – Owen perguntou, claramente nervoso a respeito dos predadores.

– Não. – Richard disse para ele enquanto pegava sua mochila e pendurava sobre um ombro. Ele enfiou o outro braço na segunda alça quando levantava a mochila até a costa. – Porém, isso não significa que eles não me viram.

Richard pendurou seu arco atrás do ombro esquerdo, junto com um cantil.

– Bem, – disse Owen, torcendo as mãos. – ainda podemos ter esperança de que eles não fiquem sabendo onde nós estamos.

Richard fez uma pausa para olhar o homem. – Esperança não é uma estratégia.

Enquanto todo o resto deles começou a coletar suas coisas depois da pequena pausa, pendurando acessórios nos cintos e mochilas nos ombros, Richard levou Cara pelo braço para fora da cobertura de pequenas árvores e puxou-a bem perto.

– Está vendo aquela elevação através dali? – ele perguntou enquanto a segurava perto para que ela pudesse ver para onde ele estava apontando. – Com a faixa de chão aberto que passa na frente do jovem carvalho com o galho morto quebrado pendurado?

Cara assentiu. – Logo depois de onde o solo eleva-se e segue por cima daquela gotejamento de água que corre descendo a face da rocha, manchando ela de verde?

– Esse é o ponto. Quero que você siga subindo aquela área, então corte para a direita, pegando aquela fenda subindo… aquela ali além daquela divisão na rocha, ali… e veja se consegue encontrar uma trilha subindo até a projeção seguinte acima dessas árvores aqui.

Cara assentiu. – Onde você estará?

– Vou levar o resto de nós subindo até a primeira quebra na ladeira. Estaremos lá. Volte e nos diga se encontrou um caminho acima da projeção.

Cara pendurou a mochila na costa e então pegou o cajado que Richard havia cortado para ela.

– Não sabia que Mord-Sith conseguiam cortar trilhas. – falou Tom.

– Mord-Sith não conseguem, – Cara disse. – eu, Cara, consigo. Lorde Rahl me ensinou.

Enquanto ela desaparecia no meio das árvores, Richard observou ela caminhar. Ela movia-se graciosamente, fazendo pouco barulho enquanto seguia caminho dentro da floresta sem trilha. Ela movia-se com uma economia de esforço que conservaria sua energia. Nem sempre foi assim; ela aprendeu bem as lições que ele deu a ela. Richard estava satisfeito em ver que as lições foram aprendidas e seus esforços não foram desperdiçados.

Owen adiantou-se, parecendo agitado. – Mas Lorde Rahl, não podemos ir por aquele caminho. – ele balançou uma das mãos para trás por cima do ombro. – A trilha vai naquele caminho. Aquele é o único caminho subindo e através da passagem. Lá fica o caminho para baixo, e com ele o caminho subindo de volta, agora que a Fronteira se foi. Ele não é fácil, mas é o único caminho.

– É o único caminho que você conhece. Pelo modo como aquela trilha parece ser usada, acho que também é o único caminho que Nicholas conhece. Ele parece ser o modo como as tropas da Ordem movem-se entrando e saindo de Bandakar.

– Se formos por aquele caminho os Races estarão observando. Se, por outro lado, não aparecermos, então ele não saberá para onde fomos. Quero manter isso assim de agora em diante. Estou cansado de bancar o rato para a coruja dele.

Richard deixou Kahlan liderá-los subindo através da floresta, seguindo a rota natural do terreno quando o caminho adiante estava razoavelmente evidente. Quando ela estava em dúvida olhava para trás em direção a ele para receber orientação. Richard olhava para onde ela deveria ir, ou apontava com a cabeça a direção que ele queria que ela tomasse, ou, em alguns casos, ele precisava dar algumas instruções a ela.

Pela disposição do terreno, Richard tinha certeza de que havia uma antiga trilha subindo através da passagem na montanha. Aquela passagem, que de longe parecia como a fenda na parede de montanhas, na realidade não era apenas uma mera fenda mas uma larga área fazendo curva enquanto subia de volta entre as montanhas. Richard não achava que o caminho que o povo Bandakar usava para banir pessoas através da Fronteira fosse o único caminho através daquela passagem. Com a Fronteira no lugar ele podia muito bem ter sido, mas a Fronteira não estava mais ali.

Pelo que ele tinha visto até agora, Richard suspeitava que uma vez houve uma rota que em tempos antigos era o principal caminho de entrada e saída. Aqui e ali ele conseguia discernir depressões que ele acreditava serem resquícios daquela antiga rota abandonada.

Embora sempre fosse possível que a antiga passagem tivesse sido abandonada por uma boa razão, como um deslizamento de terra que tornasse impossível passar, ele queria saber se aquele

caminho um dia utilizado ainda estava utilizável. Ele iria, no mínimo, já que ficava em uma parte diferente das montanhas do que o caminho conhecido, levá-los para longe de onde os Races provavelmente estariam procurando por eles.

Jennsen caminhava perto ao lado de Richard quando o caminho através de enormes pinheiros era aberto o bastante. Ela puxava Betty pela sua corda, impedindo-a de para experimentar plantas pelo caminho.

– Mais cedo ou mais tarde os Races nos encontrarão, você não acha? – Jennsen perguntou. – Quero dizer, se não aparecermos onde eles esperam nos encontrar, então você não acha que eles irão procurar até nos encontrarem?

Foi você quem falou que do céu eles podiam cobrir grandes distâncias e nos procurar.

– Talvez, – Richard disse. – mas será difícil nos avistar na floresta se usarmos nossas cabeças e ficarmos escondidos. Na floresta eles não podem procurar em tanta área como poderiam no mesmo espaço de tempo no deserto. Em campo aberto eles poderiam nos avistar a milhas de distância. Aqui, terão bastante trabalho a não ser que estejam realmente perto e nós sejamos descuidados.

– No momento em que não aparecermos onde a trilha conhecida segue para dentro de Bandakar, eles terão uma vasta área onde repentinamente precisarão procurar e não terão qualquer ideia em que direção olhar. Isso cria o problema para que eles nos encontrem.

– Não acho que a visão que Nicholas obtém através dos olhos deles pode ser muito boa, ou ele não precisaria reunir os Races de vez em quando para circular. Se conseguirmos ficar fora de vista tempo suficiente, então estaremos no meio das pessoas em Bandakar e assim para Nicholas, através dos olhos dos Races, será difícil, para não dizer impossível, nos diferenciar dos outros.

Jennsen ficou pensando nisso quando eles entraram em um grupo de Bétulas. Betty foi pelo caminho errado ao redor de uma árvore e Jennsen teve que parar para desengatar a corda. Todos encolheram os ombros quando uma brisa trouxe um verdadeiro chuveiro sobre eles.

– Richard, – Jennsen perguntou com uma voz malmente acima de um sussurro quando retornou ao lado dele. – o que você vai fazer quando chegarmos lá?

– Vou conseguir o antídoto para que eu não morra.

– Sei disso. – Jennsen afastou um tufo de cabelo vermelho molhado do rosto. – O que estou querendo dizer é, o que você vai fazer a respeito do povo de Owen?

Cada respiração que ele dava causava uma leve pontada de dor em seus pulmões. – Ainda não tenho certeza do que eu posso fazer.

Jennsen caminhou em silêncio durante um momento. – Mas você tentará ajudá-los, não é mesmo?

Richard olhou para sua irmã. – Jennsen, eles estão ameaçando me matar. Eles provaram que isso não é uma ameaça vazia.

Ela balançou os ombros, desconfortável. – Eu sei, mas eles estão desesperados. – ela olhou adiante para ter certeza de que Owen não escutaria. – Eles não sabem mais o que fazer para salvarem a si mesmos. Não são como você. Eles nunca lutaram contra alguém.

Richard respirou profundamente, a dor apertando contra seu peito quando ele o fez. – Você também nunca lutou contra alguém. Quando pensou que eu estava tentando matá-la, como nosso pai fez, e você acreditou que eu era responsável pela morte da sua mãe, o que você fez? Não quero dizer que você estava certa a respeito de mim, mas o que você fez em resposta ao que você acreditava que estava acontecendo?

– Decidi que se eu queria viver teria que matá-lo antes que você me matasse.

– Exatamente. Você não envenenou alguém e disse para ela fazer isso ou ela morreria. Você decidiu que a sua vida valia a pena ser vivida e que ninguém mais tinha o direito de tomá-la de você.

– Quando você está disposto a humildemente sacrificar o seu maior valor, a sua vida, a única que você terá, para qualquer valentão que em um capricho decide tirá-la de você, então você não pode ser ajudado. Você pode ser resgatado por um dia, mas no dia seguinte outro virá e novamente você irá prostrar-se voluntariamente diante dele. Você colocou o valor da vida do seu assassino acima da sua. Quando fornece a qualquer um que exige isso o direito da vida e da morte sobre você, já torna-se um escravo voluntário a procura de qualquer açougueiro que o domine.

Ela caminhou em silêncio durante algum tempo, pensando no que ele disse. Richard notou que ela movia-se através da floresta da forma como ensinou a Cara.

Ela estava quase tão em casa na floresta quanto ele.

– Richard. – Jennsen engoliu em seco. – Não quero que aquelas pessoas sejam machucadas. Eles já sofreram bastante.

– Diga isso para Kahlan se eu morrer com o veneno deles.

Quando eles chegaram ao ponto de encontro, Cara ainda não estava lá. Todos estavam prontos para um breve descanso.

O ponto, uma abertura na ladeira contra o granito que subia de forma íngreme até a projeção seguinte na montanha, era protegido bem lá no alto por enormes pinheiros e bem perto abaixo por arbustos. Após tanto tempo no calor do deserto, nenhum deles já estava acostumado com o frio úmido. Enquanto eles espalhavam-se para encontrar rochas como assento para que não tivessem que sentar no tapete úmido de folhas, Betty provava alegremente das plantas saborosas. Owen sentou no lado mais distante, longe de Betty.

Kahlan sentou perto de Richard sobre um pequeno amontoado de rochas. – Como você está? Parece que está com dor de cabeça.

– Não há nada a fazer a respeito disso por enquanto. – ele disse.

Kahlan inclinou chegando mais perto. O calor dela parecia muito bom contra o lado do corpo dele.

– Richard, – ela sussurrou. – lembra da carta de Nicci?

– O que tem ela?

– Bem, nós assumimos que essa Fronteira dentro de Bandakar ter caído foi a razão para o primeiro Farol de Alerta. Talvez estejamos errados.

– O que faz você pensar isso?

– Nenhum segundo Farol. – ela apontou com o queixo para noroeste. – Nós vimos o primeiro lá atrás. Estamos muito mais perto do local onde estava a Fronteira e não avistamos um segundo Farol.

– Exatamente. – ele falou. – Isso foi onde os Races estavam esperando por nós.

Ele lembrava muito bem quando eles encontraram a pequena estátua. Os Races estavam empoleirados em árvores ao redor.

Richard não sabia o que eles eram naquele momento, a não ser que eram grandes aves que ele nunca tinha visto. No instante em que Cara pegou a estátua, de repente todos os Races de Bico Negro levantaram voo.

Havia centenas.

– Sim, – disse Kahlan. – mas sem o segundo Farol, talvez esse não seja o problema que nós pensávamos ter causado o primeiro.

– Você está assumindo que o segundo Farol será para mim… que eu sou aquele ao qual ele é destinado e então nós o teríamos visto. Nicci disse que o segundo farol é para aquele que tem o poder para consertar o rompimento no selo. Talvez não seja eu.

Parecendo primeiro assustada com a ideia, Kahlan pensou naquilo. – Não tenho certeza se eu ficaria feliz com isso ou não. – ela encostou mais perto contra ele e colocou um braço em volta da coxa dele. – Mas não importa quem deve ser aquele que pode selar a brecha novamente, aquele que supostamente pode restaurar a Fronteira, não acho que ele será capaz de fazer isso.

Richard passou os dedos através do cabelo molhado. – Bem, se eu sou aquele que esse mago morto um dia acreditou que poderia restaurar a Fronteira, ele está errado. Eu não sei como fazer uma coisa assim.

– Mas você não percebe, Richard? Mesmo se você soubesse como, eu não acho que você poderia.

Richard olhou para ela com o canto dos olhos. – Pulando para conclusões e deixando levar-se pela sua imaginação, outra vez?

– Richard, encare isso, a Fronteira caiu por causa daquilo que eu fiz. É por isso que o Farol de Alerta era para mim… porque eu fiz o selo falhar. Você não vai tentar negar isso, vai?

– Não, mas temos muita coisa para aprender antes de sabermos o que realmente está acontecendo.

– Eu libertei as Notas, – ela disse. – não vai nos fazer bem algum tentar esconder-se desse fato.

Kahlan tinha usado magia antiga para salvar a vida dele.

Havia libertado as Notas para curá-lo.

Ela não teve tempo a perder; ele teria morrido dentro de momentos se ela não tivesse agido.

Além disso, ela não tinha ideia de que as Notas liberariam a destruição sobre o mundo. Não sabia que elas foram criadas fazia três mil anos a partir dos poderes do Submundo como uma arma projetada para consumir a magia. Disseram a ela apenas que devia usá-las para salvar a vida de Richard.

Richard sabia como era estar convencido dos fatos por trás de eventos e ninguém acreditar. Ele sabia que agora ela estava sentindo

aquela mesma frustração.

– Você está certa que não podemos nos esconder disso… se isso é um fato. Mas nesse momento não sabemos que é. Por outro lado, as Notas foram banidas de volta ao Submundo.

– E quanto ao que Zedd nos contou, sobre como uma vez que a cascata destrutiva de magia inicia… o que aconteceu… então não há como dizer se ela pode ser detida mesmo se as Notas forem banidas. Não existe experiência em um evento assim sobre a qual basear previsões.

Richard não tinha uma resposta para ela, e estava em desvantagem porque não tinha a educação dela em magia. Ele foi salvo de ter que especular quando Cara surgiu através de um estreito caminho com árvores de bálsamo. Ela tirou a mochila dos ombros e deixou-a escorregar até o chão quando sentou sobre uma rocha de frente para Richard.

– Você tinha razão. Nós podemos atravessar por ali. Para mim parece que consigo ver um caminho para continuar subindo a partir daquela projeção.

– Bom. – Richard falou quando levantou. – Vamos lá. As nuvens estão ficando mais escuras. Acho que precisamos achar um lugar para passarmos a noite.

– Avistei um lugar sob a projeção, Lorde Rahl. Acho que pode ser um lugar seco para ficarmos.

– Ótimo. – Richard pegou a mochila dela. – Eu carrego isso para você durante algum tempo, vamos deixar você ter um descanso.

Cara assentiu mostrando seu agradecimento, entrando na fila quando eles moveram-se através das árvores e imediatamente começaram a subir o bastante íngreme terreno ascendente. Havia bastante rocha exposta e raízes para fornecer bons locais para pisar e apoiar as mãos. Onde alguns desses pontos eram mais altos, Richard esticava-se para baixo para dar uma ajuda a Kahlan.

Tom ajudou Jennsen e passou Betty para cima algumas vezes, embora a cabra fosse melhor em escalar rochas do que eles. Richard imaginou que ele estava fazendo isso mais pela tranquilidade de Jennsen do que por causa de Betty. Jennsen finalmente falou a Tom que Betty conseguia subir sozinha.

Betty provou que ela estava certa, balindo para Tom após escalar sem esforço um ponto particularmente desafiador.

– Então porque você não me ajuda? – Tom falou para a cabra.

Jennsen sorriu junto com Richard e Kahlan.

Owen só observou enquanto seguia do outro lado ao redor da rocha. Estava com medo de Betty. Cara finalmente pediu sua mochila de volta, tendo satisfeito por tempo bastante a possibilidade de ser considerada frágil.

Pouco tempo depois que a chuva começou, eles encontraram a baixa fenda de uma abertura embaixo de uma borda proeminente, justamente como Cara havia dito que encontrariam. Não era uma caverna, mas um ponto onde uma placa do rosto da montanha acima quebrou e caiu.

Blocos no chão seguravam a placa suficientemente elevada para criar um abrigo embaixo dela. Não era grande, mas Richard achou que todos caberiam embaixo dela durante essa noite.

O chão estava sujo, cheio de folhas amontoadas e detritos da floresta como casca de árvore, musgo, e um monte de insetos. Tom e Richard usaram galhos que cortaram para rapidamente varrer o local. Então eles depositaram uma limpa cama de galhos de árvores para mantê-los acima da água que entrava.

A chuva estava começando a cair mais forte, então todos eles agacharam e apressaram-se para entrar embaixo da rocha. Não era um lugar de aparência confortável, sendo baixo demais para que eles ficassem em pé, mas era bastante seco.

Richard não ousou deixar que fizessem uma fogueira, agora que haviam deixado a trilha regular, caso contrário a fumaça seria

avistada pelos Races. Eles comeram uma refeição fria de carne, sobra de pão, e frutas secas. Estavam todos exaustos por escalarem o dia todo, e enquanto comiam conversaram pouco. Betty era a única que tinha espaço bastante para ficar em pé. Ela esfregou-se contra Richard até conseguir a atenção dele e uma coçadinha.

Enquanto a escuridão envolvia lentamente a floresta, eles observaram a chuva cair do lado de fora do seu acolhedor abrigo, escutando o som suave, todos sem dúvida imaginando o que jazia adiante em um império estranho que estivera isolado durante três mil anos. Tropas da Ordem Imperial também estariam lá.

Enquanto Richard sentava observando dentro da chuva escura, ouvindo os sons dos animais ocasionais ao longe, Kahlan enrolou-se ao lado dele, pousando a cabeça em seu colo. Betty foi mais fundo no abrigo e deitou junto com Jennsen.

Kahlan, sob o conforto da mão dele repousando suavemente no ombro dela, estava dormindo em momentos. Mesmo tão como estava do dia de árdua jornada, Richard não estava com sono.

Sua cabeça estava doendo e o veneno dentro dele fazia cada respiração incomodar. Ele imaginou o que derrubaria ele primeiro, o poder do seu Dom que estava causando as dores de cabeça, ou o veneno de Owen.

Ele também imaginava, como satisfaria as exigências de Owen dos homens dele para libertar o império deles para que pudesse ter o antídoto.

Eles cinco, ele, Kahlan, Cara, Jennsen, e Tom, dificilmente parecia o exército necessário para colocar a Ordem para fora de Bandakar.

Se não fizesse isso, e se não conseguisse chegar até o antídoto, sua vida estava chegando ao fim. Essa podia muito bem a sua última jornada.

Parecia que ele tinha acabado de voltar para junto de Kahlan depois de ter sido separado dela durante metade de sua vida. Ele

queria ficar com ela. Queria que os dois conseguissem ficar em paz.

Se ele não pensasse em alguma coisa, tudo que eles tinham um com o outro, tudo que tinham adiante deles, estava prestes a terminar. E isso sem ao menos considerar as dores de cabeça do Dom. Ou a Ordem Imperial dominando a Fortaleza do Mago.

CAPÍTULO 32



Richard agarrou a borda da rocha no rosto da abertura para ajudar a puxar a si mesmo para cima e para fora do buraco escuro na abrupta elevação de granito diante deles. Uma vez fora, ele esfregou os pequenos grãos de rocha das mãos quando virou para os outros.

– Ele atravessa. Não é fácil, mas ele atravessa.

Ele viu uma expressão de dúvida no rosto de Tom, e uma expressão de consternação no de Owen. Betty, suas orelhas peludas voltadas para frente no que Richard achou que só podia ser uma expressão de preocupação de cabra, olhou para baixo dentro do estreito abismo e baliu.

– Mas não acho que nós vamos conseguir. – Owen reclamou. – E se…

– Nós ficarmos presos? – Richard perguntou.

Owen assentiu.

– Bem, você tem uma vantagem sobre Tom e eu. – Richard falou quando pegou sua mochila ali perto no lado onde ele a deixara. – Você não é tão grande. Se eu consegui passar e voltar, então você consegue, Owen.

Owen balançou uma das mãos para a elevação à direita dele. – Mas e quanto aquele caminho? Não poderíamos simplesmente dar a volta?

– Eu também não gosto de entrar em lugares escuros, estreitos como esse, – Richard disse. – mas se formos dar a volta por aquele caminho temos que sair por cima das projeções. Você ouviu o

que Cara falou; é estreito e perigoso. Se esse fosse o único jeito seria outra coisa, mas não é.

– Os Races poderiam nos avistar ali fora. Pior, se eles quisessem, poderiam nos atacar e poderíamos facilmente cair ou ser empurrados por cima da borda. Não gosto de entrar em lugares como esse, mas não acho que gostaria de estar ali fora sobre uma borda castigada pelo vento que não é mais larga do que a sola da minha bota, com uma queda de milhares de pés direto se eu cometer um deslize, e então um daqueles Races aparecendo de repente para me rasgar com suas garras ou aqueles bicos afiados. Você iria preferir isso?

Owen lambeu os lábios quando curvou-se e olhou dentro da estreita passagem. – Bem, acho que você tem razão.

– Richard, – Kahlan perguntou em um sussurro quando o resto deles começou a tirar suas mochilas para que pudessem caber ali com mais facilidade. – se essa era uma trilha, como você suspeitou, porque não há um jeito melhor de atravessar?

– Acho que em alguma época nos últimos mil anos essa enorme seção da montanha partiu e desceu, vindo para nesse ângulo, deixando uma estreita passagem sob ela. – ele apontou para cima. – Está vendo ali em cima? Acho que toda essa parte aqui embaixo costumava estar lá em cima. Acho que agora ela está bem onde a trilha costumava estar.

– E não existe outro caminho a não ser essa caverna ou as projeções?

– Não estou dizendo isso. Acredito que tem outras velhas rotas, mas teríamos que retornar durante quase a maior parte do dia para chegar até a última bifurcação que eu vi, e também não há garantia naquela outra rota. Entretanto, se você realmente quiser, nós podemos voltar e tentar.

Kahlan balançou a cabeça. – Não podemos perder tempo. Precisamos chegar até o antídoto.

Richard assentiu. Ele não sabia como conseguiria livrar todo um império da Ordem Imperial para que eles pudessem chegar até o antídoto, mas teve algumas ideias. Precisava pegar o antídoto; não via razão para que tivesse de jogar de acordo com as regras de Owen… ou da Ordem.

Kahlan deu uma outra olhada para o estreito túnel escuro. – Tem certeza de que não tem cobras ali dentro?

– Não vi nenhuma.

Tom entregou a Richard sua espada. – Eu vou por último, – ele falou. – se você passou, eu consigo.

Richard assentiu quando colocava o boldrié sobre o ombro. Ele virou a bainha na cintura para livrá-la da rocha e então começou a entrar. Ele segurou a mochila contra o abdômen enquanto agachava para fazer ela entrar no pequeno espaço. A placa de rocha acima dele jazia em um ângulo, então ele não podia ficar em pé, mas tinha de virar para o lado e de volta quando entrou na escuridão. Quanto mais fundo ele entrava, mais escuro ficava. Quando os outros seguiram ele dentro da estreita passagem, isso bloqueou a maior parte da luz, fazendo ficar ainda mais escuro.

As chuvas dos dias recentes finalmente tinham acabado, mas riachos e água das chuvas continuavam a fluir da montanha. A caminhada difícil através da água até o tornozelo no fundo da caverna enviava ecos através do estreito confinamento. As ondas na água lançavam fracas luzes nas paredes molhadas, fornecendo ao menos alguma iluminação.

Ocorreu a ele o pensamento de que se ele fosse uma cobra, esse seria um bom lugar para chamar de lar.

Ocorreu-lhe também o pensamento de que se Kahlan, logo atrás dele, encontrasse uma cobra nesse espaço tão apertado, ela não ficaria feliz com ele no mínimo por levá-la até ali dentro.

Coisa que eram assustadoras do lado de fora eram diferentes quando você não podia manobrar, não podia correr.

O pânico parecia sempre espreitar em lugares apertados.

Conforme ficava mais escuro, Richard teve que tatear o caminho pela rocha fria. Em lugares onde a água escorria descendo a rocha, as paredes eram viscosas. Em alguns pontos havia lama, em outros rocha seca sobre a qual caminhar.

A maior parte, porém, era lodo. Folhas esponjosas haviam amontoado em alguns dos lugares baixos irregulares.

Pelo cheiro, estava óbvio que algum animal tinha morrido e estava decompondo-se em algum lugar dentro da gruta molhada. Ele ouviu gemidos e reclamações lá atrás quando o resto deles sentiu o fedor. Betty baliu mostrando sua infelicidade. O sussurro ecoante de Jennsen disse para a cabra ficar quieta.

Até mesmo o desgosto do fedor foi esquecido quando eles seguiram por baixo da imensa cortina de rocha projetada sobre o local onde a trilha costumava estar.

Essa não era uma caverna de verdade, como cavernas embaixo do solo que Richard já tinha encontrado. Era apenas uma estreita fenda sob o que era, em essência, uma grande rocha. Não havia câmaras e diferentes rotas com as quais preocupar-se; havia apenas um estreito vazio sob a rocha, então iluminar o caminho deles não era crítico. Ele também sabia que ela não era tão longa. Apenas parecia assim no escuro.

Richard alcançou o ponto onde o caminho em frente abruptamente começava a subir em um ângulo íngreme. Tateando as paredes ao redor para encontrar locais para agarrar, ele começou a difícil subida. Em alguns locais ele teve que apoiar sua costa contra uma parede e usar os pés contra a parede oposta, para apoiar-se enquanto procurava agarrar qualquer borda ou rachadura na rocha que pudesse encontrar para ajudar a levar o corpo para cima. Teve que equilibrar sua mochila no colo enquanto avançava, e evitar que sua espada ficasse engatada. Era um avanço lento.

Richard finalmente alcançou o alto ponto onde a rocha de cima havia caído. O buraco deixado sob a montanha de rocha era basicamente horizontal, ao invés de vertical, como havia sido.

Rocha repousava através da borda da maior parte da projeção, mas havia um local com amplo espaço para eles passarem, por cima da bora e então sob a placa acima deles. Uma vez em cima do local plano, ele inclinou-se o mais que podia, esticando uma das mãos para baixo para ajudar Kahlan.

Ele ouviu grunhidos de esforço abaixo de Kahlan enquanto o resto da pequena companhia seguia caminho subindo a passagem escarpada.

Do seu ponto sobre a placa de rocha, Richard finalmente conseguiu ver luz adiante e luz acima. Ele tinha feito reconhecimento da rota e sabia que eles estavam perto de saírem do outro lado, mas primeiro eles tinham de cruzar a projeção de rocha onde a placa deixava pouco espaço acima deles. Era um confinamento desconfortável.

Richard não gostava de lugares assim. Ele sabia, porém, que não havia outro jeito de atravessar. Esse era o local com o qual ele mais preocupava-se. Apertado como era, felizmente ele estava perto do final.

– Temos que rastejar sobre nossas barrigas a partir daqui. – ele falou para Kahlan. – Segure meu tornozelo. Peça para que todos atrás façam o mesmo.

Kahlan espiou adiante em direção a luz vindo da abertura. O brilho daquela luz tornava difícil enxergar para os lados. – Richard, ela não parece grande o bastante. É só uma rachadura.

Richard empurrou sua mochila dentro da rocha.

– Tem um jeito. Logo estaremos fora.

Kahlan soltou um profundo suspiro. – Está certo. Quanto mais cedo melhor.

– Me escute, – ele gritou para trás dentro da escuridão. – estamos quase fora.

– Se nos fizer passar por cima de qualquer outro animal apodrecendo, darei uma paulada em você. – Jennsen gritou para ele. Todos riram.

– Não tem mais nada disso, – Richard disse. – mas tem um ponto difícil em frente. Eu passei por ele, então sei que todos nós podemos conseguir. Mas vocês precisam me escutar e fazer o que disser. Rastejem sobre o estômago, empurrando sua mochila na frente de vocês. Segurem o tornozelo da pessoa na frente. Desse jeito todos vocês seguirão no lugar certo.

– Verão a luz na frente de vocês. Não podem seguir em direção a luz. Esse não é o caminho de saída. O teto desce baixo demais e a ladeira da rocha começa a descer para a esquerda. Se escorregarem ali embaixo ela fica ainda mais estreita; não conseguirão sair. Temos que dar a volta pelo local com o teto baixo. Temos que contornar pelo lado direito, onde está escuro, mas não tão baixo. Todos entenderam?

Vozes concordando ecoaram da escuridão.

– Richard, – Jennsen falou em voz baixa. – não gosto de estar aqui. Eu quero sair.

A voz dela carregava um toque de pânico.

– Eu também não gosto, – ele falou para ela. – mas já passei por aqui e saí do outro lado. Eu consegui atravessar e voltar. Você ficará bem. Apenas me siga e não terá problema.

A voz dela chegou até ele saindo da escuridão. – Eu quero voltar.

Richard não podia deixar ela voltar. As projeções, onde eles estavam expostos aos Races, eram perigosas demais.

– Aqui, – Kahlan falou para ela. – você vem na minha frente. Segure no tornozelo de Richard e você estará do lado de fora antes do resto de nós.

– Eu garantirei que Betty veja você atravessar e a siga. – Tom ofereceu-se.

Isso pareceu acabar com o impasse. Jennsen moveu-se para cima até a borda e entregou sua mochila. Richard, deitado sobre o estômago no baixo pedaço da projeção, segurou a mão dela para ajudá-la a subir.

Quando ela viu na luz o quanto aquilo era baixo e apertado, que Richard teve que deitar sobre o estômago, ela começou a tremer. Quando Richard ajudou-a a subir, e o rosto dela chegou perto dele, ele conseguiu ver as lágrimas dela na fraca luz. Seus olhos azuis arregalados observaram o caminho adiante, o quanto ele era baixo. – Por favor, Richard, estou com medo. Não quero entrar ali embaixo.

Ele assentiu. – Eu sei, mas não é longe. Não vou deixar você ficar aqui. Vou providenciar para que você consiga sair.

Ele encostou a mão no lado do rosto dela. – Eu prometo.

– Como sei que você cumprirá sua promessa?

Richard sorriu. – Magos sempre cumprem as suas promessas.

– Você disse que não sabe muito a respeito de ser um mago.

– Mas sei como cumprir promessas.

Ela finalmente concordou e deixou ele ajudá-la a subir o resto do caminho. Quando ele puxou-a completamente para cima sobre a projeção do lado da montanha, e ela realmente sentiu como o teto de rocha não deixava para ela qualquer espaço para levantar e que tinha de ficar deitada apenas para encaixar ali, e pior, que o teto de rocha estava apenas a poucas polegadas acima de sua costa, ela começou a tremer de terror.

– Eu sei como você está se sentindo, – ele falou para ela. – eu sei, Jennsen. Eu também odeio isso, mas não temos escolha. Não é perigoso se você apenas me seguir através do lugar onde tem espaço. Apenas me siga e estaremos lá fora antes que você perceba.

– E se isso desabar e nos esmagar? Ou se descer apenas o bastante para nos prender e de forma que não consigamos nos

mover ou respirar?

– Não vai acontecer, – ele insistiu. – isso esteve aqui durante eras. Não vai descer. Não vai.

Ela assentiu mas ele não sabia se ela realmente o escutou. Ela começou a gemer quando ele virou-se para que pudesse guiá-la até a saída.

– Segure meu tornozelo. – ele falou para ela. – Aqui, empurre a sua mochila para mim e eu cuidarei dela para você. Então você só terá que preocupar-se em segurar meu tornozelo e me seguir.

– E se ficar apertado demais e eu não conseguir respirar? Richard, e se eu não conseguir respirar?

Richard manteve sua voz calma e confiante. – Eu sou maior do que você, então se eu encaixei, você também vai.

Ela apenas assentiu enquanto tremia. Ele esticou a mão para trás e teve que dizer novamente para que ela entregasse a sua mochila antes de fazer como ele estava orientando. Assim que tinha a mochila dela, ele amarrou as alças na mochila dele e empurrou as duas adiante. Ela agarrou o tornozelo dele como se isso fosse a única coisa que a impedisse de cair dentro dos braços do Guardião do Submundo.

Porém, ele não reclamou a respeito do quanto ela o apertava com força; ele conhecia o medo dela.

Richard empurrou as mochilas para frente e começou a avançar lentamente. Tentou não pensar no teto áspero de rocha apenas um palmo acima de sua costa. Sabia que ele tornaria-se mais plano antes que eles saíssem. A projeção de rocha inclinava para cima à direita levemente, dentro da escuridão. A luz estava à esquerda, e descendo.

Parecia como se o caminho mais fácil para sair fosse seguir direto em direção da abertura. Não ficava longe. Ao invés disso, eles tinham que seguir para cima, dentro da escuridão e ao redor do estreitamento da fenda para contornar até um local onde eles

conseguiriam atravessar. Forçando o corpo a subir, dentro da escuridão onde parecia mais apertado e mais fechado, ao invés de seguir em direção da luz da abertura, parecia errado, mas ele já tinha feito o reconhecimento da rota e sabia que os seus sentimentos a respeito disso estavam errados.

Conforme ele movia-se mais fundo dentro da escuridão, contornando a área onde era impossível passar no centro da câmara, ele alcançou o ponto onde a rocha acima ficava mais baixa. Avançando mais, ela desceu até pressionar contra a sua costa. Ele sabia que não estava longe, não mais do que uns doze pés, mas, sem conseguir respirar profundamente, a passagem apertada era assustadora.

Richard empurrou as mochilas adiante enquanto contorcia e rastejava o corpo. Tinha que empurrar com as pontas das botas e, com seus dedos encontrando qualquer apoio disponível, puxar seu peito, forçar o corpo a seguir em frente dentro da escuridão, para longe da luz.

Os dedos de Jennsen estavam apertados como garras de aço no tornozelo dele.

Estava tudo bem para Richard, pois então ele podia ajudar a puxá-la junto com ele. Ele queria ser capaz de ajudá-la a avançar quando ela chegasse ao ponto que comprimiria o peito dela.

E então, repentinamente ela soltou o tornozelo dele.

CAPÍTULO 33



Atrás dele, Richard podia ouvir Jennsen afastando-se. – Jennsen? O que está acontecendo? O que você está fazendo? – ela estava chorando, gemendo de terror, enquanto acelerava em direção à luz na abertura.

– Jennsen! – Richard gritou para ela. – Não vá por aquele caminho! Fique comigo! – apertado como estava, ele não conseguia virar facilmente para ver. Forçou o corpo em frente, rastejando de lado, tentando avistá-la.

Jennsen estava seguindo em direção à luz, ignorando ele enquanto ele a chamava.

Kahlan arrastou-se até ele. – O que ela está fazendo?

– Ela está tentando sair. Ela vê a abertura, a luz, e não me escuta.

Richard empurrou as mochilas e avançou freneticamente, movendo-se para dentro da área além do ponto apertado, para onde era aberto o suficiente para que ele pudesse finalmente respirar normalmente e quase ficar de quatro.

Jennsen gritou. Richard podia vê-la arranhando a rocha freneticamente, mas ela não estava fazendo qualquer progresso. Em um esforço alucinado, ela tentou empurrar-se adiante, mas, ao invés disso, ela escorregou para o lado descendo mais a ladeira, espremendo-a mais ainda.

Cada respiração ficava mais ofegante enquanto ela empurrava-se e esticava-se mais fundo.

Richard chamou-a, tentando fazer ela escutar, fazer como ele dizia. Em seu desespero, ela não estava respondendo a nenhuma das instruções dele. Ela via a abertura, queria sair, e não escutaria ele.

O mais rápido que podia, Richard rastejou através da escuridão e fez a volta em direção da abertura, guiando Kahlan, Owen, Cara, e Tom através do único caminho que ele sabia através do qual eles conseguiriam. Kahlan segurou firme no tornozelo dele e ele podia ouvir pelo esforço ofegante que o resto deles estavam todos seguindo em uma fila atrás dela.

Jennsen gritou de terror. Ela lutou loucamente, mas não conseguia mover-se. Presa como estava, com rocha comprimindo sua caixa torácica por cima e por baixo, estava ficando difícil para ela respirar.

– Jennsen! Respire devagar! Devagar!

Richard falou para ela enquanto arrastava-se em direção da abertura. – Respire devagar! Respire!

Richard finalmente alcançou a abertura. Ele emergiu da escura fenda, cerrando parcialmente os olhos na luz súbita. De joelhos, ele inclinou-se e ajudou Kahlan a sair. Betty saiu, de alguma forma tendo passado pelo resto das pessoas. Quando Owen e depois Cara rastejaram para fora da abertura, Richard passou o boldrié por cima da cabeça e entregou sua espada para Kahlan.

Tom gritou que ele estava retornando para tentar alcançar Jennsen.

Logo que o resto deles estava do lado de fora em segurança, Richard mergulhou de volta dentro da fissura. Entrando com a cabeça primeiro, de quatro, ele seguiu rapidamente no escuro. Conseguiu ver que Tom, no ângulo em que aproximava-se, não tinha chance de chegar até ela.

– Tom, eu vou buscá-la.

– Posso alcançá-la, o homem disse mesmo quando estava ficando preso.

– Não, não pode. – Richard disse com um tom firme. – Querer não vai mudar isso. Só vai conseguir ficar preso. Me escute. Volte, agora, ou o seu peso vai ajudar a empurrá-lo para baixo e fazer com que fique tão preso que não vamos conseguir retirá-lo. Volte, agora, enquanto ainda consegue. Vá. Deixe que eu vá buscá-la.

Tom observou Richard movendo-se atrás dele, e então, fazendo uma careta que mostrava o quanto ele estava infeliz em fazer isso, ele começou a empurrar-se de volta para dentro da escuridão, onde havia algumas preciosas polegadas a mais de espaço que permitiriam que ele conseguisse voltar.

Richard seguiu através do ponto apertado e então moveu-se descendo a ladeira de modo que não ficasse de frente para a descida enquanto tentava ajudar Jennsen e possivelmente ficasse mais apertado do que ele queria.

Se não fosse cuidadoso, faria a mesma coisa que Tom estivera prestes a fazer. Lá embaixo na escuridão, Jennsen gritou em pânico.

Richard, com a barriga no chão, rastejou e serpenteou mais fundo, o tempo todo movendo-se para a sua esquerda, descendo na projeção de rocha. – Jennsen, respire. Estou chegando. Está tudo bem.

– Richard! Por favor não me deixe aqui! Richard!

Richard falou com uma voz calma, tranquila, enquanto fazia a volta por trás dela dentro da parte mais apertada da caverna. – Não vou deixar você. Você vai ficar bem. Só espere por mim.

– Richard! Não consigo me mover! – ela grunhiu fazendo esforço. – Não consigo respirar! O teto está descendo! Está se movendo… posso sentir ele descendo. Está me esmagando! Por favor me ajude! Richard… por favor não me deixe!

– Você está bem, Jennsen. O teto não está se movendo. Você só está presa. Vou tirar você num minuto.

Mesmo enquanto ele seguia para dentro do ponto baixo, tentando aproximar-se por trás dela, ela ainda estava lutando para

avançar, tornando a coisa pior… não havia como ela pudesse avançar e conseguir sair. Porém, enquanto ela continuava lutando, estava lentamente escorregando mais fundo da ladeira e a cada respiração frenética ficando cada vez mais presa. Ele podia ouvir o quão desesperadamente ela estava tentando respirar, realizar cada inspiração contra a imutável compressão da rocha.

Finalmente, dando a volta completa por trás dela, Richard começou a empurrar o corpo no caminho em que ela seguiu. Ela havia entrado dentro de um estreito canal que fechava descendo no lado mais elevado dela, então não havia como movê-la para o lado subindo a ladeira; ele tinha que trazê-la de volta subindo pelo caminho através do qual ela entrou. Tinha que fazer ela afastar-se da luz e retornar para dentro daquilo que ela temia.

O teto de rocha esfregava contra a costa dele, tornando difícil respirar profundamente. Ele precisava efetuar respirações curtas enquanto seguia mais fundo. Quanto mais longe entrava, ele não conseguia nem respirar tão profundamente assim.

A necessidade de ar, de respirar profundamente, fez a dor do veneno parecer como facas espetando em suas costelas. Com os braços esticados para frente, Richard usou as suas botas para forçar o corpo mais fundo, tentando ignorar o seu próprio senso crescente de pânico. Ele pensou no fato de que havia outros que sabiam onde ele estava, que não estava sozinho. Com a poderosa sensação de que uma montanha de rocha o estava esmagando, pensar de forma racional era difícil, especialmente quando o baixo pedaço de rocha no qual ele estava espremido mal permitia ele conseguir qualquer ar e ele estava desesperadamente avançando mais fundo tentando alcançar Jennsen. Ele sabia que tinha de ajudar a tirá-la de onde ela estava presa ou ela morreria ali.

– Richard, – ela gritou. – isso dói. Não consigo respirar. Estou presa. Queridos espíritos, não consigo respirar. Por favor, Richard, estou com medo.

Richard esticou-se, tentando alcançar o tornozelo dela. Estava longe demais. Ele teve que virar sua cabeça para o lado para avançar. As duas orelhas esfregaram contra rocha. Ele balançou o corpo, espremendo-se mais ainda que seu bom senso estivesse dizendo que ele já estava com problemas.

– Jennsen, por favor, preciso que você me ajude. Preciso que você empurre o corpo para trás. Empurre para trás com as mãos. Empurre para trás em direção a mim.

– Não! Eu tenho que sair! Estou quase lá!

– Não, você não está quase lá. Não pode conseguir por esse caminho. Tem de confiar em mim. Jennsen, você tem que empurrar-se para trás para que eu consiga alcançá-la.

– Não! Por favor! Eu quero sair! Eu quero sair!

– Vou tirar você, eu prometo. Apenas empurre o corpo para trás para que eu consiga alcançá-la.

Com ela bloqueando a luz ele não conseguia saber se ela estava fazendo como ele instruiu ou não. Ele espremeu-se adiante outra polegada, então outra. Sua cabeça estava quase presa. Ele não conseguia imaginar como ela conseguiu entrar tão longe quanto havia entrado.

– Jennsen, empurre-se para trás. – a voz dele estava saindo com esforço. Ele não conseguia inspirar ar suficiente para falar e respirar também.

Seus dedos esticaram adiante, quase alcançando, esticando, alcançando. Seus pulmões ardiam pedindo ar. Ele só queria respirar bem fundo. Precisa desesperadamente respirar. Não conseguir respirar não era apenas doloroso, mas apavorante. O coração dele pulsava forte em seus ouvidos.

Tão alto como eles estavam nas montanhas, o ar já era escasso e estava difícil conseguir ar suficiente do jeito que estava. Limitado a dar respiradas curtas estava deixando ele tonto. Se ele não voltasse

logo para onde ele conseguiria respirar, os dois ficariam para sempre nesse lugar terrível.

As pontas dos dedos de Richard alcançaram a beira da sola da bota de Jennsen. Porém, ele não conseguia segurar firme no pé dela.

– Empurre-se para trás. – ele sussurrou no escuro. Era tudo que ele conseguia fazer para manter o seu próprio pânico sob controle.

– Jennsen, faça como eu digo. Empurre para trás. Faça isso.

A bota de Jennsen moveu-se para trás dentro da mão dele. Ele agarrou-o bem firme e imediatamente começou a recuar algumas polegadas. Puxando com toda sua força, ele lutou para arrastá-la de volta com ele.

Não importava o quanto tentasse, ela não se movia. Ou ela estava bem presa, ou estava lutando para avançar.

– Empurre para trás, – ele sussurrou outra vez. – use as suas mãos, Jennsen. Empurre para trás em direção a mim. Empurre.

Ela estava gemendo e gritando alguma coisa que ele não conseguia entender. Richard enfiou as botas, no topo e na parte de baixo, na fenda estreita e então puxou com toda sua força. Seu braço tremeu com o esforço. Ele conseguiu arrastá-la para trás algumas polegadas.

Ele contorceu o corpo de volta a mesma distância e puxou novamente. Com esforço agonizante, ele lentamente, dolorosamente, começou a arrastá-la para fora do beco sem saída em que ela tinha se enfiado em uma frenética tentativa de sair.

Às vezes, ela tentava espremer-se de volta em direção à luz. Richard, com a rocha comprimindo-o, mantinha uma pegada firme na bota dela e puxava de volta mais ainda, não permitindo que ela tomasse de volta qualquer distância que ele ganhara.

Ele não conseguia endireitar a cabeça. Isso tornava mais difícil usar os seus músculos para mover os dois. Com a cabeça

deitada para a direita, ele esticou o braço esquerdo para trás e agarrou um pequeno pedaço de rocha no teto, usando-o para ajudar a arrastá-los de volta. Com o braço direito, esticou-se para frente e segurando-a pela bota, puxou-a para trás polegada por polegada.

Quando esticava-se para trás novamente para encontrar outro ponto para segurar, Richard viu algo não muito longe à sua esquerda, descendo a ladeira, engatado onde a rocha estreitava. No início ele achou que era uma rocha. Enquanto ele lutava para arrastar Jennsen de volta, ele olhou para a coisa que também estava presa na rocha. Esticou-se para o lado e tocou-a. Era lisa e não parecia de modo algum com granito.

Quando ele começou a fazer um bom progresso recuando ele esticou-se para o lado e conseguiu colocar os dedos em volta da coisa. Puxou-a para o lado dele e continuou a recuar.

Com grande alívio, finalmente ele estava de volta longe o suficiente até onde ele era capaz de conseguir bastante ar. Ele ficou parado durante algum tempo, apenas recuperando seu fôlego.

Porém, quase tanto quanto queria o ar, ele queria sair.

Enquanto conversava com Jennsen, distraindo-a com instruções que ela seguia apenas de forma intermitente, ele começou a forçá-la para trás e para a direita, onde havia mais espaço. Finalmente, ele conseguiu mover-se subindo até o lado dela e segurou seu pulso. Uma vez que estava com ela, ele começou a levá-la de volta subindo a ladeira, para dentro da escuridão, para dentro do lugar apertado que ele sabia era o único verdadeiro caminho de saída.

Com ele ao lado dela, ela estava um pouco mais cooperativa. O tempo todo, ele continuava acalmando-a.

– Esse é o caminho, Jennsen. Esse é o caminho. Não vou deixar você. Vou tirar você daqui. Esse é o caminho. Apenas venha comigo e estaremos fora daqui em poucos minutos.

Quando eles seguiram caminho subindo para dentro do ponto escuro, apertado, ela começou a lutar outra vez, tentando rastejar para a luz da abertura outra vez, mas ele estava bloqueando o caminho dela. Ele ficou perto ao lado dela enquanto mantinha os dois movendo-se para frente. Ela pareceu encontrar força nas constantes garantias dele e na pegada firme dele em seu pulso. Ele não estava disposto a deixá-la escapar dele outra vez.

Quando eles espremeram-se até o lugar onde o teto subiu um pouco, ela começou a chorar com ansiosa alegria. Ele conhecia a sensação. Assim que o teto subiu um pé ou dois, ele avançou o mais rápido que podia para levá-la até a abertura, até a luz.

Os outros estavam esperando logo na entrada para ajudar a puxá-los para fora. Richard segurava a coisa que pegou sob o braço esquerdo enquanto ele ajudava a empurrar Jennsen para fora primeiro. Ela correu até os braços de Tom, mas apenas até Richard rastejar para fora e ficar de pé. Então, chorando de alívio, Jennsen voou para dentro dos braços dele, agarrando-se a ele como se disso dependesse a sua própria vida.

– Eu sinto muito, – ela falou repetidas vezes enquanto chorava. – eu sinto muito, Richard. Eu estava com tanto medo.

– Eu sei. – ele confortou-a enquanto a abraçava.

Ele já estivera em uma situação similar onde pensou que poderia jamais sair de um lugar terrível assim, então ele entendia. Em uma circunstância tão estressante, onde você temia estar prestes a morrer, era fácil ser dominado pela cega necessidade de escapar… de viver.

– Eu me sinto tão confusa.

– Eu também não gosto de lugares assim. – ele disse.

– Eu entendo.

– Mas eu não entendo. Nunca tive medo de lugares como esse. Desde que era muito jovem eu me escondi em pequenos espaços apertados. Lugares assim sempre me fizeram sentir segura

porque ninguém podia me encontrar ou me pegar. Quando você passa sua vida fugindo e escondendo-se de alguém como Darken Rahl, você começa a apreciar lugares pequenos, escuros, confinados.

– Não sei o que deu em mim. Foi a coisa mais estranha. Foi como esses pensamentos de que eu não sairia, que eu não conseguia respirar, que eu morreria, simplesmente começaram a surgir em minha cabeça. Sentimentos que eu nunca senti simplesmente começaram a tomar conta de mim. Pareciam simplesmente me dominar. Nunca fiz nada como aquilo.

– Ainda sente esses estranhos sentimentos?

– Sim, – ela falou enquanto chorava. – mas estão começando a desaparecer, agora que estou fora, agora que acabou.

Todos os outros tinham se afastado para dar a ela o tempo que precisava para recompor-se. Eles sentaram não muito longe esperando sobre velha tora que estava prateada exposta ao clima.

Richard não tentou apressá-la. Apenas abraçou-a e fez com que ela soubesse que estava segura.

– Eu sinto muito, Richard. Eu me sinto como uma tola.

– Não precisa. Agora acabou.

– Você manteve a sua promessa. – ela falou em meio às lágrimas.

Richard sorriu, feliz por ter feito isso.

Owen, seu rosto tenso de preocupação, parecia não conseguir evitar fazer uma pergunta. – Mas Jennsen? – ele perguntou quando caminhou adiante. – Porque você não usou magia para ajudar a si mesma?

– Não posso usar magia mais do que você.

Ele esfregou as palmas nos quadris. – Poderia se você se soltasse. Você é uma pessoa que é capaz de tocar a magia.

– Outras pessoas podem ser capazes de fazer magia, mas eu não posso. Não tenho habilidade para isso.

– O que outras pessoas pensam que é magia é apenas eles mesmos enganando os seus sentidos e apenas os deixa cegos para a verdadeira magia. Os nossos olhos nos cegam, os nossos sentidos nos enganam… como eu expliquei antes. Somente aqueles que nunca viram a magia, somente aqueles que nunca a usaram, sentiram, a perceberam, somente aqueles que não possuem qualquer habilidade ou faculdade para isso, podem realmente entendê-la e assim somente eles podem ser verdadeiros praticantes da verdadeira magia. A magia deve ser baseada inteiramente na fé, se queremos que ela seja real. Você deve acreditar, e então pode verdadeiramente enxergar. Você é uma pessoa que pode fazer magia.

Richard e Jennsen ficaram olhando para o homem.

– Richard, – Kahlan disse com uma voz estranha antes que ele pudesse falar alguma coisa para Owen. – o que é isso.

Richard piscou para ela. – O quê?

Ela apontou. – Isso, aí, embaixo do seu braço. O que é isso?

– Oh, – ele disse. – uma coisa que eu encontrei presa na rocha perto de Jennsen, lá onde ela estava engatada. No escuro, eu não conseguia definir o que era a não ser que não era rocha.

Ele tirou-a para dar uma olhada.

Era uma estátua.

Uma estátua parecida com ele, usando sua roupa de Mago Guerreiro. A capa estava fixada no lugar enquanto ela girava para o lado das pernas dela, tornando a base mais larga do que a cintura.

A porção mais baixa da figura era de uma cor âmbar translúcida, e através dela podia ser visto um fio de areia escorrendo que tinha preenchido quase toda a metade inferior.

Entretanto, a estátua não era toda âmbar, como era a de Kahlan. Perto do meio, obscurecendo a parte estreita onde a areia escorria, o âmbar translúcido da parte inferior começava a escurecer.

Quanto mais alta a parte da figura, mais escura ela ficava.

O topo… os ombros e a cabeça… era tão negra quanto uma Pedra da Noite.

Uma Pedra da Noite era uma coisa do Submundo, e Richard lembrava muito bem qual era a aparência daquele objeto maligno. O topo da estátua parecia feito do mesmo material sinistro, todo lustroso, liso e tão negro que parecia como se pudesse sugar a luz do dia.

O coração de Richard ficou pesado ao ver ele mesmo representado dessa forma, como um talismã tocado pela morte.

– Ela fez isso, – Owen disse, balançando um dedo acusador para Jennsen ainda abrigada sob o braço direito de Richard. – ela fez isso com magia. Eu disse para você que ela podia. Ela criou isso com magia maligna lá naquela caverna quando ela não estava pensando. A magia tomou conta e então saiu dela, quando ela não estava pensando sobre como não conseguia fazer magia.

Owen não tinha ideia do que estava falando. Essa não era uma estátua que Jennsen fez. Esse era o segundo Farol de Alerta, designado a alertar aquele que poderia selar a brecha.

– Lorde Rahl…

Richard levantou os olhos. Era a voz de Cara.

Ela estava em pé a uma certa distância, de costas para eles, olhando para um pequeno ponto do céu através das árvores. Jennsen virou nos braços dele para ver o que tinha causado o tom estranho na voz de Cara. Segurando a sua irmã bem perto, ele caminhou atrás de Cara e espiou através das árvores para onde ela estava olhando.

Através de uma pequena área na cobertura de pinheiros, ele podia ver a borda da montanha passando acima deles.

Com a silhueta destacada contra nuvens cinzentas como ferro que passavam lentamente, havia algo feito pelo homem.

Parecia com uma enorme estátua posicionada sobre a passagem.

CAPÍTULO 34



O vento gelado chicoteava contra as roupas de Richard e Kahlan enquanto eles espremiam-se perto de um grupo de abetos. Nuvens baixas, esparsas, corriam como se desejassem escapar das colossais, escuras, nuvens rodopiantes que se juntavam acima deles. Gordos flocos de neve dançavam nas rajadas de ar frio. As orelhas de Richard ardiam no frio entorpecente.

– O que você acha? – Kahlan perguntou.

Richard balançou a cabeça. – Não sei. – Ele olhou para trás deles, de volta dentro do abrigo das árvores. – Owen, tem certeza de que você não sabe o que é isso? Não tem ideia alguma?

As nuvens carregadas formavam um nefasto pano de fundo para a imponente estátua sobre a cumeada.

– Não, Lorde Rahl. Eu nunca estive aqui; nenhum de nós jamais viajou por essa rota. Não sei o que poderia ser. A não ser que… – as palavras dele desapareceram no meio do gemido do vento.

– A não ser o quê?

Owen encolheu-se, torcendo o botão em seu casaco enquanto olhava para a Mord-Sith de um lado dele e Tom e Jennsen do outro. – Existe uma profecia… daqueles que nos deram o nosso nome e nos protegeram selando a passagem. Dizem que quando eles deram esse nome ao nosso império, eles também nos disseram que um dia um salvador viria até nós.

Richard queria perguntar ao homem exatamente do que ele achava que eles precisavam ser salvos… se eles viviam em uma

cultura tão esclarecida onde eles estavam seguros dos "selvagens" não esclarecidos do resto do mundo. Ao invés disso, ele fez uma pergunta mais simples que achou que Owen poderia ser capaz de responder.

– Então você acha que talvez essa seja uma estátua dele, do seu salvador?

Owen inquietou-se, seus ombros finalmente trabalhando em um balanço. – Ele não é apenas um salvador. A profecia também diz que ele vai nos destruir.

Richard franziu a testa para o homem, esperando que essa não fosse outra das crenças confusas dele.

– Esse salvador de vocês vai destruí-los. Isso não faz sentido.

Owen foi rápido em concordar. – Eu sei. Ninguém entende isso.

– Talvez signifique que alguém virá para salvar o seu povo, – Jennsen sugeriu. – mas ele falhará e acabará destruindo eles na tentativa.

– Talvez. – o rosto de Owen contorceu com o desgosto de ter que contemplar tal resultado.

– Talvez, – Cara sugeriu com um tom sério. – signifique que esse homem virá, e após ver o seu povo, decida que não vale à pena salvá-los, – ela inclinou em direção a Owen – e ao invés disso decida destruí-los.

Owen, enquanto olhava para Cara, pareceu estar considerando as palavras dela como uma possibilidade real, ao invés do sarcasmo que Richard sabia que elas seriam.

– Não acho que esse seja o significado. – Owen finalmente falou para ela após grande consideração. Ele virou de volta para Richard. – A profecia, como foi ensinada a nós, você percebe, diz, primeiro, que virá um homem que irá nos destruir. Então ela continua para dizer que ele é aquele que irá nos salvar. "O seu destruidor virá e ele os redimirá", – Owen citou. – foi assim que nos

ensinaram as palavras, como elas foram ditas para o meu povo quando fomos colocados aqui, além dessa passagem.

– "O seu destruidor virá e ele os redimirá". – Richard repetiu. Ele soltou um paciente suspiro.

– Seja lá o que ela originalmente falou, provavelmente foi confundida e ficou fora de contexto conforme foi passando adiante. Provavelmente ela não seja mais parecida com a frase original.

Ao invés de discordar, como Richard esperava, Owen assentiu. – Alguns acreditam, como você diz, que com o passar do tempo desde que fomos protegidos e recebemos o nosso nome, talvez as verdadeiras palavras tenham sido perdidas, ou foram confundidas. Outros acreditam que elas foram transmitidas intactas e devem possuir significado importante. Alguns acreditam que a profecia era destinada a dizer apenas que um salvador viria. Outros acham que significa apenas que um destruidor virá.

– E no que você acredita? – Richard perguntou.

Owen remexeu no botão do casaco até que Richard pensou que ele podia sair. – Acredito que a profecia era destinada a dizer que um destruidor virá… e acredito que ele é esse homem, Nicholas, da Ordem… e então que um salvador vai aparecer e nos salvará. Acredito que esse homem é você, Lorde Rahl. Nicholas é o nosso destruidor. Você é o nosso salvador.

Richard sabia, de acordo com o livro, que a profecia não funcionava com essas pessoas, com Pilares da Criação.

– O que o seu povo acha que é uma profecia, – Richard disse. – provavelmente não é nada mais do que um antigo adágio que as pessoas confundiram.

Owen manteve sua posição, mesmo que de forma hesitante. – Nós fomos ensinados que isso é uma profecia. Fomos ensinados que aqueles que deram o nosso nome nos disseram essa profecia e que eles queriam que isso fosse passado adiante para que todos pudessem saber dela.

Richard suspirou, o vento gerou uma longa nuvem com a respiração dele. – Então você acha que ali em cima está uma estátua minha, colocada lá há milhares de anos por aqueles que protegeram vocês atrás da Fronteira? Como eles saberiam, tanto tempo antes do meu nascimento, qual seria minha aparência para fazerem uma estátua minha?

– A verdadeira realidade sabe tudo que será. – Owen falou de cor. Ele forçou um meio sorriso quando balançou os ombros novamente. – Afinal de contas, isso fez aquela pequena estátua que você encontrou parecida com você.

Não gostando de ter sido lembrado daquilo, Richard afastou-se do homem. A pequena figura tinha sido feita parecida com ele através de magia conectada com a Fronteira, e, possivelmente, a um mago morto no Submundo.

Richard observou o céu, as ladeiras rochosas ao redor, a linha das árvores. Não viu qualquer sinal de vida. A estátua… eles ainda não conseguiram descobrir o que ela era… estava distante em uma elevação rochosa sem árvores.

Ainda seria uma boa escalada até aquela borda da passagem, até aquela estátua.

Richard não gostaria se ela realmente fosse uma estátua dele sob a escuridão que aproximava-se.

Ele já não gostava nem um pouco que o segundo Farol de Alerta fosse direcionado a ele. Isso o ligava a uma responsabilidade, um dever, que ele não queria nem poderia realizar.

Não tinha ideia de como restaurar o selo em Bandakar. Uma vez Zedd criou Fronteiras que provavelmente eram similares a essa que havia caído aqui no Mundo Antigo, mas até mesmo Zedd tinha usado magia construída que encontrou na Fortaleza. Esse tipo de feitiços construídos foram criados por antigos magos com vasto poder e conhecimento desse tipo de coisas. Zedd falou para ele que não havia mais feitiços como esse.

Richard certamente não tinha ideia de como invocar um feitiço que poderia criar uma Fronteira assim. Indo direto ao ponto, não via como isso faria algum bem mesmo se ele soubesse como. O que realmente havia sido libertado de Bandakar quando a Fronteira caiu foi a característica de terem nascidos sem qualquer traço do Dom… foi por isso que todos eles foram banidos aqui em primeiro lugar. A Ordem Imperial já estava procriando com mulheres de Bandakar para eliminar o Dom da humanidade. Não havia como dizer o quanto aquela característica já havia se espalhado. Procriar com as mulheres, como parecia que eles estavam fazendo, agora, forneceria para eles mais crianças que eram completamente não dotadas, crianças que seriam doutrinadas nos ensinamentos da Ordem.

Quando eles começassem a usar os homens para reprodução, o número de crianças assim aumentaria amplamente.

Uma mulher podia ter uma criança a cada ano. No mesmo tempo, um homem poderia gerar um grande número de crianças carregando sua característica de completamente não dotado.

Independente da crença da Ordem do auto sacrifício, parecia que eles ainda não estavam dispostos a sacrificar suas mulheres em uma empreitada como essa.

Estuprar as mulheres em Bandakar e proclamar que isso é pelo bem da humanidade não era problema para os homens da Ordem. Que os homens governando a Ordem Imperial entregassem as suas próprias mulheres para procriação, porém, era uma coisa bem diferente.

Richard não tinha dúvida de que eventualmente eles começariam a usar suas próprias mulheres com esse propósito, mas isso seria mais tarde. Enquanto isso, a Ordem provavelmente logo começaria a usar todas as mulheres capturadas e mantidas como escravas para esse fim, acasalar elas com homens de Bandakar. A

conquista do Mundo Novo pela Ordem forneceria para eles muito mais mulheres para um estoque de reprodução.

Enquanto nos tempos antigos aqueles do Mundo Novo tentaram limitar a característica de espalhar-se entre os homens, a Ordem Imperial faria tudo que pudesse para acelerar isso.

– Richard, – Kahlan perguntou em voz baixa, para que os outros lá atrás nas árvores não ouvissem. – o que você acha que significa que o segundo Farol de Alerta, aquele para você, esteja ficando negro como a Pedra da Noite? Acha que isso significa mostrar a você o tempo restante para conseguir o antídoto?

Uma vez que acabara de encontrar aquilo, ele não tinha pensado muito a respeito. Ainda assim, ele só conseguiria interpretar como um alerta sinistro. A Pedra da Noite estava conectada com os espíritos dos mortos… com o Submundo.

Poderia ser, como Kahlan sugeriu, que o escurecimento fosse destinado a mostrar a ele como o veneno estava tomando conta, e que o tempo dele estava esgotando-se.

Porém, por várias razões, ele não acreditava que essa fosse a explicação.

– Não sei ao certo, – finalmente ele falou para ela. – mas não acho que seja um alerta sobre o veneno. Acho que a forma como a estátua está ficando negra deve representar, materialmente, como o Dom está falhando em mim, como ele está começando a me matar lentamente, como o Submundo, o mundo dos mortos, está lentamente me envolvendo.

A mão de Kahlan deslizou no braço dele, um gesto de conforto assim como de preocupação. – Esse foi o meu pensamento também. Estava esperando que você falasse algo diferente. Isso significa que o Dom pode ser um problema maior do que o veneno… se, afinal de contas, esse mago morto usou o farol para alertá-lo a respeito disso.

Richard ficou imaginando se a estátua sobre a borda da passagem guardaria alguma resposta. Certamente ele não tinha. Para chegar até lá em cima e ver, eles teriam que deixar o abrigo da floresta e viajar em campo aberto.

Richard virou e sinalizou aos outros para avançarem.

– Acho que os Races não estarão nos esperando aqui, – ele disse quando eles reuniram-se ao redor dele. – se nós realmente conseguimos despistá-los eles não saberão para onde fomos, para qual direção, então eles não saberão procurar por nós aqui. Acho que podemos chegar até lá em cima sem que os Races, e desse modo Nicholas, fiquem sabendo.

– Além disso, – Tom falou. – com aquelas nuvens baixas envolvendo a maior parte das montanhas, talvez eles não consigam procurar.

– Talvez. – Richard disse.

Estava ficando tarde. Nas montanhas distantes um lobo uivou. Em outra ladeira do outo lado de uma profunda fenda nas montanhas, um segundo lobo respondeu. Haveria mais do que dois.

As orelhas de Betty voltaram-se em direção aos uivos enquanto ela espremia-se contra as pernas de Jennsen.

– E se Nicholas usar alguma outra coisa? – Jennsen perguntou.

Cara segurou a trança loura que repousava sobre a frente do ombro enquanto observava as florestas dos lados. – Alguma outra coisa?

Jennsen apertou mais a capa contra o corpo quando o vento tentou abri-la. – Bem, se ele pode ver através dos olhos de um Race, então talvez ele possa ver através dos olhos de alguma outra coisa.

– Você quer dizer um lobo? – Cara perguntou. – Você acha que aquele lobo que ouviu pode ser ele?

– Eu não sei. – Jennsen admitiu.

– Pelo que sabemos, – Richard falou. – se ele pode ver através dos olhos negros dos Races, talvez ele possa ver através dos olhos de um rato.

Tom afastou da testa o cabelo louro soprado pelo vento quando lançou um olhar preocupado para o céu.

– Então porque você acha que ele parece usar sempre os Races?

– Provavelmente porque eles são mais capazes de cobrir grandes distâncias, – falou Richard. – afinal de contas, ele teria muita dificuldade em nos encontrar com um rato.

– Porém, mais do que isso, acho que ele gosta da sensação de estar com esse tipo de criaturas, gosta de considerar-se como parte de um poderoso predador. Afinal de contas, ele está nos caçando.

– Então você acha que só temos que nos preocupar com os Races? – perguntou Jennsen.

– Acho que ele prefere observar através dos Races, mas isso não é o seu fim, apenas o meio. – Richard disse. – Ele está atrás de Kahlan e eu. Já que nos pegar é o fim dele, acho que ele usará qualquer meio que tiver de usar, se for necessário. Ele pode muito bem olhar através dos olhos de um rato se isso o ajudar a nos capturar.

– Se o fim dele é ter você, – Cara falou. – então Owen está ajudando os fins dele trazendo você direto para ele.

Richard não podia discutir quanto a isso. Entretanto, por enquanto ele tinha que seguir de acordo com os desejos de Owen. Muito em breve, Richard pretendia começar a fazer as coisas do seu próprio jeito.

– Por enquanto, – Richard disse. – ele ainda está tentando nos encontrar, então eu espero que ele continue com os Races, já que eles podem cobrir grandes distâncias. Mas, uma vez que eu matei Races com flechas, ele deve perceber que nós pelo menos suspeitamos que alguém está nos observando através dos olhos deles. Conforme

chegamos mais perto dele, não vejo razão para que no futuro ele não possa usar alguma outra coisa para que não saibamos que ele está nos observando.

Kahlan pareceu estar alarmada com a ideia. – Você quer dizer, alguma coisa como um lobo, ou, ou… não sei, talvez uma coruja?

– Coruja, pombo, pardal. Se eu tivesse que adivinhar, então eu diria que pelo menos até ele nos encontrar ele vai usar uma ave.

Kahlan encostou-se bem ao lado dele, usando o corpo dele para bloquear o vento. Eles estavam bastante alto nas montanhas que estavam começando a encontrar neve. De acordo com o que Richard tinha visto do Mundo Antigo, geralmente parecia quente demais para neve.

Pois para haver neve nessa época do ano só poderia acontecer na mais imponente das montanhas.

Richard apontou para os flocos gelados rodopiando no ar. – Owen, fica frio no inverno em Bandakar? Vocês tem neve?

– Os ventos descem do norte, seguindo o nosso lado das montanhas, eu creio. No inverno fica frio. A cada dois anos, nós temos um pouco de neve, mas isso não dura muito tempo. Geralmente no inverno chove mais. Não entendo porque neva aqui, agora, quando é verão.

– Por causa da elevação. – Richard respondeu distraidamente enquanto estudava as ladeiras que subiam de cada lado.

Mais alto ainda, a neve era mais espessa, e em alguns lugares, onde o vento soprava correntes dentro de projeções, ela seria traiçoeira. Tentar cruzar tais ladeiras cobertas de neve, escarpadas, seria perigoso, na melhor das hipóteses. Felizmente, eles estavam chegando perto do ponto mais alto que teriam de subir para cruzar a passagem, então não teriam que enfrentar neve pesada.

Porém, o frio severo estava deixando todos eles miseráveis.

– Quero saber o que é aquela coisa. – finalmente Richard falou, apontando para a estátua na elevação. Ele olhou ao redor para os outros para ver se alguém tinha objeção. Ninguém teve. – E, quero saber porque ela está aqui.

– Acha que devemos esperar escurecer? – perguntou Cara. – A escuridão vai nos esconder melhor.

Richard balançou a cabeça. – Os Races devem ser capazes de ver muito bem no escuro… afinal de contas, é quando eles caçam. Se eu tiver escolha, acharia melhor estar em campo aberto durante o dia, quando posso ver eles chegando.

Richard prendeu o arco embaixo da perna e curvou-o o bastante para prender a corda. Tirou uma flecha da aljava de couro em seu ombro e preparou-a, descansando-a contra o arco com sua mão esquerda. Ele vasculhou o céu, checando as nuvens, e procurando por qualquer sinal dos Races. Ele não tinha certeza a respeito das sombras entre as árvores, mas o céu estava livre de Races.

– Acho que é melhor irmos andando. – o olhar de Richard passou por todos os rostos deles, primeiro, certificando-se de que eles estavam prestando atenção. – Andem sobre as rochas se for possível. Não quero deixar um rastro atrás na neve que Nicholas poderia avistar através dos olhos dos Races.

Assentindo para confirmar que compreenderam, todos seguiram atrás dele, em fila, sobre as rochas.

Owen, na frente da sempre vigilante Mord-Sith, mantinha um olhar preocupado voltado para o céu. Jennsen e Betty observavam as florestas nos lados. Nas rajadas de vento fortes, todos agachavam lutando contra o vento e a mordida de cristais gelados atingindo seus rostos.

No ar rarefeito era cansativo subir a inclinação íngreme. As pernas de Richard queimavam com o esforço. Seus pulmões ardiam com o veneno.

Pela aparência das paredes escarpadas de rocha elevando-se para dentro de nuvens de ambos os lados, Richard não viu outro caminho, além da passagem, para que as pessoas pudessem passar por cima das imponentes montanhas, pelo menos, não sem uma jornada de tremenda dificuldade, fadiga, e provavelmente uma grande perda de vidas. Até assim, ele não tinha certeza de que isso era ao menos possível.

Em alguns pontos, enquanto eles caminhavam com dificuldade pela borda da íngreme elevação, ele podia enxergar atrás, por aberturas nas paredes rochosas das montanhas, sob o escuro fundo de nuvens, a luz do sol além da passagem.

Nenhum deles falou enquanto escalavam. De vez em quando eles precisavam parar para recuperar o fôlego. Todos mantinham um olho no céu.

Richard avistou algumas aves pequenas ao longe, mas nada de tamanho considerável.

Conforme eles aproximavam-se do topo, seguindo um curso em zigue e zague para que pudessem mais facilmente subir sem ter que escalar faces de rochas de projeções, Richard captou relances da estátua sobre uma massiva base de granito.

Do alto ponto com visão privilegiada na passagem, agora ele podia ver que a rocha em ambos os lados da elevação desciam em quedas íngremes. A garganta no fundo de ambos os lados terminava em elevações verticais do que teriam de ser milhares de pés.

Quaisquer que fossem as rotas que pudessem ter ramificado lá embaixo, elas teriam de convergir antes de subir essa elevação; pela disposição do terreno, tornou-se claro para ele que esse era o único caminho para atravessar esta seção inteira da passagem.

Ele percebeu que qualquer um aproximando-se de Bandakar por essa rota teria que escalar essa borda na elevação, e inevitavelmente ele chegaria até o monumento.

Quando ele galgou o trecho final entre as rochas cobertas de neve que tinham duas vezes a altura dele, Richard finalmente conseguiu visualizar toda a estátua guardando a passagem.

E ela estava guardando a passagem. Era uma sentinela.

A nobre figura sobre uma vasta base de rocha estava posicionada como se guardasse a passagem de forma vigilante. Em uma das mãos a figura casualmente segurava uma espada em prontidão, sua ponta repousando no chão. Ele parecia estar usando uma armadura de couro, com sua capa descansando sobre o colo. A pose vigilante da sentinela transmitia a ela uma presença resoluta. A clara impressão era de que essa figura estava pronta para enfrentar o que estava além.

A rocha estava desgastada por séculos de exposição ao clima, mas esse desgaste não conseguia apagar o poder da escultura. Essa figura foi esculpida, e foi posicionada, com grandioso propósito. Que ela estivesse ali fora no meio do nada, no topo de uma passagem na montanha que não era mais usada e em uma trilha possivelmente abandonada depois que ela foi colocada aqui, tornava isso, para Richard, ainda mais impressionante.

Ele tinha esculpido rocha, e sabia o que isso tinha levado. Não seria o que ele chamaria de um trabalho refinado, mas foi executado de forma poderosa. Apenas olhar para ela causava arrepios nele.

– Pelo menos ela não parece com você. – disse Kahlan.

Pelo menos isso. Mas essa coisa estar ali sozinha durante o que muito bem poderia ter sido milhares de anos era preocupante.

– O que eu gostaria de saber, – Richard falou para ela. – é porque esse segundo Farol estava lá embaixo, descendo a colina, naquela caverna, e não aqui em cima.

Kahlan trocou um rápido olhar com ele. – Se Jennsen não tivesse feito o que fez, você jamais o teria encontrado.

Richard caminhou ao redor da base da estátua, procurando… pelo que ele não sabia. Quase tão logo começou a procurar, ele viu, na frente da base, no topo de uma das molduras decorativas, um estranho vazio na neve. Parecia como se algo estivesse ali e tivesse sido levado embora. Era uma espécie de rastro, um indício.

Richard pensou que o local vazio parecia familiar.

Ele retirou o Farol de Alerta de sua mochila e checou a forma do fundo. Seu pensamento foi confirmado, ele colocou a figura de si mesmo no espaço na neve deixado sobre a borda da base.

Foi um encaixe perfeito.

A pequena figura estivera aqui, com essa estátua.

– Como acha que ela foi parar lá embaixo naquela caverna? – Cara perguntou com uma voz desconfiada.

– Talvez tenha caído. – Jennsen sugeriu. – Venta bastante aqui em cima. Talvez o vento a tenha arrancado e ela caiu descendo a colina.

– E simplesmente conseguiu rolar através da floresta sem ser parada por uma árvore, e então, tão limpa quanto pode estar, – falou Richard. – rolou direto para dentro daquela pequena abertura da caverna, e então simplesmente aconteceu de ficar presa na rocha justo perto de onde você, por coincidência, acabou presa. Presa, devo adicionar, em um lugar aterrorizante com o qual você não ficava aterrorizada.

Jennsen piscou, surpresa. – Quando você coloca dessa forma…

Em pé no cume da passagem, na frente da estátua bem onde o Farol de Alerta teria repousado, e agora novamente repousava, Richard podia ver que o local fornecia uma ótima visão da aproximação até Bandakar. As montanhas bloqueando a visão de ambos os lados eram uma coisa formidável como ele já tinha visto. A elevação onde a sentinela repousava tinha uma visão ampla da aproximação dentro da passagem lá atrás entre aqueles enormes

picos cobertos de neve. Tão altos quanto eram, eles ainda chegavam apenas aos pés das colinas dessas montanhas.

A estátua não estava olhando para frente, como poderia ser esperado de um guardião, mas ao invés disso, seu olhar inflexível estava fixado um pouco para a direita. Richard achou que isso era um pouco estranho. Ele imaginou se talvez isso fosse para mostrar que essa sentinela mantinha um olhar vigilante em tudo, em cada ameaça em potencial.

Em pé onde ele estava, diretamente na frente da base da estátua, na frente de onde o Farol de Alerta ficava, Richard olhou para a direita, na direção em que o homem da estátua estava olhando.

Ele podia ver a aproximação da passagem subindo através das montanhas. Recuando mais, ao longe, ele podia ver vastas florestas ao oeste, e além disso, as baixas montanhas áridas que eles cruzaram.

E, ele podia ver uma fenda naquelas montanhas.

Os olhos do homem na estátua estavam resolutamente fixos sobre aquilo que Richard viu agora.

– Queridos espíritos. – ele sussurrou.

– O que foi? Kahlan perguntou. – O que você vê?

– Os Pilares da Criação.

Capítulo 35



Kahlan, em pé ao lado de Richard, forçou os olhos ao longe. Da base da estátua eles tinham uma boa visão das aproximações vindo do oeste. Parecia como se ela conseguisse ver metade de um mundo de distância. Mas ela não conseguia ver o que ele viu.

– Não consigo ver os Pilares da Criação. – ela disse.

Richard inclinou mais perto, guiando a visão dela com o braço para onde ele apontava. – Ali. Aquela depressão mais escura na extensão de terreno plano.

Os olhos de Richard eram melhores em enxergar coisas distantes do que os dela. Tudo parecia meio embaçado, estando tão longe.

– Pode reconhecer onde ele está pelas marcas no terreno, ali… – ele apontou para a direita, e então um pouco para a esquerda – e ali. Aquelas montanhas mais escuras longe que são um pouco mais altas do que o resto possuem uma forma única. Elas servem como bons pontos de referência para que você consiga encontrar coisas.

– Agora que você indicou elas, consigo ver a terra de onde viajamos. Reconheço aquelas montanhas.

Parecia incrível, olhando de volta para onde eles estiveram, o quanto eles estavam alto. Ela podia ver, espalhando-se ao longe, o vasto deserto além da cadeia de montanhas e, mesmo se não conseguisse distinguir os detalhes daquele lugar horrível, ela conseguia ver a depressão mais escura no vale. Aquela depressão ela sabia que era os Pilares da Criação.

– Owen, – Richard perguntou. – qual a distância dessa passagem até seus homens… os homens que estavam escondidos com você nas colinas?

Owen pareceu confuso com a pergunta. – Mas Lorde Rahl, eu nunca estive nessa parte da passagem. Nunca vi essa estátua. Nunca estive em algum lugar perto daqui. Seria impossível dizer uma coisa assim.

– Não impossível, – Richard disse. – se você souber como é o seu lar, você deveria ser capaz de reconhecer pontos de referência no terreno ao redor dela… exatamente como eu fui capaz de olhar para oeste e ver a rota em que viajamos para chegarmos até aqui. Olhe ao redor daquelas montanhas lá atrás através da passagem e veja se reconhece alguma coisa.

Owen, parecendo cético, caminhou o resto do caminho subindo por trás da estátua e olhou para leste. Ele ficou parado no vento durante algum tempo, observando. Ele apontou para uma montanha ao longe, através da passagem.

– Acho que conheço aquele lugar. – ele pareceu surpreso. – Conheço a forma daquela montanha. Parece um pouco diferente desse ponto, mas acho que é o mesmo lugar que eu conheço. – ele protegeu os olhos das rajadas de vento enquanto olhava para leste. Ele apontou outra vez. – E aquele lugar! Conheço aquele lugar também!

Ele correu de volta até Richard. – Você estava certo, Lorde Rahl. Consigo ver lugares que conheço. – então ele ficou olhando para o vazio enquanto sussurrava para si mesmo. – Consigo dizer onde fica o meu lar, ainda que nunca tivesse vindo aqui. Apenas vendo lugares eu reconheço.

Kahlan nunca tinha visto alguém tão admirado com algo tão simples.

– Então, – Richard finalmente falou. – a que distância você acha que seus homens estão daqui?

Owen olhou para trás por cima do ombro. – Através daquele lugar baixo, então contornando aquela ladeira vindo da direita… – ele virou de volta para Richard. – Nós estivemos nos escondendo na terra perto de onde o selo em nosso império costumava ficar, onde ninguém jamais foi porque fica perto do lugar onde a morte ronda, perto da passagem. Eu diria que talvez um dia todo de caminhada a partir daqui. – de repente ele ficou hesitante. – Mas estou errado em confiar naquilo que meus olhos dizem. Posso estar vendo apenas o que a minha mente quer que eu veja. Isso pode não ser real.

Richard cruzou os braços e encostou-se contra a base de granito da estátua enquanto olhava em direção aos Pilares da Criação, ignorando a dúvida de Owen. Conhecendo Richard como conhecia, Kahlan imaginou que ele devia estar avaliando suas opções.

Em pé ao lado dele, ela estava prestes a se apoiar contra a rocha da base da estátua, mas ao invés disso parou primeiro para esfregar a neve do lado onde o Farol de Alerta repousava. Quando ela removeu a neve, viu que havia palavras entalhadas no topo da moldura decorativa.

– Richard… veja isso.

Ele virou para ver o que ela viu, e então começou a limpar mais da neve apressadamente. Os outros se amontoaram ao redor, tentando ver o que estava escrito na rocha da base da estátua. Cara, do outro lado de Richard, esfregou a mão por todo o caminho até o fim para limpar toda a borda.

Kahlan não conseguiu ler. Estava em outra língua que ela não conhecia, mas pensou que reconhecia.

– Alto D'Haran? – Cara perguntou.

Richard assentiu confirmando enquanto estudava as palavras. – Esse deve ser um dialeto muito antigo. – ela falou, meio que para si mesmo enquanto analisava, tentando interpretá-lo. – Não

é apenas um dialeto antigo, mas um com o qual não estou familiarizado. Talvez porque esse é um lugar tão distante.

– O que diz? – Jennsen queria saber enquanto espiava ao redor de Richard, entre ele e Kahlan. – Consegue traduzir?

– É difícil interpretá-lo, – Richard resmungou. Ele empurrou o cabelo para trás com uma das mãos enquanto passava os dedos da outra suavemente sobre as palavras.

Finalmente ele endireitou o corpo e olhou para Owen, em pé ao lado da base, observando.

Todos aguardaram enquanto Richard olhava para as palavras outra vez. – Não tenho certeza, – finalmente ele disse. – a fraseologia é estranha… – ele olhou para Kahlan. – Não posso ter certeza. Nunca vi Alto D'Haran escrito desse jeito. Tenho a sensação de que eu deveria saber o que diz, mas não consigo captar.

Kahlan não sabia se ele realmente não tinha certeza, ou se não queria falar a tradução na frente dos outros.

– Bem, talvez se você pensar nele durante algum tempo, isso pode clarear. – ela declarou, tentando dar a ele uma maneira de colocar isso de lado por enquanto se ele desejasse.

Richard não aceitou a sugestão dela. Ao invés disso, ele bateu com um dedo nas palavras à esquerda do Farol de Alerta. – Essa parte está um pouco mais clara para mim. Acho que ela diz algo como "Tema qualquer brecha neste selo para o Império além…" – ele passou a mão pela boca enquanto considerava o resto das palavras. – Não tenho certeza sobre o resto, – ele finalmente disse. – parece dizer, "pois além está o mal: aqueles que não conseguem ver".

– É claro. – Jennsen resmungou com furiosa compreensão.

Richard passou os dedos pelo cabelo.

– Não tenho certeza se entendi isso direito. Alguma coisa nisso ainda não faz sentido. Não tenho certeza se entendi corretamente.

– Você entendeu perfeitamente certo. – falou Jennsen. – Aqueles que não conseguem ver a magia. Isso foi colocado pelos dotados que isolaram aquelas pessoas do resto do mundo por causa de como elas nasceram, os olhos ferozes dela encheram-se de lágrimas. – Tema qualquer brecha neste selo para o império além, pois além está o mal… aqueles que não conseguem ver a magia. É isso que significa, aqueles que não conseguem ver a magia.

Ninguém discutiu com ela. O único som foi o barulho do vento através do terreno aberto.

Richard falou suavemente para ela. – Não tenho certeza que seja isso, Jenn.

Ela cruzou os braços e virou-se, olhando em direção aos Pilares da Criação.

Kahlan podia entender como ela se sentia. Kahlan sabia como era ser evitada por quase todos a não ser aqueles que eram como você. Confessoras eram consideradas como monstros por muitas pessoas. Se tivessem chance, Kahlan tinha certeza de que a maioria do resto da humanidade ficaria feliz em isolar ela por ser uma Confessora.

Mas só porque ela podia entender como Jennsen se sentia, isso não significava que Kahlan pensava que a jovem estava certa. A raiva de Jennsen com aqueles que baniram essas pessoas era justificada, mas sua raiva com Richard e o resto deles por terem a mesma centelha do Dom, o que os tornava de certo modo iguais, não era.

Richard voltou sua atenção para Owen. – Quantos homens você tem esperando seu retorno nas colinas?

– Não chegam a cem.

Richard suspirou, desapontado. – Bem, se isso é tudo que você tem, então é tudo que você tem. Teremos que tratar de conseguir mais depois.

– Por enquanto, quero que você vá buscar aqueles homens. Traga-os até aqui, para mim. Vamos esperar que você retorne aqui. Essa será a nossa base onde faremos um plano para expulsar a Ordem de Bandakar. Montaremos acampamento ali embaixo, naquelas árvores, onde é bem protegido.

Owen olhou para baixo, para a inclinação para onde Richard apontou, e então em direção à sua terra natal. Sua expressão confusa retornou para Richard. – Mas, Lorde Rahl, é você que deve nos dar a liberdade. Porque simplesmente não vem junto comigo se quer ver eles?

– Porque acho que esse será um lugar mais seguro do que onde eles estão agora, onde a Ordem provavelmente sabe onde eles estão escondidos.

– Mas a Ordem não sabe que tem homens escondidos, ou onde eles estão.

– Vocês estão se iludindo. Os homens da Ordem são brutais, mas não são estúpidos.

– Se eles realmente sabem onde os homens estão, então porque a Ordem não vem chamá-los para dentro?

– Eles virão, – Richard disse. – quando for adequado para eles, eles virão. Os seus homens não são uma ameaça, então os homens da Ordem não estão com pressa de fazerem qualquer esforço para capturá-los. Entretanto, mais cedo ou mais tarde eles farão isso, porque não irão querer que alguém pense que pode escapar do governo da Ordem.

– Quero seus homens longe de lá, em um lugar onde eles não estiveram: aqui. Quero que a Ordem pense que eles se foram, pense que eles fugiram, então eles não irão atrás deles.

– Bem, – Owen disse, pensando melhor. – acho que assim estaria tudo bem.

Tom ficou olhando perto do canto mais distante da base da estátua, dando espaço para Jennsen ficar sozinha. Ela parecia furiosa

e parecia que ele achava que era melhor deixar ela em paz. Tom parecia sentir-se culpado por ter nascido com a centelha do Dom que permitia a ele ver a magia, aquela mesma centelha possuída por aqueles que baniram pessoas como Jennsen.

– Tom, – falou Richard. – quero que você vá com Owen.

Os braços de Jennsen descruzaram quando ela virou para Richard. – Porque você quer que ele vá? – de repente ela pareceu um pouco menos furiosa.

– Isso mesmo, – Owen disse. – porque ele deveria ir?

– Porque, – falou Richard. – eu quero ter certeza de que você e seus homens venham aqui. Preciso do antídoto, lembra? Quanto mais homens eu tiver aqui comigo que sabe onde ele está, melhor. Quero que eles fiquem seguros longe da Ordem por enquanto. Com cabelos louros e olhos azuis, Tom vai parecer com o seu povo. Se vocês encontrarem com algum soldado da Ordem ele pensará que ele é um de vocês. Tom vai garantir que todos vocês venham aqui.

– Mas isso pode ser perigoso. – Jennsen protestou.

Richard fixou-a com seu olhar desafiador. Ele não falou nada. Simplesmente esperou para ver se ela ousaria tentar justificar suas objeções.

Finalmente, ela quebrou o contato visual e olhou para outro lado.

– Porém, acho que faz sentido. – finalmente ela admitiu.

Richard voltou novamente sua atenção para Tom. – Quero que você veja se consegue trazer de volta alguns suprimentos. Eu gostaria de usar a sua machadinha enquanto você está fora, se estiver tudo bem.

Tom assentiu e tirou sua machadinha da mochila.

Quando Richard aproximou-se para pegar a machadinha, ele começou a fazer uma lista de coisas que ele queria que o homem procurasse… ferramentas específicas, madeira de teixo, cola de

animal, barbante, couro, e uma relação de outras coisas que Kahlan não conseguiu ouvir.

Tom enfiou os dedões atrás do cinto. – Está certo. Duvido que vou encontrar tudo isso imediatamente. Quer que eu procure o que eu não conseguir achar antes de voltar?

– Não. Preciso de tudo isso, mas preciso mais daqueles homens aqui. Pegue o que estiver prontamente disponível e então volte aqui com Owen e os homens dele o mais rápido possível.

– Pegarei o que puder. Quando quer que partamos?

– Agra. Não temos um momento a perder.

– Agora? – Owen soou incrédulo. – Ficará escuro em uma hora ou duas.

– Essas duas horas podem ser horas de que preciso, – Richard disse. – não as desperdice.

Kahlan pensou que ele estava falando isso por causa do veneno, mas poderia estar com o Dom em mente. Ela podia ver a dor que ele sentia por causa da dor de cabeça causada pelo Dom. Ela sofria querendo abraçá-lo, confortá-lo, fazer ele ficar melhor, mas ela não podia fazer tudo isso simplesmente desaparecer; eles tinham que encontrar as soluções. Ela olhou para a pequena figura de Richard em pé na base da estátua. Metade daquela figura estava tão escura quanto uma Pedra da Noite, tão escura e morta quanto a parte mais profunda do próprio Submundo.

Tom jogou a mochila sobre o ombro. – Tome conta deles por mim, está bem, Cara? – ele pediu com uma piscadela. Ela sorriu concordando. – Então, vejo vocês dentro de alguns dias. – ele acenou despedindo-se, seu olhar demorando mais em Jennsen, antes de conduzir Owen ao redor da estátua e em direção da terra natal do homem.

Cara cruzou os braços e lançou um olhar para Jennsen. – Você é uma tola se não for dar um beijo de despedida nele.

Jennsen hesitou, seu olhos virando para Richard.

– Eu aprendi a não discutir com Cara. – disse Richard.

Jennsen sorriu e correu para alcançar Tom antes que ele fosse embora. Betty, na ponta de uma longa corda, esforçou-se para seguir logo atrás.

Richard enfiou a pequena figura dele mesmo dentro da mochila antes de pegar seu arco de onde ele estava encostado contra a estátua. – Seria melhor descermos até as árvores e montarmos acampamento.

Richard, Kahlan, e Cara começaram a descer a elevação até a oculta segurança dos enormes pinheiros.

Eles estiveram tempo suficiente em campo aberto, de acordo com o que Kahlan imaginava. Era apenas uma questão de tempo antes que os Races viessem à procura deles… antes que Nicholas viesse à procura deles.

Frio como estava na passagem, Kahlan sabia que eles não ousariam fazer uma fogueira; os Races poderiam avistar a fumaça e então encontrá-los. Ao invés disso eles precisavam construir um abrigo. Kahlan gostaria que eles pudessem encontrar um pinheiro grande e oco para protegê-los e escondê-los durante a noite, mas não tinha visto nenhum desses no Mundo Antigo e querer não faria crescer um.

Conforme ela pisava cuidadosamente em caminhos secos de rocha, evitando a neve para não deixar rastros, ela checou as nuvens escuras. Era sempre possível que pudesse esquentar um pouco e que a precipitação pudesse virar chuva. Mesmo que isso não ocorresse, ainda seria uma noite miseravelmente fria.

Jennsen, Betty seguindo logo atrás, voltou, alcançando eles enquanto desciam em zigue e zague através das fendas íngremes. O vento estava ficando mais frio, a neve um pouco mais pesada.

Quando eles alcançaram um ponto mais plano, Jennsen segurou o braço de Richard. – Richard, sinto muito. Eu não queria ficar com raiva de você. Sei que você não baniu aquelas pessoas. Sei

que não é culpa sua. – ela puxou a parte frouxa na corda de Betty, enrolando-a. – É que as pessoas terem sido tratadas desse jeito me deixa com raiva. Eu gosto deles, e então isso me deixa com raiva.

– A forma como eles foram tratados deveria deixar você com raiva, – Richard disse quando começou a afastar-se. – mas não porque você compartilha um atributo com eles.

Pega de surpresa pelas palavras dele, mesmo parecendo um pouco magoada, Jennsen não se moveu. – O que você quer dizer?

Richard parou e virou de volta para ela. – É assim que a Ordem Imperial pensa. É assim que o povo de Owen pensa. É uma crença em fornecer prestígio desencarnado, ou o manto da culpa, para todos aqueles que dividem alguma característica específica ou atributo.

– A Ordem Imperial gostaria que você acreditasse que a sua virtude, o seu valor máximo, ou até mesmo a sua perversidade, manifesta-se inteiramente por ter nascido um membro de um determinado grupo, que o livre arbítrio em si é impotente ou não existe. Eles querem que você acredite que todas as pessoas são meramente membros intercambiáveis de grupos que compartilham características fixas, preordenadas, e que elas estão predestinados a viver através de uma identidade coletiva, a vontade do grupo, incapaz de erguer-se em seu próprio mérito porque não pode haver uma coisa assim como o mérito independente, individual, somente o mérito em grupo.

– Eles acreditam que as pessoas só podem erguer-se acima de sua posição na vida quando selecionadas para receberem reconhecimento porque seu grupo está merecendo uma indulgência, e então um representante, um modelo para o grupo, deve ser selecionado para ser premiado com o distintivo do valor próprio. Somente a luz refletiva desse distintivo, eles acreditam, pode trazer o esplendor do valor próprio para outros do seu grupo.

– Mas aqueles que recebem esse distintivo vivem com o inquietante conhecimento de que isso é apenas uma ilusão de competência. Isso nunca traz qualquer sincero auto respeito porque você não pode enganar a si mesmo. Finalmente, porque isso é falso, a fraude da estima fornecida por causa de uma conexão com um grupo só pode ser sustentada através da força.

– Essa depreciação da humanidade, a condenação por parte da Ordem de todos e de tudo que é humano, é o julgamento transcendente deles da inadequação do homem.

– Quando você direciona sua raiva para mim porque eu tenho uma característica passada por outras pessoas, você me pronuncia culpado pelos crimes delas. Isso é o que acontece quando as pessoas dizem que eu sou um monstro porque meu pai era um monstro. Se você admira alguém simplesmente porque acredita que o grupo dele é merecedor, então você abraça a mesma ética corrupta.

– A Ordem Imperial diz que nenhum indivíduo deveria ter o direito de alcançar algo sozinho, de realizar o que outra pessoa não consegue, e assim a magia deveria ser extirpada da humanidade. Eles dizem que a realização é corrupta porque está enraizada no vil interesse próprio, e assim os frutos dessa realização estão maculados por esse mal. É por isso que eles pregam que qualquer ganho deve ser sacrificado para aqueles que não o conquistaram. Eles defendem que somente através de um sacrifício assim aqueles frutos podem ser purificados e transformados em algo bom.

– Nós acreditamos, por outro lado, que a sua própria vida individual é o valor e o seu próprio fim, e que aquilo que você consegue é seu.

– Somente você pode conquistar o valor próprio para você mesmo.

Qualquer grupo oferecendo isso a você, ou exigindo isso de você, vem carregando as correntes da escravidão.

Jennsen ficou olhando para ele durante um longo tempo. Um sorriso finalmente tomou conta dela. – Então, é por isso que eu sempre quis ser aceita por quem eu era, por mim mesma, e sempre considerei que era injusto ser perseguida por causa de como eu nasci?

– É por isso, – Richard disse. – que se você quer ter orgulho de si mesma por causa daquilo que realiza, então não permita ser acorrentada a algum grupo, e em contra partida não acorrente outros indivíduos a um. Deixe que o seu julgamento de indivíduos seja conquistado.

– Isso significa que eu não deveria ser odiado porque o meu pai era perverso, nem deveria ser admirado porque meu avô é bom. Eu tenho o direito de viver a minha própria vida, para o meu próprio benefício. Você é Jennsen Rahl, e a sua vida é o que você, sozinha, faz dela.

Eles seguiram o resto do caminho descendo a colina em silêncio. Jennsen ainda estava com uma expressão distante enquanto pensava sobre aquilo que Richard tinha falado.

Quando alcançaram as árvores, Kahlan ficou aliviada em entrar embaixo dos protetores galhos dos antigos pinheiros e mais ainda quando eles entraram na proteção isolada das árvores de bálsamo mais baixas, mais espessas. Eles seguiram através da densa mata para dentro da tranquila solidão das enormes árvores, e descendo mais a ladeira, até um lugar onde uma projeção de rocha oferecia proteção contra os elementos. Seria mais fácil construir um abrigo em um lugar como esse encostando galhos contra ela para fazer um abrigo relativamente aquecido.

Richard usou a machadinha de Tom para cortar algumas varas fortes de pinheiros jovens no subosque, que ele colocou contra a parede rochosa. Enquanto ele unia as varas amarrando-as com finas raízes de pinheiro que arrancou do chão musgoso, Kahlan,

Jennsen, e Cara começaram a catar ramos de plantas para fazer um assoalho seco e para cobrir o abrigo.

– Richard, – Jennsen perguntou enquanto arrastava um punhado de ramos perto do abrigo. – como você acha que vai livrar Bandakar da Ordem Imperial?

Richard depositou um pesado ramo de árvore bem alto sobre as varas e amarrou-o no lugar com um pedaço da fina raiz de pinheiro. – Não sei se eu consigo. Minha principal preocupação é pegar o antídoto.

Jennsen pareceu um pouco surpresa. – Mas você não vai ajudar aquelas pessoas?

Ele olhou para trás, por cima do ombro, para ela. – Eles me envenenaram. Não importa como você mascara isso, eles estão dispostos a me matar se eu não fizer o que eles querem… se eu não fizer o trabalho sujo para eles. Pensam que somos selvagens, e que estão acima de nós. Não acham que nossa vida tenha muito valor… porque não somos membros do grupo deles. A minha primeira responsabilidade é com a minha própria vida, conseguir aquele antídoto.

– Entendo o que você quer dizer. – Jennsen entregou a ele outro ramo de bálsamo. – Mas ainda acho que se eliminarmos a Ordem lá, e esse Nicholas, estaremos ajudando a nós mesmos.

Richard sorriu. – Posso concordar com isso, e vamos fazer o que pudermos. Mas para realmente ajudá-los, preciso convencer Owen e seus homens que eles devem ajudar a si mesmos.

Cara soltou uma risada. – Esse seria um belo truque, ensinar os cordeiros a transformarem-se em lobos.

Kahlan concordou. Ela achou que convencer Owen e seus homens a defenderem a si mesmos seria mais difícil do que eles cinco livrarem Bandakar da Ordem Imperial sozinhos. Ela ficou imaginando o que Richard tinha em mente.

– Bem, – Jennsen falou. – já que estamos todos nisso, todos indo encarar a Ordem em Bandakar, não acha que eu tenho o direito de saber de tudo? De saber sobre o que vocês dois estão sempre trocando olhares e sussurrando?

Richard olhou para Jennsen um momento antes de olhar de volta para Kahlan.

Kahlan depositou seu monte de galhos perto do abrigo. – Acho que ela tem razão.

Richard pareceu infeliz a respeito disso, mas finalmente assentiu e colocou no chão o ramo de bálsamo que estava segurando. – Quase dois anos atrás, Jagang conseguiu encontrar um jeito de usar magia para iniciar uma praga. A praga em si não era magia; era apenas a praga. Ela espalhou-se através de cidades matando dezenas de milhares de pessoas. Uma vez que a tempestade de fogo tinha começado com uma fagulha de magia, encontrei uma maneira de deter a praga, usando magia.

Kahlan não acreditava que um pesadelo como esse pudesse ser reduzido a uma declaração tão simples e ao menos começar a transmitir adequadamente o horror pelo qual eles passaram. Mas pela expressão no rosto de Jennsen, ela captou pelo menos um pouco do terror que havia tomado a terra.

– Para que Richard retornasse do lugar para onde ele teve que ir para deter a praga, – Kahlan disse, deixando de fora partes terríveis da história. – ele teve que absorver a infecção da praga. Se não tivesse feito isso, ele teria vivido, mas viveria sozinho pelo resto de sua vida e morreria sozinho sem jamais ver a mim ou qualquer outra pessoa novamente. Ele sugou a praga para dentro de si mesmo para que pudesse voltar e dizer que me amava.

Jennsen ficou de olhos arregalados. – Você não sabia que ele te amava?

Kahlan mostrou um leve sorriso triste. – Não acha que sua mãe voltaria do mundo dos mortos para dizer a você que te ama,

mesmo que você saiba disso?

– Sim, suponho que ela faria isso. Mas porque você teria que ficar infectado só para voltar? E voltar de onde?

– Era um lugar, chamado Templo dos Ventos, que estava parcialmente no Submundo. – Richard apontou para a passagem subindo na montanha. – Alguma coisa como aquela Fronteira que fazia parte do mundo dos mortos mas ainda estava aqui, nesse mundo. Você pode dizer que o Templo dos Ventos era alguma coisa parecida com isso. Ele estava escondido dentro do Submundo. Porque eu tive que cruzar uma espécie de Fronteira, através do Submundo, os espíritos definiram um preço para que eu retornasse ao mundo dos vivos.

– Espíritos? Você viu espíritos lá? – Jennsen perguntou.

Quando Richard assentiu, ela perguntou. – Porque eles definiriam um preço como esse?

– O espírito que definiu o preço do meu retorno foi Darken Rahl.

Jennsen ficou de boca aberta.

– Quando encontramos Lorde Rahl, – Cara falou. – ele estava quase morto. A Madre Confessora foi em uma perigosa jornada através da *Sliph*, sozinha, para encontrar o que poderia curá-lo. Ela teve sucesso em trazer isso de volta, mas Lorde Rahl estava a poucos momentos da morte.

– Usei a magia que eu trouxe. – Kahlan disse. – Era algo que tinha o poder de reverter a praga que a magia havia dado a ele. A magia que eu invoquei para fazer isso foi as Três Notas.

– Três Notas? – Jennsen perguntou. – O que elas são?

– As Notas são magia do Submundo. Invocar a assistência delas impede que a pessoa cruze para dentro do mundo dos mortos.

– Infelizmente, ou talvez felizmente, ao mesmo tempo eu não sabia mais nada sobre as Notas. Descobrimos que elas foram criadas durante a Grande Guerra para acabar com a magia. As Notas são

uma espécie de seres, mas sem alma. Elas vem do Submundo. Elas anulam a magia nesse mundo.

Jennsen pareceu confusa. – Mas como elas conseguem fazer uma coisa como essa?

– Não sei como elas trabalham, exatamente. Mas sua presença nesse mundo, uma vez que elas são parte do mundo dos mortos, inicia a destruição da magia.

– Vocês não conseguem se livrar das Notas? Não conseguem achar um jeito de mandá-las de volta?

– Eu já fiz isso, – Richard falou. – mas enquanto elas estavam aqui, nesse mundo, a magia começou a falhar.

– Aparentemente, – disse Kahlan. – o que eu iniciei naquele dia quando invoquei as notas para dentro do mundo dos vivos iniciou uma cascata de eventos que continua em progresso, mesmo que as Notas tenham sido enviadas de volta ao Submundo.

– Não sabemos disso. – Richard falou, mais para Kahlan do que para Jennsen.

– Richard está certo, – Kahlan falou para Jennsen. – nós não temos certeza, mas temos boas razões para acreditar que isso seja verdade. Essa Fronteira isolando Bandakar falhou. O tempo poderia sugerir que ela falhou não muito depois que eu libertei as Notas. Um daqueles erros sobre os quais falei para você. Lembra?

Jennsen, olhando para Kahlan, finalmente assentiu. – Mas você não fez isso para machucar pessoas. Não sabia que isso aconteceria. Não sabia como essa Fronteira falharia, como a Ordem entraria lá e abusaria daquelas pessoas.

– Isso realmente não faz diferença, faz? Eu fiz isso. Eu causei isso. Por minha causa, a magia pode estar falhando. Eu realizei o que a Ordem está trabalhando tão duro para fazer. Como resultado do que eu fiz, todas aquelas pessoas em Bandakar morreram, e outros agora estão soltos no mundo onde farão novamente como fizeram

em tempos antigos… eles começarão a extirpar o Dom da humanidade.

– Nós estamos no limiar do final dos tempos da magia, tudo por minha causa, por causa do que eu fiz.

Jennsen ficou congelada. – E então você se arrepende do que causou? Que possa ter feito algo que acabará com a magia?

Kahlan sentiu o braço de Richard em volta da cintura dela. – Eu só conheço um mundo com magia. – finalmente ela disse. – Eu me tornei a Madre Confessora… em parte… para ajudar a proteger pessoas com magia que são incapazes de proteger a si mesmas. Eu também sou uma criatura de magia… ela está inextricavelmente conectada dentro de mim. Conheço profundamente coisas de magia que eu amo; elas são parte do mundo dos vivos.

– Então você teme poder ter causado o fim daquilo que você mais ama.

– Não que eu mais amo. – Kahlan sorriu. – Eu me tornei a Madre Confessora porque acredito em leis que protegem todas as pessoas, dão para todos os indivíduos o direito à sua própria vida. Eu não desejaria que a habilidade de esculpir de um artista fosse impedida, ou que a voz de um cantor fosse silenciada, ou que a mente de uma pessoa ficasse inativa. Nem quero que a habilidade das pessoas de alcançar o que podem com magia seja arrancada delas.

– A magia em si não é a questão central, não é do que isso se trata. Quero que todas as flores, em todas as suas variedades, tenham chance de desabrochar. Você também é linda Jennsen. Eu também não escolheria perder você. Cada pessoa tem um direito à vida. A ideia de que deve haver uma escolha de um em detrimento de outro é contra aquilo em que eu acredito.

Jennsen sorriu com a mão de Kahlan em sua bochecha.

– Bem, acho que em um mundo sem magia, eu poderia ser Rainha.

Em seu caminho com ramos de bálsamo, Cara disse. – Rainhas também devem fazer reverência à Madre Confessora. Não esqueça disso.

CAPÍTULO 36



A luz inundou o local quando a tampa da caixa foi erguida repentinamente. As dobradiças enferrujadas rangeram em protesto a cada polegada que a tampa levantou. Zedd cerrou os olhos com a súbita luz cegante do dia. Braços grossos empurraram a tampa com dobradiças para trás. Se houvesse qualquer folga na corrente em volta do pescoço dele, Zedd teria pulado no momento em que a pesada tampa foi aberta, dando um banho nele de terra e detritos de ferrugem.

Entre a luz brilhante e a poeira rodopiando através do ar, Zedd mal conseguia enxergar. Também não ajudava, o fato de que a curta corrente em volta de seu pescoço estivesse presa no centro do fundo da caixa, deixando apenas folga suficiente para que ele conseguisse erguer a sua cabeça algumas polegadas. Com seus braços presos por ferro atrás das costas, ele podia fazer pouco mais do que ficar deitado no chão.

Enquanto Zedd era forçado a ficar deitado ali de lado, seu pescoço perto do trinco de ferro, pelo menos ele conseguia respirar no repentino jato de ar fresco. O calor na caixa era escaldante. Em duas ocasiões, quando eles fizerem parada durante a noite, deram a ele um copo com água. Isso não foi o suficiente. Ele e Adie foram alimentados poucas vezes, mas era de água que ele precisava mais do que comida. Zedd sentia-se como se pudesse morrer de sede. Ele mal conseguia pensar em qualquer coisa a não ser água.

Ele havia perdido a conta do número de dias em que estivera acorrentado ao chão da caixa, mas estava bastante surpreso em ainda

estar vivo. A caixa estivera chacoalhando no fundo de uma carroça durante o curso de uma longa, árdua, mas rápida jornada. Ele só podia assumir que estava sendo levado até o Imperador Jagang. Ele também tinha certeza de que arrependeria-se se ainda estivesse vivo ao fim da jornada.

Houve algumas vezes, no calor sufocante da caixa, em que ele esperou que logo fosse cair na inconsciência e morrer. Houve algumas vezes em que desejou morrer. Estava certo de que cair em um sono fatal seria de longe preferível ao invés daquilo que estava reservado para ele. Porém, ele não teve escolha; o controle que a Irmã exercia através do Rada'Han impedia que ele estrangulasse a si mesmo até a morte com a corrente, e era muito difícil, ele descobrira, forçar a morte com sua própria vontade.

Zedd, sua cabeça ainda presa ao chão da caixa pelo pedaço de corrente, tentou dar uma espiada, mas conseguiu ver apenas o céu. Ouviu outra tampa ser aberta.

Tossiu quando outra nuvem de poeira espalhou-se sobre ele. Quando escutou Adie tossir, não sabia se estava aliviado em saber que ela também ainda estava viva, ou se ele sentia muito que ela estivesse, sabendo o que ela, como ele, teria que suportar.

Zedd estava, de certo modo, preparado para a tortura a qual ele sabia que seria submetido. Era um mago e passou por testes de dor. Temia essa tortura, mas suportaria até que ela finalmente acabasse com sua vida. Em sua condição enfraquecida, ele esperava que não fosse levar tanto tempo assim. De certo maneira, um tempo sob tortura era como um velho conhecido que retornava para assombrá-lo.

Mas ele temia a tortura de Adie muito mais do que a sua própria. Odiava acima de tudo a tortura de outros. Odiava pensar nela recebendo tal tratamento.

A carroça estremeceu quando a frente da outra caixa abriu. Um grito escapou da garganta de Adie quando um homem bateu

nela.

– Mexa-se, sua velha estúpida, para que eu consiga alcançar a fechadura!

Zedd conseguiu escutar os pés de Adie raspando no caixote de madeira quando, com as mãos presas atrás das costas, ela tentou obedecer. Pelo som de punhos contra carne, o homem não estava feliz com os esforços dela. Zedd fechou os olhos, desejando também poder tapar os ouvidos. A frente da caixa confinadora de Zedd abriu rapidamente fazendo barulho, deixando entrar mais luz e poeira. Uma sombra deslizou sobre ele enquanto um homem aproximava-se. Porque o seu rosto estava preso ao chão pela corrente, Zedd não conseguia ver o homem.

Uma grande mão avançou, encaixando uma chave na fechadura. Zedd manteve sua cabeça esticada o mais longe possível para dar ao homem todo o espaço disponível para deixar ele fazer seu trabalho. Tal esforço rendeu a Zedd um forte soco no lado da cabeça. O golpe deixou os ouvidos dele zunindo.

A fechadura finalmente abriu. O grande punho do homem agarrou Zedd pelo cabelo e arrastou-o, como um saco de grãos, para fora da caixa e em direção ao fundo da carroça. Zedd pressionou os lábios, para evitar gritar enquanto seus ossos saltavam sobre pedaços de madeira protuberantes no piso da carroça. Na parte de trás da carroça ele foi sumariamente jogado para bater no chão.

Com os ouvidos zunindo, a cabeça girando, Zedd tentou sentar quando foi chutado, sabendo que isso foi um comando. Ele cuspiu terra. Com as mãos amarradas atrás das costas ele estava tendo dificuldade em atendê-lo. Após três chutes, um homem grande agarrou ele pelo cabelo e levantou-a.

O coração de Zedd entristeceu ao ver que eles estavam no meio de um exército de tamanho surpreendente. A massa escura de humanidade cobria a terra tão longe quanto podia enxergar. Então, parecia que eles haviam chegado.

Com o canto dos olhos, ele viu Adie sentada na terra ao lado dele, a cabeça dela pendia.

Ela estava com um hematoma lívido na bochecha. Não levantou os olhos quando uma sombra desceu sobre ela.

Uma mulher em um longo vestido sombrio aproximou-se diante deles, distraindo ele de sua análise das forças inimigas. Zedd reconheceu o vestido de lã marrom.

Era a Irmã do Escuro que colocou a coleira em volta dos pescoços deles. Não sabia o nome dela; ela nunca falou. De fato, ela não tinha falado com eles desde que eles foram acorrentados em suas caixas. Agora ela estava parada acima deles, como a rigorosa governanta de crianças incorrigíveis.

O anel no lábio inferior dela, marcando-a como uma escrava, na mente de Zedd irrevogavelmente maculava seu ar de autoridade.

O chão estava coberto por esterco de cavalo, a maioria, mas não todos, velhos e secos. A uma certa distância além da Irmã, cavalos estavam presos aparentemente sem qualquer ordem entre os soldados. Cavalos que pareciam como se pudessem pertencer à cavalaria eram bem cuidados.

Cavalos de trabalho não estavam tão saudáveis. Entre os cavalos e homens, carroças e pilhas de suprimentos pontilhavam o terreno.

O lugar tinha o horrível fedor de latrinas rasas, cavalos, esterco, e o sujo odor de habitações humanas amontoadas que falhavam em apresentar as necessidades sanitárias comuns. Zedd piscou quando a fumaça acre de madeira de uma das milhares fogueiras para cozinhar chegou até ele, queimando seus olhos.

O ar também estava cheio de mosquitos, insetos e moscas. As moscas eram o pior. As picadas de mosquitos ficariam doendo mais tarde, mas as moscas causavam dor no instante em que picavam, e com os braços presos atrás das costas, não havia muita coisa que ele

pudesse fazer a respeito a não ser sacudir a cabeça para tentar mantê-las fora de seus olhos e do nariz.

Os dois soldados que libertaram Zedd e Adie de suas caixas estavam de pé pacientemente cada um de um lado.

Além da saia da mulher um vasto acampamento espalhava-se tão longe quanto os olhos podiam ver. Havia homens por toda parte, homens engajados no trabalho, descansando, e em recreação. Estavam vestidos com toda variedade de roupas, desde armaduras de couro, cota de malha, e cintos de guarnição até peles, túnicas sujas, e calças no processo de apodrecimento para virar trapos. A maioria dos homens não estava barbeado, e todos estavam tão sujos quanto feras presas vivendo em louco isolamento. O grande acampamento gerava um constante som de gritos, assovios, homens falando alto e risadas, o retinir de metal, o bater de martelos ou o ritmo de serras, e, cortando tudo isso, o grito ocasional de alguém em dor agonizante.

Tendas ao milhares, tendas de todos os tipos, como folhas após uma forte ventania, estavam espalhadas no terreno levemente ondulado ao pé das enormes montanhas a leste. Muitas tendas estavam decoradas com pilhagens; cortinas quadriculadas penduradas em uma entrada, uma pequena cadeira ou mesa diante de uma tenda, aqui e ali um item de roupa íntima de mulher esvoaçava como uma bandeira de conquista. Carroças, cavalos e equipamentos estavam todos misturados no meio da turba sem qualquer plano aparente. O chão havia sido pisoteado pelas massas até virar uma fina camada de pó nesse arremedo de cidade desprovido de ordem.

O lugar era um pesadelo da humanidade reduzida à selvageria de uma multidão solta, o escopo de seus objetivos não era mais do que o impulso do momento.

Embora seus líderes tivessem fins, esses homens não.

– Sua Excelência requisitou vocês dois. – a Irmã falou para eles.

Nem Zedd, nem Adie, falou alguma coisa. Os homens os ergueram fazendo ficarem de pé. Um forte empurrão fez eles começarem a andar atrás da Irmã depois que ela marchou adiante. Então, Zedd notou, que havia mais soldados, perto de uma dúzia, escoltando eles.

A carroça havia entregue eles no final de uma espécie de estrada, que seguia em um curso serpenteante através do acampamento. O fim da estrada, onde carroças estavam em uma fila, parecia ser a entrada para um acampamento interno, provavelmente uma área de comando. Os soldados comuns do lado de fora de um anel de guardas pesadamente armados comiam, jogavam dados, apostavam, permutavam pilhagens, contavam piadas, conversavam, e bebiam enquanto observavam os prisioneiros sendo escoltados.

Ocorreu a Zedd o pensamento de que se ele gritasse, proclamando que ele era o responsável pelo feitiço de luz que havia morto ou ferido tantos colegas deles, talvez os homens ficassem fora de controle, pulariam em cima deles, e os matariam antes que Jagang tivesse chance de fazer o seu pior.

Zedd abriu a boca para tentar executar seu plano, mas viu a Irmã olhar para trás por cima do ombro. Ele descobriu que sua voz foi anulada através do controle dela sobre a coleira em volta do seu pescoço. Não haveria como falar a não ser que ela permitisse. Seguindo a Irmã, eles caminharam passando por fileiras de carroças na frente daquela que os trouxera. Havia mais de uma dúzia de carroças de carga todas alinhadas diante da área isolada com as tendas maiores. Nenhuma das carroças estava vazia, todas estavam carregadas com caixotes.

Com triste compreensão, Zedd entendeu. Essas eram carroças com itens saqueados da Fortaleza do Mago. Todas essas eram carroças que tinham feito a jornada junto com eles. Estavam todas

cheias das coisas que aqueles homens não dotados, sob as ordens da Irmã, havia retirado da Fortaleza. Zedd temeu pensar quais itens de valor inestimável de profundo perigo repousavam naqueles caixotes. Havia coisas na Fortaleza que tornavam-se danosas a qualquer pessoa caso fossem removidas dos escudos que as guardavam. Havia itens raros que, se retirados de seu ambiente protegido, como a escuridão, por ao menos um curto espaço de tempo, deixariam de ser viáveis.

Guardas sob camadas de peles, armadura, couro, e armados com piques com longas pontas de aço flanqueadas por lâminas afiadas em forma de asas, enormes machados em meia lua, espadas, e maças com espinhos rondavam pela área restrita. Esses soldados sinistros eram maiores e de aparência mais ameaçadora do que os homens comuns do lado de fora no acampamento… e aqueles já eram bastante assustadores. Enquanto os guardas especiais patrulhavam, sempre vigilantes, os soldados comuns despreocupados logo ali do lado de fora do perímetro tratavam dos seus negócios.

Os guardas conduziram a Irmã, Zedd, e Adie através de uma abertura em uma fila de barricadas com espetos. Além estavam as menores das tendas especiais. A maioria eram redondas e do mesmo tamanho. Zedd achou que provavelmente essas eram as tendas da equipe que o Imperador manteria perto, seus assistentes e escravos pessoais. Zedd imaginou se as Irmãs estavam todas dentro do perímetro do Imperador.

Subindo adiante, a visão impressionante das grandes tendas de um Imperador e sua comitiva erguia-se na luz do final da tarde. Sem dúvida algumas dessas tendas confortáveis instaladas na área central, dentro do anel de tendas para servos e assistentes, estavam acomodações para soldados de alta patente, oficiais, e os conselheiros mais confiáveis do Imperador.

Zedd gostaria de ter um feitiço de luz e a habilidade de dispará-lo. Provavelmente ele poderia decapitar a Ordem Imperial ali agora mesmo.

Mas ele sabia que tal confusão e tumulto seriam apenas um pequeno contra tempo para a Ordem Imperial. Eles conseguiriam outro bruto para reforçar a sua mensagem. Seria necessário mais do que matar Jagang para acabar com a ameaça da Ordem. Ele nem tinha mais certeza do que seria necessário para libertar o mundo da opressão e tirania da Ordem Imperial.

A despeito das sedutoras noções simplistas mantidas pela maioria das pessoas, o Imperador Jagang não era a força direcional dessa invasão. A força direcional era uma ideologia perversa. Para existir, ela não poderia permitir que vidas bem sucedidas fossem vividas em vista das massas sofredoras produzidas como resultado das crenças e da ditadura da Ordem Imperial. A liberdade e o resultante sucesso das pessoas que viviam no Mundo Novo indicavam a mentira em tudo que a Ordem pregava. Era blasfêmia ter sucesso sozinho; uma vez que a Ordem ensinava que isso não podia ser feito, isso só poderia ser pecaminoso. O pecado tinha de ser eliminado para o bem maior. Dessa forma, a liberdade do Mundo Novo tinha que ser esmagada.

– São esses? – um guarda com cabelo curto perguntou. Os anéis pendurados no nariz e nas orelhas dele fizeram Zedd lembrar de um porco premiado decorado para a feira de verão. É claro, porcos premiados teriam sido lavados e limpos e estariam com cheiro melhor.

– Sim. – a Irmã falou. – Os dois, como instruído.

Com deliberado cuidado os olhos escuros do homem observaram Adie e depois Zedd. Pela careta que fez, aparentemente ele considerava a si mesmo um homem bom que estava desgostoso com o que viu: o mal. Após notar a coleira que os dois usavam, mostrando que não seriam perigo para o Imperador, ele deu um

passo para o lado e levantou um dedão, direcionando eles através de uma segunda barricada além das tendas dos assistentes, servos, e escravos. O olhar do guarda seguiu os pecadores em seu caminho para encontrarem com o seu destino merecido.

Outros homens, do lado de dentro da área interna, aproximaram-se para cercá-los. Zedd viu que esses homens usavam roupas mais ordenadas. Eles estavam usando camadas similares de couro e armadura, com pesados cintos para armas de couro, seus peitos com faixas com espinhos de metal cruzadas. Havia uma uniformidade neles, uma semelhança, que mostrava que esses eram guardas especiais. As armas pendiam naqueles largos cintos eram melhor trabalhadas, e eles carregavam mais delas. Pela forma como eles moviam-se, Zedd sabia que esses não eram homens comuns arrebanhados para serem soldados, mas homens treinados com talentos para a guerra altamente desenvolvidos.

Esses eram os guarda-costas de elite do Imperador.

Zedd olhou desejoso para o balde quase todo cheio com água colocado para os homens que montavam guarda no calor. Não seria bom, se você fosse um Imperador, que os seus guardas caíssem por causa da falta de água. Sabendo qual provavelmente seria a resposta, Zedd não pediu um gole. Um olhar para o lado mostrou Adie lambendo os lábios rachados, mas ela também permaneceu em silêncio.

Subindo uma suave elevação estava a maior e mais imponente das tendas, entre os impressionantes mas menores aposentos do séquito do Imperador. A tenda do Imperador parecia mais um palácio viajante, na verdade, do que uma tenda. Ela ostentava um teto com três picos cortados por altos postes exibindo coloridos estandartes e bandeiras. Painéis belamente bordados adornavam as paredes exteriores. Banners vermelhos e amarelos serpenteavam preguiçosamente no ar quente do dia. Pendões e

faixas por toda parte faziam ela parecer como uma tenda de reunião central em um festival.

Um guarda flanqueando um portal encarou o olhar de Zedd antes de puxar para o lado a pele de cordeiro coberta com escudos de ouro e medalhões de prata, permitindo a entrada deles. Um dos outros guardas empurrou o ombro de Zedd, quase fazendo ele cair espalhado no chão. Zedd cambaleou através do portal para o interior fracamente iluminado, Adie foi tropeçando atrás dele.

Lá dentro, o ruído estridente do acampamento foi abafado por camadas de ricos tapetes posicionados indiscriminadamente.

Centenas de travesseiros de seda e brocado ladeavam a borda do chão. Drapeados coloridamente decorados dividiam o espaço interior sombrio e cobriam as paredes exteriores. Aberturas acima, teladas com material parecido com gaze, deixavam pouca luz entrar mas permitiam que um pouco de ar corresse através da calma obscuridade da grande tenda. De fato, estava tão escuro, que lamparinas e velas eram necessárias.

No meio da sala, em direção ao fundo, estava uma cadeira ornada drapeada com rica seda vermelha. Se esse era o trono do Imperador Jagang, ele não estava nele.

Enquanto guardas cercavam Zedd e Adie, mantendo eles restritos no lugar, um dos homens foi para trás das paredes de tecido de onde vinha um brilho de luz. Os guardas parados bem perto ao redor de Zedd fediam a suor. Seus sapatos estavam melados com esterco. Mesmo com os arredores suntuosos fazendo o melhor para simular uma aura reverente, um clima sagrado, um eterno fedor de celeiro permeava o lugar. O esterco de cavalo e o suor humano dos homens que haviam entrado na tenda com Zedd e Adie estavam apenas tornando a coisa pior.

O homem que desaparecera atrás das paredes enfiou sua cabeça para fora, sinalizando para que a Irmã seguisse adiante. Ele

sussurrou para ela e, então, ela também desapareceu atrás das paredes.

Zedd lançou um olhar para Adie. Os olhos completamente brancos dela olhavam fixamente para frente. Ele endireitou o corpo como uma desculpa para inclinar em direção a ela e disfarçadamente tocou no ombro dela com o dele, uma mensagem de conforto onde não poderia haver alguma. Ela devolveu um leve empurrão; mensagem recebida, e apreciada. Ele queria abraçá-la, mas sabia que provavelmente jamais faria isso outra vez.

Palavras abafadas podiam ser ouvidas, mas as pesadas tapeçarias nas paredes as abafavam tanto que Zedd não conseguia entender nada. Se tivesse acesso ao seu Dom, seria capaz de ouvir tudo, mas a coleira cortava sua habilidade. De qualquer modo, a natureza do relatório da Irmã, as palavras, foram curtas e diretas.

Os escravos que trabalhavam na tenda escovando tapetes, polindo finos vasos, ou encerando armários não prestaram atenção nas pessoas que os guardas trouxeram, mas o súbito, tom baixo de ameaça que veio de trás da parede fez com que todos eles concentrassem mais ainda sua atenção no trabalho. Embora sem dúvida prisioneiros fossem trazidos diante do Imperador com bastante frequência, Zedd tinha certeza de que não seria sábio para aqueles que trabalhavam na grande tenda prestarem atenção nos assuntos do Imperador.

De trás das paredes compostas por cenas tecidas também vinha o caloroso cheiro de comida. A variedade de cheiros que Zedd conseguiu detectar era surpreendente. O fedor do lugar, porém, tendeu a fazer os fragrantes aromas de carnes, óleo de oliva, alho, cebolas, e temperos um tanto quanto repugnantes.

A Irmã saiu de trás da parede de coloridas tapeçarias. O anel em seu lábio inferior destacava-se em completo alívio contra sua pele pálida.

Ela fez um pequeno movimento com a cabeça para os homens de ambos os lados dos prisioneiros.

Dedos poderosos agarraram os braços deles, Zedd e Adie foram empurrados em direção da abertura e do brilho de luz além.

CAPÍTULO 37



Forçado a parar bruscamente, Zedd, finalmente, estava algemado diante do intenso olhar do Andarilho dos Sonhos em pessoa, Imperador Jagang.

Entronizado em uma cadeira de costa alta ornamentadamente entalhada atrás de uma grande mesa de jantar, Jagang inclinou sobre os dois cotovelos, uma perna de ganso surgindo em seus dedos enquanto ele mastigava. Pontos de luz das velas refletidos nos lados de sua cabeça raspada dançavam enquanto os tendões em suas têmporas moviam-se de acordo com sua mastigação. Um fino bigode, crescendo nos cantos de sua boca e no centro sob o seu lábio inferior, movia-se de forma ritmada com sua mandíbula, assim como fazia a fina corrente conectada a círculos de ouro na sua orelha e no nariz. Oleosa gordura de ganso cobrindo seus dedos carnudos com anéis cintilava sob a luz das velas e descia por seus braços nus.

Do seu lugar atrás da mesa, Jagang estudava casualmente seus cativos mais recentes.

A despeito das velas dispostas sobre a mesa e em suportes de cada um dos lados, o interior da tenda transmitia a sombria sensação de uma masmorra.

De cada lado dele sobre a larga mesa estavam pratos de comida, cálices, garrafas, velas, tigelas, e, aqui e ali, livros e pergaminhos. Não havendo espaço para todas as badejas de prata no meio do amontoado, algumas delas tiveram que ser

estrategicamente equilibradas sobre pequenos pilares decorados. Parecia ter comida ali suficiente para um pequeno exército.

Por toda a conversa da Ordem sobre o sacrifício para o melhoramento da humanidade ser a nobre causa deles, Zedd sabia que tal abundância na mesa do Imperador destinava-se a enviar uma mensagem contraditória, mesmo quando não havia mais ninguém além do próprio Imperador para vê-la.

Escravos estavam em pé alinhados perto da parede atrás de Jagang, alguns segurando bandejas adicionais, alguns em poses rígidas, todos aguardando um comando. Alguns daqueles no fundo eram homens jovens… jovens magos, de acordo com o que Zedd ouvira… vestidos com calças brancas frouxas e nada mais. Foi ali onde os magos em treinamento no Palácio dos Profetas foram parar, junto com as Irmãs capturadas que foram suas professoras. Agora todos eram prisioneiros do Andarilho dos Sonhos. Os mais talentosos dos homens, homens com enorme potencial, eram usados como trabalhadores domésticos para executarem tarefas de servos. Isso também era uma mensagem enviada pelo Imperador da Ordem Imperial, para mostrar a todos que os melhores e os mais brilhantes deveriam ser usados para limpar penicos, enquanto brutos os governavam.

As mulheres mais jovens, Irmãs tanto do Escuro quanto da Luz, Zedd presumiu, usavam roupas que corriam do pescoço até os pulsos e tornozelos, mas eram tão transparentes que as mulheres poderiam muito bem estar nuas. Isso, também, servia para mostrar que o Imperador Jagang tinha pouca consideração com os talentos dessas mulheres, e as valorizava apenas para o prazer dele. As mulheres mais velhas, menos atraentes, em pé nas laterais, usavam roupas escuras.

Essas provavelmente eram Irmãs que serviam ao Imperador de outras maneiras servis.

Jagang adorava ter sob o seu controle, como escravos, algumas das pessoas mais dotadas no mundo. Isso combinava com a natureza da Ordem para rebaixar aqueles que tinham habilidades, ao invés de valorizá-los.

Jagang observou Zedd contemplando os escravos da casa, mas não mostrou emoção. O pescoço de touro do Andarilho dos Sonhos fazia ele parecer quase como se não fosse humano. Os músculos do seu peito, assim como seus ombros massivos, eram exibidos por uma camisa de lã de carneiro aberta, sem mangas. Ele era o homem mais poderoso e musculoso que Zedd já tinha visto, uma presença intimidadora mesmo em repouso.

Enquanto Zedd e Adie permaneciam mudos, os dentes de Jagang arrancaram outro pedaço de carne da perna de ganso. No tenso silêncio, ele os observava enquanto mastigava, como se estivesse decidindo o que devia fazer com sua mais nova pilhagem.

Mais do que tudo, foram os seus olhos negros, desprovidos de quaisquer pupilas, íris, ou partes brancas, que ameaçavam fazer o sangue parar nas veias de Zedd. Na última vez em que viu aqueles olhos, Zedd não estava algemado, mas aquela garota não dotada impedira que Zedd tivesse acabado com o homem. Essa acabaria tornando-se a oportunidade perdida da qual Zedd mais se arrependeria. Sua chance de matar Jagang havia escapado entre seus dedos naquele dia, não por causa do vasto poder de todas as Irmãs experientes e das tropas dispostas contra ele, mas tudo por causa de uma simples garota não dotada.

Aqueles olhos negros, os olhos de um Andarilho dos Sonhos maduro, brilhavam na luz das velas. Através de sues vácuos escuros, formas sombrias moviam-se, como nuvens em uma noite sem lua.

A direção do olhar do Andarilho dos Sonhos era tão óbvia quanto o de Adie quando ela olhava para Zedd com seus olhos puramente brancos. Sob o olhar direto de Jagang, Zedd teve que lembrar a si mesmo para relaxar os músculos, e lembrar de respirar.

Porém, a coisa que mais aterrorizava ele sobre aqueles olhos, era o que ele via neles: uma mente perspicaz, calculista. Zedd tinha lutado contra Jagang tempo o bastante para começar a entender que subestimar esse homem era um grande perigo.

– Jagang, o justo. – a Irmã disse, mantendo uma das mãos esticada de forma introdutória apontando para o pesadelo diante deles.

– Excelência, esse é Zeddicus Zu'l Zorander, Primeiro Mago, e uma feiticeira de nome Adie.

– Sei quem eles são. – Jagang falou com uma voz profunda tão cheia de ameaça quanto de desgosto.

Ele inclinou de volta, colocando um braço sobre a costa da cadeira e uma perna sobre um braço entalhado. Ele gesticulou com a perna de ganso.

– O avô de Richard Rahl, conforme ouvi dizerem.

Zedd não falou.

Jagang atirou a perna parcialmente comida sobre uma bandeja e pegou uma faca. Com uma das mãos ele cortou um pedaço de carne vermelha de um assado e espetou-a com ela. Com o cotovelo sobre a mesa, ele balançou a faca enquanto falava. Suco vermelho escorreu pela lâmina.

– Provavelmente essa não é a forma como esperava me conhecer.

Ele riu de sua própria piada, um som profundo, ressoante, cheio de ameaça.

Com os dentes, Jagang tirou o pedaço de carne da faca e mastigou enquanto os observava, como se fosse incapaz de decidir em uma variedade de opções deliciosamente terríveis que desfilavam através de seus pensamentos.

Ele empurrou a carne garganta abaixo com um gole de um cálice de prata cravejado com joias, seu olhar nunca desviando deles.

– Não consigo expressar como estou feliz que vocês tenham vindo me visitar.

O sorriso dele era como a própria morte. – Vivos.

Ele girou o pulso, fazendo um círculo com a faca. – Temos muita coisa para falar. – a risada dele morreu, mas o sorriso permaneceu. – Bem, vocês falarão, de qualquer modo. Eu serei um bom anfitrião e escutarei.

Zedd e Adie permaneceram em silêncio enquanto o olhar negro de Jagang desviou de um para o outro.

– Não estão muito faladores ainda? Bem, não importa. Estarão tagarelando em breve.

Zedd não desperdiçou o esforço de falar para Jagang que ele não ganharia nada dele com a tortura. Jagang não acreditaria em uma declaração como essa, e mesmo se acreditasse, isso dificilmente acabaria com o desejo dele de que isso fosse realizado.

Jagang pegou algumas uvas de uma tigela. – Você é um homem cheio de recursos, Mago Zorander. – ele estourou várias uvas na boca e mastigou enquanto falava.

– Sozinho lá em Aydindril, com um exército cercando você, você conseguiu me ludibriar para que eu achasse que tinha encurralado Richard Rahl e a Madre Confessora. Um belo truque. Eu devo dar o crédito a você quando o crédito lhe é devido.

– E o feitiço de luz que você disparou no meio dos meus homens, aquilo foi notável. – ele colocou outra uva na boca. – Você tem ideia de quantas centenas de milhares deles foram pegos em sua feitiçaria?

Zedd conseguiu ver os músculos no braço cabeludo do homem jogado sobre a costa da cadeira tufarem quando ele flexionou o punho. Então ele relaxou a mão e inclinou para frente, usando o dedão para pegar um longo pedaço de presunto.

Ele balançou a carne enquanto prosseguia. – É isso tipo de magia que preciso que você faça para mim, bom mago. Eu entendo,

de acordo com as vadias estúpidas que eu tenho que chamam a si mesmas de Irmãs da Luz, ou Irmãs do Escuro, dependendo de quem elas decidiram que pode oferecer melhores favores na vida após a morte, que provavelmente você não conjurou aquela pequena magia sozinho, mas ao invés disso, usou um feitiço construído da Fortaleza do Mago e simplesmente disparou ele entre meus homens com algum tipo de truque, ou gatilho… provavelmente alguma pequena curiosidade que um deles pegou e no ato de dar uma espiada, ele ativou.

Zedd estava de certo modo alarmado que Jagang tivesse conseguido aprender tanto. O Imperador arrancou uma grande mordida da ponta do pedaço de presunto enquanto os observava.

Sua aparência indulgente estava começando a desaparecer.

– Então, uma vez que você não consegue fazer tão maravilhosa magia sozinho, providenciei para que alguns itens fossem trazidos da Fortaleza para que você possa me dizer como eles funcionam, o que eles fazem. Tenho certeza de que deve haver um grande número de itens intrigantes entre o inventário. Eu gostaria de ter alguns daqueles feitiços conjurados para que eles possam abrir algumas das passagens para D'Hara para nós. Isso pouparia para mim algum tempo e problemas. Tenho certeza de que você pode entender minha ansiedade para entrar em D'Hara e finalmente acabar com essa resistência insignificante.

Zedd soltou um forte suspiro e finalmente falou.

– Para a maioria daqueles itens, você poderia me torturar até o fim dos tempos e eu ainda não seria capaz de falar a você nada porque não tenho conhecimento sobre eles. Diferente de você, conheço meus próprios limites. Simplesmente não sei como um feitiço assim deve parecer. Mesmo se eu soubesse, isso não significa que eu saberia como fazê-lo funcionar. Apenas tive sorte com aquele que usei.

– Talvez, talvez, mas você conhece a respeito de alguns dos itens. Você é, afinal de contas, como ouvi falar, o Primeiro Mago; essa é a sua Fortaleza. Declarar ignorância das coisas dentro dela dificilmente seria algo em que posso acreditar. Independente da sua afirmação de sorte, você conseguiu saber o bastante sobre aquela Teia de Luz construída para dispará-la entre meus homens, então você obviamente tem conhecimento sobre os mais poderosos dos itens.

– Você não sabe nada sobre magia, – Zedd disparou. – tem uma cabeça cheia de ideias grandiosas e acha que tudo que tem de fazer é ordenar que elas sejam feitas. Bem, elas não podem. Você é um tolo que não sabe nada sobre a magia real ou os limites dela.

Uma sobrancelha levantou sobre um dos olhos negros de Jagang. – Oh, acho que sei mais do que você pode pensar, mago. Você percebe, eu adoro ler, e eu, bem, eu tenho a vantagem de consultar algumas das mentes mais notavelmente dotadas que você pode imaginar. Provavelmente eu sei muito mais sobre magia do que você me dá crédito.

– Dou crédito a você pela audaciosa auto ilusão.

– Auto ilusão? – ele abriu os braços. – Você consegue criar um Deslizador, Mago Zorander?

Zedd congelou. Jagang tinha ouvido o nome; isso era tudo. O homem gostava de ler. Ele leu aquele nome em algum lugar.

– É claro que não, e nem qualquer pessoa viva nos dias atuais consegue.

– Você não consegue criar um ser assim, Mago Zorander. Mas você não tem ideia do quanto eu sei a respeito de magia. Veja bem, eu aprendi a trazer talentos perdidos de volta à vida… artes que há um longo tempo acreditava-se estarem mortas e desaparecidas.

– Dou a você a grandiosidade do seu sonho, Jagang, mas sonhar é fácil. Os seus sonhos não podem ser transformados em

realidade só porque você sonha com eles e decide que deseja que eles ganhem vida.

– A Irmã Tahirah, aqui, conhece a verdade disso.

Jagang gesticulou com a faca. – Diga para ele, querida. Diga para ele o que eu posso sonhar e o que posso trazer à vida.

A mulher adiantou-se vários passos de forma hesitante. – É como Vossa Excelência diz. – ela desviou os olhos da expressão incrédula de Zedd para remexer no cabelo grisalho dela. – Com a brilhante orientação de Sua Excelência, nós fomos capazes de trazer de volta alguns dos antigos conhecimentos. Com o experiente direcionamento de nosso Imperador, nós fomos capazes de investir em um mago chamado Nicholas uma habilidade que não é vista no mundo há três mil anos. É uma das maiores façanhas de Sua Excelência. Posso garantir pessoalmente que é como Sua Excelência diz; um Deslizador caminha no mundo novamente. Não é fantasia, Mago Zorander, mas a verdade.

– Que os espíritos me ajudem, – ela adicionou baixinho. – eu estava lá para ver o Deslizador nascer no mundo.

– Você criou um Deslizador? – com os punhos ainda presos atrás das costas, Zedd deu um passo furioso em direção da Irmã. – Você está louca, mulher! – ela recuou para a parede dos fundos. Zedd voltou sua fúria para Jagang. – Deslizadores foram uma catástrofe! Eles não podem ser controlados! Você teria que ser louco para criar um!

Jagang sorriu. – Com inveja, mago? Inveja porque você não é capaz de realizar uma coisa assim, não consegue criar uma arma como essa contra mim, enquanto eu posso criar uma para tirar Richard Rahl e a esposa dele de você?

– Um Deslizador tem poderes que você não pode controlar.

– Um Deslizador não é perigo para um Andarilho dos Sonhos. Minha habilidade é mais rápida do que a dele. Eu sou melhor do que ele.

– Não importa o quanto você é rápido… não trata-se de ser rápido! Um Deslizador não pode ser controlado e ele não vai fazer o que você quer!

– Parece que estou controlando ele muito bem. – Jagang inclinou sobre um cotovelo. – Você acha que a magia é necessária para controlar aqueles que você domina, mas eu não preciso de magia. Nem com Nicholas nem com a humanidade.

– Você parece obcecado com o controle, eu não.

– Eu consegui encontrar um povo que você não gostaria que caminhasse livre entre os colegas deles homens, um povo expulso pelos dotados, um povo maltratado por não ter qualquer centelha do seu precioso Dom da magia… um povo odiado e banido porque a sua espécie não era capaz de controlá-los. Esse foi o crime deles: estarem do lado de fora do controle da sua magia.

O punho de Jagang bateu na mesa. Todos os escravos pularam junto com as bandejas.

– É assim que a sua espécie quer que o futuro da humanidade seja; sua espécie quer que apenas aqueles com uma centelha do Dom tenham permissão para caminharem livres. Isso, para que vocês possam usar o seu Dom para controlá-los! Como aquela coleira em volta do seu pescoço, seu desejo é colocar uma coleira em toda a humanidade com magia.

– Encontrei aquelas pessoas não dotadas desabrigados e trouxe eles de volta para o meio dos seus companheiros homens. Para a desaprovação e nojo da sua espécie, eles não podem ser tocados pela sua magia vil.

Zedd não conseguia imaginar onde Jagang encontrara tais pessoas. – E então agora você tem um Deslizador para controlá-los para você.

– A sua espécie os condenou e baniu; nós recebemos eles de bom grado entre nós. De fato, nós queremos modelar o homem à partir deles. Nossa causa é a deles pela própria natureza deles… a

pureza da humanidade sem qualquer mácula de magia. Desse jeito o mundo será um e finalmente ficará em paz.

– Eu tenho a vantagem sobre você, mago; eu tenho o que é correto do meu lado. Não preciso de magia para vencer; você precisa. Eu tenho o melhor futuro da humanidade em mente e já defini o nosso curso irreversível.

– Com a ajuda dessas pessoas, eu tomei a sua Fortaleza. Com a ajuda delas, recuperei tesouros inestimáveis do interior dela. Você não conseguiu fazer nada para detê-los, conseguiu? Agora o homem definirá seu próprio curso, sem a maldição da magia escurecendo a sua luta.

– Agora eu tenho um Deslizador para nos ajudar a alcançar esse nobre fim. Ele está trabalhando com aquelas pessoas em benefício de nossa causa. Fazendo isso, Nicholas já provou ser inestimável.

– E mais, esse Deslizador, que a sua espécie jamais conseguiria controlar, jurou entregar a mim os dois que eu mais quero: o seu neto e a esposa dele. Tenho coisas maravilhosas planejadas para eles… bem, para ela, pelo menos. – o rosto vermelho furioso dele derreteu em um sorriso. – Para ele, coisas não tão maravilhosas.

Zedd mal conseguia conter a sua própria fúria. Se não fosse a coleira contendo o seu Dom, nesse momento ele já teria transformado todo esse lugar em cinzas.

– Assim que esse Nicholas tornar-se perito naquilo que ele pode fazer, você descobrirá que ele vai querer sua própria vingança, e a um preço que você poderá descobrir ser alto demais.

Jagang abriu os braços. – Nisso, você está errado, mago. Posso pagar qualquer preço que Nicholas quiser por Lorde Rahl e a Madre Confessora. Não existe essa coisa de preço alto demais.

– Você pode me considerar ganancioso e egoísta, mas você verá que está errado. Enquanto eu aproveito os espólios, devo

saborear o papel que executo fazendo os pagãos ajoelharem-se. É o fim que realmente me preocupa, e no fim eu terei a humanidade fazendo reverência como devia fazer para nossa justa causa e para os caminhos do Criador.

Jagang parecia ter gasto seu brilho de intensidade. Ele inclinou de volta e pegou nozes de uma tigela de prata.

– Zedd estar errado, – Adie finalmente falou. – você nos mostrou que sabe o que estar fazendo. Você conseguirá controlar o seu Deslizador muito bem. Se posso sugerir, mantenha ele perto, para ajudá-lo em seus esforços.

Jagang sorriu para ela. – Você também, minha velha feiticeira, vai me dizer tudo que sabe a respeito do que está naqueles caixotes.

– Bah, – Adie zombou. – você ser um tolo com tesouros sem valor. Espero que arrebente um músculo carregando eles com você por toda parte.

– Adie está certa, – Zedd declarou. – você é um tolo incompetente que só vai…

– Oh, vamos, vamos, vocês dois. Vocês acham que farão com que eu fique furioso e mate os dois imediatamente? – o sorriso malicioso dele retornou. – Que pouparei vocês da justiça apropriada daquilo que está por vir?

Zedd e Adie ficaram em silêncio.

– Quando eu era um garoto, – Jagang falou em um tom mais suave enquanto olhava para o vazio. – eu não era nada. Um brutamontes das ruas em Altur'Rang. Um valentão. Um ladrão. Minha vida era vazia. Meu futuro era a próxima refeição.

– Um dia, eu vi um homem descendo a rua. Parecia que ele poderia ter algum dinheiro e eu o queria. Estava ficando escuro. Eu me aproximei silenciosamente por trás dele, com intenção de bater na cabeça dele, mas justo nesse momento ele virou e olhou para mim nos olhos.

– O sorriso dele fez com que eu congelasse. Não era um sorriso gentil, ou um sorriso de fraqueza, mas o tipo de sorriso que um homem mostra para você quando ele sabe que pode matá-lo se assim ele desejar.

– Ele tirou uma moeda do bolso e atirou-a para mim, e então, sem uma palavra, virou e seguiu seu caminho.

– Algumas semanas mais tarde, no meio da noite, eu acordei em um beco, onde eu dormia embaixo de velhos cobertores e caixotes, e vi uma forma sombria na rua. Sabia que era ele antes que ele atirasse a moeda para mim e partisse na escuridão.

– Na outra vez em que eu o vi, ele estava sentado em um banco no final de uma velha praça que alguns dos homens menos afortunados de Altur'Rang frequentavam.

Como eu, ninguém daria a esses homens uma chance na vida. A ganância das pessoas havia sugado a vida desses homens. Eu costuma ir até lá para olhar eles, para dizer a mim mesmo que não queria crescer para ser como eles, mas eu sabia que seria, um ninguém, um refugo humano esperando para entrar na sombra do esquecimento após a morte. Uma alma sem valor.

– Eu sentei no banco ao lado do homem e perguntei a ele porque ele tinha me dado dinheiro. Ao invés de dar alguma resposta que a maioria das pessoas daria a um garoto, ele falou sobre o grande propósito da humanidade, o significado da vida, e como estamos aqui apenas como uma breve parada no caminho para aquilo que o Criador tem reservado para nós… se formos fortes o bastante para enfrentar o desafio.

– Nunca tinha ouvido uma coisa assim. Falei a ele que eu não achava que coisas desse tipo tinham importância na minha vida porque eu era apenas um ladrão. Ele disse que eu só estava me defendendo da injustiça dos outros na vida.

Ele disse que a humanidade era vil por fazer com que eu fosse do jeito que eu era e que, apenas através do sacrifício e

ajudando aqueles como eu, o homem podia esperar ser redimido na vida seguinte. Ele abriu a minha mente para os costumes pecaminosos do homem.

– Antes que partisse, ele virou e perguntou se eu sabia o quanto era longa a eternidade. Eu disse que não. Ele falou que o nosso tempo miserável nesse mundo era apenas um piscar de olhos antes que entrássemos no mundo seguinte. Aquilo realmente me fez pensar, pela primeira vez, a respeito do nosso propósito maior.

– Durante os meses seguintes, Irmão Narev dedicou um tempo para conversar comigo, para me contar sobre a Criação e a eternidade. Ele forneceu a mim uma visão de um possível futuro melhor onde antes eu não tinha. Ensinou-me a respeito do sacrifício e redenção. Eu achava que estava condenado a uma eternidade de escuridão até que ele mostrou-me a luz.

– Ele me aceitou, em troca de ajudá-lo com as tarefas da vida.

– Para mim, Irmão Narev foi um professor, um sacerdote, um conselheiro, um meio para a salvação, – o olhar de Jagang levantou para Zedd. – e um avô, tudo em um só.

– Ele deu a mim o fogo daquilo que a humanidade pode e deveria ser. Mostrou o verdadeiro pecado da ganância egoísta e o vazio escuro que existe onde isso conduziria a humanidade. Com o passar do tempo, ele transformou-me no punho de sua visão. Ele era a alma; eu era os ossos e músculos.

– Irmão Narev permitiu a mim a honra de iniciar a revolução. Colocou-me na dianteira da ascensão da humanidade sobre a opressão da pecaminosidade. Nós somos a nova esperança para o futuro do homem, e o Irmão Narev em pessoa permitiu que eu seja aquele que carrega sua visão nas chamas purificadoras da redenção da humanidade.

Jagang recostou de volta em sua cadeira, fixando em Zedd o olhar com a expressão mais sombria que Zedd já tinha visto.

– E então nessa primavera, enquanto eu levava o nobre desafio para a humanidade de Narev, até aqueles que nunca tiveram uma chance de enxergar a visão daquilo que o homem pode ser, do futuro sem a mácula da magia, opressão, ganância e desejo de ser melhor do que outros, eu chego até Aydindril… e o que eu encontro?

– A cabeça do Irmão Narev em um pique, com um bilhete, "Cumprimentos de Richard Rahl".

– O homem que eu mais admirava no mundo, o homem que trouxe a todos nós o santificado sonho do verdadeiro propósito da humanidade nessa vida como é exigido pelo próprio Criador, estava morto, sua cabeça enfiada em um pique pelo seu neto.

– Se algum dia já houve uma blasfêmia maior, um crime maior contra toda a humanidade, eu desconheço.

Formas sombrias deslizavam através dos olhos negros de Jagang. – A justiça será feita com Richard Rahl. Ele sofrerá um poderoso golpe, antes que eu o envie para o Guardião. Eu só queria que você soubesse qual será o seu destino, velho. O seu neto vai conhecer um pouco daquele tipo de dor, e o tormento adicional de saber que eu tenho a companheira dele e farei com que ela pague muito caro pelos próprios crimes dela. – um fantasma do sorriso voltou.

– Depois que ele pagar esse preço, então eu o matarei.

Zedd bocejou. – Bela história. Deixou de fora todas as partes em que você mata dezenas de milhares de pessoas inocentes porque elas não querem viver sob o seu governo vil ou de acordo com a visão doentia, distorcida, de Narev.

– Pensando melhor, não se preocupe com as desculpas. Simplesmente corte minha cabeça, coloque ela em um pique, e acabe logo com isso.

O sorriso de Jagang retornou em toda sua glória. – Não será tão fácil assim, velho. Primeiro você tem que falar algumas coisas.

CAPÍTULO 38



Ah, sim, – falou Zedd. – a tortura. Eu quase esqueci.

– Tortura?

Com dois dedos Jagang sinalizou para uma mulher ao lado. A Irmã mais velha em pé apertando as mãos encolheu-se ao ver o olhar dele sobre ela e correu imediatamente para trás de uma cortina de tapetes. Zedd conseguiu ouvir ela sussurrando instruções urgentes para pessoas além, e então o som de pés correndo sobre carpetes e para fora da tenda.

Jagang voltou para sua tranquila refeição enquanto Zedd e Adie ficavam em pé diante dele, famintos, morrendo de sede. O Andarilho dos Sonhos finalmente colocou sua faca sobre um prato. Vendo isso, os escravos rapidamente entraram em ação, levando embora a variedade de pratos, a maioria tinha sido provada, mas isso dificilmente deixava uma mordida neles. Em uma questão de momentos a mesa toda estava livre da comida e da bebida, deixando apenas os livros, os pergaminhos, as velas, e a tigela de prata com nozes.

Irmã Tahirah, a Irmã que havia capturado Zedd e Adie na Fortaleza, ficou de um lado, suas mãos cruzadas na frente dela enquanto os observava. A despeito do seu óbvio medo de Jagang, e de sua bajulação servil com o homem, o sorriso dela para Zedd e Adie traía o prazer que ela estava sentindo com aquilo que estava por vir.

Quando meia dúzia de homens horríveis entraram na sala e ficaram posicionados de um lado, Zedd começou a entender o que

dava prazer à Irmã Tahirah.

Eles eram os homens mais desalinhados, musculosos, e de aparência impiedosa que Zedd já tinha visto. O cabelo deles estava desgrenhado e seboso. Suas mãos e antebraços estavam manchadas com fuligem, suas unhas rachadas e porcas. Suas roupas sujas estavam com manchas escuras de sangue coagulado por causa da execução de sua profissão.

Esses homens trabalhavam com tortura.

Zedd desviou os olhos do olhar fixo da Irmã.

Ela esperava ver medo, pânico, ou talvez choro.

Então um grupo de homens e mulheres foram empurrados para dentro da sala pouco iluminada na tenda do imperador. Pareciam fazendeiros ou trabalhadores humildes, provavelmente capturados por patrulhas. Os homens abraçaram suas esposas enquanto crianças amontoavam-se em volta das saias das mulheres como pintinhos ao redor de galinhas. As pessoas foram levadas até o lado da sala, do lado oposto da fila de torturadores.

Subitamente os olhos de Zedd voltaram-se para Jagang. Os olhos negros do Andarilho dos Sonhos o estavam observando enquanto ele mastigava uma noz.

– Imperador, – falou a Irmã que tinha feito as famílias entrarem. – essas são algumas das pessoas locais, pessoas do campo, como você requisitou. – ela manteve uma das mãos erguidas fazendo uma introdução. – Boas pessoas, esse é nosso reverenciado Imperador, Jagang, o Justo. Ele traz a luz da Ordem Imperial para o mundo, guiado pela sabedoria do Criador, de que nós todos devemos conduzir vidas melhores e encontrar a salvação com o Criador na próxima vida.

Jagang avaliou o grupo enquanto eles faziam reverência desajeitadamente.

Zedd sentiu nojo ao ver o tímido terror nos rostos deles. Eles teriam que ter caminhado através do acampamento de soldados da

Ordem. Deviam ter visto o tamanho da força que espalhava-se pela terra natal deles.

Jagang levantou o braço em direção a Zedd. – Talvez vocês conheçam esse homem? Esse é o Primeiro Mago Zorander. Ele é um dos que tem governado vocês com seu comando da magia. Como podem ver, agora ele está preso diante de nós. Nós libertamos vocês do vil governo desse homem e daqueles como ele.

Os olhos das pessoas dardejavam entre Zedd e Jagang, incertos do seu papel na tenda do Imperador, ou do que deveriam fazer. Finalmente eles balançaram as cabeças, resmungando agradecimentos por sua libertação.

– Os dotados, como esses dois, poderiam ter suado sua habilidade para ajudar a humanidade. Ao invés disso, eles a usaram para si mesmos. Uma vez que deviam ter feito sacrifício por aqueles com necessidades, eles foram egoístas. É criminoso comportar-se como eles fazem, viver como eles vivem, com tudo que eles possuem. Pensar em tudo que eles poderiam fazer por aqueles com necessidades me deixa furioso, aqueles como vocês pessoas pobres, se não fosse pelos costumes egoístas deles. Pessoas sofrem e morrem sem a ajuda que elas podiam ter, sem a ajuda que essas pessoas podiam ter fornecido, se eles não fossem tão autocentrados.

– Esse mago e a feiticeira dele estão aqui porque recusaram nos ajudar a libertar o resto das pessoas do Mundo Novo nos contando a função das coisas de magia vis que capturamos junto com eles… coisas de magia que eles planejam usar para matar incontável número de pessoas. Esse mago e essa feiticeira egoístas fazem isso porque não puderam ganhar a parte deles.

Todos os olhos arregalados voltaram-se para Zedd e Adie.

– Eu poderia falar a vocês sobre o vasto número de mortes pelas quais esse homem é responsável, mas temo que vocês seriam incapazes de absorver isso. Posso dizer a vocês que eu simplesmente

não posso permitir que esse homem seja responsável por mais dezenas de milhares de mortes.

Então Jagang sorriu para as crianças e gesticulou com as duas mãos, pedindo que elas fossem até ele. As crianças, cerca de uma dúzia, desde seis ou sete até talvez doze anos, agarraram-se a seus pais. O olhar de Jagang subiu até aqueles pais quando ele novamente fez sinal para que as crianças fossem até ele. Os pais entenderam e, de forma relutante, estimularam suas crianças a fazerem aquilo que o Imperador pedia.

O grupo inocente aproximou-se vacilante dos braços esticados e largo sorriso de Jagang. Ele abraçou-as desajeitadamente enquanto reuniam-se em volta dele. Ele desarrumou o cabelo loiro de um garoto, e então o cabelo liso cor de areia de uma garota. Várias das crianças mais jovens olhavam implorando para seus pais antes de chorar com as mãos carnudas de Jagang em suas costas, com o tapinha jovial dele nas suas bochechas.

Um terror silencioso pairava no ar.

Foi a visão mais assustadora que Zedd já testemunhara.

– Bem, agora, – o Imperador sorridente falou. – permitam que eu explique a razão pela qual chamei vocês.

Seus braços poderosos reuniram as crianças diante dele. Quando uma Irmã bloqueou um garoto que queria retornar aos seus pais, Jagang colocou as mãos enormes na cintura de uma garota e fez ela ficar de joelhos. Os olhos arregalados da garota olharam fixamente para o rosto sorridente, a cabeça careca, mas ainda para o vazio de pesadelo dos olhos negros do Andarilho dos Sonhos.

Jagang olhou da garota de vota para os pais.

– Você entendem, o mago e a feiticeira recusaram-se a oferecer a ajuda deles. Para salvar muitas vidas, eu devo ter a cooperação deles. Eles devem responder honestamente todas as minhas perguntas. Eles se recusam. Estou esperando que vocês, boas pessoas, possam convencê-los a nos dizer o que precisamos saber

para salvar as vidas de muitas pessoas, e libertar muitas mais da opressão da magia deles.

Jagang olhou para a fila de homens em pé silenciosamente contra a parede oposta. Com um simples movimento da cabeça, ele comandou o avanço deles.

– O que você está fazendo? – uma mulher perguntou, mesmo quando seu marido tentou contê-la. – O que você pretende?

– O que eu pretendo, – Jagang falou para a multidão de pais. – é que vocês, boas pessoas, convençam o mago e a feiticeira a falarem. Vou colocá-los em uma tenda sozinhos junto com eles para que vocês possam persuadi-los a cumprirem seu dever com a humanidade… persuadi-los a cooperar conosco.

Quando os homens começaram a agarrar as crianças, elas finalmente explodiram em um choro apavorado. Os pais, vendo suas crianças de rosto vermelho gritando de terror, gritaram e correram adiante para buscá-los. Os grandes homens, cada um segurando um ou dois pequenos braços em um punho, empurraram os pais de volta.

Os pais entraram em uma gritaria histérica pedindo que as crianças fossem libertadas.

– Sinto muito, mas não posso fazer isso. – Jagang falou mais alto que o choro das crianças. Ele balançou a cabeça novamente e os homens começaram a arrastar as crianças que contorciam-se, gritavam, para fora da tenda. Os pais também estavam chorando, tentando esticar-se além de grandes braços sujos para tocar aquilo que para eles era a coisa mais preciosa no mundo.

Os pais estavam surpresos e aterrorizados, temendo cruzar uma linha que lançaria a ira sobre as suas crianças, e ainda assim não querendo que eles fossem levados embora. Contra os apelos urgentes deles, as crianças foram rapidamente levadas.

Enquanto as crianças eram levadas, as Irmãs imediatamente bloquearam o portal atrás delas, impedindo que os pais as

seguissem. A tenda virou um pandemônio.

Com a simples palavra – Silêncio! – de Jagang, e seu punho contra a mesa, todos ficaram calados.

– Agora, – Jagang disse. – esses dois prisioneiros serão confinados em uma tenda. Todos vocês estarão lá dentro, sozinhos, com eles. Não haverá guardas, vigias.

– Mas e quanto às crianças? – uma mulher em lágrimas implorou, sem importar-se com Zedd e Adie.

Jagang puxou uma vela pequena em direção a ele sobre a mesa. – Essa será a tenda com esses dois, e vocês, boas pessoas. – ele circulou com o dedo em volta da vela. – Ao redor dessa tenda com vocês e os criminosos, haverá outras tendas bem perto.

Todos ficaram olhando para o dedo cheio de anéis dele circulando e circulando ao redor da vela. – Suas crianças estarão perto, nessas tendas. – Jagang pegou a mão cheia de nozes da tigela de prata. Ele distribuiu algumas sobre a mesa ao redor da vela e colocou o resto dentro da boca.

A sala estava silenciosa enquanto todos olhavam fixamente para ele, observando ele mastigar as nozes, com medo de fazer uma pergunta, com medo de ouvir o que ele poderia dizer em seguida.

Finalmente uma mulher não conseguiu mais segurar a língua.

– Porque eles ficarão lá, naquelas tendas?

Os olhos negros de Jagang observaram todos eles antes que ele falasse, certificando-se de que ninguém deixaria de escutar o que ele tinha a dizer.

– Aqueles homens que levaram suas crianças para aquelas tendas estarão torturando elas.

Os olhos dos pais ficaram arregalados. O sangue foi drenado de seus rostos. Uma mulher desmaiou. Várias outras curvaram-se sobre ela. Irmã Tahirah agachou ao lado da mulher e encostou a mão

na testa da mulher. Os olhos da mulher abriram. A Irmãs falou para a mulher levantar.

Quando Jagang estava satisfeito por ter a atenção de todos, ele circulou um dedo em volta da vela outra vez, sobre as nozes ao redor dela. – As tendas estarão bem perto para que vocês possam ouvir claramente suas crianças sendo torturadas, para termos certeza de que vocês entendam que elas não serão poupadas do pior que aqueles homens podem fazer.

Os pais ficaram imóveis, olhando fixamente, aparentemente incapazes de acreditar na realidade daquilo que estavam ouvindo.

– Após algumas horas, eu voltarei para ver se vocês convenceram o mago e a feiticeira a nos dizerem o que precisamos saber. Se vocês não tiverem sucesso, então eu vou tratar de outros assuntos e quando eu tiver tempo retornarei outra vez para checar se esses dois decidiram falar.

– Apenas certifiquem-se de que esse mago e essa feiticeira não morram enquanto vocês os convencem a serem razoáveis. Se eles morrerem, então eles não podem responder nossas perguntas. Somente quando, e se, eles responderem as perguntas, as crianças serão libertadas.

Jagang virou seus olhos de pesadelo para Zedd. – Meus homens possuem bastante experiência em torturar pessoas. Quando você escutar os gritos vindo de todas as tendas ao redor, não terá dúvidas da habilidade deles, ou da determinação deles. Acho que você deveria saber que eles conseguem manter seus convidados vivos sob tortura durante dias, mas eles não conseguem fazer milagres. As pessoas, especialmente tão jovens, almas tão tenras, não podem sobreviver indefinidamente. Mas, caso essas crianças morram antes que vocês concordem em cooperar, tem muito mais famílias com crianças que podem tomar o lugar delas.

Zedd não conseguiu conter as lágrimas que desceram por seu rosto para pingarem de seu queixo enquanto Irmã Tahirah pegou

seu braço e o empurrou em direção ao portal. A multidão de pais caiu sobre ele, agarrando suas roupas, gritando e chorando para que ele fizesse como o Imperador pedia.

Zedd firmou os pés no chão e lutou para fazer uma parada antes da mesa. Mãos desesperadas seguravam em seu manto. Quando ele olhou ao redor para os rostos manchados por lágrimas deles, encarando os olhos de cada um, eles ficaram em silêncio.

– Espero que agora vocês consigam entender a natureza daquilo que estamos combatendo. Eu sinto muito, mas não posso aliviar a dor dessa hora sombria das suas vidas. Se eu fizesse o que esse homem quer, incontáveis crianças estariam sujeitas à brutalidade desse tirano. Sei que vocês não serão capazes de pesar isso contra as preciosas vidas de suas crianças, mas eu devo fazer isso. Rezem para que os bons espíritos os levem rapidamente, e que os levem para um lugar de paz eterna.

Zedd não conseguiu falar mais para eles, para seus olhares desesperados. Ele virou os olhos úmidos para Jagang. – Isso não funcionará, Jagang. Sei que vai fazer isso de qualquer jeito, mas isso não vai funcionar.

Atrás da pesada mesa, Jagang levantou lentamente.

– A quantidade de crianças nessa terra de vocês é grande. Quantas vocês estão preparados para sacrificar antes de permitirem que a humanidade seja livre? Quanto tempo vocês estão dispostos a persistir em sua teimosa recusa em permitir que elas tenham um futuro livre do sofrimento, cobiça, e de suas morais sem inspiração?

As pesadas correntes de ouro e de prata em volta do pescoço dele, os medalhões e ornamentos pilhados repousando contra o peito musculoso dele, e os anéis de Reis nos dedos dele, todos brilharam na luz das velas.

Zedd sentiu o entorpecente peso de um futuro sem esperança sob o jugo dos monstruosos ideais desse homem e sua laia.

– Você não pode vencer nisso, mago. Como todos aqueles que lutam do seu lado para oprimir a humanidade, permitir que as pessoas comuns sejam deixadas a um destino cruel, você não está nem disposto a sacrificar-se pelo bem das vidas de crianças. Você é valente com as palavras, mas tem uma alma fria e um coração fraco. Não tem a força de vontade para fazer o que deve ser feito para prevalecer. Eu tenho.

Jagang balançou a cabeça e a Irmã empurrou Zedd em direção à porta. A multidão de pessoas gritando, chorando, implorando aproximaram-se em volta de Zedd e Adie, agarrando e puxando eles em louco desespero.

Ao longe, Zedd podia ouvir o apavorante grito das aterrorizadas crianças delas.

CAPÍTULO 39



Não estão longe. – Richard disse quando retornava para o meio das árvores. Ele ficou parado silenciosamente observando enquanto Kahlan endireitava os ombros do seu vestido.

O vestido não exibia qualquer efeito ruim causado por seu longo confinamento na mochila. O tecido de seda quase branco cintilou na luz estranha do tempo nublado. As linhas suaves do vestido, com o corte quadrado no pescoço, não tinha laços ou adornos, nada para distrair de sua elegância simples. A visão de Kahlan naquele vestido ainda tirava o fôlego dele.

Ela olhou através das árvores quando eles ouviram o assovio de Cara. O sinal de alerta que Richard ensinara para Cara era o lamurioso, alto e claro assovio de um Piui, embora Cara não soubesse o que era isso. Quando ele falou para Cara pela primeira vez que desejava ensinar a ela o assovio de um Piui como um sinal de alerta, ela disse que não aprenderia o assovio de uma ave chamada Piui. Richard desistiu e falou a ela que ao invés disso ensinaria a ela o assovio do pequeno, feroz, falcão de cauda curta do pinheiro, mas somente se ela estivesse disposta a trabalhar duro para aprender direito, já que isso era mais difícil.

Satisfeita em ter a coisa do seu jeito, Cara concordou e prontamente aprendeu o assovio simples. Ela era boa nisso e usava ele com frequência como um sinal. Richard nunca disse a ela que não existia uma coisa como um falcão de cauda curta do pinheiro, ou que falcões não emitiam assovios como aquele.

Através da tela de galhos, a forma escura da estátua montava guarda sobre uma área da passagem que durante milhares de anos estivera deserta.

Richard imaginou novamente porque as pessoas daquela época teriam colocado uma estátua como essa em uma passagem que provavelmente ninguém mais visitasse novamente. Ele pensou sobre a antiga sociedade que havia colocado ela, e no que eles devem ter pensado, ao isolar pessoas pelo crime de não terem uma centelha do Dom.

Richard removeu agulhas de pinheiro da parte de trás da manga do vestido de Kahlan. – Aqui, fique parada; permita que eu olhe para você.

Kahlan virou de volta, os braços encostados no corpo, enquanto ele alisava o tecido nos braços dela. Os olhos verdes sem medo dela, embaixo de sobrancelhas que tinham o gracioso arco das asas de um predador em voo, encontraram com o olhar dele.

Os traços dela pareciam ter apenas ficado mais primorosos desde que ele a viu pela primeira vez. Sua aparência, sua pose, a forma como ela olhava para ele como se pudesse ver dentro da alma dele, mexiam com ele. Claramente evidente nos olhos dela estava a inteligência que o cativara tanto desde o início.

– Porque está olhando para mim desse jeito?

A despeito de tudo, ele não conseguiu conter o sorriso. – Parada desse jeito, nesse vestido, seu longo cabelo tão bonito, o verde das árvores atrás de você… de repente isso simplesmente me fez lembrar da primeira vez em que a vi.

O sorriso especial dela, o sorriso que ela não dava a ninguém a não ser ele, surgiu radiante através dos olhos encantadores dela.

Ela colocou os pulsos sobre os ombros dele e trançou os dedos atrás do pescoço dele, puxando ele para um beijo.

Como sempre acontecia, o beijo dela o consumia tão completamente com a necessidade dela que ele sentia que

momentaneamente perdia contato com o mundo. Ela derreteu no abraço dele. Durante aquele momento não existia Ordem Imperial, Bandakar, Império D'Haran, Espada da Verdade, Notas, o Dom voltando seu poder contra ele, veneno, Faróis de Alerta, Races de Bico Negro, Jagang, Nicholas, Irmãs do Escuro. O beijo dela fazia ele esquecer de tudo menos dela. Naquele momento não havia nada a não ser os dois. Kahlan tornava a vida dele completa; o beijo dela reafirmou essa ligação.

Ela afastou-se, olhando dentro dos olhos dele outra vez.

– Parece que você não teve outra coisa a não ser problemas desde aquele dia em que me encontrou.

Richard sorriu. – A minha vida é o que eu tenho desde aquele dia em que encontrei você. Quando encontrei você, encontrei minha vida.

Segurando o rosto dela com as duas mãos, ele a beijou novamente.

Betty esfregou a perna dele e baliu.

– Vocês dois estão prontos? – Jennsen gritou descendo a colina. – Eles estarão aqui em breve. Não ouviram o assovio de Cara?

– Nós ouvimos. – Kahlan gritou para Jennsen. – Estaremos lá.

Virando de volta, ela sorriu enquanto olhava para ele de cima abaixo. – Bem, Lorde Rahl, você certamente não parece do jeito que parecia na primeira vez em que o vi. – ela endireitou o boldrié de couro sobre o manto negro com faixa dourada. – Mas parece exatamente o mesmo também. Seus olhos são os mesmos que vi naquele dia. – ela inclinou a cabeça enquanto sorria para ele. – não vejo a dor de cabeça do Dom em seus olhos.

– Ela sumiu faz algum tempo, mas depois daquele beijo, seria impossível sentir uma dor de cabeça.

– Bem, se ela voltar, – ela falou com uma promessa íntima. – basta me avisar e verei o que posso fazer para ela ir embora.

Richard passou os dedos pelo cabelo dela e olhou uma última vez dentro dos seus olhos antes de passar o braço na cintura dela. Juntos eles caminharam através da catedral de árvores que era a cobertura deles para o lado perto da coroa da cumeada, e saindo em direção ao declive aberto. Entre os troncos dos pinheiros, ele podia ver Jennsen descer correndo a colina, saltando de rocha em rocha, evitando os caminhos com neve. Ela correu parta encontrar com eles justamente dentro do pequeno amontoado de árvores.

– Eu os avistei, – ela falou, sem fôlego. – consegui ver eles descendo a garganta no lado mais distante. Estarão aqui em breve. – um sorriso iluminou o rosto dela. – Eu vi Tom liderando eles.

Então Jennsen contemplou os dois… Kahlan no vestido branco da Madre Confessora e Richard na roupa que tinha parcialmente encontrado na Fortaleza, que um dia foi usada por magos guerreiros. Pela surpresa no rosto de Jennsen, ele achou que ela podia fazer uma reverência.

– Uau, – ela disse. – esse realmente é um belo vestido. – ela olhou Richard dos pés à cabeça outra vez. – Vocês dois estão parecendo como se pudessem governar o mundo.

– Bem, – Richard falou. – vamos torcer para que o povo de Owen pense assim.

Cara empurrou um ramo de abeto para o lado enquanto mergulhava sob os galhos de árvores. Outra vez usando sua roupa colada de couro vermelho, ela parecia tão intimidante quanto parecia na primeira vez em que Richard a viu nos grandes salões do Palácio do Povo em D'Hara.

– Lorde Rahl uma vez confidenciou a mim que ele pretendia governar o mundo. – disse Cara, que escutou a declaração de Jennsen.

– Verdade? – Jennsen perguntou.

Richard suspirou diante da surpresa dela. – Governar o mundo tem provado ser mais difícil do que eu achei que seria.

– Se você escutasse mais a Madre Confessora e a mim, – Cara alertou. – as coisas seriam mais fáceis.

Richard ignorou a brincadeira de Cara. – Você reuniu tudo? Quero estar lá em cima com Kahlan antes que Tom chegue com Owen e os homens dele.

Cara assentiu e começou a juntar as coisas que eles estiveram trabalhando tão arduamente para fazer, empilhando algumas e conferindo outras. Richard colocou uma das mãos no ombro de Jennsen.

– Amarre Betty para que ela fique aqui por enquanto. Está certo? Não precisamos dela no caminho.

– Cuidarei disso. – Jennsen falou enquanto mexia nos cachos de seu cabelo vermelho. – providenciarei para que ela não possa nos incomodar ou sair perambulando.

Estava claramente evidente o quanto ela estava ansiosa para ver Tom outra vez. – Você está linda. – Richard garantiu a ela. O sorriso dela retornou para vencer a expressão ansiosa.

A cauda de Betty era um borrão enquanto ela olhava para eles, ansiosa para ir aonde quer que o resto deles fossem. – Vamos lá, – Jennsen falou para sua amiga. – você ficará aqui por algum tempo.

Jennsen agarrou a corda de Betty, segurando ela, enquanto Richard, com Kahlan perto ao seu lado, seguia caminho passando pela última das árvores e sobre a saliência aberta. Nuvens sombrias pairavam baixas contra o rosto das montanhas ao redor. Com os enormes picos cobertos por neve escondidos pelas baixas nuvens nefastas, Richard pensou que parecia como se eles estivessem perto do teto do mundo.

O vento descendo até o chão havia morrido, deixando as árvores imóveis e, em contraste, fazendo o movimentos das massas de nuvens parecer quase vivo. As lufadas do dia anterior haviam terminado e então o sol tinha feito uma breve aparição para reduzir

o volume de neve na passagem. Ele não achava que houvesse muita chance de ver o sol nesse dia.

A gigantesca sentinela de pedra aguardava no topo da trilha, observando eternamente sobre a passagem e em direção aos Pilares da Criação. Conforme eles aproximavam-se dela, Richard estudava o céu nas redondezas mas viu apenas algumas pequenas aves… papa-moscas e pica-paus de peito branco… voando entre o conjunto de abetos nas proximidades. Ele estava aliviado que os Races tivessem permanecido ausentes desde que eles tomaram essa antiga trilha subindo através da passagem.

Na primeira noite na passagem, mais abaixo na ladeira nas florestas mais pesadas, eles trabalharam duro para construírem um abrigo confortável, conseguindo terminá-lo somente quando a escuridão havia caído sobre as vastas florestas. Cedo no dia seguinte, Richard havia limpado neve da estátua e ao redor de todas as bordas da base.

Havia descoberto mais escrituras.

Agora ele sabia mais sobre esse homem cuja estátua tinha sido colocada ali na passagem. Outra pequena lufada havia lançado neve sobre as escrituras, enterrando novamente as palavras mortas há muito tempo.

Kahlan colocou uma das mãos de forma reconfortante na costa dele.

– Eles escutarão, Richard. Eles escutarão você.

A cada respirada, a dor golpeava ele por dentro. Estava ficando pior. – É melhor que escutem, ou não terei chance de pegar o antídoto para esse veneno.

Ele sabia que não poderia fazer isso sozinho. Mesmo se ele soubesse como invocar o seu Dom e comandar sua magia, ele ainda não seria capaz de balançar uma das mãos ou efetuar algum grande feito de conjuração que mandaria a Ordem Imperial para fora do Império Bandakaraniano. Ele sabia que coisas assim estavam além

do escopo até mesmo da magia mais poderosa. A magia, usada corretamente, concebida de forma apropriada, era uma ferramenta, de forma muito parecida como sua espada, utilizada para atingir um objetivo.

A magia não era o que salvaria ele. A magia não era uma panaceia. Se quisesse ter sucesso, tinha de usar a sua cabeça para pensar em um jeito de prevalecer.

Ele nem sabia mais se poderia ao menos contar com a magia da Espada da Verdade. Nem sabia quanto tempo tinha antes que seu próprio Dom pudesse matá-lo. Às vezes, parecia como se o seu Dom e o veneno estivessem em uma corrida para ver qual deles acabaria com ele primeiro.

Richard conduziu Kahlan o resto do caminho subindo e ao redor até a parte de trás da estátua, até uma pequena proeminência rochosa no topo da passagem onde ele queria esperar pelos homens. Daquele ponto eles podia ver através das aberturas nas montanhas e de volta para dentro de Bandakar. Fora da borda da área plana, Richard avistou Tom lá embaixo liderando os homens através das árvores e subindo a trilha de volta.

Tom olhou para cima enquanto subia a trilha e avistou Richard e Kahlan. Ele viu como eles estavam vestidos, onde eles estavam, e não fez qualquer aceno, percebendo que fazer isso seria inapropriado. Através dos espaços entre as árvores, Richard podia ver homens seguindo o olhar de Tom para o alto acima deles.

Richard ergueu sua espada algumas polegadas, checando se ela estava livre em sua bainha. Acima, as nuvens escuras ao redor pareciam estar reunindo-se, como se estivessem se amontoando dentro do confinamento da passagem para observar.

Permanecendo altivo enquanto contemplava a terra desconhecida além, um Império desconhecido, Richard segurou a mão de Kahlan.

De mãos dadas, eles aguardaram silenciosamente o que seria o início de um desafio que mudaria para sempre a natureza do mundo, ou seria o fim da chance de vida dele.

CAPÍTULO 40



Quando os homens seguindo Tom emergiram das árvores abaixo e entraram em campo aberto, Richard ficou surpreso em ver que o número deles era muito menor do que Owen dissera que estavam escondidos com ele nas colinas. Esfregando a testa franzida com as pontas dos dedos, Richard caminhou de volta até o pequeno platô onde Kahlan esperava.

A testa dela também franziu de preocupação. – Qual é o problema?

– Duvido que ele tenha trazido cinquenta homens.

Kahlan segurou a mão dele outra vez, sua voz saiu com gentil firmeza. – São cinquenta a mais do que tínhamos.

Cara apareceu atrás deles, atirando sua carga para um lado. Ela assumiu posição atrás de Richard, à esquerda dele, do lado oposto à Kahlan. Richard encarou o olhar sombrio dela. Ele imaginou como a mulher sempre conseguiu parecer como se ela esperasse tudo acontecer justamente como ela queira que acontecesse, e isso era o fim do assunto.

Tom caminhou sobre a borda de rocha, os homens seguindo. Ele estava suando por causa do esforço da subida, mas um forte sorriso aqueceu o seu rosto quando viu Jennsen subindo do outro lado da elevação. Ela devolveu o breve sorriso e então ficou nas sombras ao lado da base da estátua, fora do caminho.

Quando o grupo de homens desalinhados avistou Richard em suas calças e botas negras, manto negro enfeitado com uma faixa dourada nas bordas, o largo cinto de couro, as faixas prateadas nos

pulsos com símbolos antigos circulando-as, e a bainha trançada em prata e dourado, eles pareceram perder a coragem. Quando viram Kahlan em pé ao lado dele, eles encolheram-se recuando em direção da borda, fazendo reverência de forma hesitante, sem saberem o que deveriam fazer.

– Vamos lá, então. – Tom disse para eles, sinalizando para que todos subissem até a extensão de rocha plana na frente de Richard e Kahlan.

Owen sussurrou para os homens enquanto movia-se junto com eles, estimulando-os a avançarem como Tom estava indicando. Eles obedeceram timidamente, arrastando os pés chegando um pouco mais perto, mas ainda deixando uma larga margem de segurança entre eles e Richard.

Enquanto todos os homens olhavam ao redor, incertos do que deveriam fazer em seguida, Cara deu um passo adiante e ergueu um braço em direção a Richard.

– Eu apresento Lorde Rahl, – ela falou em um tom claro que ecoou sobre os homens reunidos no topo da passagem. – o Seeker da Verdade e portador da Espada da Verdade, aquele que traz a morte, o Mestre do Império D'Haraniano, e marido da Madre Confessora.

Se os homens pareciam tímidos e inseguros antes, a introdução de Cara deixou todos eles ainda mais. Quando eles olharam de Richard e Kahlan de volta para os penetrantes olhos azuis de Cara, vendo que ela aguardava, todos eles caíram sobre um joelho em uma reverência diante de Richard.

Quando Cara caminhou deliberadamente adiante, na frente dos homens, virou, e ajoelhou-se, Tom captou a mensagem e fez o mesmo. Ambos curvaram-se para frente e encostaram as testas no chão.

No silencioso ar da manhã, os homens aguardaram, ainda incertos do que deveriam fazer.

– *Mestre Rahl, seja nosso guia*. – Cara disse em uma voz clara para que todos os homens pudessem ouvir. Ela esperou.

Tom olhou para trás por cima do ombro, para todos os homens louros observando. Quando Tom fez uma careta de desgosto, os homens entenderam que eles deviam seguir a deixa. Finalmente todos ajoelharam sobre os dois joelhos e curvaram-se para frente, imitando Tom e Cara, até que suas testas tocaram o frio granito.

– *Mestre Rahl, seja nosso guia,* – Cara iniciou novamente, jamais retirando sua testa do chão.

Dessa vez, guiados por Tom, todos os homens repetiram as palavras depois dela.

– *Mestre Rahl, seja nosso guia,* – eles disseram com uma decidida falta de unidade.

– *Mestre Rahl, nos ensine,* – Cara falou quando todos tinham acabado o início do juramento. Todos seguiram a liderança dela novamente, mas ainda hesitantes e sem muita coordenação.

– *Mestre Rahl, nos proteja,* – Cara disse.

Os homens repetiram as palavras, suas vozes saindo com um pouco mais de união.

– *Em sua luz, prosperamos*.

Os homens balbuciaram as palavras depois dela.

– *Na sua misericórdia, nos abrigamos*.

Eles repetiram a frase.

– *Em sua sabedoria, nos humilhamos*.

Outra vez eles pronunciaram as palavras depois dela.

– *Vivemos só para servir*.

Quando acabaram de repetir as palavras, ela falou a última linha com uma voz clara: – *Nossas vidas são suas*.

Cara levantou sobre os joelhos e olhou para trás, para os homens que ainda estavam abaixados para frente, mas espiando ela. – Essas são as palavras da devoção ao Lorde Rahl. Agora vocês

falarão elas junto comigo três vezes, como é feito apropriadamente no campo.

Cara encostou a testa no chão outra vez aos pés de Richard.

– *Mestre Rahl, seja nosso guia, Mestre Rahl, nos ensine. Mestre Rahl, nos proteja. Em sua luz, prosperamos. Na sua misericórdia, nos abrigamos. Em sua sabedoria, nos humilhamos. Vivemos só para servir. Nossas vidas são suas.*

Richard e Kahlan permaneceram acima das pessoas enquanto elas falavam a segunda e a terceira devoção. Essa não era uma encenação vazia executada por Cara para o benefício dos homens; essa era a devoção como ela era pronunciada durante milhares de anos e Cara falava sério em cada palavra dela.

– Agora vocês podem levantar. – ela disse aos homens.

Os homens levantaram cautelosamente, encolhidos de preocupação, aguardando silenciosamente. Richard encarou todos os olhos deles antes de começar.

– Eu sou Richard Rahl. Eu sou o homem que vocês decidiram envenenar para me escravizar e assim me forçar a obedecer a sua vontade.

– O que vocês fizeram é um crime. Embora vocês possam acreditar que podem justificar a sua ação como apropriada, ou pensar nisso apenas como um meio de persuasão, nada pode dar a vocês o direito de ameaçar ou tirar a vida de outro que não causou a vocês qualquer dano nem pretendia causar. Isso, junto com a tortura, estupro, e assassinato, é a forma pela qual a Ordem Imperial governa.

– Mas não desejamos mal algum a você. – um dos homens falou horrorizado que Richard acusasse eles de um crime tão horrível. Outros homens falaram concordando que Richard havia entendido errado.

– Vocês pensam que eu sou um selvagem, – Richard disse em um tom de voz que os silenciou e fez eles recuarem um passo. –

consideram-se melhores do que eu e assim isso de alguma forma faz com que esteja tudo bem fazer isso comigo… e tentar fazer isso com a Madre Confessora… porque vocês querem algo e, como crianças petulantes, esperam que nós demos isso a vocês.

– A alternativa que vocês me dão é a morte. A tarefa que exigem de mim é difícil além da sua imaginação, tornando a minha morte com o seu veneno uma possibilidade bastante real, e provável. Essa é a realidade disso.

– Eu já cheguei perto de morrer com o seu veneno. No último instante possível eu recebi um cancelamento temporário da minha execução quando um de vocês deu a mim um antídoto provisório. Meus amigos e entes queridos acreditaram que eu morreria naquela noite. Vocês foram a causa disso. Vocês decidiram conscientemente me envenenar, desse modo aceitando o fato de que podiam estar me matando.

– Não, – um homem insistiu, suas mãos cruzadas em súplica. – nós jamais pretendíamos feri-lo.

– Se não havia uma real ameaça para minha vida, então porque eu faria como vocês desejam? Se realmente não desejam mal algum para mim e não estão comprometidos em me matar se eu não for junto com vocês, então provem isso e me entreguem o antídoto para que eu possa ter minha vida de volta. É a minha vida, não sua.

Dessa vez ninguém falou.

– Não? Então vocês percebem, é como eu digo. Vocês estão comprometidos ao assassinato ou escravidão. A única escolha que eu tenho nisso é qual das duas coisas será. Não escutarei mais os seus sentimentos a respeito do que vocês pretendiam. Os seus sentimentos não os absolve dos seus verdadeiros feitos. Suas ações, não os seus sentimentos, falam a verdade da sua intenção.

Richard cruzou as mãos atrás das costas enquanto caminhava lentamente diante dos homens. – Agora, eu poderia fazer como vocês gostam de fazer, e dizer a mim mesmo que não sei se alguma

coisa disso é verdade. Poderia fazer como vocês fariam, declarar-me inadequado para a tarefa de saber o que é real e negar-me a encarar a realidade.

– Mas eu sou o Seeker da Verdade porque eu não tento me esconder da realidade. A escolha de viver exige que a verdade seja encarada. Eu pretendo fazer isso. Pretendo viver.

– Vocês devem decidir hoje o que farão, qual será o futuro de suas vidas e das vidas daqueles que vocês amam. Terão que lidar com a realidade, do mesmo jeito que eu devo, se querem ter uma chance na vida. Hoje vocês terão que encarar uma grande parcela da verdade, se querem ter aquilo que buscam.

Richard apontou para Owen. – Pensei que você tinha falado que havia mais homens do que isso. Onde está o resto?

Owen deu um passo adiante. – Lorde Rahl, para evitar violência, eles entregaram-se aos homens da Ordem.

Richard ficou olhando para o homem. – Owen, depois de tudo que você me falou, depois de tudo que aqueles homens viram da Ordem, como eles poderiam acreditar em uma coisa assim?

– Mas como saberemos que dessa vez isso não vai parar com a violência? Não podemos saber a natureza da realidade ou…

– Falei para você antes, comigo você irá concentrar-se naquilo que é, e não repetir frases sem sentido que você memorizou. Se você tem fatos reais eu quero ouvi-los. Não estou interessado em bobagens sem sentido.

Owen tirou sua pequena mochila das costas. Ele vasculhou lá dentro e tirou uma pequena bolsa de tecido. Lágrimas deslizaram no rosto dele enquanto ele olhava para ela.

– Os homens da Ordem descobriram que havia homens escondidos nas colinas. Um daqueles homens escondido conosco tem três filhas. Para evitar um ciclo de violência, alguém em nossa cidade falou para os homens da Ordem quais garotas eram filhas dele.

– Cada dia os homens da Ordem amarravam uma corda a um dedo de cada uma dessas três garotas. Um homem segurava a garota enquanto outro puxava a corda até o dedo dela ser arrancado. Os homens da Ordem disseram a um homem da nossa cidade para ir até as colinas e dar os três dedos para nosso homem. Todo dia ele vinha.

Owen entregou a bolsa para Richard. – Esses são os dedos de cada uma das filhas dele.

– Aquele que os levou para o nosso homem estava em uma espécie de transe. Eles diziam que ele não parecia mais humano. Ele falava com uma voz morta. Repetia o que tinha sido ensinado a dizer. Havia decidido que uma vez que nada era real, ele não veria nada e faria como foi mandado.

– Ele disse que o homem da Ordem falou para ele que alguém do povo de nossa cidade forneceu os nomes dos homens nas colinas e que eles tinham as crianças daqueles outros homens também. Eles disseram que a não ser que os homens retornassem e se entregassem, eles fariam a mesma coisa com as outras crianças.

– Um pouco mais da metade dos homens escondidos nas colinas não conseguiu suportar pensar que eles seriam a causa de tal violência, e então eles voltaram até a nossa cidade e entregaram-se aos homens da Ordem.

– Porque está me dando isso? – Richard perguntou.

– Porque, – disse Owen, sua voz cheia de lágrimas. – eu queria que você soubesse porque nossos homens não tiveram escolha a não ser entregarem-se. Eles não conseguiram suportar pensar em seus entes queridos sofrendo essa terrível agonia por causa deles.

Richard olhou para o homem triste observando ele. Ele sentiu sua fúria fervendo lá dentro, mas manteve ela sob controle enquanto falava.

– Posso entender o que aqueles homens estavam tentando fazer entregando-se. Não posso culpá-los por isso. Isso não vai ajudar, mas poderia culpá-los por desejarem desesperadamente poupar seus entes queridos do sofrimento.

A despeito de sua fúria, Richard falou com uma voz suave.

– Sinto muito que você e seu povo estejam sofrendo tal brutalidade nas mãos da Ordem Imperial. Mas entenda isso: isso é real, e a Ordem é a causa disso. Aqueles homens seus, se eles fizeram como a Ordem mandou ou se falharam nisso, não foram a causa da violência. A responsabilidade por causar a violência é inteiramente da Ordem. Vocês não foram lá e os atacaram. Eles foram até vocês, eles atacaram vocês, eles escravizam, torturam e assassinam vocês.

A maioria dos homens ficaram em poses relaxadas, olhando para o chão.

– Algum do resto de vocês tem filhos?

Um certo número dos homens assentiu ou resmungou que tinham.

Richard passou a mão pelo cabelo. – Então porque o resto de vocês não se entregou? Porque estão aqui e não tentando para com o sofrimento do mesmo jeito que os outros fizeram?

Os homens olharam uns para os outros, alguns parecendo confusos com a pergunta enquanto outros pareciam incapazes de colocar suas razões em palavras. A tristeza deles, a tensão, até mesmo a sua determinação hesitante, estavam evidentes em seus rostos, mas eles não tinham palavras para explicar porque não se entregariam.

Richard levantou a pequena bolsa de tecido com o tesouro sangrento, não permitindo que eles evitassem o assunto. – Todos vocês sabem a respeito disso. Porque vocês também não retornaram?

Finalmente um homem falou. – Eu entrei sorrateiramente nos campos ao pôr do sol e falei com um homem que trabalhava nas plantações, e perguntei o que aconteceu com aqueles homens que

retornaram. Ele disse que muitas das crianças deles já tinham sido levadas. Outras morreram. Todos os homens que voltaram das colinas foram levados. Nenhum teve permissão de voltar para suas casas, para suas famílias. Quem bem faria para nós voltarmos?

– Que bem, certamente. – Richard murmurou. Esse foi o primeiro sinal de que eles captaram a verdadeira natureza da situação.

– Você tem que deter a Ordem, – Owen falou. – você tem que nos dar a nossa liberdade. Porque pediu que fizéssemos essa jornada?

A centelha inicial de confiança de Richard apagou-se.

Ainda que eles pudessem ter compreendido em parte a verdade de seus problemas, eles certamente não estavam encarando a natureza de qualquer solução real. Simplesmente queriam ser salvos. Ainda esperavam que alguém fizesse isso por eles: Richard.

Todos os homens pareceram aliviados que Owen finalmente tivesse feito a pergunta; aparentemente eles eram tímidos demais para fazerem isso. Enquanto esperavam, alguns dos homens não conseguiam deixar de lançar olhares para Jennsen, parada ao fundo. A maioria dos homens também parecia inquieta com a estátua erguendo-se atrás de Richard. Só conseguiam ver a parte de trás dela e realmente não sabiam o que devia ser aquilo.

– Porque, – Richard finalmente falou a eles. – para que eu faça como vocês querem, é importante que todos vocês entendam tudo que está envolvido. Vocês esperam simplesmente que eu faça isso por vocês. Eu não posso. Vocês terão que me ajudar nisso ou vocês e todos os seus entes queridos estão perdidos. Se queremos ter sucesso, então vocês devem ajudar o resto do seu povo a entender as coisas que tenho para dizer a vocês.

– Vocês já foram tão longe, já sofreram tanto, já tornaram isso um compromisso. Percebem que se fizerem o mesmo que seus amigos estiveram tentando fazer, se aplicarem essas mesmas

soluções inúteis, vocês também serão escravizados ou assassinados. Estão ficando sem opções. Todos vocês tomaram uma decisão de ao menos tentarem obter sucesso, tentarem livrar-se dos brutos que estão matando e escravizando o seu povo.

– Vocês aqui são a última chance deles… a única chance deles.

– Agora vocês devem ouvir o resto do que tenho a dizer e então decidirem qual será o seu futuro.

Os homens pálidos, desalinhados, todos usando roupas desgastadas e sujas, que pareciam ter passado por um período muito difícil enquanto viviam nas colinas, falaram ou assentiram concordando que escutariam ele. Alguns até pareciam como se pudessem estar aliviados pela forma direta e honesta com a qual ele falava com eles. Alguns até pareciam ansiosos por aquilo que ele poderia dizer.

CAPÍTULO 41



– Há três anos desde o outono que está por vir, – Richard começou. – eu vivia em um lugar chamado Hartland. Ee era um guia florestal. Tinha uma vida pacífica em um lugar que adorava entre aqueles que eu amava. Sabia muito pouco sobre os lugares além da minha casa. De algumas formas eu era como o seu povo antes que a Ordem viesse, então posso entender um pouco do que vocês sentiram sobre como as coisas mudaram.

– Como vocês, eu vivia além de uma Fronteira que nos protegia daqueles que nos fariam mal.

Os homens começaram a sussurrar admirados, aparentemente surpresos e felizes que pudessem relacionar-se com ele dessa forma, que tinham algo tão básico em comum com ele.

– Então, o que aconteceu? – um dos homens perguntou.

Richard não conseguiu conter-se; não conseguiu segurar o sorriso que tomou conta dele.

– Um dia, na minha floresta, – ele levantou a mão para o lado. – Kahlan apareceu. Como vocês, o povo dela estava em com problemas desesperadores. Ela precisava de ajuda. Porém, ao invés de me envenenar, ela contou a mim sua história e como o problema estava vindo em nossa direção. De forma parecida com vocês, a Fronteira protegendo o povo dela tinha falhado e um tirano havia invadido a terra natal dela. Ela também vinha trazendo um alerta de que logo esse homem viria até a minha terra natal também, e conquistaria meu povo, meus amigos, meus entes queridos.

Todos os rostos voltaram-se para Kahlan. Os homens olhavam abertamente, como se a estivessem vendo pela primeira vez.

Parecia que era surpreendente para eles que essa mulher estatuesca diante deles pudesse ser uma selvagem, como eles consideravam os forasteiros, e tivesse o mesmo tipo de problema que eles tinham. Richard estava deixando de fora grandes partes da história, mas ele queria deixá-la simples o bastante para que fosse clara para esses homens.

– Eu fui nomeado o Seeker da Verdade e recebi essa espada para me ajudar nessa importante luta.

Richard levantou o cabo da bainha até que a metade da lâmina ficasse exposta, deixando que todos os homens vissem o aço polido. Muitos fizeram caretas ao verem uma arma assim.

– Juntos, lado a lado, Kahlan e eu lutamos para deter os homens que buscavam nos escravizar ou destruir a todos nós. Em uma terra estranha, ela foi minha guia, não apenas me ajudando a lutar contra aqueles que nos matariam, mas me ajudando a entender o mundo maior que eu jamais havia considerado. Ela abriu os meus olhos para o que estava lá fora, além da Fronteira que havia protegido a mim e meu povo. Ela me ajudou a ver a sombra da tirania que aproximava-se e a saber o que realmente estava em risco… a própria vida.

– Ela fez com que eu encarasse o desafio. Se não tivesse feito isso, eu não estaria vivo hoje, e muito mais pessoas estariam mortas ou escravizadas.

Então, Richard teve que desviar os olhos, diante das lembranças dolorosas, com o pensamento de todos aqueles perdidos na batalha. Das vitórias conquistadas com tanta dificuldade.

Ele colocou a mão na estátua para ter apoio quando lembrou do horrível assassinato de George Cypher, o homem que o criara, o homem que, até aquela luta, Richard sempre acreditara ser o seu pai.

A dor daquilo, tão distante, veio correndo de volta novamente. Ele lembrou do horror daquele tempo, de repentinamente perceber que jamais veria outra vez o homem que tanto estimava. Tinha esquecido até esse momento o quanto sentia falta dele.

Richard recuperou a sua compostura e virou de volta para os homens. – No final, e apenas com a ajuda de Kahlan, eu venci a luta contra aquele tirano que eu nunca soube que existia até o dia em que ela entrou na minha floresta e me alertou.

– Aquele homem era Darken Rahl, meu pai, um homem que eu nunca conheci.

Os homens ficaram olhando sem acreditar. – Você nunca conheceu? – um perguntou com uma voz surpresa.

Richard balançou a cabeça. – É uma história muito longa. Talvez em outro momento eu conte para vocês toda ela. Por enquanto, devo contar a vocês as partes importantes que são relevantes para vocês e aqueles que vocês amam lá em seus lares.

Richard olhou para o chão diante dele, pensando, enquanto andava de um lado para outro na frente do grupo desordenado de homens.

– Quando matei Darken Rahl, fiz isso para impedir que ele matasse a mim e meus entes queridos. Ele tinha torturado e assassinado incontáveis pessoas e só isso já fazia ele merecer a morte, mas tive que matá-lo ou ele me mataria. Naquele momento não sabia que ele era meu verdadeiro pai ou que matando ele, já que eu era herdeiro dele, eu me tornaria o novo Lorde Rahl.

– Se ele soubesse quem eu era, talvez ele não tivesse tentado me matar, mas ele não sabia. Eu tinha informação que ele queria; ele pretendia conseguir isso me torturando e então me matar. Matei ele primeiro.

– Desde aquele tempo, eu aprendi muita coisa. O que eu aprendi nos conecta… – Richard gesticulou para os homens e então colocou uma das mãos no próprio peito enquanto encarava os

olhares deles. – de formas que vocês também devem entender, se querem ter sucesso nessa nova luta.

– A terra onde eu cresci, a terra de Kahlan, e a terra de D'Hara, todas formam o Mundo Novo. Como vocês aprenderam, essa vasta terra aqui do lado de fora onde vocês cresceram é chamada de Mundo Antigo. Depois que eu me tornei Lorde Rahl, a barreira nos protegendo do Mundo Antigo caiu, mais ou menos como a de vocês caiu. Quando isso aconteceu, o Imperador Jagang da Ordem Imperial, aqui no Mundo Antigo, usou a oportunidade para invadir o Mundo Novo, meu lar, assim como ele invadiu o lar de vocês. Estivemos lutando contra ele e suas tropas durante mais de dois anos, tentando derrotá-los ou pelo menos fazer eles retornarem ao Mundo Antigo.

– A barreira que caiu tinha nos protegido da Ordem, ou homens como eles, por cerca de três mil anos, mais tempo até do que vocês estiveram protegidos. Antes que aquela barreira fosse colocado ao final da Grande Guerra, o inimigo na época, do Mundo Antigo, tinha usado magia para criar pessoas chamadas Andarilhos dos Sonhos.

Os homens começaram a sussurrar. Tinham ouvido aquele nome, mas não entendiam realmente e especulavam o que isso podia significar.

– Andarilhos dos Sonhos, – Richard explicou, quando eles acalmaram. – podiam entrar na mente de uma pessoa para controlá-la. Não havia defesa. Uma vez que um Andarilho dos Sonhos tomava sua mente, você tornava-se escravo dele, incapaz de resistir aos comandos dele. As pessoas naquela época estavam desesperadas.

– Um homem chamado Alric Rahl, meu ancestral, apresentou uma maneira de proteger as mentes das pessoas de serem tomadas pelos Andarilhos dos Sonhos. Ele não era apenas o Lorde Rahl que governava D'Hara naquele tempo, mas também era um grande

mago. Através de sua habilidade ele criou uma ligação que, quando pronunciada com decisão ou feita de uma forma mais simples com sinceridade no coração, protegia as pessoas impedindo que Andarilhos dos Sonhos entrassem em suas mentes. A conexão de magia de Alric Rahl com seu povo, através dessa ligação, os protegia.

– A Devoção que todos vocês fizeram é a declaração formal dessa ligação. Ela tem sido feita pelo povo D'Haran ao seu Lorde Rahl durante três mil anos.

Alguns dos homens na frente adiantaram-se um passo, seus rostos tensos de ansiedade. – Então estamos protegidos, dos Andarilhos dos Sonhos, Lorde Rahl, porque fizemos esse juramento? Estamos protegidos para que Andarilhos dos Sonhos não entrem em nossas mentes e nos dominem?

Richard balançou a cabeça. – Você e o seu povo não precisam de proteção. Já estão protegidos de outra forma.

O alívio espalhou-se através da multidão de homens. Alguns seguraram o ombro de outro, ou colocaram a mão nas costas de um amigo. Eles pareciam como se temessem que os Andarilhos dos Sonhos os estivessem perseguindo, e eles tivessem sido poupados no último instante.

– Mas como podemos ficar protegidos? – Owen perguntou.

Richard inspirou profundamente, deixando o ar sair lentamente. – Bem, essa é a parte que de certa forma nos conecta. Vejam, da forma como eu entendo, a magia necessita de equilíbrio para funcionar.

Houve acenos de cabeça indicando concordância, como se todos esses homens completamente não dotados tivessem um íntimo conhecimento de magia.

– Quando Alric Rahl usou magia criando essa ligação para proteger o seu povo, – Richard continuou. – sempre foi necessário existir um Lorde Rahl para completar a ligação, para manter o poder

dela. Nem todos os magos geram crianças que também possuem essa habilidade dotada, então parte daquilo que Alric Rahl fez quando criou essa ligação foi criá-la de forma que o Lorde Rahl sempre teria um filho que tivesse magia, que tivesse o Dom, e pudesse completar essa ligação com o povo de D'Hara. Desse jeito eles estariam sempre protegidos.

Richard ergueu um dedo para reforçar a sua declaração enquanto passava o olhar sobre a multidão de homens. – O que eles não sabiam na época era que essa magia inadvertidamente criou o seu próprio equilíbrio. Enquanto o Lorde Rahl sempre produzia um herdeiro dotado… um mago como ele… só foi descoberto mais tarde que ele também produzia ocasionalmente descendentes que eram completamente livres de qualquer magia.

Richard podia ver pelos olhares vazios dos homens que eles não captaram o que ele estava dizendo. Ele imaginou que para pessoas que tiveram vidas tão isoladas, sua história devia parecer bastante confusa, se não estivesse parecendo inventada. Ele lembrou de sua própria confusão a respeito da magia antes que a fronteira tivesse caído e ele encontrasse Kahlan. Não foi criado perto de magia e ele mesmo ainda não entendia a maior parte dela. Ele nasce com os dois lados do Dom, e ainda assim não sabia como controlar isso.

– Entendam, – ele disse. – apenas algumas pessoas possuem magia… são dotadas, como isso é chamado. Mas todas as pessoas nascem com pelo menos uma centelha muito pequena do Dom, mesmo que elas não consigam manipular a magia. Até recentemente, todas consideravam essas pessoas como não dotadas. Estão vendo? Os dotados, como magos e feiticeiras, conseguem manipular a magia, e o resto das pessoas não, então acreditava-se que eles não eram dotados.

– Mas percebemos que isso não é preciso, já que existe uma centelha infinitesimal do Dom em todos que nascem. Essa pequena centelha do Dom na verdade é o que permite que as pessoas

interajam com a magia no mundo ao redor delas, quer dizer, com as coisas e criaturas que possuem propriedades mágicas, e com pessoas que são dotadas em um sentido mais abrangente… aqueles que possuem a habilidade de manipular a magia.

– Algumas pessoas em Bandakar também possuem magia, – um homem disse. – a verdadeira magia. Somente aqueles que nunca viram…

– Não. – Richard falou, interrompendo ele. Não queria que eles perdessem a linha de raciocínio dele. – Owen me falou sobre o que vocês acreditam que seja a magia. Isso não é magia, é misticismo. Não é disso que estou falando. Estou falando da magia verdadeira que produz resultados reais no mundo real. Esqueçam o que ensinaram a vocês sobre magia, sobre como a fé supostamente cria aquilo no que você acredita e que isso é a magia real. Isso não é real. É apenas a ilusão de magia na imaginação das pessoas.

– Mas isso é real, – alguém falou com uma voz respeitosa, mas firme. – mais real do que aquilo que você vê e sente.

Richard voltou um olhar sério para os homens. – Se é tão real, então porque vocês tiveram que usar um veneno conhecido em mim que foi produzido por um homem que trabalhou durante toda sua vida com ervas? Porque vocês sabem o que é real, é por isso; quando era vital ao seu interesse próprio, para as suas vidas, vocês decidiram lidar com a realidade, com aquilo que sabem que realmente funciona.

Richard apontou para Kahlan. – A Madre Confessora tem magia real. Não é uma fantasiosa maldição colocada em alguém e quando ela morre dez anos depois as pessoas acreditam que a maldição foi a causa. Ela tem magia real que está, de formas elementais, conectada com a morte, então ela afeta até mesmo vocês. Ela pode tocar em alguém, com essa magia real, e em um instante esse alguém estará morto. Não dez anos a partir de agora… agora mesmo, imediatamente.

Richard ergueu-se resoluto na frente dos homens, olhando de olho em olho. – Se alguém não acredita que isso é magia real, então vamos fazer um teste. Deixe que eles utilizem a magia baseada em fé deles e coloquem um feitiço em mim… para me matar aqui e agora. Depois que eles fizerem isso, então eles darão um passo adiante e serão tocados pelo poder letal, bastante real, da Madre Confessora. Então todos serão capazes de ver o resultado e julgar por si mesmos. – ele olhou de rosto em rosto. – Alguém está disposto a aceitar o teste? Tem algum mago entre todos vocês não dotados disposto a tentar?

Quando os homens permaneceram em silêncio, ninguém movendo-se, Richard prosseguiu.

– Então, parece que vocês possuem algum entendimento do que é real e do que não é. Mantenham isso em mente. Aprendam com isso.

– Agora, eu falei para vocês como o Lorde Rahl sempre gera um filho com magia para que ele possa transmitir adiante o governo de D'Hara e sua habilidade dotada para fazer a ligação funcionar. Mas, como eu disse, a ligação que Alric Rahl criou pode ter causado uma consequência indesejada.

– Somente mais tarde foi descoberto que o Lorde Rahl, possivelmente como uma forma de equilíbrio, às vezes também produzia descendentes que eram inteiramente sem qualquer magia… não apenas não dotado da forma como a maioria das pessoas era, mas diferente de qualquer pessoa que já nascera antes: eles eram completamente não dotados. Essas pessoas completamente não dotadas não tinham absolutamente centelha alguma do Dom.

– Por causa disso, porque elas eram completamente não dotadas, eram incapazes de interagir com a magia real no mundo. Eram incapazes de serem tocados pela magia. Para eles, a magia podia muito bem não existir porque eles não nasceram com a

habilidade de enxergá-la ou interagir com ela. Vocês podem dizer que eles eram como uma ave que não podia voar. Pareciam com uma ave, tinham penas, comiam insetos, mas não conseguiam voar.

– Naquela época, três mil anos atrás, depois que a ligação havia sido criada para proteger as pessoas dos Andarilhos dos Sonhos na guerra, os magos finalmente tiveram sucesso em colocar uma barreira entre o Mundo Antigo e o Novo. Já que as pessoas no Mundo Antigo não podiam mais vir até o Mundo Novo para fazerem guerra, a Grande Guerra terminou. A paz finalmente veio.

– Porém, o povo do Mundo Novo descobriu que tinham um problema. Esses descendentes completamente não dotados do Lorde Rahl passaram essa característica para as crianças deles. Cada descendente de um casamento com pelo menos um desses parceiros completamente não dotados gerava crianças completamente não dotadas… sempre, o tempo todo. Conforme esses descendentes casavam e tinham crianças e então netos e bisnetos, conforme havia mais e mais deles, essa característica completamente não dotada começou a espalhar-se através da população.

– As pessoas, com o tempo, estavam assustadas porque dependiam da magia. A magia era parte do mundo deles. A magia era o que os tinha salvo dos Andarilhos dos Sonhos. A magia tinha criado a barreira que os protegia da horda do Mundo Antigo.

– A magia tinha acabado com a guerra. A magia curava pessoas, encontrava crianças perdidas, produzia belas criações de arte que inspiravam e traziam alegria. A magia podia ajudar a guiar as pessoas no curso de eventos futuros.

– Algumas cidades cresceram ao redor de uma pessoa dotada que podia atender as necessidades do povo. Muitas pessoas dotadas ganhavam a vida executando tais serviços. Em algumas coisas, a magia deu às pessoas controle sobre a natureza e assim tornou as vidas de todos melhor. Coisas realizadas com o auxílio da magia melhorava as condições de vida de quase todo mundo. A magia era

uma força de criação individual e dessa forma realização individual. Quase todos obtinham algum benefício dela.

– Isso não é para dizer que a magia era ou é indispensável, mas que era um auxílio útil, uma ferramenta. A magia era como o braço direito deles. Ainda assim, é a mente do homem, não a magia dele, que é indispensável… de forma parecida como você consegue viver sem o braço direito, mas não conseguiria sobreviver sem a sua mente. Mas a magia havia tornado-se entrelaçada com as vidas de todos, que muitos acreditavam que ela era absolutamente indispensável.

– As pessoas passaram a sentir que essa nova ameaça… a característica completamente não dotada espalhando-se através da população… seria o fim de tudo que elas conheciam, tudo que elas pensavam que era importante, que esse seria o fim da sua proteção mais vital… a magia.

Richard observou todos os rostos, esperando parta ter certeza de que os homens captaram a essência da história, que eles entenderam o quanto as pessoas devem ter ficado desesperadas, e porquê.

– Então, o que as pessoas fizeram a respeito dessas novas pessoas completamente não dotadas entre elas? – um homem no fundo perguntou.

Em um tom calmo, Richard disse. – Algo terrível.

Ele tirou o livro de uma bolsa de couro no cinto e segurou-o para que todos os homens pudessem vê-lo enquanto ele caminhava de um lado para outro na frente deles novamente. As nuvens, carregadas com tempestades de neve, deslizavam silenciosamente através da frígida passagem no vale, conectadas aos picos acima deles.

– Esse livro é chamado “Os Pilares da Criação”. Foi assim que os magos do passado chamaram aquelas pessoas completamente não dotadas… Pilares da Criação… porque elas tinham o poder, com

essa característica que transmitiam aos seus descendentes, de alterar a própria natureza da humanidade. Elas eram a fundação de todo um novo tipo de pessoas… pessoas sem qualquer conexão com a magia.

– Faz pouco tempo que encontrei esse livro. Ele é destinado ao Lorde Rahl, e outros, para que eles saibam a respeito dessas pessoas completamente não dotadas que não são afetadas pela magia. O livro conta a história de como essas pessoas surgiram… através daqueles nascidos de Lorde Rahl… junto com a história do que foi descoberto a respeito deles. Ele também revela o que as pessoas daquela época, há milhares de anos, fizeram com esses Pilares da Criação.

Homens esfregaram seus braços no ar frio enquanto Richard caminhava lentamente na frente deles. Todos pareciam absorvidos pela história.

– Então, – Owen perguntou. – o que eles fizeram?

Richard parou e ficou olhando nos olhos deles antes de falar.

– Eles os baniram.

Sussurros admirados espalharam-se entre os homens. Eles ficaram chocados ao ouvir a solução final. Essas pessoas entendiam o banimento, entendiam isso bem demais, e podiam simpatizar com essas pessoas banidas de tanto tempo atrás.

– Isso é terrível. – um homem na frente disse, balançando a cabeça.

Outro franziu a testa e levantou a mão. – Esses Pilares da Criação não tinham relações com algumas dessas outras pessoas? Não faziam parte de cidades? As pessoas não sentiram tristeza ao banirem essas pessoas não dotadas?

Richard assentiu. – Sim. Eram amigos e tinham família. Aquelas pessoas banidas estavam intimamente interligados nas vidas de quase todos. O livro conta como os corações das pessoas ficaram pesados com a decisão que foi tomada a respeito dessas

pessoas completamente não dotadas. Deve ter sido um momento terrível, uma escolha pavorosa da qual ninguém gostou, mas aqueles que estavam no comando na época decidiram que eles preservassem o seu modo de vida, para preservar a magia e tudo que ela significava para eles, para preservar esse atributo do homem, ao invés de valorizar a vida de indivíduos por quem eles eram, eles tinham que banir essas pessoas completamente não dotadas.

– Mais ainda, eles também decretaram que todos os futuros descendentes do Lorde Rahl, exceto seu herdeiro dotado, deveria ser condenado à morte para garantir que nenhum Pilar da Criação jamais surgisse entre eles novamente.

Dessa vez não houve sussurros. Os homens pareciam entristecidos com a história desse povo misterioso e a terrível solução sobre como lidar com eles. Cabeças ficaram abaixadas enquanto os homens pensavam sobre como deve ter sido no passado em uma época tão sombria.

Finalmente, a cabeça de um homem levantou. Ele fez uma careta. Ele finalmente fez a pergunta que Richard queria que fosse feita, a pergunta pela qual ele esperava.

– Mas para onde esses Pilares da Criação foram banidos? Para onde eles foram enviados?

Richard observou os homens quando outros olhos levantaram, curiosos a respeito do mistério histórico, esperando que ele prosseguisse.

– Essas pessoas não eram afetadas pela magia, – Richard lembrou a eles. – e a barreira isolando o Mundo Antigo era uma barreira criada de magia.

– Eles os enviaram através da barreira! – um homem supôs em voz alta.

Richard assentiu. – Muitos magos morreram e colocaram seu poder dentro daquela barreira para que o povo deles ficasse protegido daqueles no Mundo Antigo que queriam governá-los e

acabar com a magia. Em grande parte foi por isso que a guerra havia sido travada… aqueles no Mundo Antigo queriam erradicar a magia da humanidade.

– Então, aquelas pessoas no Mundo Novo enviaram essas pessoas completamente não dotadas, essas pessoas sem qualquer magia, através da barreira para o Mundo Antigo.

– Eles nunca souberam o que aconteceu com eles, aqueles amigos, familiares e entes queridos que eles baniram, porque os enviaram através de uma barreira que nenhum deles poderia cruzar. Foi pensado que eles estabeleceriam novas vidas, fariam um novo começo. Mas, porque a barreira estava ali, e além era território inimigo, as pessoas do Mundo Novo nunca souberam o que houve com aquelas pessoas banidas.

– Finalmente, faz alguns anos, aquela barreira caiu. Se essas pessoas banidas tivessem estabelecido uma vida para si mesmos no Mundo Antigo, eles teriam crianças e espalhariam seu atributo completamente não dotado, – Richard ergueu os braços levantando os ombros. – mas não há traço deles. As pessoas aqui são exatamente como as pessoas no Mundo Novo… alguns nasceram dotados mas todos nasceram com ao menos aquela pequena centelha do Dom que lhes permite interagir com a magia.

– Parecia que aquelas pessoas de tempos antigos simplesmente desapareceram.

– Então agora sabemos, – Owen concluiu enquanto olhava para o vazio, pensativo. – que todas aquelas pessoas enviadas para o Mundo Antigo faz tanto tempo morreram tragicamente… ou talvez foram mortas.

– Eu mesmo pensei isso. – Richard disse. Ele virou e encarou os homens, esperando até que todos os olhos estivessem sobre ele antes de continuar. – Mas então eu os encontrei. Encontrei aquelas pessoas perdidas há muito tempo.

Sussurros excitados surgiram novamente. Os homens pareciam inspirados com o prospecto de pessoas assim sobreviverem contra todas as possibilidades.

– Então onde estão elas, Lorde Rahl, – um homem perguntou. – essas pessoas com quem você compartilha ancestralidade? Essas pessoas que tiveram de suportar tal banimento cruel e privações?

Richard lançou um olhar sério para os homens. – Venham comigo, e direi o que aconteceu com aquelas pessoas.

Richard os conduziu ao redor da estátua, até a frente, onde, pela primeira vez, eles puderam ter uma visão completa da sentinela na rocha. Os homens ficaram surpresos quando finalmente viram a estátua de frente. Conversaram entre si a respeito de como ela parecia real, sobre como podiam ver claramente os traços fortes do rosto do homem.

Pelo choque nas vozes deles e pelo que os homens estavam dizendo, Richard teve a distinta impressão que eles nunca tinham visto uma estátua, pelo menos nenhuma estátua tão monumental quanto essa. Parecia que para esses homens a estátua devia ser algo próximo de uma manifestação de magia, ao invés de, como Richard sabia que era, uma manifestação da habilidade do homem.

Richard pousou uma das mãos na rocha fria da base. – Essa é uma antiga estátua de um mago do Mundo Antigo chamado Kaja-Rang. Ela foi esculpida, em parte, como um tributo ao homem porque ele era um grande e poderoso mago.

Owen levantou a mão para interromper. – Mas eu pensei que as pessoas no Mundo Antigo queriam viver sem magia? Porque eles teriam um grande mago… e porque, especialmente, pagariam tributo a um homem de magia como esse?

Richard sorriu porque Owen percebeu a contradição. – As pessoas nem sempre agem de uma forma consistente. E mais ainda, quanto mais irracionais são as suas crenças, mais aparentes são as inconsistências. Vocês, por exemplo, tentam esconder as

incongruências no seu comportamento aplicando as suas convicções seletivamente. Vocês afirmam que nada é real, ou que não podemos conhecer a verdadeira natureza da realidade, e mesmo assim vocês temem o que a Ordem faz com vocês… acreditam firmemente na realidade daquilo que eles estão fazendo que vocês querem que isso pare.

– Se nada fosse real, então vocês não teriam razão para querer deter a Ordem Imperial. De fato, é contra as suas crenças professadas tentar deter eles, ou até mesmo sentir que a presença deles é real, muito menos prejudicial, uma vez que vocês afirmam que o homem é inadequado para a tarefa de conhecer a realidade.

– Ainda assim vocês percebem a realidade do que está acontecendo nas mãos dos homens da Ordem, e sabem muito bem que isso é detestável, então vocês seletivamente suspendem os preceitos das suas crenças e enviam Owen para me envenenar em uma tentativa de me obrigar a livrá-los do seu problema bastante real.

Alguns dos homens pareciam confusos com o que Richard falou enquanto outros pareciam envergonhados. Alguns pareciam surpresos. Nenhum parecia disposto a desafiá-lo, então eles o deixaram continuar sem interrupção.

– As pessoas no Mundo Antigo eram do mesmo jeito… elas ainda são. Elas declaram que não querem magia, e mesmo assim, quando encaram essa realidade, elas não querem passar sem ela. A Ordem Imperial é assim. Eles vieram ao Novo Mundo dizendo serem campeões libertando a humanidade da magia, proclamando a si mesmos nobres por defenderem tal objetivo, e mesmo assim eles usam magia na perseguição desse professado objetivo. Eles afirmam que a magia é vil, e ainda assim eles aceitam ela.

– O líder deles, Imperador Jagang, usa aqueles que possuem magia para ajudarem a alcançar os fins dele, entre os quais, ele diz, está a erradicação da magia. Jagang é um Andarilho dos Sonhos

descendente daqueles Andarilhos dos Sonhos de tanto tempo. Sua habilidade como um Andarilho dos Sonhos é magia, mesmo assim ele não se desqualifica de liderar seu Império. Embora ele tenha magia, que ele afirma tornar a pessoa inadequada para ter qualquer voz no futuro, ele chama a si mesmo Jagang, o Justo.

– Independente daquilo que declaram que eles acreditam, o objetivo deles é governar as pessoas, simples assim. Eles buscam poder mas encobrem isso com uma roupagem de aparência nobre. Todo tirano pensa que é diferente. Eles são todos iguais. Todos governam através da força bruta.

Owen estava com a testa franzida, tentando captar tudo. – Então, aquele no Mundo Antigo não vivem de acordo com sua palavra, mas com o que eles afirmam que acreditam. Eles vivem em conflito. Pregam que o homem estaria melhor sem a magia, mas continuam a querer usar magia.

– Isso mesmo.

Owen gesticulou para a estátua. – E quanto a esse homem, então? Porque ele está aqui, se ele é contra o que eles pregavam?

Nuvens negras pairavam acima da enorme estátua.

O ar parado estava frio, pesado, e úmido. Parecia como se uma tempestade estivesse contendo sua energia, desejando ouvir o resto.

– Esse homem está aqui porque ele lutou para salvar as pessoas do Mundo Antigo de algo que elas temiam mais do que a própria magia, falou Richard. Ele olhou para cima, para o rosto resoluto com seus olhos fixos para sempre no lugar chamado Os Pilares da Criação.

– Esse homem, – Richard falou com uma voz tranquila. – esse mago, Kaja-Rang, reuniu todas aquelas pessoas completamente não dotadas, aqueles Pilares da Criação, que foram banidos para cá do Mundo Novo, junto com qualquer pessoa que, enquanto eles viviam aqui, tinham reunido-se com eles, e enviou-os todos para lá.

Richard apontou ao longe atrás da estátua.

– Ele colocou todas aquelas pessoas naquele lugar, protegido pelas montanhas ao redor, e então ele colocou uma fronteira de morte diante deles, do outro lado dessa passagem, para que elas jamais pudessem sair para ficarem entre o resto das pessoas do mundo.

– Kaja-Rang deu a essas pessoas o nome deles: os Bandakar. O nome, bandakar, é de uma língua muito antiga chamada Alto D'Haran. Ele significa "os banidos". Esse homem, Kaja-Rang, é aquele que os isolou e salvou o povo dele dos completamente não dotados, daqueles sem magia.

– Vocês, – Richard disse para os homens diante dele. – são os descendentes daquelas pessoas banidas. Vocês são os descendentes de Alric Rahl, do povo enviado para o exílio no Mundo Antigo. Vocês todos são descentes da Casa de Rahl. Seus ancestrais e os meus são os mesmos homens. Vocês são o povo banido.

O topo da passagem diante da estátua de Kaja-Rang estava em completo silêncio. Os homens olhavam fixamente em choque.

E então o Pandemônio irrompeu. Richard não fez qualquer esforço para deter eles, para fazer eles ficarem quietos.

Ao invés disso, ele ficou ao lado de Kahlan enquanto deixava que eles absorviam isso. Queria dar a eles o tempo de que precisavam para captar a enormidade daquilo que ele dissera.

Com os braços para o ar, alguns homens gritavam com o ultraje do que ouviram, outros choramingavam com o horror da história, alguns choravam de tristeza, muitos discutiam, alguns protestavam vários pontos que outros respondiam, enquanto outros repetiam elementos chave um para o outro quase como que para ouvir as palavras novamente para que pudessem testá-las, finalmente concordando que isso poderia muito bem ser assim.

Mas no meio de tudo isso, todos começaram lentamente a perceber a enormidade do que tinham ouvido. Todos começaram a

escutar o sino da verdade na história.

Falando muito como tagarelas, todos ao mesmo tempo, eles expressavam descrença, injúria, surpresa, e até mesmo medo, enquanto chegavam até a compreensão de quem eles realmente eram.

Com os pedidos sussurrados de alguns entre o grupo, após terem superado o choque inicial, todos os homens aquietaram-se e finalmente viraram de volta para Richard, ansiosos para saberem mais.

– Você é esse homem dotado, o herdeiro favorecido, o Lorde Rahl, e nós somos aqueles banidos pela sua espécie. – um dos homens disse, expressando o que parecia ser um medo em comum, a pergunta não declarada do que isso significaria para eles.

– Isso mesmo, – falou Richard. – eu sou o Lorde Rahl, o líder do Império D'Haran, e vocês são os descendentes dos Pilares da Criação que foram banidos. Eu sou dotado assim como foram meus ancestrais, cada Lorde Rahl antes de mim. Vocês são não dotados assim como foram seus ancestrais.

Parado diante da estátua de Kaja-Rang, o homem que os baniu, Richard observou todos os rostos tensos.

– Aquele banimento foi um erro terrível. Foi imoral. Como Lorde Rahl, eu condeno o banimento e declaro que ele acabou para sempre. Vocês não são mais o Império de Bandakar, os banidos, agora vocês são mais uma vez, como foram um dia, D'Harans, se escolherem ser.

Cada homem parecia prender o fôlego, esperando para ver se ele falava sério, adicionaria mais, ou se ele podia até mesmo retratar-se.

Richard colocou o braço em volta da cintura de Kahlan enquanto olhava calmamente todas as expressões esperançosas.

Richard sorriu. – Benvindos ao lar.

E então todos estavam caindo aos pés dele, beijando suas botas, suas calças, suas mãos, e, aqueles que não conseguiam chegar perto o bastante, o chão diante dele. Em pouco tempo, eles estavam beijando a bainha do vestido de Kahlan.

Eles tinham encontrado uma relação, e em troca estavam dando a ele as boas-vindas ao meio deles.

CAPÍTULO 42



Enquanto os homens amontoavam-se ao redor dos pés deles, abertamente oferecendo sua gratidão pelo fim da sua sentença de banimento, Richard trocou um olhar com Kahlan. Cara parecia decididamente desgostosa com a demonstração mas não interferiu.

Tentando colocar um freio no lacrimejante tributo, Richard gesticulou para que os homens levantassem. – Tem muito mais coisa para dizer a vocês. Agora, me escutem.

Os homens sorridentes, cheios de lágrimas, recuaram, as mãos cruzadas enquanto contemplavam ele como se fosse um irmão perdido fazia muito tempo. Havia alguns homens mais velhos entre a multidão e alguns de meia idade, mas a maioria era de jovem, como Owen, até um pouco mais velho, como Richard.

Todos eles eram homens que passaram por tempos horríveis.

A parte mais difícil ainda estava adiante; Richard tinha que fazer com que eles encarassem o que estava por vir.

Olhando para Jennsen, que estava sozinha de um lado, ele gesticulou para que ela avançasse.

Jennsen emergiu das sombras da estátua, atraindo a atenção de todos os olhos enquanto ela seguia em direção a Richard. Todos os homens observaram ela entrando na luz. Ela parecia tão bonita que Richard não conseguiu evitar um sorriso quando ela caminhou através das rochas. Remexendo em um cacho vermelho, ela lançou um olhar envergonhado para os homens.

Quando Richard levantou um braço, ela buscou proteção sob o abrigo daquele braço enquanto olhava nervosamente para os

homens que eram como ela de uma forma importante.

– Essa é minha irmã, Jennsen Rahl. – disse Richard. – Ela nasceu completamente não dotada, exatamente como todos vocês. Nosso pai tentou matá-la, como havia sido feito durante milhares de anos com descendentes não dotados.

– E você? – um homem perguntou, ainda cético. – Você não vai rejeitá-la?

Richard abraçou Jennsen com aquele braço. – Porquê? Por qual crime eu deveria rejeitá-la? Porque ela nasceu mulher, ao invés de homem como eu? Porque ela não é tão alta quanto eu? Porque ela tem cabelo vermelho, ao invés de um cabelo como o meu? Porque os olhos dela são azuis e não cinzentos?… Porque ela não é dotada?

Os homens jogaram o peso do corpo para o outro pé ou cruzaram os braços. Alguns, após tudo que ele já tinha falado, desviaram os olhos, parecendo envergonhados de terem ao menos feito a pergunta.

– Ela é linda, esperta, e usa a sua cabeça. Ela também luta pelo seu direito de viver, e faz isso através de meios razoáveis. Ela é como vocês, completamente não dotada. Porque ela compartilha uma compreensão do valor da vida, eu aceito ela.

Richard ouviu um balido e virou-se. Betty, sua corda arrastando logo atrás dela, trotava subindo a elevação. Jennsen girou os olhos quando Betty chegou mais perto, olhando para o alto, sua cauda balançando em um borrão.

Jennsen agarrou a corda, inspecionando a ponta. Richard podia ver que ela foi mastigada.

– Betty, – ela repreendeu, balançando a ponta da corda para a cabra que não parecia arrependida. – o que você fez?

Betty baliu sua resposta, claramente orgulhosa de si mesma.

Jennsen soltou um suspiro quando balançava os ombros e pedia desculpas a Richard.

Todos os homens deram vários passos para trás, murmurando seu terror uns para os outros.

– Eu não sou uma bruxa. – Jennsen falou para eles em um tom inflamado. – Só porque eu tenho cabelo vermelho isso não significa que eu sou uma bruxa.

Os homens não pareceram convencidos.

– Eu já lidei com uma bruxa bastante real, – Richard disse a eles. – posso garantir a vocês, cabelo vermelho não é marca de uma bruxa. Isso simplesmente não é verdade.

– É verdade. – um dos homens insistiu. Ele apontou para Betty. – Ali está o espírito servo dela.

A testa de Richard franziu. – Espírito servo?

– Isso mesmo, – outro falou para ele. – uma bruxa sempre tem um ajudante com ela. Ela chamou seu espírito servo e ela veio.

– Chamei ela? – Jennsen balançou a ponta mastigada da corda para os homens. – Amarrei ela em uma árvore e ela mastigou a corda.

Outro homem balançou o dedo para ela. – Você a chamou com magia e ela veio.

Com os punhos nos flancos, Jennsen deu um passo em direção aos homens. Eles deram um passo coletivo para trás.

– Todos vocês tiveram família e amigos… uma comunidade de pessoas. Eu não tive amigos e não podia ter porque minha mãe e eu tivemos que fugir do meu pai durante toda a minha vida para evitar que fôssemos capturadas. Ele teria me torturado e assassinado se tivesse me capturado… do mesmo jeito que teria feito com vocês. Eu não podia ter amigos de infância, então minha mãe me deu Betty. Betty era recém nascida; nós crescemos juntas. Betty mastigou a corda dela porque eu sou a única família que ela já conheceu e ela simplesmente queria estar perto de mim.

– Eu fui banida de todos pelo meu crime de ter nascido, assim como seus ancestrais. Todos vocês conhecem a injustiça de um

banimento como esse e conhecem essa dor. Agora vocês, tolos, me baniriam de sua aceitação porque eu tenho cabelo vermelho e uma cabra como animal de estimação? Vocês são covardes e hipócritas!

– Primeiro vocês envenenam a única pessoa no mundo corajosa o bastante para acabar com o nosso banimento do resto da humanidade e agora vocês estão com medo de mim e me rejeitam por causa de superstições idiotas. Se eu realmente tivesse magia, queimaria todos vocês até as cinzas por suas atitudes cruéis!

Richard colocou a mão no ombro dela e puxou-a para trás. – Vai ficar tudo bem. – ele sussurrou para ela. – Apenas deixe que eu fale com eles.

– Você nos diz que é um mago, – um homem mais velho no fundo gritou, – e então espera que nós acreditemos nisso… pela fé… porque você diz, enquanto afirma que não deveríamos nos prender às nossas crenças, como nosso medo de que ela poderia ser uma bruxa com uma ajudante dela, porque isso está baseado apenas na fé.

– Isso mesmo, – outro falou. – você declara que a sua crença é na magia real, enquanto coloca de lado nossa crença. Muita coisa do que você diz faz sentido, mas eu não concordo com tudo.

Não poderia haver concordância parcial. Rejeitar parte da verdade era rejeitar toda ela. Richard avaliou suas opções, como poderia convencer pessoas sem magia, que não conseguiam ver a magia, de que a magia real existia. Da perspectiva deles, ele parecia culpado do mesmo erro que ele estava dizendo que eles estavam cometendo. Como ele poderia demonstrar um arco-íris de cores para os cegos?

– Você tem um bom argumento. – Richard disse. – Me dê um momento e vou mostrar a vocês a realidade da magia sobre a qual eu falo.

Ele pediu a Cara para chegar mais perto. – Pegue para mim o Farol de Alerta. – ele falou baixinho.

Imediatamente Cara desceu a colina. Ele viu que os olhos azuis furiosos de Jennsen estavam cheios de lágrimas mas ela não chorava. Kahlan puxou-a para trás enquanto Richard falava com os homens.

– Tem mais coisas que eu devo contar a vocês… algumas coisas que vocês precisam entender. Eu terminei com o banimento, mas isso não significa que aceito vocês de volta para que façam parte de nosso povo incondicionalmente.

– Mas você disse que éramos benvindos ao lar. – Owen falou.

– Estou declarando o óbvio… que vocês possuem um direito às suas próprias vidas. De boa vontade eu dou boas-vindas a todos vocês para serem parte de D'Hara se quiserem… parte daquilo que agora D'Hara defende. Mas dar as boas-vindas a vocês, não significa que eu dou boas-vindas a vocês incondicionalmente. Todos os homens deveriam ser livres para viverem suas próprias vidas, mas não se enganem, existe uma grande diferença entre essa liberdade e anarquia.

– Se triunfarmos em nossa luta, vocês são benvindos para serem pessoas livres do Império D'Haran que mantém uma crença em valores específicos. Por exemplo, vocês podem pensar o que desejarem e tentar persuadir os outros dos valores das suas crenças, mas não podem agira com uma visão de que aqueles que lutam para ganhar essa liberdade são selvagens e criminosos, ainda que vocês estejam esperando aproveitar os frutos da luta deles. No mínimo, eles conquistaram seu respeito e gratidão. As vidas deles não valem menos do que as de vocês e não são dispensáveis para o seu benefício. Isso é escravidão.

– Mas vocês tem costumes selvagens e participam da violência por uma terra que nós nunca vimos. – um dos mais jovens disse. Ele apontou um braço para trás, em direção a Bandakar. – A única terra que já conhecemos é aqui e nós rejeitamos incondicionalmente o seu amor pela violência.

– Terra? – Richard abriu os braços. – Nós não lutamos por terra. Somos leais a um ideal… um ideal de liberdade onde quer que o homem viva. Não guardamos território, não sangramos por um pedaço de terra. Não lutamos porque amamos a violência. Nós lutamos por nossa liberdade como indivíduos para vivermos nossas próprias vidas, para buscar nossa própria sobrevivência, nossa própria felicidade.

– A rejeição incondicional da violência de vocês faz com que vocês considerem-se nobres, como esclarecidos, mas na realidade isso não é nada menos do que vil capitulação para o mal. A rejeição incondicional da autodefesa, porque vocês acham que isso é uma suposta rendição para a violência, não deixa para vocês recurso algum a não ser implorar por misericórdia ou oferecer apaziguamento.

– O mal não fornece misericórdia, e tentar apaziguá-lo não é nada mais do que render-se aos poucos a ele. Render-se ao mal é escravidão na melhor das hipóteses, morte na pior. Assim, a rejeição incondicional da violência de vocês na verdade não é nada mais do que aceitar a morte como algo preferível em detrimento da vida.

– Vocês conseguirão obter o que abraçam.

– O direito, a absoluta necessidade de vingança contra qualquer um que lança força contra você é fundamental para a sobrevivência. A moralidade da autodefesa de uma pessoa está na defesa do direito à vida de cada indivíduo. É uma intolerância da violência, tornada real por uma inabalável disposição de esmagar qualquer um que lançaria violência contra você. A determinação incondicional de destruir qualquer um que lançaria força contra você é uma exaltação do valor da vida. Recusar entregar a sua vida a qualquer rufião ou tirano que declara ter direito a ela é, de fato, abraçar a vida em si.

– Se vocês não estão dispostos a defenderem o seu direito às suas próprias vidas, então vocês são como ratos tentando

argumentar com corujas. Vocês pensam que os costumes delas são errados. Elas acham que vocês são o jantar.

– A Ordem Imperial prega que a humanidade é corrupta e vil, e que desse modo a vida tem pouco valor. As ações deles certamente deixam isso bem claro. Eles moralizam que você só pode ganhar a salvação e a felicidade em algum outro mundo, e então somente sacrificando a sua vida nesse mundo.

– A generosidade é boa, se for por sua livre escolha, mas uma crença na primazia do auto sacrifício como um requisito moral não é nada menos do que o sancionamento da escravidão. Aqueles que dizem a vocês que é sua responsabilidade e dever sacrificarem-se estão tentando cegá-los para as correntes que estão colocando em seus pescoços.

– Como D'Harans, não será exigido de vocês que sacrifiquem sua vida para outra pessoa, e da mesma forma vocês não podem exigir que outros sacrifiquem-se por vocês. Podem acreditar no que desejarem, podem até sentir que não conseguem pegar armas e lutar diretamente por nossa sobrevivência, mas devem ajudar a dar suporte para nossa causa e vocês não podem contribuir materialmente ou espiritualmente para a destruição de nossos valores e assim de nossas vidas… isso é traição e será tratado como tal.

– A Ordem Imperial invadiu violentamente terras inocentes, como a de vocês. Eles escravizaram, torturaram, estupraram, e assassinaram para assumir o governo. Não fizeram menos do que isso no Mundo Novo. Eles perderam o direito de serem ouvidos. Não há dilema moral envolvido, nenhuma questão ética aberta para debate; eles devem ser transformados em pó.

Um homem deu um passo adiante. – Mas a decência comum ao lidar com nossos companheiros homens indica que devemos mostrar a eles misericórdia por seus costumes mal orientados.

– Não há valor maior do que a vida… e isso é o que vocês reconhecem parcialmente com a sua confusa noção de fornecer misericórdia. O ato de assassinar deles, consciente, deliberado, tira o insubstituível valor da vida de outra pessoa. Um assassino, por sua própria escolha de matar, perde o direito à sua própria vida.

– A misericórdia para um mal assim significa desculpá-lo e assim permitir que o mal prevaleça… tomar uma vida inocente torna-se aceitável ao não considerar o assassino responsável por sua própria vida culpada. A misericórdia dá valor à vida de um assassino, enquanto, ao mesmo tempo, arranca o valor da vida da vítima inocente. Isso torna a vida de um assassino mais importante do que a vida de um inocente. Sendo assim, isso é a troca do bem pelo mal. É a vitória da morte sobre a vida.

– Então, – Owen imaginou em voz alta. – porque a Ordem atacou a sua terra e assassinou as pessoas dela, você pretende tentar matar todas as pessoas do Mundo Antigo?

– Não. A Ordem é vil e é do Mundo Antigo. Isso não significa que o povo do Mundo Antigo é vil simplesmente porque aconteceu deles terem nascidos em uma faixa de terra governada por homens malignos. Alguns dão suporte ativamente para esses governantes e assim abraçam o mal, mas nem todos fazem isso. Muitas das pessoas no Mundo Antigo também são vítimas do governo da Ordem Imperial e sofrem grandemente sob a brutalidade dele. Muitos lutam contra esse governo vil. Enquanto conversamos, muitos arriscam suas vidas para livrarem-se desses homens malignos. Nós lutamos pela mesma coisa: liberdade.

– Onde aqueles que buscam liberdade nasceram é irrelevante. Nós acreditamos no valor da vida do indivíduo. Isso significa que onde uma pessoa vive não a torna vil… são as suas crenças e ações que importam.

– Mas não se enganem… muitas pessoas são uma parte ativa da Ordem Imperial e seus costumes assassinos. Ações devem ter

consequências. A Ordem deve ser erradicada.

– Certamente, você permitiria algum compromisso. – um dos homens mais velhos disse.

– Se, esperando aplacá-lo, você compromete-se voluntariamente com o mal sem arrependimento, apenas permite que um mal assim enterre suas presas em você; daquele dia em diante o veneno dele correrá através de suas veias até que ele finalmente mate você.

– Mas esse é um sentimento severo demais, – o homem falou. – é simplesmente ser inflexível e obstruir um caminho construtivo. Sempre há espaço para o compromisso.

Richard bateu com o dedão contra o peito. – Vocês decidiram me dar veneno. Esse veneno vai me matar; isso faz com que ele seja maligno. Como vocês sugerem que eu me comprometa com veneno?

Ninguém tinha uma resposta.

– Em negócios entre partes voluntárias que compartilham valores morais e que negociam de forma justa e honestamente uma com a outra, o compromisso a respeito de algo como o preço é legítimo. Em questões de moralidade ou verdade, não pode haver compromisso.

– Comprometer-se com assassinos, que é precisamente o que vocês estão sugerindo, fornece a eles equivalência moral onde nenhuma pode existir legitimamente. Equivalência moral diz que vocês não são melhores do que eles; portanto, a crença deles… de que eles deviam ser capazes de torturar, estuprar, ou assassinar vocês… é tão moralmente válida quanto a visão de vocês… de que vocês tem o direito de viverem livres da violência deles. O compromisso moral rejeita o conceito de certo e errado. Ele diz que todos são iguais, todos os desejos são igualmente válidos, toda ação é igualmente válida, então todos deveriam comprometer-se a conviver com isso.

– Onde vocês poderiam comprometer-se com aqueles que torturam, estupram, e assassinam as pessoas? No número de dias na semana em que serão torturados? No número de homens que terão permissão de estuprar seus entes queridos? Em quantos da sua família serão assassinados?

– Nenhuma equivalência moral existe nessa situação, nem pode existir, então não pode haver compromisso, apenas o suicídio.

– Ao menos sugerir que o compromisso com homens assim pode existir é sancionar o assassinato.

A maioria dos homens parecia chocada e surpresa em ouvir alguém falando com eles de uma maneira tão direta. Parecia que eles estavam perdendo o interesse no suprimento de adágios vazios deles. Alguns dos homens pareciam tocados pelas palavras de Richard. Alguns até pareciam inspirados pela clareza delas; ele podia ver isso nos olhos deles, como se eles estivessem vendo coisas pela primeira vez.

Cara apareceu atrás de Richard e entregou a ele o Farol de Alerta. Richard não tinha certeza, mas parecia como se a parte negra tivesse tomado da superfície da pequena figura do que na última vez em que ele a tinha visto. Dentro, a areia continuava a escorrer descendo para dentro da pilha acumulada na parte de baixo.

– Kaja-Rang colocou a Fronteira através dessa passagem para selar o povo de vocês. Foi ele quem deu o nome a vocês. Ele sabia que o seu povo abominava a violência e ele temia que vocês acabassem tornando-se presas de criminosos. Foi ele quem deu a vocês uma maneira de bani-los da sua terra para que vocês pudessem continuar a ter o tipo de vida que desejavam. Ele falou para o povo de vocês sobre a passagem através da Fronteira para que vocês pudessem livrar-se de criminosos se assim decidissem.

Owen pareceu preocupado. – Se esse grande mago, Kaja-Rang, não queria o nosso povo entre a população do Mundo Antigo porque nos misturaríamos com eles e espalharíamos a nossa

característica de completamente não dotados, como você chama isso, então e quanto aos criminosos que nós banimos? Enviar aqueles homens para fora no mundo causaria a coisa que eles temiam. Fazer essa passagem através da Fronteira e contar aso nossos ancestrais sobre ela pareceria acabar com todo o propósito da Fronteira.

Richard sorriu. – Muito bom, Owen. Você está começando a pensar por si mesmo.

Owen sorriu. Richard apontou para cima, para a estátua de Kaja-Rang.

– Está vendo para onde ele está olhando? É um lugar chamado Os Pilares da Criação. É um lugar mortalmente quente onde nada vive… uma terra dominada pela morte. A Fronteira que Kaja-Rang colocou tem lados que levam até lá.

Quando vocês enviam pessoas para fora da sua terra, através da Fronteira, as paredes da morte dos lados impediam que as pessoas banidas escapassem para o mundo. Sá havia um caminho para onde eles poderiam seguir: os Pilares da Criação.

– Mesmo com água e suprimentos, e sabendo para onde você deve ir para passar dali, tentar atravessar o vale conhecido como Os Pilares da Criação é quase morte certa. Sem água e suprimentos, sem conhecer o terreno, sem saber como viajar nele e para onde você deve ir para escapar de um lugar assim, aqueles que vocês baniram encaravam a morte certa.

Os homens olharam fixamente, de olhos arregalados. – Então, quando nós baníamos um criminoso, na verdade estávamos executando ele. – um dos homens disse.

– Isso mesmo.

– Então esse Kaja-Rang nos enganou. – o homem adicionou. – Nos enganou para fazermos o que na verdade era matar aqueles homens.

– Você acha que esse é um truque terrível? – Richard perguntou. – Vocês estavam deliberadamente soltando criminosos

conhecidos para que eles atacassem pessoas desavisadas. Estavam conscientemente libertando homens violentos, e condenando pessoas do lado de fora de suas terras a serem vítimas da violência.

Ao invés de condenarem assassinos à morte, vocês estavam, até onde sabiam… se tivessem pensado nisso… conscientemente ajudando eles a prosseguirem com a matança de outros. Na tentativa cega de evitar a violência a todo custo, na verdade vocês a defendiam.

– Diziam a si mesmos que aquelas outras pessoas não tinham importância, porque não eram esclarecidas, como vocês, que eram melhores do que eles porque vocês estavam acima da violência, que vocês rejeitavam a violência incondicionalmente. Se ao menos tivessem pensado nisso, vocês consideravam que aquelas pessoas além da Fronteira eram selvagens, que as vidas delas não eram importantes. Para todos os intentos e propósitos, vocês estavam sacrificando as vidas inocentes delas pelas vidas daqueles homens que vocês sabiam que eram malignos.

– O que Kaja-Rang estava fazendo, além de impedir que os completamente não dotados ficassem soltos no mundo, era executar aqueles criminosos que vocês baniram antes que eles pudessem machucar outras pessoas. Vocês consideram a si mesmos nobres ao rejeitar a violência, mas as suas ações a teriam alimentado. Somente as ações de Kaja-Rang evitaram isso.

– Querido Criador. É muito pior do que isso. – Owen desabou, sentando pesadamente. – Muito pior do que você ao menos percebe.

Outros homens também pareciam tomados pelo horror. Alguns tiveram que descer até o chão como Owen fizera. Outros, com os rostos nas mãos, viraram para outro lado, ou afastaram-se alguns passos.

– O que você quer dizer? – Richard perguntou.

Owen levantou os olhos, seu rosto pálido. – A história que eu contei sobre a nossa terra… sobre a nossa cidade e as outras grandes cidades? Como na minha cidade nós todos vivíamos juntos e éramos felizes com nossas vidas? – Richard assentiu. – Nem todos eram.

Kahlan cruzou os braços e inclinou em direção a Owen.

– O que você quer dizer com… nem todos eram?

Owen ergueu as mãos em um gesto triste.

– Alguns queriam mais do que a nossa simples vida alegre. Algumas pessoas… bem, elas queriam mudar as coisas. Disseram que queriam tornar as coisas melhores. Elas queriam melhorar a nossa vida, construir lugares para eles mesmos, mesmo que isso seja contra nossos costumes.

– Owen está certo. – um homem mais velho disse em um tom sério. – No meu tempo eu vi muitas dessas pessoas que eram incapazes de suportar o que alguns chamavam princípios rígidos de nosso Império.

– E o que aconteceu quando as pessoas quiseram fazer essas mudanças, ou não conseguiram suportar os princípios do seu Império? – perguntou Richard.

Owen olhou para cada um dos lados, para os outros rostos tristonhos. – Os grandes Oradores renegavam as ideias delas. O Sábio disse que elas só causariam a discórdia entre nós. As esperanças delas por novos caminhos foram colocados de lado e elas foram denunciadas. – Owen engoliu em seco. – Então aquelas pessoas decidiram que partiriam de Bandakar. Elas foram para fora de nossa terra, tomando o caminho através da abertura na Fronteira, para encontrarem uma nova vida para si mesmas. Nenhuma delas retornou.

Richard passou a mão pelo rosto. – Então elas morreram procurando pela sua nova vida, uma vida melhor do que aquela que vocês tinham para oferecer.

– Mas você não entende. – Owen levantou. – Nós somos como aquelas pessoas. – ele apontou o braço para seus homens. – Nos recusamos a voltar e nos entregar aos homens da Ordem, mesmo que nós saibamos que pessoas estão sendo torturadas porque estamos escondidos. Nós sabemos que isso não vai parar a Ordem, então não retornamos.

– Nós fomos contra os desejos de nossos grandes Oradores, e do Sábio, para tentarmos salvar nosso povo. Fomos denunciados por aquilo que escolhemos fazer. Saímos pela passagem para buscar informação, para encontrar uma maneira de nos livrar da Ordem Imperial. Você entende? Somos muito parecidos com aqueles outros através de nossa história. Como aqueles outros, nós escolhemos partir e tentar mudar as coisas ao invés de suportar o jeito como as coisas eram.

– Então talvez vocês estejam começando a ver, – Richard disse. – que tudo que lhes foi ensinado mostrou a vocês apenas como abraçar a morte, não a vida. Talvez vocês enxerguem que aquilo que vocês chamam do ensinamento do esclarecimento não era mais do que uma venda colocada sobre os seus olhos.

Richard colocou a mão no ombro de Owen. Ele olhou para a estátua de si mesmo na outra mão e então olhou ao redor para os rostos tensos.

– Vocês são os homens que restaram depois que todos os outros falharam nos testes. Só vocês conseguiram chegar tão longe. Só vocês começaram a usar as suas mentes para tentarem encontrar uma solução para vocês e seus entes queridos. Vocês tem muito mais a aprender, mas pelo menos começaram a fazer algumas das escolhas certas. Não devem para agora; devem encarar com coragem aquilo que eu pedirei a vocês para fazerem, se realmente querem ter uma chance de salvar os seus companheiros.

Pela primeira vez eles pareceram ao menos um pouco orgulhosos. Eles foram reconhecidos, não pela forma como repetiam

bem ditados sem sentido, mas pelas decisões a que chegaram sozinhos.

Jennsen estava com a testa franzida, pensativa. – Richard, porque as pessoas não conseguiam voltar através da passagem para fora da Fronteira? Se eles quisessem sair e ter uma nova vida mas então descobrissem que teriam de atravessar os Pilares da Criação, porque eles não voltariam, ao menos para buscar suprimentos, para pegarem o que precisavam de forma que pudessem fazer a travessia?

– Isso mesmo, – Kahlan disse. – George Cypher atravessou a Fronteira no Porto do Rei e então retornou. Adie disse que a Fronteira tinha que ter uma passagem, uma abertura, como o lugar para onde essas pessoas baniam criminosos, então porque as pessoas não poderiam voltar? Havia uma passagem para fora, então porque eles nunca retornaram?

Os homens assentiram, curiosos para ouvir porque ninguém jamais retornou.

– No início, fiquei imaginando a mesma coisa.

Richard esfregou um dedão na superfície negra lustrosa da estátua de si mesmo. – Acho que as Fronteiras em Midlands tinham que ter uma abertura através delas porque eram tão grandes… tão longas. Essa Fronteira, aqui, não é nada comparado com aquelas; duvido que o mesmo tipo de abertura seria necessária.

– Porque era apenas uma seção curvada de uma Fronteira e não era muito longa, imagino que Kaja-Rang foi capaz de colocar uma passagem permitindo que criminosos fossem banidos através dela, mas não permitiria a passagem de volta. Afinal de contas, se um criminoso fosse banido e descobrisse que não poderia escapar, ele retornaria. Kaja-Rang não teria desejado que isso acontecesse.

– Como uma coisa assim poderia funcionar? – Jennsen perguntou.

Richard descansou a mão esquerda sobre o cabo da espada dele. – Certas cobras conseguem engolir presas muito maiores do que elas. Seus dentes são curvados para trás de modo que enquanto a presa é devorada, é impossível que ela retorne para fora, que escape. Suponho que a passagem através da Fronteira de alguma forma podia ser desse jeito… permitia ser cruzada apenas em uma direção.

– Você acha que uma coisa assim é possível? – perguntou Jennsen.

– Há precedentes para esse tipo de salvaguardas. – falou Kahlan.

Richard assentiu mostrando que concordava. – A grande barreira entre o Mundo Novo e o Antigo tinha defesas para permitir a certas pessoas, sob condições específicas, uma passagem através e de volta, mas não duas. – ele apontou para o Farol de Alerta na estátua. – Um mago com a habilidade de Kaja-Rang certamente saberia como criar uma passagem através da Fronteira que não permitisse o retorno. Afinal de contas, ele invocou-a do próprio Submundo e ela permaneceu viável durante quase três mil anos.

– Então todos que saíram através dessa Fronteira morreram. – Owen disse.

Richard assentiu. – Eu temo que sim. Kaja-Rang parecia ter feito planos elaborados que funcionaram como ele pretendia por todo esse tempo. Ele até mesmo fez contingências caso a Fronteira falhasse.

– Isso é algo que eu não entendo, – um jovem falou. – se esse mago era tão grande, e sua magia era tão poderosa que ele podia fazer uma parede da morte para nos manter separados do mundo durante três mil anos, então como ela poderia falhar? Nos últimos dois anos ela simplesmente desapareceu. Porque?

– Acredito que foi por minha causa. – Kahlan falou.

Ela deu um passo chegando mais perto dos homens. Richard não tentou segurá-la. Nesse ponto, não seria bom parecer como se ele estivesse escondendo informações deles.

– Dois anos atrás, em um ato desesperado para salvar a vida de Richard, inadvertidamente eu invoquei poder do Submundo que eu acredito que pode estar lentamente destruindo a magia em nosso mundo. Richard baniu essa magia vil, mas ela esteve aqui no mundo dos vivos durante algum tempo, então talvez os efeitos sejam irreversíveis.

Olhares preocupados passaram entre os homens. Essa mulher diante deles acabara de admitir que por causa de algo que ela fez, a proteção deles havia sido destruída.

Por causa dela, violência e brutalidade horríveis havia caído sobre eles. Por causa dela, o modo de vida deles tinha acabado.

CAPÍTULO 43



– Você ainda não nos mostrou a sua magia. – um dos homens finalmente falou.

A mão de Richard afastou-se da costa de Kahlan quando ele caminhou em direção aos homens.

– Kaja-Rang criou uma faceta em sua magia, conectada com a Fronteira que ele colocou aqui, para ajudar a protegê-la. – Richard levantou a pequena figura de si mesmo para que todos pudessem vê-la. – Isso foi enviado para me alertar de que a Fronteira para sua terra tinha falhado.

– Porque a parte de cima dela tem essa cor negra estranha? – perguntou um homem na frente.

– Acredito que isso seja uma indicação de como estou ficando sem tempo, de como eu posso estar morrendo.

Sussurros preocupados espalharam-se através do grupo de homens. Richard levantou a mão, pedindo a eles que escutassem enquanto ele prosseguia.

– Essa areia dentro dela… todos vocês conseguem ver essa areia? – esticando os pescoços, todos tentaram dar uma olhada, mas nem todos estavam perto o bastante, então Richard caminhou entre eles, segurando a estátua no alto para que todos pudessem ver que ela parecia com ele, e ver a areia caindo do lado de dentro.

– Isso não é realmente areia, – ele falou para eles. – é magia.

O rosto de Owen torceu com ceticismo. – Mas você disse que não podíamos ver magia.

– Todos vocês são completamente não dotados e não são tocados pela magia, então não podem ver a magia comum. Porém, a Fronteira ainda evitava que vocês saíssem para o mundo, não é? Porque vocês imaginam que era assim?

– Era uma parede da morte. – um homem mais velho falou, parecendo pensar que isso estava bastante evidente.

– Mas como ela poderia machucar pessoas que não são afetadas pela magia? Entrar na Fronteira em si resultava em morte para vocês do mesmo jeito que para qualquer outro. Porque?

– Porque a Fronteira é um lugar nesse mundo onde o Submundo também existia. O Submundo é o mundo dos mortos. Vocês podem ser não dotados, mas são mortais; uma vez que estão conectados com a vida, então, vocês também estão conectados com a morte.

Richard ergueu a estátua novamente. – Essa magia também está conectada ao Submundo. Já que todos vocês são mortais, vocês possuem uma conexão com o Submundo, com o poder do Guardião, com a morte. É por isso que vocês conseguem ver a areia que mostra como o meu tempo se esgota.

– Não vejo nada de mágico em uma areia que escorre. – um homem resmungou. – Só porque você diz que isso é magia, ou que isso é a sua vida se esgotando, isso não parece provar coisa alguma.

Richard virou a estátua de lado. A areia continuou a fluir, mas para o lado.

Gemidos e sussurros admirados irromperam entre os homens enquanto eles observavam a areia fluindo lateralmente.

Eles amontoaram-se chegando mais perto como crianças curiosas para verem a estátua enquanto Richard a segurava erguida, de lado, para que eles pudessem ver a magia. Alguns esticaram-se e tocaram a superfície negra enquanto Richard segurava a figura de si mesmo para que eles inspecionassem. Outros inclinaram mais perto,

espiando lá dentro para verem a areia fluindo para o lado na parte inferior, onde a figura ainda estava transparente.

Os homens falaram sobre a maravilha que isso era, mas eles não tinham certeza a respeito da explicação dele sobre a magia do Submundo.

– Mas todos nós vemos isso. – um dos homens disse. – Isso não mostra a nós que realmente somos diferentes de você e de todos os outros, como você diz que somos. Isso mostra apenas que somos todos capazes de enxergar essa magia, do mesmo jeito que vocês. Talvez não sejamos essas pessoas completamente não dotadas que você parece pensar que somos.

Richard pensou naquilo um momento, pensou no que poderia fazer para mostrar a eles os verdadeiros aspectos da magia. Ainda que ele fosse dotado, não sabia muito sobre controlar o seu próprio Dom, exceto que ele era em parte energizado pela fúria conectada com a necessidade. Ele não poderia simplesmente demonstrar um pouco de magia do jeito como Zedd poderia, e além disso, mesmo se ele conseguisse fazer alguma coisa mágica, eles não seriam capazes de ver isso.

Com canto dos olhos, Richard viu Cara em pé com os braços cruzados. Uma ideia lhe ocorreu. – A ligação entre o Lorde Rahl e o povo dele é uma ligação mágica. – falou Richard. – Essa mesma magia energiza outras coisas, além da proteção que a ligação fornece contra o Andarilho dos Sonhos.

Richard fez um sinal para Cara adiantar-se. – Além de ser minha amiga, Cara também é uma Mord-Sith. Durante milhares de anos Mord-Sith tem sido ferozes protetoras do Lorde Rahl. Richard ergueu o braço de Cara para que os homens vissem o bastão vermelho pendurado na fina corrente dourada no pulso dela. – Isso é um Agiel, a arma de uma Mord-Sith. O Agiel é energizado pela conexão de uma Mord-Sith com o Lorde Rahl… comigo.

– Mas ele não tem lâmina. – um homem falou quando ele olhava bem perto para o Agiel balançando na ponta da corrente dourada. – Isso não tem nada útil para ser usado como arma.

– Deem uma olhada mais de perto. – Richard sugeriu enquanto segurava o cotovelo de Cara e guiava ela adiante, entre os homens. – Olhem para ele atentamente para garantirem que aquilo que esse homem observou, que ele não tem lâmina, que não é nada mais além desse bastão, é verdade.

Os homens inclinaram mais perto enquanto Cara caminhava entre eles, mantendo o braço erguido, deixando que os homens tocassem e inspecionassem o Agiel dela enquanto ele balançava em sua corrente.

Quando todos eles tinham observado, inspecionando o comprimento dele, olhando na ponta, levantando-o para ver se ele não era pesado e podia realmente ser usado como uma clava, Richard falou para Cara encostá-lo nos homens. O Agiel girou entrando no punho dela. Homens encolheram-se diante da expressão sombria no rosto dela quando ela aproximou-se deles coma coisa que Richard tinha falado para eles que era uma arma.

Cara encostou o Agiel no ombro de Owen.

– Ela já me tocou com esse bastão vermelho antes, – ele garantiu aos homens. – ele não faz nada.

Cara pressionou o Agiel em cada homem perto o bastante para que ela alcançasse. Alguns recuaram, temendo serem feridos, mesmo que ele não tivesse machucado nenhum de seus colegas. Porém, muitos dos homens sentiram o toque do Agiel dela e estavam satisfeitos de que não havia qualquer efeito nocivo.

Richard enrolou a manga. – Agora, mostrarei a vocês que essa realmente é uma poderosa arma de magia.

Ele estendeu o braço para Cara. – Derrame sangue, – ele falou com uma voz calma que não traiu o que realmente pensava de ser tocado por um Agiel.

Cara ficou olhando fixamente para ele. – Lorde Rahl, eu não…

– Faça isso. – Richard ordenou enquanto mantinha o braço estendido.

– Aqui, – Tom disse, levantando o braço nu na frente dela. – faça isso comigo.

Cara imediatamente viu isso como um teste preferível.

– Não! – Jennsen foi contra, mas tarde demais.

Tom gritou quando Cara encostou a ponta do seu Agiel no braço dele. Ele cambaleou um passo para trás, um filete de sangue escorrendo por seu braço. Os homens ficaram olhando, incertos do que estavam vendo.

– Isso deve ser algum tipo de truque. – um deles sugeriu.

Enquanto Jennsen confortava Tom, Richard estendeu o braço novamente.

– Mostre a eles. – ele falou para Cara. – Mostre a eles o que um Agiel de uma Mord-Sith pode fazer somente com a magia.

Cara olhou dentro dos olhos dele. – Lorde Rahl…

– Faça isso. Mostre a eles, para que eles entendam. – ele virou para os homens. – Cheguem mais perto para que vocês possam ver que ele cumpre a sua horrível tarefa sem um meio visível. Observem atentamente para que todos vocês possam ver que é somente a magia executando esse terrível trabalho.

Richard cerrou o punho enquanto mantinha a parte interna do braço para cima, para que ela tocasse. – Faça isso para que eles possam ver claramente o que ele fará; caso contrário isso será por nada. Não me obrigue a fazer isso por nada.

Cara pressionou os lábios com o desgosto diante da ordem dele. Ela olhou mais uma vez para a determinação nos olhos dele. Quando ela fez isso, ele conseguiu ver em seus olhos azuis a dor que segurar o Agiel causava nela. Ele cerrou os dentes e assentiu indicando que estava pronto.

Com um semblante de ferro, ela pressionou o Agiel contra a parte interna do antebraço dele.

Pareceu como se um raio o tivesse atingido.

O toque do Agiel foi fora de toda proporção em relação ao que pareceria que devia ser. O impacto trovejante da dor subiu pelo braço dele. O choque atingiu o seu ombro. Parecia como se os ossos em todo o seu braço fossem estilhaçados. Com os dentes cerrados, ele manteve o braço trêmulo esticado enquanto Cara arrastava lentamente o Agiel descendo em direção ao pulso dele. Bolhas cheias de sangue brotaram em seu rastro. Sangue escorreu pelo braço dele.

Richard prendeu a respiração, manteve os músculos abdominais firmes, enquanto caía sobre um joelho, não porque pretendia, mas porque não conseguia ficar de pé sob o peso da dor quando mantinha o braço esticado para Cara enquanto ela encostava o Agiel nele. Os homens gemeram enquanto observavam, chocados com o sangue, com a dor óbvia. Eles sussurraram sua admiração.

Cara afastou a arma. Richard liberou a rígida tensão em seus músculos, dobrando-se para frente enquanto ofegava, tentando recuperar o fôlego, tentando permanecer erguido. Sangue pingava de seus dedos.

Kahlan estava ali ao lado dele com um pequeno lenço que Jennsen tirou de um bolso. – Você está ficando louco? – ela sibilou de forma inflamada quando enrolava o braço ensanguentado dele.

– Obrigado. – ele disse em resposta ao cuidado dela, sem querer responder a pergunta dela.

Ele não conseguia fazer os dedos pararem de tremer.

Cara tinha aliviado o quanto podia. Ele estava certo de que ela não quebrou osso algum, mas parecia como se tivesse quebrado.

Ele podia sentir lágrimas de dor escorrendo por seu rosto.

Quando Kahlan terminou, Cara colocou uma das mãos embaixo do braço dele e ajudou-o a levantar. – A Madre Confessora está certa, – ela rosnou baixinho. – você está ficando louco.

Richard não discutiu a necessidade daquilo que tinha ordenado ela fazer, ao invés disso virou para os homens. Ele levantou o braço. Uma mancha vermelha úmida lentamente cresceu através da bandagem feita com o lenço.

– Aqui está poderosa magia para vocês. Vocês não conseguem ver a magia, mas conseguem ver os resultados dela. Essa magia pode matar, se Cara assim desejar. – os homens lançaram olhares preocupados em direção a ela, enxergando-a com um novo respeito. – Mas ela não conseguiria machucar vocês porque vocês não possuem habilidade de interagir com essa magia. Apenas aqueles nascidos com a centelha do Dom conseguem sentir o toque de um Agiel.

O humor tinha mudado. A visão do sangue tinha deixado todos sérios.

Richard caminhou lentamente diante dos homens. – Dei a vocês a verdade em tudo que falei. Não escondi nada importante ou relevante de vocês, nem farei isso. Disse a vocês quem eu sou, quem vocês são, e como chegamos a esse ponto. Se tem alguma coisa que vocês querem saber, darei a vocês minha resposta sincera.

Quando Richard fez uma pausa, os homens olharam ao redor uns para os outros, vendo se alguém faria uma pergunta.

Ninguém perguntou.

– Chegou a hora, – disse Richard. – para que vocês decidam o seu futuro e o futuro dos seus entes queridos. Hoje é o dia do qual esse futuro depende.

Richard apontou para Owen. – Sei que Owen tinha uma mulher que amava, Marilee, que foi levada pela Ordem. Sei que cada um de vocês sofreu grandes perdas nas mãos dos homens da Ordem Imperial. Não sei todos os seus nomes, ainda, ou os nomes das pessoas queridas tomadas de vocês, mas por favor acreditem em mim quando digo a vocês que conheço essa dor.

– Ainda que eu entenda como vocês chegaram ao ponto onde pensaram que não tinham opção a não ser me envenenar, não foi certo vocês terem feito isso. – muitos homens desviaram os olhos do olhar de Richard, lançando seus olhares para o chão. – Darei a vocês uma chance de ajustarem o curso apropriado para vocês e seus entes queridos.

Ele deixou que eles considerassem aquilo por um momento antes de continuar. – Vocês passaram por muitas provações para chegarem até aqui, para terem sobrevivido tanto tempo em uma situação brutal como a que todos vocês encararam, mas agora devem fazer uma escolha.

Richard descansou a mão sobre o cabo da sua espada.

– Quero saber onde vocês esconderam o antídoto para o veneno que me deram.

Olhares preocupados espalharam-se através da multidão. Homens olharam para o lado, tentando julgar os sentimentos dos seus colegas, tentando ver o que eles fariam.

Owen, também, tentou conferir a reação de seus amigos, mas estando tão incertos quanto ele, eles não ofereceram nenhuma firme indicação daquilo que eles queriam fazer. Finalmente ele lambeu os lábios e timidamente fez uma pergunta.

– Se dissermos que vamos falar a você onde está o antídoto, você concordará em primeiro nos dar a sua palavra de que vai nos ajudar?

Richard parou de andar de um lado para outro. Os homens aguardaram nervosamente pela resposta dele enquanto observavam o sangue pingar dos dedos dele, deixando um rastro de gotas vermelhas na rocha.

– Não, – Richard disse. – não permitirei que vocês liguem dois assuntos separados. Foi errado me envenenar. Essa é a sua chance de corrigir esse erro. Ligar isso a qualquer concessão perpetua a falácia de que de alguma forma isso pode ser justificado.

Contar para mim onde vocês esconderam o antídoto é a única coisa adequada a fazer, agora, e deve ser sem condições. Esse é o dia em que vocês devem decidir como viverão o seu futuro. Até vocês me darem a sua decisão, não direi mais nada a vocês.

Alguns dos homens pareciam à beira do pânico, alguns à beira das lágrimas. Owen conduziu todos eles para trás, para longe de Richard, para que pudessem discutir isso entre eles.

– Não. – falou Richard, a caminhada dele parando bruscamente.

Todos os homens ficaram em silêncio e viraram em direção a ele.

– Não quero que nenhum de vocês chegue a uma decisão por causa do que outro diz. Quero que cada um de vocês me dê a sua decisão pessoal.

Os homens ficaram olhando. Um certo número falou ao mesmo tempo, querendo saber o que ele queria dizer.

– Quero saber, sem quaisquer pré-condições, o que cada indivíduo escolhe fazer… me libertar do veneno, ou usá-lo como uma ameaça à minha vida para ganhar minha cooperação. Quero saber a escolha de cada homem.

– Mas nós devemos chegar a um consenso. – um homem falou.

– Com que propósito? – Richard perguntou.

– Para que a nossa decisão seja correta. – ele explicou. – Nenhuma decisão apropriada sobre o curso correto de ação em qualquer situação importante pode ser tomada sem um consenso.

– Você está tentando dar autoridade moral ao governo de uma gangue. – Richard disse.

– Mas um consenso aponta para o julgamento moral apropriado, – outro homem insistiu. – porque ele é o desejo do povo.

– Entendo. – falou Richard. – Então o que você está dizendo é que se todos vocês decidirem estuprar minha irmã, aqui, então isso é

um ato moral porque entraram em consenso de estuprá-la, e se eu for contra, sou imoral por estar sozinho e não ter um consenso para me apoiar. É desse jeito que vocês enxergam isso?

Os homens recuaram em confusa repulsa. Um deles falou.

– Bem… não, não exatamente…

– Certo e errado não são produto de consenso, – Richard disse, interrompendo ele. – vocês estão tentando transformar em virtude o governo de gangue. Escolhas morais racionais são baseadas no valor da vida, não em um consenso. Um consenso não pode fazer o sol erguer-se a meia-noite, nem pode transformar algo errado em certo, ou o contrário. Se alguma coisa é errada, não importa se mil outros homens defendem isso; você ainda deve se opor a isso. Se algo é justo, nenhuma quantidade de gritos populares deveriam desviar você do seu curso.

– Não vou ouvir mais dessa besteira vazia sobre consenso. Vocês não são um bando de gansos; são homens. Conhecerei a opinião de cada um de vocês.

Ele apontou para o chão aos pés deles. – Todos, peguem duas pedrinhas.

Richard observou enquanto os homens surpresos hesitantes curvavam-se e faziam o que ele pedira.

– Agora, – disse Richard. – colocarão uma ou duas pedrinhas em um punho fechado. Cada um de vocês virá até mim, até o homem que vocês envenenaram, e abrirá o seu punho para que eu possa ver a sua decisão mas os outros não.

– Uma pedrinha significará não, você não falará onde o antídoto está localizado a menos que primeiro eu jure tentar libertar o seu povo. Duas pedrinhas em seu punho significará sim, você concorda em falar para mim, sem qualquer pré-condição, onde encontrar o antídoto para o veneno que deram a mim.

– Mas o que acontecerá se concordarmos em contar a você? – um dos homens perguntou. – Você ainda nos dará a nossa

liberdade?

Richard balançou os ombros. – Depois que cada um de vocês der a sua resposta, todos descobrirão a minha. Se contarem a localização do antídoto, talvez eu ajude vocês, ou assim que estiver livre do seu veneno, talvez eu deixe vocês e volte a cuidar dos meus próprios problemas urgentes. Só descobrirão depois que me derem a sua resposta.

– Agora, afastem-se de seus amigos e coloquem uma pedrinha no seu punho para não ou duas pedrinhas para concordar em revelar a localização do antídoto. Quando tiverem terminado, venham um de cada vez até mim e abra sua mão para mostrar a sua decisão individual.

Os homens afastaram-se, lançando olhares uns para os outros, mas como ele havia instruído, evitaram discutir o assunto. Cada homem finalmente isolou-se colocando pedrinhas dentro do punho.

Enquanto os homens estavam ocupados, Cara e Kahlan chegaram mais perto de Richard. Parecia que as duas tinham chegado às suas próprias conclusões.

Cara segurou o braço dele. – Você está louco? – ela sussurrou em um tom zangado.

– Vocês duas já me perguntaram isso hoje.

– Lorde Rahl, preciso lembrar a você que uma vez já pediu uma votação e isso só colocou você em problemas? Você disse que não faria uma coisa tola como essa de novo.

– Cara está certa. – Kahlan argumentou em voz baixa para que os homens não pudessem ouvir.

– Dessa vez é diferente.

– Não é diferente, – Cara disparou. – é problema.

– É diferente, – ele insistiu. – eu disse para eles o que é certo e porque; agora eles devem decidir se escolherão fazer a coisa certa ou não.

– Está deixando que outros decidam o seu futuro. – Kahlan falou. – Está colocando o seu destino nas mãos deles.

Richard soltou um forte suspiro enquanto olhava dentro dos olhos verdes de Kahlan e então dos frios olhos azuis da Mord-Sith. – Tenho que fazer isso. Agora, deixem que eles venham e mostrem a sua decisão.

Cara caminhou furiosa recuando até ficar ao lado da estátua de Kaja-Rang. Kahlan deu um aperto no braço dele, oferecendo seu apoio silencioso, aceitando a decisão dele mesmo que não entendesse as suas razões. Um breve sorriso de agradecimento foi tudo que ele conseguiu mostrar antes que ela virasse e caminhasse de volta para ficar perto de Cara, Jennsen, e Tom.

Richard virou para outro lado, não querendo deixar Kahlan ver quanta dor estava sentindo. A dor do veneno estava rastejando lentamente subindo até seu peito. Cada respiração machucava. Seu braço ainda tremia com a dor residual de ser tocado por um Agiel. O pior, entretanto, era a dor de cabeça. Ele imaginou se Cara conseguia ver isso nos olhos dele. Afinal de contas, o negócio das Mord-Sith era a dor.

Ele sabia que não poderia esperar até depois de ajudar esses homens a repelir a Ordem antes de pegar o antídoto para o veneno. Ele não tinha ideia de como livrar o império deles da Ordem Imperial. Não conseguia nem mesmo livrar o seu próprio império dos invasores.

Porém, o pior era que podia sentir que estava ficando sem tempo. Seu Dom estava causando nele as dores de cabeça e, se não cuidasse disso, eventualmente isso o mataria, mas pior ainda, isso o estava enfraquecendo, permitindo que o veneno trabalhasse mais rápido. A cada dia que passava ele estava tendo mais e mais dificuldade de resistir ao veneno.

Se conseguisse fazer esses homens concordarem com isso, contarem a ele onde esconderam o antídoto, então talvez ele fosse

capaz de recuperar-se em tempo.

Se não, então a chance dele de viver estava praticamente acabada.

CAPÍTULO 44



Os homens caminharam de um lado para outro no topo da passagem, alguns olhando para o vazio com seus próprios pensamentos, alguns contemplando a estátua de Kaja-Rang, o homem que havia banido o povo deles. Alguns dos homens lançavam olhares para seus companheiros. Richard podia ver que eles estavam loucos para perguntar aos amigos o que eles fariam, mas eles cumpriram as ordens de Richard e não falaram.

Finalmente, quando Richard ficou diante deles, um dos mais jovens adiantou-se. Ele era um dos homens ansiosos para ouvir as palavras de Richard. Parecia que ele tinha ouvido cuidadosamente e considerado as coisas que Richard falou para eles.

Richard sabia que se esse homem falasse não, então não havia chance de qualquer um dos outros fosse concordar.

Quando jovem loiro abriu o punho, duas pedrinhas jaziam em sua palma. Richard soltou um suspiro interior porque ao menos um dos homens tinha escolhido fazer a coisa certa.

Outro homem avançou e abriu o seu punho, exibindo duas pedrinhas em sua palma. Richard assentiu em reconhecimento, sem mostrar qualquer reação, e deixou ele mover-se para o lado. O resto dos homens formaram uma fila. Cada um deu um passo em frente e silenciosamente abriu a mão. Cada um mostrou a ele duas pedrinhas, mostrando que iria retratar-se da ameaça de morte deles, e então saiu para que o homem seguinte pudesse mostrar a sua escolha.

Owen foi o último da fila. Ele olhou para Richard, pressionou os lábios com força, e então esticou sua mão. – Você não fez mal algum para nós. – ele disse quando abriu o punho. Na palma dele estavam duas pedrinhas.

– Não sei o que acontecerá conosco, agora, – Owen falou. – mas posso ver que não devemos causar mal a você porque estamos desesperados por sua ajuda.

Richard assentiu. – Obrigado. – a sinceridade na voz dele fez surgir sorrisos em muitos dos rostos que estavam observando. – Todos vocês mostraram duas pedrinhas. Estou encorajado porque vocês escolheram fazer a coisa certa. Agora temos um terreno comum sobre o qual encontraremos um curso futuro.

Os homens olharam ao redor uns para os outros, surpresos.

Cada um deles aproximou-se alegremente de seus amigos, falando uns aos outros excitadamente sobre como todos tomaram a mesma decisão. Pareciam felizes por estarem unidos em sua decisão.

Richard recuou até onde Kahlan, Cara, Jennsen, e Tom estavam.

– Satisfeitas? – ele perguntou para Kahlan e Cara.

Cara cruzou os braços. – O que você teria feito caso todos escolhessem manter a localização do antídoto em segredo até depois que você os ajudasse?

Richard balançou os ombros. – Eu não estaria melhor do que estava, mas também não estaria pior. Teria que ajudá-los, mas pelo menos eu saberia que não ousaria confiar em nenhum deles.

Kahlan ainda não parecia contente. – E se a maioria deles tivesse dito sim, mas alguns continuassem com os costumes deles e falassem não?

Richard olhou dentro dos olhos verdes resolutos dela.

– Então, depois que aqueles que concordassem tivessem falado onde encontrar o antídoto, eu teria que matar aqueles que disseram não.

Compreendendo a seriedade da explicação dele, Kahlan assentiu. Cara sorriu mostrando satisfação. Jennsen pareceu chocada.

– Se alguns tivessem falado não, – ele explicou para Jennsen. – então eles estariam escolhendo continuar a me escravizar, a manter uma sentença de morte sobre a minha cabeça para manipular a minha vida para conseguirem o que queriam de mim. Eu jamais seria capaz de confiar neles naquilo que devo pedir ao resto deles para fazerem. Não poderia confiar as nossas vidas a esse tipo de traidores. Mas, agora, esse é menos um problema com que temos de nos preocupar.

Richard virou para os homens que aguardavam. – Cada um de vocês decidiu devolver a minha vida para mim.

Os rostos observando ele ficaram sérios enquanto eles esperavam para ouvir o que ele faria agora. Richard olhou para a pequena figura de si mesmo, para a areia escorrendo, para a estranha superfície negra que já havia descido sobre o topo da estátua, como o próprio Submundo lentamente exigindo a vida dele. Seus dedos deixaram manchas de sangue na superfície da figura.

As nuvens tinham baixado ao redor deles, ficando tão pesadas que a luz da tarde parecia mais como o escurecer do anoitecer.

Richard abaixou a estátua e olhou para os homens. – Faremos o melhor que pudermos para ver se conseguimos ajudá-los a livrarem-se da Ordem.

Um grito de alegria ecoou no ar frio. Os homens expressavam sua felicidade assim como seu alívio. Ele ainda não tinha visto qualquer um deles sorrir tão largamente antes. Aqueles sorrisos, mais do que tudo, revelavam a profundidade do desejo deles de ficarem livres dos homens da Ordem. Richard imaginou como eles sentiriam-se quando ele finalmente falasse qual seria o papel deles.

Ele sabia que enquanto Nicholas, o Deslizador, fosse capaz de procurá-los através dos olhos dos Races, ele continuaria uma ameaça que os assombraria aonde quer que fossem e colocaria em perigo todo o trabalho deles para fazer o Mundo Antigo erguer-se e derrotar a Ordem Imperial. Porém, mais do que isso, Nicholas seria capaz de direcionar assassinos para encontrá-los. O pensamento de Nicholas vendo Kahlan e sabendo onde encontrá-la causava calafrios em Richard. Ele tinha que eliminar Nicholas. Era possível que fazendo isso, ao eliminar o líder deles, ele também ajudaria essas pessoas a repelir a Ordem dos seus lares.

Richard gesticulou para que os homens chegassem mais perto. – Primeiro, antes de cuidarmos do assunto de libertar o seu povo, vocês precisam mostrar onde esconderam o antídoto.

Owen agachou e escolheu uma pedra ali nas proximidades. Com ela, ele riscou uma oval esbranquiçada na face de um ponto plano na rocha. – Digamos que essa linha são as montanhas cercando Bandakar. – ele colocou a pedra na extremidade da oval mais próxima de Richard. – Então essa é a passagem para nossa terra, onde estamos agora.

Ele pegou três pedras do chão. – Essa é nossa cidade, Witherton, onde nós morávamos. – ele disse enquanto posicionava a primeira pedra não muito longe da rocha que representava a passagem. – Tem antídoto lá.

– E aqui é onde todos os seus homens estavam escondidos? – Richard perguntou quando circulava com um dedo sobre a primeira pedra. – Nas colinas cercando Witherton?

– Mais para o sul. – Owen falou, apontando para a área. Ele colocou a segunda pedra perto do meio da oval. – Aqui tem outro frasco de antídoto, nessa cidade, aqui, chamada Hawton. – ele colocou a terceira pedra perto da borda da oval.

– Aqui está o terceiro frasco, nessa cidade, Northwick.

– Então, – Richard resumiu. – eu só preciso ir até um desses três lugares e recuperar o antídoto. Uma vez que a cidade de vocês é a menor, ela provavelmente seria a nossa melhor chance.

Alguns dos homens balançaram as cabeças; outros olharam para outro lado.

Owen, parecendo preocupado, tocou em cada uma das três pedras. – Sinto muito, Lorde Rahl, mas um desses não é suficiente. Passou tempo demais. Até mesmo dois será insuficiente agora. O homem que fez o veneno disse que se tivesse passado tempo demais, seriam necessários todos os quatro para garantir uma cura.

– Ele falou que se você não tomasse imediatamente o primeiro antídoto que eu trouxe, então ele apenas conteria o veneno durante algum tempo. Ele disse que então os outros três frascos seriam necessários. Disse que nesse caso, possivelmente o veneno passaria por três estágios. Se quiser ficar livre do veneno, deve beber todos os três antídotos que restam. Se não fizer isso, você morrerá.

– Três estágios? O que isso quer dizer?

– O primeiro estágio será dor no seu peito. O segundo será tontura que tornará difícil ficar em pé. – Owen desviou os olhos do olhar de Richard.

– No terceiro estágio o veneno o deixa cego. – ele olhou para cima e colocou a mão no ombro de Richard, como se desejasse dissipar a preocupação dele. – Mas tomar os três frascos do antídoto vai curá-lo, deixará você bem.

Richard esfregou a mão cansada na testa. A dor no peito dizia a ele que estava no primeiro estágio.

– Quanto tempo eu tenho?

Owen olhou para o chão enquanto ajeitava sua manga.

– Não tenho certeza, Lorde Rahl. Já levamos bastante tempo viajando desde que você tomou aquele primeiro frasco. Acho que não temos tempo a perder.

– Quanto tempo? – Richard perguntou com a voz mais calma que conseguia.

Owen engoliu em seco. – Para falar a verdade, Lorde Rahl, estou surpreso que você consiga suportar a dor do primeiro estágio do veneno. De acordo com o que ouvi, a dor cresceria conforme o passar do tempo.

Richard simplesmente assentiu. Não olhou para Kahlan.

Com soldados da Ordem Imperial ocupando Bandakar, entrar para buscar o antídoto de um lugar já parecia bastante difícil, mas recuperá-lo de todos os três lugares parecia muito além de difícil.

– Bem, já que o tempo é curto, tenho uma ideia melhor. – Richard disse. – Façam mais do antídoto. Então não teremos que nos preocupar em pegar o que vocês esconderam e poderemos simplesmente nos concentrar na melhor forma de derrubar os homens da Ordem.

Owen balançou um dos ombros. – Não podemos.

– Porque não? – Richard inclinou-se. – Vocês o fizeram… fizeram o antídoto que esconderam. Façam de novo.

Owen recuou. – Não podemos.

Richard soltou um suspiro paciente. – Porque não?

Owen apontou para a pequena bolsa que havia trazido, agora jogada em um lado… a bolsa contendo os dedos das três garotas. – O pai daquelas garotas foi o homem que fez o veneno e fez o antídoto. Ele é o único entre nós que sabia como fazer coisas tão complexas com ervas. Não sabemos como… nem ao menos conhecemos muitos dos ingredientes que ele usou.

– Pode haver outros nas cidades que poderiam fazer um antídoto, mas não sabemos quem são eles, ou se ainda estão vivos. Com homens da Ordem naquele lugares nem seríamos capazes de encontrar essas pessoas. Mesmo se pudéssemos, não sabemos o que foi usado para fazer o veneno, então eles não saberiam como fazer

um antídoto. A única chance que você tem de viver é pegar os três frascos do antídoto.

A cabeça de Richard estava doendo tanto que ele não sabia se conseguiria ficar em pé muito tempo. Com a existência de apenas três frascos, e sendo necessários todos os três para que ele vivesse, precisava chegar até eles antes que algo acontecesse a qualquer um deles. Alguém poderia encontrar um e jogar fora. Eles podiam ser movidos.

Podiam ser quebrados, o antídoto escorrendo no chão. A cada respirar, ele sentia pontadas de dor no peito. O pânico estava roendo as bordas dos seus pensamentos.

Quando Kahlan descansou a mão no ombro dele, Richard pousou a mão agradecida sobre a dela.

– Ajudaremos você a pegar o antídoto, Lorde Rahl. – um dos homens falou.

Outro assentiu. – Isso mesmo. Ajudaremos você a consegui-lo.

Então, todos os homens falaram, dizendo que todos ajudariam a pegar o antídoto para que Richard pudesse ficar livre do veneno.

– A maioria de nós esteve em pelo menos dois desses lugares. – Owen disse. – Alguns de nós estiveram em todos os três. Escondi os antídotos, mas falei para os outros os locais, para que todos saibamos onde eles estão. Sabemos aonde temos que ir para buscá-lo. Diremos a você também.

– Então é isso que faremos. – Richard agachou enquanto estudava o mapa na pedra. – Onde Nicholas está?

Owen inclinou-se e tocou na pedra do centro. – Aqui, em Hawton, está esse homem Nicholas.

Richard olhou para Owen. – Não me diga. Você escondeu o antídoto no prédio onde viu Nicholas.

Owen balançou os ombros. – Naquele momento, pareceu uma boa ideia. Agora, gostaria de ter pensado melhor.

Em pé atrás de Richard, Cara girou os olhos com desgosto. – Estou surpresa que você não entregou para Nicholas e pediu para que ele o guardasse.

Parecendo ansioso para mudar de assunto, Owen apontou para a pedra representando Northwick. – Nessa cidade é onde o Sábio está escondido. Talvez possamos conseguir ajuda com os Grandes Oradores. Talvez o Sábio nos dê a sua bênção e então as pessoas nos ajudem em nosso esforço para livrar nossa terra da Ordem Imperial.

Depois de tudo que ele aprendeu sobre as pessoas que viviam além da Fronteira em Bandakar, Richard não achava que poderia contar com qualquer ajuda deles; eles queriam ficar livres de brutos saqueadores, mas condenaram seu único meio real para libertarem-se. Pelo menos esses homens tinham mostrado algum nível de determinação. Esses homens teriam que trabalhar para mudar as atitudes das outras pessoas, mas Richard tinha suas dúvidas de que eles conseguiriam muita ajuda imediata.

– Para realizar o que vocês corretamente querem… erradicar a Ordem, ou pelo menos fazer com que eles deixem os lares de vocês… vocês terão que ajudar.

Kahlan, Cara, Jennsen, Tom, e eu não conseguiremos fazer isso sozinhos. Para que isso funcione, vocês devem nos ajudar.

– O que você quer que façamos? – Owen perguntou. – Nós já dissemos que levaremos vocês até aqueles lugares onde o antídoto está escondido. O que mais podemos fazer?

– Terão que nos ajudar a matar os homens da Ordem.

Instantaneamente, protestos inflamados irromperam. Todos os homens falavam ao mesmo tempo, balançando a cabeça, colocando de lado a ideia balançando as mãos. Embora Richard não conseguisse distinguir todas as palavras, os sentimentos deles com

relação ao que ele dissera eram bastante óbvios. As palavras que ele ouviu eram todas objeções declarando que eles não poderiam matar.

Richard levantou. – Vocês sabem o que esses homens fizeram, – ele falou com um voz poderosa que fez eles silenciarem. – vocês fugiram para que não fossem mortos também. Sabem como o seu povo está sendo tratado. Sabem o que está sendo feito com seus entes queridos no cativeiro.

– Mas não podemos machucar outra pessoa, – Owen choramingou. – não podemos.

– Não é nosso costume. – outro homem adicionou.

– Vocês baniram criminosos através da Fronteira. – disse Richard. – Como faziam eles atravessarem se eles se recusassem?

– Se fosse necessário, – um dos homens mais velhos falou. – alguns de nós o segurava, para que ele não pudesse ferir ninguém. Amarraríamos as mãos dele e o carregaríamos até a Fronteira. Falaríamos para um homem banido como esse que ele deveria sair da nossa terra. Se ele ainda recusasse, carregaríamos ele até um lugar íngreme na rocha onde o colocaríamos deitado e o empurraríamos ele com os pés para baixo para que ele deslizasse na rocha e fosse além. Assim que fazíamos isso, ele não conseguia voltar.

Richard imaginou até onde essas pessoas iriam para não machucarem os piores animais entre eles.

Ele imaginou quantos tinham que sofrer ou morrer nas mãos de criminosos assim antes que as pessoas de Bandakar ficassem suficientemente motivadas a tomarem o que para elas eram medidas extremas.

– Nós entendemos muito daquilo que você nos falou, – disse Owen. – mas não podemos fazer o que você pede. Estaríamos fazendo algo errado. Fomos criados para não machucar outra pessoa.

Richard pegou a sacola com os dedos das garotas e balançou-a na frente dos homens. – Cada um de seus entes queridos lá não

está pensando em outra coisa a não ser em ser salvo. Algum de vocês consegue ao menos imaginar o terror deles? Sei como é ser torturado, sentir-se impotente e sozinho, sentir como se jamais fosse escapar. Em uma situação como essa você não quer nada mais além de que isso pare. Você faria qualquer coisa para que isso pare.

– É por isso que precisamos de você. – um homem mais velho falou. – você deve fazer isso. Deve nos livrar da Ordem.

– Eu já disse, não posso fazer isso sozinho. – com um braço enrolado em uma bandagem ensanguentada, Richard gesticulou enfaticamente. – Entregar-se para homens da Ordem que fariam coisas como essas não resolve nada. Apenas aumenta o número de vítimas. Os homens da Ordem são maus; você devem reagir.

– Mas se você ao menos falasse com aqueles homens como falou conosco, eles enxergariam seus costumes mal orientados. Então eles mudariam.

– Não, eles não mudarão. A vida não importa para eles. Fizeram a escolha deles de torturar, estuprar, e matar. A nossa única chance de sobreviver, a nossa única chance de termos um futuro é destruí-los.

– Não podemos machucar outra pessoa. – um dos homens falou.

– É errado ferir outra pessoa. – Owen concordou.

– É sempre imoral ferir, quanto mais matar, outra pessoa. – um homem de meia-idade disse com o apoio resmungado de seus colegas. – Aqueles que fazem coisas erradas obviamente estão em sofrimento e precisam de nossa compreensão, não do nosso ódio. Ódio apenas convidará o ódio. A violência somente iniciará um ciclo de violência que nunca resolve coisa alguma.

Richard sentiu como se o terreno que havia ganho com esses homens estivesse escapulindo dele. Ele estava prestes a passar os dedos através dos cabelos quando viu que eles estavam cobertos de sangue. Ele abaixou o braço e mudou sua abordagem.

– Você me envenenaram para fazer com que eu mate esses homens. Agindo assim, já provaram que aceitam a realidade de que às vezes é necessário matar para salvar vidas inocentes… é por isso que vocês queriam a mim. Não podem sustentar uma crença de que é errado machucar outra pessoa e ao mesmo tempo me coagir a fazer isso por vocês. Isso é simplesmente matar por encomenda.

– Precisamos de nossa liberdade. – um deles falou. – Nós pensamos que por causa do seu comando como governante você poderia convencer esses homens, através do medo de você, a nós deixarem em paz.

– É por isso que vocês precisam me ajudar. Acabaram de dizer isso… através do medo de mim. Vocês devem me ajudar para que a ameaça, o medo, seja crível. Se eles não acreditarem que a ameaça é real então porque eles deixariam a terra de vocês?

Um dos outros cruzou os braços. – Nós pensamos que você poderia nos livrar da Ordem sem violência, sem matança, mas depende de você fazer essa matança se esse é o seu costume. Não podemos matar. Desde o nosso princípio, nossos ancestrais nos ensinaram que matar é errado. Você deve fazer isso.

Outro, assentindo para mostrar que concordava, disse. – É o seu dever ajudar aqueles que não conseguem fazer o que você faz.

Dever. O nome educado para as correntes da servidão.

Richard virou para outro lado, fechando os olhos enquanto pressionava sua têmporas entre os dedos e o dedão.

Ele achava que estava começando a chegar até esses homens. Achou que seria capaz de fazer eles pensarem por si mesmos… em prol dos interesses deles… ao invés de seguir espontaneamente de acordo com a rota ditada pela doutrina deles.

Mal podia acreditar que depois de tudo que falou a eles, esses homens ainda iriam preferir que seus entes queridos suportem a tortura e o assassinato brutal do que ferir os homens que cometem os crimes. Ao recusarem-se a encarar a natureza da realidade, esses

homens estavam voluntariamente entregando o bem ao mal, a vida para a morte.

Então ele percebeu que a coisa era ainda mais básica do que isso. No sentido mais fundamental, eles estavam conscientemente escolhendo rejeitar a realidade do mal.

Bem fundo nele, cada respiração causava uma pontada de dor. Ele precisava pegar o antídoto. Seu tempo estava esgotando.

Mas somente isso não solucionaria seus problemas; seu Dom o estava matando assim como o veneno.

Sentia tanta náusea com a dor latejante de sua dor de cabeça que achou que poderia vomitar. Até mesmo a magia de sua espada estava falhando com ele.

Richard temia o veneno, mas de uma forma mais central, ele temia a opressiva morte que vinha do seu interior, do seu Dom. O veneno, perigoso como era, tinha uma causa e cura claramente definidas. Com o seu Dom, ele sentia-se perdido.

Richard olhou para os olhos preocupados de Kahlan.

Podia ver que ela não tinha solução a oferecer. Ela estava parada em uma posição cansada, o braço dela pendurado com o peso do Farol de Alerta que parecia dizer a ele somente que ele estava morrendo, mas não oferecia respostas. A própria razão da existência daquilo era lançar sobre ele um proclamado dever de ajudar a recolocar a Fronteira, como se a sua vida não fosse dele, e pertencesse a alguém que reivindicou-a acorrentando ele a uma declaração de dever.

Esse conceito… dever… não era um veneno menor do que aquele que esses homens tinham dado a ele… uma convocação para sacrificar-se.

Richard pegou a pequena estátua da mão de Kahlan e ficou olhando para ela. A negritude já havia envelopado metade da figura. Sua vida estava sendo consumida. A areia continuava a escorrer. O tempo dele estava acabando.

A figura de pedra de Kaja-Rang, o mago morto fazia muito tempo que o tinha convocado com o Farol de Alerta e encarregado ele com uma tarefa impossível, erguia-se acima dele como que em silenciosa repreensão.

Atrás dele, os homens amontoavam-se, afirmando uns para os outros suas crenças, seus costumes, sua responsabilidade com os antigos ideais, de que os homens da Ordem estavam agindo da forma como agiam porque estavam desencaminhados e ainda podiam ser reformados.

Eles falaram do Sábio e de todos os Grandes Oradores que comprometeram-se com eles no caminho da paz e da não violência. Todos eles reafirmaram a crença de que devem seguir o caminho que foi estabelecido para eles desde o início dos fundadores de sua terra, de seus ancestrais, que deram a eles seus costumes, suas crenças, seus valores, seu modo de viver.

Tentar elevar esses homens para que entendam o que era certo e necessário parecia tão difícil quanto erguê-los por uma linha fina. Essa linha tinha quebrado.

Richard sentiu-se aprisionado pelas convicções iludidas dessas pessoas, pelo veneno delas, pelas dores de cabeça, por Nicholas caçando eles, e por um mago morto que esticava-se do Submundo para tentar escravizá-lo a um dever morto há muito tempo.

Com a raiva fervendo dentro dele, Richard ergueu o braço e atirou o Farol de Alerta na estátua de Kaja-Rang.

Os homens agacharam quando a pequena figura passou voando logo acima das cabeças deles para estilhaçar contra a base de rocha da estátua. Fragmentos âmbar e estilhaços negros voaram em todas as direções. A areia do interior espalhou-se em uma mancha na frente do pedestal de granito.

Os homens encolhidos ficaram em silêncio. Acima, faixas das pesadas nuvens deslizavam, quase perto o bastante para esticar-se e

tocá-las. Alguns flocos gelados de neve flutuavam no ar parado. Ao redor, uma neblina fria viera para envolver as montanhas ao redor, deixando o topo da passagem com o sentinela de pedra parecendo como se estivesse isolada e fosse de outro mundo, como se fosse tudo que havia na existência. Richard ficou parado em meio ao silêncio no centro da atenção de todos.

As palavras escritas em Alto D'Haran na base da estátua ecoaram através da mente de Richard.

Tema qualquer brecha neste selo para o Império além… pois além está o mal: aqueles que não conseguem ver.

As palavras em Alto D'Haran pairavam continuamente na mente dele. A tradução daquelas palavras simplesmente não parecia correta.

– Queridos espíritos, – Richard sussurrou com repentina compreensão. – eu entendi errado. Não é isso que diz.

CAPÍTULO 45



Kahlan sentiu como se o coração estivesse sendo esmagado por causa da provação pela qual esses homens estavam fazendo Richard passar.

Justamente quando ela achou que ele conseguira fazer eles entenderem a verdade do que era necessário, isso parecia ter escapulido enquanto os homens retornavam à sua cegueira voluntária.

Richard, porém, parecia quase ter esquecido os homens. Ele ficou olhando para o local onde o Farol de Alerta estilhaçara contra a estátua. Kahlan aproximou-se dele e sussurrou.

– O que você quer dizer com, você entendeu errado, e não é isso que diz? Do que você está falando?

– A tradução. – ele disse naquilo que pareceu súbita compreensão. Ele ficou imóvel, encarando a enorme estátua de Kaja-Rang. – Lembra como eu falei a você que era uma maneira estranha de organizar o que a frase dizia?

Kahlan olhou para a estátua e então de volta para Richard. – Sim.

– Não era estranha; eu só entendi errado. Eu estava tentando fazer aquilo dizer o que eu pensei que diria… que aqueles além não conseguiam ver a magia… ao invés de simplesmente ver o que estava diante de mim. O que eu falei para você antes não é o que aquilo diz…

Quando a voz dele desapareceu, Kahlan esticou-se e segurou o braço dele para chamar sua atenção. – O que você quer dizer com,

não é o que aquilo diz?

Richard gesticulou em direção à estátua. – Eu vejo o que fiz de errado com a sequência frasal, porque eu estava sentindo dificuldade com ela. Falei para vocês que não tinha certeza da tradução. Eu estava certo em ter dúvidas. Ela não diz, "Tema qualquer brecha deste selo para o Império além… pois além está o mal: aqueles que não conseguem ver".

Jennsen chegou mais perto ao lado de Kahlan. – Tem certeza?

Richard olhou de volta para a estátua, sua voz distante. – Agora tenho.

Kahlan puxou o braço dele, fazendo ele olhar para ela. – Então, o que aquilo diz?

Os olhos cinzentos dele encontraram o olhar dela brevemente antes de virar para os olhos da estátua de Kaja-Rang observando os Pilares da Criação, a salvaguarda final dele para proteger o mundo dessas pessoas. Ao invés de responder a ela, ele caminhou.

Os homens abriram caminho quando Richard andou em direção à estátua. Kahlan ficou perto nos calcanhares dele, Cara seguiu no rastro dela. Jennsen pegou a corda de Betty e puxou-a. Os homens, que já estavam abrindo caminho para Richard, mantiveram olhos preocupados na cabra e sua senhora enquanto elas passavam. Tom ficou onde estava, mantendo uma vigília cuidadosa mas não intrusiva sobre todos os homens.

Na estátua, Richard esfregou a neve para fora da saliência, revelando mais uma vez as palavras entalhadas em Alto D'Haran. Kahlan observou os olhos dele movendo-se pela linha de palavras, lendo-as para si mesmo. Ele mostrava uma espécie de excitação em seus movimentos que diziam a ela que estava correndo atrás de algo importante.

Por enquanto, ela também podia ver que a dor de cabeça dele tinha sumido. Ela não conseguia entender o modo como ela desaparecia de tempos em tempos, mas estava aliviada em ver a

força na forma como ele se movia. Com as mãos abertas sobre a rocha, inclinado sobre os braços, ele levantou os olhos das palavras. Sem a dor de cabeça, havia uma claridade vibrante nos olhos cinzentos dele.

– Parte dessa história tem sido enigmática.– ele disse. – Agora eu entendo. Aqui não diz, "Tema qualquer brecha deste selo para o Império além… pois além está o mal: aqueles que não conseguem ver".

Jennsen torceu o nariz. – Não diz? Quer dizer que isso não fazia referência a essas pessoas completamente não dotadas?

– Oh, era sobre elas, sim, mas não dessa forma. – Richard bateu com o dedo nas palavras entalhadas. – Aqui não diz "pois além está o mal: aqueles que não conseguem ver", mas algo profundamente diferente. Diz, "Tema qualquer brecha neste selo para o Império além… pois além estão aqueles que não conseguem ver o mal".

Kahlan ficou boquiaberta. – Aqueles que não conseguem ver o mal.

Richard levantou o braço enfaixado em direção à figura que agigantava-se acima deles. – Isso era o que Kaja-Rang mais temia… não aqueles que não conseguiam ver a magia, mas aqueles que não conseguiam ver o mal. Esse é o alerta dele para o mundo. – ele apontou um dedão para trás, por cima do ombro, indicando os homens atrás deles. – É disso que trata-se tudo isso.

Kahlan foi pega de surpresa, e ficou um pouco perplexa.

– Você acha que poderia ser que, por causa dessas pessoas não conseguirem ver a magia, elas também não consigam reconhecer o mal, – ela perguntou. – ou que por causa do modo como são diferentes elas simplesmente não possuam habilidade para conceber o mal, de forma parecida como não conseguem conceber que a magia objetiva não tem nada a ver com misticismo?

– Isso pode ser em parte o que Kaja-Rang pensou, – disse Richard. – mas eu não acho.

– Tem certeza? – Jennsen perguntou.

– Sim.

Antes que Kahlan pudesse fazer ele explicar, Richard virou para os homens. – Aqui, na rocha, Kaja-Rang deixou um aviso para o mundo. O alerta de Kaja-Rang é sobre esses que não conseguem ver o mal. Os seus ancestrais foram banidos do Mundo Novo porque eram completamente não dotados. Mas esse homem, esse mago poderoso, Kaja-Rang, os temia por outra coisa: suas ideias. Ele os temia porque eles recusavam-se a enxergar o mal. Isso foi o que tornou os ancestrais de vocês tão perigosos para as pessoas do Mundo Antigo.

– Como poderia ser? – um homem perguntou.

– Reunidos e banidos para um lugar estranho, o Mundo Antigo, os seus ancestrais devem ter se agarrado desesperadamente uns nos outros. Estavam com tanto medo da rejeição, do banimento, que evitavam rejeitar um dos seus. Isso transformou-se em uma forte crença de que não importava o que houvesse, deveriam tentar não condenar qualquer pessoa. Por essa razão, eles rejeitaram o conceito de mal por causa do medo de que teriam de julgar alguém. Julgar alguém como sendo maligno significava que teriam de encarar o problema de removê-lo do meio deles.

– Na sua fuga da realidade, justificavam suas práticas apoiando-se na fantasiosa noção de que nada é real e assim ninguém pode conhecer a natureza da realidade. Desse jeito, eles não teriam que admitir que alguém era maligno. Melhor negar a existência do mal do que ter de eliminar aquele que pratica o mal no meio deles. Melhor fechar os olhos para o problema, ignorá-lo, e esperar que isso desapareça.

– Se eles admitissem a realidade do mal, então eliminar aquele que faz o mal era a única ação apropriada, assim, por

consequência, uma vez que eles foram banidos, acharam que deviam ter sido banidos porque eram maus. A solução deles foi simplesmente descartar todo o conceito de mal. Uma inteira estrutura de crença desenvolvida em torno desse núcleo.

– Kaja-Rang pode ter pensado que porque eles eram completamente não dotados e não conseguiam enxergar a magia, também não conseguiam enxergar o mal, mas o que ele temia era a infecção das crenças deles espalhando-se para outros.

– Pensar exige esforço; essas pessoas ofereceram crenças que não precisavam de pensamento, mas simplesmente adotar algumas frases que soam nobres. Isso era, de fato, uma arrogante desconsideração do poder da mente do homem… uma ilusão de sabedoria que desprezava a necessidade de qualquer esforço autêntico para entender o mundo ao redor deles ou a inconveniência de validação. Esse tipo de soluções simplistas, como rejeitar incondicionalmente toda violência, são especialmente sedutoras para as mentes não desenvolvidas dos jovens, muitos dos quais teriam adotado avidamente um pensamento desordenado assim como um talismã de esclarecimento.

– Quando eles começaram a expor fanaticamente esses princípios vazios para outros, provavelmente isso disparou o alarme para Kaja-Rang.

– Com a propagação dessas ideias, com o tipo de domínio fanático que elas possuíam sobre algumas pessoas, como o que elas tem sobre os seus homens, Kaja-Rang e o povo dele viram como, se essas crenças corressem livres, isso eventualmente traria anarquia e ruína ao permitir que o mal se espalhasse entre o povo deles, do mesmo jeito como isso os deixa indefesos contra o mal da Ordem Imperial que agora surge entre vocês.

– Kaja-Rang enxergou esse tipo de crenças por aquilo que elas eram: abraçar a morte ao invés da vida. A regressão do verdadeiro esclarecimento dentro da ilusão de uma percepção

desordenada, tornando-se uma ameaça a todo o Mundo Antigo, criando o espectro de um mergulho dentro da escuridão.

Richard bateu com o dedo sobre o topo da saliência.

– Tem outra escritura aqui, ao redor da base, que sugere isso, e o que tornou-se a eventual solução.

– Kaja-Rang reuniu aqueles que acreditavam nesses ensinamentos, não apenas todos os completamente não dotados banidos do Mundo Novo, mas também os crentes fanáticos que adotaram a filosofia ilusória deles, e baniu todos eles.

– O primeiro banimento, do Mundo Novo para o Antigo, foi injusto. O segundo banimento, do Mundo Antigo para a terra além, aqui, foi merecido.

Jennsen, girando a ponta puída da corda de Betty, parecia em dúvida. – Acha mesmo que houve outros banidos junto com aqueles que eram completamente não dotados? Isso significaria que havia grande número de pessoas. Como Kaja-Rang conseguiria fazer todas essas pessoas concordarem? Elas não resistiram? Como Kaja-Rang fez todos irem? Foi um banimento sangrento?

Os homens estavam balançando as cabeças diante das perguntas dela, aparentemente imaginando a mesma coisa.

– Não acredito que Alto D'Haran fosse uma língua comum entre as pessoas, pelo menos, não aqui. Suspeito que essa era uma língua moribunda usada apenas entre certas pessoas estudadas, como os magos.

Richard apontou para a terra além. – Kaja-Rang deu a essas pessoas o nome Bandakar… os banidos. Não acho que as pessoas sabiam o que isso significava. O Império deles não era chamado de Pilares da Criação, ou de algum nome referindo-se apenas aos não dotados. As inscrições aqui sugerem que isso aconteceu porque não foram banidos somente os completamente não dotados, mas todas as pessoas que acreditavam naquilo que eles acreditavam. Todos eram Bandakar: os banidos.

– Essas pessoas consideravam a si mesmas, suas crenças, como esclarecidas. Kaja-Rang usou isso, bajulando-as, dizendo a elas que esse lugar havia sido isolado para protegê-las de um mundo que não estava pronta para aceitá-las. Ele fez com que elas sentissem que, de muitas formas, estavam sendo colocadas aqui porque eram melhores do que as outras pessoas. Não estando acostumadas ao pensamento racional, essas pessoas foram facilmente enganadas desse jeito e convencidas a cooperarem com o seu próprio banimento. De acordo com o que está sugerido nas escrituras aqui ao redor da base da estátua, elas entraram alegremente em sua terra prometida. Uma vez confinadas nesse lugar, o casamento e as gerações subsequentes espalharam a característica completamente não dotada através de toda a população de Bandakar.

– E Kaja-Rang realmente acreditava que eles eram uma ameaça terrível ao resto das pessoas do Mundo Antigo? – perguntou Jennsen. Outra vez, os homens assentiram, aparentemente satisfeitos que ela tivesse feito a pergunta. Kahlan suspeitou que Jennsen podia ter feito a pergunta em favor dos homens.

Richard apontou para a estátua de Kaja-Rang.

– Olhe para ele. O que ele está fazendo? Está simbolicamente montando guarda sobre a Fronteira que colocou aqui. Está guardando essa passagem, tomando conta de um selo que mantém afastado o que está além. Em sua eterna vigilância a mão dele segura uma espada, sempre de prontidão, para mostrar a magnitude do perigo.

– O povo do Mundo Antigo sentiu tanta gratidão a esse homem importante que construiu esse monumento para honrar o que ele tinha feito ao protegê-los das crenças que, eles sabiam, colocariam em perigo a sua sociedade. A ameaça não era algo insignificante.

– Kaja-Rang toma conta desta Fronteira até mesmo na morte. Do mundo dos mortos ele enviou para mim um aviso de que o selo

tinha sido quebrado.

Richard aguardou em meio ao tenso silêncio até que todos os homens olhassem para ele antes de concluir tranquilamente.

– Kaja-Rang baniu os ancestrais de vocês não apenas porque eles não conseguiam enxergar a magia, mas, o mais importante, porque eles não conseguiam enxergar o mal.

Inquietos, os homens olharam em volta, para seus companheiros. – Mas aquilo que você chama de mal é apenas uma forma de expressar uma dor interior. – um deles falou, mais como uma desculpa do que um argumento.

– Isso mesmo. – outro falou para Richard. – Dizer que alguém é mau é um pensamento preconceituoso. É uma forma de depreciar alguém que já está sofrendo por alguma razão. Esse tipo de pessoa deve ser acolhida e ensinada a compartilhar o seu medo em relação aos colegas homens e então eles não usarão meios violentos.

Richard lançou um olhar sobre todos os rostos que observavam. Ele apontou para a estátua.

– Kaja-Rang temia vocês porque vocês são perigosos para todos… não porque não são dotados, mas porque toleram o mal com os seus ensinamentos. Ao fazerem isso, ao tentarem ser gentis, altruístas, ao tentarem não julgar, vocês permitem que o mal torne-se muito mais poderoso do que ele seria.

– Recusam-se a enxergar o mal, e então vocês o recebem de bom grado em seu meio. Permitem que ele exista. Fornecem a ele poder sobre vocês. Vocês são pessoas que deram boas-vindas à morte e negam-se a reconhecer isso.

– Vocês são um Império exposto para a sombra do mal.

Após um momento de pesado silêncio, um dos homens mais velhos finalmente falou. – Essa crença no mal, como você o chama, é uma atitude muito intolerante e é um julgamento simplista demais. Não é nada menos do que uma condenação injusta de seus colegas

homens. Nenhum de nós, nem mesmo você, pode julgar outra pessoa.

Kahlan sabia que Richard tinha muita paciência, mas pouca tolerância. Ele estivera sendo bastante paciente com esses homens; ela podia ver que ele alcançara o fim de sua tolerância. Já estava esperando que ele sacasse a espada.

Ele caminhou entre os homens, seu olhar de predador fazendo alguns afastarem-se quando ele passava. – O povo de vocês considera-se esclarecido, acima da violência. Vocês não são esclarecidos; são apenas escravos esperando por um mestre, vítimas esperando por assassinos. Eles finalmente vieram até vocês.

Richard pegou a pequena bolsa e ficou diante do último homem que tinha falado. – Abra sua mão.

O homem olhou para os outros ao seu lado. Finalmente, ele esticou a mão, com a palma para cima.

Richard remexeu dentro da bolsa e então colocou um pequeno dedo, sua carne pálida e manchada por sangue coagulado, na mão do homem.

Obviamente o homem não queria o pequeno dedo na palma de sua mão, mas depois que olhou nos olhos furiosos de Richard, não falou e não fez tentativa de livrar-se do troféu sangrento.

Richard andou entre os homens, ordenando aleatoriamente que homens abrissem as mãos. Kahlan reconheceu aqueles que ele selecionou como os homens que questionavam as coisas que ele estava tentando fazer para ajudá-los. Colocou um dedo em cada palma virada para cima até que a bolsa estivesse vazia.

– O que vocês seguram em suas mãos é o resultado do mal. – falou Richard. – Todos vocês conhecem a verdade disso. Todos sabem que o mal estava solto em sua terra. Todos quiseram que isso mudasse. Todos vocês quiseram ficar livres do mal. Todos quiseram viver. Todos quiseram que os seus entes queridos vivessem.

– Todos vocês tiveram esperança de fazerem isso sem terem que encarar a verdade.

– Tentei explicar coisas a vocês para que pudessem entender a verdadeira natureza da batalha que todos nós encaramos.

Richard endireitou o boldrié sobre o ombro.

– Estou cansado de explicar.

– Queriam que eu viesse até a sua terra. Realizaram seu objetivo. Agora, decidirão se irão seguir de acordo com o que sabem que é certo.

Novamente Richard ficou diante deles, sua costa ereta, queixo erguido, sua bainha cintilando na luz suave, seu manto negro costurado com fio de ouro destacando-se em grande contraste contra as montanhas cercadas por névoa atrás dele. Ele não parecia outra coisa a não ser o Lorde Rahl. Era a figura mais imponente que Kahlan já tinha visto.

Depois que Richard e Kahlan encontraram-se fazia tanto tempo, quando saíram daquela floresta isolada dele, Richard virou o mundo de cabeça para baixo. Desde o início, ele sempre estivera no coração da luta deles, e agora era o governante de um império… mesmo que aquele império em perigo fosse largamente um mistério para ele, assim como era seu Dom.

Porém, sua causa, era muito clara.

Juntos, Kahlan e Richard estavam no centro da tempestade de uma guerra que engolira o mundo deles. Agora ela havia engolido esses homens e a terra deles.

Muitas pessoas viam Richard como a única salvação delas.

Richard parecia tentar eternamente provar que elas estavam erradas.

Para muitas outras, entretanto, ele era o homem vivo mais odiado. Para essas, Richard procurava dar motivo para isso; ele dizia para as pessoas que suas vidas eram delas. A Ordem Imperial o

queria morto por isso mais do que por qualquer golpe que aplicara neles.

– É desse jeito que as coisas serão.

Finalmente Richard disse com uma voz de tranquila autoridade.

– Vocês entregarão a sua terra a sua lealdade ao Império D'Haran, ou serão súditos da Ordem Imperial. Essas são as suas únicas escolhas. Não há qualquer outra. Gostem ou não, vocês devem escolher. Se recusarem-se a fazer uma escolha, os eventos decidirão por vocês e provavelmente acabarão nas mãos da Ordem Imperial. Não se enganem, elas são mãos malignas.

– Com a Ordem, se não forem assassinados, serão escravos e tratados como tal. Acho que vocês sabem muito bem o que isso quer dizer. Suas vidas não terão valor para eles a não ser como escravos, convocados para ajudá-los a espalhar o mal deles.

– Como parte do Império D'Haran, suas vidas serão de vocês. Eu vou esperar que vocês levantem-se e vivam como os indivíduos que são, não como algum monte de terra em um buraco de sujeira no qual vocês mesmos enterraram-se.

– O selo para o seu esconderijo, para o Império Bandakaraniano, caiu. Não sei como reparar isso, nem faria isso se eu pudesse. Não existe mais o Império de Bandakar.

– Não tem jeito de permitir que vocês sejam quem vocês eram e protegê-los. Talvez seja possível expulsar a Ordem da terra de vocês, mas eles não podem ser mantidos afastados sem esforço, pois são as ideias deles que vieram destruir vocês.

– Então escolham. Escravos ou homens livres. Qualquer uma dessas vidas não será fácil. Acho que vocês sabem como será a vida como escravos. Como homens livres vocês terão que lutar, trabalhar, e pensar, mas terão as recompensas que isso traz, e essas recompensas serão suas e de mais ninguém.

– A liberdade deve ser conquistada, mas então ela tem que ser protegida caso contrário aqueles como a Ordem virão novamente para escravizar aqueles que desejam que outra pessoa pense por eles.

– Eu sou o Lorde Rahl. Pretendo pegar o antídoto para o veneno que vocês me deram. Se vocês escolherem fazer parte dessa luta, livrarem a si mesmos e seus entes queridos do mal, então ajudarei vocês.

– Se escolherem não juntarem-se a nós, então devem retornar e deixar a Ordem fazer com vocês o que eles quiserem, ou podem fugir. Se fugirem, podem sobreviver durante algum tempo, como estiveram fazendo, mas, porque esse não é o jeito como querem viver, vocês morrerão como animais assustados, jamais tendo vivido o que a vida tem a oferecer.

– Então escolham, mas se escolherem unirem-se a mim contra o mal, então terão que abandonar a sua cegueira auto imposta e abrir os seus olhos para olhar a vida ao redor. Terão que enxergar a realidade do mundo em volta de vocês. Existe o bem e o mal no mundo. Terão que usar as suas mentes para julgar qual é qual para que possam buscar o bem e rejeitar o mal.

– Se escolherem ficar comigo, farei o melhor que puder para responder qualquer pergunta honesta e tentar ensiná-los a triunfar contra os homens da Ordem e pessoas como eles. Mas eu não vou tolerar os seus ensinamentos insensatos que são nada mais do que uma calculada rejeição da vida.

– Deem uma olhada nos dedos ensanguentados que você ou seus amigos seguram. Vejam o que homens malignos fizeram com crianças. Vocês deviam odiar homens como esses que fariam isso. Se não fizerem isso, ou não conseguirem, então não há motivo para que vocês fiquem com aqueles de nós que abraçam a vida.

– Quero que cada um de vocês pense naquelas crianças, no terror delas, na dor, no seu desejo de não serem machucadas. Pense

em como foi para elas estarem sozinhas nas mãos de homens cruéis. Vocês deviam odiar os homens que fariam tais coisas. Agarrar-se firme a esse ódio justificado, pois esse é o ódio que abomina o mal.

– Pretendo pegar o antídoto para que eu possa viver. No processo, também pretendo matar o máximo daqueles homens malignos que eu puder. Se eu for sozinho, talvez eu tenha sucesso em pegar o antídoto, mas sozinho não terei sucesso em livrar os seus lares da Ordem Imperial.

– Se escolherem ir comigo, para me ajudarem nessa luta, podemos ter uma chance.

– Não sei o que vou encarar lá, então não posso honestamente dizer a vocês que temos uma boa chance. Só posso dizer a vocês que se não me ajudarem, então não há chance.

Richard ergueu um dedo. – Não se enganem. Se escolherem unirem-se a nós e nós entrarmos nessa batalha, provavelmente alguns de nós morrerá. Se não lutarmos, todos nós morreremos, não necessariamente em corpo, mas em espírito. Sob um governo como aquele que a Ordem tem mostrado a vocês, ninguém vive, ainda que durante algum tempo seus corpos consigam suportar a miséria da vida como escravos. Sob a Ordem, todas as almas enfraquecem e morrem.

Os homens estavam em silêncio quando Richard fez uma pausa para observar seus olhares. A maioria não conseguia desviar os olhos, enquanto alguns pareceram envergonhados e olharam para o chão.

– Se escolherem ficar ao meu lado nessa luta, – Richard disse com deliberado cuidado. – terão que matar homens da Ordem, homens malignos. Se em algum momento vocês acharam que eu sinto prazer em matar, permitam que eu garanta a vocês que estão muito enganados. Odeio isso. Faço isso para defender a vida. Eu jamais poderia esperar que vocês gostassem de matar. Fazer isso é

uma necessidade, não sentir prazer ao fazê-lo. Espero que vocês gostem da vida e façam o que for necessário para preservá-la.

Richard pegou um dos itens, jogado em um canto, que eles fizeram enquanto esperavam que Tom e Owen chegassem com os homens até a passagem. Parecia pouco mais do que um bastão forte. De fato, era feito com galho de carvalho. Era arredondado na parte de baixo para encaixar na mão, estreito em um certo ponto no meio, e pontudo na outra extremidade.

– Vocês não possuem armas. Enquanto esperávamos que chegassem, fizemos algumas. – ele balançou os dedos, pedindo a Tom para adiantar-se. – Os homens da Ordem não reconhecerão essas como armas, pelo menos, no início. Se forem questionados, devem dizer a eles que elas servem para fazer buracos no chão, para fazer plantações.

Com a mão esquerda, Richard agarrou a camisa de Tom na altura do ombro, para segurá-lo, e demonstrou o uso da arma mostrando lentamente como ele seria empurrada para cima, em direção ao tronco de um homem logo abaixo das costelas, para espetá-lo. Alguns rostos entre os homens contorceram de repulsa.

– Isso pode ser enfiado na parte macia de um homem, embaixo das costelas. – Richard disse a eles. – Assim que enfiar, faça um rápido movimento para o lado, para quebrá-la no ponto estreito. Desse jeito, o homem não conseguirá removê-la. Com essa coisa alojada nas entranhas dele, se ele conseguir ao menos ficar em pé, não vai querer correr atrás de você ou tentar lutar. Você poderá fugir.

Um dos homens ergueu a mão. – Mas um pedaço de madeira como esse estará molhado e não quebraria. Muitas das fibras da madeira irão apenas dobrar, deixando a ponta com o cabo ainda conectada.

Richard jogou a arma para o homem. Depois que o homem pegou, ele disse, – Olhe no meio, onde está cortado em um estreito

pescoço. Verá que ele foi seguro sobre o fogo e secado justamente por essa razão. Note também a extremidade pontuda. Verá que ela está cortada e dividida em quatro seções, com as pontas abertas, como um botão de rosa, para que assim que ela for enterrada em um inimigo tenha uma boa chance de abrir partindo-se, os quatro pedaços seguindo em direções diferentes para causar mais danos. Com aquele golpe único, será como espetá-lo quatro vezes.

– Quando quebrar isso nele, ele não será capaz de lutar porque cada movimento que ele fizer vai torcer esses longos estilhaços de carvalho em suas entranhas. Se isso não atingir algo vital e matá-lo imediatamente, certamente ele morrerá em menos de um dia. Enquanto ele estiver morrendo, estará gritando com agonia e medo. Quero que esse tipo de homens malignos saibam que a dor e a morte que infligem a outros chegará até eles. Esse medo fará com que eles comecem a pensar em fugir. Isso fará eles perderem o sono, os deixará esgotados, para que no momento em que chegarmos até eles, seja mais fácil matá-los.

Richard pegou outro item. – Essa é uma pequena besta. – ele segurou-a bem alto para que os homens enxergassem enquanto indicava suas características. – Como podem ver, a corda da besta está presa nesse pino. Uma forte trava está posicionada nesse corte, bem aqui. Puxar essa trava rotaciona o pino, liberando a corda e disparando. Não é muito elaborada, e vocês não possuem experiência no uso desse tipo de arma, mas a curta distância você não precisa ser tão bom em atirar.

– Comecei a fazer algumas bestas e tenho uma pilha de estoques e partes feitas. Com os itens que vocês trouxeram, podemos terminá-las. São armas bastante rudimentares, e, como eu disse, não serão boas em grande distância, mas são pequenas e vocês podem escondê-las embaixo de uma capa. Não importa o quanto o inimigo seja grande e forte, o menor de vocês pode matá-lo. Nem mesmo a

cota de malha dele o protegerá contra uma arma assim usada a curta distância. Posso prometer a vocês que elas serão bastante mortais.

Richard mostrou aos homens clavas que eles encheriam de pregos. Esse tipo de armas também poderiam ser escondidas. Ele mostrou a eles uma simples corda com um pequeno cabo de madeira em cada ponta que era usada para estrangular um homem por trás quando era necessário agir sorrateiramente.

– Conforme derrubarmos esses homens, conseguiremos pegar outras armas… facas, machados, maças, espadas.

– Mas, Lorde Rahl, – disse Owen, olhando para o lado com preocupação, – mesmo se concordarmos em nos juntar a vocês nisso, não somos guerreiros. Esses homens da Ordem são brutos que possuem experiência nesse tipo de coisa. Não teríamos chance contra eles.

Os outros concordaram dando voz às suas preocupações.

Richard balançou a cabeça enquanto mantinha as mãos erguidas para que eles ficassem quietos.

– Olhem para esses dedos que vocês seguram. Perguntem a si mesmos que chance aquelas garotinhas tiveram contra aquele tipo de homens. Perguntem a si mesmos que chance as suas mães, suas irmãs, suas esposas, suas filhas possuem. Vocês são a única esperança para essas pessoas. Vocês são a única esperança para vocês mesmos.

– Provavelmente vocês também não teriam chance contra homens assim. Mas não tenho intenção de lutar com eles da forma como vocês estão pensando. Esse é um bom jeito de ser morto. – Richard apontou para um dos homens mais jovens. – O que você quer? A razão pela qual você veio me buscar?

O homem pareceu confuso. – Para ficar livre dos homens da Ordem?

– Sim, – falou Richard. – isso mesmo. Você quer ficar livre de assassinos. A última coisa que você quer é lutar com eles.

O homem apontou para as armas que Richard mostrara a eles. – Mas essas coisas…

– Esses homens são assassinos. A nossa tarefa é executá-los. Queremos evitar lutas. Se lutarmos com eles, nos arriscamos a sermos machucados ou mortos. Não estou dizendo que não teremos que lutar com eles, mas esse não é nosso objetivo.

– Haverá momentos em que poderá existir números limitados deles e poderemos ter certeza de que com a surpresa poderemos derrubá-los antes que uma luta tenha chance de iniciar. Mantenham em mente que esses homens foram condicionados ao fato de que ninguém do povo de vocês oferece qualquer resistência. Esperamos matá-los antes que eles empunhem uma arma.

– Mas se não tivermos que encará-los, melhor ainda. Nosso objetivo é matá-los. Matar todos que pudermos. Matá-los quando estão dormindo, quando estão olhando para outro lado, quando estão comendo, quando estão conversando, quando estão bebendo, quando estão saindo para uma caminhada.

– Eles são malignos. Devemos matá-los, não lutar com eles.

Owen lançou as mão para cima. – Mas, Lorde Rahl, se começarmos a matá-los, eles se vingarão em todas as pessoas que estão lá.

Richard observou os homens, aguardando até ter certeza de que todos estavam prestando atenção.

– Você acabou de reconhecer a realidade de que eles são malignos. Você tem razão; provavelmente eles começarão a matar cativos como forma de convencer vocês a renderem-se. Mas estão matando eles agora. Como tempo, se deixarem que eles fação o que quiserem, a matança que eles fazem estará em uma vasta escala. Quanto mais cedo matarmos eles, mais cedo isso acabará e mais cedo a matança vai parar. Algumas pessoas perderão suas vidas por causa daquilo que fazemos, mas fazendo isso, libertaremos todo o resto. Se não fizermos, então condenamos aquelas pessoas inocentes

deixando-as à mercê do mal e o mal não fornece misericórdia. Como eu disse antes, você não pode negociar com o mal. Deve destruí-lo.

Um homem limpou a garganta. – Lorde Rahl, alguns do nosso povo ficaram do lado dos homens da Ordem… acreditaram nas palavras deles. Não irão querer que machuquemos os homens da Ordem.

Richard soltou um forte suspiro. Ele virou para outro lado durante um momento, contemplando o horizonte, antes de voltar sua atenção para os homens mais uma vez. – Tive que matar pessoas que conheci durante toda minha vida porque elas ficaram do lado da Ordem, de forma parecida como você está dizendo. Elas passaram a acreditar nos homens da Ordem Imperial, e porque eu estava contra a Ordem, elas tentaram me matar. É uma coisa horrível ter que matar alguém assim, alguém que você conhece. Acredito que a alternativa é pior.

– A alternativa? – o homem perguntou.

– Sim, deixar elas me assassinarem. Essa é a alternativa: perder a sua vida e perder a causa pela qual você luta… as vidas dos seus entes queridos.

A expressão de Richard tinha ficado sombria. – Se alguns do seu povo uniu-se com a Ordem, ou trabalha para protegê-los, então pode ser que vocês acabem encarando eles. Será a vida deles, ou a de vocês. Isso poderia até mesmo significar as vidas do resto de nós. Se eles passaram para o lado do mal, então não devemos permitir que eles nos impeçam de eliminar o mal.

– Isso é parte do que vocês devem pesar na sua decisão de juntarem-se a nós ou não. Se aceitarem essa luta, devem aceitar que poderão ter que matar pessoas que vocês conhecem. Devem pesar isso na escolha que farão.

Os homens não pareciam mais chocados com as palavras dele.

Eles pareciam solenes enquanto escutavam.

Kahlan viu pequenas aves passarem voando, procurando um poleiro para ficarem durante a noite. O céu, a neblina gelada, estavam ficando mais escuros. Ela observou o céu, sempre atenta aos Races de Bico Negro. Com a condição do tempo na passagem tão ruim, ela duvidava que eles estivessem por perto.

A neblina, pelo menos, era confortadora por essa razão.

Richard parecia exausto. Ela sabia o quanto era difícil respirar no ar rarefeito dessa altitude, então tinha de ser muito pior para ele; ela temia o modo como, por causa do veneno, o ar rarefeito roubava as forças de Richard. Eles precisavam descer da alta passagem.

– Falei para vocês a verdade e tudo que posso no momento, – Richard disse aos homens. – agora o seu futuro depende de cada um de vocês.

Ele pediu para Cara, Jennsen, e Tom juntarem suas coisas. Colocou uma das mãos gentilmente na costa de Kahlan quando virou para os homens e apontou descendo a colina.

– Desceremos de volta a nosso acampamento naquela floresta. Decidam o que vocês farão. Se estiverem conosco, então desçam até ali na proteção das árvores, onde os Races não conseguirão nos avistar quando o tempo abrir. Precisaremos terminar de fazer as armas que vocês carregarão.

– Se algum de vocês escolher não unir-se a nós, então está por sua conta. Planejo não ficar aqui, nesse acampamento, por muito tempo. Se a Ordem capturar vocês provavelmente eles irão torturá-los e eu não quero estar perto daqui quando vocês gritarem com toda força de seus pulmões enquanto revelam onde ficava nosso acampamento.

Os homens assustados ficaram amontoados em um grupo.

– Lorde Rahl, – Owen perguntou. – está querendo dizer que devemos escolher agora?

– Falei a vocês tudo que posso. Quanto tempo mais aqueles que estão sendo torturados, estuprados, e assassinados podem

esperar por vocês? Se quiserem juntar-se a nós e fazer parte da vida, então desçam até o nosso acampamento. Se escolherem não ficar do nosso lado, então eu desejo sorte a vocês. Mas por favor não tentem nos seguir ou terei que matá-los. Um dia eu fui guia florestal; saberei se algum de vocês nos seguir.

Um dos homens, aquele que tinha sido o primeiro a mostrar duas pedrinhas a Richard para dizer que revelaria a localização do antídoto, deu um passo adiante, para longe do resto dos homens.

– Lorde Rahl, meu nome é Anson, lágrimas enchiam seus olhos azuis. – Queria que você soubesse disso, soubesse quem eu sou. Eu sou Anson.

Richard assentiu. – Certo, Anson.

– Obrigado por abrir meus olhos. Sempre tive alguns dos pensamentos que você explicou. Agora entendo porque, e entendo a escuridão que estava sobre meus olhos. Não quero mais viver desse jeito. Não quero viver pelas palavras que não possuem significado e não quero que os homens da Ordem controlem a minha vida.

– Meus pais foram assassinados. Vi o corpo do meu pai pendurado em um poste. Ele nunca feriu qualquer pessoa. Não fez nada para merecer um assassinato. Minha irmã foi levada. Sei o que aqueles homens estão fazendo com ela. Não consigo dormir a noite pensando nisso, pensando no terror dela.

– Quero revidar. Quero matar aqueles homens malignos. Eles merecem a morte. Quero transformá-los em poeira, como você disse.

– Escolho juntar-me a vocês e lutar para conquistar minha liberdade. Quero viver livre. Quero que aqueles que eu amo vivam livres.

Kahlan ficou surpresa em ouvir um deles falar tantas coisas, especialmente sem primeiro consultar o resto dos homens. Ela observara os olhos dos outros homens enquanto Anson falava. Todos ouviram atentamente tudo que Anson disse.

Richard sorriu quando colocou a mão no ombro do jovem. – Benvindo a D'Hara, Anson. Benvindo ao lar. Sua ajuda será útil. – ele apontou para Cara e Tom recolhendo as armas que trouxeram para mostrar aos homens. – Porque não ajuda eles a levar aquelas coisas de volta até nosso acampamento.

Anson sorriu concordando. O jovem de fala macia tinha ombros largos e um pescoço musculoso. Ele era amigável, mas parecia determinado. Se ela estivesse na Ordem Imperial, Kahlan não gostaria de ver um homem de constituição tão forte vindo atrás dela.

Anson tentou ansiosamente recolher a carga dos braços de Cara. Ela não permitiu, então ele pegou o resto das coisas e seguiu Tom descendo a colina. Jennsen também foi, puxando Betty pela corda, fazendo força nos primeiros passos porque Betty queria que elas ficassem com Richard e Kahlan.

Os outros homens observaram quando Anson começou a descer a colina com Cara, Tom, e Jennsen. Então eles moveram-se para o lado, afastando da estátua, enquanto sussurravam entre si, decidindo o que eles fariam.

Richard olhou para a figura de Kaja-Rang antes de começar a descer a colina. Algo pareceu atrair a atenção dele.

– Qual é o problema? – perguntou Kahlan.

Richard apontou. – Aquela inscrição. No rosto do pedestal, abaixo dos pés dele.

Kahlan sabia que antes não havia inscrição naquele local, e ela ainda estava longe demais para realmente afirmar se conseguia ver inscrição no granito. Olhou para trás para ver os outros descendo a colina, mas ao invés disso seguiu Richard quando ele caminhou em direção à estátua. Os homens ainda estavam em um canto, engajados em sua discussão.

Ela podia ver o ponto no rosto do pedestal onde o Farol de Alerta havia estilhaçado.

A areia que estava dentro da estátua representando Richard ainda estava espalhada sobre o rosto do pedestal.

Conforme eles chegavam mais perto, ela mal conseguia acreditar no que estava começando a ver. Parecia como se a areia tivesse erodido a rocha para revelar as letras. As palavras não estavam ali antes; disso ela estava certa.

Kahlan conhecia várias línguas, mas não conhecia essa. Porém, ela a reconhecia. Era Alto D'Haran.

Ela abraçou o próprio corpo em meio ao vento frio que soprava. As nuvens sombrias agitaram-se inquietas. Ela espiou as montanhas imponentes ao redor, muitas escondidas por um escuro manto de neblina.

Cortinas de neve rodopiantes obscureceram outras ladeiras distantes. Por uma pequena e breve abertura no meio do tempo ruim, o vale que ela conseguiu ver através da passagem ofereceu a promessa do verde e de calor.

E da Ordem Imperial.

Kahlan, bem perto ao lado de Richard, desejou que ele colocasse um braço caloroso em volta dela. Observou enquanto ele contemplava as fracas letras na rocha. Ele estava quieto demais para que ela ficasse tranquila.

– Richard, – ela sussurrou, inclinando perto dele. – o que diz ali?

Concentrado, ele deslizou os dedos lentamente, suavemente, sobre as letras, seus lábios pronunciando baixinho as palavras em Alto D'Haran.

– Oitava regra do Mago. – Richard sussurrou traduzindo. – *Taiga Vassternich*.

Capítulo 46



Seguindo atrás do mensageiro, Verna deu um passo para o lado quando um grupo de cavalos passou correndo. As barrigas deles estavam cheias de lama, suas narinas ofegavam com excitação. Os olhos dos soldados da cavalaria sobre as cernelhas deles mostravam forte determinação.

Com o nível de atividade constante das semanas recentes, ela precisava manter uma vigília constante sempre que saia de uma tenda ou seria atropelada por uma coisa ou outra. Se não fossem cavalos avançando através do acampamento, eram homens correndo.

– Logo ali adiante. – o mensageiro disse por cima do ombro.

Verna assentiu para o rosto jovem enquanto ele olhava para trás. Ele era um jovem educado. O cabelo crespo louro dele e seu comportamento polido combinavam-se fazendo ela lembrar de Warren. Ela estava indefesa contra a onda de dor que espalhava-se através dela com a lembrança de que Warren se foi, com o vazio de cada dia.

Não conseguia lembrar o nome desse mensageiro.

Havia tantos jovens; era difícil lembra todos os nomes deles. Ainda que tentasse o melhor que podia, não conseguia lembrar deles. Pelo menos durante algum tempo agora eles não estavam morrendo em uma taxa alarmante. Fortes como eram os ventos aqui em cima em D'Hara, pelo menos esse clima foi um descanso das batalhas do verão anterior, das constantes batalhas e mortes. Com o verão novamente sobre eles, ela não achava que a relativa calmaria

fosse durar muito. Por enquanto as passagens continham a Ordem Imperial. Em lugares estreitos e confinados assim, o peso dos números do inimigo não significava tanta coisa. Se apenas um homem coubesse através de um buraco estreito em um muro de pedra, significava pouca coisa que houvesse uma centena aguardando atrás dele para atravessar, ou mil. Defender-se contra um homem, desse jeito, não era a tarefa impossível que era tentar combater a carnificina causada por todas as forças de Jagang.

Quando ela escutou o trovão distante, sentiu o estremecer através do chão, ela olhou para o céu. O sol não tinha feito uma aparição fazia dois dias. Não gostava da aparência das nuvens que juntavam-se contra as ladeiras das montanhas. Parecia que elas poderiam formar uma tempestade horrível.

O som podia não ter sido de um trovão. Era possível que fosse magia que o inimigo lançava contra os escudos nas passagens. Ataques como esse não adiantariam muita coisa, mas isso tornava o sono inquieto, então, mesmo que não houvesse outra razão, eles continuavam.

Alguns dos homens e dos oficiais passando na outra direção moviam a cabeça em saudação, exibiam um sorriso, ou faziam um pequeno aceno. Verna não viu quaisquer Irmãs da Luz. Muitas estariam nas passagens, cuidando de escudos, certificando-se de que ninguém da Ordem Imperial conseguisse atravessar. Zedd ensinara a elas a considerar cada possibilidade, não importava o quanto fosse estranha, e defesa contra ela. Dia e noite Verna percorria cada um daqueles lugares em sua mente, tentando pensar se tinha algo que elas deixaram passar, alguma coisa que tivessem negligenciado, que pudesse permitir que as forças do inimigo caíssem sobre eles.

Se isso acontecesse, se eles conseguissem passar, então não haveria o que pudesse deter o avanço deles dentro de D'Hara exceto o exército defensor, e o exército defensor não era páreo para os números do outro lado daquelas montanhas. Ela não conseguia

pensar em qualquer fenda na defesa deles, mas preocupava-se constantemente que pudesse haver alguma.

Parecia que a batalha final poderia estar sobre eles a qualquer momento. E onde estava Richard?

A Profecia dizia que ele era vital na batalha para decidir o curso futuro da humanidade. Com a sensação de que eles poderiam muito bem estar a uma batalha do final de tudo, da centelha final da liberdade, o Lorde Rahl corria o risco bastante real de perder o momento em que ele era mais necessário. Ela mal conseguia acreditar que durante séculos a Profecia falava daquele que os lideraria, e quando o momento finalmente chegasse, ele estaria em algum outro lugar. Como a profecia estava fazendo bem a eles.

Verna conhecia o coração de Richard. Conhecia o coração de Kahlan. Não era certo duvidar de qualquer um deles, mas Verna era aquela que estava olhando dentro dos olhos da horda de Jagang e Richard não estava presente.

De acordo com a pouca informação que Verna havia coletado a partir das mensagens de Ann no Livro de Jornada, havia problema à caminho. Verna conseguiu detectar nas mensagens de Ann que a mulher estava bastante preocupada com algo.

Seja lá qual fosse a causa, Ann e Nathan estavam correndo para o sul, descendo através do Mundo Antigo. Ann evitou explicar, possivelmente não querendo sobrecarregá-los com alguma outra coisa, então Verna não pressionou. Já tinha bastante problema imaginando porque Ann teria unido forças com o profeta ao invés de colocado a coleira nele.

Ann disse apenas que um Livro de Jornada não era um bom lugar para explicar coisas assim.

A despeito do bom trabalho que o homem fizera algumas vezes, Verna considerava Nathan perigoso ao extremo. Uma tempestade que ganhou vida soltando chuva, mas se você fosse a pessoa atingida pelo raio dela, isso não faria muito bem a você. O

fato de Ann e Nathan juntarem forças, como acontecera, devia ser indicativo do problema em que todos estavam mergulhados.

Verna teve que lembrar a si mesma que nem tudo estava contra eles, nem tudo era desesperador e sombrio. Afinal de contas, o exército de Jagang tinha sofrido um golpe surpreendente nas mãos de Zedd e Adie, perdendo números incríveis de soldados em um instante e sofrido vasto número de perdas. Como resultado a Ordem Imperial afastara-se de Aydindril, deixando a Fortaleza do Mago intocada.

Independente das mãos ambiciosas do Andarilho dos Sonhos, a Fortaleza permaneceu fora do alcance dele.

Zedd e Adie estavam na defesa da Fortaleza, então nem tudo era problema; havia recursos valiosos ao lado do Império D'Haraniano. A Fortaleza ainda podia provar ser decisiva em ajudar a deter a Ordem Imperial. Verna sentia falta daquele velho mago, do seu conselho, sua sabedoria, embora ela jamais admitisse isso em voz alta. Naquele homem ela podia ver de onde Richard herdou muitas de suas melhores qualidades.

Verna parou quando viu Rikka passando na frente dela. Verna segurou o braço da Mord-Sith.

– O que foi, Prelada? – perguntou Rikka.

– Você ouviu falar do que se trata isso?

Rikka lançou um olhar vazio para ela. – Do que se trata o quê?

O mensageiro parou do outro lado do cruzamento de estradas informais. Cavalos passaram trotando em ambas as direções, uma puxando um carrinho com barris cheios de água. Homens fortemente armados cruzaram na rua lateral.

O acampamento, um entre muitos, cercado por uma berma defensiva, tinha evoluído para uma espécie de cidade, com estradas para homens, cavalos, e carroças.

– Tem alguma coisa acontecendo. – Verna disse.

– Sinto muito, eu não ouvi nada.

– Você está ocupada?

– Nada urgente.

Verna agarrou bem forte o braço de Rikka e começou a andar junto com ela. – O General Meiffert mandou me chamar. Talvez seja melhor você vir comigo. Desse jeito, se ele quiser falar com você também, não teremos que enviar alguém procurando você.

Rikka balançou os ombros. – Por mim, tudo bem. – a Mord-Sith ficou com uma expressão desconfiada. – Você tem alguma ideia do que está errado?

Enquanto Verna mantinha um olho no mensageiro diante dela seguindo caminho entre homens, tendas, carroças, cavalos, e estações de reparos, ela olhou para Rikka. – Nada de que eu saiba. – Verna fez uma careta quando tentava colocar a sensação inquieta em palavras. – Alguma vez você já acordou e sentiu como se houvesse alguma coisa errada, mas não conseguia explicar porque parecia que seria um dia ruim?

– Se esse tiver que ser um dia ruim, providenciarei para que seja de outra pessoa, e para que eu seja a causa disso.

Verna sorriu para si mesma. – É uma pena que você não seja dotada. Daria uma boa Irmã da Luz.

– Eu acharia melhor ser Mord-Sith e poder proteger Lorde Rahl.

O mensageiro parou ao lado da estrada do acampamento. – Ali atrás, Prelada. O General Meiffert disse para trazer você até aquela tenda perto das árvores.

Verna agradeceu ao jovem e seguiu através do solo macio, Rikka ao seu lado. A tenda estava longe da atividade principal do acampamento, em uma área mais tranquila onde oficiais frequentemente encontravam com batedores que acabavam de retornar de patrulhas. A mente de Verna estava acelerada, tentando

imaginar que notícias batedores poderiam ter trazido. Não houve alarme, então as passagens ainda estavam aguentando.

Se houvesse problema, causaria forte atividade no acampamento, mas ele parecia do mesmo jeito que em qualquer outro dia.

Guardas avistaram Verna chegando e entraram na tenda para anunciar a chegada dela. Quase imediatamente, o General saiu da tenda e correu para encontrar com ela. Os olhos azuis dele refletiam uma determinação de ferro.

O rosto do homem, porém, estava pálido.

– Eu vi Rikka, – Verna explicou quando o General Meiffert baixou a cabeça em uma rápida saudação. – pensei que devia trazê-la caso você precise dela também.

O alto D'Haran louro olhou rapidamente para Rikka. – Sim, tudo bem. Entrem, por favor, vocês duas.

Verna agarrou a manga dele. – Do que se trata? O que está acontecendo? Tem algo errado?

Os olhos do General moveram-se para Rikka e de volta para Verna. – Nós recebemos uma mensagem de Jagang.

Rikka inclinou-se, sua voz assumindo um tom sério.

– Como um mensageiro de Jagang atravessou sem que alguém o matasse?

Era um procedimento padrão que ninguém cruzasse por qualquer razão. Eles queriam que nem mesmo um rato conseguisse atravessar. Não havia como saber se isso poderia ser algum tipo de truque.

– Era uma carroça pequena, puxada apenas por um cavalo. – ele inclinou a cabeça em direção a Verna. – Os homens pensaram que a carroça estivesse vazia. Lembrando das suas instruções, eles deixaram ela passar.

Verna ficou bastante surpresa que o alerta de Ann para deixar uma carroça vazia passar estivesse tão correto.

– Uma carroça veio sozinha? Uma carroça vazia?

– Não exatamente. Os homens que avistaram ela pensaram que estava vazia. O cavalo parece ser um cavalo de carga que é usado para trafegar em estradas, então ele marchou pela estrada como foi treinado. – o General Meiffert pressionou os lábios diante da confusão no rosto de Verna e então desviou da tenda. – Venham, e mostrarei a vocês.

Ele as conduziu até a terceira tenda descendo a fila e abriu a tenda. Verna entrou agachando, seguida por Rikka e o General. Em um banco ali dentro estava uma jovem noviça, Holly, com o braço em volta de uma garota de aparência muito assustada de aproximadamente dez anos.

– Pedi a Holly para ficar com ela, – o General Meiffert sussurrou. – achei que isso a deixaria menos nervosa do que um soldado vigiando-a.

– É claro. – Verna falou. – Muito inteligente de sua parte. – Então foi ela quem trouxe a mensagem?

O jovem General assentiu. – Ela estava sentada no fundo da carroça, então os homens que viram a carroça chegando no início acharam que ela estava vazia.

Agora Verna entendeu porque um mensageiro conseguiu passar. Os soldados não matariam uma criança, e as Irmãs poderiam testá-la para garantir que não era ameaça. Verna imaginou se Zedd teria algo a dizer a respeito disso; a ameaça geralmente vinha em pacotes surpresa. Verna aproximou-se da dupla no banco, sorrindo quando curvou-se.

– Eu sou Verna. Você está bem minha jovem? – a garota assentiu. – Gostaria de comer alguma coisa?

Tremendo levemente enquanto seus grandes olhos castanhos observavam as pessoas olhando para ela, ela assentiu novamente.

– Prelada, – falou Holly. – Valery já foi buscar algo para ela.

– Entendo. – disse Verna, mantendo o sorriso.

Ela ajoelhou e gentilmente deu leves tapinhas nas mãos da garota sobre o colo dela para tranquilizá-la. – Você mora perto daqui?

Os grandes olhos castanhos da garota piscaram, tentando julgar o perigo da adulta diante dela. Ela acalmou-se um pouco com o sorriso e o toque gentil de Verna. – Uma certa viagem para o norte, madame.

– E alguém a enviou para falar conosco?

Os grandes olhos castanhos encheram de lágrimas, mas ela não chorou. – Meus pais estão lá, além da passagem. Os soldados lá estão com eles. Como convidados, eles dizem. Homens vieram e nos levaram até o exército deles. Tivemos que ficar lá durante as últimas semanas. Hoje eles disseram para que eu carregasse uma carta através da passagem até o povo aqui. Eles disseram que se eu fizesse como eles mandaram, eles deixariam minha mãe, meu pai e eu voltarmos para casa.

Outra vez Verna deu tapinhas nas pequenas mãos da garota. – Entendo. Bem, é uma coisa boa você ajudar os seus pais.

– Só quero ir para casa.

– E você vai, criança. – Verna levantou o corpo.

– Daremos um pouco de comida a você, querida, para que fique com a barriga cheia antes de voltar aos seus pais.

A garota levantou e fez uma reverência. – Obrigada por sua gentileza. Então eu posso voltar depois que eu comer?

– Certamente. – Verna disse. – Vou ler a carta que você trouxe enquanto você faz uma boa refeição, e então pode voltar aos seus pais.

Quando sentou de volta no banco, ajeitando-se ao lado de Holly, ela não conseguia evitar de manter os olhos preocupados na Mord-Sith.

Tentando não mostrar qualquer apreensão, Verna despediu-se da garota sorrindo antes de levar os outros para fora da tenda. Ela

nem conseguia imaginar o que Jagang pretendia.

– O que tem na carta? – Verna perguntou quando eles foram rapidamente até a tenda do comando.

O General Meiffert fez uma pausa do lado de fora da tenda, seu dedão esfregando um botão de bronze no seu casaco enquanto encarava o olhar de Verna. – Acho que seria melhor você mesma ler, Prelada. Uma parte é bem clara. Outra parte, bem, outra parte eu espero que você possa explicar para mim.

Entrando na tenda, Verna viu o Capitão Zimmer aguardando em um canto. O homem de mandíbula quadrada não estava exibindo o seu usual sorriso contagiante. O Capitão estava no comando das Forças Especiais D'Haran, um grupo de homens cujo trabalho era sair e passar os seus dias e noites entrando sorrateiramente no território inimigo matando o máximo possível deles. Parecia haver um suprimento infinito. O Capitão parecia determinado a usar o suprimento.

Os homens na equipe do Capitão Zimmer eram muito bons no que faziam. Eles colecionavam colares com orelhas que tiravam dos inimigos que matavam. Kahlan costumava pedir para ver a coleção deles sempre que eles retornavam. O Capitão e os homens dele sentiam falta dela.

Todos olharam para cima com o brilho de um raio. A tempestade estava chegando mais perto. Após um momento, o chão tremeu com o barulho de trovão.

O General Meiffert pegou um pequeno papel dobrado da mesa e entregou a Verna.

– Isso foi o que a garota trouxe.

Olhando brevemente para as expressões sombrias dos dois homens, Verna desdobrou o papel e leu o que estava escrito.

> *Tenho o Mago Zorander e a feiticeira chamada Adie. Agora controlo a Fortaleza do Mago em Aydindril e tudo que ela*

contém. Em breve meu Deslizador vai me presentear com o Lorde Rahl e a Madre Confessora.

A sua causa está perdida. Se vocês renderem-se agora e abrirem as passagens, pouparei seus homens. Se não, condenarei cada um deles a morte.

Assinado, Jagang, o justo.

O braço segurando o papel nos dedos trêmulos abaixou.

– Querido Criador. – Verna sussurrou. Ela sentiu-se tonta.

Rikka arrancou o papel da mão dela e ficou virada para outro lado enquanto lia. Ela soltou uma praga.

– Temos que buscar ele, – disse Rikka. – temos que levar Zedd e Adie para longe de Jagang.

O Capitão Zimmer balançou a cabeça. – Não tem jeito de fazermos tal coisa.

O rosto de Rikka ficou vermelho de raiva. – Ele salvou a minha vida! A sua também! Temos que tirar ele de lá!

Em contraste com a fúria de Rikka, Verna falou suavemente. – Todos sentimos a mesma coisa. Provavelmente Zedd já salvou as vidas de todos nós mais de uma vez. Infelizmente, Jagang fará coisa muito pior com ele por causa disso.

Rikka balançou a mensagem diante dos rostos deles. – Então simplesmente vamos deixar ele morrer lá? Deixar Jagang matá-lo? Nós entramos sorrateiramente, ou algo assim!

O Capitão Zimmer descansou a mão sobre uma longa faca no cinto. – Senhora Rikka, se falasse a você que eu tinha um homem escondido em algum lugar nesse acampamento, em uma das centenas de milhares de tendas, e ninguém fosse perturbá-la ou fazer qualquer pergunta, simplesmente permitiriam que você caminhasse livremente fazendo uma busca, quanto tempo acha que levaria para você encontrar um homem escondido assim?

– Mas eles não estarão em uma tenda qualquer. – disse Rikka. – Olhe para nós aqui. Essa mensagem chegou. Ela foi para qualquer tenda aleatoriamente em todo o acampamento? Não, ela foi para um lugar onde esse tipo de coisas são tratadas.

– Já estive no acampamento da Ordem Imperial vezes demais para contar. – falou o Capitão Zimmer enquanto apontava o braço em direção ao inimigo do outro lado das montanhas a oeste. – Você não consegue imaginar como o acampamento deles é grande. Tem milhões de homens lá.

– O acampamento deles é um atoleiro de cortadores de gargantas. É um lugar de caos. Aquela desordem permite que entremos, matemos alguns deles, e saiamos rapidamente. Você não vai querer ficar lá muito tempo. Eles reconhecem forasteiros, especialmente forasteiros louros.

– Além disso, há camadas de diferentes tipos de homens. A maioria dos soldados são pouco mais do que uma escória de brutamontes que Jagang solta de tempos em tempos. Nenhum deles tem permissão de ir além de um certo ponto dentro do próprio acampamento deles. Os homens guardando as áreas com maior segurança não são tão estúpidos e preguiçosos quanto os soldados comuns.

– Os homens naquelas áreas protegidas não são tão numerosos quanto os soldados comuns, mas são profissionais treinados. Eles são alertas, vigilantes, e mortais. Se de alguma forma você conseguisse passar através daquele mar de desajustados para chegar até a ilha no núcleo onde estão as tendas de tortura e de comando, aqueles soldados profissionais estariam com você na ponta de um pique em pouco tempo.

– Até mesmo eles são diferentes. O anel externo desse núcleo, além de possuir esses profissionais fazendo a guarda, é onde estão as Irmãs. Elas moram ali e usam magia para localizar intrusos.

– Além deles tem mais anéis, começando com os guardas de elite, e então, finalmente, os guardas pessoais do Imperador. Esses são homens que estiveram lutando ao lado de Jagang durante anos. Eles matam qualquer um, até mesmo os oficiais da guarda de elite, se tiverem suspeitas deles. Se ao menos ouvirem uma palavra a respeito de alguém falando coisas depreciativas sobre o Imperador, eles os caçam e fazem com que sejam torturados. Após serem torturados, se eles viverem, então são condenados à morte.

– Não estou dizendo que meus homens e eu não estaríamos dispostos a arriscarmos nossas vidas tentando tirar Zedd de lá; estou dizendo que estaríamos entregando nossas vidas por nada.

O humor dentro da tenda não poderia ser mais sombrio.

O General gesticulou com o papel quando Rikka o devolveu. – Tem alguma ideia do que é um Deslizador, Prelada?

Verna encarou os olhos azuis dele. – Um ladrão de almas.

O General franziu a testa. – Um o quê?

– Na Grande Guerra… há três mil anos… os magos daquela época criaram armas usando pessoas. Andarilhos dos Sonhos, como Jagang, eram uma dessas armas. A melhor maneira de que posso explicar isso a você é que um Deslizador é, de certo modo, como um Andarilho dos Sonhos. Um Andarilho dos Sonhos pode entrar na mente de uma pessoa e assumir o controle. Um Deslizador, eu acredito, é alguma coisa assim, só que ele controla o seu espírito, sua alma.

Rikka fez uma careta. – Porquê?

Verna levantou as mãos, com frustração. – Na verdade eu não sei. Para controlar sua vítima, talvez.

– Alterar pessoas dotadas era uma prática antiga.

– Às vezes eles modificavam pessoas dotadas usando magia para adequá-las a um propósito específico. Com Magia Subtrativa eles removiam características que não queriam, e então usavam

Magia Aditiva para adicionar ou aperfeiçoar uma característica que desejavam. O que eles criavam eram monstros.

– Não sou realmente versada no assunto. Quando tornei-me Prelada eu tive acesso a livros que nunca tinha visto. Foi onde eu vi a referência aos Deslizadores. Eram usados para entrar no ser de outra pessoa e roubar a essência de quem ela era… seu espírito, sua alma.

– Alterar pessoas desse jeito para criar esses Deslizadores é uma arte morta faz muito tempo. Temo que eu não saiba muito sobre o assunto. Lembro de ter lido que aqueles chamados Deslizadores eram extremamente perigosos.

– Uma arte morta faz muito tempo. – o General resmungou. Parecia que ele estava fazendo um grande esforço para conter-se. – Aqueles magos daquela época fizeram armas como os Deslizadores, mas como Jagang poderia? Ele não é mago. Ele poderia estar mentindo?

Verna pensou na pergunta durante um momento. – Ele tem pessoas dotadas sob o seu controle direto. Alguns são capazes de usar magia do Submundo. Como eu disse, não sei muito a respeito disso, mas suponho que é possível que ele seja capaz de fazer isso.

– Como? – o General perguntou. – Como Jagang conseguiria fazer coisas assim? Ele nem é um mago.

Verna cruzou as mãos na frente do corpo. – Ele tem Irmãs da Luz e do Escuro. Em teoria, suponho que ele tem o que precisa. Ele é um homem que estuda história. Sei por experiência própria que ele valoriza muito os livros. Ele tem uma coleção extensa e bastante valiosa. Nathan, o Profeta, estava muito preocupado exatamente com isso, e destruiu um certo número de volumes importantes antes que eles pudessem cair nas mãos de Jagang.

– Ainda assim, o Imperador possui muitos outros… de fato, ele tem uma enorme coleção. Agora que ele dominou a Fortaleza, tem acesso a importantes bibliotecas. Aqueles livros são perigosos,

ou não teriam sido trancados na Fortaleza do Mago em primeiro lugar.

– E agora Jagang tem controle deles. – o General Meiffert passou os dedos através dos cabelos. Ele agarrou as costas da cadeira posicionada diante da pequena mesa e inclinou o peso sobre os braços. – Você acha que ele realmente está com Zedd e Adie?

A pergunta era um pedido por algum fio de esperança.

Verna engoliu em seco enquanto considerava a questão cuidadosamente. Respondeu com voz honesta, não querendo ser a fundadora de uma falsa fé. Desde que lera a mensagem de Jagang, ela mesma estivera procurando por esse mesmo fio de esperança.

– Não penso que ele seja um homem que encontraria qualquer satisfação em vangloriar-se de algo que na verdade não tivesse realizado. Acredito que ele está dizendo a verdade e quer gabar-se do seu feito.

O General soltou a cadeira e virou enquanto avaliava as palavras de Verna. Finalmente, ele fez uma pergunta pior ainda.

– Você acha que ele está falando a verdade que esse Deslizador tem Lorde Rahl e a Madre Confessora? Acha que essa terrível criação, esse Deslizador, em breve entregará os dois a Jagang?

Verna imaginou se essa foi a razão para a corrida de Ann e Nathan descendo através do Mundo Antigo. Verna sabia que Richard e Kahlan estavam lá embaixo, em algum lugar. Não poderia haver razão mais urgente para que Ann e Nathan corressem para o sul. Seria possível que esse Deslizador já os tivesse capturado, ou capturado suas almas? O coração de Verna murchou. Ela imaginou se Ann já sabia que o Deslizador tinha Richard, e que era por isso que ela não estava falando muito sobre a missão.

– Não sei. – finalmente Verna respondeu.

– Acho que Jagang simplesmente cometeu um erro. – falou o Capitão Zimmer.

Verna ergueu uma sobrancelha. – Qual seria?

– Acabou de contar para nós como está sofrendo dificuldades com as passagens. Acabou de nos informar como nossas defesas estão funcionando bem e como ele está desesperado. Se ele não passar nessa estação, todo o exército dele terá que esperar durante outro inverno. Ele quer que nós o deixemos passar.

– Invernos D'Haran são rigorosos, especialmente para homens como os dele, homens não acostumados com as condições. Vi com meus próprios olhos boas indicações de quantos homens ele perdeu no último inverno. Centenas de milhares de homens morreram com doenças.

– Ele tem muitos homens, – disse o General Meiffert. – pode suportar as perdas. Tem um firme suprimento de novas tropas para substituir aqueles que morreram com as febres e doenças no último inverno.

– Então, você acha que o Capitão está errado? – Verna perguntou.

– Não, concordo que Jagang gostaria muito de acabar com isso; só acho que ele não se importa com a quantidade dos homens dele que morrem. Acho que ele está ansioso para governar o mundo. Mesmo paciente como ele geralmente é, ele enxerga o fim ao alcance, o objetivo perto de suas garras. Somos a única coisa no caminho dele, impedindo que o prêmio caia nas mãos dele. Seus homens também estão ansiosos por causa da pilhagem.

– A escolha dele de dividir o Mundo Novo atacando primeiro Aydindril o deixou próximo de seu objetivo, mas de certa forma, ainda mais distante dele. Se ele não conseguir cruzar as passagens, pode decidir pegar seu exército e fazer uma longa marcha de volta ao sul, até o vale do Rio Kern, até o lugar onde ele poderá então seguir até D'Hara. Assim que o exército dele chegar ao campo aberto descendo ao sul, não haverá como deter eles.

– Se ele não conseguir atravessar as passagens agora, isso significará uma longa marcha e um longo atraso, mas ele ainda nos conquistará no final. Ele acharia melhor nos dominar agora e está disposto a oferecer as vidas de nossos homens para fazer um acordo.

Verna olhou para o vazio. – É um grande erro tentar satisfazer o mal.

– Concordo. – falou o General Meiffert. – Assim que abrirmos as passagens, ele matará até o último homem.

O humor dentro da tenda estava tão sombrio quando o céu do lado de fora.

– Acho que deveríamos mandar uma carta de volta para ele. – Rikka falou. – Acho que deveríamos dizer que não acreditamos que ele esteja com Zedd e Adie. Se ele espera que acreditemos nele, deveria provar; deveria enviar para nós as cabeças deles.

O Capitão Zimmer sorriu com a sugestão.

O General ficou batendo com um dedo sobre a mesa enquanto pensava a respeito. – Se for como você diz, Prelada, e Jagang realmente está com eles, então não há nada que possamos fazer. Ele os matará. Depois do que Zedd fez com as forças de Jagang lá em Aydindril, isso para não falar em todo o caos que ele causou na Ordem Imperial quando no último verão quando a Madre Confessora estava conosco, eu sei que não será uma morte fácil, mas ele os matará no final.

– Então você concorda que nada mais pode ser feito. – disse Verna. O General Meiffert passou a mão sobre o rosto.

– Odeio admitir, mas temo que eles estejam perdidos. Não acho que deveríamos dar a Jagang a satisfação de saber como realmente nos sentimos a respeito disso.

A mente de Verna girou diante do pensamento de Zedd e Adie sendo torturados, deles estarem nas mãos de Jagang e das Irmãs do Escuro dele. Ela ficou desanimada com o pensamento das forças D'Haran perdendo Zedd. Simplesmente não havia outra

pessoa com a experiência e o conhecimento dele. Não havia quem pudesse substituí-lo.

– Então escreveremos uma carta para Jagang, – falou Verna. – e diremos a Jagang que não acreditamos que ele tem Zedd e Adie.

– A única coisa que podemos fazer, – disse Rikka. – é negar a Jagang o que ele mais deseja. O que ele quer é que nós desistamos.

O General Meiffert puxou a cadeira perto da mesa, convidando Verna a sentar e escrever a carta.

– Se Jagang ficar enfurecido com essa carta, ele pode acabar nos enviando as cabeças deles. Se fizer isso, pouparia eles de um terrível sofrimento. Essa é a única coisa que podemos fazer por eles… o melhor que poderíamos fazer por eles.

Verna observou os rostos sérios e viu apenas determinação naquilo que devia ser feito. Sentou na cadeira que o General segurava para ela, tirou a rolha do tinteiro, e então pegou um pedaço de papel de uma pequena pilha em uma caixa ali perto.

Molhou a pena e ficou olhando o papel durante um momento, tentando decidir como escrever a carta.

Tentou imaginar o que Kahlan escreveria. Quando isso lhe ocorreu, curvou-se sobre a mesa e começou a escrever.

> *Não acredito que você seja suficientemente competente para capturar o Mago Zorander. Se fosse, enviaria para nós a cabeça dele como prova. Não me incomode mais com sua choradeira para que nós liberemos as passagens porque você é incapaz demais para fazer isso você mesmo.*

Lendo por cima do ombro de Verna, Rikka falou. – Gostei disso.

Verna olhou para os outros. – Como eu deveria assinar?

– O que deixaria Jagang com mais raiva… ou preocupação? – perguntou o Capitão Zimmer.

Verna ficou batendo a pena contra o queixo enquanto pensava. Então teve uma ideia. Encostou a pena no papel.

Assinado, a Madre Confessora.

CAPÍTULO 47



Richard observou o local no amplo vale verde, procurando qualquer sinal de tropas. Olhou para Owen.

– Aquela é Witherton?

Com as mãos pressionadas contra o rico solo da floresta na coroa de uma baixa projeção, Owen empurrou o corpo mais perto da borda. Esticou o pescoço para ver por cima da elevação e finalmente assentiu antes de recuar.

Richard tinha pensado que ela seria maior. – Não vejo qualquer soldado.

Owen rastejou afastando-se da borda. Na cobertura sombreada entre samambaias e vegetação baixa, ele levantou e esfregou limpando os fragmentos úmidos de folhas da camisa e das calças.

– Os homens da Ordem geralmente ficam dentro da cidade. Eles não possuem interesse em ajudar a fazer o trabalho. Eles comem a nossa comida e fazem apostas com as coisas que tomaram de nosso povo. Quando fazem essas coisas eles ficam pouco interessados em outras coisas. – o rosto dele ficou vermelho. – À noite, eles costumavam pegar algumas de nossas mulheres. – já que o motivo era bastante óbvio, Owen não colocou isso em palavras. – Durante o dia, às vezes eles saem para checar nosso povo que trabalha nos campos, ou observam para certificarem-se se eles retornam à noite.

Se os soldados em algum momento tivessem acampado do lado de fora dos muros da cidade, eles não faziam mais isso. Aparentemente, preferiam as acomodações mais confortáveis dentro

da cidade. Aprenderam que essas pessoas não ofereceriam resistência; eles podiam ser arrebanhados e controlados apenas com palavras. Os homens da Ordem Imperial estavam seguros dormindo entre eles.

O muro ao redor de Witherton bloqueava muito da visão de Richard do lugar. Além de através dos portões abertos, não havia muito para ver. O muro era construído com postes não muito mais altos do que a altura de um homem. Os postes, com uma variedade de espessuras não maiores do que o tamanho da mão, estavam bem amarrados, no topo e na parte inferior, com corda. O muro ondulante serpenteava ao redor da cidade, inclinava para dentro ou para fora em alguns lugares. Não havia baluarte, ou pelo menos uma trincheira diante do muro. Além de manter do lado de fora cervos pastando ou talvez um urso que perambulasse, o muro não parecia forte o bastante para suportar um ataque dos soldados da Ordem Imperial.

Os soldados sem dúvida quiseram usar o portão de entrada na cidade por outras razões e não por causa da força do muro. Abrir os portões para os soldados da Ordem Imperial foi um sinal simbólico de submissão.

Largos trechos do vale estavam livres de árvores, deixando campos de grama crescerem junto com fileiras de plantações em jardins de uso comum. Galhos de árvores transformados em cercas mantinham vacas. Ali, a grama estava baixa. Galinhas perambulavam livremente perto de plantações. Algumas ovelhas pastavam na grama.

Os cheiros do solo rico, flores do campo, e grama, carregavam uma suave brisa para dentro da floresta onde Richard observava. Era um grande alívio finalmente ter descido da passagem. Estava ficando difícil respirar no ar rarefeito nas altas ladeiras. Também estava consideravelmente mais quente, fora da elevada passagem na montanha, embora ele ainda sentisse frio.

Richard checou a extensão de vale aberto uma última vez e então ele e Owen seguiram caminho de volta para dentro da densa floresta em direção ao local onde os outros aguardavam. As árvores em maior parte eram de madeira forte, bordo e carvalho, junto com trechos de vidoeiro, mas também havia grupos de enormes árvores perenes.

Aves gorjeavam nas densas folhagens. Um esquilo sobre o galho de um pinheiro resmungou para eles quando eles passavam. A profunda sombra embaixo da coroa espessa da floresta era interrompida apenas ocasionalmente por feixes de raios de sol.

Alguns dos homens, esmagando insetos, ficaram agitados quando Richard conduziu Owen para dentro da isolada abertura na floresta. Richard estava feliz em ficar no calor da luz do sol que descia em um ângulo baixo.

Parecia que a área aberta na densa floresta foi criada quando um enorme bordo antigo foi atingido por um raio. O bordo partiu-se e caiu em duas direções, derrubando outras árvores junto com ele.

Kahlan saltou do assento dela no tronco do monarca caído. Betty, com sua cauda balançando em um borrão, saudou Richard, ansiosamente procurando atenção, ou um agrado. Richard coçou atrás das orelhas dela, a forma favorita de receber atenção da cabra.

Mais dos homens entraram no espaço aberto saindo de trás de raízes viradas que estavam prateadas por anos de exposição aos elementos. Um grupo de abetos, não muito mais altos do que a altura do peito, tinham crescido no ponto ensolarado criado quando o velho bordo morreu daquela forma violenta. Espalhados entre Kahlan, Cara, Jennsen, e Tom estavam o resto dos homens… o exército dele.

Lá atrás na passagem, as palavras de Anson dizendo que desejava ajudar a libertar o seu povo dos soldados da Ordem Imperial pareceu ter galvanizado o resto dos homens, e a balança finalmente havia inclinado. Assim que isso aconteceu, uma vida de

escuridão e dúvida deu lugar a uma fome de viver na luz da verdade. Todos os homens declararam, em um momento de determinação de tirar o fôlego, que eles queriam juntar-se a Richard para serem parte do Império D'Haran e lutar contra os soldados da Ordem Imperial para conquistarem sua liberdade.

Todos decidiram que os homens da Ordem Imperial eram vis e mereciam a morte, mesmo se eles mesmos tivessem que fazer a matança.

Quando Tom olhou para ver Betty voltando a remexer na vegetação, Richard notou que a testa do homem estava encharcada de suor. Cara abanava-se com grandes folhas de um bordo da montanha.

Richard estava prestes a perguntar como eles podiam suar já que estava um dia tão frio quando percebeu que era o veneno fazendo ele sentir frio.

Com gélido temor, ele lembrou como da última vez em que sentiu frio, o veneno quase o matara naquela noite horrível.

Anson e outro homem, John, retiraram suas mochilas. Eles eram aqueles que planejavam entrar no meio dos trabalhadores do campo que retornavam para a cidade ao anoitecer.

Assim que entrassem na cidade, os dois homens planejavam recuperar o antídoto.

– Acho que seria melhor eu ir com você. – Richard falou para Anson. – John, porque você não espera aqui junto com os outros?

John pareceu surpreso. – Se você quiser, Lorde Rahl, mas não é necessário que você vá.

Essa não devia ser uma incursão que resultaria em alguma violência, apenas a recuperação do antídoto. O ataque ao soldados da Ordem Imperial seria depois que o antídoto fosse recuperado e eles tivessem checado a situação, o número de homens, e a disposição.

– John tem razão, – disse Cara. – eles podem fazer isso.

Richard estava com dificuldade para respirar. Tinha que fazer esforço para não tossir.

– Eu sei. Só pensei que seria melhor eu mesmo dar uma olhada.

Cara e Kahlan trocaram olhares.

– Mas se você entrar lá com Anson, – Jennsen falou. – não pode levar a sua espada.

– Não vou começar uma guerra. Só quero dar uma boa olhada no lugar.

Kahlan aproximou-se. – Os dois podem fazer um reconhecimento na cidade e dar a você um relatório. Você pode descansar… eles voltarão em poucas horas.

– Eu sei, mas acho que não quero esperar tanto.

Pelo modo como ela contemplava seus olhos, ele pensou que ela devia ser capaz de ver a dor que ele estava sentindo.

Ela não discutiu mais o assunto e ao invés disso assentiu.

Richard tirou o boldrié e a espada por cima da cabeça. Colocou por cima da cabeça de Kahlan, descansando o boldrié no ombro dela.

– Aqui. Eu a declaro Seeker da Verdade.

Ela aceitou a espada e a honra encostando os punhos nos lábios. – Agora não vá arrumar confusão enquanto estiver lá. Esse não é o plano. Você e Anson estarão sozinhos. Espere até que estejamos todos juntos.

– Eu sei. Só preciso pegar o antídoto e então voltaremos bem rápido.

Além de pegar o antídoto, Richard queria ver as forças inimigas, como eles estevam posicionados, e as características da cidade. Fazer os homens desenharem um mapa na terra era uma coisa, ver por si mesmo era outra; esses homens não sabiam como avaliar pontos de ameaça.

Um dos homens tirou seu leve casaco, algo que vários dos homens usavam, e ofereceu a Richard. – Aqui, Lorde Rahl, vista isso. Fará você parecer mais como um de nós.

Agradecendo com um movimento da cabeça, Richard vestiu o casaco.

Ele trocara sua roupa de mago guerreiro por roupas de viagem, então ele não ficaria parecendo deslocado em relação ao modo como os homens da cidade de Witherton pareciam. O homem era quase do tamanho de Richard, então o casaco serviu bem. Ele também escondeu sua faca no cinto.

Jennsen balançou a cabeça. – Não sei, Richard. Você simplesmente não parece como um deles. Ainda parece com Lorde Rahl.

– Do que você está falando? – Richard levantou os braços, olhando para si mesmo. – O que tem de errado na minha aparência?

– Não fique tão ereto. – ela falou.

– Encolha os ombros e deixe a sua cabeça um pouco pendurada. – Kahlan sugeriu.

Richard levou à sério o conselho delas; não tinha pensado nisso, mas os homens realmente ficavam curvados. Ele não queria destacar-se. Se não queria levantar suspeitas nos soldados tinha que misturar-se. Ele curvou-se um pouco.

– Que tal assim?

Jennsen entortou a boca. – Não ficou muito diferente.

– Mas estou me curvando.

– Lorde Rahl, – Cara falou com uma voz suave enquanto olhava para ele. – lembra de como era caminhar atrás de Denna, quando ela segurava a corrente da coleira no seu pescoço? Faça parecer daquele jeito.

Richard piscou para ela. A imagem mental do seu tempo como prisioneiro de uma Mord-Sith atingiu-o como um tapa. Ele pressionou os lábios, sem falar, e concordou com um aceno da

cabeça. A lembrança daquele momento de desespero era suficientemente depressiva para fazer com que ele sentisse dificuldade em usar aquilo para entrar no papel.

– É melhor irmos andando, – disse Anson. – agora que o sol está descendo atrás das montanhas, a escuridão vem rapidamente. – ele hesitou, então falou novamente. – Lorde Rahl, os homens da Ordem não reconhecerão você… quero dizer, provavelmente eles não perceberão que você não é da nossa cidade. Mas nosso povo não carrega armas; se eles virem essa faca, saberão que você não é da nossa cidade, e tocarão um alarme.

Richard abriu o casaco, olhando para a faca.

– Tem razão. – ele afrouxou o cinto e removeu a bainha com a faca. Entregou para Cara guardá-la.

Richard pousou uma das mãos rapidamente no lado do rosto de Kahlan como uma forma de despedida. Ela segurou a mão dele com as duas mãos e deu um rápido beijo nos dedos. As mãos dela pareciam tão pequenas e delicadas segurando a dele. Às vezes ele brincava com ela dizendo que não entendia como ela conseguia fazer alguma coisa com mãos tão pequenas.

A resposta dela era que suas mãos eram do tamanho normal e perfeitamente adequadas, e as dele simplesmente eram grandes demais.

Todos os homens notaram o gesto de afeição de Kahlan. Richard não ficou envergonhado por causa disso. Queria que eles soubessem que outras pessoas eram, em termos humanos, tão importantes quanto eles. Era por isso que eles estavam lutando… a chance de serem humanos, de amar e cuidar de seus entes queridos, de viverem suas vidas como desejassem.

A luz enfraqueceu rapidamente enquanto Richard e Anson seguiam seu caminho através da floresta que corria ao lado de campos gramados. Richard queria dar a volta até o local onde a floresta aproximava-se dos homens que trabalhavam nos jardins e

cuidavam de animais. Com as montanhas próximas a oeste tão altas, o sol desapareceu atrás delas mais cedo do que normalmente aconteceria ao pôr do sol, deixando o céu com um rastro de azul escuro esverdeado e o vale mergulhado em um estranho brilho dourado.

No momento em que ele e Anson chegaram ao local onde eles deixariam a floresta, ainda estava claro demais, então eles aguardaram algum tempo até que Richard sentisse que a luz nos campos estava fraca o bastante para que eles se escondessem. A cidade estava a uma certa distância e uma vez que Richard não conseguiu ver qualquer homem do lado de fora dos portões, concluiu que se os soldados estivessem observando, então eles também não conseguiriam vê-lo.

Quando eles moviam-se rapidamente pelo campo gramado, abaixados e fora de vista, Anson apontou.

– Ali, aqueles homens voltando para a cidade, deveríamos segui-los.

Richard falou suavemente por cima do ombro.

– Está certo, mas não esqueça, não queremos alcançá-los ou eles poderão reconhecê-lo e fazer alarde. Vamos deixar que eles fiquem a uma boa distância na frente.

Quando eles chegaram aos muros da cidade, Richard viu que os portões eram nada mais do que duas seções de paredes piquetadas. Um par de postes que não eram mais grossos do que o pulso de Richard foram amarrados de lado para reforçar duas seções de parede e transformá-las em portões. As cordas que amarravam os postes serviam como dobradiças. As seções simplesmente eram levantadas e movidas para abrir ou fechá-las. Estava longe de uma fortificação segura.

Na fraca luz do crepúsculo, os dois guardas caminhando de um lado para outro do lado de dentro dos portões e observando os trabalhadores retornarem não conseguiriam realmente ver muito

Richard e Anson. Para os guardas, eles pareceriam mais dois trabalhadores. A Ordem entendia o valor de trabalhadores; eles precisavam de escravos fazendo o trabalho para que os soldados pudessem comer.

Richard curvou os ombros e abaixou a cabeça enquanto caminhava. Lembrou daqueles momentos terríveis como cativo quando, usando uma coleira, ele caminhava atrás de Denna, desprovido de toda esperança de algum dia ser livre novamente.

Pensando naquele tempo inumano, ele rastejou através dos portões abertos. Os guardas não prestaram atenção nele.

Justamente quando estavam quase passando dos guardas, o mais próximo esticou o braço e agarrou a manga de Anson, fazendo ele girar.

– Quero alguns ovos. – o jovem soldado falou. – Me dê alguns dos ovos que você coletou.

Anson ficou de olhos arregalados, sem saber o que fazer.

Parecia ridículo que esses dois jovens tivessem permissão de servir à causa deles sendo valentões.

Richard caminhou até o lado de Anson e falou rapidamente, lembrando de abaixar a cabeça para que não ficasse mais alto do que o homem.

– Não temos ovos, senhor. Estávamos cuidando dos campos de feijão. Sinto muito. Vamos trazer ovos para você amanhã, se isso for de seu agrado.

Richard levantou os olhos exatamente quando o guarda bateu nele com a costa da mão, derrubando-o de costas no chão. Instantaneamente ele conteve a sua fúria. Limpando o sangue da boca, ele decidiu ficar onde estava.

– Ele tem razão. – falou Anson, atraindo a atenção do guarda. – Estávamos cuidando dos feijões. Se desejar, vamos trazer alguns ovos amanhã… quantos você quiser.

O guarda grunhiu uma praga em direção a eles e afastou-se, levando seu companheiro com ele. Eles seguiram até uma longa estrutura baixa ali perto, com uma tocha presa em um poste do lado de fora de uma porta baixa. Na luz bruxuleante daquela tocha, Richard não conseguiu distinguir o que era aquele lugar, mas parecia ser um prédio enterrado parcialmente no solo de modo que as calhas estavam ao nível dos olhos. Depois que os dois soldados estavam a uma distância segura, Anson ofereceu a mão para ajudar Richard a levantar. Richard não achava que ele tivesse batido com tanta força, mas sua cabeça estava girando.

Quando começaram a andar, rostos em portais e em esquinas sombrias espiavam para observá-los. Quando Richard olhou em direção a elas, as pessoas recuaram rapidamente.

– Eles sabem que você não é daqui. – sussurrou Anson.

Richard não confiava que alguma dessas pessoas não fosse chamar os guardas. – Vamos agir depressa e pegar o que viemos buscar.

Anson assentiu e rapidamente conduziu Richard descendo uma rua estreita com o que pareciam pouco mais do que cabanas amontoadas de cada lado. A tocha solitária ardendo do lado de fora da longa construção para onde os soldados haviam seguido fornecia pouca luz descendo a rua. A cidade, pelo menos o que Richard conseguia ver dela no escuro, era um lugar de aparência muito deteriorada. De fato, ele não a chamaria de cidade ou ao menos de um vilarejo. Muitas das estruturas pareciam locais para moradia de animais para abate, não pessoas. Apenas raramente havia luz vindo de alguma das baixas construções e a luz que ele via parecia mais como se fossem de vela, não lâmpada.

No final da rua, Richard seguiu Anson por uma pequena porta lateral para dentro de um prédio maior.

As vacas ali dentro mugiram diante da intrusão. Ovelhas agitaram-se em seus cercados. Algumas cabras em outros cercados

baliram. Richard e Anson fizeram uma pausa para que os animais acalmassem antes de seguirem através do celeiro até uma escada ao lado. Richard seguiu Anson quando ele subiu rapidamente até um pequeno palheiro.

No final do palheiro, Anson enfiou o braço sobre um caibro baixo que estava preso dentro parede por trás de um suporte em forma de x. – Aqui está. – ele falou enquanto sorria, esticando o braço dentro do esconderijo.

Ele saiu com uma pequena garrafa de lados quadrados e entregou-a para Richard. – Esse é o antídoto. Beba depressa e vamos dar o fora daqui.

A larga porta abriu repentinamente batendo. Mesmo que estivesse escuro do lado de fora, a tocha descendo a rua gerava luz suficiente para iluminar a silhueta da grande forma de um homem parado no portal. Pelo seu comportamento, ele devia ser um soldado.

Richard tirou a rolha da garrafa. O antídoto tinha o leve aroma de canela. Bebeu rapidamente, mal notando o seu doce sabor apimentado. Ele não desviou os olhos do homem no portal.

– Quem está aqui? – o homem gritou.

– Senhor, – Richard falou. – só estou pegando um pouco de feno para os animais.

– No escuro? O que você está planejando? Desça aqui agora mesmo.

Richard colocou a mão contra o peito de Anson e empurrou-o para trás dentro da escuridão. – Sim, senhor. Estou descendo. – Richard falou para o soldado enquanto descia rapidamente a escada.

Na base da escada, ele virou e viu o homem vindo em direção a ele. Richard procurou a faca embaixo do casaco que estava usando, apenas para lembrar então que não tinha sua faca. O soldado ainda estava com a silhueta destacada contra a porta aberta do celeiro.

Richard estava na escuridão e o homem provavelmente não conseguiria enxergá-lo. Silenciosamente ele afastou-se da escada.

Quando o soldado passou perto dele, Richard deu um passo atrás dele e esticou-se até o lado dele, agarrando a faca embainhada atrás do machado pendurado no cinto.

Richard sacou a faca cuidadosamente exatamente quando o homem parou e olhou para cima na escada para o palheiro.

Enquanto ele estava olhando para cima, Richard agarrou o cabelo dele com uma das mãos e fez um movimento veloz com a outra, cortando fundo a garganta do soldado antes que ele percebesse o que estava acontecendo. Richard segurou o homem firme enquanto ele debatia-se, um gorgolejar era o único som que vinha dele. Esticou o braço para trás, tentando freneticamente agarrar Richard por um momento antes que seus movimentos perdessem a energia e ele caísse mole.

– Anson, – Richard sussurrou em direção à escada quando deixou o homem escorregar até o chão. – vamos lá. Vamos embora.

Anson desceu a escada apressadamente, parando ao chegar embaixo e virando para ver a forma escura do homem morto espalhada no solo.

– O que aconteceu?

Richard levantou os olhos enquanto trabalhava para tirar o cinto de armas em volta do peso morto do soldado.

– Eu matei ele.

– Oh.

Richard entregou a faca, em sua bainha, para Anson. – Aqui está. Agora você tem uma arma de verdade… uma faca longa.

Richard rolou o soldado morto para puxar o cinto o resto do caminho de baixo do homem. Quando o cinto saiu, ele ouviu um barulho e virou bem a tempo de ver outro soldado correndo em direção a eles.

Anson bateu com o cabo da faca longa no peito do homem. O homem cambaleou para trás. Richard levantou rapidamente, trazendo o cinto de armas com ele. O soldado arfou tentando respirar quando segurou no cabo da faca. Ele caiu de joelhos pesadamente. Uma das mãos levantada no ar acima dele enquanto girava.

Soltando um suspiro final, ele caiu de lado.

Anson ficou parado olhando para o homem jogado no chão, a faca projetando-se do peito dele. Então, ele curvou-se, e arrancou a sua nova faca.

– Você está bem? – Richard sussurrou quando Anson levantou.

Anson assentiu. – Reconheço esse homem. Nós o chamávamos de Doninha. Ele mereceu morrer.

Richard bateu gentilmente atrás do ombro de Anson. – Você fez muito bem. Agora, vamos dar o fora daqui.

Quando eles voltavam subindo a rua, Richard pediu a Anson para aguardar enquanto ele checava os becos e entre baixas construções, procurando por soldados. Como um guia, Richard frequentemente fazia reconhecimento durante a noite. Na escuridão, ele estava em seu elemento.

A cidade era muito menor do que ele esperava.

Ela também era muito menos organizada do que ele pensou que seria, sem ordem aparente de onde as simples estruturas foram construídas. As ruas através da cidade desordenada, se podiam ser chamadas de ruas, eram na maioria dos casos pouco mais do que trilhas entre amontoados de pequenas construções simples. Ele viu alguns carrinhos, mas nada mais elaborado. Havia apenas uma estrada através da cidade, levando de volta ao celeiro onde eles recuperaram o antídoto e deram de encontro com os dois soldados, ela era suficientemente larga para acomodar uma carroça. Sua busca não mostrou soldados em patrulha.

– Você sabe se todos os homens da Ordem ficam juntos? – Richard perguntou quanto retornou até Anson, que esperava nas sombras.

– À noite eles entram. Dormem em nosso local, perto do lugar por onde entramos.

– Está falando daquela construção baixa onde os dois primeiros soldados entraram?

– Isso mesmo. É onde a maioria das pessoas costumavam reunirem-se durante a noite, mas agora os homens da Ordem usam o lugar.

Richard franziu a testa para o homem. – Quer dizer que todos vocês dormiam juntos?

Anson pareceu um pouco surpreso com a pergunta.

– Sim. Estávamos juntos sempre que possível. Muitas pessoas tinham uma casa onde podiam trabalhar, comer, e manter pertences, mas raramente dormiam nelas. Geralmente todos nós dormíamos nas casas de dormir onde nos reuníamos para conversarmos sobre o dia. Todos queriam ficar juntos. Às vezes pessoas dormiam em outro lugar, mas em maior parte nós dormimos juntos para que todos possam sentir-se seguros… de forma parecida como todos nós dormimos juntos durante a noite quando seguíamos nosso caminho saindo da passagem com a estátua.

– E todos simplesmente… deitam juntos?

Anson evitou os olhos dele. – Casais geralmente dormiam separados dos outros ficando um com o outro embaixo de um cobertor, mas eles ainda estavam juntos com nosso povo. Porém, no escuro, ninguém podia vê-los… juntos embaixo de um cobertor.

Richard teve dificuldade em imaginar esse modo de vida. – A cidade toda cabia dentro daquela construção para dormir? Tinha espaço suficiente?

– Não, havia muitos de nós para dormirem todos dentro de uma casa de dormir. Tem duas. – Anson apontou.

– Tem outra do lado daquela que você viu.

– Então vamos dar uma olhada.

Eles moveram-se rapidamente de volta em direção aos portões da cidade, como eles eram considerados, e em direção das casas de dormir.

A rua escura estava vazia. Richard não viu qualquer pessoa nos caminhos entre prédios. As pessoas que restaram na cidade aparentemente foram dormir ou estavam com medo de saírem na escuridão.

Uma porta em uma das pequenas casas abriu uma fresta, como se alguém lá dentro estivesse espiando. A porta abriu mais e uma figura magra correu em direção a eles.

– Anson! – surgiu a voz sussurrada.

Era um garoto, na casa dos dez anos. Ele caiu de joelhos e segurou o braço de Anson, beijando a mão dele com alegria em vê-lo.

– Anson, estou tão feliz que você esteja em casa! Sentimos muito a sua falta. Tivemos medo por você… medo de que você fosse assassinado.

Anson segurou o garoto pela camisa e fez ele levantar. – Bernie, estou bem e feliz em vê-lo bem, mas você deve entrar agora. Os homens o verão. Se pegarem você do lado de fora…

– Oh, por favor, Anson, venha dormir em nossa casa. Estamos tão sozinhos e com medo.

– Quem?

– Agora, somente eu e meu avô. Por favor entre e fique conosco.

– Agora eu não posso. Talvez uma outra vez.

Então o garoto olhou para Richard, e quando viu que não o reconhecia ele encolheu-se.

– Esse é um amigo meu, Bernie… de outra cidade. – Anson agachou ao lado do garoto. – Por favor, Bernie, eu voltarei, mas você deve voltar para dentro e ficar lá esta noite. Não saia. Estamos com

medo de que possa haver problemas. Fique lá dentro. Transmita ao seu avô as minhas palavras, está bem?

Bernie finalmente concordou e correu de volta entrando pelo portal escuro. Richard estava ansioso para sair da cidade antes que mais alguém surgisse para prestar seus respeitos.

Se ele e Anson não fossem cuidadosos, acabariam atraindo a atenção dos soldados.

Eles moveram-se rapidamente no resto do caminho subindo a rua, usando construções como cobertura. Encostado contra o lado de uma delas na cabeceira da rua, Richard espiou na esquina a baixa casa de dormir de pau a pique para onde os guardas haviam seguido. A porta estava aberta, deixando uma luz suave espalhar-se através do solo.

– Ali dentro? – Richard sussurrou. – Todos vocês dormiam ali dentro?

– Sim. Aquela é uma das casas de dormir, e além dela está a outra.

Richard pensou naquilo durante um momento. – Em cima do que você dormia?

– Feno. Geralmente colocávamos cobertores sobre ele. Trocávamos o feno com frequência para mantê-lo fresco, mas esses homens não se importam com isso. Dormem como animais sobre o feno velho sujo.

Richard olhou para os campos através dos portões abertos. Olhou de volta para a casa de dormir.

– E agora todos os soldados dormem ali dentro?

– Sim. Eles tomaram o lugar de nós. Disseram que ele seria seu aposento. Agora o nosso povo… aqueles que ainda vivem… devem dormir onde puderem.

Richard pediu que Anson aguardasse enquanto ele deslizava através das sombras, fora da luz da tocha, para checar a área além da construção. A segunda estrutura longa também tinha soldados

dentro rindo e conversando. Havia mais homens do que era necessário para guardar um lugar pequeno assim, mas Witherton era o portão de entrada para Bandakar… e o portão de saída.

– Vamos lá, – Richard disse quando apareceu ao lado de Anson. – vamos voltar até os outros. Eu tive uma ideia.

Quando seguiam caminho até o portão, Richard olhou para cima, como sempre fazia, para verificar o céu estrelado procurando qualquer sinal de Races de Bico Negro. Ao invés disso ele viu que o poste de cada lado do portão tinha um corpo pendurado pelos tornozelos. Quando Anson os viu, ele parou, congelado pelo horror da visão.

Richard pousou uma das mãos no ombro do homem e inclinou aproximando-se. – Você está bem?

Anson balançou a cabeça. – Não. Mas ficarei melhor quando os homens que chegam até nós e fazem coisas como essa estiverem mortos.

CAPÍTULO 48



Richard não sabia se o antídoto devia fazer ele sentir-se melhor, mas se devia, ele ainda não tinha feito seu trabalho. Enquanto eles rastejavam pelos campos escuros, seu peito ardia a cada respirar. Ele fez uma pausa e fechou os olhos brevemente por causa da dor de cabeça causada pelo seu Dom. Não queria outra coisa a não ser deitar, mas não havia tempo para isso. Todos avançaram mais uma vez assim que ele o fez, seguindo silenciosamente através dos campos do lado de fora de Witherton.

Foi uma sensação boa, pelo menos, ter a sua espada de volta, mesmo que ele temesse o pensamento de ter que sacá-la com medo de que sua magia não estivesse mais ali para ele. Assim que eles recuperassem as outras duas garrafas do antídoto e ele estivesse livre do veneno, então talvez eles conseguissem chegar até Nicci para que ela pudesse ajudá-lo a lidar com seu Dom.

Ele tentou não preocupar-se se uma feiticeira poderia ajudar um mago uma vez que o Dom dele tivesse ficado fora de controle, como o dele ficara. Nicci tinha vasta experiência. Logo que chegasse até ela, ela poderia ajudá-lo. Mesmo se ela não pudesse ajudá-lo, ele sentia-se confiante de que ela pelo menos saberia o que ele precisaria fazer para conseguir a ajuda de que necessitava. Afinal de contas, uma vez ela foi uma Irmã da Luz; o objetivo das Irmãs da Luz era ajudar aqueles com o Dom a aprenderem a controlá-lo.

– Acho que vejo o muro exterior. – Kahlan falou em voz baixa.

– Sim, aquele é o lugar. – Richard apontou. – Ali está o portão. Está vendo?

– Acho que sim. – ela sussurrou de volta.

Era uma noite escura, sem lua. Embora os outros estivessem sentindo dificuldade em ver muita coisa enquanto avançavam através do escuro, Richard estava agradecido pelas condições. A luz das estrelas era suficiente para que ele enxergasse, mas ele achava que não era suficiente para ajudar os soldados a enxergá-los.

Conforme eles rastejavam chegando mais perto, a casa de dormir entrava no campo de visão através do portão aberto. A tocha ainda ardia do lado de fora da porta para a construção onde os soldados dormiam. Richard sinalizou para que todos se aproximassem. Todos agacharam bem. Ele segurou a camisa de Anson no ombro e puxou-o mais perto ainda, então fez a mesma coisa com Owen.

Agora ambos carregavam machados de batalha. Anson também carregava a faca que ganhara. O resto dos homens estavam com as armas que ajudaram a terminar de fabricar.

Quando Richard e Anson retornaram até a clareira da floresta, Anson havia contado aos homens que aguardavam tudo que aconteceu. Quando falou que matara o homem chamado Doninha, Richard prendeu a respiração, sem saber exatamente como os homens reagiriam ao ouvirem que um deles tinha assassinado um homem. Houve um momento de surpreso silêncio, e então uma alegria espontânea com o feito.

Cada homem queria apertar a mão de Anson para parabenizá-lo, para dizer a ele como estavam orgulhosos.

Naquele momento, quaisquer dúvidas que Richard carregasse desapareceram. Ele esperou que os homens celebrassem rapidamente enquanto aguardava que a noite ficasse mais escura, e então eles haviam partido através dos campos.

Essa foi a noite em que Witherton ganhou sua liberdade.

Richard olhou ao redor para todas as formas escuras.

– Agora, muito bem, lembrem de todas as coisas que falei a vocês. Devem permanecer quietos e segurar os portões com firmeza enquanto Anson e Owen cortam a corda que os sustentam. Tenham cuidado para não deixarem os portões caírem assim que as cordas forem cortadas.

Na fraca luz das estrelas Richard só conseguia distinguir os homens assentindo diante de suas instruções. Richard checou o céu cuidadosamente, procurando qualquer sinal de Races de Bico Negro. Não viu qualquer sinal. Fazia um longo tempo desde que ele tinha visto qualquer Race.

Parecia que o truque de entrar na floresta pouco antes que eles mudassem a sua rota esperada e ter o cuidado de ficar fora de vista do céu havia funcionado. Era possível que eles tivessem obtido sucesso em escapulir sob a vigilância de Nicholas, o Deslizador. Se eles realmente tivessem escapado da observação dele, então ele não saberia onde começar a procurar por eles.

Richard apertou brevemente a mão de Kahlan e então partiu em direção da abertura no muro da cidade. Cara agachou bem perto do outro lado dele. Tom estava na traseira, junto com Jennsen, para garantir que não houvesse surpresas na retaguarda.

Eles deixaram Betty não apenas amarrada, mas confinada em um cercado improvisado para que ela não seguisse atrás deles e entregasse a sua posição no momento errado. A cabra ficou revoltado por ser deixada para trás, mas com vidas em risco eles não podiam arriscar que a cabra de Jennsen causasse problemas. Ela ficaria bastante feliz depois que eles retornassem.

Quando eles alcançaram os campos perto dos portões da cidade, Richard fez sinal para que todos abaixassem e ficassem onde estavam. Junto com Tom, Richard foi até os portões, escondido na sombra do muro. Havia um soldado logo ali do lado de dentro do portão, caminhando lentamente em seu dever noturno solitário de

sentinela. Ele não estava sendo muito cuidadoso, ou não estaria exercendo esse dever sob a luz da tocha.

Quando o soldado virou para caminhar afastando-se deles, Tom esgueirou-se por trás do homem e silenciou-o rapidamente. Enquanto Tom arrastava o homem morto através dos portões para escondê-lo na escuridão do lado de fora do muro, Richard cruzou os portões, permanecendo nas sombras e longe da tocha que ardia do lado de fora da casa de dormir. A porta para a casa de dormir ficou aberta, mas luz ou som algum vinha do interior.

Tão tarde, os homens estavam dormindo pesado.

Ele moveu-se passando pela primeira longa construção até a segunda, e ali encontrou outro guarda. Velozmente, silenciosamente, Richard agarrou o homem e cortou sua garganta, segurando-o com firmeza enquanto ele debatia-se. Quando ele finalmente ficou mole, Richard colocou-o na escuridão na cabeceira da segunda casa de dormir, fazendo a curva no canto da casa longe da luz da tocha.

Ao longe, os homens já estavam nos portões, segurando-os enquanto Anson e Owen trabalhavam rapidamente cortando as cordas que agiam como dobradiças. Em momentos, as duas seções do portão estavam livres. Richard podia ouvir os suaves grunhidos de esforço quando os portões foram movidos pelos dois grupos de homens.

Jennsen entregou a Richard seu arco, a corda já estava esticada. Entregou a ele uma das flechas especiais, mantendo o resto delas de prontidão.

Kahlan seguiu até a tocha no poste do lado de fora da primeira construção e acendeu várias tochas pequenas, passando cada uma delas aos homens. Ela ficou com uma.

Richard preparou a flecha e então olhou ao redor para os rostos que pareciam flutuar diante dele na luz bruxuleante das tochas. Em resposta para a pergunta não pronunciada, todos assentiram confirmando que estavam prontos. Ele checou os homens

equilibrando os dois portões e viu eles fazerem um sinal. Com o arco na mão, com o punho segurando a flecha no lugar, Richard fez sinais com a mão para os homens, fazendo eles entrarem em movimento.

O que tinha sido uma lenta, cuidadosa aproximação vindo da floresta para dentro da cidade repentinamente transformou-se em uma corrida.

Richard manteve a cabeça da flecha preparada no arco na chama da tocha que Kahlan segurava para ele. Assim que ela acendeu, ele correu até a porta aberta da casa de dormir, inclinou-se na escuridão, e lançou a flecha em direção aos fundos.

Enquanto a flecha ardente voava através do prédio, ela iluminou fileiras de homens dormindo na cama de feno. A flecha pousou na outra extremidade, espalhando chamas no feno. Algumas cabeças ergueram-se diante da visão confusa. Jennsen entregou a Richard outra. Imediatamente ele puxou a corda até a bochecha e a flecha disparou em direção ao meio do lugar.

Quando Richard afastou-se do portal, dois homens com tochas, pingando gotas de piche em chamas, lançaram-nas ali dentro. Elas sibilaram quando voavam através do ar, pousando no meio dos homens adormecidos, quicando e rolando pelo feno, iniciando uma parede de chamas.

Em questão de poucos momentos desde o início do ataque, a primeira casa de dormir estava pegando fogo de uma ponta até a outra. A maior chama, propositalmente, era a chama espalhada pelas tochas com piche, no final da construção mais perto da porta. Gritos confusos vieram do interior, abafados pelas grossas paredes. Os soldados adormecidos levantaram desajeitadamente.

Richard checou que os homens com os portões pesados estavam chegando; então ele correu ao redor da casa de dormir até a segunda construção. Jennsen, seguindo logo atrás, entregou a ele uma flecha, as chamas em volta da cabeça dela coberta por tecido enrolado umedecido com óleo faziam barulho enquanto ele corria.

Um dos homens dele tirou a tocha do suporte do lado de fora da construção onde o guarda que Richard matou estava patrulhando. Richard inclinou no portal apenas para ver um grande homem correndo em direção a ele vindo do escuro interior. Richard pressionou as costas contra a jamba da porta e chutou o homem no peito, empurrando-o para trás.

Richard puxou a corda do arco e lançou a flecha ardente no interior. Quando ela iluminava o interior em seu voo através da construção, ele conseguiu ver que alguns dos homens tinham acordado e estavam levantando. Virando para pegar a segunda flecha flamejante de Jennsen, ele viu fumaça saindo da primeira construção. Logo que esticou a corda até a bochecha e soltou a segunda flecha, ele afastou-se e os homens lançaram as tochas para dentro.

Uma tocha caiu de volta do lado de fora do portal. Ela havia ricocheteado no peito de um homem que corria até o portal para ver o que estava acontecendo. O piche da tocha fez a barba gordurosa dele pegar fogo. Ele soltou um grito de gelar o sangue. Richard chutou ele de volta para dentro. Em um instante, dúzias de homens estavam correndo até a porta, não apenas para escapar do prédio em chamas, mas para encarar o ataque. Richard viu o brilho de armas sendo sacadas.

Ele correu do portal quando os homens carregando a pesada seção do portão chegaram. Eles giraram o portão de lado e engataram ele sob as calhas, mas antes que eles pudessem abaixar a parte inferior para apoiá-la contra o solo, o peso de homens que rugiam ali dentro chocou-se contra a seção do portão e empurrou-o para trás. Os homens que o carregavam caíram, o peso derrubando-os, o portão pousou sobre eles.

De repente, homens estavam cruzando o portal. Os homens de Richard estavam prontos e caíram sobre eles, enfiando as armas de madeira nos estômagos macios e quebrando os cabos enquanto

homem após homem passava pelo portal. Posicionados dos lados da porta, outros usavam suas maças para esmagar os crânios de soldados que emergiam. Quando um soldado vinha com sua espada erguida, o homem do lado golpeava o braço dele com uma clava enquanto outro avançava e enterrava uma estaca de madeira embaixo das costelas dele. Quanto mais homens caíam no portal, mais lentos ficavam aqueles que tentavam sair e eles podiam ser despachados.

Os soldados estavam tão surpresos em ver aquelas pessoas lutarem que em alguns casos eles combatiam de forma ineficaz. Quando um soldado saltava por ciam dos corpos no portal e levantava uma espada, um homem pulava sobre a costa dele e segurava seu braço enquanto outro o esfaqueava. Outro, gritando ordens, avançou sobre Jennsen, apenas para ter a flecha de uma besta disparada no seu rosto.

Alguns soldados escapavam da construção em chamas e conseguiam passar pelos homens de Richard somente para encontrar o Agiel de Cara. Seus gritos, piores do que os gritos dos homens pegando fogo, atraíam brevemente o olhar dos homens, dos dois lados da batalha.

Facas e espadas caídas eram recolhidas pelos homens da cidade e usadas contra os homens da Ordem Imperial. Richard lançou uma flecha no meio do peito de um homem que emergia da fumaça que brotava do portal. Quando ele estava caindo, uma segunda flecha derrubou o homem atrás dele.

Conforme mais homens corriam para fora, eles caíam sobre aqueles empilhados ao redor do portal e eram golpeados até a morte com machados ou perfurados por espadas confiscadas. Uma vez que eles só podiam sair um de cada vez, os soldados não conseguiam montar um ataque coordenado, mas aqueles que aguardavam conseguiam.

Enquanto os homens de Richard combatiam aqueles que lutavam para sair através do portal da construção em chamas, outros homens correram para ajudar a erguer o portão para que aqueles embaixo dele pudessem levantar e assumir o controle dele. Logo que o portão foi levantado, os homens o giraram e, com um grito de esforço conjunto, correram com ele em direção ao prédio. Enfiaram o topo sob as calhas, primeiro, mas quando abaixaram a parte inferior, os corpos empilhados no portal impediram que eles conseguissem abaixar totalmente para firmá-lo no lugar.

Richard gritou ordens. Alguns dos seus homens rapidamente pegaram um braço ou uma perna e arrastaram alguns corpos para que os outros finalmente pudessem descer a parte inferior do portão para selar a abertura.

Um homem do interior espremeu-se para fora pouco antes que eles firmassem o portão no lugar. O peso do portão prendeu ele contra o prédio. Owen inclinou-se e com a espada que ele havia recolhido decididamente cortou a garganta do homem.

Enquanto homens lá dentro batiam no portão que cobria o portal e lançavam o seu peso contra ele, homens do lado de fora amontoavam-se para empurrá-lo para baixo e mantê-lo no lugar. Outros homens ajoelhavam e enterravam estacas no solo para travar a seção do portão no lugar, prendendo os soldados lá dentro. Atrás, línguas de fogo projetavam-se por baixo das calhas da primeira construção e subiam ao céu noturno. O teto da construção pegou fogo de uma vez, engolfando explosivamente toda a casa de dormir em centelhas e chamas. Gritos de homens sendo queimados vivos cortavam a noite.

As ondas de calor vindo do fogo massivo enquanto a primeira construção era consumida pelas chamas começaram a espalhar o pesado aroma de carne assando. Isso fez Richard lembrar que, pela matança que realizava, seu Dom exigia o equilíbrio de não comer carne. Depois de toda a matança dessa noite, uma vez que seu

Dom já estava fora de controle, ele teria que ser mais cuidadoso ainda em evitar comer qualquer carne.

Sua cabeça já estava doendo tanto que estava sentindo dificuldade em focar a sua visão; não podia arriscar-se a fazer algo que mais tarde fosse desequilibrar o seu Dom. Se não tivesse cuidado, o veneno não teria a chance de ser o primeiro a matá-lo.

Pesada fumaça negra escapava ao redor das bordas do portão que cobria o portal da segunda casa de dormir. Gritos e pedidos vinham do interior. Os homens da cidade recuaram, observando, enquanto a fumaça começava a jorrar por baixo das calhas. A batalha pareceu ter acabado tão rapidamente quanto começara.

Ninguém falou enquanto eles ficavam parados no brilho severo das chamas que rugiam. As chamas espalharam-se através da segunda construção. Com um som alto ela foi engolida pelo fogo.

O calor fez todos recuarem para longe das duas casas de dormir. Quando eles afastaram-se das construções ardentes, encontraram o resto das pessoas da cidade, todas reunidas nas sombras, observando em surpreso silêncio.

Um dos homens mais velhos deu um passo adiante.

– Orador Owen, o que é isso? Você cometeu violência?

Owen afastou-se dos homens com quem estava para ficar diante do povo de sua cidade. Levantou um braço para trás, apontando em direção a Richard.

– Esse é Lorde Rahl, do Império D'Haran. Fui em busca dele para nos ajudar a sermos livres. Temos muito para falar a vocês, mas por enquanto vocês devem saber que esta noite, pela primeira vez em muitas estações, a nossa cidade está livre.

– Sim, nós ajudamos Lorde Rahl a matar os homens malignos que nos aterrorizavam. Vingamos as mortes de nossos entes queridos. Não seremos mais vítimas. Seremos livres!

Parados em silêncio, as pessoas pareciam capazes apenas de olhar fixamente para ele. Muitos pareciam confusos. Alguns

pareciam levemente alegres, mas a maioria parecia admirada.

O garoto, Bernie, correu até Anson, olhando com expressão de surpresa. – Anson, você e nossas outras pessoas nos libertaram? De verdade?

– Sim. – ele pousou uma das mãos no ombro de Bernie. – Agora nossa cidade está livre.

– Obrigado. – ele abriu um sorriso quando virou de volta para o povo da cidade. – Estamos livres dos assassinos!

Um repentino grito de alegria ecoou na noite, abafando o som das chamas crepitantes. As pessoas espalharam-se em volta das pessoas que não viam há meses, tocando-os, abraçando-os, todos fazendo perguntas aos homens.

Richard pegou a mão de Kahlan quando saiu do caminho, juntando-se a Cara, Jennsen, e Tom.

Essas pessoas que eram tão contra a violência, que viviam toda a sua vida evitando a verdade do que as suas crenças causaram, agora estavam desfrutando da alegria do que realmente significava ser libertado do terror e da violência.

Pessoas lentamente deixaram seus homens para vir e olhar para Richard e aqueles que estavam com ele. Ele e Kahlan sorriram diante da óbvia alegria deles. Eles reuniram-se diante dele, sorrindo, observando, como se Richard e aqueles que estavam com ele fossem algumas estranhas criaturas de longe.

Bernie estava agarrado ao braço de Anson.

Outros estavam com o resto dos homens firmemente abraçados. Entretanto, um a um os homens começaram a sair para que pudessem ficar atrás de Richard e Kahlan.

– Estamos tão felizes que agora vocês estejam em casa. – pessoas estavam falando aos homens. – Temos vocês de volta, finalmente.

– Agora estamos todos juntos novamente. – disse Bernie.

– Não podemos ficar. – Anson falou para ele.

Todos na multidão ficaram em silêncio.

Bernie, como muitos dos outros, pareceu triste. – O quê?

Sussurros de preocupação espalharam-se através da multidão. Todos estavam chocados com a notícia de que os homens não estavam em casa para ficar.

Owen levantou uma das mãos para que eles escutassem. Quando eles ficaram em silêncio, ele explicou.

– O povo de Bandakar ainda está sob o cruel poder dos homens da Ordem. Exatamente como vocês ficaram livres esta noite, o resto do povo de Bandakar deve ficar livre.

– Lorde Rahl e sua esposa, a Madre Confessora, assim como a amiga e protetora dele, Cara, a irmã dele, Jennsen, e Tom, outro amigo e protetor, todos concordaram em nos ajudar. Eles não podem fazer isso sozinhos. Devemos fazer parte disso, pois essa é nossa terra, mas o mais importante, nosso povo, nossos entes queridos.

– Owen, você não deve engajar-se na violência. – um homem mais velho disse. Em vista da repentina liberdade deles, essa não foi uma declaração enfática. Pareceu mais uma objeção por obrigação do que outra coisa. – Você iniciou um ciclo de violência. Uma coisa assim é errada.

– Falaremos com vocês antes que partamos, para que vocês entendam, como nós, porque devemos fazer isso para ficarmos verdadeiramente livres da violência e brutalidade. Lorde Rahl nos mostrou que um ciclo de violência não é o resultado de revidar para defender a própria vida, mas é resultado de negarmos fazer o que é necessário para esmagar aqueles que matariam você. Se fizer o que deve fazer por si mesmo e por seus entes queridos, então você erradicará o inimigo tão completamente que ele não poderá mais fazer mal a você. Então, não haverá ciclo de violência, mas o fim da violência. Então, e somente então, a paz e liberdade verdadeiras criarão raízes.

– Tais ações jamais podem realizar qualquer coisa a não ser iniciar a violência. – um homem idoso objetou.

– Olhe ao redor. – disse Anson. – A violência não começou esta noite, ela acabou. A violência foi esmagada, como devia ser, esmagando os homens malignos que lançaram isso sobre nós.

Pessoas assentiram umas para as outras, o grande alívio de subitamente serem libertadas das garras do terror gerado pelos soldados da Ordem Imperial claramente abafou suas objeções. A alegria tinha superado o medo. A realidade de terem suas vidas devolvidas abriu seus olhos.

– Mas você deve entender, como nós passamos a entender, – falou Owen. – que nada jamais pode ser como foi um dia. Aqueles costumes estão no passado.

Richard notou os homens não estavam mais encolhidos. Estavam com as cabeças erguidas.

– Nós escolhemos viver. – Owen falou para seu povo. – Ao fazermos isso, encontramos a verdadeira liberdade.

– Acho que todos nós encontramos. – falou o homem idoso na multidão.

CAPÍTULO 49



Zedd franziu a testa com o esforço de concentrar-se no que seria aquilo que a Irmã Tahirah havia colocado sobre a mesa diante dele. Ele olhou para ela, para o modo como sua expressão raivosa marcava o nariz empinado dela.

– Bem? – ela pressionou.

Zedd olhou para baixo, forçando os olhos na coisa em frente a ele. Parecia como uma bola coberta por couro pintado com linhas desbotadas azuis e cor de rosa em zigue e zague.

O que havia naquilo que parecia tão familiar, e ainda assim tão distante?

Ele piscou, tentando focar melhor os olhos. Seu pescoço estava doendo bastante. Um pai, ouvindo seu filho jovem na tenda seguinte gritando em pavorosa agonia, tinha agarrado Zedd pelo cabelo e puxado ele para longe de outros pais que, puxavam e batiam nele, fez seus próprios pedidos desesperados. Por causa dos músculos torcidos em seu pescoço, era doloroso manter a cabeça erguida. Porém, comparado com a tortura que ele ouvia, isso era nada.

O interior da tenda, fracamente iluminado por várias lamparinas penduradas em postes, parecia como se estivesse desconectado do solo e girando ao redor dele.

O lugar sujo fedia. O calor e a humidade apenas deixavam o cheiro, e o rodopio, piores. Zedd sentiu como se fosse desmaiar.

Fazia tanto tempo desde que ele dormira que não conseguia ao menos lembrar da última vez em que havia deitado realmente. O

único descanso que teve foi quando adormeceu na cadeira enquanto a Irmã Tahirah estava cuidando para que outro objeto fosse descarregado das carroças, ou quando ela foi para cama e a outra Irmã ainda não tinha chegado para assumir a parte seguinte da laboriosa catalogação dos itens trazidos da Fortaleza. Os cochilos que ele tirava raramente eram mais longos do que alguns preciosos minutos por vez. Os guardas tinham ordens de não permitirem que ele ou Adie deitassem.

Pelo menos os gritos das crianças terminaram.

Pelo menos, enquanto ele cooperasse, aqueles gritos de dor cessaram. Pelo menos, enquanto ele continuasse, os pais tinham esperança.

Uma violenta onda de dor repentinamente atingiu o lado da cabeça dele, atirando-o para trás. A cadeira virou, lançando ele ao chão. Com os braços amarrados atrás das costas, ele não pode fazer qualquer coisa para interromper a queda e bateu com força. Os ouvidos de Zedd zuniram, não apenas por causa da queda, mas com o efeito residual do golpe do poder da Irmã lançado através da coleira em seu pescoço.

Odiava aquele terrível instrumento de controle. As Irmãs não sentiam timidez em exercer esse controle.

Porque a coleira o impedia de usar o seu próprio Dom, ele não conseguia usar a sua habilidade para defender-se. Ao invés disso, elas usavam o seu próprio poder contra ele.

Era necessária pouca ou provocação alguma para que as Irmãs ficassem violentas. Muitas dessas mulheres um dia foram pessoas gentis que devotavam suas vidas a ajudar outras. Jagang as escravizara em uma causa diferente. Agora elas faziam a vontade dele.

Embora um dia pudessem ter sido gentis, agora elas estavam, ele sabia, tentando manterem-se um passo adiante da disciplina que

Jagang aplicava nelas. Essa disciplina podia ser excruciante além do suportável.

As Irmãs deviam obter resultados; Jagang não ficaria interessado na desculpa de que Zedd estava sendo difícil.

Zedd viu que Adie, também havia sido derrubada ao chão. Qualquer punição que ele recebia, ela também enfrentava. Ele sentia mais agonia por ela do que por si mesmo.

Soldados parados ali perto moveram-se para endireitar a cadeira e colocar Zedd nela. Com os braços presos atrás das costas, ele não podia levantar sozinho. Eles o sentaram com dureza suficiente para arrancar um grunhido dos pulmões dele.

– Então? – exigiu a Irmã Tahirah. – O que é isso?

Zedd inclinou-se mais uma vez, olhando para o objeto arredondado sozinho no centro da mesa. As linhas desbotadas azuis e cor de rosa em zigue e zague em toda a sua superfície invocavam profundos sentimentos. Ele achou que devia conhecer essa coisa.

– Isso é… Isso é…

– É o quê! – a Irmã Tahirah bateu com o livro na borda da mesa, fazendo o objeto arredondado saltar e rolar algumas polegadas antes de parar mais perto de Zedd. Ela enfiou o livro embaixo de um braço quando curvou-se com o outro sobre a mesa. Ela inclinou-se em direção a ele.

– O que é isso? O que isso faz?

– Eu… eu não consigo lembrar.

– Gostaria que eu fosse buscar algumas crianças, – a Irmã falou com o suave tom de uma ameaça muito triste. – e mostrasse a você os rostinhos delas, antes que elas sejam levadas até a tenda perto de nós para serem torturadas?

– Estou tão cansado. – ele disse. – Estou tentando lembrar, mas estou tão cansado.

– Talvez enquanto as crianças gritam, você gostaria de explicar aos pais delas que está cansado e simplesmente não

consegue lembrar.

Crianças. Pais.

De repente Zedd lembrou o que era o objeto.

Lembranças dolorosas emergiram. Ele sentiu uma lágrima descer por sua bochecha.

– Queridos espíritos, – ele sussurrou. – onde você encontrou isso?

– O que é isso?

– Onde você encontrou isso? – Zedd repetiu.

Bufando com impaciência, a Irmã endireitou o corpo.

Ela abriu o livro e fez um barulhento espetáculo virando as páginas com violência. Finalmente, ela parou e bateu com um dedo no livro aberto.

– Aqui diz que isso foi encontrado escondido em um recesso aberto, atrás de um baú negro com seis gavetas em um corredor. Havia uma tapeçaria de três cavalos brancos galopando acima do baú.

Ela abaixou o livro. – Agora, o que é isso?

Zedd engoliu em seco. – Uma bola.

A Irmã olhou furiosa. – Eu sei que é uma bola, seu velho tolo. Para que ela serve? O que ela faz? Qual é o propósito dela?

Olhando para a bola que não era maior do que seu punho, Zedd lembrou. – É uma bola para crianças brincarem. Seu propósito é dar alegria a elas.

Ele lembrava dessa bola, de cores bastante vivas naquela época, descendo com frequência os corredores da Fortaleza do Mago, sua filha rindo e correndo atrás dela. Deu essa bola a ela porque estava indo bem nos estudos. Às vezes ela a fazia rolar pelos corredores, empurrando-a com uma varinha, como se ela fosse um animal de estimação que andava. A coisa que ela mais gostava de fazer era quicar com ela no chão para que batesse contra uma

parede, e depois ela batesse em outra parede em um cruzamento de corredores.

Desse jeito ela fazia com que a bola dobrasse em uma esquina. Ela observava para qual corredor a bola seguia, esquerdo ou direito, e então corria atrás.

Uma dia ela aproximou-se dele chorando. Ele pediu que ela contasse qual era o problema. Ela subiu no colo dele e disse que sua bola tinha entrado em algum lugar e perdera-se. Ela queria que ele a encontrasse. Zedd falou que se ela procurasse, provavelmente a encontraria. Ela passou dias desesperada vagando pelos corredores da Fortaleza, procurando.

Não conseguiu encontrá-la.

Finalmente, saindo uma manhã ao nascer do sol, Zedd fez a longa caminhada descendo até a cidade de Aydindril, até o mercado da Rua Stentor. Ali foi onde ele encontrara uma banca onde vendiam esse tipo de brinquedos e encontrara a bola com as linhas em zigue e zague. Ali ela comprou outra para ela… não era igual, ao invés disso era uma com estrelas cor de rosa e verdes. Deliberadamente ele escolheu uma bola diferente daquela que ela perdera porque não queria que ela achasse que desejos podiam ser atendidos miraculosamente, ele queria que ela soubesse que havia soluções que podiam resolver problemas.

Lembrou de sua filha abraçando suas pernas, agradecendo pela nova bola, dizendo a ele que ele era o melhor pai do mundo e que ela seria muito mais cuidadosa com a nova bola e jamais a perderia. Ele tinha sorrido enquanto observava ela colocar uma pequenina mão sobre o coração e recitar um juramento de garotinha que inventara naquele momento.

Ela adorava a bola com estrelas cor de rosa e verdes. Uma vez que ela era pequena, foi uma das poucas coisas que ela conseguiu levar, depois que crescera, quando ela e Zedd fugiram para Westland, depois que Darken Rahl estuprou-a.

Quando Richard era jovem, ele brincou com aquela bola. Zedd lembrou do sorriso no rosto da sua filha enquanto ela observava sua própria criança brincar com aquela preciosa bola. Zedd podia ver nos belos olhos dela as lembranças de sua própria infância enquanto ela via Richard brincar. Ela guardara aquela bola durante toda a sua vida, guardou-a até morrer.

Essa bola diante dele era a mesma que sua filha havia perdido. Devia ter quicado atrás do baú e caído dentro de um recesso atrás dele, onde estivera durante todos aqueles longos anos.

Zedd inclinou para frente, descansando sua testa sobre a bola empoeirada cheia de linhas desbotadas azuis e rosa em zigue e zague, a bola que um dia os pequeninos dedos dela seguraram, e chorou.

A Irmã Tahirah agarrou o cabelo dele e fez ele levantar o corpo. – Não acredito que você esteja dizendo a verdade. Esse é um objeto de magia. Quero saber o que é e o que isso faz. – segurando a cabeça dele para trás, ela olhou dentro dos seus olhos. – Sabe que eu não hesitarei em fazer o que for necessário para convencê-lo a cooperar. Sua Excelência não aceita desculpas para o fracasso.

Zedd olhou fixamente para ela, enxugando as lágrimas ao piscar.

– É uma bola, um brinquedo. É tudo que isso é.

Com uma risada, ela o soltou. – O grande e poderoso Mago Zorander. – ela balançou a cabeça. – E pensar que um dia tivemos medo de você. Você é um velho patético, a sua coragem é esmagada por nada mais que o grito de uma criança. – ela suspirou. – Devo dizer, a sua reputação excede muito a realidade da sua fibra.

A Irmã pegou a bola, girando-a nos dedos enquanto a inspecionava. Ela bufou com desgosto e atirou-a para um lado, como se ela não tivesse valor. Zedd observou a bola quicar e rolar pelo chão, indo parar no lado da tenda, encostada no banco onde Adie sentava. Ele olhou nos olhos completamente brancos dela para ver

que ela o estava observando. Zedd desviou o olhar, aguardando enquanto a Irmã fazia anotações em seu livro.

– Muito bem, – finalmente ela disse. – vamos dar uma olhada no que eles descarregaram na próxima tenda.

Os soldados o ergueram da cadeira antes que ele tivesse a chance de tentar fazer isso. Seus ombros doíam por seus braços estarem amarrados atrás de suas costas e por ser erguido pelos braços. Adie também foi colocada em pé. O livro fechou. O cabelo grisalho da Irmã Tahirah chicoteou quando ela virou e levou-os para fora da tenda.

Porque as Irmãs sabiam como poderiam ser perigosos os itens de magia da Fortaleza do Mago, especialmente se a combinação errada de magia acidentalmente tivesse permissão de combinarem-se ou tocarem-se, elas foram bastante cuidadosas para trazerem os itens, um de cada vez, em seu próprio caixote protegido por escudo nas carroças. Zedd sabia que havia coisas na Fortaleza que, sozinhas, não eram perigosas, mas tornavam-se perigosas na presença de outras coisas que, sozinhas, também não eram perigosas. Às vezes era somente a combinação de itens específicos que criava um resultado desejado.

As Irmãs tinham vasta experiência nas coisas de magia mais esotéricas e então elas entendiam pelo menos os princípios envolvidos. Elas trataram a carga com o cuidado devido a itens potencialmente danosos. Assim que cada objeto era retirado do caixote, eles o colocavam, sozinho, em uma tenda para aguardar o exame. Elas levavam Zedd e Adie de tenda em tenda para que Zedd pudesse identificar cada tesouro, dizer a elas o que era, explicar como funcionava.

Estiveram fazendo isso durante dias… quantos, Zedd não conseguia lembrar. A despeito de seus melhores esforços, os dias e noite sem fim começaram a misturar em sua mente.

Zedd fez tudo que podia para atrasá-las, mas não havia muita coisa que ele pudesse fazer. Essas mulheres conheciam a magia.

Não seriam facilmente enganadas por qualquer explicação inventada. Elas deixaram bem claro as consequências de uma tentativa de enganá-las.

E, Zedd não tinha ideia do quanto elas sabiam. Às vezes elas fingiam ignorância de algo que na verdade entendiam muito bem, só para verem se ele estava dizendo a verdade.

Felizmente, até agora, elas não descobriram alguma coisa que fosse extremamente perigosa. A maioria dos itens dos caixotes eram objetos de aparência simples, que na verdade eram para um propósito mais focado… uma vara que podia julgar a profundidade da água em um poço, um enfeite de ferro com a forma de uma coroa de flores, que impedia palavras de escaparem além de uma porta aberta onde era colocado, um largo espelho que revelava quando uma pessoa entrava em outra sala. Ainda que fossem possivelmente úteis ao Imperador Jagang, esses itens não eram tão valiosos ou perigosos; não ajudariam ele a conquistar e governar o mundo.

As coisas perigosas que as Irmãs removeram dos caixotes e mostraram a ele não eram realmente qualquer coisa que uma Irmã não conseguiria facilmente reproduzir com um feitiço próprio. O item mais perigoso havia sido um feitiço construído guardado dentro de um vaso ornamentado que, sob condições específicas, como o momento em que o vaso fosse preenchido com água, criava uma inversão de temperatura que produzia um jato de fogo. Zedd não estava traindo sua causa ou colocando vidas inocentes em risco ao revelar como o feitiço funcionava; qualquer Irmã competente poderia reproduzir o mesmo efeito. O propósito do feitiço era protetor; se ele tivesse tocado em outros itens roubados, que, porque eram roubados, eram o inverso da propriedade pretendida que esse

feitiço reconhecia, o feitiço teria disparado e destruído aqueles itens, impedindo que eles fossem parar em mãos cobiçosas.

Nenhuma das coisas descobertas até agora faria algum bem real a Jagang. Porém, havia coisas na Fortaleza que poderiam causar mal a ele. Havia feitiços lá, parecidos com o feitiço construído no vaso, que reconheciam a natureza da pessoa que invocava sua magia. Abertas pela pessoa certa, como Zedd, aquelas coisas não teriam efeito, mas, abertas por um ladrão, elas criariam calamidade.

A Fortaleza tinha milhares de salas. A pilhagem dela havia fornecido para a Ordem Imperial uma caravana de carroças carregadas, mas até mesmo isso malmente arranhava a superfície do conteúdo da Fortaleza.

Até agora, Zedd não tinha visto qualquer ameixa. Ele não sabia se viveria para ver alguma. A jornada na caixa após a sua captura foi brutal.

Ainda não estava recuperado dos ferimentos infligidos depois do encontro com Jagang. Guardas deixaram os pais fazerem o que desejassem para convencer Zedd e Adie a renderem-se, mas eles não permitiriam que os pais fossem longe demais e matassem prisioneiros tão valiosos. Os pais sabiam que não deviam matá-los, mas no calor de uma paixão tão furiosa, Zedd sabia que ordens como essas eram facilmente esquecidas. Zedd ansiou que eles o matassem e acabassem com isso. O Imperador, entretanto, precisava deles vivos, então os guardas mantiveram cuidadosa vigília.

Após as primeiras horas horríveis ouvindo as crianças sendo submetidas à tortura, de estarem entre os pais delas, que compreensivelmente exigiam, muito forçadamente, que ele cooperasse e contasse ao Imperador o que ele queria saber, Zedd havia desistido… não para atender aos pais e sim para fazer com que aqueles homens brutais parassem o que estavam fazendo com as crianças.

Percebera que não havia o que perder, na verdade, entregando-se. Isso fez parar a tortura das crianças por enquanto. A Fortaleza era vasta; as coisas que eles trouxeram eram apenas uma pequena parcela delas. Zedd concluiu que a caravana de carroças provavelmente não tinha algo de real valor para Jagang. Levaria bastante tempo para catalogar tudo… poderia levar semanas antes que chegassem ao último item. Não havia propósito em permitir que as crianças enfrentassem a tortura quando poderia não haver algo útil para que Zedd entregasse a Jagang.

Uma vez, quando eles estavam sozinhos enquanto a Irmã foi checar os preparativos na tenda seguinte, Adie perguntou o que ele faria se eles o presenteassem com alguma coisa que fosse materialmente ajudar Jagang a vencer. Zedd não tivera chance de responder; os soldados entraram e então levaram os dois até a Irmã na tenda seguinte.

Ele esperava atrasar o processo o tempo que fosse possível. Não contava em como eles continuariam com aquilo dia e noite.

Às vezes levava bastante tempo para que as Irmãs fossem até o tesouro seguinte e estivessem com ele pronto.

Elas eram compreensivelmente cautelosas e não arriscavam-se. Aqueles estranhos homens sem qualquer traço do Dom que ajudaram eles podiam não ser machucados se qualquer item de magia acidentalmente fosse ativado, mas todos os outros certamente estavam vulneráveis.

Cuidadosas como eram, sempre havia pessoas o suficiente trabalhando nos preparativos para que Zedd e Adie não tivessem permissão para dormirem muito tempo antes que fossem levados para desvendar o enigma seguinte para elas.

Enquanto ele e Adie eram arrastados através do acampamento escuro até a tenda seguinte, as pernas de Zedd dificilmente o sustentariam. Ver a bola há muito perdida de sua filha sugara muito das forças restantes dele. Ele nunca sentira-se tão

velho, tão fraco. Temia que sua vontade de seguir adiante estivesse enfraquecendo.

Não sabia por quanto tempo conseguiria manter a sua sanidade.

Na verdade ele não estava certo de que ainda a possuía. O mundo parecia haver transformado-se em um lugar louco. Às vezes a coisa toda parecia como um sonho. O que ele sabia e o que não sabia às vezes pareciam estar misturados em um nó de confusão.

Enquanto era conduzido através do acampamento escuro, através do calor úmido, ele começou a imaginar que via coisas… em maior parte pessoas… do seu passado. Começou a duvidar de que realmente tinha visto aquela bola. Imaginou se, como algumas das outras coisas que estava vendo, também tinha imaginado aquilo. Podia ter sido uma bola simples, e ele apenas achou que era aquela que sua filha perdeu? Ele imaginou as cores em zigue e zague ao redor dela? Estava começando a questionar-se a respeito de todas as menores coisas.

Olhando para todas as pessoas no acampamento lotado, pensou ter visto sua esposa morta, Erilyn, nos rostos das mulheres mantidas nas proximidades sob guarda. Elas eram mães, com seus piores pesadelos prestes a ganharem vida se Zedd não cooperasse. O olhar dele passou sobre crianças agarrando as saias das suas mães, ou as pernas dos pais. Elas olharam para ele. Seu cabelo branco desgrenhado, provavelmente pensando que ele era algum louco. Talvez ele fosse.

As tochas iluminavam o acampamento com um tipo de luz bruxuleante que fazia tudo parecer imaginário. As fogueiras no acampamento, espalhadas tão longe quanto ele conseguia enxergar, pareciam um campo de estrelas pelo chão, como se o mundo tivesse virado de cabeça para baixo.

– Esperem. – a Irmã disse para os guardas.

Zedd foi parado bruscamente quando a Irmã entrava na tenda. Adie gritou quando o homem que a segurava torceu o braço dela ao fazer ela parar.

Zedd cambaleou, imaginando se poderia desmaiar. Todo o acampamento noturno ondulava em sua visão.

Quando olhou para uma das garotas mantidas cativas pelo caminho, ficou olhando fixamente, surpreso, achando que a reconhecia. Zedd olhou para o Guarda de Elite do Imperador ao longe segurando a criança. Zedd piscou em sua visão borrada. O guarda, usando couro e cota de malha, com um cinto cheio de armas, parecia com um homem que Zedd conhecera. Zedd desviou os olhos, apenas para ver a Irmã, seguindo entre as tendas não muito longe, que também parecia alguém que ele conhecia. Olhou ao redor para os soldados cuidando de seus assuntos. Soldados de Elite guardando a área do Imperador pareciam homens dos quais que ele achava que lembrava.

Então Zedd ficou verdadeiramente aterrorizado. Tinha certeza de que estava perdendo o juízo. Não podia estar vendo as pessoas que pensou ter visto.

Sua mente era tudo que ele tinha. Não queria tornar-se algum velho resmungão sentado à beira de uma estrada mendigando.

Sabia que às vezes as pessoas tornavam-se irracionais… perdiam sua mente… quando ficavam velhas ou eram pressionadas além do seu limite. Soubera de pessoas que não aguentaram, que ficaram loucas, e viam coisas que na verdade não estavam ali. Era isso que ele estava fazendo. Estava tendo visões de pessoas do seu passado que na verdade não estavam ali. Esse certamente era um sinal de insanidade… ver o seu passado ganhar vida, achar que estava de volta com seus entes queridos perdidos há muito tempo.

Sua mente era a coisa mais importante que ele tinha.

Agora estava perdendo isso também.

Ele estava perdendo a sua sanidade.

CAPÍTULO 50



Nicholas ouviu um ruído irritante em outro lugar.

Algum tipo de distúrbio, lá onde o seu corpo aguardava.

Ele o ignorou, observando as ruas, observando as construções passarem. O sol acabara de descer. Pessoas, pessoas cautelosas, moviam-se. Cores. Sons. Atividade.

Esse era um lugar sujo, com as construções bem próximas. Observar, observar. Os becos eram escuros e estreitos. Os estranhos ficavam olhando. A rua fedia. Nenhum dos prédios tinha mais de dois andares; ele tinha certeza disso. A maioria nem tinha isso.

Outra vez, ele ouviu o ruído no local onde seu corpo esperava. Era forçado, chamando sua atenção.

Ele ignorou o tum, tum, tum lá em algum outro lugar enquanto observava, tentando ver para onde eles estavam seguindo. O que é isso? Observar, observar, observar.

Ele achou que sabia, mas não tinha certeza. Olhar, olhar. Queria ter certeza. Queria observar.

Ele adorava tanto observar.

Mais ruído. Um ruído abafado odioso, irritante.

Nicholas sentiu seu corpo ao redor de si quando retornou ao lugar onde ele aguardava, sentado com as pernas cruzadas no chão de madeira. Ele abriu os olhos, piscando, tentando enxergar na sala obscura. Faixas de poeira entrando ao redor das bordas das janelas fechadas lançavam apenas uma luz fraca na sala.

Ele levantou, cambaleando durante um momento, ainda não acostumado com a estranha sensação de estar de volta ao seu

próprio corpo. Começou a andar pela sala, olhando para baixo, observando enquanto erguia cada pé adiante, transferia o peso do corpo a cada passo. Estivera fora tanto tempo ultimamente, dia e noite, que não estava acostumado a ter que fazer essas coisas sozinho. Estivera com tanta frequência em outro lugar, em outro corpo, que sentia dificuldade em ajustar-se ao seu próprio.

Alguém estava batendo na porta, gritando para que ele abrisse. Nicholas estava furioso com a pessoa não convidada, com uma intrusão tão rude.

Com um caminhar vacilante, ele foi até a porta.

Parecia tão confinador estar de volta em seu próprio corpo. Ele movia-se de uma forma estranha. Ele endireitou os ombros, combatendo a vontade de curvar-se para frente. Esticou seu pescoço para um lado, e então para o outro.

Mover-se era fastidioso, usar os seus próprios músculos, sentir a própria respiração, ver, ouvir, cheirar, sentir os seus próprios sentidos.

A porta estava bloqueada com uma pesada tranca para evitar que pessoas indesejadas entrassem enquanto ele estava fora em outros lugares. Não seria bom ter alguém mexendo com seu corpo enquanto ele mesmo não estava lá. Não seria mesmo.

Alguém batendo do outro lado da porta gritou o nome dele e pediu permissão para entrar.

Nicholas ergueu a pesada tranca e retirou-a.

Ele abriu a grossa.

Um jovem soldado estava logo do outro lado no corredor.

Um soldado encardido comum. Um ninguém.

Nicholas ficou olhando com surpresa fúria para o homem inferior que simplesmente subiria as escadas até a sala que, todos sabiam, estava fora dos limites, e bateria na porta proibida. Onde estava o nariz torto achatado de Najari quando precisava dele? Porque não havia alguém guardando a porta?

Um osso quebrado projetava-se da parte de trás do punho ensanguentado que o homem estivera batendo contra a porta.

Nicholas entortou o pescoço, olhando para trás do soldado, para o corredor fracamente iluminado, e viu os corpos de guardas espalhados em poças de sangue.

Nicholas passou as unhas pelos cabelos, estremecendo com o prazer da sensação macia de óleo contra sua palma. Balançou os ombros com a sensação.

Abrindo os olhos, ele fixou o olhar no soldado comum de olhos arregalados que estava prestes a matar. O homem estava vestido como muitos dos soldados da Ordem Imperial, pelo menos os soldados melhor vestidos, com armadura peitoral de couro, uma manga com cota de malha protetora no braço direito, e várias tiras de couro e cintos com uma variedade de armas desde uma espada curta, uma maça com cabeça de metal com espinhos, até facas. A despeito do quanto parecia mortal o seu equipamento, a expressão no rosto dele era de puro terror.

Nicholas ficou intrigado por um momento com o que um homem de tão baixo valor poderia ter a dizer que valeria sua vida.

– O que foi, seu tolo insípido?

O homem levantou um braço, então a mão, e então um dedo de um jeito que fez Nicholas lembrar de uma marionete tendo suas cordas puxadas. O dedo balançou para um lado, depois para o outro, e depois de volta mais uma vez, da forma como alguém pode balançar um dedo em advertência.

– Ah, ah, ah. – O dedo balançou de um lado para outro novamente. – Seja educado. Seja incrivelmente educado.

O soldado, com os olhos arregalados, pareceu surpreso com suas próprias palavras insolentes. A voz soou forte demais… madura demais… para pertencer a esse jovem.

A voz, de fato, soou perigosa ao extremo.

– O que é isso? – Nicholas franziu a testa para o soldado. – O que significa isso?

O homem caminhou entrando na sala, suas pernas movendo-se de uma forma muito peculiar, artificial. De certa forma isso pareceu lembrar Nicholas do modo como devia parecer quando ele usava suas próprias pernas após não estar em seu corpo durante um longo tempo. Ele afastou para o lado quando o homem caminhou desajeitadamente até o centro da sala e virou. Sangue pingava da mão que estivera batendo contra a porta, mas o homem, com os olhos ainda arregalados de medo, parecia não notar o que deviam ser ferimentos dolorosos.

Porém, sua voz mostrava qualquer outra coisa menos medo.

– Onde estão eles, Nicholas?

Nicholas aproximou-se do homem e inclinou a cabeça.

– Eles?

– Você prometeu entregar eles a mim, Nicholas. Não gosto quando as pessoas não cumprem sua palavra. Onde estão eles?

Nicholas franziu mais ainda a testa, inclinou-se mais ainda. – Quem?

– Richard Rahl e a Madre Confessora! – o soldado gritou com fúria incontida.

Nicholas recuou alguns passos. Agora ele entendeu. Ouvira as histórias, ouviu falar que o homem podia fazer coisas assim. Agora estava vendo por si mesmo.

Esse era o Imperador Jagang, o Andarilho dos Sonhos.

– Extraordinário. – Nicholas falou lentamente. Ele aproximou-se do soldado que não era um soldado e bateu com um dedo contra o lado da cabeça do homem. – É você aí dentro, Sua Excelência? – Ele bateu outra vez com o dedo na têmpora do homem. – É você, não é, Excelência?

– Onde estão eles, Nicholas? – foi uma pergunta que soou mais perigosa do que qualquer outra que Nicholas já tinha ouvido.

– Eu disse a você que os teria, e terá.

– Acho que está mentindo para mim, Nicholas. – a voz rosnou. – Acho que você não está com eles, como prometeu que estaria.

Nicholas balançou uma das mão colocando o assunto de lado quando caminhou alguns passos. – Oh, sim. Eu os tenho em uma corda.

– Eu penso o contrário. Tenho razão para acreditar que eles nem estão aqui. Tenho razão para acreditar que a Madre Confessora está longe ao norte… com o exército dela.

Nicholas franziu a testa quando aproximou-se do homem, inclinando bem perto, olhando dentro dos olhos dele. – Você perde completamente os sentidos quando salta para dentro da mente de outro homem desse jeito?

– Está querendo dizer que não?

Nicholas estava perdendo a paciência. – Eu estava justamente observando-os quando você veio aqui para me atazanar. Os dois estavam lá… Lorde Rahl e a Madre Confessora.

– Tem certeza? – surgiu a voz grave da boca do jovem soldado.

Nicholas plantou os punhos nos quadris. – Você está me questionando? Como ousa! Eu sou Nicholas, o Deslizador. Não serei questionado por ninguém!

O soldado deu um passo agressivo adiante.

Nicholas manteve posição e levantou um dedo como aviso. – Se quer eles, então é melhor ser bastante cuidadoso.

O soldado observou com olhos arregalados, mas Nicholas podia ver algo mais naqueles olhos: ameaça.

– Então fale, antes que eu perca a paciência.

Nicholas torceu a boca irritado.

– Seja lá quem for que falou a você que eles estavam ao norte, que a Madre Confessora está com o exército deles, não sabe o que

está falando ou está mentindo. Mantive olhos cuidadosos sobre eles.

– Mas viu eles recentemente?

A sala estava ficando escura. Nicholas apontou uma das mãos em direção à mesa, lançando uma pequena centelha do seu Dom em três velas ali, fazendo seus pavios acenderem.

– Eu falei para você, estava justamente observando eles. Estão em uma cidade não muito longe daqui. Em breve, estarão vindo até aqui, até mim, e então eu os terei. Você não vai esperar muito.

– O que faz você pensar que eles estão vindo até você?

– Sei tudo que eles fazem. – Nicholas ergueu os braços, seu manto negro escorregando até os cotovelos, gesticulando expansivamente enquanto caminhava ao redor do homem, falando aquilo que só ele sabia. – Eu os observo. Tenho visto eles deitados juntos à noite, a Madre Confessora abraçando ternamente seu marido, segurando a cabeça dele contra o ombro, confortando-o em sua dor terrível. Na verdade, é bastante tocante.

– Dor?

– Sim, a dor dele. Eles estão em Northwick agora mesmo, uma cidade não muito longe ao norte daqui. Quando terminarem lá, se eles sobreviverem em sua visita, então virão até aqui, até mim.

Jagang no soldado olhou em volta, contemplando os corpos mortos recentemente jogados contra a parede. Sua atenção retornou a Nicholas.

– Eu perguntei, o que faz você pensar assim?

Nicholas olhou por cima do ombro e ergueu uma sobrancelha para o Imperador. – Bem, você entende, essas pessoas tolas aqui… os Pilares da Criação que tanto fascinam você… envenenaram o pobre Lorde Rahl. Fizeram isso para tentar garantir a ajuda dele em livrarem-se de nós.

– Envenenaram ele? Tem certeza?

Nicholas sorriu com a ponta de interesse que ele detectou na voz do Imperador. – Oh, sim, tenho certeza. O pobre homem está

sentindo bastante dor. Ele precisa de um antídoto.

– Então ele fará o que deve fazer para conseguir esse antídoto. Richard Rahl é um homem surpreendentemente engenhoso.

Nicholas encostou a parte inferior da costa contra a mesa e cruzou os braços. – Ele pode ser engenhoso, mas agora ele está com muitos problemas. Veja bem, ele precisa de mais duas doses do antídoto. Uma delas está em Northwick. Por isso ele foi até lá.

– Você ficaria surpreso com o que aquele homem consegue fazer. – teria sido impossível não perceber a fúria na voz do Imperador. – Você seria um tolo em subestimá-lo, Nicholas.

– Oh, mas eu nunca subestimo alguém, Excelência. – Nicholas sorriu para o Imperador observando ele através dos olhos de outro homem.

– Você entende, estou razoavelmente certo de que Richard Rahl pegará o antídoto em Northwick. De fato, estou contando com isso. Nós veremos. Estava observando ele quando você apareceu, observando o que aconteceria. Você interrompeu. Mas mesmo se ele obtiver o antídoto em Northwick, ainda precisará pegar a última dose. O antídoto em Northwick sozinho não salvará a vida dele.

– Onde está essa outra dose do antídoto dele?

Nicholas enfiou a mão em um bolso e mostrou ao Imperador a garrafa com os lados quadrados, junto com um sorriso satisfeito.

– Estou com ele.

O homem com um Imperador dentro de si sorriu. – Ele pode vir tomá-lo de você, Nicholas. Mas, o mais provável, é que ele pedirá para alguém fazer mais do antídoto para que ele nem tenha que preocupar-se em vir aqui.

– Oh, acho que não. Veja bem, Excelência, sou bastante minucioso no meu trabalho. Esse veneno que Lorde Rahl tomou é complexo, mas não tão complexo quanto o antídoto. Eu sei, porque mandei torturar o único homem que podia fazê-lo até que ele me

contou o que era, contou tudo, contou os segredos dele. Ele contém uma lista de coisas que eu não conseguiria ao menos começar a lembrar.

– Mandei o homem ser executado, é claro. Então mandei o homem que conseguiu a confissão dele através da tortura, que conseguiu a lista dos ingredientes dele, ser morto também. Não seria bom que o engenhoso Richard Rahl encontrasse algum desses homens e de alguma forma descobrisse com eles o que havia na cura.

– Então, você percebe, Excelência, não há mais alguém para fazer mais antídoto para Lorde Rahl. – ele segurou a garrafa pelo gargalo e balançou-a diante do homem. – Essa é a última dose. A última chance de vida de Lorde Rahl.

Através dos olhos de um jovem soldado, Jagang observou a garrafa que Nicholas balançava diante dele. Qualquer traço de humor havia desaparecido.

– Então Richard Rahl virá aqui para pegá-lo.

Nicholas arrancou a rolha. Deu uma cheirada. O líquido ali dentro carregava o leve aroma de canela.

– Você acha mesmo, Excelência?

Fazendo uma grande encenação, Nicholas derramou o líquido no chão.

Enquanto o Imperador Jagang observava, Nicholas balançou a garrafa, certificando-se de que a última gota caísse.

– Então, você está vendo, Excelência, eu tenho tudo sob controle. Richard Rahl não será um problema. Em breve ele morrerá por causa do veneno… se os meus homens não conseguirem pegá-lo antes disso. De um jeito ou de outro, Richard Rahl é um homem morto… exatamente como você pediu.

Nicholas fez uma reverência, como se estivesse concluindo uma grande performance diante de uma plateia satisfeita.

O homem sorriu novamente, um sorriso de forçada indulgência.

– E quanto a Madre Confessora? – o Imperador perguntou.

Nicholas notou o claro tom de fúria contida. Ele estava desgostoso por não ser grandemente admirado por seu grande feito. Afinal de contas, esse Imperador Jagang não tinha conseguido capturar o prêmio que buscava com tanta avidez. Nicholas sorriu com indulgência.

– Bem, da forma como eu vejo, Excelência, agora que eu disse a você que Lorde Rahl logo irá juntar-se às fileiras do rebanho do Guardião no Submundo, não tenho garantia de que você cumprirá a sua parte na barganha. Gostaria de um comprometimento, de sua parte, antes que eu entregue a Madre Confessora.

– O que faz você pensar que pode capturá-la?

– Oh, eu tenho isso garantido. A própria natureza dela fará com que ela caia em minhas mãos.

– A própria natureza dela?

– Deixe que eu me preocupe com isso, Excelência. Tudo que você precisa saber é que entregarei a Madre Confessora a você, viva, como prometido. Pode dizer que Lorde Rahl foi de graça… um presente de minha parte… mas terá que pagar o preço se quiser ter o prêmio que você cobiça: a Madre Confessora.

– E qual seria o seu preço?

Nicholas caminhou ao redor do homem no centro da sala. Ele apontou em volta com a garrafa de antídoto vazia. – Essa não é a minha ideia da maneira apropriada de viver, se alguém tem que viver.

– Então, você teria riquezas como prêmio por cumprir o seu dever com o Criador, com a Ordem Imperial, e com o seu Imperador.

Da forma como Nicholas via isso, ele tinha feito mais do que o seu dever naquela noite na floresta com as Irmãs.

Ao invés de falar isso, ele balançou os ombros. – Bem, eu deixarei que você fique com o resto do mundo pelo qual lutou tanto. Só quero D'Hara. Um Império de valor para mim.

– Quer governar a terra de D'Hara?

Nicholas fez uma reverência exagerada. – Abaixo de você, é claro, Excelência. – ele endireitou o corpo. – Governarei como você faz, através do medo e do terror, tudo em nome do sacrifício pela melhoria da humanidade.

O Andarilho dos Sonhos observou através dos olhos do soldado assustado. O brilho naqueles olhos estava parecendo perigoso outra vez.

– Você faz um jogo arriscado, Deslizador, fazendo tais exigências. Sua vida deve ter pouco valor para você.

Nicholas mostrou para o Imperador um sorriso que indicou que ele estava cansando de brincar. – Odeio viver, vivo para odiar.

Finalmente, o sorriso do Imperador retornou aos lábios do homem.

– D'Hara é o seu desejo? Está feito. Lorde Rahl morto, e a Madre Confessora entregue a mim, viva, e então você terá D'Hara para fazer o que quiser… enquanto você prestar contas ao governo da Ordem Imperial.

Nicholas satisfez Jagang com um sorriso mais educado enquanto fazia reverência. – Mas é claro.

– Então, quando Richard Rahl estiver morto e eu tiver a Madre Confessora, você será nomeado Imperador Nicholas da terra de D'Hara.

– Você é um Imperador sábio.

Esse era o homem que havia prescrito o destino de Nicholas. Esse era o homem que tinha enviado aquelas Irmãs para executarem a arte vil delas, para fazê-lo submeter-se à horrível agonia de destruir quem ele havia sido, para darem à luz a ele em uma agonizante segunda Criação.

Haviam decretado que ele sacrificasse a si mesmo em nome da causa deles. Nicholas não teve voz nisso. Agora, pelo menos, pela pequena tarefa de lidar com os inimigos da Ordem, ele teria sua recompensa. Teria riquezas e poder que nunca podia ter ousado imaginar antes que tivesse renascido.

Eles o haviam destruído, mas tinham criado ele novamente mais poderoso do que jamais foi.

Agora ele estava a um passo de tornar-se Imperador Nicholas.

Tinha sido uma estrada amarga.

Conduzida por furiosa necessidade, pelo ódio, Nicholas projetava sua mão como projetava sua própria mente, como uma adaga ardente, dentro da mente desse homem diante dele, dentro dos espaços em seus pensamentos, dentro do cerne da alma dele.

Ele ansiava sentir o suave calor desse outro espírito deslizar para dentro do seu, o caloroso êxtase de tomá-lo enquanto Jagang ainda estava dentro da mente do homem.

Mas não havia coisa alguma ali.

Naquela fagulha de tempo, Jagang já havia escapulido.

O homem desabou ao chão, morto.

Nicholas… Imperador Nicholas… sorriu com o jogo que estava apenas começando. Ele estava começando a pensar se havia definido o preço baixo demais.

CAPÍTULO 51



Quando seguiam caminho subindo a rua, Kahlan olhou para as pequena janelas nas construções ao redor. Na escuridão crescente, ela duvidou que os rostos que viu espiando pelas janelas podiam dizer muito sobre as pessoas que eles viram nas ruas, mas, de qualquer modo, ela puxou para frente o capuz de sua capa.

Pelas histórias que os homens contaram, não era seguro ser uma mulher em Bandakar, então Kahlan, Jennsen, e Cara escondiam sua identidade para chamarem o mínimo de atenção possível. Kahlan sabia que sentindo medo por suas próprias vidas às vezes as pessoas tentavam desviar a atenção sobre si mesmas oferecendo outras para os lobos. Pior, ela também sabia que havia pessoas amargas devotadas ao mórbido ideal do canibalismo perpétuo do apaziguamento que elas definiam como paz.

Richard reduziu o passo e checou o beco quando eles passaram. Uma das mãos segurava a frente de sua capa negra simples para que, se fosse necessário, ele pudesse abri-la e sacar a sua espada.

Os homens deles estavam espalhados para não parecerem como uma multidão movendo-se através de Northwick. Qualquer reunião de grupos de homens, exceto em mercados, sem dúvida seria informada e rapidamente chamaria a atenção dos soldados da Ordem Imperial. Eles tinham programado sua entrada na cidade para que ocorresse justamente ao cair da noite, para que isso os escondesse melhor, e não tarde demais de modo que a presença deles não ruas fosse suspeita.

– Ali. – Owen disse quando eles chegaram até a esquina, inclinando a cabeça para a direita. – Descendo por ali.

Richard olhou para trás, por cima do ombro, para ter certeza de que todos ainda estavam com ele, então virou descendo a rua estreita. As construções na cidade em maior parte tinham apenas um andar, mas eles estavam entrando em um distrito onde várias tinham um segundo andar, geralmente com vários pés acima da rua. Kahlan não viu coisa maior do que as construções de dois andares.

A área na qual eles haviam entrado fedia com o mal cheiro de detritos em uma vala rasa ali perto.

As ruas empoeiradas de Northwick continuavam fazendo ela tossir. Ela imaginou que quando chovia o lugar transformava-se em um lamaçal que fedia ainda mais. Ela viu que Richard fazia um grande esforço para não tossir.

Nem sempre isso era possível. Pelo menos, quando ele fazia isso, não estava tossindo sangue.

Enquanto eles mantinham-se nas sombras embaixo de projeções e calhas, Kahlan chegou mais perto dele.

Jennsen seguiu logo atrás. Anson, mais adiante, fazia o reconhecimento da rota deles, procurando por todo o mundo embora ele estivesse sozinho.

Richard verificou o céu novamente. Ele estava vazio.

Não tinham visto qualquer Race de Bico Negro desde que começaram a subir a passagem para dentro de Bandakar.

Kahlan e Cara estavam felizes em não avistarem as enormes aves negras. Richard, porém, parecia tão preocupado em não avistá-las quanto estivera quando o fazia.

Cara estava um pouco para trás, junto com meia dúzia de homens. Tom e alguns outros estavam subindo por uma rua paralela. Outros homens, que sabiam para onde eles seguiam, faziam seu caminho através da cidade por uma rota diferente.

Embora houvesse menos do que cinquenta nas forças deles, esse número poderia atrair atenção e problemas.

Por enquanto, eles não precisavam de problemas. Precisavam do antídoto.

– Onde fica o centro da cidade? – Kahlan perguntou a Owen quando chegou perto o bastante para conseguir falar em voz baixa.

Owen moveu o braço ao redor, indicando a rua na qual eles estavam. – Esse é o lugar. Essas lojas são onde fica o maior comércio, aonde as pessoas vem. Nas praças abertas às vezes as pessoas montam mercados.

Kahlan viu uma loja de couro, uma padaria, um lugar que vendia tecido, mas nada mais elaborado. – Esse é o centro da sua grande cidade? Essas construções com postes e vigas com aposentos sobre as lojas? Esse é o maior centro comercial de vocês?

– Sim. – disse Owen, soando parcialmente intrigado e parcialmente orgulhoso.

Kahlan soltou um suspiro, mas não fez comentários. Richard fez. – Esse é o resultado da cultura avançada de vocês?

Ele apontou ao redor, para as construções desgastadas e borradas. – Em cerca de três mil anos foi isso que a sua grande cultura realizou? Isso é o que vocês conseguiram construir?

Owen sorriu. – Sim. É magnífico, não é?

Ao invés de responder a pergunta, Richard falou. – Pensei que você tivesse passado por Altur'Rang.

– Eu passei.

– Bem, até mesmo aquele lugar encardido era mais avançado do que essa cidade de Northwick.

– Era? Sinto muito, Lorde Rahl, mas eu não vi muito de Altur'Rang. Estava com medo de ir muito longe dentro de um lugar como aquele, e não fiquei muito tempo. – Owen olhou para Kahlan. – Você quer dizer que a cidade de onde você vem é mais magnífica do que essa?

Kahlan piscou para o homem. Como conseguiria explicar Aydindril, a Fortaleza do Mago, o Palácio das Confessoras, os Palácios em Kings Row, o Palácio do Povo, o trabalho em mármore e granito, as enormes colunas, os nobres trabalhos de arte, ou qualquer de centenas de outros lugares e visões para um homem que achava que construções com palha e esterco eram um exemplo de cultura avançada? No final, ela decidiu que esse não era o momento para tentar.

– Owen, espero que quando estivermos todos livres da Ordem Imperial, Richard e eu possamos mostrar a você e ao seu povo alguns outros lugares no mundo do lado de fora de Bandakar… mostrar a vocês alguns outros centros de maior comércio e arte, um pouco daquilo que a humanidade em outros lugares realizou.

Owen sorriu. – Eu gostaria disso, Madre Confessora. Eu gostaria muito. – ele parou abruptamente. – Oh, aqui está o lugar. É descendo aqui.

Um portão de madeira na altura da cabeça envelhecido em um cinza amarronzado bloqueava a visão do beco além. Richard checou os dois caminhos subindo a rua, olhando para ver se alguém estava observando. A rua estava vazia a não ser pelos homens deles. Enquanto mantinha um olho na rua, ele abriu o portão o suficiente para permitir que Owen cruzasse.

Owen enfiou a cabeça de volta para fora. – Venham, está livre.

Richard fez um sinal com a mão para os homens na esquina. Ele colocou o braço em volta da cintura de Kahlan, segurando-a bem perto enquanto espremia-se com ela através do portão para dentro do beco.

As paredes das construções de ambos os lados que vinham até o limite do estreito beco empoeirado não tinham janelas. Algumas das estruturas altamente amontoadas que não ficavam tão

recuadas tinham espaço para pequenos quintais. Conforme eles moviam-se cautelosamente subindo o beco, mais dos seus homens cruzavam o portão. Galinhas presas em um dos quintais bateram as asas assustadas com as pessoas passando tão perto.

Jennsen puxava Betty por sua corda, mantendo a cabra perto para que ela não pudesse causar qualquer problema.

Betty permaneceu quieta, parecendo nervosa nos estranhos arredores de uma cidade. Ela não estava nem abanando a cauda quando levantava a cabeça olhando para Richard, Kahlan, e Jennsen buscando conforto enquanto eles seguiam mais fundo dentro do coração do emaranhado de construções.

Tom apareceu no outro extremo do beco, trazendo outro grupo de homens. Richard sinalizou para que eles se espalhassem e esperassem no fim do beco.

Cara veio por trás, o capuz de sua capa levantado como o de Kahlan e de Jennsen. – Não gosto disso.

– Bom. – Richard sussurrou em resposta.

– Bom? – Cara perguntou. – Você acha que é bom que eu não goste desse lugar?

– Sim. – disse Richard. – Se você sempre estivesse feliz e despreocupada, então eu ficaria preocupado.

Cara torceu a boca com uma resposta que ela decidiu guardar para si.

– Aqui. – Owen disse, segurando o braço de Richard para fazê-lo parar.

Richard olhou para onde Owen tinha apontado e então olhou para o homem. – Isso é um Palácio?

Owen assentiu. – Um deles. Temos vários Palácios. Eu disse, somos uma cultura avançada.

Richard lançou um olhar para Kahlan, mas não falou.

De acordo com o que Kahlan conseguia enxergar na fraca luz, o quintal estava seco com montes de grama crescendo aqui e ali.

Uma escada de madeira nos fundos da construção conduzia até uma pequena sacada com uma porta para o segundo andar. Quando eles passaram por um portão baixo entrando no quintal, Kahlan viu que sob os degraus havia uma escadaria descendo.

Owen olhou ao redor, então inclinou-se mais perto. – Elas são escadarias. É onde estão escondendo o Sábio.

Richard observou o beco e as construções em volta. Ele esfregou as pontas dos dedos na testa. – E o antídoto está ali dentro?

Owen assentiu. – Querem esperar enquanto eu vou buscá-lo?

Richard balançou a cabeça. – Iremos com você.

Kahlan segurou o braço dele, desejando que pudesse fazer mais para confortar a dor dele. Porém, a melhor coisa, era pegar o antídoto. Quanto mais cedo eles o livrassem do veneno, mais cedo ele poderia tratar de solucionar o problema das dores de cabeça causadas pelo Dom.

Alguns dos homens dele aguardavam nas proximidades. Ela viu nos olhos deles o medo de estarem de volta em uma cidade onde os soldados da Ordem Imperial tinham o controle. Não sabia o que ela e Richard poderiam fazer para ajudá-los a libertar seu povo daquelas tropas, mas pretendia pensar em alguma coisa. Não fosse pelo ato desesperado dela, não importava o quanto tivesse sido inconsciente, essas pessoas não estariam sofrendo e morrendo nas mãos da Ordem.

O último brilho cinzento do crepúsculo fez os olhos de Richard parecerem como se fossem feitos de aço. Ele puxou Jennsen para mais perto.

– Porque você e Tom não ficam aqui, com Betty, e ficam vigiando. Fiquem sob o esconderijo das escadas e da sacada. Se virem algum soldado, avisem para nós.

Jennsen assentiu. – Deixarei Betty pastar na grama. Vai parecer mais natural se alguma patrulha passar.

– Apenas fiquem fora de vista, – ele disse. – se os soldados avistarem uma jovem como você eles não hesitarão em agarrá-la.

– Eu a manterei fora de vista. – disse Tom quando entrou no quintal. Ele apontou um dedão por cima do ombro. – Fiz os homens espalharem-se para que não sejam notados.

Kahlan e Cara seguiram Richard e Owen em direção ao fundo da construção. Na escadaria descendo, Owen fez uma pausa quando Richard, ao invés disso, foi até a porta da construção.

– Por aqui, Lorde Rahl.

– Eu sei. Espere enquanto eu checo o corredor lá dentro, para ter certeza de que está livre.

– São apenas salas vazias onde as pessoas às vezes se encontram.

– Quero verificar assim mesmo. Cara, espere aqui com Kahlan.

Kahlan seguiu Richard até a porta sob a sacada. – Vou com você.

Cara estava logo atrás de Kahlan. – Se quer checar o corredor, – ela falou para Richard. – então pode vir conosco.

Após uma rápida olhada nos olhos de Kahlan, ele não discutiu com ela. Olhando pata Cara, ele disse. – Às vezes…

Cara mostrou um sorriso desafiador. – Você não saberia o que fazer sem mim.

Kahlan viu que, quando ele virou para a porta, ele não conseguiu conter um sorriso. O coração dela alegrou-se ao ver o sorriso de Richard, e então ela sentiu uma repentina pontada de tristeza por Cara, sabendo como ela deve sentir falta do General Meiffert que está com seu exército longe ao norte em D'Hara. Não era com frequência que uma Mord-Sith podia importar-se com alguém do jeito que Kahlan sabia como Cara importava-se com Benjamin. Porém, Cara não admitiria isso, e colocara em primeiro lugar seu desejo de proteger Richard e Kahlan.

Quando ela e Cara estiveram com aquele exército, Kahlan prometeu ao então Capitão que virou General após uma batalha na qual eles perderam muitos oficiais. O Capitão Meiffert havia crescido com a ocasião. Desde então, ele manteve seu exército unido. Ainda que tivesse completa fé nele, ela também temia pelo bem estar dele, assim como Cara certamente temia. Kahlan imaginava se algum dia veriam novamente o jovem General.

Richard abriu um pouquinho a porta e espiou dentro do corredor escuro além. Ele estava vazio. Cara, com o Agiel na mão, avançou e entrou na frente deles, querendo ter certeza de que era seguro. Kahlan entrou seguindo Richard. Havia duas portas para cada lado. No final do corredor estava uma porta com uma pequena janela.

– O que tem lá fora? – Kahlan sussurrou quando Richard olhava pela janela.

– A rua. Vejo alguns dos nossos homens.

No caminho de volta, Richard checou salas de um lado enquanto Cara checou as salas do outro.

Todas estavam vazias, exatamente como dissera Owen.

– Esse pode ser um bom lugar para esconder nossos homens. – falou Cara.

Richard assentiu. – Era isso que eu estava pensando. Poderíamos efetuar ataques daqui, do meio deles, ao invés de arriscar sermos avistados fazendo a curva para atacar.

Antes que eles chegassem até a porta dos fundos, de repente Richard cambaleou, batendo com um ombro contra a parede antes de cair sobre um joelho. Kahlan e Cara seguraram ele, evitando que ele caísse com o rosto no chão.

– O que foi? – Cara sussurrou.

Ele fez uma pausa, aparentemente esperando que um momento de dor acabasse. Seus dedos apertando o braço de Kahlan

e machucando tanto que os olhos dela estavam lacrimejando, mas ela fez um esforço para continuar em silêncio.

– Eu só… só fiquei tonto por um minuto. – ele ofegou, tentando recuperar o fôlego. – O corredor escuro, eu acho. – seus dedos encerraram o aperto semelhante ao de um torno no braço de Kahlan.

– O segundo estágio. Foi como Owen chamou.

Ele disse que o segundo estágio do veneno era tontura.

Richard olhou para ela no escuro. – Estou bem. Vamos pegar o antídoto.

Owen, esperando nas sombras na escadaria, começou a descer quando eles o alcançaram. Na base da escada ele abriu a porta e olhou lá dentro.

– Eles ainda estão aqui, – ele falou com alívio. – os Oradores ainda estão aqui… reconheço algumas das vozes deles. O Sábio ainda deve estar aqui com eles. Eles não mudaram para outro esconderijo como eu temia que podiam ter feito.

Owen esperava que os Grandes Oradores concordassem em ajudar a livrar o povo deles da Ordem Imperial.

Depois que eles recusaram no passado, Kahlan não achava que eles concordariam dessa vez, mas no início Owen e seus homens não tinham concordado em lutar. Owen acreditava que com o comprometimento dos homens que eles tinham, e com aquilo que aconteceu na cidade dele, a assembleia de Oradores veria que havia uma chance de serem livres outra vez e estaria mais aberta a escutar o que tinha de ser feito. Muitos dos homens compartilhavam da confiança de Owen de que a ajuda estava ao alcance.

Mais importante do que conversar com os Oradores, de acordo com o pensamento de Kahlan, era que nesse lugar estava escondida a segunda garrafa de antídoto.

Isso vinha antes de tudo. Eles tinham que garantir o antídoto.

Sempre que ela pensava na possibilidade de Richard morrer, isso fazia os joelhos dela tremerem.

Logo ali dentro do pequeno vestíbulo, Owen bateu levemente na porta.

Uma luz de vela suave surgiu do lado de dentro quando a porta abriu em uma pequena fresta. Um homem espiou para fora durante um momento; então os olhos dele ficaram arregalados.

– Owen?

Kahlan não achava que o homem tivesse intenção de abrir a porta. Antes que ele tivesse chance de pensar duas vezes, Richard abriu a porta e entrou na sala. O homem afastou-se rapidamente do caminho de Richard.

Richard puxou Cara. – Monte guarda na porta. Nenhuma dessas pessoas sai a não ser que eu diga.

Cara assentiu e assumiu posição do lado de fora da porta.

– O que significa isso? – o homem ali dentro perguntou a Owen enquanto olhava com medo para Richard e Kahlan.

– Grande Orador, é vital que falemos com todos vocês.

O lugar estava brilhante com velas. Uma dúzia e meia de homens que estavam sentados sobre tapetes bebendo chá ou encostados em travesseiros alinhados nas paredes repentinamente ficaram em silêncio.

As paredes de pedra eram a fundação externa da construção. Bases de rocha seguiam em duas linhas descendo o centro da larga sala, suportando gordas vigas bem acima da cabeça de Richard. Não havia decoração. Isso parecia pouco mais do que um porão tornado confortável com tapetes e travesseiros onde os homens reuniam-se em uma extremidade da grande sala.

Mesas simples de madeira contra as paredes de um lado tinham velas.

Alguns dos homens levantaram.

– Owen, – um deles falou em grave censura. – você foi banido. O que está fazendo aqui?

– Honorável Orador, nós já estamos bem longe da conversa de banimento. – Owen levantou um das mãos fazendo uma apresentação. – Estes são amigos meus, de fora da nossa terra.

Kahlan agarrou a camisa de Owen na altura do ombro e puxou o ouvido dele bem perto enquanto cerrava os dentes.

– Antídoto.

Owen assentiu pedindo desculpas. Os homens, todos mais velhos, observaram indignados quando Owen foi até o canto mais distante. Ele segurou uma pedra quase da altura do peito dele, e balançou-a de um lado para outro. Richard aproximou-se e ajudou Owen a mover a pedra.

Quando ele finalmente puxou o pesado bloco o suficiente para virá-lo para o lado, Owen enfiou a mão atrás dele e tirou a garrafa. Não perdeu tempo em entregá-la para Richard.

Quando Richard tirou a rolha, Kahlan detectou o leve aroma de canela. Richard bebeu o conteúdo.

– Vocês devem partir, – um dos homens rosnou. – não são benvindos aqui.

Owen não recuou. – Devemos falar com o Sábio.

– O quê!

– Os homens da Ordem invadiram nossa terra. Estão torturando e assassinando o nosso povo. Outros eles levaram embora.

– Nada pode ser feito a respeito disso. – disse o Orador com o rosto vermelho. – Nós fazemos o que devemos para que nosso povo possa continuar com suas vidas. Fazemos o que devemos para evitar a violência.

– Nós acabamos com a violência, – Owen falou para o homem. – pelo menos, em nossa cidade. Matamos todos os homens da Ordem que nos mantinham nas garras do medo, que estupravam,

torturavam e assinavam nosso povo. Agora o nosso povo lá está livre desses homens da Ordem. Devemos lutar e libertar o resto de nosso povo. É nosso dever como Oradores fazermos o que é certo por nosso povo e não ficarmos acomodados com a escravidão deles.

Os Grandes Oradores estavam furiosos.

– Não escutaremos mais nada!

– Falaremos sobre isso com o Sábio e veremos o que ele tem a dizer.

– Não! O Sábio não falará com vocês! Nunca! Todos vocês estão proibidos! Todos devem partir!

CAPÍTULO 52



Um dos homens adiantou-se e furiosamente agarrou a camisa de Richard, tentando empurrá-lo para fora.

– Você é a causa disso! Você é um forasteiro! Um selvagem! Um dos não esclarecidos! Você trouxe ideias profanas para o meio do nosso povo! – ele fez o melhor que podia para balançar Richard. – Seduziu o nosso povo com a violência!

Richard segurou o pulso do Orador e girou o braço dele, colocando-o de joelhos.

O homem gritou de dor. Sem largar, Richard inclinou-se até ele.

– Arriscamos nossas vidas ajudando o seu povo. O seu povo não é esclarecido, mas um povo como qualquer outro. Vocês irão nos escutar. Esta noite, o futuro de vocês e do seu povo será definido.

Richard liberou o homem com um empurrão, então foi até a porta e enfiou a cabeça para fora. – Cara, vá pedir a Tom para ajudá-la a trazer todo o resto dos homens até aqui. Acho que será melhor eles tomarem parte nisso.

Quando Cara correu para transmitir a notícia de que Richard queria todos os homens reunidos no porão do "Palácio", ele ordenou que os Oradores recuassem até a parede.

– Você não tem o direito de fazer isso. – um deles protestou.

– Vocês são os representantes do povo de Bandakar. São os líderes deles. – Richard disse a eles. – Chegou a hora de vocês liderarem.

Atrás, homens começaram a encher a sala iluminada por velas.

Não demorou até que eles estivessem todos tranquilamente arrumados. O porão era suficientemente largo para que os homens de Owen tomassem apenas uma parte do espaço disponível. Kahlan viu outras pessoas estranhas também. Conhecendo a natureza dessas pessoas, e uma vez que Cara estava deixando elas entrarem, Kahlan não achou que elas representassem uma ameaça.

Richard apontou em direção aos que estavam reunidos em silêncio observando os Oradores. – Esses homens da cidade de Witherton encararam a verdade daquilo que está acontecendo com o povo deles. Não irão mais tolerar essa brutalidade. Não serão mais vítimas. Eles desejam ser livres.

Um dos Oradores, um homem com um queixo estreito, pontudo, bufou com indiferença. – A liberdade jamais pode funcionar. Ela apenas dá ao povo licença para ser autocentrado. Uma pessoa ponderada, dedicada ao bem-estar da humanidade esclarecida, deve rejeitar o conceito imoral de "liberdade" por aquilo que ele é… egoísmo.

– Isso mesmo. – outro concordou. – Tais crenças simplistas só podem provocar um ciclo de violência. Essa noção tola de 'liberdade' conduz a uma visão das coisas em preto ou branco. Esse tipo de moral sem inspiração é obsoleta. Indivíduos não possuem o direito de julgar os outros… especialmente nesses termos autoritários. O que é necessário é o compromisso entre todos os lados para que exista a paz.

– Compromisso? – Richard perguntou. – Um ciclo de violência só pode existir se você fornecer a todas as pessoas, incluindo aqueles que são malignos, equivalência moral… se você diz que todos, incluindo aqueles que decidem ferir outros, possuem um direito igual de existir. É isso que você faz quando recusa

esmagar o mal… você dá apoio moral e poder para aqueles que assassinam.

– A devoção ao compromisso nesse tipo de arena é uma ideia doente que diz que você deve cortar um dedo, então uma perna, e então um braço para alimentar o monstro que vive entre vocês. O mal alimenta-se do bem. Se você matar o monstro, a violência acaba.

– Vocês tem duas escolhas. Escolher viverem encolhidos com medo, de joelhos, pedindo desculpas eternamente por desejarem permissão de viverem enquanto lutam para manterem satisfeito um mal sempre em expansão, ou eliminarem aqueles que os machucariam e libertarem a si mesmos para viverem suas próprias vidas… o que significa que devem permanecer vigilantes, sempre prontos para protegerem-se.

Um dos Oradores, seus olhos arregalados, ergueu um braço apontando para Richard. – Agora eu conheço você. Você é aquele citado na Profecia. Você é aquele que a Profecia diz que nos destruirá!

Sussurros espalharam a acusação através da multidão.

Richard olhou para trás, para seus homens reunidos, então direcionou um olhar intimidador para os Oradores. – Eu sou Richard Rahl. Você tem razão; eu sou aquele citado na Profecia dada ao seu povo há tanto tempo. "O destruidor de vocês virá e ele os redimirá".

– Você está certo; essa Profecia é sobre mim. Mas se eu não tivesse vindo, eventualmente teria sido outro que atenderia a essas palavras, mesmo que fosse daqui a mais um ano, ou mil anos, porque na verdade essas palavras são a respeito do honorável compromisso do homem com a vida.

– O seu povo foi banido porque eles recusaram-se a enxergar a verdade do mundo ao redor deles. Escolheram fechar suas mentes para a realidade. Eu acabei com essa cegueira.

Richard apontou para trás, para os homens com ele. – Quando a verdade foi colocada diante desses homens, eles finalmente escolheram abrir seus olhos e enxergá-la. Agora, o resto do seu povo deve encarar o mesmo desafio e fazer uma escolha sobre como viverão o futuro deles.

– "O destruidor de vocês virá e ele os redimirá" são palavras do potencial para um futuro melhor. Elas significam que o seu estilo de vida, de impedir as pessoas de fazerem o seu melhor, de não permitir que elas sejam tudo que podem ser, com seus destrutivos costumes cegos que esmagam o espírito de cada indivíduo e com o tempo tem feito com que tantos das suas melhores pessoas abandonem vocês e sigam para o desconhecido além da Fronteira… acabou.

– Os homens da Ordem podem ter invadido a sua terra, mas, espiritualmente, eles não mudaram qualquer coisa para vocês. A violência deles é apenas mais aparente do que o lento abafamento do potencial humano de vocês. Eles oferecem as mesmas vidas cegas que vocês já vivem, simplesmente com uma forma de brutalidade mais manifesta.

– Eu trouxe a luz da verdade para alguns do seu povo, e fazendo isso eu destruí a existência sombria deles. O resto do seu povo deve decidir agora se continuarão acuados na escuridão ou se entrarão na luz que eu trouxe a vocês.

– Ao trazer essa luz ao seu povo, eu os redimi. Mostrei a eles que podem voar com suas próprias asas, alcançar aquilo que eles quiserem por si mesmos. Ajudei eles a tomarem de volta suas próprias vidas.

– Sim, eu destruí o pretexto que é a corrente da repressão deles, mas ao fazer isso libertei a nobreza de seus espíritos.

– Esse é o significado da Profecia. Depende de cada um de vocês erguer-se diante da ocasião e buscar triunfar, ou esconder-se na sua auto imposta escuridão sem tentar. Não há garantia de que se

tentarem conseguirão o sucesso. Mas sem tentar, garantirão o fracasso e vidas de terror para vocês mesmos e suas crianças. A única diferença será que se escolherem viver da mesma forma que vivem agora, se continuarem a alimentar o mal, agora saberão que a alma de vocês é o preço disso.

Richard desviou sua atenção dos Oradores. Antes que ele fechasse os olhos para esfregá-los com as pontas dos dedos, Kahlan viu a terrível agonia naqueles olhos. Ela não queria outra coisa mais do que pegar o último antídoto e então fazer o que eles deviam fazer para livrá-lo da dor causada por seu Dom. Sabia que lentamente o estava perdendo. Para ela, parecia como se Richard estivesse em outro lugar, sozinho, balançando na beirada de um penhasco, pendurado pelas pontas dos dedos, e seus dedos escorregando lentamente.

Owen deu um passo adiante. – Honoráveis Oradores, chegou a hora de ouvir o Sábio. Se não acham que essa crise para nosso povo não é um bom motivo, então nada é. É o nosso futuro, nossas vidas, que estão em jogo.

– Tragam o Sábio. Ouviremos as palavras dele, se ele realmente for sábio e merecedor de nossa lealdade.

Após notarem os murmúrios concordando através da sala, os Oradores juntaram as cabeças, sussurrando entre eles para entrarem em um consenso que indicaria o que fazer. Finalmente, cerca de metade deles entraram em uma sala dos fundos.

Um dos Oradores remanescentes abaixou a cabeça raspada. – Veremos o que o Sábio tem a dizer.

Kahlan já tinha visto o bastante desse tipo de sorrisos desdenhosos. Erguendo o queixo pontudo, ele juntou as mãos serenamente diante de si. – Diante de todas essas pessoas, nós apresentaremos as suas palavras blasfemas ao Sábio e ouviremos a sabedoria dele para que esse assunto seja resolvido.

Homens emergiram da sala dos fundos carregando postes enrolados com pano vermelho, tabuleiros rachados, e tábuas.

Diante da porta para uma sala nos fundos, eles começaram a montar uma plataforma simples com um poste em cada canto e os pesados tecidos vermelhos para envolvê-la. Quando a estrutura finalmente estava concluída, eles colocaram um grande travesseiro sobre a plataforma e então juntaram as cortinas. Outros homens carregaram duas mesas, com algumas velas, e depositaram uma de cada lado do assento cerimonial de sabedoria acortinado. Em pouco tempo, os Oradores tinham criado uma instalação simples mas reverente.

Kahlan conheceu várias pessoas em Midlands que tinham magia e atuavam com a função que ela imaginava que esse Sábio atuava. Geralmente eles também tinham assistentes, como esses Oradores. Ela também sabia que não devia subestimar esses xamãs simples e sua conexão com o mundo dos espíritos. Havia aqueles que possuíam conexões bastante reais e poder bastante real sobre o seu povo.

O que ela não conseguia imaginar era como um povo sem qualquer magia podia ter um agente dos espíritos. Se isso fosse verdade, e essa pessoa ficasse contra eles, então todo o trabalho deles teria sido por nada.

Os Oradores alinharam-se em ambos os lados e então abriram as cortinas na frente apenas o bastante para enxergar o obscuro interior.

Ali, sentado com as pernas cruzadas sobre o travesseiro, estava o que parecia um garoto usando manto branco, suas mãos repousando unidas sobre o colo. Ele não parecia ter muita idade, talvez oito ou dez anos no máximo. Um lenço negro estava amarrado ao redor da cabeça dele para cobrir os olhos.

– Ele é apenas um garoto. – falou Richard.

Diante da interrupção, um dos Oradores lançou um olhar furioso para Richard. – Somente uma criança é inocente o bastante da contaminação da vida para ser livre e tocar a verdadeira sabedoria. Conforme crescemos nós acumulamos nossas experiências sobre a nossa um dia perfeita visão interior, mas lembramos daquelas conexões uma vez inalteradas e assim percebemos como apenas em uma criança a sabedoria pode ser tão pura.

Cabeças pela da sala balançaram concordando.

Richard lançou um olhar para Kahlan.

Um dos Oradores ajoelhou diante da plataforma e abaixou a cabeça raspada. – Sábio, nós devemos pedir a sua orientação. Alguns de nós desejam iniciar uma guerra.

– Guerra não resolve coisa alguma. – o Sábio disse com uma voz suave.

– Talvez você gostasse de ouvir as razões dele.

– Não há razões válidas para lutar. Guerra nunca é uma solução. Guerra é uma admissão do fracasso.

As pessoas na sala recuaram encolhendo-se, parecendo inquietas por terem trazido tais questionamentos grosseiros perante o Sábio, questionamentos que ele não tinha dificuldade em esclarecer com a simples sabedoria que tornava óbvia a imoralidade dos mesmos.

– Muito sábio. Você nos mostrou a sabedoria em sua verdadeira, simples perfeição. Todos os homens fariam muito bem em apoiar tal verdade. – o homem abaixou a cabeça novamente. – Nós tentamos dizer…

– Porque você está usando uma venda? – Richard perguntou, cortando o Orador ajoelhado na frente da plataforma.

– Ouço raiva em sua voz. – falou o Sábio. – Nada pode ser realizado até que você abandone o seu ódio. Se procurar com o seu coração, pode encontrar o bem em todas as pessoas.

Richard colocou uma das mãos na costa de Owen, fazendo ele avançar. Ele esticou o braço para trás, dentro da multidão de homens, e segurou a camisa de Anson, puxando ele para frente também. Os três homens caminharam até a plataforma do Sábio. Somente Richard permaneceu ereto. Com o pé, ele empurrou o Orador ajoelhado para o lado.

– Perguntei porque você está usando uma venda. – Richard disse.

– O conhecimento deve ser negado para deixar espaço para a fé. É somente através da fé que a real verdade pode ser alcançada. – falou o Sábio. – Você deve acreditar antes de conseguir enxergar.

– Se você acredita, sem enxergar a verdade daquilo que é, – disse Richard, – então você está apenas sendo cego de forma voluntária, não sábio. Primeiro você deve enxergar, para aprender e entender.

Os homens ao redor de Kahlan pareciam desconfortáveis que Richard estivesse falando desse jeito com o Sábio deles.

– Pare o ódio, ou você colhe apenas ódio.

– Estávamos falando sobre conhecimento. Não perguntei a você sobre ódio.

O Sábio colocou as mãos juntas diante de si, baixando a cabeça levemente. – A sabedoria está ao nosso redor, mas nossos olhos nos cegam, nossa audição nos ensurdece, nossas mentes pensam e assim nos tornam ignorantes. Nossos sentidos apenas nos enganam; o mundo não pode dizer a nós coisa alguma sobre a natureza da realidade. Para ser um só com a maior essência do verdadeiro significado da vida, primeiro você deve contemplar cegamente o seu interior para descobrir a verdade.

Richard cruzou os braços sobre o peito. – Eu tenho olhos, então eu não consigo ver. Tenho ouvidos, então não consigo ouvir. Eu tenho uma mente, então eu não consigo saber coisa alguma.

– O primeiro passo para a sabedoria é aceitar que somos inadequados para conhecermos a natureza da realidade, e então nada que pensamos que sabemos pode ser real.

– Devemos comer para vivermos. Como você vai rastrear um veado na floresta para que possa comer? Colocando uma venda? Enfiando cera nos ouvidos? Fazendo isso enquanto está dormindo para que a sua mente não contribua com qualquer pensamento na tarefa em questão?

– Nós não comemos carne. É errado ferir animais só para que possamos comer. Não temos mais direito de viver do que um animal.

– Então você come apenas plantas, ovos, queijo… coisas assim.

– É claro.

– Como você faz queijo?

No silêncio inquietante, alguém nos fundos da sala tossiu.

– Eu sou o Sábio. Não fui escolhido para fazer esse trabalho. Outros fazem queijo para nós comermos.

– Entendo; você não sabe fazer queijo para o seu jantar porque ninguém o ensinou. Isso é perfeito. Então, aqui está você, vendado e com uma mente clara que não está poluída com o conhecimento no assunto. Então, como você faz queijo? Isso está vindo até você? O método de fazer queijo está sendo enviado a você através da sua divina introspecção vendada?

– A realidade não pode ser testada…

– Diga-me como, se você usasse uma venda para não conseguir ver, colocasse cera nos ouvidos para não conseguir ouvir, e colocasse grossas luvas para que não conseguisse sentir, como faria algo tão simples quanto pegar um rabanete para comer.

– Vou fazer o seguinte, você pode ficar sem a cera nos ouvidos, e não se incomode com as luvas. Deixe apenas a venda e mostre para mim como você consegue pegar um rabanete para ter

algo para comer. Vou até mesmo ajudá-lo a encontrar a porta primeiro; então você estará por sua conta. Vamos lá. Pode ir.

O Sábio lambeu os lábios. – Bem, eu…

– Se negar a visão a si mesmo, a audição, o tato… como plantará comida para sustentar a sua vida, ou como poderá ao menos caçar amoras e nozes? Se nada é real, então quanto tempo levará até que você morra de fome enquanto espera que alguma voz interior da "verdade" o alimente?

Um dos Oradores avançou correndo, tentando empurrar Richard para trás. Richard empurrou o homem com tanta força que ele caiu sentado no chão. Os Oradores escolheram-se recuando alguns passos. Richard colocou uma das botas sobre a plataforma, pousou o braço sobre o joelho, e inclinou bem perto do Sábio.

– Responda minhas perguntas, "Sábio". Diga-me o que olhar cegamente para seu interior revelou até agora para você a respeito de fazer queijo. Vamos lá; vamos ouvir isso.

– Mas… essa não é uma pergunta justa.

– Oh? Uma pergunta sobre a busca de um valor não é justa? A vida exige que todas as coisas vivas busquem valores com sucesso se elas quiserem continuar vivendo. Uma ave morre se não tiver sucesso em capturar uma minhoca. Isso é básico. As pessoas não são diferentes.

– Pare o ódio.

– Você já está com uma venda. Porque não tapa os ouvidos e murmura uma melodia para si mesmo para que não pense em mais nada, – Richard aproximou-se e baixou a voz perigosamente – e no seu estado de infinita sabedoria, Sábio, apenas tente adivinhar o que estou prestes a fazer com você.

O garoto encolheu-se de medo e rastejou para trás.

Kahlan abriu caminho entre Richard e Anson e sentou na parte de trás da plataforma. Ela colocou um braço em volta do

garoto aterrorizado e abraçou-o para confortá-lo. Ele espremeu-se contra ela naquela proteção calorosa.

– Richard, você está assustando o pobre garoto. Olhe para ele. Está tremendo como uma folha.

Richard tirou a venda da cabeça do garoto.

Em confusa surpresa, ele olhou para Richard com medo.

– Porque você foi até ela? – Richard perguntou com um tom suave.

– Porque… você estava prestes a me machucar.

– Então, quer dizer que você esperava que ela o protegesse?

– É claro… você é maior do que eu.

Richard sorriu. – Percebe o que está dizendo? Você estava assustado e esperava ser protegido do perigo. Isso não foi errado, foi? Querer ficar em segurança? Ter medo da agressão? Buscar ajuda de alguém que você pensou que poderia ser grande o bastante para deter a ameaça?

O garoto pareceu confuso. – Não, acho que não foi.

– E se eu segurasse uma faca contra você? Você não gostaria de ter alguém que me impedisse de cortá-lo? Não iria querer viver?

O garoto assentiu. – Sim.

– Esse é o valor de que estamos falando aqui.

Ele franziu a testa. – O que você quer dizer?

– Vida. – Richard disse. – Você quer viver. Isso é nobre. Você não quer que alguém tire sua vida. Isso é justo.

– Todas as criaturas querem viver. Um coelho vai correr se for ameaçado; é por isso que ele tem pernas fortes. Ele não precisa das pernas fortes ou grandes orelhas para encontrar e comer brotos macios. Ele tem as grandes orelhas para escutar ameaças, e as pernas fortes para escapar.

– Um veado vai bufar como aviso se for ameaçado. Uma cobra pode balançar um chocalho para afastar ameaças. Um lobo rosna como um alerta. Mas se o perigo continuar vindo e eles não

puderem escapar, um veado pode pisoteá-lo, a cobra pode dar o bote, e o lobo pode atacar. Nenhum deles vai procurar briga, mas eles protegerão a si mesmos.

– O homem é a única criatura que submete-se voluntariamente às presas de um predador. Apenas o homem, através da contínua doutrinação como a que você recebeu, rejeitará os valores que sustentam a vida. Ainda assim, você instintivamente fez a coisa certa indo até a minha esposa.

– Eu fiz?

– Sim. Os seus costumes não podiam protegê-lo, então você agiu arriscando na possibilidade de que ela pudesse. Se eu realmente fosse alguém com intenção de machucá-lo, ela teria lutado para me impedir.

Ele olhou para o sorriso de Kahlan. – Não lutaria?

– Sim, eu lutaria. Eu também acredito na nobreza da vida.

Ele ficou olhando surpreso.

Kahlan balançou a cabeça lentamente. – Mas o seu ato instintivo de buscar proteção não adiantaria se ao invés disso você tivesse procurado a proteção das pessoas que vivem de acordo com os ensinamentos tolos que você repete. Esses ensinamentos condenam a autopreservação como se isso fosse uma forma de ódio. O povo de vocês está sendo massacrado com ajuda das próprias crenças dele.

Ele pareceu perturbado. – Mas, eu não quero isso.

Kahlan sorriu. – Nós também não. Foi por isso que viemos, e porque Richard teve que mostrar a você que pode conhecer a verdade da realidade e que fazer isso o ajudará a sobreviver.

– Obrigado. – ele falou para Richard.

Richard sorriu e gentilmente acariciou o cabelo loiro do garoto. – Sinto muito ter que assustar você para mostrar que aquilo que você estava dizendo não fazia o menor sentido. Precisei mostrar que as palavras que lhe foram ensinadas não podem servir muito

bem a você… não pode viver de acordo com elas porque elas desprovidas da realidade e da razão. Para mim você parece um garoto que importa-se com a vida. Eu era assim quando tinha sua idade, e ainda sou. A vida é maravilhosa; deleite-se com ela, olhe em volta com os olhos que você tem, e enxergue ela em toda sua glória.

– Ninguém nunca falou comigo sobre a vida desse jeito. Eu não vejo muita coisa. Tenho que ficar do lado de dentro o tempo todo.

– Faremos o seguinte, talvez, antes que eu vá, eu possa levá-lo para uma caminhada na floresta e mostrar algumas das maravilhas do mundo ao redor de você… as árvores e plantas, aves, talvez até vejamos uma raposa… e conversaremos mais um pouco sobre as maravilhas e alegria da vida. Gostaria disso?

O rosto do garoto levantou com um sorriso. – Verdade? Faria isso por mim?

Richard mostrou um daqueles sorrisos que tanto derretiam o coração de Kahlan. Ele apertou brincando o nariz do garoto. – Com certeza.

Owen avançou e passou os dedos afetuosamente no cabelo do garoto. – Um dia fui como você… um Sábio… até ficar um pouco mais velho do que você.

O garoto fez uma careta para ele. – É mesmo?

Owen assentiu. – Costumava achar que eu tinha sido escolhido porque era especial e de alguma forma apenas eu fosse capaz de me comunicar com algum glorioso domínio de outro mundo. Eu acreditava que estava transbordando grande sabedoria. Olhando para trás, fico envergonhado em ver como tudo isso era tolice. Fui obrigado a ouvir lições. Nunca tive permissão de ser um garoto. Os Grandes Oradores me reverenciavam por repetir as coisas que eu tinha ouvido, e então quando eu falava ao povo com grande desprezo, eles disseram a mim o quanto eu era sábio.

– Eu também. – falou o garoto.

Richard virou de volta para os homens. – Foi a isso que o seu povo foi reduzido como uma fonte de sabedoria… escutar crianças repetindo expressões sem sentido. Vocês possuem mentes para pensarem e entenderem o mundo ao redor. Essa cegueira auto imposta é uma sombria traição contra vocês mesmo.

Todos os homens na frente, que Kahlan podia ver de onde estava sentava abraçando o garoto, abaixaram as cabeças envergonhados.

– Lorde Rahl está certo, – Anson disse, virando para os homens. – até hoje, na verdade eu nunca questionei ou pensei a respeito do quanto isso realmente é tolice.

Um dos Oradores balançou o punho. – Isso não é tolice!

Outro, aquele com o queixo pontudo, inclinou-se e tirou a faca de Anson da bainha no cinto dele.

Kahlan mal conseguiu acreditar naquilo que acabara de ver. Pareceu como se ela estivesse observando um pesadelo desenrolando-se subitamente, um pesadelo que ela não era capaz de deter ou ao menos atrasar. Pareceu que ela sabia o que aconteceria antes de ver.

Com um grito de fúria, de repente o Orador atacou, esfaqueando Anson antes que ele conseguisse reagir. Kahlan ouviu a faca atingir osso. Conduzido pela fúria cega, o Orador rapidamente moveu para trás o punho segurando a agora ensanguentada faca para esfaquear Anson outra vez. O rosto de Anson contorceu em choque enquanto ele começava a cair.

Pontos de luz de velas refletiram na extensão do aço polido afiado formando borrões quando a espada de Richard cintilou passando por Kahlan.

Mesmo enquanto a espada girava, o inconfundível som do aço quando ela foi sacada acompanhou seu terrível arco em direção da ameaça. Impulsionada pela formidável força de Richard, a ponta da espada assoviou através do ar. Quando o braço do Orador

alcançou o ápice do seu movimento, quando mais uma vez ele iniciava uma jornada mortal descendente, a lâmina de Richard enterrou no lado do pescoço do Orador e sem parecer reduzir a velocidade rasgou por carne e osso, cortando fora a cabeça do homem e um ombro junto com o braço que segurava a faca.

O corte veloz como um raio lançou compridas faixas de sangue contra a parede de rocha da fundação do Palácio do Império Bandakar.

Enquanto a cabeça do Orador e o ombro com o braço conectado nele girava através do ar em uma estranha espiral, o corpo dele desabou no chão. A cabeça bateu no chão com um som abafado e quicou através dos tapetes, deixando um rastro de sangue enquanto rolava.

Richard girou a lâmina vermelha, direcionando-a para a ameaça em potencial dos outros Oradores. Kahlan apertou o rosto do garoto contra o ombro, cobrindo os olhos dele.

Alguns dos homens abaixaram em volta de Anson. Kahlan não sabia a gravidade do ferimento dele… ou se ele ao menos ainda estava vivo.

Não muito longe, a cabeça e o braço ensanguentados do Orador morto jazia diante de uma mesa com velas. O punho ainda segurava a faca. A repentina carnificina ali diante de todos eles, o sangue espalhado pelo chão, era apavorante.

Todos ficaram olhando em surpreso silêncio.

– O primeiro sangue derramado por vocês Grandes Oradores, – Richard falou com uma voz tranquila para o grupo de oradores encolhidos. – não é contra aqueles que vieram para assassinar o seu povo, mas contra um homem que não cometeu violência contra vocês… um de vocês que simplesmente ergueu-se e disse a vocês que ele queria ficar livre da opressão do terror, livre para pensar por si mesmo.

Kahlan levantou, e viu que havia muito mais pessoas na sala do que antes. A maioria não eram homens deles. Quando Cara abriu caminho através da multidão silenciosa até o lado de Kahlan, Kahlan segurou-a pelo braço e inclinou-se chegando mais perto. – Quem são todas essas pessoas?

– As pessoas da cidade. Mensageiros levaram até elas as notícias de que a cidade de Witherton havia sido libertada. Elas ouviram sobre nossos homens aqui para ver o Sábio e quiseram testemunhar o que aconteceria. As escadas e corredores estão cheios delas. As palavras que foram pronunciadas aqui espalharam-se através de toda a multidão.

Cara obviamente estava preocupada em estar perto o bastante para proteger Richard e Kahlan. Kahlan sabia que muitas das pessoas foram tocadas por aquilo que Richard estivera falando, mas agora ela não sabia o que elas fariam.

Os Oradores pareciam ter perdido sua convicção. Eles não queriam ser associados com aquele entre eles que tinha feito uma coisa como aquela. Um deles finalmente deixou seus colegas Oradores e fez a caminhada solitária até o garoto parado ao lado da plataforma acortinada, e sob o braço protetor de Kahlan.

– Sinto muito. – ele falou para o garoto com uma voz sincera. Ele virou para as pessoas assistindo. – Sinto muito. Eu não quero mais ser um Orador. A Profecia foi realizada; a nossa redenção está próxima. Acho que seria melhor ouvir o que esses homens têm a dizer. Acho que gostaria de viver sem o medo de que os homens da Ordem matem todos nós.

Não houve gritos de alegria, nem louca ovação, mas, ao invés disso, um silencioso acordo quando todas as pessoas que Kahlan podia ver assentiram com o que parecia ansiosa esperança de que o desejo secreto deles de ficarem livres da brutalidade da Ordem Imperial não fosse um pensamento secreto pecaminoso afinal de contas, mas realmente a coisa certa.

Richard ajoelhou ao lado de Owen enquanto outros homens trabalhavam tentando amarrar uma tira de pano em volta do braço de Anson. Ele estava sentado. O seu braço todo estava coberto por sangue, mas parecia que a bandagem estava reduzindo a velocidade do sangramento. Kahlan suspirou aliviada ao ver que Anson estava vivo e não estava seriamente ferido.

– Parece que isso vai precisar de uma costura. – disse Richard.

Alguns dos homens concordaram. Um homem mais velho abriu caminho pela multidão e avançou.

– Eu faço esse tipo de coisa. Também tenho ervas para fazer uma pomada.

– Obrigado. – Anson falou quando seus amigos o ajudaram a levantar. Ele parecia tonto e os homens tiveram que apoiá-lo. Assim que estava firme em pé, ele virou para Richard.

– Obrigado, Lorde Rahl, por responder ao chamado nas palavras da devoção que eu fiz: "Mestre Rahl, nos proteja".

– Jamais imaginei que eu seria o primeiro a sangrar por aquilo que decidimos fazer, ou que o sangue seria derramado por alguém do nosso povo.

Richard deu alguns tapinhas gentilmente atrás do ombro bom de Anson, mostrando agradecimento pelas palavras de Anson.

Owen olhou ao redor para a multidão. – Acho que todos nós decidimos sermos livres novamente. – quando a multidão assentiu indicando que concordava, Owen virou para Richard.

– Como vamos nos livrar dos soldados em Northwick?

Richard limpou a espada no tecido da calça do Orador morto. Seu olhar desviou para a multidão. – Alguém tem ideia de quantos soldados tem aqui em Northwick?

Não havia raiva na voz dele. Kahlan tinha visto, desde o momento em que ele sacou a espada, que os olhos dele não mostravam a magia assistente da Espada da Verdade. Não havia

qualquer centelha da fúria da espada nos olhos do Seeker, magia alguma dançando perigosamente ali, qualquer fúria em seu comportamento. Ele simplesmente tinha feito o que era necessário para acabar com a ameaça.

Embora fosse um alívio que ele tivesse obtido sucesso velozmente, era gravemente preocupante que a magia da espada não tivesse surgido junto com a espada em si.

Aquilo que sempre estivera ali para ajudá-lo antes aparentemente finalmente falhara com ele. Aquela ausência da magia da espada deixou Kahlan sentindo uma gélida apreensão.

Pessoas na multidão olharam para os outros ao redor e então falaram de centenas de homens da Ordem que elas tinham visto. Outro homem disse que havia vários milhares.

Uma mulher mais velha levantou a mão. – Não tantos assim, mas perto disso.

Owen virou para Richard. – É um monte de homens para derrubarmos.

Jamais tendo participado de uma batalha real, ele não sabia nem a metade. Richard pareceu não ouvir Owen. Ele enfiou sua espada de volta na bainha escondida sob a sua capa negra.

– Como você sabe disso? – ele perguntou para a mulher.

– Sou uma das pessoas que ajuda a preparar as refeições deles.

– Está querendo dizer que vocês cozinham para os soldados?

– Sim, – a mulher idosa falou. – eles não querem fazer isso.

– Quando você terá que cozinhar novamente?

– Temos grandes caldeirões que estamos começando a preparar para a refeição de amanhã. Leva a noite toda para prepararmos o cozido para que possamos cozinhá-lo amanhã para a refeição do anoitecer. Além disso, também temos que trabalhar durante toda a noite preparando biscoitos, ovos, e mingau para a refeição matinal deles.

Kahlan imaginou que provavelmente os soldados estavam felizes em terem um pronto suprimento de escravos tão flexíveis. Richard andou de um lado para outro em um curto espaço entre ela e Owen. Ele apertou o lábio inferior enquanto analisava o problema. Com uma força tão pequena quanto a deles, quase dois mil homens armados eram muita coisa para darem conta, especialmente considerando o quanto os homens eram inexperientes. Kahlan percebeu que Richard estava planejando alguma coisa.

Ele segurou o braço do homem mais velho enrolando a bandagem no ferimento de Anson. – Você disse que tinha ervas. Tem conhecimento a respeito dessas coisas?

O homem balançou os ombros. – Não muito, apenas o bastante para fazer remédios simples.

Kahlan ficou desapontada. Ela pensava que talvez esse homem pudesse saber algo a respeito de fazer mais do antídoto.

– Você tem acesso a Lírio do Vale, Oleandro, Teixo, Acônito, Cicuta?

O homem piscou surpreso. – São bastante comuns, eu suponho, especialmente ao norte nas áreas de floresta.

Richard virou para seus homens na frente da multidão. – Devemos eliminar os homens da Ordem. Quanto menos tivermos de lutar, melhor.

– Enquanto ainda está escuro, precisamos sair da cidade e coletar as coisas de que precisamos. – ele levantou a mão para a mulher que falou sobre cozinhar para os soldados. – Você nos mostra aonde vai cozinhar a refeição do anoitecer e de amanhã. Levaremos para você alguns ingredientes extra.

– Com aquilo que colocarmos no cozido, os soldados ficarão violentamente doentes dentro de horas. Colocaremos coisas diferentes em caldeirões diferentes, assim os sintomas serão diferentes, para ajudar a criar confusão e pânico. Se conseguirmos colocar o suficiente dos venenos no cozido, a maioria deles morrerá

dentro de horas, sofrendo com tudo desde fraqueza, paralisia, até convulsões.

– Mais tarde na noite, entraremos e acabaremos com qualquer um que ainda não esteja morto, ou que puder não ter comido. Se prepararmos tudo cuidadosamente, Northwick estará livre da Ordem Imperial sem ter que lutar contra eles. Isso será finalizado rapidamente sem que qualquer um de nós seja ferido.

A sala ficou silenciosa durante um momento; então Kahlan viu sorrisos aparecendo entre as pessoas. Um raio de luz havia entrado na vida delas.

Com o pensamento da liberdade iminente, alguns começaram a chorar quando repentinamente sentiram a necessidade de adiantarem-se e declarar breves informações sobre aqueles que amavam que tinham sido estuprados, torturados, levados embora, ou foram assassinados.

Agora que essas pessoas receberam uma chance para viverem, ninguém queria voltar atrás. Elas viram a salvação, e estavam dispostas a fazerem o que fosse necessário para obtê-la.

– Isso destruirá o nosso modo de vida. – alguém falou, não com tristeza, mas com admiração.

– A redenção está próxima. – uma das outras pessoas na multidão adicionou.

Capítulo 53



Parado em faixas poeirentas de raios de sol da tarde, Zedd balançou sobre os pés enquanto aguardava não muito longe da tenda onde a Irmã Tahirah acabara de pegar um pequeno caixote. Enquanto ela estava lá dentro desembrulhando cuidadosamente e preparando o item de magia para inspeção, os guardas não estavam muito longe, conversando entre eles sobre as suas chances de conseguirem cerveja esta noite. Dificilmente eles estavam preocupados que um velho magro com um Rada'Han no pescoço e os braços presos atrás das costas desse qualquer trabalho ou tentasse correr.

Zedd usou a oportunidade para apoiar-se contra a roda traseira da carroça de carga. Ele só queria ter permissão de deitar e dormir. Sem parecer óbvio, ele olhou por cima do ombro para Adie. Ela mostrou um breve sorriso de bravura.

A carroça contra a qual ele estava apoiado estava cheia de itens saqueados da Fortaleza que ainda precisavam ser identificados.

Pelo que Zedd sabia, ele podia estar apoiado contra uma carroça cheia de magias simples destinadas a entreter e ensinar crianças, ou de algo tão poderoso que entregaria a Jagang a vitória em apenas um instante.

Alguns dos itens trazidos da Fortaleza eram desconhecidos para Zedd. Eles estiveram trancados atrás de escudos que ele nunca foi capaz de cruzar. Mesmo na infância dele os magos antigos na Fortaleza não foram capazes de chegar até o que estava por trás de muitos dos escudos. Mas os homens que invadiram e tomaram a

Fortaleza do Mago não eram tocados pela magia e aparentemente não tiveram problemas em passar por escudos que estiveram ali durante milhares de anos.

Tudo que Zedd sabia foi virado de cabeça para baixo.

De certo modo, parecia que esse não era apenas o fim da Fortaleza do Mago como ela foi projetada e imaginada, mas também o fim de um modo de vida, e a morte de uma era.

Os itens trazidos da Fortaleza que Zedd tinha identificado até agora não tinham grande valor para Jagang em vencer a guerra. Havia poucas coisas, agora de volta em caixotes protetores, que eram um mistério para Zedd; de acordo com o que ele sabia, elas podiam ser profundamente perigosas. Ele gostaria que elas pudessem ser todas destruídas antes que uma das Irmãs do Escuro descobrisse como usá-las para criar devastação.

Zedd levantou os olhos quando viu um dos soldados de elite vestindo couro e cota de malha parar perto dali, sua atenção concentrada em algo. A orelha direita dele tinha um grande corte em forma de na parte superior, do jeito que alguns fazendeiros marcavam os seus porcos. Embora ele vestisse o mesmo tipo de roupa que o resto dos soldados de elite, suas botas não eram as mesmas. Zedd viu, quando o homem olhava ao redor, que o olho esquerdo dele não abria tanto quanto o direito, mas então ele seguiu dentro dos grupos de soldados em patrulha.

Enquanto Zedd observava o constante movimento de soldados, Irmãs, e outros passando, ele continuava tendo as desconcertantes visões de pessoas do seu passado, e outras que conhecia. Era desanimador ter essas ilusões fantasmagóricas geradas por uma mente que, por causa da falta de descanso, e talvez da constante tensão, estivesse falhando. Os rostos de alguns dos soldados de elite pareciam assombrosamente familiares. Ele imaginou que estivera enxergando os homens durante dias e eles estavam começando a parecerem familiares.

Ao longe ele viu uma Irmã que passava caminhando que parecia com alguém que ele conhecia. Provavelmente havia encontrado com ela recentemente, isso era tudo. Encontrou com várias Irmãs recentemente, e isso nunca era congenial. Zedd advertiu a si mesmo que precisava manter o controle.

Uma das garotinhas não muito longe, mantida prisioneira por um grande soldado junto dela, estava observando Zedd e quando ele olhou para ela, ela sorriu. Ele achou aquilo a coisa mais estranha que uma criança assustada… no meio de um caos de soldados, prisioneiros, e atividade militar… podia fazer. Imaginou que uma criança assim não poderia entender que estava ali para ser torturada, se fosse necessário, para terem certeza de que Zedd falasse tudo que sabia. Ele desviou os olhos do longo cabelo loiro dela que descia em cascata em volta dos ombros, do seu belo rosto estranhamente familiar. Isso era loucura… de diversas formas.

A Irmã de nariz empinado emergiu da tenda.

– Tragam eles para dentro. – ela disparou.

Os quatro guardas entraram em ação, dois segurando Adie, os outros dois pegando Zedd. Os homens eram tão grandes que o peso de Zedd era trivial para eles. O modo como eles o seguravam erguido pelos braços evitava que a maioria dos passos dele tocassem o chão. Eles o levaram para dentro da tenda, avançaram com ele ao redor da mesa, fizeram ele virar, e jogaram ele sobre a cadeira com tanta força que isso fez escapar o ar dos pulmões dele com um grunhido.

Zedd fechou os olhos enquanto fazia careta sentindo dor. Gostaria que eles simplesmente o matassem para que não tivesse que abrir os olhos outra vez. Mas quando eles o matassem, enviariam a cabeça dele para Richard.

Zedd odiava pensar na angústia que isso causaria a Richard.

– Bem? – perguntou a Irmã Tahirah.

Zedd abriu os olhos e espiou o objeto diante dele no centro da mesa.

Ficou sem fôlego.

Ele piscou diante do que viu, surpreso demais para respirar.

Era magia construída chamada de um feitiço do pôr-do-sol.

Zedd engoliu em seco. Certamente, nenhuma das Irmãs abriu ele. Não, elas não abririam. Ele não estaria sentado ali se elas tivessem aberto.

Diante dele sobre a mesa estava uma pequena caixa, do tamanho da palma da mão dele. A caixa tinha a forma da metade superior de um sol estilizado… metade de um disco com seis raios pontudos saindo dele, para representar o sol descendo no horizonte. A caixa estava laqueada em um amarelo claro. Os raios também eram amarelos, mas com linhas laranja, verde, e azul por suas extremidades.

– Bem? – repetiu a Irmã Tahirah.

– Ahh…

Ela estava olhando no livro dela, não para a pequena caixa amarela. – O que é isso?

– Eu não… tenho certeza se lembro. – ele falou, enrolando.

A Irmã não estava com muita paciência. – Quer que eu…

– Oh, sim, – ele disse, tentando soar despreocupado. – agora eu me lembro. É uma caixa com um feitiço que produz uma pequena melodia.

Isso era verdade. A irmã ainda estava lendo em seu livro. Zedd olhou para trás, por cima do ombro, para Adie sentada no banco. Ele podia ver nos olhos dela que ela sabia pelo comportamento dele que alguma coisa séria estava acontecendo. Ele esperou que a Irmã não conseguisse detectar a mesma coisa.

– Então é uma caixa de música. – murmurou a Irmã Tahirah, mais interessada em seu catálogo de magia.

– Sim, isso mesmo. Uma caixa que contém um feitiço para música. Quando você remove a tampa, ela produz uma melodia. – suor escorria no pescoço dele, escorrendo entre as suas espáduas. Zedd engoliu em seco e tentou não deixar sua tremedeira ser percebida na voz.

– Tire a tampa… você verá.

Ela espiou desconfiada por cima do livro. – Você tira a tampa.

– Bem… eu não posso. Minhas mãos estão presas atrás das costas.

– Use os dentes.

– Meus dentes?

A Irmã usou a parte de trás da pena dela para empurrar a caixa amarela com a metade de um sol mais perto dele. – Sim, os seus dentes.

Ele estava contando com a suspeita dela, mas ele não ousava exagerar. Ele mexeu a língua na boca, desesperadamente tentando gerar alguma saliva.

Sangue seria melhor, mas ele sabia que se ele mordesse o interior do lábio a Irmã ficaria desconfiada. Sangue era um catalisador comum demais.

Antes que a Irmã ficasse desconfiada, Zedd inclinou para frente e tentou esticar os lábios em volta da caixa. Ele lutou para colocar os dentes inferiores na parte de baixo do sol e os dentes superiores sobre um raio pontudo.

A caixa era um pouquinho grande demais. Com a mão atrás da cabeça dele, Irmã Tahirah empurrou-o sobre a caixa.

Isso era tudo que precisava e ele pegou a tampa com os dentes.

Levantou a tampa, mas a caixa subiu afastando da mesa. Ele balançou a cabeça e, finalmente, o topo soltou. Ele colocou a tampa de lado.

Se não fosse aberta pelo ladrão dos itens preservados na Fortaleza, um feitiço do pôr-do-sol tinha que ser ativado por um mago que o feitiço reconheceria. Rapidamente, antes que ela visse o que ele estava fazendo, ele deixou cair um pouco de saliva dentro da caixa para ativar o feitiço.

Zedd sentiu alívio quando a música começou. Funcionou.

Isso ainda era viável. Ele espiou através da estreita abertura da tenda. Logo o sol desceria.

Ele quis pular e dançar com a melodia alegre. Queria soltar um grito de felicidade. Mesmo que não tivesse muito tempo de vida, ele ainda sentia-se animado. A provação estava quase terminada. Em pouco tempo, todas as coisas de magia que foram roubadas seriam destruídas, e ele estaria morto. Nunca arrancariam algo dele. Ele não trairia a causa deles.

Sentiu-se mal que as famílias capturadas que estavam sendo usadas para ajudar a obter a cooperação dele também fossem morrer, mas pelo menos elas não teriam mais que sofrer. Ele sentiu uma súbita pontada de tristeza de que Adie, também fosse morrer. Odiava esse pensamento quase tanto quanto o pensamento de que ela sofresse.

A Irmã esticou o braço e recolocou a tampa. – Muito bonitinho.

A música parou. Porém, isso não importava. O feitiço fora ativado. A música era simplesmente uma confirmação… e um aviso para sair do alcance. Não havia chance para isso.

Não tinha importância.

A Irmã Tahirah retirou a caixa amarela da mesa. – Vou colocar isso de volta. – ela inclinou em direção a Zedd. – Enquanto estou fora, mandarei os guardas trazerem a próxima criança e deixar você dar uma boa olhada nela, deixar você pensar naquilo que os homens na próxima tenda farão com ela… sem hesitação… se você ficar enrolando e desperdiçar nosso tempo desse jeito outra vez.

– Mas eu…

As palavras dele foram cortadas quando ela usou o Rada'Han no pescoço dele para enviar uma onda de dor da base de seu crânio descendo até o peito. A costa dele arqueou quando ele gritou, quase perdendo a consciência. Ele caiu mole na cadeira, sua cabeça pendurada para trás, incapaz de levantar durante esse momento.

– Venham comigo. – Irmã Tahirah falou para os guardas. – Precisarei de ajuda. O guarda que trouxer a próxima criança pode vigiá-los por alguns minutos.

Ofegando com a dor residual, lágrimas enchendo seus olhos, Zedd ficou olhando para o teto da tenda.

Ele viu luz quando a lona foi aberta. Sombras moveram-se através da lona quando a Irmã e os quatro homens partiram e ela mandou entrar o guarda com a criança. Zedd ficou olhando para o teto, não querendo olhar para o rosto de outra criança.

Finalmente, recuperado da onda de dor, ele sentou.

Um dos grandes guardas de elite, vestido com sua roupa de couro, cota de malha, e um largo cinto com diversas armas, estava parado de um lado com uma garota de cabelo loiro diante dele. Era a garota que sorriu. Zedd fechou os olhos durante um momento com a agonia daquilo que eles fariam com essa pobre criança que tanto o fazia lembrar de alguém que ele conhecera.

Quando abriu os olhos, ela sorriu outra vez. Então ela piscou.

Zedd piscou, surpreso. Ela levantou o vestido florido o bastante para que Zedd pudesse ver duas facas amarradas nas coxas dela. Ele piscou novamente diante do que estava vendo. Ele olhou o rosto sorridente dela.

– Rachel…? – ele sussurrou.

O sorriso dela aumentou com mais alegria.

Zedd olhou para o rosto do grande homem montando guarda atrás dela.

– Queridos espíritos… – Zedd sussurrou.

Era o Guarda da Fronteira.

– Ouvi dizer que você se meteu em problemas. – falou Chase.

Por um instante, Zedd pensou que ele certamente estava vendo coisas. Então ele percebeu porque Rachel pareceu tão familiar, e ainda assim diferente; ela estava mais do que dois anos e meio mais velha do que a última vez em que a tinha visto. Seu cabelo loiro, uma vez cortado bem curto, agora estava longo. Devia estar quase um pé mais alta.

Chase enfiou os dedões atrás do largo cinto de couro. – Adie, equilibrada como você é, imagino que foi Zedd quem meteu você nessa.

Zedd olhou por cima do ombro. Adie exibia um belo sorriso. Não conseguia lembrar da última vez em que tinha visto ela sorrir.

– Ele ser nada a não ser problema. – ela disse para o Guarda da Fronteira.

Fazia dois anos e meio desde que ele tinha visto Chase. O Guarda da Fronteira era um velho amigo. Foi ele quem os tinha levado para encontrar com Adie naquela época para que ela pudesse mostrar a Richard o caminho através da Fronteira antes que Darken Rahl a tivesse derrubado.

Chase era mais velho do que Richard, mas um dos mais queridos e confiáveis amigos.

– Um Guarda da Fronteira mais velho, Friedrich, apareceu procurando por mim. – Chase explicou. – Ele disse que Lorde Rahl tinha enviado ele até a Fortaleza para alertar você a respeito de algum problema. Ele disse que Richard tinha falado a ele sobre mim, e uma vez que você tinha sumido e a Fortaleza havia sido capturada, ele veio até Westland procurando por mim. Guardas da Fronteira sempre podem contar uns com os outros.

– Rachel e eu decidimos vir tirar a sua pele velha do fogo.

Zedd olhou para o raio de sol entrando pela estreita abertura da tenda. – Vocês precisam sair daqui. Antes que o sol desça… ou serão mortos. Rápido, saiam daqui enquanto podem.

Chase levantou uma sobrancelha. – Fiz toda essa viagem e não pretendo partir sem vocês.

– Mas você não entende…

Uma faca surgiu através do lado da tenda e desceu rasgando uma abertura na lona. Um dos guardas de elite entrou pela abertura.

Zedd ficou olhando surpreso. O homem pareceu familiar, mas alguma coisa não parecia certa.

– Não! – Zedd gritou para Chase quando o grande homem tentou pegar o grande machado pendurado no quadril.

– Fique onde está. – o homem que entrou pela abertura no lado da tenda disse para Chase. – Tem um homem logo ali fora que vai enfiar uma espada em você se você se mexer.

Zedd ficou de queixo caído. – Capitão Zimmer?

– É claro. Eu vim tirar vocês daqui.

– Mas, mas, você está com o cabelo preto.

O Capitão mostrou um dos seus sorrisos contagiantes. – Fuligem. Não é uma boa ideia ter cabelo loiro no meio do acampamento de Jagang. Eu vim resgatar vocês.

Zedd estava incrédulo. – Mas todos você precisam sair daqui. Rápido, antes que o sol desça. Saiam!

– Você tem mais alguns homens? – Chase perguntou ao Capitão.

– Alguns. Quem é você?

– Um velho amigo. – Zedd falou. – Agora, vejam bem…

Nisso, gritos vieram do lado de fora.

O Capitão Zimmer correu até a abertura da tenda. Um homem enfiou a cabeça para dentro.

– Não somos nós. – ele disse em resposta para a pergunta não pronunciada do Capitão.

A uma certa distância, Zedd podia ouvir os gritos de – Assassino!

O Capitão Zimmer correu para trás de Zedd e usou uma chave nas algemas. Elas abriram. De repente os braços de Zedd estavam livres. O Capitão correu para soltar Adie quando ela levantou e virou de costas para ele.

– Parece nossa chance. – Rachel disse. – Vamos aproveitar a confusão para cair fora daqui.

– O cérebro do grupo. – falou Chase com um sorriso.

A primeira coisa que Zedd fez quando seus braços estavam livres foi cair de joelhos e abraçar a garota. Ele não conseguiu dizer as palavras, mas elas não eram necessárias. Sentir os braços dela em volta do pescoço dele era melhor do que quaisquer palavras.

– Senti saudade de você, Zedd. – ela sussurrou no ouvido dele.

Do lado de fora da tenda, o caos estava instalado. Ordens estavam sendo gritadas, homens estavam correndo, e ao longe o som de aço ecoava.

A Irmã entrou na tenda. Ela viu Zedd livre e imediatamente liberou um jato de poder através da coleira dele. O choque fez ele cair.

Nesse momento, uma segunda Irmã loira, jovem, em um vestido marrom escuro de lã avançou por trás da Irmã Tahirah. A Irmã Tahirah girou. A segunda Irmã bateu nela com tanta força que ela quase derrubou a mulher. Sem pausa, a Irmã Tahirah liberou um raio do seu poder que iluminou o interior da tenda com um brilho cegante. Ao invés dele lançar a segunda Irmã para trás através da abertura na tenda, como Zedd esperava, Irmã Tahirah gritou e caiu no chão.

– Te peguei! – a segunda Irmã rosnou quando colocou uma bota no pescoço da Irmã Tahirah, mantendo-a no chão.

Zedd piscou, surpreso. – Rikka?

Rikka já estava virando, seu Agiel no punho. Ela apontou-o em direção a Chase.

– Rikka? – o Capitão Zimmer perguntou do outro lado da tenda, parecendo admirado, não apenas em ver quem era, mas talvez por ver a Mord-Sith com o cabelo loiro livre da trança e esvoaçando solto.

– Zimmer? – ela fez uma careta diante do cabelo preto dele. – O que você está fazendo aqui?

– O que eu estou fazendo aqui? O que você está fazendo aqui!

Ele apontou para o vestido dela. – O que você está vestindo?

Rikka mostrou aquele sorriso malicioso dela. – O vestido de uma Irmã.

– Irmã? – Zedd perguntou. – Que Irmã?

Rikka balançou os ombros. – Uma que não queria entregar seu vestido. Ela perdeu a cabeça durante a discussão. – com o indicador e o dedão Rikka esticou o lábio inferior. – Está vendo? Peguei emprestando o anel dela também. Aumentei o corte e pendurei ele aqui, para ficar parecendo com uma Irmã de verdade.

Rikka levantou a Irmã Tahirah pelo cabelo e atirou-a em direção a Adie. – Tire aquela coisa do pescoço dela.

– Não farei tal…

Rikka enfiou o Agiel por baixo do queixo da Irmã. Sangue escorreu sobre o lábio inferior dela. A Irmã começou a engasgar com ele enquanto arfava em agonia.

– Eu disse, tire aquela coisa do pescoço de Adie. E nunca mais discuta comigo.

A Irmã Tahirah cambaleou até Adie para fazer como a Mord-Sith ordenara.

Chase plantou os punhos nos quadris enquanto olhava para Zedd, ainda no chão. – Então, o que faremos agora… vamos decidir no palitinho para decidir quem resgata vocês?

– Maldição! Tem alguém escutando? Vocês precisam sair daqui!

Rachel balançou um dedo para Zedd. – Olhe, Zedd, você sabe que não deve falar palavras feias na frente de crianças.

Gaguejando com frustração, Zedd ficou olhando boquiaberto para Chase.

– Eu sei, – o Guarda da Fronteira disse soltando um suspiro. – ela também é um desafio para mim.

– O sol está quase para sumir! – Zedd rosnou.

– Seria melhor se pudéssemos esperar até que ele faça isso, – disse o Capitão Zimmer. – seria mais fácil sair do acampamento no escuro.

O som de um zumbido encheu a tenda, fazendo o próprio ar vibrar, e então houve um súbito estalo metálico. Adie gritou de alívio quando a coleira caiu.

– Tem alguém escutando? – Zedd levantou e balançou os punhos. – Eu ativei um feitiço do pôr-do-sol!

– Um o quê? – Chase perguntou.

– Um feitiço do pôr-do-sol. É um dispositivo protetor da Fortaleza. É uma espécie de escudo. Quando ele reconhece que outros escudos estão sendo violados e itens protegidos estão sendo levados, ele insinua-se entre os bens roubados. Quando um ladrão abre ele para ver o que é, isso ativa o feitiço. No primeiro pôr-do-sol o feitiço dispara e destrói tudo que foi saqueado.

A Irmã Tahirah balançou o punho para ele. – Seu tolo!

Rikka segurou o braço dele. – Então vamos andando.

Chase segurou o outro braço de Zedd e puxou ele para trás. – Agora, espere um pouco.

Zedd soltou os dois braços e apontou para o sol que descia através da abertura no lado da tenda. – Temos apenas alguns momentos até que esse lugar transforme-se em uma bola de fogo.

– Uma bola de fogo de que tamanho? – perguntou o Capitão Zimmer.

Zedd lançou os braços para cima. – Ele matará milhares. De certo modo ele não destruirá o acampamento, mas toda essa área será varrida.

Todos começaram a falar, mas Chase interrompeu com um grito furioso para que ficassem em silêncio. – Agora me escutem. Se parecer que estamos fugindo, seremos capturados. Capitão, você e seus homens vem comigo. Fingiremos que Zedd e Adie são nossos prisioneiros. Rachel, também… foi assim que entrei aqui; descobri que eles estavam prendendo crianças. – ele apontou a mão em direção a Rikka e Irmã Tahirah. – Elas serão como Irmãs responsáveis pelos prisioneiros, junto conosco fingindo que somos os guardas.

– Quer tirar essa coisa do pescoço primeiro? – Rikka perguntou a Zedd.

– Não há tempo para isso agora. Vamos.

Adie agarrou o braço de Zedd. – Não.

– O quê!

– Me escute, velho. Tem aquelas famílias e crianças nessas tendas em volta de nós. Eles vão morrer. Você vai. Vá até a Fortaleza. Vou tirar as pessoas inocentes daqui.

Zedd não gostou da ideia, mas discutir com Adie era tarefa para um tolo, e além disso, não havia tempo.

– Então nos separamos, – o Capitão Zimmer falou. – eu e meus homens farão o papel de guardas e levarão os homens, mulheres, e crianças para fora daqui, de volta para nossas fileiras, junto com Adie.

Rikka assentiu. – Digam para Verna que vou com Zedd para ajudar a tomar de volta a Fortaleza. Ele precisará de uma Mord-Sith para mantê-lo fora de problemas.

Todos olharam ao redor para ver se haveria qualquer oposição. Ninguém falou. De repente isso pareceu decidido.

– Feito. – disse Zedd.

Ele colocou os braços em volta de Adie e beijou a bochecha dela. – Tenha cuidado. Diga para Verna que vou pegar de volta a Fortaleza. Ajude ela a defender as passagens.

Adie assentiu. – Tenha cuidado. Escute Chase… ele ser um bom homem para vir todo esse caminho buscar você.

Zedd sorriu e então gemeu quando Chase agarrou o manto dele e puxou-o para fora da tenda. – O sol está descendo… vamos dar o fora daqui. Lembre-se, você é nosso prisioneiro.

– Conheço o papel. – Zedd resmungou enquanto era arrastado para fora da tenda como um saco com grãos. Ele sorriu quando Adie, já afastando-se depressa, olhou por cima do ombro uma última vez. Ela sorriu de volta, e então sumiu.

– Espere! – Zedd gritou. Rapidamente ele enfiou o braço dentro de uma das carroças e pegou algo que ele não queria que fosse destruído. Enfiou aquilo dentro de um bolso. – Certo, vamos lá.

Do lado de fora da tenda, o acampamento estava um pandemônio.

Guardas de Elite, em um estado de alto alerta e com armas em punho, passaram correndo em direção às tendas de comando. Outros homens correram até o anel de barricadas. Trombetas soaram alarmes e mensagens codificadas que direcionavam as tarefas dos homens. Zedd temeu que seu pequeno grupo pudesse ser notado e detido para interrogatório.

Ao invés de esperar que aquilo acontecesse, Chase esticou um braço e agarrou um soldado que passava correndo.

– Qual é o problema com vocês? Consiga alguma proteção para esses prisioneiros até que eu possa levá-los para um local seguro! O Imperador vai arrancar nossas cabeças se permitirmos que eles sejam recapturados!

Rapidamente o soldado reuniu uma dúzia de homens e eles ficaram ao redor de Rikka, Irmã Tahirah, Chase, Rachel, e Zedd. Rachel estava fazendo um trabalho convincente chorando de medo. Para melhorar o efeito, ocasionalmente Chase sacudia ela e gritava para calar a boca.

Zedd olhou para trás por cima do ombro, vendo o sol tocar o horizonte. Ele rosnou para Rikka, na frente, para que ela acelerasse o passo.

Nas barricadas, guardas sisudos olharam para eles cuidadosamente enquanto eles aproximavam-se e então abriram suas fileiras. Estavam impedindo qualquer um de entrar, e ficaram momentaneamente confusos com uma companhia de seus próprios homens saindo com prisioneiros. Um homem decidiu dar um passo para o lado e questioná-los.

Chase empurrou-o com o braço esticado. – Idiota! Saia do nosso caminho! Ordens do Imperador!

O homem franziu a testa enquanto olhava para a procissão que passava velozmente. Enquanto ele pensava no que devia fazer, eles já estavam longe, mergulhados no acampamento maior.

Em momentos, ele estavam fora do coração do acampamento. Em pouco tempo, soldados comuns, vendo Rikka na dianteira, moveram-se para bloquear o caminho deles. Uma bela mulher no meio dos soldados comuns estava procurando problemas, e com a confusão que os homens viram na área de comando, eles acreditavam que tinham uma oportunidade enquanto aqueles com autoridade estavam ocupados.

Rikka e Chase mantiveram seu pequeno grupo movendo-se em passo veloz. Os soldados sorridentes fecharam as fileiras, bloqueando o caminho. Um dos homens, sem os dois dentes da frente, deu um passo na frente dos homens dele. Com um dedão enfiado atrás do cinto, ele levantou a outra mão.

– Parados aí. Acho que as senhoritas gostariam de ficar para uma visita.

Sem pausa, Rachel enfiou a mão embaixo da bainha do vestido dela e tirou uma faca. Ela não reduziu a velocidade ou ao menos olhou para trás quando levantou a faca por cima do ombro. Em um movimento rápido, sem perder um passo, Chase pegou a faca pela ponta e enterrou-a no homem sem dentes. Com um som abafado, a faca entrou até o cabo na testa do homem.

Enquanto ele ainda estava caindo para trás, Rachel levantou uma segunda faca por cima do ombro. Chase pegou-a e atirou-a. Quando o segundo homem desabou em direção ao solo, morto, o resto dos homens recuou para deixar o pequeno grupo, marchando adiante, entrar no meio deles. Disputas mortais dentro do acampamento da Ordem Imperial não eram uma raridade.

Guardas de Elite ou não, os soldados estavam confiantes em seus números e, com uma bela mulher entre eles, tinham certeza daquilo que desejavam. Homens por todos os lados aproximaram-se.

Zedd deu uma rápida olhada para trás. – Agora! Deitem no chão!

Rikka, Chase, Rachel, e Zedd lançaram-se ao solo.

Por um instante, todos acima deles congelaram, observando, surpresos. Os soldados que estavam acompanhando eles, com as armas já preparadas para a luta que esperavam, também ficaram parados, confusos.

A Irmã Tahirah viu sua oportunidade e gritou. – Ajudem! Essas pessoas são…

O mundo iluminou-se com uma brilhante luz branca.

Um instante depois uma explosão trovejante estremeceu o chão. Uma onda de detritos veio em seguida, impulsionada diante de um forte rugido.

Homens foram atirados ao ar. Alguns foram cortados por destroços voadores. Os Guardas de Elite que escoltaram eles foram

lançados através do ar acima de Zedd.

Irmã Tahirah tinha virado em direção ao clarão. Uma roda de carroça voou em direção a eles em uma velocidade incrível, atingindo o tórax dela, cortando-a em duas. A roda ensanguentada seguiu voando sem ao menos reduzir a velocidade. Os restos despedaçados da Irmã foram espalhados pelo chão junto com os corpos de incontáveis homens.

Enquanto a explosão lá atrás ainda rugia, os gritos de homens feridos terrivelmente ecoaram sob os raios do pôr-do-sol.

Zedd esperava que Adie não tivesse perdido tempo ao escapar.

Chase agarrou o manto de Zedd na altura do ombro e fez ele levantar enquanto puxava Rachel com o outro braço. Rikka segurou o manto de Zedd no outro ombro e puxou-o adiante. Juntos, os dois salvadores de Zedd correram junto com ele para dentro da carnificina.

Rachel escondeu o rosto no ombro de Chase.

Zedd estava prestes a perguntar para Chase porque ele ensinaria uma garotinha coisas como usar facas quando lembrou que foi ele mesmo quem um dia designou a Chase a tarefa de ensinar a ela tudo que o Guarda da Fronteira sabia.

Rachel era uma pessoa especial. Zedd queria que ela estivesse preparada para aquilo que a vida pudesse estar reservando.

– Devia ter permitido que eu fizesse a Irmã tirar essa coleira quando tivemos a chance. – Rikka falou enquanto eles corriam.

– Se tivéssemos perdido esse tempo, – Zedd respondeu. – estaríamos lá atrás e teríamos sido pegos naquela bola de fogo.

– Entendo. – disse ela.

Quando eles reduziram um pouco o ritmo para recuperarem o fôlego, homens correram em todas as direções. Na confusão e desordem, ninguém notou que os quatro estavam escapando. Enquanto eles seguiam velozmente pelo vasto acampamento da

Ordem Imperial, Zedd colocou um braço em volta dos ombros de Rikka e puxou-a mais perto.

– Obrigado por vir salvar a minha vida.

Ela mostrou um sorriso maroto. – Não deixaria você com aqueles porcos… não depois de tudo que você fez por nós. Além disso, Lorde Rahl tem Cara protegendo ele; tenho certeza de que ele gostaria que uma Mord-Sith protegesse o seu avô também.

Zedd tinha razão. O mundo estava virado de cabeça para baixo.

– Temos cavalos e suprimentos escondidos, – Chase falou. – no caminho para fora desse lugar, seria melhor nós pegarmos um cavalo para Rikka.

Rachel olhou para trás por cima do ombro de Chase, seus braços em volta do pescoço dele. Ela fez uma careta para Zedd quando sussurrou. – Chase está infeliz porque teve que deixar todas as suas armas para trás e ficar tão pouco armado.

Zedd olhou para o machado de batalha em um quadril de Chase, a espada no outro, e duas facas na parte baixa das costas dele. – Sim, posso ver como ficar tão indefeso poderia deixar um homem mal-humorado.

– Não gosto desse lugar. – Rachel sussurrou no ouvido de Chase.

Ele deu tapinhas nas costas dela quando ela deitou a cabeça no ombro dele. – Estaremos de volta à floresta em breve, pequenina.

Em meio aos gritos e da morte, essa foi a visão mais terna que Zedd podia imaginar.

Capítulo 54



Verna fez uma pausa quando a sentinela aproximou-se correndo no escuro. Ela moveu as mãos subindo nas rédeas, mais perto do freio, para impedir que o cavalo ficasse agitado.

– Prelada… acho que deve ser algum tipo de ataque. – o soldado disse com preocupação ofegante.

Ela fez uma careta para o homem. – O que deve ser um ataque? O que foi?

– Tem alguma coisa subindo a estrada. – ele apontou de volta em direção à Passagem Dobbin. – Uma carroça, eu acho.

O inimigo estava sempre enviando coisas contra eles… homens esgueirando-se pela escuridão, cavalos cobertos com feitiços destinados a explodir uma brecha nos escudos correndo loucamente em direção a eles, carroças bastante inocentes com arqueiros escondidos dentro, poderosos ventos impelidos por feitiços banhados com magia conjurada de todo tipo.

– Já que está escuro, o comandante acha que isso é suspeito e que não deveríamos arriscar.

– Parece algo sábio. – falou Verna.

Ela precisava voltar para o acampamento. Tinha feito as rondas ela mesma para dar uma boa olhada nas defesas deles, para ver os homens nos postos, antes da reunião noturna deles no acampamento para checarem os relatórios do dia.

– O comandante quer destruir a carroça antes que ela chegue perto demais. Eu chequei, Prelada… não há qualquer outra Irmã por perto… se não quiser cuidar disso, podemos mandar os homens lá

em cima provocarem um deslizamento de rochas sobre a carroça e esmagá-la.

Verna tinha que voltar para encontrar-se com os oficiais.

– É melhor você falar para seu comandante para cuidar disso do jeito que ele achar adequado.

O soldado fez uma saudação com a batida de um punho sobre o coração.

Verna virou seu cavalo e colocou um pé no estribo. Porque a Ordem Imperial acharia que conseguiriam fazer uma carroça passar, especialmente durante a noite? Certamente, eles não eram tolos o bastante para pensarem que ela não seria avistada no escuro. Ela parou e olhou para o soldado que afastava-se apressado.

– Espere. – ele parou e virou. – Mudei de ideia. Vou com você.

Era tolice usar as rochas que tinham prontas lá em cima; poderiam precisar delas se um ataque em grande escala viesse repentinamente subindo por essa passagem. Era um erro desperdiçar uma defesa como essa.

Ela seguiu o homem subindo a trilha até o ponto de observação onde a companhia dele aguardava. Os homens estavam todos observando entre as árvores. A estrada adiante e abaixo deles parecia prateada sob a luz da lua que subia.

Verna inalou a fragrância de bálsamo de pinheiro enquanto observava a carroça seguindo seu caminho subindo a estrada prateada, sendo puxada por um cavalo vagaroso.

Arqueiros tensos aguardavam prontos. Tinham uma lamparina protegida ali perto para acenderem flechas para tocarem fogo na carroça.

Verna não viu qualquer pessoa na carroça. Uma carroça vazia parecia bastante suspeita. Ela lembrou da estranha mensagem de Ann, alertando-a para deixar passar uma carroça vazia.

Mas eles já tinham feito isso. Verna lembrou que a garota com a mensagem de Jagang veio por esta rota e com o mesmo método. O coração de Verna acelerou de preocupação com o pensamento de qual a nova mensagem que Jagang podia estar enviando agora.

Talvez fossem as cabeças de Zedd e Adie.

– Esperem. – ela falou para os arqueiros. – Deixem ela passar, mas fiquem prontos caso seja um truque.

Verna seguiu descendo o estreito caminho entre as árvores. Ela ficou atrás de um grupo de abetos, observando. Quando a carroça estava perto o suficiente, ela abriu uma pequena abertura no tecido do vasto escudo que ela e as Irmãs haviam criado na passagem. O padrão de magia estava entrelaçado com todo tipo de magia danosa que elas puderam conjurar. Essa passagem era bastante pequena para que somente os escudos conseguissem protegê-la, e se o inimigo realmente viesse, era pequena demais para que grandes números viessem de um vez. Mesmo sem o escudo formidável, a passagem era relativamente fácil de proteger.

Quando a carroça passou através do escudo, Verna fechou o buraco. Quando ela chegou perto o bastante, um dos homens correu saindo das árvores e assumiu o controle do cavalo. Quando a carroça parou, dúzias de arqueiros atrás dele e do outro lado, atrás de Verna, prepararam suas armas. Verna havia criado uma teia de magia e estava preparada para liberá-la ao menor sinal de provocação.

A lona da carroça foi puxada para trás. Uma pequena garota sentou. Era a criança que trouxera a mensagem da última vez. O rosto dela iluminou-se ao avistar Verna, alguém que ela reconheceu.

O coração de Verna palpitou com o pensamento de qual poderia ser a mensagem, dessa vez.

– Eu trouxe alguns amigos. – a garota falou.

Pessoas deitadas no fundo da carroça empurraram a lona para o lado e começaram a sentar. Pareciam pais com suas crianças assustadas.

Verna piscou chocada quando viu algumas das pessoas ajudarem Adie a levantar. A feiticeira parecia exausta. Seu cabelo negro e grisalho não estava mais partido no meio, mas do mesmo modo desgrenhado que o cabelo de Zedd geralmente ficava.

Verna aproximou-se rapidamente, inclinando-se para ajudar a mulher.

– Adie! Oh, Adie, estou muito feliz em ver você!

A feiticeira idosa sorriu. – Eu estar muito feliz em ver você também, Verna.

O olhar de Verna vasculhou as pessoas na carroça, seu coração ainda batendo forte de apreensão.

– Onde está Zedd?

– Ele escapou também.

Verna fechou os olhos fazendo uma prece silenciosa de gratidão.

Os olhos dela abriram repentinamente. – Se ele escapou, então onde ele está?

– Ele estar a caminho de volta para a Fortaleza, em Aydindril. – Adie falou com sua voz rouca. – O inimigo a capturou.

– Ouvimos falar.

– Aquele velho pretende ter a sua Fortaleza de volta.

– Conhecendo Zedd, sinto muito por aquele que entrar no caminho dele.

– Rikka estar com ele.

– Rikka! O que ela estava fazendo lá? Ordenei a ela para não fazer isso! – Verna percebeu como aquilo deve ter soado. – Nós pensamos que seria inútil, que ela não teria chance e apenas a perderíamos por nada.

– Rikka ser Mord-Sith. Ela tem suas próprias ideias.

Verna balançou a cabeça. – Bem, mesmo que ela não devesse ter feito isso, agora que vejo você novamente e sei que Zedd escapou também, fico feliz que aquela mulher obstinada não me escutou.

– O Capitão Zimmer estar em seu caminho de volta também.

– Capitão Zimmer!

– Sim, ele e alguns dos homens dele também decidiram nos resgatar. Eles estar voltando do jeito que viajam, escondidos na noite. Adie apontou para as árvores ao redor. – Eles estar acima ao nosso redor, protegendo a carroça em nosso caminho. O Capitão teve medo que alguns dos inimigos pudesse parar a carroça e nos capturar de novo. Ele queria ter certeza de que nós estar em segurança.

O Capitão e seus homens tinham sinais especiais que lhes permitiam moverem-se através da passagem sem serem atacados por seus próprios homens, ou pelas Irmãs, por engano. A natureza da forma como o Capitão Zimmer e seus homens trabalhavam era que eles estavam, em maior parte, fora do comando regular. Kahlan tinha definido isso desse modo para que eles pudessem agir por sua própria iniciativa.

Ainda que às vezes isso pudesse ser exagerado, aqueles homens realizaram mais do que qualquer um podia ter esperado.

– Zedd quis que eu ajudasse essas pessoas a fugir.

Adie lançou um olhar triste para Verna. – Tem outros que não conseguimos ajudar.

Verna olhou para as pessoas amontoadas no fundo da carroça. – Só posso imaginar o que Jagang esteve fazendo com pessoas como essas.

– Não, – Adie disse. – duvido que você possa.

Verna mudou para um assunto ainda mais assustador. – Jagang conseguiu encontrar alguma coisa da Fortaleza, até agora, que usará contra nós?

– Felizmente, não. Zedd ativou um feitiço que destruiu as coisas roubadas da Fortaleza. Aconteceu uma grande explosão no meio do acampamento deles.

– Como aquela em Aydindril que matou tantos deles?

– Não, mas ainda assim causou muita destruição e matou algumas pessoas importantes… até mesmo algumas das Irmãs de Jagang, acredito.

Verna nunca pensou que veria o dia em que ficaria feliz em ouvir que Irmãs da Luz tinham morrido. Aquelas mulheres eram controladas pelo Andarilho dos Sonhos, e mesmo quando receberam a oferta da liberdade, elas tiveram medo em acreditar naqueles que tentavam resgatá-las. Escolheram permanecer como escravas de Jagang.

Com um súbito pensamento, Verna agarrou o manto de Adie. – O feitiço que Zedd disparou poderia ter acabado com Jagang?

Com seus olhos completamente brancos, Adie olhou para trás, subindo a Passagem Dobbin, em direção ao acampamento da Ordem Imperial. – Gostaria de ter melhores notícias, Prelada, mas o Capitão Zimmer, no caminho de saída, disse que justamente quando nós estávamos prestes a sermos resgatados, um assassino conseguiu entrar no acampamento interno deles.

– Um assassino? Quem era? De onde ele era?

– Nenhum de nós sabe. Ele parecia muito como outros do Mundo Antigo. O intruso foi guiado por uma grande determinação de chegar até Jagang e matá-lo. De algum jeito ele conseguiu penetrar nas defesas internas, matou algumas pessoas, e pegou o uniforme dos Guardas de Elite para conseguir chegar até Jagang. De alguma forma os guardas reconheceram que ele não ser um deles. Cortaram o homem em pedaços antes que ele conseguisse chegar perto do Imperador.

– Jagang deixou a área até que seus homens pudessem checar suas defesas e certificarem-se de que não havia mais assassinos perto. Muitas das Irmãs foram com ele, ajudando com salvaguardas. Isso ser quando Zedd ativou o Feitiço do pôr-do-sol. Não sabíamos que Jagang havia deixado a área, mas isso não teria feito diferença.

Zedd teve que usar o feitiço quando aquilo foi colocado diante dele. O feitiço ser disparado pelo pôr-do-sol.

Verna assentiu. Por um momento, ela estava esperando…

– Mesmo assim, você e Zedd escaparam, é isso é o que importa agora. Graças ao Criador.

– Um número surpreendente de pessoas apareceram ao mesmo tempo para nos resgatar, – Adie levantou uma sobrancelha. – não lembro de ter visto o Criador entre elas.

A brisa morna agitou o cabelo crespo de Verna. – Suponho que não, mas você sabe o que eu quis dizer.

Os grilos na floresta mantinham firme seu chilrear. A vida parecia estar um pouco mais doce, a situação deles um pouco menos desesperadora.

Ela soltou um suspiro. – Espero que o Criador pelo menos ajude Zedd e Rikka a tomarem de volta a Fortaleza.

– Zedd não precisará da ajuda do Criador, – falou Adie. – outro homem apareceu para nos ajudar a fugir. Chase ser um antigo amigo de Zedd, meu, e de Richard. Chase fará aqueles que estão com a Fortaleza rezarem pela proteção do Criador.

– Então podemos esperar ansiosos pelo dia em que a Fortaleza esteja de volta em nossas mãos e Jagang não tenha ajuda para cruzar as passagens e entrar em D'Hara.

Verna balançou o braço, sinalizando, e os quatro casais no fundo da carroça avançaram com suas crianças.

– Benvindos a D'Hara, – Verna falou para eles. – estarão seguros aqui.

– Obrigado por ajudar a nos tirar de lá, – um dos homens disse abaixando levemente a cabeça para Adie. – agora eu me sinto envergonhado pelas coisas terríveis que estive pensando de você.

Adie sorriu quando apertou os dedos finos no ombro dele. – Verdade. Mas eu não poderia culpá-lo.

A garota que trouxera a mensagem da última vez puxou suavemente o vestido de Verna. – Esses são minha mãe e meu pai. Falei para eles como você foi gentil comigo.

Verna agachou e abraçou a garota.

– Benvinda de volta, criança. Benvinda de volta.

CAPÍTULO 55



Sempre que uma rajada de vento assoviava entre os galhos acima, faixas prateadas de luz do luar desciam em cascata através da cobertura da floresta deslizando na escuridão como fantasmas à espreita.

Kahlan espiou ao redor, malmente conseguindo distinguir as formas sombrias das árvores enquanto tentava ver se havia algo que não combinava com o local. Não ouviu sons de insetos, nem pequenos animais correndo entre a camada de folhas, nem tordos cantando através da noite como acontecia. Escolhendo seu caminho cuidadosamente no chão musgoso, ela fez o melhor que podia para enxergar na penumbra e não pisar em buracos e fendas nos lugares rochosos ou piscinas de água nas áreas baixas.

Na frente dela, Richard deslizava pela floresta aberta como uma sombra. Às vezes ele parecia desaparecer, fazendo ela temer que ele pudesse não estar mais com eles. Ele havia ordenado que todos que seguiam atrás dele não falassem e caminhassem o mais silenciosamente possível, mas nenhum deles conseguia mover-se pela floresta tão silenciosamente quanto ele.

Por alguma razão, Richard estava tão tenso quanto a corda do seu arco. Ele sentiu que algo estava errado, mas não sabia o quê. Embora pudesse parecer uma linda noite de luar na floresta, o modo como Richard estava agindo, somado ao silêncio assustador, havia lançado uma mortalha de mal agouro sobre todos.

Pelo menos Kahlan estava feliz que o céu tivesse clareado. As chuvas dos dias recentes tornaram a viagem não apenas difícil, mas

miserável. Ainda que não tivesse realmente ficado frio, a umidade causava essa sensação. Abrigarem-se não era uma opção. Até que pegassem a última dose do antídoto, eles não tinham escolha a não ser continuar avançando.

O antídoto de Northwick melhorou um pouco a condição de Richard, além de deter o avanço dos sintomas do seu envenenamento, mas agora a melhora temporária estava dissipando. Kahlan estava tão preocupada com ele que não tinha apetite.

Agora eles tinham mais do que dobrado o número de homens junto com eles, e muito mais do que isso estavam seguindo para a cidade de Hawton por diferentes rotas. Aqueles outros grupos de homens planejavam eliminar os destacamentos menores dos soldados da Ordem Imperial posicionados em vilarejos pelo caminho.

Richard, Kahlan, e seu grupo menor estavam avançando em direção a Hawton o mais rápido possível, deliberadamente evitando contato com o inimigo para chegarem até lá antes que Nicholas e seus soldados soubessem que estavam à caminho. O fator surpresa daria a eles a melhor chance de pegarem a dose final do antídoto.

Assim que tivessem o antídoto, então poderiam reunirem-se com o resto dos homens para um ataque.

Kahlan sabia que se eles conseguissem primeiro eliminar Nicholas isso tornaria muito mais fácil, e menos arriscado, derrotar as tropas restantes da Ordem Imperial. Se ela conseguisse de alguma forma encontrar um jeito de aproximar-se de Nicholas, poderia tocá-lo com seu poder. Ela sabia que não devia sugerir uma ideia como essa para Richard; ele jamais concordaria com isso.

Até certo ponto, Kahlan sentia-se responsável por aquilo que essas pessoas sofreram com a Ordem Imperial. Afinal de contas, se ela não tivesse libertado as Notas, a Fronteira protegendo Bandakar ainda estaria no lugar. Mesmo assim, se essas pessoas conseguissem livrar a si mesmos da Ordem Imperial, as mudanças que ocorreram

também significariam a verdadeira liberdade que elas jamais tiveram e, com isso, a oportunidade de vidas melhores.

Testemunhar a mudança nas pessoas em Northwick foi maravilhoso. Naquela noite, os homens que Richard e Kahlan trouxeram ficaram acordados a maior parte da noite falando com o povo lá, explicando as coisas que Richard e Kahlan explicaram a eles.

Na manhã após a aniquilação dos soldados que tomaram a cidade deles e os mantiveram nas garras do medo, as pessoas comemoraram cantando e dançando nas ruas. Aquelas pessoas aprenderam não apenas o quanto a liberdade realmente era preciosa, mas também que seus antigos costumes não forneciam ferramentas reais para melhorar a qualidade de suas vidas.

Depois que Richard havia dissolvido as antigas ilusões da sabedoria do Sábio e os fundamentos sem sentido que os Oradores consideravam conhecimento, e depois da matança dos soldados inimigos, os homens de Northwick não ficaram envergonhados em serem voluntários para ajudarem a livrar a terra deles da Ordem Imperial. Livres da cegueira imposta de uma mente repressiva, muitos agora ansiavam por um futuro que eles mesmos fariam.

Inesperadamente Kahlan chocou-se contra o braço esticado de Richard. Ela colocou uma das mãos sobre o peito, sobre o coração pulsando acelerado, então imediatamente virou e transmitiu o sinal de parada para os outros atrás.

Ainda não havia qualquer som na floresta escura… nem mesmo o zumbido de um mosquito.

Richard tirou a mochila das costas, colocou-a sobre uma rocha baixa, e começou a procurar algo nela silenciosamente.

Kahlan inclinou mais perto para sussurrar. – O que você está fazendo?

– Fogo. Precisamos de luz. Passe a notícia para que alguns dos homens peguem tochas.

Enquanto Richard tirava uma pederneira e sílex da mochila, Kahlan sussurrou instruções para Cara, que por sua vez passou-as para trás. Em pouco tempo, vários homens avançavam nas pontas dos pés com tochas.

Os homens reuniram-se, agachando ao lado de um baixo grupo de rochas perto de Richard. Ele pegou uma vareta do chão e enfiou-a em um pequeno compartimento em sua mochila. Então ele esfregou a varinha pelo topo de um ponto alto sobre a rocha.

– Estou colocando um pouco de resina de pinheiro sobre essa rocha. – disse ele aos homens. – Segurem as suas tochas sobre ela para que, quando eu gerar uma fagulha e a resina inflamar, isso acenda as tochas.

Resina de pinheiro, coletada cuidadosamente de árvores que apodreciam, era valiosa para acender fogueiras na chuva.

Uma fagulha faria ela queimar mesmo quando estava molhada. Ela queimava forte o bastante para fazer madeira úmida pegar fogo.

Richard sempre pareceu estar em casa no escuro.

Kahlan nunca tinha visto ele precisar criar luz desse jeito. Ela ficou olhando fixamente dentro da noite, imaginando o que seria que ele pensava que podia estar lá fora que eles não conseguiam ver.

– Cara, – Richard sussurrou. – passe a mensagem para trás. Quero que todos peguem uma arma. Agora.

Sem hesitar, Cara virou para transmitir as ordens. Após algum tempo aparentemente infinito de silêncio, quebrado somente pelo suave sussurro de aço deslizando por couro, a mensagem retornou e ela inclinou em direção a Richard. – Está feito.

Richard olhou para Kahlan e Jennsen. – Vocês duas também.

Kahlan sacou sua espada, Jennsen a sua adaga com cabo prateado e a letra ornamentada R que representava a Casa de Rahl.

Richard fez a fagulha. O piche incendiou com um forte chiado; as tochas acenderam; a luz surgiu no coração da floresta

escura.

No meio do súbito clarão, todos viraram e olharam ao redor para verem o que poderia estar escondido na escuridão em torno deles.

Homens arfaram.

Nas árvores em volta deles, empoleirados em galhos por toda parte, estavam Races de Bico Negro.

Centenas deles. Olhos negros observavam as pessoas.

Naquele momento de repentina luz, tudo a não ser a chama bruxuleante ficou silencioso e imóvel.

Com uma explosão de gritos selvagens, os Races lançaram seu ataque.

De todos os lados, ao mesmo tempo, os Races desceram sobre eles. O ar noturno subitamente ficou cheio de um mar de penas negras lustrosas, o bater de enormes asas, bicos em forma de gancho, e garras esticadas.

Depois de um longo silêncio, o som de gritos agudos e asas batendo era ensurdecedor.

Em toda parte, as pessoas enfrentavam o ataque com feroz determinação. Alguns dos homens foram derrubados ao chão, ou tropeçaram e caíram. Outros gritavam enquanto tentavam proteger a si mesmos com um braço enquanto atacavam com o outro.

Homens golpeavam Races que estavam sobre seus amigos e viravam para repelir outras bestas que voavam em direção a eles.

Kahlan viu o peito com uma faixa vermelha de um Race surgir abruptamente bem na frente do rosto dela. Ela moveu a espada, cortando uma asa, e deu um giro, levantando a espada para atingir outra ave que vinha do outro lado. Perfurou um Race no chão aos pés dela quando ele tentou alcançá-la com o bico, como um abutre, para tentar rasgar a carne da perna dela. A espada de Richard era um borrão prateado cortando os atacantes alados. Uma nuvem de penas negras cercou-os. As aves estavam atacando todos,

mas o assalto parecia estar centrado em Richard. Quase parecia como se os Races estivessem tentando afastar as pessoas de Richard para que mais das aves pudessem chegar até ele.

Jennsen golpeava freneticamente aves que seguiam em direção a ele. Kahlan atacava outras, derrubando-as ao chão, feridas ou mortas. Com eficiência calculada, Cara agarrava elas no ar e rapidamente torcia seus pescoços.

Por toda parte, homens esfaqueavam, cortavam, e retalhavam em meio ao ataque de ferozes predadores. Alguns homens usavam suas tochas como armas. A noite estava cheia dos gritos de aves, do bater de asas, do som de armas golpeando. Aves estremeciam e caiam quando eram atingidas. Mais delas mergulhavam para tomar seus lugares. As árvores ao redor lançavam as aves monstruosas sobre eles. Aves feridas e moribundas agonizando no chão transformavam o solo da floresta em um mar ondulante de penas negras.

A ferocidade do ataque era assustadora.

E então, de repente estava terminado.

Poucas aves no chão, as asas abertas, ainda tentavam levantar, suas penas emitindo um som abafado enquanto esfregavam contra as penas das aves mortas embaixo delas. Aqui e ali homens esfaqueavam ou golpeavam uma ave que ainda estava viva no chão aos pés deles. Não demorou muito até que todas as criaturas finalmente ficassem imóveis. Nenhum outro Race veio do céu.

Races mortos amontoavam-se contra Richard como neve espalhada em uma tempestade.

Homens ofegavam enquanto mantinham tochas erguidas. Eles espiavam dentro da escuridão além da luz, procurando qualquer sinal de mais problemas vindo de cima. Mas a não ser pelo chiado das tochas, a noite estava silenciosa.

Os galhos das árvores ao redor pareciam vazios.

Kahlan podia ver arranhões e cortes nos braços e mãos de Richard. Ela navegou através do mar de aves mortas para pegar a mochila dele posicionada sobre uma rocha ali perto.

O chão da floresta em volta dele estava cheio quase até o joelho com Races mortos. Ela teve que empurrar uma ave morta de cima da mochila de Richard. Enfiando a mão dentro da mochila dele, ela procurou cegamente até que seus dedos encontraram um papel encerado dobrado que continha uma pomada.

Cara correu até Richard quando viu ele cambaleando. Segurou o braço dele, fornecendo apoio.

– Que diabos foi aquilo? – Jennsen perguntou, ofegando, ainda recuperando o fôlego enquanto afastava os fios vermelhos de cabelo do rosto suado.

– Acho que eles finalmente decidiram tentar nos pegar. – falou Owen.

Jennsen deu tapinhas na cabeça de Betty quando a cabra caminhou ilesa entre os corpos de Races para aproximar-se de seus amigos. – Uma coisa de que podemos ter certeza é que eles finalmente nos encontraram outra vez.

– Houve uma diferença importante dessa vez, – falou Richard. – eles não estavam nos seguindo. Estavam aqui, esperando por nós.

Todos ficaram olhando para ele.

– O que você quer dizer? – Kahlan fez uma pausa enquanto passava a pomada nos cortes dele. – Eles nos seguiram antes. Devem ter nos avistado.

Betty chegou mais perto, apoiando-se na perna de Kahlan para levantar e observar ela e Richard conversando.

Kahlan não estava com humor para coçar as orelhas da cabra, então empurrou-a para fora do caminho.

Richard pousou uma das mãos no ombro de Cara para equilibrar-se. Kahlan notou como ele cambaleava.

Às vezes ele sentia dificuldade para ficar em pé.

– Não. Eles não estavam nos seguindo. O céu estava sempre vazio. – Richard apontou para as aves mortas ao redor dele. – Esses Races não estavam nos seguindo. Estavam esperando por nós. Sabiam que estávamos vindo até aqui. Eles estavam esperando.

Esse era um pensamento apavorante… se fosse verdade.

Kahlan endireitou o corpo, segurando o papel encerado em uma das mãos; um dedo da outra mão, com pomada, aguardando. – Como eles poderiam saber para onde estávamos indo?

– Isso é o que eu gostaria de saber. – disse Richard.

Nicholas deslizou de volta para seu corpo, sua boca ainda aberta em um bocejo que não era um bocejo. Esticou o pescoço para um lado e depois para o outro.

Sorriu com seu prazer no jogo. Tinha sido deslumbrante. Tinha sido delicioso. Seu sorriso largo mostrava os dentes.

Nicholas levantou, balançando por um instante. Isso fez ele lembrar do modo como Richard Rahl cambaleava, tonto com os efeitos de um veneno que estava inexoravelmente executando seu trabalho mortal.

O pobre Richard Rahl precisava da última dose do antídoto.

Nicholas abriu sua boca novamente em um bocejo que não era um bocejo, girando a cabeça, ansioso para estar longe, ansioso para aprender mais. Em breve ele retornaria. Observaria eles. Observaria enquanto eles preocupavam-se, enquanto lutavam em vão para entenderem o que estava acontecendo, observaria eles enquanto eles aproximavam-se.

Eles chegariam até ele em poucas horas.

A diversão realmente estava prestes a começar.

Nicholas seguiu caminho pela sala, pisando entre os corpos espalhados por todo lado. Todos eles morreram subitamente quando os Races foram mortos. Aqui e ali os mortos estavam empilhados

uns sobre os outros, do jeito como aqueles Races naquela floresta escura ficaram empilhados em volta de Richard Rahl.

Que mortes violentas. Aqueles espíritos ficaram horrorizados enquanto foram massacrados, mas não havia o que eles pudessem fazer para impedir.

Nicholas havia controlado as almas deles, seus destinos.

Agora eles estavam além do seu controle; agora eles pertenciam ao Guardião dos mortos.

Nicholas passou as unhas pelo cabelo, estremecendo de prazer quando sentia o óleo deslizar por seus dedos e contra sua palma.

Ele teve que arrastar três corpos para o lado antes de conseguir chegar até a porta. Ele levantou a pesada tranca e abriu a grossa porta.

– Najari!

O homem não estava muito longe, encostado contra a parede, esperando. Sua forma musculosa endireitou o corpo.

– O que foi?

Nicholas moveu o braço para trás em uma graciosa indicação, seus dedos com unhas negras esticados. – Tem uma bagunça aqui dentro que precisa ser limpa. Chame alguns homens e levem esses corpos.

Najari caminhou até a porta e esticou o pescoço para espiar dentro da sala.

– Todas as pessoas que trouxemos?

– Sim. – Nicholas disparou. – Precisei de todas elas, e de mais algumas que mandei os soldados buscarem para mim. Agora já terminei com todas elas. Livre-se delas.

Quando os Races atacaram, cada um tinha sido conduzido pela alma de uma daquelas pessoas não dotadas, e cada uma dessas almas foi conduzida por Nicholas. Foi um feito estupendo… o comando simultâneo de tantos com tamanha precisão e

coordenação. Quando os Races foram mortos, porém, os corpos na sala junto com Nicholas também morreram.

Ele imaginou que um dia realmente deveria aprender como chamar de volta esses espíritos quando seus hospedeiros morriam. Isso o pouparia de arrumar novas pessoas de cada vez. Mas havia muitas pessoas. Além disso, se ele queria encontrar uma forma de chamá-los de volta, então teria que cuidar das pessoas assim que seus espíritos retornassem, depois que elas aprendiam como ele as usava.

Ainda assim, era irritante quando Richard Rahl matava aqueles que Nicholas usava para ajudá-lo a observar.

– Quanto tempo? – Najari perguntou.

Nicholas sorriu, sabendo a respeito do que o homem estava curioso. – Breve. Muito breve. Deve tirar essas pessoas daqui antes que eles cheguem. Então, mantenha nossos homens fora do caminho. Deixe eles fazerem o que quiserem.

Najari exibiu um sorriso malicioso. – Como queira, Nicholas.

Nicholas ergueu uma sobrancelha. – Imperador Nicholas.

Najari riu quando começou a caminhar para buscar seus homens. – Imperador Nicholas.

– Sabe de uma coisa, Najari, eu estive pensando.

Najari virou de volta. – Sobre o quê?

– Sobre Jagang. Nós trabalhamos tão duro. Qual é a razão para que eu faça reverência para ele? Uma legião do meu exército silencioso poderia mergulhar sobre ele e seria isso. Eu nem precisaria de um exército. Um dia ele podia montar em seu cavalo, e eu poderia estar lá, dentro da besta, esperando para jogá-lo ao chão e pisoteá-lo até a morte.

Najari coçou a barba rala. – É verdade.

– Qual é mesmo a utilidade de Jagang? Eu poderia governar a Ordem Imperial quanto ele. De fato, eu seria mais adequado para isso.

Najari inclinou a cabeça. – Então, e quanto aos planos que já fizemos?

Nicholas balançou os ombros. – Porque mudá-los? Mas porque eu deveria entregar a Madre Confessora para Jagang? E porque deixar ele ficar com o mundo? Talvez eu fique com ela para minha própria diversão… e fique com o mundo também.

CAPÍTULO 56



Richard apoiou as costas contra a parede de madeira. Teve que fazer uma pausa durante um momento, esperando que o mundo parasse de girar. Ele estava tão frio que sentia-se entorpecido. Escuro como estava, ele estava sentindo dificuldade para enxergar.

Mas era mais do que a escuridão.

Ele sabia que sua visão estava começando a falhar.

Durante a noite era pior. Ele sempre fora capaz de ver melhor durante a noite do que a maioria das pessoas. Agora, ele não conseguia enxergar à noite melhor do que Kahlan.

Não era uma grande diferença, mas ele sabia que era significativa.

O terceiro estágio do veneno tinha começado.

Felizmente, eles estavam perto de conseguir a dose final.

– Esse é o beco, aqui. – Owen sussurrou.

Richard olhou subindo e descendo a rua. Não viu qualquer coisa movendo-se. A cidade de Hawton estava dormindo.

Ele gostaria de poder estar dormindo também. Estava tão exausto e tonto que mal conseguia colocar um pé na frente do outro. Tinha que respirar devagar para evitar tossir. Tossir causava a pior dor. Pelo menos ele não estava tossindo sangue.

Entretanto, tossir agora poderia ser fatal, então ele engoliu em seco, tentando controlar a vontade. Se fizessem qualquer barulho, isso poderia alertar os soldados.

Quando Owen moveu-se para dentro do beco, Richard, Kahlan, Cara, Jennsen, Tom, Anson, e vários dos homens deles o

seguiram em fila.

Não havia luzes queimando nas janelas voltadas para as ruas. Enquanto o pequeno grupo seguia pelo beco perto das paredes, Richard não viu janelas. Algumas das paredes tinham portas.

Em um espaço estreito entre construções, Owen virou entrando, seguindo o caminho de tijolos dificilmente mais largo do que os ombros de Richard.

Richard agarrou Owen pelo braço. – Esse é o único caminho de entrada?

– Não. Está vendo ali? A passagem segue atravessando até a rua na frente, e tem outra porta do lado de dentro que sai do outro lado da construção.

Satisfeito que eles tivessem rotas de fuga alternativas, Richard assentiu para Owen. Eles tomaram a escadaria escura descendo até uma sala no fundo embaixo da construção. Tom esfregou uma pederneira em sílex várias vezes até que ele conseguiu acender uma vela.

Assim que a vela estava acesa, Richard olhou ao redor na pequena sala, vazia, sem janelas. – Que lugar é esse?

– O porão de um Palácio. – disse Owen.

Richard fez uma careta para o homem. – O que estamos fazendo aqui?

Owen hesitou e olhou para Kahlan.

Kahlan viu o olhar. Ela puxou Richard para baixo até ele sentar e encostar contra a parede. Uma Betty com as patas doloridas espremeu-se entre eles e deitou ao lado de Richard, feliz por ter um descanso. Jennsen agachou perto, do outro lado de Betty. Cara ficou do outro lado dele.

Kahlan ajoelhou na frente dele e então sentou sobre os calcanhares. – Richard, eu pedi a Owen para nos trazer até aqui… até um lugar onde estaríamos seguros. Não podemos entrar todos naquele lugar para pegar o antídoto.

– Suponho que não. Isso é uma boa ideia. Owen e eu iremos; o resto de vocês pode ficar aqui onde ninguém vai avistá-los.

Ele começou a levantar, mas Kahlan empurrou ele de volta. – Richard, você tem que esperar aqui. Não pode ir. Está tonto. Precisa economizar as suas forças.

Richard olhou dentro dos olhos verdes dela, olhos que sempre o cativaram, sempre fizeram tudo mais a não ser ela parecer não ter importância. Ele gostaria que eles pudessem estar sozinhos em um lugar pacífico, como a casa que ele construiu para ela nas montanhas para onde ele havia levado ela para recuperar-se depois que ela foi ferida… quando ela perdeu a criança deles depois de ser agredida quase até a morte por aqueles brutos.

Ela era a coisa viva mais preciosa. Era tudo. Queria tanto que ela ficasse em segurança.

– Estou forte o bastante. – ele disse. – Ficarei bem.

– Se você começar a tossir naquele lugar onde os soldados estão, então será capturado e jamais sairá… muito menos vai recuperar o antídoto. Você e Owen seriam capturados. Não há como saber quantos soldados tem lá dentro. O que acontecerá conosco se você for capturado? O que aconteceria se… – a voz dela desapareceu. Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás de uma orelha. – Veja, Richard, Owen já entrou lá; ele pode entrar outra vez.

Richard viu o desespero nos olhos dela. Estava com medo de perdê-lo. Odiava fazer ela sentir medo.

– Isso mesmo, Lorde Rahl, – Owen garantiu. – eu pegarei o antídoto e vou trazê-lo para você.

– Enquanto esperamos, você pode descansar um pouco. – disse Kahlan. – Dormir um pouco faria mais bem a você do que qualquer outra coisa até que eles tragam o antídoto.

Richard não podia negar o quanto estava cansado. Ele ainda não gostava da ideia de não ir.

– Tom poderia ir com ele. – Cara sugeriu.

Richard olhou dentro dos olhos azuis de Cara. Ele olhou dentro dos olhos de Kahlan. Ele sabia que já tinha perdido essa discussão.

– Qual a distância até esse lugar? – Richard perguntou a Owen.

– Uma boa distância. Aqui, nós estamos no limite da cidade. Eu queria trazer todos até um lugar onde seria menos provável encontrar soldados. O antídoto está a quase uma hora de distância. Pensei que seria melhor se nós não estivéssemos longe demais dentro da cidade se tivéssemos que sair, mas estamos perto o bastante para que você não tenha que esperar demais pelo antídoto.

Richard assentiu. – Está certo. Vamos esperar aqui por você e Tom.

Kahlan ficou andando de um lado para outro no pequeno porão úmido enquanto os outros ficavam sentados encostados na parede, esperando em silêncio.

Ela não conseguia suportar a tensão. Isso parecia demais com a vigília sobre um moribundo.

Estavam tão perto que isso fazia parecer que aquilo estava impossivelmente distante. Eles tinham esperado tanto que o pequeno espaço de tempo restante parecia uma eternidade, algo que jamais teria fim. Kahlan disse a si mesma para ficar calma. Em breve, Richard teria o antídoto. Então ele ficaria melhor. Então ele ficaria curado do veneno.

Mas e se isso não funcionasse? E se ele tivesse esperado tanto tempo que já estivesse além de qualquer cura?

Não, o homem que fez o veneno e o antídoto disse para Owen que essa última dose curaria Richard do veneno definitivamente. Por causa das crenças dessas pessoas, eles teriam certeza de que o veneno era reversível. Nunca teriam usado ele se acreditassem que isso colocaria em risco uma vida.

Mas e se aquilo que eles acreditavam estivesse errado?

Kahlan esfregou os ombros enquanto andava, e advertiu a si mesma para parar de inventar problemas com os quais preocupar-se. Já tinham problemas reais suficientes sem deixar que a imaginação voasse solta. Eles pegariam o antídoto e então cuidariam do problema com o Dom de Richard. Depois disso, tinham que voltar sua atenção para as questões maiores de Jagang e o exército dele.

Quando Kahlan olhou e viu que Richard tinha caído no sono, decidiu ir lá fora e tentar ver Owen e Tom. Cara, encostada contra a parede ao lado de Richard, montando guarda enquanto ele dormia, assentiu quando Kahlan sussurrou para ela, dizendo para onde iria. Jennsen, vendo que Kahlan seguia até a porta, seguiu-a silenciosamente. Betty estava dormindo ao lado de Richard, então Jennsen deixou-a ali. A noite iluminada pela luz do luar tinha esfriado. Kahlan pensou que devia estar sonolenta, mas estava bem acordada. Ela seguiu o caminho de tijolos entre as construções em direção ao beco.

– Owen voltará logo, – falou Jennsen. – tente não ficar preocupada. Logo isso vai acabar.

Kahlan olhou no escuro. – Mesmo depois que ele tomar o antídoto, ainda temos que nos preocupar com o Dom dele. Zedd está longe demais. Teremos que chegar até Nicci depressa. Ela é a única perto o bastante que pode saber o que fazer para ajudá-lo.

– Acha que o problema com o Dom dele está ficando pior?

Kahlan estava assombrada pela dor que via com tanta frequência nos olhos dele. Mas tinha havia mais nisso.

– Quando ele usou a espada nas últimas duas vezes eu consegui ver que até a magia da espada falhou. Ele está com mais problemas com o Dom dele do que vai admitir.

Jennsen mordeu o lábio inferior enquanto observava Kahlan andar de um lado para outro. – Esta noite teremos o antídoto. –

finalmente ela disse com segurança. – Logo, poderemos seguir até Nicci.

Kahlan virou quando pensou ter ouvido um barulho a uma certa distância. Havia soado como o ruído de um passo. Duas figuras escuras surgiram no final do beco. Pelo modo como uma delas agigantava-se sobre a outra, Kahlan tinha certeza de que eram Tom e Owen. Quis correr para encontrar com eles, mas sabia como truques podiam ser mortais, então empurrou Jennsen de volta junto com ela no canto da construção, para dentro da parte mais escura da sombras.

Esse não era o momento para ficar descuidada.

Quando os dois homens alcançaram o estreito caminho e começaram a entrar nele. Kahlan saiu na frente deles, preparada para liberar seu poder se necessário.

– Madre Confessora… sou eu, Tom, e Owen. – Tom sussurrou.

Jennsen soltou um suspiro. – Estamos muito felizes em ver que estão de volta.

Owen olhou para os dois lados descendo o beco. Quando ele virou para checar, Kahlan viu a luz do luar refletir em lágrimas descendo pelo rosto dele.

– Madre Confessora, estamos com problemas. – Tom falou.

Owen afastou as mãos. – Madre Confessora, eu, eu…

Kahlan agarrou a camisa dele com os dois punhos. – Qual é o problema? O antídoto estava lá, não estava? Está com ele, não está?

– Não. – Owen conteve as lágrimas e tirou um pedaço de papel dobrado. – Ao invés da garrafa de antídoto, encontrei isso no lugar onde ela estava escondida.

Kahlan arrancou aquilo da mão dele. Com dedos trêmulos, ela desdobrou o papel. Virou enquanto segurava ele perto para conseguir ler na luz do luar.

Eu tenho o antídoto. Também mantenho por um fio as vidas das pessoas de Bandakar. Posso acabar com as vidas de todas elas tão facilmente quanto posso acabar com a vida de Richard Rahl. Entregarei o antídoto e as vidas de todas as pessoas nesse Império em troca da Madre Confessora.

Levem a Madre Confessora até a ponte sobre o rio a uma milha a leste de onde vocês estão. Em uma hora, se eu não tiver a Madre Confessora, vou derramar o antídoto no rio e então providenciarei para que todas as pessoas dessa cidade morram.

Assinado, Imperador Nicholas

Kahlan, seu coração batendo acelerado fora de controle, começou a andar para leste.

Tom segurou o braço dela e fez ela voltar. – Madre Confessora, eu sei o que está escrito.

As mãos de Kahlan não conseguiam parar de tremer. – Então sabe porque eu não tenho escolha.

Jennsen colocou-se na frente de Kahlan para impedi-la de começar a andar outra vez. – O que a carta diz?

– Nicholas quer a mim em troca do antídoto.

Jennsen colocou as mãos nos ombros de Kahlan para detê-la. – O quê?

– É isso que a carta diz. Nicholas quer a mim em troca das vidas de todos nesse Império e do antídoto para salvar a vida de Richard.

– As vidas de todos… mas como ele poderia cumprir essa ameaça?

– Nicholas é um mago. Existe um variado número de coisas mortais disponíveis para um homem assim. No mínimo, ele poderia usar Fogo do Mago e incinerar toda a cidade.

– Mas a magia dele não vai ferir as pessoas aqui… elas são completamente não dotadas, do mesmo jeito que eu.

– Se ele usar Fogo do Mago para colocar fogo em uma casa, como fizemos com aqueles soldados dormindo lá na cidade de Owen, não fará diferença para as pessoas lá dentro como o fogo começou. Assim que as construções pegarem fogo, então esse será um fogo normal… fogo que matará todos. Se não fizer isso, Nicholas tem soldados aqui. Poderia começar a executar pessoas imediatamente. Poderia mandar decapitar milhões em pouco tempo. Não consigo ao menos imaginar o que mais ele poderia fazer, mas ele colocou essa carta onde o antídoto estava escondido, então eu sei que ele não está blefando.

Kahlan desviou de Jennsen e começou a andar novamente. Ela não conseguia parar de tremer.

Tentou reduzir a velocidade do coração, mas isso também não funcionou. Richard tinha que receber o antídoto.

Isso era o que importava. Ela concentrou sua atenção adiante enquanto marchava rapidamente subindo a rua escura.

Tom caminhou ao lado dela, do lado oposto a Jennsen.

– Madre Confessora, espere. Temos que pensar nisso.

– Já pensei.

– Podemos levar um grupo de homens até o local de encontro… pegar o antídoto através da força.

Kahlan continuou avançando. – De um mago? Acho que não. Além disso, se Nicholas visse um grupo chegando provavelmente ele derramaria o antídoto no rio. E depois? Temos que fazer o que ele exige. Temos que colocar as mãos no antídoto, levar ele em segurança para longe deles.

– O que faz você pensar que depois que Nicholas tiver você ele não vai derramar ele no rio? – Tom perguntou.

– Teremos que fazer a troca de uma forma que melhore a chance de que peguemos o antídoto. Não vamos confiar na boa

vontade e honestidade dele. Owen e Jennsen são completamente não dotados. Eles não serão feridos pela magia dele. Eles podem ajudar a nos certificarmos de pegar o antídoto na troca.

Jennsen afastou o cabelo do rosto quando inclinou chegando mais perto. – Kahlan, você não pode fazer isso. Não pode. Por favor, Richard ficará louco… todos ficaremos. Por favor, pelo bem dele, não faça isso.

– Pelo menos ele estará vivo para ficar louco.

Lágrimas desceram pelo rosto de Jennsen. – Mas isso é suicídio!

Kahlan observou as construções, as ruas, certificando-se de que não havia tropas para cercá-los.

– Vamos torcer para que Nicholas também pense isso.

– Madre Confessora, – Owen implorou. – você não pode fazer isso. Isso é o que Lorde Rahl nos mostrou que é errado. Não pode barganhar com um homem como Nicholas. Não pode tentar satisfazer o mal.

– Não tenho intenção de satisfazer Nicholas.

Jennsen enxugou lágrimas das bochechas. – O que você quer dizer?

Kahlan fortaleceu a sua determinação. – Qual é a nossa melhor chance para nos livrarmos da Ordem Imperial nesta cidade… e em toda Bandakar? Eliminar Nicholas. Qual a melhor forma de chegar perto dele do que fazer ele pensar que venceu?

Jennsen piscou, surpresa. – Você pretende tocá-lo com seu poder. É isso que está pensando, não é? Acha que terá chance de tocá-lo com o seu poder de Confessora.

– Se ele ficar na minha frente, está morto.

– Richard jamais concordaria com isso. – falou Jennsen.

– Não estou pedindo a ele. Isso é uma decisão minha.

Tom entrou na frente dela, bloqueando o caminho.

– Madre Confessora, estou jurado a proteger Lorde Rahl, e entendo você arriscar sua vida para protegê-lo… mas isso é diferente. Pode estar agindo para tentar salvar a vida dele, mas a que custo? Nós perderíamos demais. Não pode fazer isso.

Owen deu a volta ficando na frente dela também. – Eu concordo. Lorde Rahl ficará mais do que louco se você trocar a si mesma pelo antídoto.

Jennsen assentiu, concordando. – Ele matará todos nós. Cortará nossas cabeças por termos permitido que você faça isso.

Kahlan sorriu diante das expressões tensas deles. Colocou a mão do lado do rosto de Jennsen.

– Lembra quando conhecemos você, e eu disse que havia momentos quando não havia escolha a não ser agir?

Jennsen assentiu, suas lágrimas retornando.

– Esse é um daqueles momentos. Richard está ficando mais doente a cada dia. Está morrendo. Se ele não tomar o antídoto, não tem chance e logo estará morto. Essa é a verdade do jeito como as coisas são.

– Como podemos deixar essa chance escapulir? Não há mais oportunidades depois disso. Nossas chances de salvá-lo estarão perdidas para sempre. Será o fim. Não quero vive sem ele. Não quero que o resto de nosso povo viva sem ele.

– Se eu fizer isso, então Richard viverá. Se Richard viver, então ainda haverá uma chance para mim também. Posso tocar Nicholas com o meu poder, ou Richard e o resto de vocês podem pensar em algo a fazer para me salvar.

– Mas se Richard morrer, então nossas chances acabam.

– Mas, Madre Confessora, – Jennsen gemeu. – se fizer isso, então perderemos você…

Kahlan olhou para cada rosto, sua raiva aumentando.

– Se algum de vocês tiver uma ideia melhor, então fale agora. Caso contrário, estão arriscando que eu perca a única chance que

resta.

Ninguém teve algo para dizer. Kahlan era a única com um plano de ação realista. O resto deles só tinha desejos. Desejar não salvaria Richard.

Kahlan começou a andar outra vez, apressando o passo para chegar lá em tempo.

CAPÍTULO 57



Kahlan fez uma pausa na silenciosa escuridão não muito longe da ponte. Ela conseguia distinguir o que parecia ser um homem corpulento parado do outro lado. Ele estava sozinho. Ela não conseguia enxergar o rosto dele, ou dizer qual era sua aparência. Ela observou o distante banco do rio, junto com as árvores e construções que ela conseguia ver na luz do luar, procurando soldados, ou qualquer outra pessoa.

Jennsen segurou o braço dela. – Kahlan… por favor.

A voz dela estava embargada com as lágrimas.

Kahlan sentia-se estranhamente calma. Não havia opções para ela avaliar, então ela não sofria com alguma angustiante indecisão; havia apenas uma escolha. Richard vivia, ou ele morria. Era simples assim. A escolha era clara.

A mente dela estava decidida, e com isso veio a clareza e a determinação. Agora ela podia concentrar-se naquilo que devia fazer.

O rio através da cidade era mais largo do que Kahlan esperava. Os bancos íngremes de cada lado, nessa área, pelo menos, tinham cerca de doze pés de altura e estavam alinhados com blocos de rochas. A ponte em si, suficientemente larga para que carroças passem uma ao lado da outra, tinha dois arcos para fazer o suporte e corrimões laterais com pedras simples. As águas abaixo eram escuras e velozes.

Esse não era um rio no qual ela gostaria de ter que tentar nadar.

Kahlan aproximou-se até o pé da ponte e parou. O homem do outro lado observou-a.

– Você tem o antídoto? – ela gritou para ele.

Ele ergueu o que parecia ser uma pequena garrafa acima da cabeça. Ele abaixou o braço e apontou para a ponte. Ele queria que ela atravessasse.

– Madre Confessora, – Owen implorou. – não vai reconsiderar?

Ela olhou dentro dos olhos marejados dele. – Reconsiderar o quê? Se eu farei Richard viver ao invés de deixar ele sucumbir ao veneno? Se vou tentar matar Nicholas para tornar possível derrotá-los e para que seu povo tenha uma chance melhor de libertar-se? Como poderia viver se Richard morresse sem o antídoto e eu soubesse que havia algo que podia ter feito que o teria salvo e também fornecido a mim uma chance de chegar perto o bastante de Nicholas para eliminá-lo?

– Não poderia viver com minha consciência se falhasse em fazer isso.

– Estamos lutando essa guerra para deter pessoas assim, pessoas que lançam a morte sobre nós, pessoas que nos querem mortos porque não conseguem aceitar que vivamos nossas vidas como desejarmos, que sejamos bem sucedidas e felizes. Essas pessoas odeiam a vida; elas veneram a morte. Exigem que façamos o mesmo e nos juntemos a elas em sua miséria. Como Madre Confessora, eu decreto vingança sem piedade contra a Ordem Imperial. Desviar de nosso curso é suicídio. Não vou reconsiderar.

– O que você quer que digamos a Lorde Rahl? – Tom perguntou.

Ela sorriu. – Que eu o amo, mas ele sabe disso.

Kahlan desafivelou o cinto com a espada e entregou para Jennsen. – Owen, venha comigo.

Kahlan começou a andar, mas Jennsen lançou os braços em volta dela e abraçou-a com força. – Não se preocupe, – ela sussurrou. – pegaremos o antídoto para Richard, e então voltaremos para buscar você.

Kahlan abraçou Jennsen rapidamente, sussurrou um agradecimento, e então começou a caminhar sobre a ponte. Owen caminhou ao lado dela, sem falar.

O homem do outro lado observou, mas ficou onde estava.

No centro da ponte, Kahlan parou.

– Traga a garrafa. – ela gritou.

– Venha até aqui e pode ficar com ela.

– Se você quer a mim, virá até o centro da ponte e entregará a garrafa para este homem levar, como Nicholas ofereceu.

O homem ficou parado durante algum tempo, como se estivesse pensando. Ele parecia com um soldado. Não combinava com a descrição de Nicholas que Owen falou para ela.

Finalmente, ele começou a andar sob o arco da ponte.

Owen sussurrou que ele parecia com o comandante que tinha visto com Nicholas. Kahlan esperou, observando o homem caminhar através da luz do luar. Ele estava com uma faca de um lado e uma espada no outro quadril.

Quando estava quase chegando até ela, ele parou e aguardou.

Kahlan levantou o braço. – A mensagem dizia que deveríamos fazer uma troca. Eu por aquilo que Nicholas tem.

O homem, seu nariz torto achatado para o lado, sorriu. – Assim deveríamos.

– Eu sou a Madre Confessora. Entregue para mim a garrafa ou você morre aqui, agora.

Ele tirou a garrafa com os lados quadrados do bolso e colocou na mão dela. Kahlan viu que ela estava cheia de um líquido claro. Tirou a rolha e cheirou. Tinha o leve aroma de canela, como tinham as outras garrafas do antídoto.

– Ele volta com isso. – Kahlan disse para o homem de aparência sombria quando entregou para Owen a garrafa.

– E você vem comigo. – o homem falou quando segurou o pulso dela. – Ou todos nós morremos sobre essa ponte. Ele pode ir, como acertado, mas se você tentar correr você morrerá.

Kahlan olhou para Owen. – Vá. – ela rosnou.

Owen olhou para o homem com cabelo negro, e então de volta para ela. Parecia que ele tinha muita coisa a dizer, mas assentiu e então correu de volta sobre a ponte para onde Tom e Jennsen estavam esperando, observando.

Quando Owen alcançou os outros dois, o homem falou. – Vamos, a não ser que vocês queiram morrer aqui.

Kahlan puxou o braço de volta. Quando ele virou e começou a andar, ela seguiu atrás dele enquanto eles cruzavam o resto do caminho sobre a ponte. Ela observou as sombras entre as árvores do outro lado do rio, os milhares de esconderijos entre as construções além, as ruas ao longe. Não viu qualquer pessoa, mas isso realmente não fez ela sentir-se melhor.

Nicholas estava lá, em algum lugar, escondido na escuridão, aguardando para ficar com ela.

Repentinamente, a noite iluminou-se lá atrás. Kahlan virou e viu a ponte envolta em uma bola de chamas fervente. O fogo ficava preto enquanto subia.

Rochas navegavam pelo ar acima do inferno. Quando a nuvem luminosa elevou-se, ela conseguiu ver a ponte sob a bola de fogo desabando. Os arcos entortaram e toda a estrutura começou a longa queda dentro do rio.

Com gélido pavor, Kahlan imaginou se havia mais pontes cruzando o rio. Como voltaria para Richard se tivesse sucesso? Como a ajuda chegaria até ela se não tivesse?

Do outro lado, Kahlan podia ver Tom, Jennsen, e Owen correndo de volta subindo a estrada em direção ao local onde

Richard dormia. Eles não desperdiçariam tempo contemplando uma ponte sendo destruída. Ao pensar em Richard, Kahlan quase soltou um gemido.

Inesperadamente o homem empurrou-a. – Mexa-se.

Ela olhou furiosa para ele, para o sorriso satisfeito dele, para a confiança presunçosa que via nos olhos dele.

Conforme ela andava na frente desse homem e ele ocasionalmente a empurrava, o temperamento de Kahlan fervia lentamente. Sentia vontade de usar seu poder e tomar o bruto desprezível, mas tinha de concentrar-se na tarefa adiante: Nicholas.

Subindo a rua que conduzia para longe do rio, ela começava a distinguir soldados nas sombras nas ruas do lado escuro, bloqueando cada rota de fuga. Isso não importava. No momento, ela não estava interessada em fugir, mas em seu objetivo. O homem atrás dela. Independente da forma arrogante como ele estava comportando-se, ele também estava alerta e a tratava com desdém cauteloso.

Quanto mais longe ela caminhava entrando na cidade do outro lado do rio, mais unidos ficavam os grupos de pequenas construções. Ruas laterais com becos estreitos corriam entre as estruturas decrépitas. Árvores cresciam amontoadas próximas da rua. Seus galhos pendiam sobre ela como braços erguidos para agarrá-las em suas garras. Kahlan tentou não pensar no quanto estava penetrando no território inimigo, e quantos homens estavam ao redor dela.

Na última vez em que ela esteve cercada e presa por homens selvagens assim foi espancada chegando perigosamente perto de morrer. Sua criança não nascida tinha morrido. A criança dela. A criança de Richard.

Ela também havia perdido um certo tipo de inocência naquele dia, um senso simplístico da invencibilidade dela. Em seu lugar veio a compreensão do quanto a vida era frágil, do quanto sua

própria vida era frágil, e de como ela poderia ser facilmente perdida. Sabia o quanto machucara Richard temer que ele pudesse perdê-la. Lembrou da terrível agonia nos olhos dele toda vez que ele tinha olhado para ela. Isso era completamente diferente da dor que ela viu nos olhos dele por causa do Dom. Isso foi um sofrimento desamparado para ela. Odiava o pensamento daquela dor voltando para assombrá-lo.

Das sombras do lado direito, um homem saiu de trás de uma construção. Usava manto negro, coberto por camadas do que pareciam ser tiras de tecido, quase como se ele estivesse coberto por penas negras. Elas levantavam com a brisa criada por seus passos, transmitindo a ele uma perturbadora fluidez flutuante conforme ele movia-se.

Seu cabelo estava penteado para trás com óleos que cintilavam na luz do luar. Pequenos olhos negros dentro de aros vermelhos olharam para ela de um rosto completamente doentio. Ele mantinha os pulsos junto ao peito, como se estivesse segurando garras pontudas com unhas negras.

Kahlan não precisou de apresentação para saber que esse era Nicholas, o Deslizador. Ela havia tomado confissões de homens que não pareciam mais do que jovens educados, pais trabalhadores, ou avôs gentis, mas que na verdade eram homens que cometeram atos de terrível crueldade. Olhando para eles atrás de seus bancos onde faziam sapatos, ou atrás de um balcão onde vendiam pães, ou em um campo cuidando de seus animais, seria difícil acreditar que eles fossem capazes de cometer seus crimes vis. Mas olhando para Nicholas, Kahlan viu tamanha corrupção que isso contaminava tudo no homem, até o olhar indecente dele.

– O prêmio dos prêmios. – Nicholas sibilou. Ele esticou o braço, fechando o punho. – E eu a tenho.

Kahlan mal escutou ele. Ela já estava concentrada em usar o seu poder. Esse era o homem que mantinha como reféns as vidas de

pessoas inocentes.

Esse era o homem que trouxe sofrimento e morte em sua sombra. Esse era o homem que mataria ela e Richard, se tivesse chance.

Ela agarrou o pulso esticado com o punho fechado dele.

Ele não parecia mais do que uma estátua diante dela.

A noite, pontilhada em uma abóbada de estrelas, pareceu fria e distante.

Sob a mão dela, Kahlan conseguiu sentir Nicholas tenso, como se desejasse puxar o braço. Mas era tarde demais.

Ele não teve chance. Ele era dela.

O tempo era dela.

Os homens ao redor, que começaram a vir correndo, estavam longe demais para que isso tivesse importância. Eles jamais conseguiriam alcançá-la em tempo para salvarem Nicholas. Nem mesmo o homem que trouxe ela da ponte, que agora estava a não mais do que alguns passos de distância, estava perto o suficiente para ter importância.

O tempo era dela.

Nicholas era dela.

Ela não pensava naquilo que aqueles homens fariam com ela. Nesse momento, isso não importava. Nesse momento, nada além da habilidade dela de fazer o que era necessário importava. Esse homem precisava ser eliminado.

Esse era o inimigo.

Esse era o homem que tinha invadido a terra para torturar, estuprar, e assassinar pessoas inocentes em nome da Ordem Imperial. Esse era um homem que havia sido transformado pela magia em um monstro projetado para destruí-los. Esse homem era uma ferramenta de conquista, um ser do mal.

Esse era o homem que mantinha a vida de Richard na balança.

O poder lá dentro rugiu para ser liberado.

Todas as emoções dela evaporaram diante do calor daquele poder. Ela não sentia mais medo, ódio, raiva, horror. Agora as emoções por trás de suas razões sumiram. Na corrida completamente consumidora do tempo suspenso antes do violento fluxo de seu poder, ela sentiu apenas uma forte determinação. Seu poder transformara-se em um instrumento de pura razão.

Todas as barreiras dela caíram diante dele.

Em uma fagulha infinitesimal de tempo enquanto ela observava os pequenos olhos olhando para ela, seu poder tornou-se tudo.

Como tinha feito incontáveis vezes, Kahlan liberou sua contenção, e liberou-se no fluxo de violência concentrado em um objetivo.

Onde ela devia ter sentido a maravilhosa liberação de uma força impiedosa, ao invés disso ela sentiu um terrível vazio. Onde devia ter existido o feroz movimento de seu poder através da mente do homem, houve somente… nada.

Os olhos de Kahlan ficaram arregalados quando ela engasgou.

Quando sentiu a dor ardente rasgar através dela.

Quando sentiu o ataque de algo estranho e terrível além de tudo que ela poderia ter imaginado.

A agonia espalhou-se através da consciência dela todo o caminho até sua alma.

Parecia como se as suas estranhas estivessem sendo rasgadas.

Ela tentou gritar mas não conseguiu.

A noite ficou mais escura.

Kahlan ouviu risadas ecoando através de sua alma.

CAPÍTULO 58



Os olhos de Richard abriram bruscamente. De repente ele sentiu-se completamente, apavorantemente, completamente acordado.

Os cabelos em sua nuca ficaram eriçados. Parecia como se todo seu cabelo desejasse ficar eriçado. Seu coração acelerou quase fora de controle.

Ele levantou dando um pulo. Cara, bem ao lado dele, segurou o seu braço, surpresa em ver ele levantar repentinamente. Parecendo como se ela estivesse com medo que ele pudesse cair, ela fez uma careta, preocupada.

– Lorde Rahl, qual é o problema? Você está bem?

A sala estava silenciosa. Rostos assustados ao redor olhavam para ele.

– Saiam! – ele gritou. – Peguem suas coisas! Todos para fora! Agora!

Richard pegou sua mochila. Ele não viu Kahlan, mas viu a mochila dela e pegou-a também. Ficou imaginando se ainda podia estar sonhando. Mas ele nunca lembrava dos sonhos. Imaginou se a sensação podia ser algum medo residual de um sonho.

Não. Isso era real.

No início confusos e indecisos com os comandos súbitos de Richard, quando os homens viram ele pegar suas coisas rapidamente, todos juntaram seus pertences e levantaram depressa. Homens por toda parte estavam pegando tudo que viam perto, não importava de quem fosse.

– Mexam-se! – Richard gritou enquanto empurrava homens hesitantes em direção à porta. – Vão. Mexam-se, mexam-se, mexam-se.

Pareceu como se algo tivesse esfregado contra ele, uma suave carícia em sua carne, algo quente e maligno. Calafrios subiram em seus braços.

– Depressa!

Homens cambaleavam loucamente subindo os degraus escuros na frente dele. Betty, contagiada pelo pânico da fuga, disparou entre as pernas dele e correu subindo os degraus.

Cara estava bem perto atrás dele.

O cabelo na nuca dele estava eriçado como se um raio estivesse prestes a cair. Richard olhou por toda a sala escura vazia.

– Onde estão Kahlan e Jennsen?

– Elas saíram antes. – falou Cara.

– Bom. Vamos lá!

Justamente quando Richard alcançou o topo da escada, uma forte explosão lá atrás, na sala, atirou ele ao chão. Cara caiu sobre as pernas dele. A escadaria iluminou-se em um clarão amarelo e laranja quando todo o porão ficou cheio de chamas. Línguas de fogo subiram pela escada.

Richard agarrou o braço de Cara e mergulhou com ela através do portal. Quando eles saíram caindo dentro da noite, a construção atrás deles foi tomada por um trovejante rugido de chamas. Partes do lugar desabaram, fazendo aumentarem as chamas.

Richard e Cara agacharam quando tábuas flamejantes caíram ao redor deles, quicando e rolando pelo chão iluminado pelo brilho.

Finalmente longe do prédio em chamas, Richard avaliou rapidamente o beco, olhando para ver se havia soldados para atacarem eles.

Não vendo qualquer pessoa que ele não reconhecesse, fez os homens começarem a descer o beco para colocar alguma distância entre eles e o prédio em chamas.

– Temos que dar o fora daqui, – Richard falou para Anson. – Nicholas sabia que nós estávamos aqui. O fogo vai atrair atenção e tropas. Não temos muito tempo.

Olhando em volta, ele ainda não tinha visto Kahlan em parte alguma. Sua preocupação estava crescendo, ele avistou Jennsen, Tom, e Owen correndo pelo beco em direção a ele. Pela expressão nos rostos deles, imediatamente ele soube que algo estava errado.

Richard segurou o braço de Jennsen quando ela correu perto dele.

– Onde está Kahlan?

Jennsen engoliu ar. – Richard… ela, ela…

Jennsen explodiu em lágrimas. Owen balançou uma garrafa com lados quadrados e um pedaço de papel, enquanto ele também chorava incontrolavelmente.

Richard olhou para Tom, esperando uma resposta, e rápido. – O que está acontecendo?

– Nicholas encontrou o antídoto. Ofereceu ele em uma troca… pela Madre Confessora. Tentamos detê-la, Lorde Rahl… juro que tentamos. Ela não escutou qualquer um de nós. Insistiu que pegaria o antídoto e então deteria Nicholas. Depois que você tomar o antídoto, se ela não conseguir deter Nicholas e voltar, ela quer que você vá atrás dela.

As chamas crepitantes iluminavam os rostos sombrios ao redor dele.

– Uma vez que ela decide uma coisa, – Tom completou, – não há como fazê-la mudar de ideia. Ela tem um jeito de convencer você a fazer o que ela diz.

Richard sabia a verdade daquilo. Em meio ao rugido e o chiado do fogo, a construção gemeu e estalou. O teto começou a cair,

enviando centelhas em direção ao céu.

Owen entregou rapidamente a garrafa com lados quadrados para Richard. – Lorde Rahl, ela fez isso para pegar o antídoto. Ela queria que você o tivesse para que pudesse ficar bem. Disse que isso vem em primeiro lugar… antes que seja tarde demais.

Richard tirou a rolha da garrafa. Tinha o leve aroma de canela. Ele tomou o primeiro gole, esperando um gosto forte, doce, apimentado. Não sentiu esse gosto de modo algum.

Ele olhou para os rostos de Jennsen e Owen. – Isso é água.

Os olhos de Jennsen ficaram arregalados. – O quê?

– Água. Água com um pouco de canela.

Richard derramou aquilo no chão. – Isso não é o antídoto. Ela entregou-se a Nicholas por nada.

Jennsen, Owen, e Tom ficaram mudos com o choque.

Richard sentiu uma espécie de estranha calmaria. Estava acabado. Era o fim de tudo. Agora ele tinha um tempo limitado para fazer o que tinha de ser feito… e então tudo chegaria ao fim para ele.

– Deixe-me ver essa mensagem. – ele disse para Owen.

Owen entregou-a. Richard não teve dificuldade para ler com a luz que vinha do incêndio. Enquanto Cara, Tom, Jennsen, e Owen observavam, ele leu três vezes.

Finalmente, o braço dele abaixou. Cara pegou o bilhete e leu.

Richard olhou para o beco, para a construção em chamas, tentando entender. – Como Nicholas sabia que alguém estava vindo atrás do antídoto? Ele disse que tínhamos uma hora. Como ele sabia que estávamos aqui, tão perto, e vindo atrás disso, para escrever no bilhete que nos dava uma hora?

– Talvez ele não soubesse, – Cara falou. – talvez tenha escrito o bilhete faz dias. Talvez tenha escrito isso apenas para nos fazer correr sem pensar.

– Talvez. – Richard apontou para trás dele. – Mas como ele sabia que estávamos aqui?

– Magia? – Jennsen sugeriu.

Richard não gostava da ideia de que Nicholas aparentemente sabia tanto e sempre estava um passo na frente deles.

– Como você soube que Nicholas estava prestes a colocar fogo nesse lugar? – Cara perguntou a ele.

– Acordei de repente, – disse Richard. – minha dor de cabeça tinha sumido e eu simplesmente sabia que tínhamos de sair imediatamente.

– Então o seu Dom funcionou?

– Acho que sim. Ele faz isso… às vezes ele funciona para me alertar.

Ele gostaria de poder, de alguma forma, fazer isso ser mais confiável. Pelo menos dessa vez ele foi, ou todos eles estariam mortos.

Tom olhou dentro da noite. – Então, você acha que Nicholas está perto? Que ele sabia onde estávamos e colocou fogo no lugar?

– Não. Acho que ele quer que pensemos que ele está perto. Ele é um mago. Podia ter lançado o Fogo do Mago de uma grande distância. Não sou especialista em magia; ele pode ter usado algum outro meio para colocar fogo no lugar de longe.

Richard virou para Owen. – Leve-me até essa construção onde você escondeu o antídoto, onde Nicholas estava quando você o viu pela primeira vez.

Sem hesitar, Owen começou a andar. O resto do pequeno grupo seguiu atrás dele.

– Acha que ela estará lá? – Jennsen perguntou.

– Só tem um jeito de descobrir.

No momento em que eles chegaram ao rio estavam sem fôlego. Richard ficou furioso ao descobrir que a ponte se fora, com blocos de rocha dela espalhados nos bancos bem longe lá embaixo; o resto dela aparentemente havia desaparecido sob a água escura. Owen e alguns dos outros homens disseram que havia outra ponte

mais distante ao norte, então eles partiram naquela direção, seguindo a estrada que serpenteava ao lado do rio.

Antes que eles chegassem até a ponte, um grupo de soldados saiu de uma rua lateral com armas erguidas, soltando gritos de batalha.

A noite ecoou com o som inconfundível da espada de Richard sendo sacada. Embora a lâmina estivesse livre, sua magia não estava. Com a grande ameaça, isso não importava. Richard tinha raiva de sobra e encontrou o inimigo com seu próprio grito de guerra.

O primeiro homem saltou. O golpe de Richard foi tão violento que cortou o homem corpulento através da armadura de couro sobre o ombro até o quadril do lado oposto. Quando Richard girou sem fazer pausa em direção a um soldado que vinha por trás, ele moveu a espada com tamanha velocidade que o homem foi decapitado antes que mexesse o braço com a espada. Richard levou o cotovelo para trás, esmagando o rosto de um homem que corria para esfaqueá-lo por trás. Um rápido golpe derrubou outro homem antes que Richard pudesse virar para finalizar o homem atrás, que tinha caído de joelhos, suas mãos cobrindo o rosto que sangrava. Um cintilar da espada de Richard na luz do luar entregou a morte sob medida.

Tom cortava os homens ao mesmo tempo em que o Agiel de Cara derrubava outros. Gritos de dor quebravam a tranquilidade da noite. O tempo todo, Richard deslizava entre os inimigos como uma sombra.

Em poucos momentos, a noite estava silenciosa outra vez.

Richard, Tom, e Cara tinham eliminado o esquadrão inimigo antes que qualquer um dos homens deles pudesse reagir contra aquela ameaça que saiu da escuridão. Eles mal tinham recuperado o fôlego quando Richard já estava avançando até a ponte.

Quando alcançaram ela, dois guardas relaxados da Ordem Imperial montavam guarda, os piques voltados para cima.

Os guardas pareceram surpresos ao verem que pessoas estavam correndo em direção a eles à noite. Provavelmente porque o povo de Bandakar nunca ousou causar qualquer problema, os dois guardas ficaram olhando Richard aproximar-se até que ele puxou a espada das costas e derrubou-os com um rápido golpe no primeiro homem e um giro poderoso que cortou o segundo em dois juntamente com o pique ao lado dele.

A pequena companhia avançou sem oposição na ponte e entrou na escuridão entre as construções. Owen direcionou Richard em cada curva enquanto eles corriam até o lugar onde Owen escondera o antídoto e onde ele tinha pego, ao invés do antídoto, o bilhete exigindo Kahlan em troca da vida de Richard, em troca das vidas de um Império exposto aos talentos sombrios de Nicholas, o Deslizador.

No sombrio coração da cidade feita de construções pequenas, baixas, a maior parte com apenas um andar, Owen fez Richard parar. – Lorde Rahl, aqui, na esquina, nós viramos à direita. A uma curta distância além está uma praça onde as pessoas geralmente se reúnem. Do outro lado da praça estará uma construção mais alta do que aquelas ao redor. Esse é o lugar. Descendo uma pequena rua ao lado dela, haverá um beco que segue por trás da construção. Foi por esse caminho que eu entrei antes.

Richard assentiu. – Vamos.

Sem esperar para ver se os homens cansados estavam com ele, ele partiu, mantendo-se próximo das construções, nas sombras lançadas pela lua. Richard fez a curva na esquina. Pendurada sobre uma pequena janela frontal estava uma placa entalhada exibindo pães. Ainda estava cedo demais para que o padeiro estivesse no trabalho.

Richard observou e congelou. Ali, diante dele, estava a praça com árvores e bancos. A construção do outro lado da praça estava em ruínas. Restavam apenas pedaços de madeira fumegantes. Uma pequena multidão estava reunida ao redor, observando o que horas atrás obviamente foi uma grande fogueira.

– Queridos espíritos. – Jennsen sussurrou, horrorizada. Ela cobriu a boca, temendo falar em voz alta a preocupação que estava na mente de todos.

– Ela não estaria ali dentro. – Richard falou em resposta ao medo não pronunciado. – Nicholas não traria ela de volta até aqui só para matá-la.

– Então porque fazer isso? – perguntou Anson. – Porque queimar o lugar?

Richard observou os fios de fumaça ondulando lentamente no ar frio da noite, suas esperanças desaparecendo. – Para enviar uma mensagem de que ele está com ela e que eu não a encontrarei.

– Lorde Rahl, – Cara disse baixinho. – acho que seria melhor nós sairmos daqui.

Das sombras em volta da construção que havia queimado, Richard conseguiu começar a distinguir a visão de centenas de soldados, sem dúvida aguardando para capturá-los.

– Eu temia isso, – falou Owen. – foi por isso que trouxe vocês por uma rota tão longa. Estão vendo aquela estrada bem ali, onde estão todos os soldados? Aquela é a estrada que vem da ponte que atravessamos.

– Como eles sempre sabem onde estamos, ou onde estaremos? – Jennsen sussurrou com frustração. – E quando?

Cara segurou a camisa de Richard e começou a puxá-lo para trás. – Tem homens demais. Não sabemos quantos mais estão ao nosso redor. Temos que dar o fora daqui.

Richard não queria admitir, mas ela estava certa.

– Temos homens esperando por nós, – Tom lembrou a ele. – e muitos mais vindo.

A mente de Richard acelerou. Onde ela estava?

Finalmente ele assentiu. No instante em que ele fez isso, Cara segurou-o pelo braço e eles mergulharam na escuridão.

CAPÍTULO 59



Sob o mar de estrelas, Richard esforçou-se para ficar ereto e altivo diante de todos os homens reunidos embaixo dos galhos dos carvalhos na borda da floresta. Algumas velas queimavam entre os que estavam reunidos para que todos pudessem ver. No momento em que eles entrassem na cidade de Northwick para efetuarem seu ataque, já haveria luz.

Richard não queria outra coisa além de entrar na cidade e encontrar Kahlan, mas ele precisava usar tudo que tinha à disposição para ajudar, ou poderia desperdiçar a chance. Tinha que fazer isso primeiro.

A maioria desses homens nunca lutou. Owen e os homens de Anson da cidade de Witherton estiveram lá no primeiro ataque nas casas de dormir e tomaram parte na batalha. O resto dos homens eram de Northwick, onde Richard foi falar com o Sábio. Eles estiveram nas batalhas com os soldados que não foram envenenados. Não havia muitos soldados para combater, mas os homens fizeram o que tinha de ser feito. No mínimo, aqueles encontros menores mas sangrentos haviam servido para que os homens ficassem mais determinados, mostrando a eles que podiam conquistar a liberdade por si mesmos, que estavam no controle de seu próprio destino.

Isso, porém, era diferente. Essa seria uma batalha em uma escala que eles ainda não tinham experimentado.

Pior, essa era uma cidade que tinha, em sua maior parte, unindo-se com a causa da Ordem. Provavelmente a população não

ofereceria muita ajuda.

Se ele tivesse mais tempo, Richard poderia pensar em um plano melhor que teria reduzido o número de inimigos primeiro, mas não havia tempo.

Tinha que ser agora.

Richard ficou parado diante dos homens, esperando dar a eles algo que os ajudasse a encarar o dia. Ele sentia dificuldade de pensar em outra coisa a não ser encontrar Kahlan. Para ter a melhor chance de salvá-la, ele tirou-a da mente e concentrou-se na tarefa adiante.

– Eu esperava que não tivéssemos que fazer isso desse jeito, – ele disse. – esperava que pudéssemos fazer isso de alguma maneira como fizemos antes, com o fogo, ou o envenenamento, para que nenhum de vocês fosse machucado. Não temos essa opção. Nicholas sabe que estamos aqui. Se fugirmos, seus homens virão atrás de nós. Alguns de nós podem escapar… durante algum tempo.

– Estamos cansados de fugir. – falou Anson.

– Isso mesmo, – Owen concordou. – aprendemos que fugir e nos esconder só traz um sofrimento maior.

Richard assentiu. – Concordo. Mas vocês deve entender que alguns de nós provavelmente irão morrer, hoje. Talvez a maioria de nós. Talvez todos nós. Se algum de vocês escolher não lutar, então devemos saber agora. Assim que entrarmos, estaremos todos dependendo uns dos outros.

Ele cruzou as mãos atrás das costas enquanto caminhava de um lado para outro lentamente na frente deles. Era difícil distinguir os rostos deles na luz fraca. Richard também sabia que seu tempo estava esgotando. Sua visão apenas ficaria pior. Sua tontura apenas ficaria pior.

Ele sabia que nunca ficaria melhor.

Se queria ter uma chance de afastar Kahlan dos homens da Ordem, tinha que ser imediatamente, com esses homens ou sem eles.

Quando nenhum deles falou que queria desistir, Richard prosseguiu. – Precisamos chegar até os comandantes deles por duas razões: para descobrir onde a Madre Confessora está sendo mantida, e para eliminá-los de forma que não possam orientar seus soldados contra nós.

– Agora todos vocês possuem armas, e no tempo limitado que tivemos, fizemos o melhor que podíamos para ensiná-los como usá-las. Tem outra coisa que vocês devem saber. Vocês sentirão medo. Eu também.

– Para superar esse medo, devem usar a sua raiva.

– Raiva? – um dos homens perguntou. – Como podemos sentir raiva quando estamos com medo?

– Esses homens estupraram suas esposas, suas irmãs, suas mães, filhas, tias, primas, e vizinhas. – Richard falou enquanto caminhava. – Pensem nisso, quando olharem nos olhos do inimigo quando eles vierem para cima de vocês. Eles levaram a maioria das mulheres. Todos vocês sabem porquê. Torturaram crianças para fazerem vocês desistirem. Pensem no terror de suas crianças enquanto elas gritavam com medo e dor, morrendo de forma sangrenta e sozinhas depois de serem mutiladas por aqueles homens.

O calor da raiva de Richard permeava suas palavras. – Pensem nisso quando virem os sorrisos confiantes deles enquanto avançam contra vocês. Esses homens torturaram pessoas que vocês amavam, pessoas que jamais fizeram algo contra eles. Pensem nisso quando esses homens vierem até vocês com as mãos sujas de sangue.

– Esses homens enviaram muitos do seu povo para longe, para serem usados como escravos. Muitos mais do seu povo foram assassinados por esses homens. Pensem nisso, quando eles vierem assassinar vocês também.

– Isso não é sobre uma diferença de opinião, ou uma discordância. Não pode haver debate ou incerteza sobre isso entre homens com moral. Trata-se de estupro, tortura, assassinato.

Richard virou e encarou os homens. – Pensem nisso, quando encararem essas bestas, ele bateu com o punho contra o peito enquanto cerrava os dentes. – E quando vocês encararem esses homens, homens que fizeram todas essas coisas com vocês e seus entes queridos, encarem eles com ódio em seus corações. Lutem contra eles com ódio em seus corações. Matem eles com ódio em seus corações. Eles não merecem algo melhor.

A floresta estava silenciosa enquanto os homens consideravam as palavras assustadoras dele. Richard sabia que tinha fúria suficiente, e ódio suficiente, para ficar ansioso em chegar até os homens da Ordem Imperial.

Não sabia onde Kahlan estava, mas pretendia descobrir e pegá-la de volta. Ela fizera o que teve de fazer para conseguir o antídoto e salvar a vida dele. Ele entendia o que ela fizera, e não podia culpá-la por isso… esse era o tipo de mulher que ela era. Amava ele com tanta ferocidade quanto ele a amava. Ela fez o que tinha de fazer. Mas ele não a deixaria sozinha. Ela estava contando com ele para resgatá-la.

A terrível ironia era que tudo isso foi por nada. O antídoto que ela fez tanto sacrifício para obter não era um antídoto.

Richard olhou para todos os rostos deles, tão concentrado naquilo que tinha de falar para eles na iminência de uma batalha tão importante, e então lembrou das palavras na estátua que ficava na entrada para essa terra, as palavras da Oitava Regra do Mago: *Taiga Vassternich*.

– Tenho uma última coisa a dizer para vocês. – ele falou. – A coisa mais importante de todas.

Richard encarou-os como o líder do Império D'Haran, um império que lutava para sobreviver, para ficar livre, e falou para eles

essas duas palavras na língua deles.

– Mereça vitória.

Estava amanhecendo quando eles avançaram para dentro da cidade. Apenas um deles tinha ficado para trás: Jennsen. Richard a proibira e juntar-se à luta. Além de ser jovem e nem de perto tão forte quanto os homens contra quem eles lutariam, ela apenas seria um alvo tentador. O estupro era uma arma sagrada dos malignos, e uma que esse inimigo usava religiosamente. Os homens da Ordem Imperial disputariam um prêmio como esse. Cara era diferente; era uma guerreira treinada e mais letal do que qualquer um deles a não ser Richard.

Jennsen não ficou feliz em ser deixada para trás, mas entendeu as razões de Richard e não quis dar a ele outro motivo para preocupação.

Ela e Betty permaneceram na floresta.

Um homem que eles tinham enviado para fazer reconhecimento porque ele conhecia bem a área emergiu de um beco lateral. Quando aproximaram-se dele todos encostaram contra a parede, tentando o melhor que podiam permanecer fora de vista.

– Encontrei eles. – o batedor disse, tentando recuperar o fôlego. Ele apontou para a direita da rota deles para dentro da cidade.

– Quantos? – Richard perguntou.

– Acho que essa deve ser a força principal deles dentro da cidade, Lorde Rahl. É onde eles dormem. Parece que eles ainda estão lá, como você esperava, e ainda não acordaram. O lugar que eles tomaram contém construções para oficiais da cidade e administração. Mas eu também trago notícias preocupantes. Eles estão sendo protegidos pelas pessoas da cidade.

Richard passou os dedos pelo cabelo.

Teve que concentrar-se para não tossir. Ele segurou na moldura da janela da construção ao lado dele para manter-se em pé.

– O que você quer dizer com, eles estão sendo protegidos?

– Tem multidões de pessoas da cidade cercando o local ocupado pelos soldados. As pessoas estão lá para proteger os soldados… de nós. Estão lá para nos impedir de atacar.

Richard soltou um suspiro furioso. – Está certo. – Ele virou de volta para os rostos preocupados, ansiosos, de todos os homens. – Agora, me escutem. Estamos unidos em uma batalha contra o mal. Se alguém se alia ao mal, se eles protegem homens malignos, então eles estão servindo para perpetuar o mal.

Um dos homens parecia em dúvida. – Está dizendo que se eles tentarem nos deter, podemos ter que usar força contra eles?

– O que essas pessoas querem realizar? Qual é o objetivo delas? Elas querem nos impedir de eliminar a Ordem Imperial. Porque elas odeiam a vida, elas desprezam a liberdade mais do que a escravidão.

Com sombria determinação, Richard encarou os olhares dos homens. – Estou dizendo que qualquer um que protege os inimigos e procura manter eles no poder, seja qual for a razão, passou para o lado deles. Isso não é muito complicado. Se eles tentarem proteger o inimigo ou nos impedir de fazermos o que devemos… matem eles.

– Mas eles não estão armados. – Um homem falou.

A raiva de Richard aumentou. – Eles estão armados… armados com ideias malignas que buscam escravizar o mundo. Se eles tiverem sucesso, vocês morrem.

– Para salvar as vidas de pessoas inocentes e seus entes queridos… e ter muito menor perda de vidas no final… é melhor esmagar o inimigo tão decisivamente e rapidamente quanto possível. Então haverá paz. Se essas pessoas tentarem impedir isso, então elas estão, de fato, aliando-se com aqueles que torturam e assassinam… ajudam eles a viverem outro dia para assassinar outra vez. Pessoas assim não devem ser tratadas de forma diferente do que aquilo na

verdade elas são: servos do mal. Se elas tentarem impedir vocês, matem.

Houve um momento de silêncio; então Anson colocou um punho sobre o coração. – Com ódio em meu coração… vingança sem piedade.

Olhares de forte determinação espalharam-se entre os homens. Todos colocaram os punhos sobre os corações em saudação e fizeram o juramento. – Vingança sem piedade!

Richard deu um tapinha no lado do ombro de Anson.

– Vamos lá.

Eles correram para fora das longas sombras das construções e fizeram a curva na esquina. Todas as pessoas no final da rua viraram quando avistaram a força de Richard chegando. Mais pessoas… homens e mulheres da cidade… entraram na rua na frente do conjunto de construções que os soldados haviam tomado como alojamentos e um posto de comando. As pessoas pareciam uma multidão desgrenhada.

– Sem guerra! Sem guerra! Sem guerra! – as pessoas gritavam enquanto Richard liderava os homens subindo a rua em grande velocidade.

– Saiam do caminho! – Richard gritava enquanto reduzia a distância. Esse não era o momento para sutilezas ou discussões; o sucesso do ataque deles dependia em grande parte da velocidade. – Saiam do caminho! Esse é o único aviso! Saiam do caminho ou morram!

– Parem o ódio! Parem o ódio! – as pessoas entoavam enquanto entrelaçavam os braços.

Elas não tinham ideia de quanto ódio estava fluindo dentro de Richard. Ele sacou a Espada da Verdade. A fúria de sua magia não veio com ela, mas ele tinha fúria bastante. Ele reduziu a velocidade para um trote.

– Saiam! – Richard gritou quando batia nas pessoas.

Uma mulher gordinha com cabelo encaracolado deu um passo afastando-se dos outros. O rosto redondo dela estava vermelho de raiva enquanto ela gritava. – Parem o ódio! Sem guerra! Parem o ódio! Sem guerra!

– Saiam ou morram! – Richard gritou quando ganhava velocidade.

A mulher de rosto vermelho balançou o punho carnudo para Richard e os homens dele, entoando um canto furioso.

– Assassinos! Assassinos! Assassinos!

Em seu caminho passando por ela, cerrando os dentes enquanto gritava com a fúria do início do ataque, Richard fez um giro poderoso com a espada, cortando fora a cabeça e o braço erguido da mulher. Jatos de sangue espirraram sobre os rostos atrás dela mesmo enquanto alguns ainda entoavam as mesmas palavras vazias. A cabeça e o braço solto caíram no meio da multidão. Um homem cometeu o erro de tentar alcançar a arma de Richard, e recebeu todo o peso de um golpe em pleno avanço.

Homens que estavam atrás de Richard golpearam a linha de guardiões do mal com violência sem restrições. Pessoas armadas apenas com seu ódio pela clareza moral caíram ensanguentadas, terrivelmente feridas e mortas. A linha de pessoas colapsou diante do ataque impiedoso. Algumas das pessoas, gritando seu desprezo, usaram os punhos para atacarem os homens Richard. Elas foram recebidas com o aço veloz e mortal.

Ao perceber que a defesa em prol da brutalidade da Ordem Imperial na verdade resultaria em consequências contra ela, a multidão começou a dispersar apavorada, gritando pragas para Richard e seus homens.

O exército de Richard não fez pausa enquanto cortava o anel de protetores, agora em fuga, e continuou avançando pelo labirinto de construções no meio de espaços gramados abertos pontilhados com árvores. Os soldados que estavam do lado de fora começaram a

perceber que dessa vez eles teriam que proteger a si mesmos, que o povo da cidade não faria mais isso para eles. Esses eram homens acostumados a matar vítimas indefesas, dóceis. Durante mais de um ano de ocupação eles não tiveram que lutar.

Richard foi o primeiro a cair sobre eles, derrubando homens pelo caminho no meio deles. Cara atacava à direita dele, Tom à esquerda, a ponta mortal da lança que perfurava os soldados que somente agora sacavam suas armas. Esses eram homens acostumados a sobrepujar seus oponentes covardes com os números, não lutando com resoluta oposição. Agora eles faziam isso, e lutavam por suas vidas.

Richard movia-se entre eles como se eles fossem estátuas. Eles enfiavam uma lâmina onde ele estivera, enquanto ele os cortava no lugar para onde eles estavam seguindo encontrando-os ali com o aço afiado. Ele vinha por trás de outros enquanto eles olhavam para os lados, perdendo ele de vista, somente para que ele desse a volta e cortasse suas gargantas com a espada. Outros ele decapitava antes que percebessem que ele estava prestes a atacar.

Ele não desperdiçava esforço com movimentos exagerados e golpes loucos. Ele cortava com mortal proficiência.

Não tentava superar os homens para mostrar a eles que era melhor; simplesmente os matava. Não dava chance a eles de revidarem; cortava-os antes que eles conseguissem.

Agora que ele estava comprometido com a luta, ele estava comprometido com a dança com a morte, que significava uma coisa: cortar. Esse era o seu dever, seu propósito, seu desejo de cortar o inimigo rapidamente, decididamente, e absolutamente.

Eles não estavam preparados para esse nível de violência.

Quando os homens dele caíam sobre os soldados, um enorme grito ecoou. Enquanto homens tombavam, seus gritos enchiam a manhã.

Vendo um homem que parecia com um oficial, Richard aproximou-se dele e colocou a lâmina na garganta do homem. – Onde estão Nicholas e a Madre Confessora?

O homem respondeu tentando agarrar o braço de Richard. Ele não foi rápido o bastante. Richard passou a espada na garganta do homem, quase cortando fora a cabeça dele, enquanto girava em direção a um homem que vinha por trás. O homem parou bruscamente derrapando em um esforço para evitar a lâmina de Richard, apenas para ser perfurado no coração.

A batalha prosseguiu, avançando entre as construções enquanto eles derrubavam aqueles homens que enfrentaram o ataque. Mais homens, cobertos por couro, cota de malha, peles, e cintos com armas, vieram dos alojamentos ao escutarem a batalha. Eram os homens de aparência mais feroz parecendo mais preparados para assassinar que Richard já tinha visto.

Conforme eles prosseguiam, Richard agarrava qualquer um que fosse parecido com um oficial. Nenhum deles conseguiu dar a ele uma resposta. Nenhum deles sabia o paradeiro de Nicholas ou de Kahlan.

Richard teve que combater a tontura assim como os soldados. Focando-se na dança com a morte e nos preceitos que a espada ensinara a ele no passado, ele foi capaz de reduzir os efeitos do veneno. Ele sabia que esse esforço não poderia substituir por muito tempo a força da persistência necessária, mas por enquanto ele conseguia fazer o que tinha de fazer.

Era surpreendente ver como seus homens estavam agindo bem. Eles ajudavam uns aos outros enquanto avançavam mais fundo dentro das linhas inimigas. Lutando daquele jeito, usando as forças uns dos outros, geralmente eles conseguiam sobreviver juntos onde alguém sozinho não teria conseguido.

Alguns dos homens dele não sobreviveram; Richard avistou vários deles mortos. Mas os inimigos surpresos estavam sendo

massacrados. Os soldados da Ordem Imperial não estavam com a correta resoluta determinação. Os homens de Richard estavam. Os soldados da Ordem eram pouco mais do que uma gangue de valentões que tiveram permissão para andarem livres.

Agora eles enfrentavam homens que estavam cobrando a dívida. Os homens da Ordem lutavam em uma desordenada tentativa de salvarem suas próprias vidas individualmente, sem pensarem em uma defesa coordenada, enquanto os homens de Richard lutavam com um singular objetivo de exterminarem toda a força inimiga.

Richard ouviu Cara chamando ele de um espaço estreito entre duas casas. No início, ele achou que ela estava com problemas, mas quando ele dobrou a esquina viu que ela estava com um homem de joelhos. Ela segurava a cabeça dele levantada pelo cabelo negro gorduroso. Uma orelha exibia uma fileira de anéis prateados. Cara estava com seu Agiel na garganta dele.

Sangue escorria pelo queixo dele.

– Fale para ele! – ela gritou para o homem quando Richard aproximou-se correndo.

– Não sei onde eles estão!

Em uma explosão de fúria, Cara bateu com a ponta do Agiel na base do crânio do homem. Ele encolheu-se, seus braços chacoalhando com o choque esmagador da dor que fez ele soltar um gemido ao invés de um grito. Os olhos dele giraram. Segurando ele pelo cabelo emaranhado, Cara curvou-o para trás sobre o joelho dela para mantê-lo erguido.

– Fale para ele. – ela rosnou.

– Eles partiram, – ele murmurou. – Nicholas partiu ontem à noite. Levaram uma mulher com eles, mas eu não sei quem era ela.

Richard abaixou sobre um joelho e agarrou a camisa do homem. – Qual era a aparência dela?

Os olhos do homem ainda estavam girando. – Cabelo longo.

– Para onde eles foram?

– Não sei. Foram. Com pressa.

– O que Nicholas disse a você antes de partir?

Os olhos do homem lentamente entraram em foco. – Nicholas sabia que vocês atacariam ao amanhecer. Ele disse a rota que vocês tomariam para entrar na cidade.

Richard mal podia acreditar no que estava ouvindo. – Como ele poderia saber aquilo?

Ele hesitou. A visão do Agiel de Cara fez ele falar.

– Não sei. Antes de partir, Nicolas falou quantos homens você tinha, falou quando você atacaria, e por qual rota. Ele disse para juntar pessoas da cidade para nos proteger do seu ataque. Nós reunimos os nossos apoiadores mais fanáticos e dissemos a eles que vocês estavam chegando para nos assassinar, que vocês queriam fazer guerra.

– Quando Nicholas partiu? Para onde ele levou essa mulher?

Sangue escorreu do queixo do homem. – Não sei. Eles simplesmente partiram apressados noite passada. Isso é tudo que eu sei.

– Se vocês sabiam que estávamos vindo, porque não fizeram uma defesa melhor?

– Oh, mas nós fizemos. Nicholas falou para tomar conta da cidade. Garanti a ele que uma força tão pequena quanto a de vocês não poderia nos derrotar.

Alguma coisa estava terrivelmente errada.

– Porque não?

Pela primeira vez, o homem sorriu. – Porque você não sabe quantos homens nós temos realmente. Uma vez que eu sabia de onde o seu ataque estava vindo, eu consegui chamar todas as minhas forças. – o sorriso do homem aumentou. – Estão ouvindo aquele chifre a uma certa distância? Eles estão vindo. – uma forte risada surgiu. – Vocês estão prestes a morrer.

Richard cerrou os dentes. – Você primeiro.

Com um golpe poderoso, ele cravou a espada no coração do oficial. Os olhos do homem arregalaram com o choque. Richard deu um giro na lâmina quando a puxava de volta para certificar-se de que o trabalho estava feito.

– É melhor tirar os homens daqui. – falou Richard quando segurou o braço de Cara e correu até o canto da construção.

– Parece que é tarde demais. – ela disse quando eles saíram de trás do esconderijo e viram as legiões de homens espalhando-se ao redor deles.

Como Nicholas sabia quando e onde eles atacariam? Não tinha qualquer pessoa perto… sem Races, nem mesmo um rato estivera lá quando eles fizeram os planos enquanto seguiam pelo campo. Como ele podia saber?

– Queridos espíritos, – disse Cara. – eu não imaginava que eles tivessem tantos homens assim em Bandakar.

O rugido dos soldados era ensurdecedor enquanto eles avançavam. Richard já estava exausto. Cada respiração era agonizantemente dolorosa. Ele sabia que não havia escolha.

Tinha que encontrar um jeito de chegar até Kahlan. Precisava aguentar pelo menos até lá.

Richard assoviou em um sinal para reunir seus homens.

Quando Anson e Owen correram. Richard olhou em volta e viu a maioria dos outros.

– Temos que tentar escapar daqui. Tem muitos deles. Fiquem juntos. Tentaremos abrir caminho. Se conseguirmos, espalhem-se e tentem voltar até a floresta.

Com Cara de um lado, Tom do outro, Richard avançou na frente de seus homens em direção às linhas inimigas. Milhares dos soldados da Ordem Imperial saíram da cidade ao redor deles e entraram em campo aberto. Era uma visão assustadora. Havia tantos que quase parecia como se o próprio chão estivesse movendo-se.

Antes que Richard chagasse até os soldados, a manhã de repente iluminou-se com cegantes explosões de fogo.

Erupções trovejantes de chamas rasgaram as linhas inimigas, matando centenas de homens. Solo, árvores, e homens foram lançados ao ar. Homens, com suas roupas, cabelos, e carne queimando, caíram ao chão.

Richard ouviu um rugido vindo de trás. De alguma forma soou familiar. Ele virou bem na hora de ver uma bola amarela de chamas líquida assoviando através do ar em direção a eles. Ela expandia enquanto vinha, girando com fervorosa intensidade mortal.

Fogo do Mago.

O inferno incandescente rugiu logo acima deles. Assim que passou por Richard e seus homens, ele desceu, caindo no meio dos soldados inimigos, derramando uma onda de morte líquida entre eles.

O Fogo do Mago grudava naquilo que tocava, queimando com feroz intensidade. Uma simples gota dele queimaria atravessando a perna de um homem até o osso. Era apavorantemente letal. Diziam que isso era tão excruciantemente doloroso que aqueles que viviam imploravam pela morte.

A pergunta era, de quem ele vinha?

Do outro lado, homens da Ordem caíam enquanto algo cortava através de suas fileiras. Quase parecia como se uma lâmina cortasse centenas deles, despedaçando-os com sangrenta ferocidade.

Mas quem estava fazendo isso?

Não havia tempo para ficar parado tentando adivinhar.

Richard e seus homens tiveram que virar para enfrentar os soldados que conseguiram escapar da conjuração devastadora. Agora que o número deles havia reduzido tanto, os soldados da Ordem Imperial não conseguiam montar um ataque eficiente. O

ataque deles foi desmantelado pelas lâminas dos homens de Richard.

Enquanto eles lutavam, mais fogo mortal veio para apanhar aqueles que tentavam correr, ou aqueles que se juntavam para o ataque. Em outros lugares, soldados da Ordem caíram sem que Richard ou os homens dele os tocassem. Eles arfavam em grande agonia, segurando o peito, e caíam mortos.

Em pouco tempo, a manhã ficou silenciosa a não ser pelos gemidos dos feridos. Os homens de Richard reuniram-se em volta dele, incertos do que tinha acontecido, preocupados que, seja lá o que tivesse atacado esses homens, pudesse repentinamente mudar o foco e atacá-los também. Richard percebeu que eles não viram o ataque do Fogo do Mago e a magia do mesmo jeito que ele tinha visto; para eles isso deve ter sido uma salvação miraculosa.

Richard avistou duas pessoas ao lado de uma das construções um pouco mais afastadas. Uma era mais alta do que a outra. Ele forçou os olhos, tentando distingui-los, mas simplesmente não conseguia ver quem eram. Com uma das mãos no ombro de Tom para ter apoio, eles seguiram em direção às duas figuras.

– Richard, meu garoto, – Nathan falou quando Richard chegou perto dele. – é tão bom encontrar você bem.

Ann, uma mulher baixinha em um vestido liso cinzento, exibiu aquele sorriso dela, tão cheio de alegria, satisfação, e ao mesmo tempo uma espécie de gentil tolerância.

– Duvido que vocês possam imaginar como estou feliz em ver os dois. – falou Richard, ainda recuperando o fôlego, tentando não respirar tão profundamente. – Mas o que estão fazendo aqui? Como vocês me encontraram?

Nathan inclinou-se com um sorriso maroto. – Profecia, meu garoto.

Nathan usava botas altas e uma camisa branca com um colete e uma elegante capa de veludo verde presa ao ombro direito. O

Profeta estava mesmo uma figura.

Então Richard viu que Nathan estava carregando uma elegante espada em uma bainha polida. Para Richard pareceu estranho que um mago que podia comandar o Fogo do Mago carregasse uma espada. Pareceu mais estranho ainda ver o homem sacar repentinamente a arma.

Subitamente Ann arfou quando alguém correu de trás de uma construção e agarrou-a. Era uma das pessoas da cidade que reuniram-se para protegerem o exército… uma mulher alta, esguia, com o rosto sardento, uma expressão de raiva formidável e uma longa faca.

– Vocês são assassinos! – ela gritou, seu cabelo liso chicoteando de um lado para outro. – Vocês estão cheios de ódio!

O chão ao redor de Ann e da mulher estourou, pedaços do solo e tufos de grama voaram no ar.

Ann, uma feiticeira, aparentemente estava tentando livrar-se de sua atacante. A mulher não foi afetada. Contra uma pessoa completamente não dotada, a magia não estava funcionando.

Nathan, não muito longe de Ann, deu um passo e sem muito esforço atravessou a mulher alta com sua espada. A mulher cambaleou para trás, a espada dele enfiada no peito dela, seu rosto era uma imagem da surpresa. Ela caiu, removendo a lâmina vermelha.

Ann, livre de sua atacante, olhou para a mulher morta. Ela observou Nathan com um olhar severo. – Arrojado, certamente.

Nathan sorriu com a piada particular dela. – Eu disse, eles não são tocados pela magia.

– Nathan, – Richard falou, – eu ainda não entendo…

– Venha aqui, minha querida. – Nathan disse, fazendo um sinal para trás.

Jennsen saiu de trás da construção. Ela lançou os braços ao redor de Richard.

– Estou tão feliz que você esteja bem, – ela disse. – espero que não fique zangado comigo. Nathan apareceu na floresta pouco tempo depois que você e os homens partiram. Lembrei de ter visto ele antes… no Palácio do Povo em D'Hara. Eu sabia que ele era um Rahl, então contei a ele o nosso problema. Ele e Ann quiseram ajudar. Viemos o mais rápido que pudemos.

Jennsen ficou olhando ansiosa para Richard. Ele respondeu a preocupação dela com um abraço.

– Fez a coisa certa, – ele disse. – usou a sua cabeça para algo que as ordens não anteciparam.

Agora que o calor da batalha havia terminado, Richard estava mais tonto do que nunca. Teve que apoiar-se em Tom para ficar em pé.

Nathan colocou um ombro embaixo do outro braço de Richard.

– Ouvi dizer que está com problemas com o seu Dom. Talvez eu possa ajudar.

– Eu não tenho tempo. Nicholas, o Deslizador, está com Kahlan. Tenho que encontrá-la ou…

– Não se faça de tolo quando você não é, – disse Nathan. – não levará muito tempo para colocar o seu Dom em harmonia. Você precisa da ajuda de outro mago para colocá-lo sob controle… como na última vez em que eu o ajudei… ou você não será útil para ninguém. Vamos lá, vamos colocar você dentro de um desses lugares onde é tranquilo. Então eu poderei tratar da maioria dos seus problemas.

Richard não queria outra coisa mais do que encontrar Kahlan, mas ele não sabia onde procurar. Sentiu vontade de cair nos braços do homem e entregar seu destino a ele, à experiência dele, ao seu vasto conhecimento. Richard sabia que Nathan tinha razão. Sentiu vontade de gritar de alívio porque a ajuda finalmente estava

ao alcance. Quem melhor para ajudá-lo a colocar novamente o seu Dom sob controle do que um mago?

Richard nunca ousou esperar ter essa oportunidade; tinha planejado chegar até Nicci porque ela era a única em quem ele conseguiu pensar que poderia saber o que fazer. Isso era infinitamente melhor do que ter a ajuda de uma feiticeira.

Um mago era a pessoa realmente adequada para ajudar nesse tipo de problema com o Dom de outro mago.

– Apenas faça isso rápido. – ele falou para Nathan.

Nathan exibiu aquele sorriso de Rahl dele. – Então vamos lá. Daremos um jeito no seu Dom rapidinho.

– Obrigado, Nathan. – Richard murmurou enquanto deixava o grande homem ajudá-lo a passar por um portal ali perto.

CAPÍTULO 60



Richard estava sentado com as pernas cruzadas no chão de madeira de frente para Nathan. A sala vazia não tinha móveis.

Nathan falou que eles não eram necessários, que o chão estava bom para ele. Ann, não muito longe, também estava sentada no chão. Richard estava um pouco surpreso que Nathan estivesse permitindo que ela observasse, mas não questionou isso. Havia a possibilidade de que ele poderia querer a ajuda dela em alguma parte disso.

Todos os outros esperavam do lado de fora. Cara não ficou contente em deixar Richard fora de sua vista, mas Richard acalmara as preocupações dela dizendo que sentiria-se mais confortável e capaz de concentrar-se em corrigir o problema com o seu Dom se ele soubesse que ela estava lá fora de olho em tudo para ele.

As duas janelas foram fechadas, deixando entrar apenas uma fraca luz e mantendo do lado de fora a maior parte do barulho.

Com as mãos sobre os joelhos, o profeta ficou com a costa ereta e, soltando um profundo suspiro, pareceu criar uma aura de autoridade em volta de si. Nathan era aquele quem primeiro tinha ensinado Richard sobre o seu Dom, contando a ele como Magos Guerreiros, como Richard, eram diferentes dos outros magos. Ao invés de tocarem o núcleo de poder dentro de si mesmos, eles direcionavam sua intenção através de seus sentimentos.

Foi um conceito difícil de captar. Nathan disse para Richard que o poder dele funcionava através da raiva.

– Perca-se dentro de meus olhos. – Nathan falou com uma voz suave.

Richard sabia que precisava colocar de lado sua preocupação com Kahlan.

Tentando manter a respiração firme para não tossir, ele olhou dentro dos profundos olhos azuis de Nathan. O olhar de Nathan absorveu ele. Richard sentiu como se estivesse caindo dentro de um claro céu azul. Sua respiração trabalhava com esforço, e não por sua própria vontade. Sentia as palavras de comando de Nathan mais do que as ouvia.

– Invoque a raiva, Richard. Invoque a raiva. Invoque o ódio e a fúria.

A cabeça de Richard estava flutuando. Ele concentrou-se em invocar a sua raiva. Pensou em Nicholas tendo Kahlan e não teve dificuldade para invocar a raiva.

Podia sentir outra força junto com a sua, como se ele estivesse afundando e alguém estivesse tentando manter a cabeça dele acima da água.

Ele deslizou, sozinho, em um lugar escuro e calmo.

O tempo pareceu não ter significado.

Tempo.

Tinha que chegar até Kahlan em tempo. Ele era a única chance dela.

Richard abriu os olhos. – Nathan, sinto muito, mas…

Nathan estava coberto de suor. Ann estava sentada ao lado dele, segurando a mão esquerda de Richard, Nathan a direita. Richard ficou imaginando o que teria acontecido.

Richard olhou de um rosto para o outro. – Qual é o problema?

Os dois pareciam preocupados. – Nós tentamos, – Nathan sussurrou. – sinto muito, mas nós tentamos.

Richard franziu a testa. Tinham apenas começado.

– O que você quer dizer? Porque estão desistindo tão cedo?

Nathan lançou um olhar para Ann. – Estivemos nisso durante duas horas. Richard.

– Duas horas?

– Eu temo que não exista algo que possamos fazer, meu garoto.

Pelo som da voz dele, ele falava sério.

Richard passou os dedos pelos cabelos.

– Do que você está falando? Foi você quem disse da última vez, quando tive esse problema, que juntar-me a um mago consertaria isso. Você falou que era uma coisa simples para um mago consertar essa desarmonia com o Dom.

– Deveria ser assim. Mas de alguma forma o seu Dom está entrelaçado em um nó que está estrangulando você.

– Mas você é um profeta, um mago. Ann, você é uma feiticeira. Juntos vocês dois provavelmente sabem mais a respeito de magia do que qualquer um que viveu em milhares de anos.

– Richard, não houve o nascimento de alguém como você nos últimos três mil anos. Não sabemos tanto sobre como o seu Dom em particular funciona.

Ann fez uma pausa para colocar fios de cabelo grisalho soltos de volta no coque atrás de sua cabeça. – Nós tentamos, Richard. Juro para você, nós dois tentamos o melhor que podíamos. O seu Dom está além da ajuda de Nathan, mesmo com a minha habilidade aumentando o poder dele. Tentamos tudo que sabemos, e até algumas coisas em que pensamos. Nada disso teve efeito. Não podemos ajudá-lo.

– Então, o que eu devo fazer?

Os olhos azuis de Nathan desviaram. – O seu Dom está matando você, Richard. Não sei qual é a causa, mas temo que isso esteja em uma fase que está fora de controle e é fatal.

Os olhos de Ann ficaram marejados. – Richard… eu sinto muito.

Richard olhou de um rosto triste para outro.

– Acho que na verdade isso não importa. – falou Richard.

Nathan fez uma careta. – O que você quer dizer com, não importa?

Richard levantou, tateando na parede para manter o equilíbrio. – Fui envenenado. O antídoto se foi… Não há cura. Acredito que o meu tempo está acabando. Acho que a piada é com o meu Dom… outra coisa vai me levar primeiro.

Ann levantou o segurou os braços dele. – Richard, não podemos ajudá-lo agora, mas pelo menos você pode descansar enquanto nós tentamos descobrir…

– Não. – Richard balançou a mão colocando de lado a preocupação dela. – Não. Não posso desperdiçar o pouco tempo que tenho. Tenho que chegar até Kahlan.

Ann limpou a garganta. – Richard, no Palácio dos Profetas, Nathan e eu aguardamos o seu nascimento por um longo tempo. Trabalhamos para limpar aqueles obstáculos em seu caminho que a Profecia nos mostrou. As profecias citam você com peça central para o curso do futuro do mundo. De fato, elas dizem que você é o único que tem uma chance; precisamos que você nos lidere nessa batalha.

– Não sabemos o que há de errado com o seu Dom, mas podemos continuar trabalhando nisso. Você deve estar aqui para que, se encontrarmos uma solução, nós possamos corrigir o seu poder.

– Não viverei para que vocês me curem. Não estão vendo? O veneno está me matando. Ele tem três estágios. Já estou entrando no terceiro estágio: cegueira. Vou morrer. Devo usar o tempo que me resta para encontrar Kahlan. Vocês não terão a mim para liderá-los, mas se eu conseguir afastar ela de Nicholas, terão ela para liderar a batalha em meu lugar.

– Então você sabe onde ela está? – Nathan perguntou.

Richard percebeu que no estado de pensamento concentrado, quando ele flutuava naquele lugar tranquilo enquanto Nathan estava tentando ajudá-lo, ocorreu a ele para onde Nicholas provavelmente havia levado Kahlan. Precisava chegar lá enquanto Nicholas ainda estava lá com ela.

– Sim, acredito que sei.

Richard abriu a porta. Cara, sentada logo ali fora, levantou rapidamente. Sua expressão de expectativa rapidamente desapareceu quando ele balançou a cabeça, sinalizando que aquilo não funcionara.

– Temos que ir andando. Imediatamente. Acho que sei para onde Nicholas levou Kahlan. Temos que nos apressar.

– Você sabe? – Jennsen perguntou, segurando Betty perto pela corda.

– Sim. Precisamos partir imediatamente.

– Então, onde ela está? – perguntou Jennsen.

Richard gesticulou. – Owen, lembra quando falou para nós sobre um acampamento fortificado da Ordem Imperial construído quando eles vieram para Bandakar e estavam preocupados com a segurança deles?

– Perto da minha cidade. – disse Owen.

Richard assentiu. – Isso mesmo. Acho que Nicholas levou Kahlan para lá. É um lugar seguro que eles construíram para manterem algumas das mulheres cativas. Lá haveria muitos soldados para proteger ele e é o tipo de lugar construído especificamente para ser defensível, então seria muito mais difícil aproximar-se do que o lugar dele, aqui, nesta cidade.

– Então como nos aproximaremos? – Jennsen perguntou.

– Teremos que descobrir isso assim que chegarmos lá e virmos o lugar.

Nathan juntou-se a Richard na porta. – Ann e eu iremos com vocês. Podemos ser capazes de ajudar a resgatar Kahlan do Deslizador. Enquanto viajamos, nós dois podemos trabalhar em uma solução para tratar do seu Dom.

Richard segurou o ombro de Nathan. – Não há cavalos nessa terra. Se vocês conseguirem correr e nos acompanhar, são benvindos, mas não posse arriscar reduzir a velocidade por causa de vocês. Não tenho muito tempo, e Kahlan também não. Provavelmente Nicholas não vai manter ela ali muito tempo. Depois que ele parar para descansar e obter suprimentos e então sair dessa terra, será ainda mais difícil encontrá-lo. Não temos tempo a perder. Teremos que viajar o mais rapidamente possível.

Os olhos de Nathan desviaram para baixo, com desapontamento.

Ann envolveu Richard em um rápido abraço. – Estamos velhos demais para acompanharmos a velocidade que você e essas pessoas jovens conseguem desenvolver. Quando você afastá-la do Deslizador, volte e faremos o melhor que pudermos para ajudá-lo. Trabalharemos no problema enquanto vocês estão tirando ela das garras dele. Então volte, e teremos uma solução.

Richard sabia que jamais viveria tanto tempo, mas não havia sentido em falar isso. – Está certo. O que podem me dizer sobre o Deslizador?

Nathan esfregou o dedão na mandíbula enquanto pensava na questão. – Deslizadores são ladrões de almas. Não há defesa contra eles. Até mesmo eu estaria impotente para detê-los.

Richard imaginou que aquilo não precisava de qualquer explicação. – Cara, Jennsen, Tom, vocês vem comigo.

– E quanto a nós? – perguntou Owen.

Anson estava ali perto, parecendo ansioso para ser incluído, e assentiu diante da sugestão de Owen. Também havia outros que

montaram vigília do lado de fora do local onde Nathan tentara ajudar Richard.

Todos eram homens que lutaram arduamente. Se queria resgatar Kahlan, provavelmente ele precisaria de pelo menos alguns homens.

– A ajuda de vocês seria benvinda. Acho que a maioria dos homens deveriam ficar aqui com Nathan e Ann. As pessoas aqui em Hawton precisam que vocês expliquem tudo para elas… que ajudem elas a entenderem tudo que vocês aprenderam. Elas precisarão fazer algumas mudanças para ajustarem-se, para interagir com o mundo lá fora que agora está aberto a elas.

Quando Richard começou a andar, Nathan segurou a manga dele. – Richard, até onde eu sei, você não tem proteção contra um ladrão de almas, mas tem uma coisa que eu lembro de um antigo tomo nas câmaras do Palácio dos Profetas.

– Estou ouvindo.

– De alguma forma eles viajam fora do corpo… enviam seu próprio espírito para fora.

Richard esfregou as pontas dos dedos na testa enquanto pensava nas palavras de Nathan. – Deve ter sido assim que ele estava me observando, me rastreando. Acredito que ele me observava através dos olhos de aves enormes que vivem aqui, chamadas Races de Bico Negro. Se o que você está falando estiver certo, então talvez ele deixe o corpo para fazer isso. – Richard levantou os olhos para Nathan.

– Como isso me ajuda?

Nathan inclinou chegando mais perto, virando a cabeça para olhar como canto dos olhos. – É quando eles ficam vulneráveis… quando estão fora de seus corpos.

Richard ergueu a espada algumas polegadas na bainha para ter certeza de que ela estava livre. – Alguma ideia sobre como pegá-lo do lado de fora do corpo? – ele deixou a espada cair de volta.

Nathan endireitou o corpo. – Temo que não.

Richard assentiu agradecendo de qualquer forma e saiu do portal. – Owen, qual a distância até esse acampamento fortificado?

– De volta até bem perto onde o caminho costumava sair através da Fronteira.

Foi por isso que Richard não tinha visto aquilo; eles devem ter vindo pela rota antiga usada por Kaja-Rang.

Normalmente, seria uma jornada de mais de uma semana. Eles não tinham todo esse tempo.

Ele observou todos os rostos que olhavam para ele. – Nicholas tem uma boa dianteira sobre nós e estará com pressa para escapar com seu prêmio. Se viajarmos rapidamente e não pararmos muito tempo para descansar, existe uma boa chance de que ainda consigamos alcançá-lo no momento em que ele chegar ao acampamento deles. Precisamos partir imediatamente.

– Só estamos esperando você, Lorde Rahl. – falou Cara.

Kahlan também estava.

CAPÍTULO 61



A cada dia da árdua jornada, a condição de Richard piorava, mas o medo dele por Kahlan o conduzia incansavelmente adiante. A maior parte do tempo, fora após hora, através da luz do sol, escuridão, e da ocasional chuva, eles seguiram em um trote constante. Richard usou um cajado que cortou para ajudar a manter o seu equilíbrio.

Quando pensava que não conseguiria prosseguir, Richard deliberadamente aumentava o ritmo para lembrar a si mesmo que não podia desistir. Eles paravam durante a noite somente tempo bastante para algumas horas de sono.

Os homens sentiam dificuldade em acompanhá-lo. Cara e Jennsen não; as duas estavam acostumadas com o cansaço extremo no curso de jornadas difíceis. Porém, todos estavam tão exaustos do ritmo implacável que falavam apenas quando era necessário. Richard seguia como um animal irracional, tentando não pensar em sua própria condição desesperadora. Isso não importava. Lembrava a si mesmo que com cada passo que eles davam, se ele fosse rápido o bastante, eles estavam ganhando de Nicholas e ficando muito mais perto de Kahlan.

Em momentos de desespero, Richard dizia a si mesmo que Kahlan tinha que estar viva, que Nicholas podia ter acabado com ela fazia muito tempo se essa fosse a intenção dele. Ele não teria corrido se ela estivesse morta. Kahlan seria muito mais valiosa para ele viva.

De certo modo, ele sentiu uma estranha espécie de alívio. Ele podia forçar o máximo que fosse necessário. Não tinha que

preocupar-se com a sua saúde. Não havia antídoto para o veneno. No tempo certo, ele o mataria.

Não havia solução para o problema do seu Dom estar fora de controle; isso, também, o mataria.

Não havia qualquer coisa que Richard pudesse fazer nos dois casos. Ele morreria.

Nas colinas arborizadas era bastante fácil viajar. Eram abertas, com largas campinas verdes pontilhadas por flores silvestres e uma colcha de grama.

A vida selvagem era abundante. Se ele não estivesse morrendo, sentindo dor, e bastante preocupado com Kahlan, Richard podia ter saboreado a beleza da terra. Agora aquilo era apenas um obstáculo.

O sol nos olhos dele estava descendo atrás das enormes montanhas. Logo a escuridão estaria sobre eles. Um pouco mais cedo, Richard tinha usado seu arco para matar um cervo quando a oportunidade surgiu.

Tom fez um rápido trabalho cortando ele. O resto deles precisava comer, ou não conseguiriam acompanhar o ritmo. Richard imaginou que eles teriam que parar algum tempo para cozinhar a carne e dormir um pouco.

Owen surgiu ao lado de Richard enquanto eles trotavam através de um mar de grama balançando sob a brisa.

Owen apontou adiante. – Ali, Lorde Rahl. Aquele riacho vindo das colinas está chegando mais perto do acampamento da Ordem. Só mais um pouquinho, do outro lado daquela linha de colinas e em direção às montanhas. – ele apontou à direita. – Por aquele caminho, não muito longe, está minha cidade de Witherton.

Richard mudou o curso um pouco para a esquerda, seguindo para a floresta que começava ao pé de uma suave elevação. Eles alcançaram as árvores justamente quando o disco laranja do sol deslizou por trás das montanhas com os picos cobertos de neve.

– Muito bem. – disse Richard, parando sem fôlego quando eles entraram em uma pequena clareira.

– Vamos montar acampamento aqui. Jennsen, Tom, porque vocês dois e os homens não ficam aqui… colocam um pouco de carne para cozinhar enquanto eu vou com Owen e Cara fazer um reconhecimento dessa fortificação e ver se consigo pensar em como vamos entrar.

Quando Richard começou a andar, usando seu cajado para ajudar no equilíbrio, Betty começou a segui-lo. Jennsen segurou a corda de Betty.

– Oh, não, você não vai. – Jennsen falou. – Vai ficar aqui. Richard não precisa de você saltitando por aí para atrair a atenção no pior momento possível.

– O que deveríamos preparar para você comer, Lorde Rahl?

Tom perguntou.

Richard não conseguia suportar o pensamento de comer carne.

Após toda a luta sangrenta, mais do que nunca ele precisava equilibrar o seu Dom. Seu Dom o estava matando, mas se ele fizesse a coisa errada isso poderia apressar o fim e então talvez ele não durasse tempo suficiente para afastar Kahlan de Nicholas.

– Qualquer coisa que temos que não seja carne. Você tem tempo antes de voltarmos, então podem cozinhar um pouco de pão, arroz, talvez alguns feijões.

Tom concordou em cuidar daquilo e Richard seguiu atrás de Owen. Cara, parecendo mais descontente do que ele podia imaginar já ter visto, colocou a mão no ombro dele.

– Como você está, Lorde Rahl?

Ele não ousou dizer a ela quanta dor estava sentindo por causa do Dom, ou que tinha começado a tossir sangue. – Por enquanto eu estou bem.

Na hora em que eles voltaram ao acampamento, quase duas horas mais tarde, a carne no espeto estava pronta e alguns dos homens já tinham comido. Eles estavam começando a enrolar em cobertores para dormirem um pouco.

Richard estava além do cansaço. Tinha certeza de que estiveram perto de Kahlan. Foi agonizante ter que voltar, deixar o lugar onde Nicholas a mantinha, mas tinha que usar a cabeça. Ação irracional só causaria a falha. Isso não colocaria Kahlan fora de lá.

Richard estava sendo conduzido por necessidades além da comida ou do sono, mas quando observou Owen sentar pesadamente perto do fogo, ele soube que Owen e Cara estavam exaustos e imaginou que eles deviam estar famintos. Ao invés de sentar, Cara aguardou ao lado dele. Ela não permitiria que ele ficasse longe da sua vigilante proteção. Nem falaria sobre qualquer preocupação consigo mesma ou de suas necessidades.

Ele jamais poderia ter imaginado, lá no início, algum dia sentir-se tão próximo de uma Mord-Sith.

Jennsen levantou e correu para recebê-lo. – Richard… aqui, deixe-me ajudá-lo. Venha e sente.

Richard desabou na grama perto do fogo.

Betty aproximou-se e implorou um lugar ao lado dele. Ele deixou ela deitar.

– Bem? – Tom perguntou. – O que você acha do lugar?

– Não sei. Tem muros de madeira bem feitos com trincheiras na frente deles. Tem redes e armadilhas ao redor de todo o lugar. Tem um portão… um portão de verdade. – Richard suspirou enquanto esfregava os olhos. Sua visão estava ficando embaçada. Estava ficando mais difícil o tempo todo ver as coisas. – Eu ainda não consegui pensar em algo.

Era difícil pensar com o cheiro da carne cozinhando. Aquilo estava deixando ele enjoado. Richard pegou um pedaço de pão e a tigela com arroz e feijões que Jennsen entregou a ele.

Ele não conseguia comer enquanto observava eles comendo a carne ou, pior, sentia o cheiro dela.

Richard levantou. – Vou dar uma caminhada. – ele não queria fazer com que eles ficassem desgostosos com o jantar, ou sentissem culpa por comerem carne na frente dele. – Preciso de algum tempo sozinho para pensar.

Richard fez sinal para Cara sentar novamente e ficar onde estava.

– Coma um pouco, – ela falou. – preciso que você fique forte.

Richard caminhou entre as árvores, escutando o som de grilos, observando as estrelas através da cobertura de folhas. Era um alívio ficar sozinho, sem pessoas perguntando a ele qualquer coisa. Era cansativo ter pessoas sempre dependendo dele.

Richard encontrou um lugar tranquilo onde um velho carvalho havia caído. Ele sentou e encostou contra o tronco.

Gostaria de jamais ter que levantar. Se não fosse por Kahlan, ele não levantaria.

Betty apareceu. Ela ficou diante dele, olhando para ele atentamente como se desejasse perguntar o que eles fariam em seguida. Quando Richard nada falou, Betty deitou na frente dele. Ocorreu-lhe que talvez Betty apenas quisesse oferecer a ele algum conforto.

Richard sentiu uma lágrima descer por sua bochecha.

Tudo estava desmoronando. Ele não conseguia mais segurar aqueles pedaços. Mal conseguia respirar com o nó em sua garganta.

Ele deitou e colocou um braço sobre Betty.

– O que vou fazer? – ele fungou. Passou a costa da mão no nariz.

– Kahlan, o que vou fazer? – ele sussurrou em grande aflição. – Preciso tanto de você. O que vou fazer?

Ele estava no final de todas as esperanças.

Tinha pensado, quando viu Nathan chegar inesperadamente, que a ajuda estivesse ao alcance. A chama daquela última esperança havia sido apagada. Nem mesmo um mago poderoso conseguiu ajudá-lo.

Um mago poderoso.

Kaja-Rang.

Richard congelou.

As palavras enviadas a ele por Kaja-Rang, aquelas duas palavras gravadas na base de granito daquela estátua, ecoaram em sua mente.

Aquelas duas palavras eram destinadas a Richard.

Taiga Vassternich.

Mereça vitória.

– Queridos espíritos… Richard sussurrou.

Ele entendeu.

Capítulo 62



Nicholas observou quando Lorde Rahl seguiu de volta para o acampamento até seus homens após a sua última prece desesperada sussurrada aos queridos espíritos. Era tão triste. Era tão triste que o homem fosse morrer. Em breve ele estaria com os queridos espíritos dele… no reino do Guardião do Submundo.

Nicholas saboreava o jogo. O pobre Lorde Rahl estava tão perdido e confuso. Nicholas gostaria que o jogo pudesse continuar por um longo tempo, mas restava pouco tempo para Lorde Rahl. Era tão triste. Mas seria muito mais divertido depois que Lorde Rahl morresse, depois que aquele último detalhe finalmente estivesse concluído.

Jagang pensava que esse homem patético era engenhoso.

Não subestime ele, Jagang tinha alertado. Talvez Jagang não fosse páreo para o grande Richard Rahl, mas Nicholas, o Deslizador, era.

Seu espírito ficava cheio de alegria com a expectativa do pensamento da morte de Lorde Rahl. Isso seria uma bela coisa para assistir. Seria um grande final para o jogo da vida. Nicholas pretendia ver tudo, ver cada momento triste do último ato. Imaginava que os amigos de Lorde Rahl reuniriam-se para chorar enquanto ficavam ali perto, impotentes, observando ele mergulhar no abraço acolhedor da morte, a pastora da eternidade, que vinha ajudá-lo a iniciar a magnífica, eterna, jornada espiritual para longe do triste interlúdio que tinha sido a vida. A cortina final estava

prestes a ser fechada. Nicholas adorava tanto finais tristes. Ele mal conseguia esperar para ver isso acontecendo.

Odeio viver, vivo para odiar.

Nicholas também imaginou, como fizera Lorde Rahl, o que o levaria primeiro, o veneno ou seu Dom. Primeiro isso parecia pender para o lado de um, e então em direção ao outro. Por algum tempo as dores de cabeça causadas pelo Dom quase o derrubavam; então o veneno ampliava sua dor e fazia ele arfar de agonia. Era uma pergunta fascinante, uma que, como em qualquer boa peça, não seria respondida até o final. A tensão era deliciosa.

Nicholas estava torcendo para que o Dom ganhasse a disputa fatal. O veneno era muito bom, mas que reviravolta do destino vastamente mais intrigante seria ver um mago com a habilidade e o potencial de Lorde Rahl, um mago diferente de qualquer outro a nascer desde uma era há muito enterrada na sujeira da história da humanidade, sucumbir ao que era seu por direito de nascença… ao seu vasto, porém fútil, poder… outra vítima dos homens alcançarem algo alto demais na vida. Esse seria um final fascinante e adequado.

Não tinha que esperar muito.

Não tinha mesmo.

Nicholas observava, sem querer perder um simples delicioso detalhe. Com o espírito da adorável companheira de Richard Rahl ao lado dele, como acontecia, Nicholas sentia-se quase parte da família enquanto assistia a aproximação do fim trágico de um grande homem.

Nicholas sentia que era justo que a Madre Confessora pudesse ver isso tudo desenrolar-se, ver o triste fim de seu amado. Enquanto ela observava junto com Nicholas, ela estava sofrendo ao ver a agonia daquilo enquanto Richard Rahl caminhava de volta ao acampamento dele.

Nicholas saboreava o sofrimento dela. Ele ainda não tinha começado a fazer ela sofrer. Em breve ele teria um longo tempo com

ela para explorar a capacidade de sofrimento dela.

As pessoas lá na floresta em volta da fogueira do acampamento levantaram os olhos, curiosos quando seu mestre retornou ao meio deles. Todos aguardaram, com Nicholas, observando, com Nicholas, enquanto seu Lorde Rahl ficava diante deles. Sua figura ondulava perto das chamas, assim como acontecia na visão de Nicholas. Era quase como se ele já fosse apenas um espírito, prestes a deslizar para longe no glorioso esquecimento dos mortos.

– Eu descobri, – Lorde Rahl falou para eles. – eu sei como atacar a fortificação.

Os ouvidos de Nicholas ficaram atentos. O que era isso?

– Na primeira luz nós entramos, – disse Lorde Rahl. – logo quando o sol surgir sobre as montanhas. Nesse momento, no lado leste, nós subiremos o muro. Os guardas não conseguirão enxergar muito bem porque o sol estará nos olhos deles quando olharem naquela direção. Os homens não olham para onde é difícil olhar.

– Gostei disso. – falou um dos outros homens.

– Então vamos entrar sorrateiramente, ao invés de tentar atacar. – disse outro.

– Oh, não, haverá um ataque, – falou Lorde Rahl. – um grande ataque. Um ataque que vai deixar as cabeças deles tontas.

O que era isso? O que era isso? Nicholas observou, observou, observou. Isso era muito curioso. Primeiro Lorde Rahl entraria silenciosamente por cima do muro, e então mandaria seus homens atacarem? Como ele deixaria as cabeças deles tontas? Nicholas estava fascinado. Ele chegou um pouco mais perto, temendo perder uma preciosa palavra.

– O ataque envolverá todo o resto de vocês homens, – Lorde Rahl falou. – vocês todos seguirão em direção ao portão na primeira luz. Enquanto estão atacando através do portão e atraindo a atenção deles, eu estarei passando por cima do muro. Enquanto estarão lá

para distraí-los, em parte, executarão um papel ainda mais vital que ele jamais estarão esperando.

O jogo estava rolando. Nicholas estava maravilhado enquanto escutava, enquanto observava. Ele gostava tanto do jogo… especialmente quando ele conhecia todas as regras, e poderia mudá-las de acordo com seus desejos. Seria um dia glorioso, amanhã.

– Mas, Lorde Rahl, – o grande homem, Tom, perguntou. – como poderemos atacar através do portão se ele é tão formidável quanto você diz?

Nicholas não tinha pensado nisso. Que curioso. Um ponto chave do plano de Lorde Rahl parecia ter uma falha.

– Esse é o verdadeiro truque, – disse Lorde Rahl. – eu já descobri e vocês ficarão surpresos em escutar como farão isso.

Ele já tinha descoberto? Que curioso. Nicholas queria ouvir que possível solução poderia resolver uma parte tão importante do plano de Lorde Rahl.

Lorde Rahl espreguiçou e bocejou. – Olhem, – ele falou. – estou exausto. Não consigo mais ficar em pé. Preciso descansar um pouco antes de explicar tudo para vocês. É complicado, então acho que seria melhor esperar até pouco antes de partirmos.

– Me acordem duas horas antes do amanhecer, e então eu explicarei a coisa toda.

– Duas horas antes do amanhecer. – Tom repetiu em uma confirmação das ordens.

Nicholas estava furioso. Queria escutar agora. Queria conhecer o plano maravilhoso, fabuloso, complicado.

Lorde Rahl apontou para a sua deliciosa companheira, aquela chamada Cara, e então para vários dos jovens. – Porque vocês não vem comigo e dormem um pouco enquanto os outros terminam suas refeições.

Quando eles começaram a andar, Lorde Rahl virou para trás. – Jennsen, quero que você mantenha Betty aqui com você.

Certifique-se de que ela fique aqui. Preciso dormir um pouco; não preciso que o cheiro de uma cabra me acorde.

– Irei com você de manhã, Richard? – perguntou aquela chamada Jennsen.

– Sim. Você tem um papel importante no plano.

Lorde Rahl bocejou outra vez. – Explicarei depois que eu tiver dormido. Não esqueça, Tom. Duas horas antes do amanhecer.

Tom assentiu. – Eu mesmo acordarei você, Lorde Rahl.

Nicholas também estaria ali, para observar, para escutar a parte final do plano de Lorde Rahl. Nicholas mal conseguia suportar esperar tanto tempo. Estaria ali cedo. Escutaria cada palavra. E então, Nicholas teria uma surpresa esperando por Richard Rahl quando ele e seus homens viessem fazer uma visita.

Talvez nem o veneno ou seu Dom levasse Lorde Rahl.

Talvez Nicholas fizesse isso.

Com seu espírito como um impotente prisioneiro do Deslizador, Kahlan não podia fazer coisa alguma a não ser observar junto com ele. Ela não era capaz de responder aos pedidos desesperados de Richard, não era capaz de chorar de tristeza por ele, não era capaz de fazer qualquer coisa. Ela desejava ardentemente poder segurá-lo em seus braços novamente, confortar a dor dele, seu coração.

Ele estava perto do fim. Ela sabia disso. Partia o coração dela ver a preciosa vida dele escapulindo.

Ver as lágrimas dele.

Ouvir ele chamar o nome dela.

Ouvir ele dizer o quanto precisava dela.

Ela sentia-se tão fria e sozinha. Detestava a sensação de estar à deriva. Queria desesperadamente estar de volta ao seu corpo. Ele aguardava em algum lugar em uma sala solitária no acampamento fortificado. O corpo de Nicholas também aguardava lá. Se ao menos ela conseguisse voltar até lá.

Mais do que tudo, ela gostaria que houvesse algum jeito para que pudesse avisar Richard que Nicholas conhecia o plano dele.

CAPÍTULO 63



Nicholas estava esperando no acampamento, fungando, escutando, observando, ansioso para que o jogo continuasse. Tinha vindo cedo, temendo perder algo. Tinha certeza de que deviam ser duas horas antes do amanhecer… hora do último ato da peça. Estava na hora para que o homem, Tom, acordasse Lorde Rahl. Estava na hora.

Observe, observe, observe. Onde ele estava? Em algum lugar, algum lugar. Procure, procure, procure.

Homens entre as árvores montavam guarda no acampamento. Onde estava Tom? Lá estava ele. Nicholas viu que Tom era um dos homens em vigília enquanto outros dormiam. Não queria ficar atrasado. As ordens de Lorde Rahl. Ele não estava dormindo, estava acordado, então ele devia saber que estava na hora.

O que o homem estava esperando? Seu mestre deu a ele um comando. Porque não estava fazendo o que ele mandou?

A mulher, Jennsen, acordou e esfregou os olhos. Ela olhou para cima e verificou as estrelas e a lua. Estava na hora… ela sabia que estava. Ela jogou o cobertor para o lado.

Nicholas seguiu atrás quando ela passou rapidamente pelo fraco brilho das brasas, passou por um grupo de árvores jovens, avançou até o homem grande encostado contra um toco.

– Tom, não está na hora de acordar Richard?

Em algum lugar lá em uma distante sala na fortificação, onde o corpo dele aguardava, Nicholas ouviu um ruído insistente. Ele

estava concentrado na tarefa atual, no jogo, então ignorou o som.

Provavelmente era Najari. O homem estava ansioso para ter uma chance de colocar as mãos na Madre Confessora, uma chance de aproveitar os encantos mais femininos dela. Nicholas tinha falado para Najari que ele teria sua chance, mas tinha que esperar até que Nicholas retornasse. Nicholas não queria o homem mexendo no corpo dela enquanto eles estavam fora. Às vezes Najari não conhecia sua própria força. A Madre Confessora era uma propriedade valiosa e Nicholas não queria aquela propriedade danificada.

Najari havia provado ser um homem leal e merecia uma pequena recompensa, mas não até mais tarde. Ele não desobedeceria as ordens de Nicholas. Arrependeria-se muito se fizesse isso.

Talvez fosse apenas… espere, espere. O que foi isso? Observar, observar, observar.

O homem levantou e colocou uma das mãos de forma confortadora no ombro da jovem. Que tocante.

– Sim, acho que está na hora. Vamos acordar Lorde Rahl.

Outra vez o ruído. Furtivo, agudo porém baixo.

Muito estranho. Mas isso teria que esperar.

Através da floresta. Depressa. Observar, observar, observar.

Depressa. Eles não podiam andar mais depressa? Eles não entenderam a importância da ocasião? Depressa, depressa, depressa.

– Betty, – a mulher Jennsen rosnou. – pare de bater nas minhas pernas.

Outra vez houve um leve som lá em algum lugar perto do corpo dele.

E então, outro, um som mais urgente.

Dessa vez, o som fez subir um calafrio na própria alma de Nicholas.

Foi o som mais ameaçador que ele já tinha ouvido.

Quando a Espada da Verdade saiu da bainha, o som inconfundível do aço encheu a sala pouco iluminada.

Com a espada veio uma magia antiga, desimpedida, sem restrições, livre.

O poder da espada inundou Richard instantaneamente com sua fúria sem fronteiras, uma fúria que respondia somente a ele. A força daquele poder preencheu cada fibra do seu ser. Fazia tanto tempo desde que ele realmente o sentira, realmente sentira toda a magnitude dele, que por um instante Richard fez uma pausa na exaltação da profunda experiência de simplesmente segurar uma arma tão singular.

A própria fúria dele já havia superado suas fronteiras. Unindo-se agora com a pura fúria da Espada da Verdade, ambas entrelaçando-se através dele como tempestades gêmeas avançando sem obstáculos.

Richard alegrou-se que elas pudessem fazer isso, e por ser o mestre definitivo de ambas.

O Seeker da Verdade impulsionou as duas tempestades adiante mesmo quando a espada iniciou sua temível jornada, com os raios impiedosos prestes a atacarem.

A ponta da lâmina assoviou através do ar da noite, ainda duas horas antes do amanhecer.

Hesitante e confuso, Nicholas observou enquanto o homem, Tom, e a mulher Jennsen avançavam pela floresta para acordarem o moribundo Lorde Rahl.

Em algum lugar lá em uma distante sala na fortificação, onde seu corpo aguardava, Nicholas ouviu um grito.

Não foi um grito de medo, mas um turbulento grito de fúria sem controle. Isso lançou um calafrio em sua alma.

Com súbito alarme, sabendo que isso não podia ser ignorado, Nicholas retornou ao seu corpo onde ele estava sentado no chão, esperando por ele.

Oscilante com o retorno abrupto, Nicholas piscou quando abriu os olhos.

Lorde Rahl em pessoa estava diante dele, pés afastados, as duas mãos segurando sua espada. Ele era uma imagem de grande força muscular focada com aterradora determinação.

Os olhos de Nicholas ficaram arregalados ao verem a lâmina cintilante fazendo um arco através do ar.

Lorde Rahl estava no meio de um grito de surpreendente poder e fúria. Cada fração e sua força estava comprometido com o movimento da sua espada.

Nicholas teve uma repentina e completamente inesperada percepção: ele não queria morrer. Queria muito viver. Independente do quanto odiasse a vida, ele percebera agora, que ele queria segurar-se a ela.

Tinha que agir.

Ele invocou seu poder, mobilizou sua vontade. Tinha que deter essa alma vingadora diante dele. Projetou seu poder para capturar esse outro espírito. Ele sentiu o apavorante choque de um golpe surpreendente contra o lado do seu pescoço.

Richard ainda estava gritando enquanto sua espada, com cada partícula de poder e velocidade que ele podia empregar nela, completou o giro, arrancando o topo do ombro esquerdo de Nicholas.

Richard viu cada detalhe quando a lâmina cortava através de carne e osso, virando do avesso músculos, tendões, artérias, e traqueia, seguindo com precisão o caminho no qual o Seeker havia direcionado ela. Richard tinha concentrado tudo na jornada veloz de sua espada. Agora ele observava enquanto aquela jornada chegava ao seu destino, enquanto a lâmina cortava o pescoço de Nicholas, o Deslizador, enquanto a cabeça do homem, com a boca ainda aberta no início do choque não completamente compreendido, seus olhos pequenos ainda tentando captar a totalidade daquilo que estavam vendo, voou no ar, começando a girar tão lentamente quanto a espada abaixo dela passando em seu arco mortal, enquanto faixas

curvas de sangue do homem começavam a traçar uma longa linha úmida na parede atrás dele.

O grito de Richard parou quando o movimento da espada atingiu o seu limite. O mundo retornou repentinamente ao redor dele.

A cabeça atingiu o chão com um alto som de ossos quebrando.

Estava acabado.

Richard recolheu a fúria. Tinha que colocá-la sob controle imediatamente. Ainda tinha algo mais importante a fazer.

Em um movimento fluido, Richard enfiou a lâmina ensanguentada em sua bainha quando virou para o segundo corpo apoiado contra a parede à direita.

A visão dela quase o deixou sem fôlego. Vê-la ali, viva, respirando, aparentemente ilesa, causou uma louca onda de alegria. Os piores medos dele, medos que ele nem ao menos permitia em sua mente consciente, evaporaram em um instante.

Mas então ele percebeu que ela não estava bem.

Ela não poderia ficar dormindo durante um ataque como esse.

Richard caiu de joelhos e pegou-a nos braços. Ela parecia tão leve, tão mole. Seu rosto estava pálido e coberto de suor. Suas pálpebras estavam semicerradas, seus olhos giravam.

Richard recolheu-se dentro de si mesmo, buscando forças para trazer de volta aquela que ele amava mais do que a própria vida. Abriu sua alma para ela. Tudo que ele queria, tudo que precisava, enquanto segurava ela contra si, era que ela vivesse, ficasse completa.

Instintivamente, de uma forma que ele não compreendia totalmente, ele deixou seu poder brotar de um lugar fundo em sua mente. Liberou-se dentro da torrente enquanto ela seguia veloz

adiante. Deixou seu amor por ela, sua necessidade dela, fluir através da conexão deles enquanto ele a segurava contra o peito.

– Venha para casa, para o lugar ao qual pertence. – ele sussurrou para ela.

Deixou o núcleo de seu poder espalhar-se através dela, desejando que ele fosse como um farol para iluminar o caminho dela.

Pareceu como se ele estivesse procurando no escuro, usando a luz da habilidade do seu interior para ajudá-lo. Ainda assim ele não conseguia definir o preciso mecanismo, ele conseguiu focar conscientemente seu objetivo, sua necessidade, e aquilo que ele queria realizar.

– Venha para mim, Kahlan. Estou aqui.

Kahlan arfou. Mesmo que ela estivesse mole, ele sentiu a intensidade da vida em seus braços. Ela arfou outra vez, como se quase tivesse afogado e precisasse de ar.

Finalmente, ela estremeceu nos braços dele, seus membros moveram-se, tateando. Ela abriu os olhos, piscando, e olhou para cima. Surpresa, ela mergulhou de volta nos braços dele.

– Richard… eu ouvi você. Eu estava tão sozinha. Queridos espíritos, eu estava tão sozinha. Eu não sabia o que fazer… Ouvi Nicholas gritar. Eu estava perdida e sozinha. Não sabia como voltar. E então eu senti você.

Ela o abraçou com força, como se nunca mais quisesse largar.

– Você me conduziu de volta através da escuridão.

Richard sorriu para ela. – Eu sou um guia, lembra?

Ela fez uma careta para ele. – Como você conseguiu fazer aquilo? – os lindos olhos verdes dela ficaram arregalados com expectativa. – Richard, o seu Dom…

– Eu descobri o problema com o meu Dom. Kaja-Rang deu para mim a solução. Eu tive a solução muito tempo antes disso, mas não tinha percebido. Agora o meu Dom está bem, e o poder da

espada funciona outra vez. Eu estava sendo tão cego que ficarei envergonhado ao contar tudo para você.

Então, a respiração de Richard travou, e ele tossiu, incapaz de segurar aquilo mais tempo. Também não conseguiu segurar a expressão de sofrimento com a dor.

Kahlan agarrou os braços dele. – O antídoto… o que aconteceu com o antídoto! Mandei ele de volta com Owen. Você não recebeu?

Richard balançou a cabeça enquanto tossia outra vez, a dor parecendo rasgar ele por dentro.

Finalmente ele recuperou a respiração. – Bem, agora, isso é um problema. Não era o antídoto. Era apenas água com um pouco de canela.

O rosto de Kahlan ficou pálido. – Mas… ela olhou para o corpo de Nicholas, para a cabeça que jazia no final de uma trilha sangrenta no chão.

– Richard, se Nicholas está morto, como pegaremos o antídoto?

– Não existe antídoto. Nicholas queria que eu morresse. Ele teria destruído o antídoto faz muito tempo. Deu a você um antídoto falso para capturá-la.

O rosto dela mudou da alegria para o horror.

– Mas, sem o antídoto…

CAPÍTULO 64



– Não há tempo para nos preocuparmos com o veneno nesse momento. – Richard disse quando ajudava ela a levantar.

– Não há tempo? – ela observou o passo dele falhar quando andava pela sala. Ele procurou o peitoril da janela.

Na pequena abertura da janela no muro externo da fortificação ele sinalizou com o alto, claro, assovio do Piui… o assovio que Cara pensava que era do mítico falcão de cauda curta do pinheiro.

– Eu usei uma escada. – ele explicou. – Cara está vindo.

Kahlan tentou caminhar até ele, mas seu corpo parecia alarmantemente não familiar. Ela cambaleou alguns passos, suas pernas movendo-se com dificuldade. Ela sentiu vontade de ficar de quatro para andar. Sentiu-se como uma estranha dentro de sua própria pele. Parecia estranho ter que respirar sozinha, ter que enxergar através de seus próprios olhos, ter que escutar através de seus próprios ouvidos. Era uma sensação estranha, assombrosa, sentir suas roupas contra a pele.

Richard esticou a mão para ajudá-la a equilibrar-se.

Kahlan pensou que a despeito do quanto estivesse cambaleante, ainda conseguia ficar mais estável em pé do que Richard.

– Para sairmos teremos que abrir caminho lutando, – ele disse. – mas teremos ajuda. Darei a você a primeira espada que eu conseguir.

– Richard apagou a chama da vela diante de um refletor de metal sobre uma pequena prateleira.

– Richard, ainda não estou acostumada em estar… de volta dentro de mim mesma. Acho que não estou pronta para ir lá fora. Mal consigo andar.

– Não temos muita escolha. Temos que sair. Aprenda no caminho. Ajudarei você.

– Você mesmo mal consegue andar.

Cara, no topo de uma escada que Richard tinha feito, inclinou-se para frente e começou a entrar pela pequena janela.

Com a metade do corpo para dentro, Cara ficou boquiaberta com a maravilhosa surpresa.

– Madre Confessora… Lorde Rahl conseguiu.

– Não precisa parecer tão surpresa. – disparou Richard enquanto ajudava a Mord-Sith a entrar o resto do caminho.

Cara olhou brevemente o homem morto espalhado no chão antes que Kahlan jogasse os braços em volta da mulher.

– Não pode imaginar como estou feliz em ver você. – disse Cara.

– Bem, você não pode imaginar como eu estou feliz em ver você através dos meus próprios olhos.

– Se ao menos a troca que você fez tivesse funcionado. – Cara adicionou com um sussurro.

– Vamos encontrar outro jeito. – Kahlan confortou-a.

Richard abriu a porta lentamente só um pouquinho e espiou lá fora. Ele fechou a porta e virou para trás.

– Está limpo. Nas portas à esquerda e contornando a sacada estão as salas com as mulheres. Os degraus à direita são os mais próximos que levam para baixo. Algumas das salas lá embaixo são para os oficiais; outras são alojamentos para soldados.

Cara assentiu. – Estou pronta.

Kahlan olhou para um e depois para o outro. – Pronta para quê?

Richard segurou-a pelo cotovelo. – Preciso que você me ajude a enxergar.

– Ajudar você a enxergar? Isso está progredindo tão rápido?

– Só escute. Seguiremos junto da sacada para a esquerda e abriremos as portas. Façam o melhor que puderem para manterem as mulheres calmas. Vamos tirá-las daqui.

Kahlan estava um pouco confusa com tudo… isso era completamente diferente dos planos que ela ouvira junto com Nicholas. Ela sabia que simplesmente teria que seguir as orientações de Richard Cara.

Do lado de fora, na sacada simples de madeira, não havia lamparinas ou tochas. A lua estava baixa atrás das projeções negras das montanhas. A visão de Kahlan quando Nicholas havia controlado ela tinha sido como olhar através de um painel de vidro ondulado. A abóbada cintilante de estrelas acima nunca pareceu tão linda. Sob a luz das estrelas, Kahlan podia ver construções simples alinhadas ao redor do muro externo da fortificação.

Richard e Cara moveram-se perto da sacada, abrindo portas. Em cada uma, Cara agachou entrando rapidamente. Algumas das mulheres saíram em suas roupas de dormir; algumas Kahlan conseguia ouvir lá dentro apressavam-se para vestirem as roupas. Em algumas das salas, bebês choravam.

Enquanto Cara estava em uma das salas, Richard abriu outra porta. Ele inclinou-se perto de Kahlan e sussurrou. – Entre e diga para as mulheres lá dentro que viemos ajudá-las a escaparem. Diga a elas que seus companheiros vieram para tirá-las daqui. Mas elas devem fazer o máximo de silêncio possível, ou seremos pegos.

Kahlan entrou rapidamente, o melhor que podia com as pernas instáveis, e acordou a jovem na cama à direita. Ela sentou,

apavorada, mas em silêncio. Kahlan esticou o braço e balançou a mulher na outra cama.

– Viemos ajudar vocês a escaparem. Não devem fazer barulho. Os companheiros de vocês ajudarão. Vocês tem uma chance de serem livres.

– Livres? – a primeira mulher perguntou.

– Sim. Depende de vocês, mas eu aconselho aproveitarem a chance, e sejam rápidas.

As mulheres voaram das camas e pegaram roupas.

Richard, Kahlan, e Cara desceram mais a sacada, pedido às mulheres que já tinham saído para ajudarem a acordar as outras. Em uma questão de poucos minutos, centenas de mulheres estavam reunidas na sacada. Não houve dificuldade para mantê-las quietas; elas conheciam muito bem as consequências de causarem problemas. Elas não queiram fazer qualquer coisa para serem pegas tentando escapar. Em pouco tempo, haviam completado o percurso ao redor da sacada da fortificação.

Muitas das mulheres tinham bebês muito novos… bebês jovens demais para serem levados. A maioria dos bebês estavam dormindo nos braços de suas mães, mas alguns deles começaram a chorar. As mães tentaram desesperadamente embalar e fazer eles ficarem em silêncio. Kahlan esperava que esse fosse um som bastante comum para que não chamasse atenção dos soldados.

– Espere aqui, – Richard sussurrou para Kahlan. – mantenha todas aqui até abrirmos o portão.

Com Cara logo atrás dele, Richard deslizou descendo cuidadosamente os degraus e começou a cruzar o terreno aberto. Quando um dos bebês repentinamente começou a chorar, soldados saíram de uma construção para verem o que estava acontecendo. Eles avistaram Richard e Kahlan.

Os soldados gritaram, soando um alarme.

Kahlan ouviu o conhecido som do aço quando Richard sacou a espada. Homens correram saindo de algumas das portas, em direção a Richard e Cara. Acostumados a lidar com essas pessoas, os homens que corriam até Richard aparentemente não estavam muito preocupados com violência. Estavam errados, e caíram tão logo chegaram perto o bastante para que Richard atacasse.

Alguns Richard derrubou enquanto corria; outros Cara pegou quando eles tentavam chegar pelo lado.

Os gritos de alguns dos homens enquanto eles caíam acordou o acampamento todo. Homens correram saindo de alojamentos abaixo, vestindo as calças e camisas, arrastando cintos com armas.

Na fraca luz do luar, Kahlan avistou Richard perto das correntes do portão. Ele efetuou um giro poderoso. Faíscas choveram contra o muro quando a espada estilhaçou uma das pesadas correntes segurando o portão. Richard correu até o outro lado, para cortar a outra corrente. Dois homens alcançaram ele lá. Com um movimento veloz, Richard matou os dois.

Quando Cara derrubava outros homens que estavam correndo até Richard, ele girou a espada outra vez. Fragmentos de aço encheram o ar junto com o som de metal despedaçando. O portão rugiu e começou a cair lentamente para o lado de fora. Richard lançou o peso do corpo contra ele e ele ganhou mais velocidade. Com um som ressoante, ele bateu no chão, levantando nuvens de poeira.

Um forte grito ecoou quando homens do lado de fora, empunhando espadas, machados, e maças de batalha, avançaram através da ponte quebrada entrando na fortificação. Os soldados correram para receber a invasão e houve um grande choque entre armas e homens.

Kahlan viu, então, que soldados estavam subindo rapidamente a escadaria do lado oposto da sacada.

– Vamos lá! – Kahlan gritou para as mulheres. – Temos que sair agora!

Segurando o corrimão para manter o equilíbrio, Kahlan desceu acelerada os degraus, todas as mulheres seguindo atrás dela, algumas carregando bebês que gritavam.

Richard correu para encontrar com ela na base da escada. Atirou para ela uma espada curta com um cabo enrolado por couro. Kahlan agarrou-a justamente no momento para virar e cortar um soldado que vinha correndo por baixo da sacada.

Owen abriu caminho através da luta e foi até as mulheres. – Vamos lá! – ele gritou para elas. – Sigam até o portão! Corram!

As mulheres, encorajadas pelo comando dele, começaram a correr pelo terreno. Quando chegaram até a luta, algumas das mulheres, ao invés de saírem correndo pelo portão, aproveitaram a oportunidade para saltarem nas costas de soldados que lutavam contra Owen e os homens dele. As mulheres mordiam os homens nas costas, batiam nas cabeças deles, furavam seus olhos. Os soldados não tinham moderação com as mulheres, e várias delas foram mortas brutalmente. Isso não impediu que outras entrassem na luta.

Se elas apenas corressem para o portão, poderiam escapar, mas ao invés disso, estavam atacando os soldados com as mãos nuas. Elas foram mantidas na escravidão por esses homens durante um longo tempo.

Kahlan só podia imaginar o que elas tinham passado e não podia dizer que as culpava. Ela ainda estava sentindo dificuldade para mover-se, obrigar o seu corpo a fazer o que ela queria que ele fizesse, ou teria se juntado a elas.

Kahlan virou ao ouvir um som apenas para ver um homem avançando contra ela. Ela reconheceu o nariz achatado dele. Najari… o braço direito de Nicholas. Ele era um dos homens que carregaram

ela até a fortificação. Ele exibiu um sorriso perverso enquanto aproximava-se dela.

Ela poderia ter usado seu poder nele, mas teve medo de confiar nele nesse momento. Ao invés disso ela moveu a espada de trás das costas e enfiou-a na barriga de Najari. Ele ficou imóvel diante dela, seus olhos arregalados. Ela podia sentir o fedor do hálito dele. Kahlan virou o cabo da espada para o lado. Com a boca aberta, ele ofegou, temendo respirar profundamente, temendo mover-se e causar ainda mais danos. Kahlan cerrou os dentes e girou o cabo da espada em um arco, rasgando as entranhas dele.

Ela olhou fixamente nos olhos assustados dele enquanto escorregava da espada. Ele grunhiu de dor quando caiu de joelhos, segurando seu ferimento o melhor que podia.

Ele nunca conseguiu aquilo que Kahlan sabia que ele pretendia, o que Nicholas havia prometido a ele. Ele caiu de cara, espalhando suas entranhas no chão aos pés dela.

Kahlan virou-se para o ataque. Richard estava engajado em abrir caminho através dos homens que tentavam cercá-lo enquanto ele lutava para manter o portão livre. Outros, homens de Richard, foram para cima dos inimigos por trás, cortando eles do jeito que Richard ensinara.

Kahlan viu Owen não muito longe. Ele estava parado em campo aberto, entre os caídos e os que lutavam, olhando fixamente através da batalha para um homem logo do lado de fora de uma das portas embaixo da sacada.

O homem tinha uma espessa barba negra, uma cabeça raspada, e um anel através de uma orelha e de uma narina. Os braços dele eram tão grossos quanto troncos de árvores. Seus ombros tinham o dobro da largura dos ombros de Owen.

– Luchan. – Owen falou para si mesmo.

Owen começou a cruzar o terreno aberto da fortificação, passando por homens concentrados em feroz batalha, passando por

aqueles que gritavam e por aqueles que caíam diante de lâminas, passando por espadas e machados deslizando através do ar, como se ele nem os enxergasse. Seus olhos estavam travados no homem que observava ele chegando.

O rosto de uma jovem surgiu no portal escuro atrás de Luchan. Ele virou e gritou para ela voltar para dentro, que ele cuidaria do homenzinho do vilarejo dela.

Quando Luchan virou de volta, Owen estava parado na frente dele.

Luchan riu e colocou os punhos nos quadris.

– Porque não volta correndo para dentro da sua toca?

Owen nada falou, não deu qualquer aviso, não fez exigências. Simplesmente atirou-se contra Luchan com sede de vingança… exatamente como Richard havia aconselhado ele a fazer… enterrando uma faca no peito do grande homem repetidas vezes antes que Luchan tivesse chance de reagir. Ele tinha subestimado Owen. Isso custara a ele sua vida.

A mulher correu saindo pelo portal e parou diante do corpo de seu antigo mestre. Ela ficou olhando para ele, para o braço dele jogado para um lado, para o outro sobre o peito ensanguentado, para os olhos que não enxergavam. Ela olhou para Owen.

Kahlan concluiu que essa era Marilee, e temeu que ela fosse rejeitar Owen por machucar outra pessoa, que ela o castigasse por causa daquilo que ele fizera.

Ao contrário, ela correu até Owen e jogou os braços em volta dele.

A mulher ajoelhou ao lado do corpo e tirou a faca ensanguentada da mão de Owen. Ela virou para o Luchan caído e esfaqueou ele meia dúzia de vezes com tanta força que a faca enterrou até o cabo em cada golpe. Observando a fúria lacrimejante dela, Kahlan não precisou imaginar como ela estava sendo tratada pelo homem.

Com sua raiva encerrada, ela levantou outra vez e abraçou Owen.

Kahlan precisava chegar até Richard. Estava aliviada que sua habilidade de mover-se como pretendia estivesse voltando. Começou a seguir contornando pela margem da batalha, permanecendo perto das paredes, passando por homens que avistaram ela e pensaram que ela seria um alvo fácil. Eles não sabiam que desde jovem ela fora ensinada por seu pai a usar uma espada, o Rei Wyborn, e que Richard mais tarde tinha melhorado sua habilidade até uma eficiência mortal, ensinando-a como usar o seu peso mais leve para conseguir velocidade letal. Esse era o último erro que os homens cometiam.

Do outro lado da área aberta, um grupo de soldados, agora totalmente acordados e preparados para entrar na batalha, saíram dos alojamentos. Todos eles avançaram em direção a Richard. Kahlan soube imediatamente que havia homens demais. Os homens de Richard não conseguiriam deter o fluxo de soldados conforme eles espalhavam-se pelo acampamento.

Todos eles correram até Richard.

Kahlan ouviu um estalo ensurdecedor como o som de um raio quando os muros da fortificação iluminaram-se com um clarão.

Ela teve que virar o rosto e proteger os olhos. A noite transformou-se em dia, e ao mesmo tempo, uma escuridão mais densa do que qualquer noite foi liberada.

Um raio branco de Magia Aditiva ondulou e espiralou através de um vácuo negro de Magia Subtrativa, criando uma violento corda de raios gêmeos unidos com um terrível propósito.

Pareceu como se o sol do meio-dia desabasse entre eles. O próprio ar foi sugado dentro do calor feroz e da luz. Não importava o quanto tentasse, Kahlan não conseguiu respirar em meio à força daquilo.

A fúria de Richard reuniu tudo isso em um só ponto. Em um instante explosivo, a ignição trovejante de luz liberou uma onda devastadora de assombrosa destruição irradiando-se através de todo o acampamento, aniquilando os soldados da Ordem Imperial.

A noite ficou escura e silenciosa.

Homens e mulheres estavam assustados em meio ao mar de sangue e vísceras, olhando ao redor para os restos irreconhecíveis dos soldados inimigos.

A batalha estava acabada. O povo de Bandakar tinha sobrevivido a esse dia. Finalmente, as mulheres começaram a gemer e chorar, felizes por estarem livres. Elas conheciam muitos dos homens que vieram libertá-las, e agarraram-se a eles em gratidão, dominadas pela alegria de estarem reunidos. Abraçaram amigos, parentes, e estranhos do mesmo jeito. Os homens também choravam de alívio e felicidade.

Kahlan correu através do labirinto de pessoas regozijando-se na área aberta da fortificação. Homens parabenizavam ela, felizes que ela, também, estivesse livre. Muitos dos homens quiseram falar com ela, mas ela continuou correndo para chegar até Richard.

Ele estava em pé de um lado, apoiando-se contra a parede. Cara ajudando a mantê-lo em pé. Ele ainda segurava sua espada manchada de sangue no punho, a ponta da lâmina repousando no solo.

Owen, também, abriu caminho até Richard.

– Madre Confessora! Estou tão aliviado e agradecido por termos você de volta! – ele olhou para um Richard sorridente. – Lorde Rahl, gostaria que você conhecesse Marilee.

Essa mulher, que há pouco tempo tinha esfaqueado o cadáver do seu captor, agora parecia tímida demais para falar. Ela baixou a cabeça em agradecimento.

Richard endireitou o corpo e exibiu aquele sorriso que Kahlan tanto adorava ver, um sorriso cheio do grande prazer da

vida. – Estou muito feliz em conhecê-la, Marilee. Owen falou para nós tudo sobre você, e sobre o quanto você significa para ele. Através de tudo que aconteceu, você esteve sempre em primeiro lugar na mente e no coração dele. O amor dele por você fez com que ele agisse para mudar todo o seu Império para melhor.

Ela pareceu extasiada com tudo aquilo, e com as palavras dele.

– Lorde Rahl veio até nós e fez algo mais importante do que nos salvar a todos. – Owen disse para Marilee. – Lorde Rahl deu a mim a coragem para vir aqui e lutar por você, lutar para salvá-la… para que todos nós lutássemos por nossas próprias vidas e as vidas daqueles que amamos.

Radiante, Marilee inclinou-se e beijou Richard na bochecha. – Obrigada, Lorde Rahl. Nunca imaginei que meu Owen pudesse fazer coisas assim.

– Acredite em mim, – falou Cara. – nós também tivemos nossas dúvidas a respeito dele. – ela deu um tapa atrás do ombro de Owen. – Mas ele fez muito bem.

– Eu também passei a entender o valor daquilo que ele fez, – Marilee disse para Richard. – das coisas que você parece ter ensinado ao nosso povo.

Richard sorriu para os dois, mas então ele não conseguiu mais segurar a tosse que tanto o machucava. Subitamente o clima de alegria com a libertação mudou. Pessoas correram até ele, ajudando a mantê-lo em pé. Kahlan viu sangue escorrendo pelo queixo dele.

– Richard. – ela gritou. – Não…

Eles o colocaram no chão. Ele agarrou a manga de Kahlan, querendo ter ela perto. Kahlan viu lágrimas descendo pelas bochechas de Cara.

Parecia que ele gastara toda a força que lhe restara. Ele estava mergulhando dentro das garras fatais do veneno, e não havia qualquer coisa que eles pudessem fazer por ele.

– Owen, – disse Richard, ofegando para recuperar o fôlego quando o feitiço da tosse parou. – qual a distância até a sua cidade? – a voz dele estava ficando rouca.

– Não é longe… apenas horas, se nos apressarmos.

– O homem que fez o veneno e o antídoto… ele morava lá?

– Sim. A casa dele ainda está lá.

– Leve-me até lá.

Owen pareceu confuso, mas ele assentiu ansioso. – É claro.

– Depressa. – Richard adicionou, tentando levantar. Ele não conseguiu.

Tom surgiu do meio da multidão. Jennsen também estava ali.

– Peguem estacas! – Tom comandou. – e um pouco de lona, ou cobertores. Faremos uma liteira. Quatro homens de uma vez podem carregá-lo. Podemos correr e levá-lo até lá rapidamente.

Homens correram até as construções, procurando tudo aquilo que precisariam para fazerem uma liteira.

CAPÍTULO 65



Kahlan retirou apressadamente a lata da prateleira e abriu a tampa. A lata continha um pó amarelado. Era a cor certa. Ela abaixou e mostrou para Richard que estava deitado na liteira. Ele esticou o braço e pegou uma pitada. Cheirou ele. Colocou a língua e então assentiu.

– Só um pouquinho. – ele sussurrou, entregando para ela. Kahlan manteve a palma aberta enquanto ele depositava um pouco do pó na mão dela. Ele jogou o resto no chão, fraco demais para incomodar-se em devolvê-lo para a lata. Kahlan adicionou a pequena porção em sua mão a uma das panelas com água fervente.

Sacolas de tecido com ervas enfiadas em outras panelas com água quente. Alcaloides de cogumelos secos estavam mergulhados em óleo. Richard tinha outras pessoa juntando pedaços de plantas.

– Lobélia. – Richard falou. Seus olhos estavam fechados.

Owen curvou-se. – Lobélia?

Richard assentiu. – Será uma erva seca.

Owen virou para as prateleiras e começou a procurar.

Havia centenas de pequenos cubículos na parede do lugar onde o homem que tinha feito o veneno de Richard, e o antídoto, costumava trabalhar.

Era um local pequeno, simples, de apenas uma sala com pouca luz. Nem de perto ele estava tão bem equipado quanto os lugares herbalistas que Kahlan já tinha visto, mas o homem tinha uma extensa coleção de coisas. Mais do que isso, um dia ele tinha feito o antídoto, presumivelmente com aquilo que estava ali.

– Aqui! – falou Owen, segurando uma sacola para Richard ver. – Diz Lobélia no rótulo.

– Moa uma pequena pilha da metade do tamanho da sua unha, peneire as fibras e descarte-as, então adicione o que restou na tigela com o óleo mais escuro.

Richard sabia a respeito de ervas, mas não sabia o bastante sobre ervas para fazer o antídoto para o veneno que foi dado a ele.

Seu Dom parecia estar guiando ele.

Richard estava quase em um transe, ou quase inconsciente; Kahlan não tinha certeza. Ele estava sentindo dificuldade para respirar. Ela não sabia mais o que fazer para ajudá-lo. Se eles não fizessem algo, ele morreria, e logo. Enquanto ele estava deitado quieto na liteira ele estava descansando mais confortavelmente, mas isso não faria ele recuperar-se.

Havia sido uma corrida breve até Witherton, mas para Kahlan isso tinha levado tempo demais.

– Aquiléia. – disse Richard.

Kahlan inclinou-se. – Qual é o preparo?

– Óleo. – falou Richard.

Kahlan vasculhou pelas prateleiras com pequenas garrafas. Encontrou uma rotulada Óleo de Aquiléia. Ela agachou e segurou-a diante de Richard.

– Quanto?

Ela ergueu uma das mãos dele e colocou a garrafa nela, fechando os dedos dele sobre ela para que ele pudesse sentir o tamanho. – Quanto?

– Ela está cheia?

Kahlan removeu apressadamente a tampa de madeira talhada. – Sim.

– Metade, – disse Richard. – junto com qualquer um dos outros óleos.

– Encontrei o Tanaceto. – Jennsen falou quando pulava do banco.

– Faça uma tintura. – Richard disse para ela.

Kahlan recolocou a tampa na garrafa e agachou ao lado de Richard. – E depois?

– Faça uma infusão de Verbasco.

– Verbasco, Verbasco. – Kahlan murmurou enquanto virava para cuidar da tarefa.

Enquanto Richard fornecia a eles as instruções, meia dúzia de pessoas trabalhavam fervendo, misturando, esmagando, ralando, filtrando, e moendo. Eles adicionavam alguns dos preparos juntos conforme eles eram completados, e mantinham outros separados enquanto trabalhavam neles. Enquanto trabalhavam, o número de várias tarefas eram combinadas e reduzidas em pontos específicos.

Richard fez um sinal para Owen. Owen limpou as mãos esfregando-as nas calças enquanto curvava para aguardar instruções.

– Frio, – Richard disse, seus olhos fechados. – precisamos de algo frio. Precisamos de um jeito para esfriar isso.

Owen pensou durante um momento. – Tem um riacho perto daqui.

Richard apontou para vários locais onde as pessoas trabalhavam. – Derrame aquelas tigelas de preparados e pós dentro da água fervendo no caldeirão, ali. Então leve até o riacho. Mantenha o caldeirão dentro da água para esfriá-lo. – Richard levantou um dedo fazendo um aviso. – Não coloque muito fundo deixando a água do riacho penetrar na parte de cima, ou tudo estará arruinado.

Owen balançou a cabeça. – Não farei isso.

Ele levantou impaciente enquanto Kahlan derramava os conteúdos de tigelas rasas dentro da água fervente. Ela não sabia se alguma parte disso fazia sentido, mas ela sabia que Richard tinha o Dom, e ele certamente tinha descoberto e eliminado o problema que

estivera enfrentando com ele. Se o Dom dele pudesse guiá-lo no preparo do antídoto, isso poderia salvar sua vida.

Kahlan não conhecia qualquer outra coisa que poderia.

Ela entregou o caldeirão para Owen. Ele saiu correndo pela porta para colocá-lo no riacho e esfriá-lo. Cara seguiu ele para certificar-se de que nada aconteceria com aquilo que podia ser a única coisa que poderia salvar a vida de Richard.

Jennsen sentou no chão ao lado dele, segurando sua mão. Com a parte de trás do pulso, Kahlan afastou o cabelo do rosto. Sentou ao lado de Richard e segurou sua mão livre para esperar que Owen e Cara retornassem.

Betty ficou no portal, suas orelhas apontadas para frente, sua cauda formando intermitentemente um borrão esperançoso ao balançar sempre que Jennsen ou Kahlan olhava em direção a ela.

Pareceram horas até Owen vir correndo de volta com o caldeirão, embora Kahlan soubesse que na verdade não fazia tanto tempo assim.

– Filtre isso com um pano, – Richard disse. – mas não aperte o pano no final; apenas deixe o líquido escorrer até que você tenha metade de uma xícara dele. Assim que tiver feito isso, então adicione os óleos ao líquido que você coletou na xícara.

Todos ficaram observando Kahlan trabalhar, pegando o que ela precisava, levando embora quando ela terminava. Quando tinha líquido suficiente do caldeirão dentro da xícara, ela colocou os óleos.

– Mexa isso com uma casca de canela. – Richard falou.

Owen subiu no banco. – Lembro de ter visto canela.

Ele entregou uma casca para Kahlan. Ela mexeu o líquido dourado, mas isso não parecia estar funcionando.

– O óleo e a água não querem misturar. – ela disse para Richard.

A cabeça dele estava inclinada para o lado longe dela.

– Continue mexendo. Chegará um momento em que de repente eles irão misturar.

Confusa, Kahlan continuou mexendo. Ela podia ver que os óleos estavam se unindo em globos e não misturando com a água que ela filtrara com o pano. Quando mais esfriava, menos e menos parecia que isso funcionaria.

Kahlan sentiu uma lágrima de desespero escorrer pela bochecha e pingar da sua mandíbula.

O conteúdo da xícara enrijeceu. Ela continuou mexendo, sem querer falar para Richard que não estava funcionando. Ela engoliu em seco com um nó na garganta.

O conteúdo da xícara começou a derreter. Kahlan arfou. Ela piscou. Subitamente tudo na xícara fundiu-se em um líquido uniforme, xaroposo.

– Richard! – ela enxugou a lágrima da bochecha. – Deu certo. Misturou. E agora?

Ele levantou a mão. – Está pronto. Entregue para mim.

Jennsen e Cara ajudaram ele a sentar. Kahlan segurou a preciosa xícara nas duas mãos e cuidadosamente colocou-a na boca dele. Ela inclinou-a para ajudá-lo a beber. Levou algum tempo para descer. Ele teve que parar de vez em quando enquanto bebia, tentando não tossir.

Aquilo era muito mais do que havia em qualquer uma das pequenas garrafas com os lados quadrados, mas Kahlan imaginou que talvez ele precisasse de mais, uma vez que estava tomando tão tarde.

Quando ele terminou, ela esticou o braço para cima e colocou a xícara no balcão. Ela lambeu uma gota do líquido do dedo. O antídoto tinha o leve aroma de canela e um gosto doce, apimentado. Ela esperava que isso estivesse certo.

Richard trabalhou em recuperar o fôlego após o esforço de beber. Elas o deitaram de costas gentilmente. As mãos dele estavam

tremendo. Ele parecia horrível.

– Agora deixem que eu descanse. – ele murmurou.

Betty, ainda parada no portal, observando atentamente, baliu declarando seu desejo de entrar.

– Ele ficará bem, – Jennsen falou para sua amiga. – apenas fique lá fora e deixe ele descansar.

Betty bufou suavemente e então deitou no portal para esperar junto com o resto deles. Esta seria uma longa noite. Kahlan não achava que conseguiria dormir até que soubesse que Richard ficaria bem.

*****

Zedd apontou. – Lá está outro, ali, que precisa ser limpado. – ele disse para Chase.

Chase usava uma cota de malha sobre uma túnica de couro bege. Sua grossa calça negra tinha um cinto preto com uma grande fivela prateada com o emblema dos Guardas da Fronteira. Sob a sua capa negra, amarradas por toda parte… pernas, cintura, braços, sobre a parte de trás dos ombros… estava um arsenal de armas, tudo desde pequenos espinhos de metal seguros no punho e usados para furar o crânio, até um machado de batalha em forma de lua crescente, usado para dividir um crânio com um golpe. Chase era mortal usando qualquer uma delas.

Agora já fazia algum tempo desde que eles precisaram das habilidades de um Guarda da Fronteira. Chase parecia ser um homem sem uma missão.

O grande homem caminhou pela muralha e curvou-se para arrancar uma faca de baixo do corpo.

Ele grunhiu em reconhecimento. – Aí está. – ele segurou a faca com cabo de nogueira diante da luz enquanto a inspecionava. – Estava preocupado que a tivesse perdido.

Ele enfiou a faca em uma bainha vazia sem ter que olhar. Com uma das mãos, ele agarrou o cós da calça e levantou o corpo rígido. Ele entrou em uma abertura no muro com ameias e atirou o corpo no ar.

Zedd olhou por cima da borda. Era uma queda de vários milhares de pés antes que a rocha da montanha alargasse o suficiente para qualquer coisa caindo fazer contato. Eram mais alguns milhares de pés em um penhasco de granito antes que a floresta tivesse início.

O sol dourado estava ficando baixo nas montanhas.

As nuvens estavam com faixas, douradas e laranja. Desta distância, a cidade abaixo estava tão linda como sempre, se não fosse o fato de que Zedd sabia que ela era um lugar vazio sem as pessoas para fornecer a vida.

– Chase, Zedd, – Rachel gritou de um portal. – o cozido está pronto.

Zedd lançou os braços magros ao ar. – Maldição! Já estava na hora! Um homem poderia morrer de fome esperando que o cozido fique pronto.

Rachel plantou o punho com a colher de pau sobre o quadril e balançou um dedo da outra mão para ele. – Se continuar falando palavras feias, não vai ter jantar.

Chase soltou um suspiro enquanto olhava para Zedd.

– E você acha que tem problemas. Você não acharia que uma garota que não chega até a fivela do meu cinto poderia ser um desafio tão grande.

Zedd seguiu Chase até o portal através da grossa parede de pedra. – Ela é sempre assim?

Chase remexeu o cabelo de Rachel quando passava.

– Sempre. – ele confidenciou.

– O cozido está bom? – perguntou Zedd. – Vale a pena ser vigilante com o meu linguajar?

– A minha nova mãe me ensinou como fazer. – Rachel falou com uma voz cantada. – Rikka comeu um pouco antes de sair, e ela disse que estava bom.

Zedd alisou o cabelo branco rebelde. – Bem, Emma pode cozinhar melhor do que qualquer mulher que eu conheci.

– Então seja bonzinho, – disse Rachel. – e eu darei a você biscoitos para acompanhar o cozido.

– Biscoitos!

– Isso mesmo. Um cozido não seria um cozido sem biscoitos.

Zedd piscou para a criança. – Ora, foi isso que eu sempre pensei também.

– É melhor você deixar que eu veja se fez certo primeiro, – falou Chase quando passava pelos corredores com tapetes da Fortaleza. – odiaria que você assumisse qualquer compromisso antes que nós saibamos se o cozido está comestível.

– Friedrich me ajudou com as partes pesadas, – disse Rachel. – ele disse que está bom.

– Veremos. – falou Chase.

Rachel virou e balançou a colher de pau para ele.

– Mas você tem que lavar as mãos primeiro. Eu vi você jogando aquele homem morto por cima do muro. Tem que lavar as mãos antes de vir para a mesa e comer.

Chase lançou um olhar de esforçada indulgência para Zedd.

– Em algum lugar, tem um garoto aproveitando a vida nesse momento, provavelmente carregando um sapo morto por aí, sem ter conhecimento do triste fato de que ele algum dia estará casado com a pequena "senhorita lave as suas mãos antes de comer".

Zedd sorriu. Quando Chase levou Rachel para ser filha dele, isso foi a melhor coisa que Zedd poderia ter desejado, Rachel também pensava assim, e parecia que ela ainda pensava. Era ferozmente devotada ao homem.

Quando sentaram-se à mesa, diante do alegre fogo na lareira, Zedd saboreando sua terceira tigela de cozido, ele não conseguiu lembrar da Fortaleza sendo um lugar tão maravilhoso. Era porque havia uma criança, junto com amigos, mais uma vez nos corredores da Fortaleza.

Friedrich, o homem que tinha vindo sob as ordens de Richard para alertar Zedd do ataque iminente contra a Fortaleza, percebera que não havia chegado em tempo. O homem usou a sua cabeça e procurou Chase, o antigo amigo do qual tinha ouvido Richard falar.

Enquanto Chase foi resgatar Zedd e Adie, Friedrich tinha retornado para a Fortaleza para ficar de olho nas pessoas que haviam tomado ela. Observando cuidadosamente e ficando fora da vista de uma Irmã, Friedrich foi capaz de fornecer a Chase e Zedd informações valiosas sobre o número de pessoas ocupando a Fortaleza, e suas rotinas. Então ele ajudou a tomar o lugar de volta.

Zedd gostou do homem. Ele não era apenas assustadoramente habilidoso com uma faca, mas também era bom de conversa. Friedrich, uma vez que foi casado com uma feiticeira, era capaz de conversar com Zedd sem ficar intimidado como alguns ficavam diante de magos.

Tendo vivido em D'Hara toda a sua vida, Friedrich também podia dar algumas pequenas informações.

Rachel mostrou uma escultura de um falcão. – Veja o que Friedrich fez para mim, Zedd. Não é a coisa mais bonita que você já viu?

Zedd sorriu. – Certamente é.

– Isso não é nada, – Friedrich brincou. – se eu tivesse algumas folhas de ouro, então eu poderia dourar ela para você. Era com isso que eu costumava trabalhar, – ele recostou e sorriu. – até que Lorde Rahl me transformou em um Guarda da Fronteira.

– Vocês sabem, – Zedd falou lentamente para os dois homens. – agora a Fortaleza está ainda mais vulnerável, diante

daqueles que podem aparecer aqui e não possuem magia do que daqueles que possuem. Eu posso me virar muito bem na proteção contra aqueles que são afetados pela magia, mas não contra o outro tipo.

Chase assentiu. – Assim parece.

– Bem, o negócio é o seguinte, – ele continuou. – eu estava pensando que uma vez que não existe mais Fronteira, e que com todos os problemas nas redondezas, talvez vocês dois gostassem de assumir a responsabilidade de ajudar a proteger a Fortaleza do Mago. Eu não sou adequado para a tarefa como seria alguém treinado nesse tipo de coisa. – Zedd inclinou-se, sua testa abaixando. – Isso tem importância vital.

Com os cotovelos sobre a mesa, Chase mastigou um pedaço de biscoito enquanto observava Zedd. Finalmente, ele mexeu a colher em sua tigela.

– Bem, poderia ser um desastre se Jagang usasse aqueles homens não dotados para colocar as mãos nesse lugar outra vez. – ele pensou um pouco. – Emma vai entender.

Zedd balançou os ombros. – Traga ela para cá.

Chase franziu a testa. – Trazer ela para cá?

Zedd apontou ao redor. – A Fortaleza certamente é grande o suficiente.

– Mas o que faríamos com nossas crianças? – Chase inclinou de volta. – Você não vai querer todas as minhas crianças aqui na Fortaleza, Zedd… elas ficariam correndo para cima e para baixo, brincando nos corredores. Isso deixaria você maluco. Além disso, – Chase adicionou, olhando para Rachel com o canto dos olhos. – cada uma é mais feia do que a outra.

Rachel escondeu o sorriso atrás de um biscoito.

Zedd lembrou do som das risadas de crianças na Fortaleza, dos sons da alegria e do amor.

– Bem, isso seria um fardo, – ele concordou. – mas, afinal de contas, trata-se da proteção da Fortaleza. Que sacrifício não valeria à pena fazer para proteger a Fortaleza?

Rachel olhou de Chase para Zedd. – Minha nova irmã, Lee, poderia trazer Cat de volta para você, Zedd.

– Isso mesmo! – Zedd falou, jogando os braços para cima. – não vejo Cat já faz eras! Lee está tratando Cat bem?

Rachel assentiu. – Oh, sim. Todos nós tomamos conta de Cat.

– O que você acha, Rachel? – Chase finalmente perguntou. – você gostaria de morar aqui nesse lugar velho empoeirado com Zedd?

Rachel correu e abraçou a perna de Chase. – Oh, sim, nós podemos, por favor? Isso seria tão bom.

Chase suspirou. – Então acho que está decidido. Mas você terá que comportar-se e não incomodar Zedd fazendo barulho demais.

– Eu prometo. – disse Rachel. Ela fez uma careta para Zedd. – A mãe terá que rastejar para dentro da Fortaleza por aquele pequeno túnel, como nós fizemos?

Zedd riu. – Não, não, deixaremos ela entrar da maneira apropriada, como a dama que ela é. – ele virou para Friedrich. – Que tal isso, Guarda da Fronteira? Estaria disposto a continuar cumprindo a vontade de Lorde Rahl e ficar para ajudar a guardar a Fortaleza?

Friedrich girou lentamente a escultura da ave pela ponta de uma asa, pensando.

– Você sabe, – Zedd completou. – enquanto está esperando por algum ataque terrível, tem uma boa quantidade de coisas banhadas aqui na Fortaleza que precisam terrivelmente de reparo. Talvez você pudesse considerar aceitar o trabalho de ser o dourador oficial da Fortaleza? Temos muitas folhas de ouro. E, algum dia,

quando as pessoas voltarem para Aydindril, você teria um constante suprimento de clientes.

Friedrich ficou olhando fixamente para a mesa. – Não sei. Essa aventura correu bem e tudo mais, mas desde que a minha esposa, Althea, morreu, parece que eu não tenho interesse em muita coisa.

Zedd assentiu. – Sei como é. Eu tive uma esposa. Acho que faria bem a você ser pago para fazer alguma coisa necessária.

Friedrich sorriu. – Então, está certo. Aceitarei o seu trabalho, mago.

– Bom, – falou Chase. – terei alguém para me ajudar quando eu precisar trancar crianças mal comportadas na masmorra.

Rachel riu quando ele colocou-a no chão.

Chase empurrou o cabelo para trás e levantou. – Bem, Friedrich, se vamos ser Guardas da Fortaleza, então acho que devemos fazer algumas rondas e nos satisfazer a respeito da segurança de algumas coisas. Tão grande como esse lugar é, um pouco de ajuda poderia ser útil para Rikka.

– Só tomem cuidado com os escudos. – Zedd lembrou a eles quando seguiram até a porta.

Depois que os dois homens partiram, Rachel deu outro biscoito para Zedd para acompanhar o resto do cozido.

Ela franziu a pequena testa mostrando seriedade.

– Quando morarmos aqui, tentarei ficar bastante quieta, Zedd.

– Bem, você sabe, Rachel, a Fortaleza é um lugar grande. Duvido que você me incomodaria muito se você e seus irmãos e irmãs quiserem brincar um pouquinho.

– Verdade?

Zedd tirou a bola coberta de couro pintada com linhas em zigue e zague desbotadas azuis e rosa do bolso e colocou-a sobre a mesa.

Os olhos de Rachel iluminaram-se de surpresa.

– Encontrei essa bola velha, – ele disse, apontando com o biscoito. – acho que uma bola fica muito melhor se tiver alguém para brincar com ela. Acha que você e seus irmãos e irmãs poderão gostar de brincar com ela quando estiverem morando aqui? Vocês podem quicar ela descendo os corredores até ficarem contentes.

Ela ficou boquiaberta. – Verdade, Zedd?

Zedd sorriu com a expressão no rosto dela. – Verdade.

– Talvez eu possa quicar ela no corredor escuro que faz aqueles barulhos engraçados. Então isso não incomodaria você mais do que já incomoda agora.

– Esse lugar velho está cheio de barulhos engraçados… e uma bola quicando não poderá causar muito problema.

Ela subiu no colo dele e passou os pequenos braços em volta do pescoço dele, abraçando-o com firmeza.

– Está muito melhor abraçar você agora que encontrou aquelas coisas para tirar aquela coleira horrível do seu pescoço.

Zedd esfregou as costas dela enquanto ela o abraçava. – Sim, está, pequenina; sim, está.

Ela inclinou para trás e olhou para ele. – Gostaria que Richard e Kahlan pudessem estar aqui para brincarem com a bola também. Sinto muita falta deles.

Zedd sorriu. – Eu também, pequenina. Eu também.

Ela fez uma careta para ele. – Não chore, Zedd. Não vou fazer muito barulho para incomodar você.

Zedd balançou um dedo fino para ela. – Acho que você tem muito a aprender sobre brincar com uma bola.

– Tenho?

– É claro. Risadas acompanham a brincadeira com uma bola como biscoitos acompanham um cozido.

Ela franziu a testa, sem ter certeza se ele estava falando a verdade.

Ele colocou-a no chão. – Vamos fazer o seguinte. Porque não vem comigo e eu mostro?

– Verdade, Zedd?

Zedd levantou e remexeu no cabelo dela. – Verdade.

Ele pegou a bola da mesa. – Vamos ver se você consegue mostrar a essa bola como divertir-se.

CAPÍTULO 66



Richard descansou a costa contra uma rocha na sombra de um grupo de carvalhos brancos enquanto olhava para a linha de bordos prateados cintilando na brisa.

O ar tinha um cheiro fresco depois da chuva do dia anterior. As nuvens haviam partido e deixado atrás um céu azul claro. A cabeça dele finalmente parecia clara também.

Levou três dias, mas finalmente ele estava recuperado dos efeitos do veneno. Seu Dom não tinha apenas ajudado a trazer Kahlan de volta, mas ele mesmo também.

As pessoas da cidade de Witherton estavam apenas começando a tentar reconstruir suas vidas.

Com todas as pessoas que perderam, seria difícil para elas. Havia espaços vazios onde costumava haver amigos ou membros de famílias.

Ainda assim, agora que elas estavam livres existia o início de uma vibrante sensação de que o seu futuro seria melhor.

Mas só porque elas estavam livres, isso não significava que continuariam desse jeito.

Richard contemplou o largo vale além da cidade. Pessoas estavam fora trabalhando em suas plantações e cuidando de animais. Elas estavam retornando às suas vidas. Ele estava impaciente para seguir seu caminho, e voltar para sua própria vida. Esse lugar os manteve longe de assuntos importantes, de pessoas que estiveram esperando por eles.

Ele imaginava que esse lugar também tivesse representado um assunto importante. Era difícil dizer como tudo isso tinha começado, ou o que o futuro guardaria.

Certamente, o mundo jamais seria o mesmo.

Richard viu Kahlan entrando pelo portão, Cara junto com ela. Betty saltitando ao lado delas, ansiosa para ver aonde elas estavam indo. Jennsen deve ter deixado que a cabra desse um passeio. Betty havia crescido e passara toda sua vida em movimento.

Ela nunca ficou em um lugar durante muito tempo. Talvez fosse por isso que ela sempre queria seguir Richard e Kahlan. Ela reconhecia uma família e queria ficar com eles.

– Então, o que ela vai fazer? – Richard perguntou a Kahlan quando ela aproximou-se e colocou a mochila no chão ao lado de Richard.

– Não sei. – com a mão sobre a testa, Kahlan protegeu os olhos contra a luz do sol.

– Acho que ela quer falar para você primeiro.

Cara colocou a mochila dela ao lado da mochila de Kahlan. – Acho que ela está arrasada e não sabe o que fazer.

– Como você está? – Kahlan perguntou quando esticou o braço e com as pontas dos dedos esfregou atrás do ombro dele. O toque gentil dela era uma conexão relaxante.

Richard sorriu para ela. – Eu continuo dizendo, eu estou bem.

Ele pegou um pedaço de carne de veado seca e mastigou enquanto observava Jennsen, Tom, Owen, Marilee, Anson, e um pequeno grupo dos homens finalmente emergirem através dos portões e seguirem caminho pelo campo com vegetação ondulante na altura da cintura.

– Estou faminta, – disse Kahlan. – posso comer um pouco?

– Claro. – Richard retirou tiras da carne da mochila, levantou, e entregou um pedaço para Kahlan e outro para Cara.

– Lorde Rahl, – falou Anson, acenando, quando o grupo reunia-se a Richard, Kahlan, e Cara na sombra dos carvalhos. – nós queríamos sair para dizer adeus e ver vocês partirem. Talvez possamos caminhar com vocês até a passagem?

Richard engoliu. – Nós gostaríamos disso.

Owen fez uma careta. – Lorde Rahl, porque você está comendo carne? Acabou de curar o seu Dom. Não vai prejudicar o seu equilíbrio?

Richard sorriu. – Não. Veja bem, tentar incorretamente aplicar uma falsa noção de equilíbrio foi o que causou o problema que eu estava enfrentando com o meu Dom.

Owen pareceu confuso. – O que você quer dizer? Você disse que não deve comer carne como forma de equilíbrio para a matança que às vezes deve fazer. Depois da batalha na fortificação, você não precisa equilibrar mais ainda o seu Dom?

Richard inspirou profundamente e deixou sair lentamente enquanto observava acima das montanhas.

– O negócio é o seguinte, – Richard falou. – eu devo desculpas a vocês. Todos vocês me ouviram, mas eu não ouvi a mim mesmo.

– Kaja-Rang tentou me ajudar com as palavras reveladas na estátua, as palavras que eu falei para vocês… Mereça Vitória. Elas eram, em primeiro lugar, direcionadas a mim.

– Eu não entendo. – falou Anson.

– Eu disse a vocês que as suas vidas são suas para viverem e que vocês possuem todo o direito de defendê-las. Ainda assim, eu estava dizendo a mim mesmo que tinha de equilibrar a matança que eu fazia para defender a minha vida e as vidas dos meus entes queridos não comendo carne… em essência, dizendo que a minha autodefesa, o meu ato de matar aqueles que atacavam a mim e outras pessoas inocentes, era moralmente errado, e que então, pela matança que eu tinha feito, eu precisava fazer compensações para a

magia que me ajudariam ao fornecer a ela o apaziguamento do equilíbrio.

– Mas a magia da sua espada também não funcionou. – falou Jennsen.

– Não, ela não funcionou, e essa deveria ter sido a coisa que me faria perceber qual era o problema, porque o meu Dom e a magia da espada são entidades diferentes, e assim mesmo eles reagiram de forma lógica diante da mesma ação irracional da minha parte. A magia da espada começou a falhar por causa de mim mesmo, porque ao não comer carne, eu estava dizendo que não acreditava completamente que eu tinha justificativa ao usar a força para deter outros que iniciavam a violência.

– A magia da espada funciona através da estrutura de crença do dono da espada; ela só funciona contra aquilo que o próprio Seeker reconhece como inimigo. A magia da espada não funcionará contra um amigo. Esse era o ponto chave que eu devia ter entendido.

– Quando eu considerava que o uso da espada tinha que ser equilibrado, eu estava, de fato, expressando uma crença de que minhas ações eram, de certo modo, injustificadas. Sendo assim, porque eu guardava aquele resquício de fé em um falso conceito que havia sido incutido em mim durante a minha vida, do mesmo jeito como todo o povo de Bandakar foi ensinado… que matar sempre era errado… a magia da espada começou a falhar comigo.

– A magia da Espada da Verdade, assim como o meu Dom, só poderia tornar-se viável novamente quando eu compreendesse… completamente… que a magia não precisa de equilíbrio para a matança que eu fiz porque a matança que fiz não é apenas justificada, mas o único curso moral de ação que eu podia ter tomado.

– Não comendo carne, eu estava concordando que alguma parte da minha mente acreditava na mesma coisa que o povo aqui

em Bandakar acreditava quando encontramos Owen e os homens dele… que matar sempre é errado.

– Pensando que eu não devia comer carne como uma forma de equilíbrio, eu estava negando a necessidade moral da autopreservação, negando a necessidade de proteger o valor da vida. O próprio ato de buscar 'equilíbrio' para aquilo que estou certo em fazer é um conflito que gerava as dores de cabeça e também fez com que o poder da Espada da Verdade falhasse comigo. Eu estava fazendo isso comigo mesmo.

Richard tinha violado a Primeira Regra do Mago ao acreditar em uma mentira… que sempre era errado matar… porque ele temia que isso fosse verdade. Ele também tinha violado a Segunda Regra, entre outras, mas o mais grave de tudo, tinha violado a Sexta Regra. Ao fazer isso, havia ignorado a razão em favor da fé cega. A falha do seu Dom e do poder da espada era uma consequência direta de não aplicar o pensamento racional.

Felizmente, com a Oitava Regra, ele passou a reexaminar suas ações e finalmente percebeu a falha em seu pensamento. Somente então ele foi capaz de corrigir a situação.

No final, ele atendera a Oitava Regra.

Richard jogou o peso do corpo sobre a outra perna enquanto olhava para os rostos que observavam ele. – Passei a entender que as minhas razões eram corretas e não precisavam de equilíbrio, pois estavam em si mesmas equilibradas por minhas ações racionais, que matar às vezes não apenas é justificável, mas a única coisa certa a fazer.

– Tive que entender justamente a coisa que estava pedindo que todos vocês entendessem. Tive que entender que eu devo merecer a vitória.

Owen olhou para aqueles que estavam com ele e então coçou a cabeça. – Bem, considerando tudo, acho que podemos entender como você foi capaz de fazer um julgamento errado assim.

Jennsen, com seu cabelo vermelho destacando-se contra o verde das árvores e campos, cerrou parcialmente os olhos por causa da luz do sol. – Bem, – ela disse soltando um suspiro. – estou feliz em ser completamente não dotada. Ser um mago parece terrivelmente difícil.

Os homens todos assentiram enquanto falavam que concordavam.

Richard sorriu para Jennsen. – Muitas coisas na vida são difíceis de compreender. Como aquilo que você esteve considerando. O que você decidiu?

Jennsen cruzou as mãos e olhou para Owen, Anson, e todo o resto das pessoas com eles.

– Bem, esse não é mais um Império banido. Não é mais um Império exposto diante da agressão de tiranos. Agora é uma parte do Império D'Haran. Essas pessoas querem o mesmo que nós.

– Acho que gostaria de ficar com elas durante algum tempo e ajudá-las a tornarem-se parte do mundo maior, exatamente como estive começando a fazer. É meio excitante. Gostaria e aceitar a sua sugestão, Richard, e ajudá-las nisso.

Richard sorriu para sua irmã. Ele acariciou-a passando a mão pelo lindo cabelo dela.

– Com uma condição. – ela completou.

Richard afastou a mão. – Condição?

– Isso. Eu sou uma Rahl, então… eu estava pensando que devia ter alguma proteção adequada. Eu poderia ser um alvo, você sabe. Pessoas querem me matar. Jagang adoraria…

Richard riu quando puxou-a em um abraço com um dos braços para silenciá-la.

– Tom, já que você é um protetor da Casa de Rahl, estou encarregando você de proteger a minha irmã, Jennsen Rahl. É um trabalho importante e significa muito para mim.

Tom levantou uma sobrancelha. – Tem certeza, Lorde Rahl?

Jennsen deu um tapinha nele com a costa da mão.

– É claro que ele tem certeza. Ele não falaria isso a não ser que tivesse certeza.

– Você ouviu a moça, – falou Richard. – eu tenho certeza.

O grande D'Haran louro exibiu um sorriso jovial.

– Então, está certo. Juro que vou protegê-la, Lorde Rahl.

Jennsen fez um gesto vago apontando para os homens e a cidade atrás dela.

– Já que estive com eles, eles perceberam que não sou uma bruxa, e que Betty não é uma guia de espíritos… ainda que por algum tempo eu tivesse medo que eles pudessem estar bem perto de Betty.

Richard olhou para a cabra. Betty inclinou a cabeça. – Acho que nenhum de nós a não ser Betty ficou sabendo a verdade sobre o que Nicholas pretendia. – ao ouvir o som do seu nome, as orelhas de Betty apontaram para frente e a cauda dela começou a balançar com expectativa.

Jennsen acariciou a barriga de Betty. – Agora que essas pessoas entendem que não sou uma bruxa, que compartilho algumas das caraterísticas delas, eu sugeri que posso assumir um papel importante. – ela sacou a faca do cinto e ergueu-a, mostrando a Richard a letra R ornamentada gravada no cabo prateado. – Sugeri que eu poderia ser uma representante oficial da Casa de Rahl… se você aprovar.

Richard sorriu. – Acho que essa é uma ideia excelente. Acho que isso seria maravilhoso, Jennsen.

Kahlan apontou para leste com o queixo. – Mas não espere demais antes de voltar a Hawton para ver Ann e Nathan. Eles serão uma valiosa ajuda para garantir que as pessoas aqui não sejam mais presas da Ordem Imperial. Eles ajudarão você.

Jennsen entrelaçou os dedos. – Mas eles não irão querer seguir junto com vocês dois? Ajudar vocês?

– Ann acha que ela deveria orientar a vida de Richard, – falou Kahlan. – não acho que algumas das orientações dela tenham sido a melhor coisa. – ela enfiou o braço no braço de Richard. – Agora ele é o Lorde Rahl. Precisa fazer coisas do jeito dele, não do jeito deles.

– Os dois sentem-se responsáveis por nós, – Richard explicou. – Nathan Rahl é um profeta. A Profecia, por causa da forma como ela funciona, realmente exige equilíbrio. O equilíbrio para a Profecia é o livre arbítrio. Eu sou o equilíbrio. Sei que aqueles dois não gostam disso, mas acho que preciso ficar livre deles… pelo menos, por enquanto.

– Mas tem mais uma coisa. Acho que é mais importante que eles ajudem as pessoas daqui, primeiro. Nós já sabemos como Jagang usará os completamente não dotados. Acho que é vital que essas pessoas aqui, que estão dispostas a valorizar e proteger a liberdade que conquistaram, recebam alguma orientação sobre como fazerem isso.

– Ann e Nathan serão capazes de montar defesas que ajudarão a proteger as pessoas aqui. Eles também serão valiosos para ensinar a vocês a história que é importante vocês conhecerem.

Depois que Richard pegou sua mochila e enfiou os braços através das alças, Owen segurou a mão de Richard. – Obrigado, Lorde Rahl, por mostrar a mim que a minha vida vale à pena ser vivida.

Marilee deu um passo adiante e abraçou-o. – Obrigada por ensinar Owen a ser digno por mim.

Richard riu. Owen riu. Cara deu um tapinha de aprovação nas costas de Marilee. E então todos os homens riram.

Betty abriu caminho e com a cauda balançando deixou claro que não queria ser deixada de fora.

Richard ajoelhou e coçou as orelhas de Betty.

– E você, minha amiga, de agora em diante não quero que deixe qualquer Deslizador usá-la para espionar pessoas.

Betty empurrou a cabeça contra o peito dele enquanto ele coçava suas orelhas, e baliu como se estivesse dizendo que sentia muito.

CAPÍTULO 67



Finalmente sozinhos sob o vasto céu azul, as enormes paredes das montanhas com os picos cobertos de neve, e entre as árvores, Richard sentiu-se bem por estarem seguindo seu caminho. Sentiria saudade de Jennsen, mas era apenas por algum tempo. Seria bom para ela ficar sozinha, ainda que estivesse entre pessoas que também estavam descobrindo como viverem suas próprias vidas conforme aprendiam mais sobre o mundo mais amplo.

Ele sabia que não jogaria fora tudo que havia aprendido desde que deixara sua vida tranquila em Hartland. Se não fosse isso, não estaria com Kahlan.

Era bom caminhar e esticar suas pernas. Engatou o arco mais alto no ombro enquanto eles seguiam através dos raios de sol projetados que pontilhavam o chão da floresta. Após estar tão próximo da morte assim como de perder sua capacidade de enxergar, ele achava tudo mais vibrante. Os musgos pareciam mais exuberantes, as folhas mais agitadas, os enormes pinheiros mais inspiradores de respeito.

Os olhos de Kahlan pareciam mais verdes, o cabelo dela mais macio, o sorriso dela mais caloroso.

Independente do quanto um dia tivesse odiado o fato de ter nascido dotado, agora estava aliviado em ter o seu Dom de volta. Isso era parte dele, parte de quem ele era, parte daquilo que tornava ele o indivíduo que era.

Uma vez Kahlan perguntara se ele gostaria que ela tivesse nascido sem o poder de Confessora dela. Ele disse que jamais

desejaria aquilo, porque a amava por quem ela era. Não havia como separar as partes de uma pessoa. Isso era negar sua individualidade. Com ele não era diferente. Seu Dom era parte de quem ele era. Suas habilidades tocavam tudo que ele fazia.

O problema com o Dom dele foi criado por ele mesmo.

A magia da Espada da Verdade o ajudou a entender isso ao falhar com ele. Ao fazer isso, tinha revelado a própria falha dele em reconhecer a verdade.

Ter ela de volta em seu quadril, e saber que mais uma vez ela estava em harmonia com ele e pronta para defendê-lo e defender aqueles a quem ele amava, era uma sensação confortadora… não porque ele desejava lutar, mas porque desejava viver.

O dia estava quente e eles conseguiram subir rapidamente a trilha rochosa até a passagem. No momento em que atingiram a coroa da fenda através das montanhas formidáveis, estava mais frio, mas sem o vento gélido aquilo não estava desagradável.

No topo da passagem eles pararam para contemplar a estátua de Kaja-Rang, posicionada onde estivera durante milhares de anos, sozinha, mantendo vigília sobre um Império daqueles que um dia não conseguiam enxergar o mal.

De certo modo, a presença da estátua era um monumento ao fracasso. Onde Kaja-Rang e o povo dele tinham falhado em fazerem aquelas pessoas enxergarem a verdade, Richard teve sucesso… mas não sem a ajuda de Kaja-Rang.

Richard colocou as mãos sobre o granito frio, nas palavras… *Taiga Vassternich*… que ajudaram a salvar a vida dele.

– Obrigado. – ele sussurrou para o rosto do homem olhando fixamente em direção aos Pilares da Criação, onde Richard havia descoberto sua irmã.

Cara botou as mãos sobre as palavras, e Richard ficou surpreso em ver ela olhar para cima, para a estátua, e dizer – Obrigada por ajudar a salvar Lorde Rahl.

Depois que eles começaram a descer a passagem, primeiro cruzando as bordas abertas e então descendo até a densa floresta, Richard ouviu o som de um Piui, o sinal que havia ensinado para Cara que tinha servira a eles tão bem.

– Sabe de uma coisa, – Cara falou enquanto os conduzia descendo pelo solo rochoso ao lado de um pequeno riacho. – Anson sabe muita coisa a respeito de aves.

Richard caminhou cuidadosamente entre o emaranhado de raízes de cedro. – Verdade?

– Sim. Enquanto você estava recuperando-se nós passamos algum tempo conversando. – ela colocou a mão contra a casca fibrosa do tronco avermelhado de um cedro para manter o equilíbrio. Ela jogou sua longa trança loura para frente por cima do ombro quando começou a andar novamente, deslizando a mão por toda a extensão da trança.

– Ele elogiou o meu assovio de ave. – disse Cara.

Richard olhou para Kahlan. Ela balançou os ombros para que ele soubesse que ela não tinha a menor ideia de onde Cara estava querendo chegar.

– Eu disse que você aprendeu muito bem. – falou Richard.

– Falei para ele que você me ensinou, que era o assovio do falcão de cauda curta do pinheiro. Anson disse que não existia esse tipo de ave "falcão de cauda curta do pinheiro". Ele disse que o assovio que eu usava como sinal… o assovio que você me ensinou… era de um Piui. Eu, uma Mord-Sith, usando o assovio de uma ave chamada Piui. Imagine isso.

Eles caminharam em silêncio durante um momento.

– Estou encrencado? – Richard finalmente perguntou.

– Oh, sim. – Cara respondeu.

Richard não conseguiu evitar um sorriso mas certificou-se de que a Mord-Sith não visse. Cara também não viu Kahlan olhar para

trás por cima do ombro com o sorriso especial que ela não dava para outra pessoa a não ser ele.

Kahlan ergueu um braço, apontando. – Vejam.

Através das aberturas nas coroas dos cedros, contra o claro céu azul, eles viram um Race de Bico Negro circulando acima deles, pairando nas correntes de ar da montanha. Os Races não estavam mais caçando eles. Esse estava simplesmente procurando seu jantar.

– Qual é mesmo aquele velho ditado? – Cara perguntou. – Alguma coisa sobre uma ave de rapina circulando sobre você no início de uma jornada ser um sinal de alerta.

– Sim, isso mesmo, – falou Richard. – mas não vou deixar essa velha história me incomodar; deixaremos você vir conosco de qualquer jeito.

Kahlan riu e recebeu um olhar sério.

Kahlan riu mais ainda quando Richard começou a rir também. Cara não conseguiu resistir, e ela virou de volta para a trilha, Richard viu o sorriso no rosto dela.

F I M